

ALCIDES FERNANDO GUSSI

**PEDAGOGIAS DA EXPERIÊNCIA NO MUNDO DO TRABALHO:
NARRATIVAS BIOGRÁFICAS NO CONTEXTO DE MUDANÇAS DE UM
BANCO PÚBLICO ESTADUAL**

Tese apresentada ao Programa de
Doutorado na área de “*Educação,
Sociedade, Política e Cultura*” da
Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas,
como requisito para obtenção do título
de Doutor em Educação.

CAMPINAS

2005

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**PEDAGOGIAS DA EXPERIÊNCIA NO MUNDO DO TRABALHO:
NARRATIVAS BIOGRÁFICAS NO CONTEXTO DE MUDANÇAS DE UM
BANCO PÚBLICO ESTADUAL**

Autor: Alcides Fernando Gussi

Orientadora: Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão

Co-orientador: Prof. Dr. Guilherme Raúl Ruben

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por ALCIDES FERNANDO GUSSI e aprovada pela Comissão Julgadora em 24/02/2005.

Assinatura:.....

COMISSÃO JULGADORA:

Profa. Dra. Neusa Maria Mendes de Gusmão_____

Prof. Dr. Guilherme Raúl Ruben_____

Prof. Dr. Geraldo Romanelli_____

Profa. Dra. Lea Carvalho Rodrigues_____

Profa. Dra. Elisete Zanrolenzi_____

Profa. Dra. Clara Germano de Sá Nascimento _____

2005

© by Alcides Fernando Gussi, 2005.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G973p Gussi, Alcides Fernando.
Pedagogias da experiência no mundo do trabalho : narrativas biográficas
no contexto de mudanças de um Banco Público Estadual / Alcides Fernando
Gussi. – Campinas, SP: [s.n.], 2004.

Orientadores : Neusa Maria Mendes de Gusmão e Guilherme Raul Ruben.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Experiência. 2. Trabalho. 3. Aprendizagem. 4. Identidade social. 5.
Identidade profissional. 6. Narrativas pessoais. 7. História de vida. 8. Bancos.
I. Gusmão, Neusa Maria Mendes de. II. Ruben, Guilherme Raul. III.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

05-263-BFE

Para Alcides Gussi, meu pai

AGRADECIMENTOS

À Unicamp pelo Programa de Doutorado em Educação da FE; à CAPES pelo financiamento desta tese; aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação da FE, especialmente à Gi pela informação burocrática que resultou no meu ingresso neste Programa.

À Profa. Neusa Maria Mendes de Gusmão pela sua orientação que me fez trilhar nos caminhos desta tese com liberdade, imaginação e rigor através de diálogos sempre muito proveitosos e intensos, o que me faz acreditar que é possível construir um trabalho acadêmico no entrecruzamento de afetos.

Ao Prof. Guilherme Raúl Ruben, co-orientador e amigo, por acompanhar de perto a minha trajetória acadêmica e de vida, há mais de dez anos, o que possibilitou prosseguir, através de seu estímulo, cercado de carinhos, com mais este trabalho.

À Profa. Dra. Lea Carvalho Rodrigues pela inspiração para realizar este trabalho com seu estímulo, com a troca de idéias, com a oportunidade de trabalharmos juntos tantas vezes e com seu exemplo de que é possível percorrer uma trajetória acadêmica buscando um entendimento profundo da vida.

À Profa. Dra. Elisete Zanrolenzi pelos comentários e sugestões no Exame de Qualificação e pela presença constante em vários passos da minha caminhada.

À Profa. Dra. Clara Germano da FE pela calorosa acolhida nos primeiros anos do doutorado.

À Profa. Dra. Liliana Segnini da FE pelos comentários e sugestões no Exame de Qualificação, muitos deles aqui incorporados.

À Profa. Dra. Suely Kofes do IFCH pelas valiosas e inspiradoras reflexões sobre biografias e antropologia em suas disciplinas.

Ao Prof. Dr. Geraldo Romanelli pelas sugestões, muitas delas acrescidas no formato final da tese.

À Roseli Nespoli, acadêmica e ex-banespiana, pela sua generosidade ao estar junto em várias fases deste trabalho: compartilhando o campo, fornecendo materiais de pesquisa, discutindo idéias, indicando banespianos para entrevistas e comentando várias versões do texto.

À Alicia Gonçalves, que há tantos anos seguimos juntos, pela leitura e discussão da versão final do texto.

À Vani Ing pela amizade e afeto, uma companhia de todas as horas, inclusive nos palcos, e também pela revisão ortográfica final do texto.

Às amigas de lugares distintos, que conheci na academia, com quem pude suportar melhor os percalços desta caminhada e também viver alegrias todos esses anos: Ladyselma e sua mãe Dejinha (Recife), Simone (Londrina), Maria Helena (Brasília), Ana Cláudia (Vitória), Maria Clara (Caxias do Sul), Rosely (Campinas), Juliana Schiel (Barão), todas do IFCH. Também à Eva (Araraquara) e Giovana (Barão/Sumaré), da FE.

Aos amigos do grupo de Pesquisa “*Culturas Empresariais*” do IFCH, sempre colaboradores muito próximos, especialmente André e Cátia.

Aos colegas do GPTECO da FE que me acompanharam no início do doutorado, quando cumprimos juntos as disciplinas e as atividades orientadas: Alexandre, Iara, Fran, Teresa, Sônia e Nivaldo.

Aos banespianos que encontrei durante a pesquisa, especialmente à Cláudia Paoli e ao Sr. Ariovaldo Carvazan e seu trabalho na AFABEX – Associação dos Pais e Filhos de Excepcionais do Banespa que pude conhecer.

Ao Sindicato dos Bancários de Campinas que facilitou o acesso aos eventos, especialmente à Estela.

Aos vários “*cuidadores*” pelo profissionalismo e acolhimento, ajudando-me a tocar em frente em vários momentos: Irene, Etienne, Cristina, Zaida, Luciene, Pompéia, Wagner e, com carinho, Irmão Laércio.

Aos amigos do curso de Psicologia Transpessoal e à Profa. Vera Saldanha por tantos momentos de expansão nesses tempos, especialmente Amaranta, e Lia e seu yoga.

Aos amigos pelos momentos de descontração e de apoio: Zandra, Glauco e a pequena Tereza, João André e Flávia, e Fabi.

Ao Sérgio pela convivência de muitos anos, com quem compartilhei vários lares nesse período.

Ao Guilbert pela amizade duradoura que trilharmos através de muitos caminhos de expansão de consciência.

À Marcilene Silva Pessoa pelos cuidados zelosos com minha casa e meus bichos.

À Frida, minha gata, sempre espichada, lânguida e dengosa, à mesa do computador.

Aos que tiveram suas vidas aqui contadas, pelo que me confiaram, pois sem eles não haveria este trabalho.

Ao José Antonio Gussi, o Zé, pela lembrança do amor fraterno em minha existência.

À minha mãe, Odete (*in memoriam*), pela presença desde sempre do amor incondicional.

RESUMO

Esta tese tem como foco refletir a experiência no mundo do trabalho a partir da construção de narrativas biográficas de ex-trabalhadores do Banespa - Banco do Estado de São Paulo, que passaram por um processo de mudanças decorrente sobretudo da privatização desse antigo banco público paulista comprado pelo banco privado espanhol Santander em novembro de 2000. Para tanto, inicialmente, realizei uma pesquisa etnográfica em que verifiquei os impactos dessa mudança na vida dos trabalhadores do Banespa - os “*banespianos*”-, que resultou no desligamento de milhares de funcionários e na rápida reestruturação do trabalho, e, como consequência disso, levou à quebra do sentido de pertencimento dos banespianos em relação à empresa, de sua identidade sócio-profissional. Partindo desse contexto etnográfico, construí quatro narrativas biográficas que permitem compreender essas mudanças a partir das experiências vividas e evocadas pelos próprios sujeitos quando narram suas histórias de vida no momento do encontro entre eles, os biografados, e eu, o pesquisador. As narrativas biográficas constituem um processo de aprendizagem, entre o vivido, o narrado e o interpretado, na medida em que os sujeitos, envolvidos na pesquisa e na construção do conhecimento, realizam uma reflexão sobre si mesmos, tomando como ponto de partida suas experiências e, por isso, as narrativas são entendidas, analiticamente, como pedagogias da experiência no mundo do trabalho.

ABSTRACT

The aim of the present thesis is to reflect the experience in the working world. We based our research on the construction of biographic narratives of former employees of *Banespa - Banco do Estado de São Paulo* (São Paulo State Bank) - who underwent a process of changes that was the result of the ancient public *Paulista* bank's privatization and takeover by the Spanish private bank Santander in November 2000. We initially carried out an ethnographic research to survey the impacts on the life of Banespa employees - the *banespianos* - caused by that change, a change that resulted in the dismissal of thousands of them and in a fast restructuring of the workload. As a result, *banespianos* experienced the loss of their feeling of belonging in relation to the company, the loss of their socio-professional identity. Based on that ethnographic context, we set up four biographic narratives which allow us to understand those changes from the angle of the experiences actually lived by the subjects. Those experiences were collected on the occasion of meetings with the subjects, i.e. the biographed, and us, the researcher, during which the subjects narrated their life stories. The biographic narratives are a learning process between the lived, the narrated, and the interpreted, insofar as the subjects involved in the research and the building of knowledge carry out a reflection on themselves. They used their experience as a starting-point and that is why the narratives are analytically understood as pedagogies of the experience in the world of work.

SUMÁRIO

	PÁG
INTRODUÇÃO.....	1
Apresentação	1
Uma aproximação etnográfica	3
As narrativas biográficas	11
1. A PALESTRA DE NILTON.....	19
Um nome próprio em narrativa	19
A infância e a adolescência	21
O Banespa e a família	27
Deslocamentos.....	37
Mudanças no Banespa e desligamento.....	41
Metáforas de mortes.....	50
(Re)nascimentos.....	53
A palestra.....	59
2. AS LEMBRANÇAS AFETIVAS DE MARIA.....	65
Experiências compartilhadas, narrativas distintas.....	65
A infância e a adolescência.....	67
O Banespa e a família.....	80
Mudanças no Banespa e desligamento.....	94
“Existe muita vida depois do Banespa!”.....	106
Afetos e perdas.....	108
3. NARRATIVAS, TEMPOS, LUGARES E IDENTIDADES.....	112
Narrativas e cronotopos.....	112
O tempo nas narrativas.....	113
O espaço nas narrativas.....	129
Identidades e narrativas.....	142

4. AS NARRATIVAS E AS MUDANÇAS NO BANESPA: ENTRE MORTES E (RE)NASCIMENTOS.....	146
Entre a lógica do capital e a da cultura.....	146
Uma lógica das mudanças.....	147
A cultura do terror.....	149
Genocídios coletivos e mortes individuais.....	156
Rituais de passagem.....	161
(Re)nascimentos e narrativas.....	167
5. A EXPERIÊNCIA E A VIDA.....	172
Uma narrativa teórica.....	172
Experiência, um termo presente.....	173
Aprendizagens entre o vivido e o narrado.....	177
Intersubjetividade e autobiografia.....	180
Pedagogias da experiência.....	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	188
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	194
ANEXO I: ENTREVISTAS COM GROZZI.....	203
ANEXO II: ENTREVISTAS COM RITA.....	271

INTRODUÇÃO

*Seja o que for, era melhor não ter nascido,
 Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,
 A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
 A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair
 Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,
 E ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos,
 Entre tombos, e perigos e ausência de amanhã,
 E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida com o que eu penso,
 Com o que eu penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó vida.
 (Fernando Pessoa in “Passagem das horas”)*

*A ciência, a ciência, a ciência...
 Ah, como tudo é nulo e vão!
 A pobreza da inteligência
 Ante a riqueza da emoção!*

*Aquela mulher que trabalha
 Como uma santa em sacrifício,
 Com quanto esforço dado ralha!
 Contra o pensar, que é o meu vício!
 A ciência! Como é pobre e nada!
 Rico é o que alma dá e tem.
 (Fernando Pessoa, 4-10-1934)*

Apresentação

Esta tese tem como foco refletir a experiência no mundo do trabalho a partir da construção de narrativas biográficas de ex-trabalhadores do Banespa - Banco do Estado de São Paulo. A vida narrada, que constitui um entrelaçamento de experiências evocadas pelos sujeitos, tal como Fernando Pessoa intensamente nos lembra na “*Passagem das Horas*”, “*de tão interessante que é a todos os momentos*”, pretende ser aqui epistemologicamente central para compreender os sentidos contemporâneos do mundo do trabalho. Compartilhando também a angústia de Fernando Pessoa quando diz que a “*pobre ciência*” não dá conta de entender a

riqueza que tem a alma, trata-se de tentar irromper o conhecimento dualista da ciência ao dar ênfase ao sujeito na produção do conhecimento científico (Santos, 2000).

No dia 20 de novembro de 2000 ocorreu o leilão do Banespa, o qual foi comprado por um grupo financeiro de origem espanhola, o Grupo Santander Central-Hispano. Essa grande transação de venda de um banco público paulista para um banco privado estrangeiro, especificamente espanhol - considerada por especialistas de mercado como a de mais alto preço já pago por uma empresa estrangeira em um processo de privatização no Brasil - surpreendeu vários segmentos da sociedade e até da própria mídia, que davam como certo que o Banespa iria ser arrematado no leilão por um banco nacional, como o Bradesco ou o Banco Itaú, quase descartando as possibilidades da compra do Banespa pelo grupo espanhol.

Naquele ano, a privatização do Banespa foi o epicentro de um debate de vários setores da sociedade em torno da desnacionalização da economia brasileira, uma das diretrizes da política econômica do governo de Fernando Henrique Cardoso do período¹. No que se refere ao processo mais geral de mudança da política do sistema financeiro brasileiro, a privatização do Banespa evidenciava, de um lado, o enfraquecimento dos bancos públicos² e, de outro, a abertura do setor financeiro ao capital internacional, destacando-se o espanhol³. O evento revelava também as dimensões do processo que Chesnais (1996) denominou de “*a mundialização do capital*”, referindo-se à seletividade dos capitais mundiais e à exclusão de países e camadas sociais desse processo⁴. A privatização do Banespa representou, portanto, o encontro das contradições entre o público e o privado, o nacional e o estrangeiro considerando o contexto econômico e político.

Mas que impactos esse evento teve para a vida dos quase 21.000 funcionários do Banespa? Movido por essa pergunta, inicialmente, realizei uma pesquisa de campo entre 2000 e 2002, na qual me pude inserir como pesquisador entre alguns dos funcionários do Banespa e, com isso, construí uma noção empírica do contexto etnográfico. Verifiquei que os impactos da privatização entre os trabalhadores do Banespa, os “*banespianos*”, como se denominam, resultou no desligamento de milhares de funcionários e na rápida reestruturação do trabalho e, como

¹ Ver Biondi (1999, 2000).

² Ver especialmente Rodrigues (2004).

³ Ver Gussi (2001).

⁴ Apud. Gussi e Rodrigues (2002).

consequência disso, levou à quebra do sentido de pertencimento dos banespianos em relação à empresa, de sua identidade sócio-profissional.

Partindo desse contexto etnográfico, realizei a construção de quatro narrativas biográficas de trabalhadores do Banespa - a de Nilton, de Maria, de Grozzi e de Rita⁵ - que passaram pelo processo de privatização e que hoje estão desligados do banco.

Para esta tese, apresento as vidas narradas de dois desses bancários: a de Nilton e de Maria⁶. Estas narrativas biográficas são tomadas como centrais para a análise porque permitem: i) informar sobre os contextos em que elas se inserem, quais sejam: o de uma identidade sócio-profissional, a banespiana, o de uma empresa, o Santander-Banespa, o das transformações do sistema financeiro nacional e mundial, e o da reestruturação do trabalho, particularmente o bancário; ii) compreender a constituição de subjetividades, já que as narrativas são a interpretação do sujeito na sua relação com o contexto social; iii) refletir sobre a interação entre o pesquisador e o pesquisado, uma vez que as narrativas são o resultado dessa interação.

Considerando isso, as narrativas biográficas possibilitam problematizar, epistemologicamente, a noção de experiência e de aprendizagem. As narrativas constituem um processo de aprendizagem, entre o vivido, o narrado e o interpretado, na medida em que os sujeitos, envolvidos na pesquisa e na produção do conhecimento, realizam uma reflexão sobre si mesmos, tomando como ponto de partida suas experiências. Desse modo, entendo que as narrativas biográficas são pedagogias da experiência no mundo do trabalho.

Realizo aqui, nesta introdução, uma aproximação etnográfica que circunscreve a construção das narrativas biográficas e uma apresentação da proposta metodológica e das implicações epistemológicas acerca das narrativas biográficas.

Uma aproximação etnográfica

A privatização do Banespa, em novembro de 2000, definiu o universo empírico de minha pesquisa, quando passei a realizar inicialmente uma aproximação etnográfica entre os trabalhadores do Santander-Banespa.

⁵ Por razões de sigilo, optei por utilizar nomes fictícios.

⁶ Como sugestão dos membros da banca do Exame de Qualificação, foi proposto que juntasse as entrevistas transcritas de Grozzi e de Rita, como anexos, já que foi entendido que a análise das narrativas de Nilton e de Maria já

A questão central que norteou essa aproximação etnográfica inicial foi em que medida as identidades que se constituiriam entre diversos grupos no Banespa estavam se reformulando no contexto de mudanças promovidas pela nova gestão do espanhol Santander. O universo de pesquisa no Banespa-Santander apontava para variáveis analiticamente significativas para compreender essa questão a partir das oposições entre o público e o privado, e entre o nacional e o estrangeiro.

A bibliografia que levantei sobre o tema, sobretudo trabalhos nas Ciências Sociais, tem discutido os impactos do processo de reestruturação produtiva junto aos bancários⁷ e também em relação aos bancários do Banespa. Tais trabalhos informavam-me sobre como estruturalmente vinha ocorrendo o processo de mudanças, sobretudo quanto ao Banespa no período anterior e imediatamente após a privatização⁸. O meu olhar inicial, contudo, centrou-se nos impactos culturais desse processo.

Este foco inicial estava intrinsicamente relacionado a minha trajetória acadêmica e profissional. Tratava-se, à época, de uma proposta de redimensionamento, de um lado, das análises sobre identidades étnicas e nacionalidades que vinha realizando desde o mestrado em Antropologia Social (Gussi, 1997) e, de outro lado, das minhas experiências como pesquisador do Projeto “*Culturas Empresariais Brasileiras: um estudo comparativo entre empresas públicas, privadas e multinacionais*”, do Departamento de Antropologia do IFCH/UNICAMP, quando pude participar do desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica no Banco do Brasil S/A (Gussi e Rodrigues, 1996).

O Banco do Brasil S/A é uma empresa de 200 anos, consolidada em todo o território nacional, e que esteve presente em vários momentos da história brasileira, fomentando o desenvolvimento econômico de muitas regiões do país. Esse banco vivenciava, quando realizava a pesquisa, o conflito entre ser um banco social, voltado para o desenvolvimento do país, ou ser um banco de mercado, como qualquer outro banco comercial, sendo que, nas últimas duas décadas, houve um processo de reestruturação que se realizou através de algumas medidas, tais como o fechamento de agências e demissões de funcionários.

contempla os objetivos desta tese. Contudo, como se verá, ao longo do texto, serão destacadas, pontualmente, as narrativas de Grozzi e de Rita com o intuito de referenciar a análise realizada.

⁷ Remeto a Accorsi (1990), Araújo (2000), Jinkings (1995,2002, 2003), Segnini (1998).

⁸ Refiro-me a Nespoli (2004), Romaneli (1978), Segnini (1999, 2001) e Silva (2000).

Essa reestruturação da empresa justificar-se-ia, no discurso da Direção do banco responsável pela sua implementação, como uma necessidade de adequar a empresa a um novo paradigma produtivo e tecnológico, em virtude, por exemplo, da aceleração da informatização dos serviços bancários.

Um dos fatos mais significativos desse processo foi o PDV - Programa de Demissão Voluntária, que resultou na demissão de 13.000 funcionários. Com o PDV, a Direção do banco pretendeu eliminar a base na qual se sustentavam as relações entre o banco e os seus funcionários: a estabilidade do emprego. A forma abrupta como foi sendo implementado o PDV, em conjunto com as outras medidas, resultou na quebra de valores simbolicamente essenciais das relações de trabalho. Disso resultou a perda do sentido de pertencimento, da identidade dos funcionários em relação à empresa, emergindo conflitos que punham em questão a própria sobrevivência da empresa no contexto da política de privatização das estatais brasileiras no início do Governo Fernando Henrique Cardoso⁹.

Essa experiência de pesquisa etnográfica no Banco do Brasil foi fundamental para que eu construísse referências para o caso do Santander-Banespa a partir de similaridades, mas também de especificidades que passava a encontrar em uma aproximação etnográfica¹⁰.

Parti da discussão contemporânea sobre a construção das identidades que remete a uma noção de identidade considerada em seu aspecto fluido e historicizado. Essa noção implica no afastamento da idéia de irredutibilidade, quando então se procura definir as marcas de uma vez e para sempre dos grupos sociais.¹¹ Por outro lado, estabeleci também um diálogo com estudos contemporâneos sobre as nacionalidades que vêm apontando para o caráter da *“invenção da idéia de nação”* em torno de uma história unilateral e seletiva, como uma *“comunidade imaginada”* (Anderson, 1989)¹².

Orientado por essas referências teóricas, perguntava-me como emergiam as identidades de diversos grupos sociais no Banespa no contexto da privatização. Tudo isso

⁹ Sobre os desdobramentos dessa pesquisa, remeto a Rodrigues (2004).

¹⁰ Sobre uma análise comparativa das estratégias do sistema financeiro brasileiro e espanhol tomando como referenciais empíricos o caso Santander-Banespa e o do Banco do Brasil, remeto a Gussi e Rodrigues (2002).

¹¹ Nos estudos recentes da antropologia, há um afastamento desse caráter essencialista das identidades, falando-se de uma *“teoria aberta da identidade”* que pretende eliminar o caráter conservador que esse conceito encerra desde sua própria gênese (Ruben, 1988, 1992). Remeto também para uma discussão sobre identidades a Barth (1969), Cardoso de Oliveira (1976), Carneiro da Cunha (1985, 1985a).

¹² Decorre daí que os símbolos que definem uma identidade nacional são circunstanciais e resignificados ao longo do tempo, podendo-se mesmo pensar, como Renan (1992) que *“a nação é um plebiscito de todos os dias”*. Remeto também para uma discussão sobre nacionalidades a Gellner (1983); Hobsbawm (1990) e Smith (1997).

resultou numa aproximação etnográfica na qual realizei um levantamento de documentos institucionais e de periódicos sobre a privatização no período de 2000 a 2002, e acompanhei dois eventos envolvendo diferentes grupos de funcionários do Banespa-Santander: 15º. Congresso Nacional dos Banespianos, de agosto de 2001 e a XXIVa. Integração Esportiva e Cultural do Banespa, ocorrida setembro de 2001¹³.

O 15º Congresso Nacional dos Banespianos foi um evento sindical promovido pela AFUBESP – Associação dos Funcionários do Banespa, entidade ligada ao Sindicato dos Bancários de São Paulo, onde compareceram aproximadamente 440 delegados de agências de todo país, dos 600 que haviam se inscrito. Esses congressos aconteciam anualmente como preparação para pauta de negociação anual para o Acordo Coletivo dos Bancários, que tradicionalmente acontece em setembro, sendo que no Congresso de 2001 aconteceu a primeira negociação coletiva no Banespa após a privatização.

A XXIVª Integração Esportiva e Cultural do Banespa foi promovida pelo próprio banco, no Esporte Clube Banespa, localizado em Santo Amaro. Para aí se deslocaram, em caravanas, 8.000 funcionários de São Paulo e do interior e, em menor número de outros estados, que representavam as Gerências Regionais e demais unidades e associações que compõem o conglomerado Banespa (Banespa Cartão, Seguros, CABESP - Caixa Beneficente dos Funcionários do Banco do Estado de São Paulo, BANESPREV - Fundo Banespa de Seguridade Social, dentre outras). Nesse evento, ocorreu uma cerimônia de abertura, como acontecia tradicionalmente nos anos anteriores, com um desfile das várias caravanas, que foi seguida de um almoço oferecido pelas Gerências Regionais. Em três dias, foram realizadas competições esportivas e culturais e outras atividades de recreação. Tratava-se, também, da primeira Integração que ocorria após a privatização.

Quem, de fato, encontrei nesses eventos? À primeira vista, tornou-se evidente uma categoria que vincula sua identidade ao fato de pertencer à própria empresa, aquela que agrega todo o corpo funcional do Banespa, ou seja, trata-se dos banespianos.

Essa identidade banespiana foi construída ao longo da trajetória dos funcionários na empresa, que se diferencia das trajetórias dos outros bancários dos bancos privados, seja pelos

¹³ Realizei a análise dos eventos a partir de uma “*análise situacional*”. Segundo Van Velsen (1987), a análise situacional é o registro de estudo de casos detalhados de indivíduos e grupos ao longo do tempo em um contexto particular. A ênfase desse estudo é dada na ação desses indivíduos e grupos em situações de conflitos de acordo com

direitos trabalhistas conquistados pelos banespianos, como planos de saúde e previdência complementar, que geralmente não existem entre os bancos privados; seja também porque as trajetórias na empresa estão intimamente associadas à própria vida pessoal desses funcionários, que se encontram costumeiramente nas festas, nas confraternizações e nos jogos de fim de semana realizados nos clubes do Banespa existentes em várias cidades, os chamados “*Banespinhas*”.

E ser banespiano também se associa a uma função social de banco público, que extrapola os limites dos negócios da empresa e revela um sentido de cidadania. Assim, os banespianos participam de projetos sociais, como é demonstrado pela organização das APABEXs – Associações dos Pais de Filhos de Excepcionais do Banespa, ABAS – Associação Banespiana de Assistência Social, pelo Comitês Betinho de Solidariedade contra a Fome organizados pelos funcionários de algumas agências. E ser banespiano também se relaciona a uma ligação muito estreita desses com comunidades locais, principalmente as pequenas e médias cidades, sobretudo as paulistas.

Essa identidade banespiana evoca, portanto, elementos que remetem às trajetórias profissionais e pessoais de seus funcionários, mas também à trajetória da própria empresa. Esta era uma empresa pública identificada como “*empresa paulista*”, que se associou, historicamente, a um projeto de desenvolvimento do próprio Estado de São Paulo, como atesta, por exemplo, o papel de grande financiador que o Banespa sempre ocupou na agricultura paulista. A empresa Banespa ainda marca, particularmente, o imaginário dos paulistas, o que se evidencia pelo próprio prédio da sua agência central na capital, um dos ícones da cidade.

A privatização e as mudanças implementadas pelo Santander, um banco que pretende ser transnacional na sua estratégia de fixar uma marca única¹⁴, vêm colocando em risco a identidade banespiana. Essas mudanças promovidas tornam incertas as trajetórias dos funcionários do Banespa quanto à possibilidade de continuarem a ser banespianos, ou mesmos ser banespianos em um outro contexto, nessa nova empresa.

Algumas medidas implantadas pela nova diretoria do Santander merecem destaque. Foi lançado um PDV que resultou, em um ano, na saída de aproximadamente 8.300

os seus interesses, e, nesse sentido, essa análise está posta no comportamento real em conflito com as normas ideais de uma determinada sociedade.

¹⁴ Ruben (1995) define como transnacional “*tudo aquilo que acontece fora das fronteiras nacionais, sem que isto subentenda uma automática ruptura com a nação de origem*” (Ruben, 1995: 75).

funcionários, portanto quase 40% do total de 21.000 funcionários. Foram realocados cargos, redefinidos salários, contratados novos funcionários de médio e alto escalão, além de inúmeros estagiários. Em conversas com funcionários, que fui entabulando durante o trabalho de campo, foi-me dito que as pressões decorrentes do PDV e das diretrizes da nova gestão por resultados imediatos resultaram na intensificação do trabalho. São inúmeros os problemas trabalhistas apontados por eles, entre os quais se destacam aqueles relacionados às condições de saúde, denunciados no Congresso dos Banespianos. Além disso, com as mudanças, não estão mais asseguradas pela nova gestão, em médio prazo, a manutenção da previdência complementar e do plano de saúde, ligados respectivamente ao BANESPREV e à CABESP, organizações satélites da empresa, que representam esses direitos, historicamente garantidos pelos banespianos¹⁵.

Nesses eventos, transcorridos em um contexto de risco, ficava claro que estava em jogo uma tentativa dos funcionários de se reunirem, mesmo que momentaneamente, para dar continuidade à identidade banespiana na nova empresa. Todavia, tornavam-se evidentes também, os conflitos de interesses dos diversos grupos que envolvem essa identidade banespiana. Assim, sobrepunham-se os interesses e ações que remetem a conflitos quanto à identidade banespiana, entre os sindicalistas-banespianos, os funcionários da ativa, que de certa forma apostam na sua permanência nessa nova empresa e, por último, os aposentados que constituem o conglomerado.

Os sindicalistas banespianos, representantes dos sindicatos e da AFUBESP, como ficou evidente no 15º Congresso do Banespa, estão encaminhando politicamente suas ações para duas direções. A primeira aponta para uma proposta de nacionalizar a luta política dos banespianos, associando-se aos outros bancários, particularmente dos outros bancos do grupo Santander no país. A segunda, refere-se à busca de transnacionalizar sua ação, aliando-se aos bancários-sindicalistas do Santander, na América Latina e na Espanha, através da organização da Coordenadora Ibero-Americana dos Trabalhadores do Banco Santander.

Essas duas direções políticas colocaram os funcionários do Banespa-Santander diante de dilemas identitários: de um lado, deixarem de ser banespianos para se tornarem bancários similares aos dos outros bancos privados; de outro lado, tornarem-se “*santanderianos*”, representantes de uma empresa transnacional espanhola, não mais pertencendo a uma categoria regional-nacional. O sentido da ação política, contudo, é o de garantir direitos já adquiridos, num impasse entre se tornar de uma outra categoria (a de simples

¹⁵ Sobre a desconstrução dos direitos sociais vinculados ao trabalho no Banespa, remeto a Nespoli (2004).

bancários) que supõe, de antemão, as perdas de direitos, ou transnacionalizar a luta a fim de conquistar os mesmos direitos reservados aos funcionários do Santander na América Latina e, principalmente, na Espanha. Esses sindicalistas supõem serem esses direitos transnacionalizados melhores que os dos bancários brasileiros ou, pelo menos, próximos aos direitos já adquiridos pelos bancários dos bancos públicos brasileiros, como o antigo Banespa.

Os funcionários da ativa, particularmente os que participaram da XXIV^a Integração, vêm demonstrando, apesar dos conflitos advindos com as mudanças, a possibilidade de se integrarem ao novo Banespa-Santander, ou seja, a possibilidade de continuarem a ser banespianos numa nova empresa.

Já na cerimônia de abertura da Integração ficou evidente a tentativa das caravanas dos funcionários das Gerências Regionais em mostrar à Direção o seu empenho em permanecer na empresa. Assim, o tema da Integração desse ano era “*O Novo Tempo*”. Os cartazes do desfile de abertura das delegações continham dizeres tais como: “*Um novo Tempo*”, “*A construção de um Grande Banespa*”, “*Se é para crescer conte com a gente*”.

Além disso, houve uma encenação coreografada no desfile por uma delegação que representou uma passagem para um novo banco através de um portal. Trata-se aqui, antes de tudo, de uma tentativa de formalizar um ritual de passagem para uma outra empresa, que simboliza um tempo liminar, de transição, de inseguranças e incertezas, mas um tempo em que pode ser possível integrar-se à nova empresa¹⁶. A cerimônia de abertura da Integração terminou com uma confraternização, na verdade, com um grande banquete no qual as várias delegações ofereciam-se mutuamente comes-e-bebes, mesmo considerando os conflitos existentes entre os banespianos e a Direção do banco.

Por fim, os aposentados vêm, nesse momento, reelaborando a tradição do que chamam da “*cultura banespiana*”, identificada com uma empresa idealizada de um tempo passado. Esse tempo precisa ser reforçado para a manutenção de seus direitos, que envolvem o complemento da aposentadoria e os planos de saúde. A participação dos aposentados no 15º Congresso do Banespa foi maciça, representados por suas associações nacionais, tais como a AFABESPs - Associação dos Funcionários Aposentados do Banco do Estado de São Paulo, existente apenas em São Paulo, e as AFABAN - Associação dos Funcionários Aposentados do Banespa, braços das AFABESPs no interior e em outros estados. Os aposentados lutam pela

¹⁶ Sobre rituais de passagem remeto a Turner (1974) e Van Gennep (1978).

manutenção do antigo Banespa que eles conheceram, tentando mostrar sua importância para a nova Diretoria do Santander.

Esse momento de risco e de transição, no qual se embatem os interesses dos diversos grupos de banespianos, todavia, vem sendo manifestado sempre em contraposição ao novo dirigente estrangeiro do banco, aos espanhóis. Nesses eventos vêm sendo acionados, simbolicamente, elementos que remetem às nacionalidades e aos nacionalismos.

Assim, manifestam-se representações em que emergem identificações nacionais entre Brasil e Espanha. Essas relações apresentam-se, às vezes, como conflitantes e, às vezes, como conciliatórias: ora os funcionários remetem às representações sobre “*invasão dos espanhóis*”, “*do colonialismo espanhol*”, repondo o imaginário histórico da colonização; ora “*à integração dos povos*”, “*das raças*”, do banespiano-brasileiro que recebe o espanhol que chega, como um dia, em outro tempo histórico, já ocorreu com os portugueses e outros estrangeiros no país.

No desfile da Integração, as delegações apresentavam alegorias que lembravam a Espanha, como touradas, dançarinas espanholas, bandeiras, cartazes e estampas em camisetas. A Gerência Regional de Campinas, a vencedora do concurso do melhor desfile de abertura, apresentou-se com as bandeiras do Brasil, de São Paulo, do Banespa e da Espanha e, em seguida, apresentou um índio e uma dama, que se associavam à história de Peri e Ceci, remetendo, respectivamente, ao povo brasileiro e ao português. Junto a eles, por fim, vinha a representação de um espanhol. Tudo isso, simbolizava a junção do povo brasileiro ao estrangeiro.

A análise desses eventos demonstra os conflitos de interesses dos diversos grupos que se associam à identidade banespiana, nesse momento, na empresa recém-privatizada. Tais conflitos evocam, ainda, representações distintas de nacionalidades e nacionalismos. Mas, o que é mais importante frisar é que esse processo de mudança resultava na perda do sentido de pertencimento, da identidade dos funcionários em relação à empresa, qual seja, a identidade banespiana através de uma quebra de seus vínculos simbólicos¹⁷.

Esta aproximação etnográfica, coloquei em diálogo com os sujeitos nas entrevistas quando construí as narrativas biográficas em que procurei compreender, através de suas próprias

¹⁷ Tal processo tem similaridades ao verificado no Banco do Brasil (Gussi, 1996; Gussi e Rodrigues, 2002, Rodrigues 2004), embora não se verificasse naquele caso tão demarcadamente o fato identitário como uma categoria de adscrição como a que verifiquei entre os banespianos.

experiências, em que medida esses ex-trabalhadores do Santander-Banespa, portanto, banespianos, evocam, subjetivamente, esse processo de mudança¹⁸.

As narrativas biográficas

As narrativas biográficas são tomadas como metodológica e epistemologicamente centrais nesta tese. Elas permitem compreender, analiticamente, o contexto de mudanças pelo qual passavam os trabalhadores do Banespa, a constituição dos sujeitos envolvidos nesse contexto e refletir sobre a minha relação, como pesquisador, com os sujeitos.

Assim, as narrativas são analisadas aqui, tal como Kofes (1984) afirma quando, especificamente, refere-se às “*estórias de vida*”¹⁹ considerando-se três aspectos referidos pela autora: primeiro, ela é uma “*fonte de informação*” sobre o contexto social; segundo, ela é uma “*evocação*” do sujeito; terceiro, ela é uma “*reflexão*”, resultado da relação entre o biografado e o pesquisador. Consideremos cada um desses aspectos e como eles se apresentam nas narrativas de Nilton e de Maria.

O primeiro aspecto da narrativa biográfica é o que informa sobre o contexto social de uma época. Segundo Bertaux (1980), tal aspecto circunscreve-se ao “*tipo de objeto sociológico*” que se pretende investigar na abordagem biográfica: “*On aura remarqué en effet que certains chercheurs ont choisi de se concentrer sur des structures et des processus ‘objectifs’, tandis que d’autres ont pris pour objet des structures et des processus ‘subjectifs’.*” (Bertaux, 1980:203).

Outro autor, Becker (1986), reforça também esse aspecto. Para ele, se a narrativa romanceada de uma biografia revela “*a imaginação e a subjetividade*”, ao sociólogo cabe fazer “*la restitution fidèle de l’expérience du sujet et son interprétation du monde où il vit*” (Becker, 1986:05). Para tanto, segundo o autor:

¹⁸ A princípio pretendia, comparativamente, entrevistar funcionários que ainda estão na ativa, e que vivenciaram e vivenciam o processo de mudanças do banco, todavia, os contatos realizados foram em vão, pois os funcionários justificavam-me que não poderiam conceder entrevistas, por falta de tempo ou por ainda estarem ligados à empresa, o que resultou em circunscrever, metodologicamente, as narrativas apenas aos ex-bancários, desligados após a privatização. Ressalto que as entrevistas com ex-trabalhadores, fora do tempo e espaço da empresa, permitiram uma certa autonomia dos sujeitos para falar sobre a empresa e sobre sua vida que, como se verá, está posta nas narrativas.

¹⁹ Para essa autora, “*estórias de vida*” tratam-se, especificamente: “*1) de relatos motivados pelo pesquisador e implicam na sua presença como ouvinte e interlocutor; 2) de um material restrito à situação de entrevista; 3) daquela parcela da vida do sujeito que diz respeito ao tema da pesquisa, sem esgotar as várias facetas de uma biografia.*” (Kofes, 1984:118).

“Le chercheur guide l’interviewé vers les thèmes qui intéressent la sociologie; il lui demande de préciser certains événements; il vise à ce que son récit ne soit pas en désaccord avec les rapports établis sur lui par les institutions où il est passé, avec les témoignages fournis par d’autres individus qui le connaissent ou qui connaissent les événements ou les lieux décrits” (Becker, 1986:106)

Esse aspecto da abordagem biográfica, o que informa o social, tenderia a enfocar mais a análise do contexto social que o indivíduo, mais a estrutura social que a ação do sujeito, no sentido a que se refere Bertaux (1980), reforçando mais a objetividade do cientista social ou historiador no trato do material recolhido que a subjetividade do biografado.

Nesse sentido, as narrativas de Nilton e de Maria informam sobre contexto social e histórico a partir do mundo do trabalho. Elas nos dizem sobre as mudanças de identidade sócio-profissional, a identidade banespiana, de uma empresa, o Santander-Banespa e, amplamente, sobre as mudanças do sistema financeiro no processo de mundialização do capital e de reestruturação do trabalho bancário.

Consideremos, contudo, o conceito de trajetória de Bourdieu (1996). Em seu ensaio *“A ilusão biográfica”*, Bourdieu abandona o pressuposto de que uma vida é *“como um conjunto coerente e orientado que pode ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva, de um projeto”* (Bourdieu, 1996:184). Entendendo que uma vida não é um fim em si mesma e, portanto, não tem um sentido único, Bourdieu faz uma analogia entre a vida e nome próprio. Diz o autor que o nome próprio é o que carregamos ao longo da vida, o que lhe dá sentido, para, logo em seguida, rejeitar a idéia de que uma vida possa ser explicada apenas pela associação ao nome, considerando-a *“tão absurda quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações”* (p. 179-180).

Assim, Bourdieu constrói a sua noção de trajetória *“como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço ele próprio um devir submetido a incessantes transformações”* (p. 189). As trajetórias definem-se como colocações e deslocamentos no espaço social, mais precisamente *“nos estados sucessivos da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que estão colocados em jogo no campo considerado”* (p. 190). Essa noção de trajetória nos faz abandonar a idéia de que uma vida possa ser compreendida como uma cadeia de acontecimentos *“sem outros vínculos que não a associação a um sujeito”* (p. 189).

Como propõe Bourdieu, as narrativas aqui são construídas como trajetórias que revelam disposições e deslocamentos dos sujeitos sociais em redes sociais constituídas em diferentes instituições pelas quais passaram. Redes que reúnem outras pessoas, biografias entrecruzadas que compõem, em determinados momentos, identidades coletivas. Redes sociais constituídas na família e na escola, no Banespa, dentre outras instituições.

O segundo aspecto da narrativa biográfica é que ela constitui uma evocação do sujeito. As biografias escritas pelo filósofo Sartre revelam o sentido que dá a elas, expresso na sua frase: “*O importante não é o que fizeram de nós, mas o que nós fazemos com que fizeram de nós*” (apud Eribon, 1996:20). Tal como Sartre, trata-se, aqui, de pensar o aspecto subjetivo da biografia, já que a narrativa biográfica contém muito da interpretação do sujeito na sua relação com o contexto social que o cerca.

O “*tipo de objeto sociológico*” que se circunscreve nesse aspecto, segundo Bertaux (1980), não é o da biografia tomada como explicação de sociedade, em seus aspectos mais estruturais, mas em oposição, nas suas próprias palavras, “*les chercheurs s’attachent ici à dégager des complexes de valeurs et de représentations qui existent d’abord au niveau collectif avant de s’emparer plus ou moins totalement des subjectivités*” (Bertaux, 1980:204). O que se quer estudar são os fenômenos sociais e simbólicos, concentrando-se mais atenção na ação individual que na estrutura social.

Esse aspecto da abordagem biográfica tende a enfocar, em oposição ao outro que toma a biografia para informar o social, mais o indivíduo que o contexto social, mais a ação do sujeito que a estrutura, reforçando mais a subjetividade do biografado que a objetividade do pesquisador, pois é a representação do sujeito que deve ser levada em conta.

Então, ao narrar sua vida, o sujeito constrói, a seu modo, sua própria trajetória. Recupera algumas redes sociais e outras não. Dá sentido a algumas experiências e outras não. Dá um sentido as suas lembranças. Portanto, são construídas subjetividades a partir das experiências que não necessariamente reproduzem o contexto social, mas também o modifica num processo de constante re-elaboração do sujeito inserido nesse contexto.

Nesse sentido, aproximo as narrativas biográficas ao que indica Kofes (2001) quanto às possibilidades analíticas de uma abordagem biográfica:

“Vários trabalhos que têm na história de vida um instrumento heurístico não lidam com uma noção de história como sentido (direção), embora pressupunham sim as possibilidades interpretativas de suas experiências pelos próprios

agentes e não descartam estes sentidos como vias de acesso compreensivo e explicativo. Mesmo porque os sujeitos sociais são em si mesmos entrecruzamentos de relações as quais estão ligados, quer pelos significados já dados a estas relações e que constituem os sujeitos enquanto pessoas sociais, quer pelos significados que eles agenciam e narram.” (Kofes, 2001:25)

Assim, se analiticamente é necessário considerar as redes sociais em que Nilton e Maria deslocaram-se ao longo de sua vida, como propõe Bourdieu, entendo que eles realizaram, ao longo de suas entrevistas, interpretações sobre sua vida e sobre seus deslocamentos. As subjetividades de Maria e de Nilton alargam a compreensão da experiência coletiva ao nos colocarem os seus possíveis desvios, transgressões, imaginações e projetos. Compreendo que, com isso, eles constituem a si mesmos, como sujeitos, nas narrativas.

Voltemo-nos agora para o terceiro aspecto da abordagem biográfica, aquele que investiga a relação entre o biografado e o autor. Crapanzano (1980, 1984), ao descrever sua biografia sobre o marroquino Tuhami, define-a como um “*experimento*”, evocando que o seu texto é, antes de tudo, o produto de um encontro etnográfico. Para o antropólogo, a história de vida “*is the result of a complex self-constituting negotiation. It is the product (at least, from the subject’s point of view) of an arbitrary and peculiar demand from another – the anthropologist*” (Crapanzano, 1984:955-956). Mas, além disso, a história de vida, geralmente construída a partir de uma entrevista, é transformada em um texto e, portanto, “*... carries with it all the ontological and epistemological burdens of the text*” (p. 957).

Assim, uma história de vida é um texto, que tem uma estrutura narrativa, subordinada às regras de linguagem. E sintetiza Crapanzano sobre “*Tuhami*”: “*Above all ‘Tuhami’ both as text and as a fellow human being enables me to raise the problematic of the life history and ethnographic encounter*” (Crapanzano, 1984:957). Podemos dizer, ainda, que “*Tuhami*”, a biografia, é um pretexto para Crapanzano falar desse encontro e do próprio fazer antropológico.

O “*Tuhami*”, de Crapanzano, filia-se a um outro tipo de biografia que Levi (1996) atribui como sendo tributária à hermenêutica²⁰. Segundo o autor, esse tipo de biografia salienta o “*ato dialógico*” no seio de uma “*comunidade de comunicação*”. Todavia, a aproximação com a hermenêutica trouxe uma outra problemática à abordagem biográfica, pondo à tona duas questões: a primeira, que uma biografia é uma forma de narrativa e deve ser também interpretada

²⁰ Nesse sentido, Crapanzano filia-se à antropologia de Geertz (1989).

como tal; e a segunda, a questão da autoria, a do biógrafo que narra, e o quanto dessa narrativa contém a sua própria interpretação da vida da outra pessoa, o biografado, resultado da interação que se estabelece entre os dois. E essas duas questões colocam em xeque a objetividade exacerbada decorrente da idéia da biografia considerada apenas como fonte de informação, e também a subjetividade extremada, quando se coloca uma trajetória individual como possibilidade de interpretação única, a do sujeito que narra.

Tal como Crapanzano (1980, 1984), considero que as narrativas de Maria e de Nilton são construções textuais que revelam a dimensão do meu encontro com esses sujeitos no decorrer de nossas entrevistas. Assim, não basta compreender o que é narrado ou quem faz a narrativa, mas também compreender como se constrói a narrativa no momento do meu encontro com Nilton e Maria. E, assim também compreender que suas narrativas permitem alargar minha própria experiência cognitiva através de conhecimentos compartilhados com outras subjetividades inseridas nas fronteiras de campos de saberes aparentemente distintos, o científico/acadêmico e o da experiência da vida do outro²¹.

Em suma, as narrativas biográficas de Nilton e Maria aqui apresentadas a um só tempo permitem: informar sobre contextos sociais, evocar subjetividades distintas e revelar a dimensão do meu encontro com eles. Dessa forma, as narrativas biográficas permitem também analisar a experiência no mundo do trabalho

Procuro tomar como foco epistemológico central das narrativas a noção de experiência. Uma vida narrada constitui um entrelaçamento de experiências do sujeito no tempo e no espaço. Entendendo a noção de experiência como a do agenciamento do sujeito na estrutura social (Thompson, 1981), essa noção permite inter-relacionar, analiticamente, os vários aspectos das narrativas biográficas aqui apontados, problematizando as relações entre sujeito e sociedade, e entre biografia e o autor. Nesse sentido, a experiência é, ao mesmo tempo, subjetiva, social e também crítica, pois incorpora o posicionamento reflexivo do sujeito diante do seu contexto social (Dubet, 1996).

²¹ Dessa forma, através das narrativas biográficas, aproximo-me, analogamente, aos requisitos propostos por Marcus (1991) para uma etnografia sobre a modernidade, em que propõe: problematizar o espaço através da ruptura com a noção de comunidade e do entendimento da construção de identidades múltiplas; problematizar o tempo através da noção de memória; problematizar a “voz”, entendendo a etnografia como uma montagem polifônica; apropriar-se, através desse diálogo, do aparato conceitual do texto; e, por fim, realizar as justaposições críticas do autor diante dos instrumentos da disciplina ou da sociedade do etnógrafo e do mundo que a etnografia retrata.

As narrativas permitem que consideremos a noção de experiência como a história do próprio sujeito (Scott, 1999) que, com isso, constrói suas identidades pessoais e coletivas. Mas, trata-se aqui de entender a experiência entre o que é vivido e aquilo que é narrado pelo sujeito, pois a narrativa é a forma como aqui se expressa a experiência.

Duas implicações epistemológicas podem ser postas ao se tomar a experiência como foco central. A primeira é a de que a experiência, vivida e narrada, constitui um processo de aprendizagem do sujeito construída nas esferas da sociabilidade humana e da cultura (Gusmão, 1999). A segunda implicação epistemológica é que as noções de experiência e aprendizagem podem ser alargadas quando se pensa a dimensão da intersubjetividade nas narrativas, como um processo que envolve saberes distintos, o do sujeitos e o saber do pesquisador, ancorado no conhecimento científico e na sua própria experiência autobiográfica.

Desta forma, as narrativas de Nilton e Maria possibilitam a construção de uma narrativa teórica ao se estabelecer relações entre a experiência, aprendizagem e intersubjetividades, quando se toma a vida como central para a construção do conhecimento. E, por isso, as narrativas biográficas são aqui compreendidas como pedagogias da experiência no mundo do trabalho.

Essa narrativa teórica conduz a uma reflexão acerca do conhecimento científico, aproximando-se das discussões sobre um paradigma emergente no qual os sujeitos desse conhecimento são investidos de uma outra condição na produção de uma nova ordem científica, como reflete o sociólogo português Santos (2000).

Coincidentemente, as reflexões desse sociólogo aproximam-se das angústias sobre o conhecimento científico de um conterrâneo seu, o poeta Fernando Pessoa, posto na epígrafe desta introdução. Dessas reflexões e angústias sobre a ciência, das quais também eu compartilho, é que resulta esta tese sobre as experiências vividas e narradas por ex-trabalhadores do Santander-Banespa.

Esta tese estrutura-se em cinco capítulos. Nos dois primeiros, descrevo as histórias de vida de Nilton, no Capítulo 1 “*A palestra de Nilton*”, e a de Maria, no Capítulo 2 “*As lembranças afetivas de Maria*”, através de uma sucessão cronológica de temas: a infância e a adolescência, o trabalho no Banespa e a família, as mudanças no banco e os seus desligamentos e,

por fim, suas vidas hoje depois do Banespa²². Estes capítulos são, antes de tudo, textualmente polifônicos, pois se trata de ordenar temas das histórias de vida de Nilton e de Maria a partir de suas vozes, tal como eles apresentam nas suas entrevistas, a fim de constituí-los como sujeitos distintos nas suas narrativas, uma trama - suas próprias vidas - de acontecimentos e enredos, tecida no contexto em que foi elaborada, qual seja, o processo de mudanças do Banespa.

No Capítulo 3, “*Narrativas, tempos, lugares e identidades*”, situo de que tempo e de que lugar Nilton e Maria contam suas narrativas, entrelaçando várias esferas de sua sociabilidade num itinerário entre o trabalho, a família e também a religião. Trata-se de um construir um percurso, através das narrativas, que conduz para temporalidades e espacialidades próprias em que os sujeitos constroem, historicamente, suas identidades pessoais e coletivas, sobretudo em referência à identidade sócio-profissional, a banespiana.

No Capítulo 4, “*As narrativas e as mudanças no Banespa: entre mortes e (re)nascimentos*”, analiso, especificamente, o processo de mudanças do Banespa a partir do modo pelo qual esse foi percebido pelos sujeitos nele envolvidos. Para Nilton e Maria, as mudanças ocorreram de forma abrupta e autoritária no contexto do que denomino de “*cultura do terror*” implementada pela nova gestão do Santander após a privatização, quando emergem representações de mortes e de (re)nascimentos.

No Capítulo 5, “*A experiência e a vida*”, construo uma narrativa teórica sobre a experiência, a aprendizagem e a intersubjetividade, tomando essas noções e suas implicações epistemológicas, que se podem deduzir das narrativas biográficas de Nilton e de Maria, para buscar o entendimento de que as narrativas são pedagogias da experiência no mundo do trabalho.

Finalmente, realizo algumas “*Considerações Finais*” sobre as especificidades do conhecimento que pôde aqui ser produzido nesta tese através das narrativas biográficas no contexto de mudanças do Banespa.

Ainda, junto, como anexos, as entrevistas transcritas de dois outros sujeitos, de Grozzi, “*Anexo I: Entrevistas com Grozzi*”, e de Rita, “*Anexo II: Entrevistas com Rita*”. Embora suas histórias de vidas não estejam aqui apresentadas em seus pormenores, elas aparecem nas similaridades dos temas e questões desenvolvidas nas narrativas de Nilton e de Maria, ainda que,

²² Essa estrutura do texto ao tomar os dois sujeitos como unidades distintas da tese inspira-se em Davis (1997), onde a historiadora analisa as biografias de três mulheres européias do século XVII, apresentando-as em capítulos separados com o intuito de não fragmentar a estrutura narrativa para o que pretende: construir distintas subjetividades naquele espaço e tempo.

como toda vida, elas guardam em si suas especificidades, pois se tratam de sujeitos distintos. Ressalto que, na medida em que julguei necessário, realizei referências pontuais, ao longo desta tese, remetendo a essas entrevistas. Contudo, deixo, através desses anexos, a possibilidade desses sujeitos, de Grozzi e de Rita, serem melhor (re)conhecidos através do próprio registro escrito de suas entrevistas, que constitui um testemunho das suas próprias vidas.

CAPÍTULO 1

A PALESTRA DE NILTON

Um nome próprio em narrativa

“[O nome] Do meu pai... É [cita o nome falando em voz baixa] Se eu identificar o nome do meu pai, eu me identifico também... Se eu identificar meu nome, eu me identifico também. É [diz seu nome] também, né? [Seu nome] Filho. O nome dele é [seu nome]. A questão do nome é o seguinte... A minha primeira irmã minha chama [cita o nome que inicia com a letra ‘n’].... A segunda chamava [cita outro nome também com inicial em ‘n’] e a terceira é [mais um nome com ‘n’ inicial]. E para preservar o ‘n’, eu seria Nilton. E meu pai chegou a registrar como Nilton. E no mesmo dia, minha mãe foi lá e fez mudar o registro para ‘[seu nome] Filho’.... E ocorreu... Eu cobreí dela isso aí! Pô, o filho já é feio, é ainda leva um nome horrível! [Risos] Nome do pai! Eu falei para ele: ‘Isso aí é falta de imaginação!’ Tanto que, quando eu fui pra ter o filho, ela falava assim: ‘Ah, mas tem [seu nome] Neto...’ Eu falei: ‘Não, mas de jeito nenhum!’ Eu tenho mais imaginação! ... Meu nome correto era para ser Nilton. O primeiro registro foi como Nilton. Foi lá refeito. Fez rasgar tudo, alterou para: ‘[seu nome] Filho.’”

Nilton poderia ser apenas um nome próprio. Mas a sua explicação acima sobre como foi dado seu nome em registro pelo seu pai, no momento em que acordamos a omissão de seu verdadeiro nome por razões de sigilo, mostra o quanto um “*nome próprio*” contém a interpretação daquele que o carrega ao longo de sua vida.

Isso mostra o que pretendi aqui quando me refiro a “*Nilton*”, esse nome próprio: trata-se de construir uma narrativa biográfica na qual o sujeito foi se constituindo em meio às interpretações de sua história de vida nas quatro longas sessões de entrevistas que tivemos entre março e abril de 2004.

Entrei em contato com Nilton através de uma indicação de uma amiga do mestrado da Faculdade Educação, que também trabalhou no Banespa, e que havia dito que ele saíra como gerente geral de uma das agências do Banespa, de Campinas, no PDV de 2001, seis meses após a privatização do banco. Na verdade, minha procura inicial foi por sua esposa que ainda é funcionária do banco, mas, em nosso primeiro contato telefônico, quando eu disse que

pretendia pesquisar pessoas que vivenciaram as mudanças decorridas da privatização do Banespa e ouvir suas histórias de vida, ele prontamente se disponibilizou para a pesquisa, como se quisesse ser escutado.

Nilton disse que sua saída foi traumática, pois houve um desligamento abrupto com o banco. Na ocasião, seus superiores da nova empresa, Santander-Banespa, haviam dito para ele: *“Você não serve para o banco! Você não serve para nada!”* Foi com essa imagem do aniquilamento declarado e na posição de um homem desempregado que eu cheguei a sua casa, uma confortável residência que é também seu atual espaço de trabalho e de estudos, localizada em um bairro de classe média de Campinas, onde mora com sua mulher e dois filhos, uma moça e um rapaz adolescentes.

A sua história de vida, Nilton inicia com a frase: *“Quando eu nasci, duas lágrimas rolaram, era eu, era eu criança”*. Imediatamente eu indaguei sobre sua mãe e Nilton fica, novamente, quarenta e seis anos depois, com os olhos marejados de lágrimas. Silencia-se. Depois rememora, e corporifica em emoção, a morte da mãe, lembrando quem ela foi:

“Nós perdemos ela [a mãe] em 95. Ela sempre trabalhou muito porque nós éramos em seis irmãos. A gente era muito pobre, muito simples e ela fazia bolo, ela fazia bala para fora, salgadinho para fora, até para poder manter o orçamento da casa, manter... Então, para que a gente ficasse... pelo menos nunca faltou arroz e feijão em casa. Muito por parte dela, por parte da educação dela. Quando eu me lembro dela, ela não encostava a mão em um filho pra bater. Tenho saudade de não ter a convivência dela hoje.”

A rememoração da morte da mãe associada ao seu nascimento, como início de uma narrativa biográfica, é relacionada a uma outra perda: a do emprego no Banespa, em que trabalhou durante vinte e três anos, entre 1978 a 2001:

“Você já perdeu algum ente querido ou não? Você já perdeu a mãe?... Minha mãe morreu em 95. É a mesma coisa. Em função da dedicação que eu tive com a empresa. Sabe? É a mesma coisa de você perder um ente querido, um ente próximo, que você quer agarrar e não tem aonde.[A sensação era] De morte mesmo! Falar: ‘Poxa, vida! Eu não acredito!’”

A morte da mãe é uma metáfora que representa o seu desligamento do Banespa, em que se confunde a família e a empresa. Sob o signo do evento da morte da empresa/mãe - marcado pela privatização e pela sua posterior perda do emprego - é que Nilton conta sobre sua vida.

Todavia, nossos encontros foram se construindo como uma negação dessa morte na medida em que Nilton ia se constituindo através de suas narrativas como sujeito a partir da interpretação de suas experiências: como filho, criança e adolescente, pai e marido, funcionário de carreira do Banespa, homem religioso, maçom, cidadão e hoje como estudante de Direito e desempregado.

Assim, dos nossos encontros, Nilton buscou, no ato de narrar sua história, uma forma de se constituir a si no momento em que sua vida é marcada pelo desligamento do banco e, como decorrência disso, pelo posterior sentimento de aniquilamento. Começamos por enredar em sua narrativa para compreender como Nilton constrói a si, como sujeito, a partir dos impactos das mudanças do Banespa para sua vida.

A infância e a adolescência

Nilton nasceu na cidade de Promissão, no interior de São Paulo, mas passou sua infância e adolescência em Ilha Solteira, quase divisa entre São Paulo e Mato Grosso. Nessa cidade, localiza-se uma usina hidrelétrica, na época pertencente a uma empresa estatal, a CESP - Companhia Energética do Estado de São Paulo, e a vida dos seus moradores, segundo Nilton, girava em torno dessa empresa.

Tendo se descolado para Campinas, em 1980, por causa do trabalho no banco e aí se estabelecido até os dias de hoje, as recordações que Nilton têm de Ilha Solteira e de sua infância e adolescência, é a de um tempo que remete a um interior longínquo, porém idílico. Suas lembranças constroem algumas oposições que emergem como contraponto ao seu tempo e espaço presentes: entre atraso e desenvolvimento, pobreza e riqueza, infância e vida adulta, solidariedade e individualismo. Todavia, essas oposições vêm sendo relativizadas em virtude da sua situação atual em que vivencia mudanças depois da saída do banco e que o conduz a avaliar mais positivamente aquele tempo.

O tempo da infância teria sido o tempo de brincar, próximo à natureza:

“Eu, uma coisa que hoje, eu, meus moleques [refere-se a seus filhos], às vezes, hoje, até senta no chão pra contar que eu ia pescar de bicicleta na Ilha Solteira. Lá era aventura você ir pescar. Da cidade no rio dá em torno de seis km. E a gente ia pescar de bicicleta mesmo. De amarrar uma vara no cano da bicicleta e descia pro rio. Tudo isso escondido da minha mãe.

Escondia até do pai. Porque... se falasse pra ele que ia pescar na beira do rio, não ia deixar... [O meu pai queria que fizesse] Não [risos] Qualquer coisa, menos na beira do rio. O meu pai não gosta de pescar... Se você levar o meu pai pra pescar hoje, ele dá um trabalho que você não acredita! ... Então, o que você fazia lá [em Ilha Solteira]? Pô, não tem coisa melhor que você sentar na beira do rio e pescar. É uma delícia! Jogar bola e pescar!”

Digo que teria sido tempo de brincar, mas não completamente. Quando se refere à infância, imediatamente vem a imagem do menino que tinha que trabalhar, ajudar os seus pais e irmãos a sobreviverem e talvez, por isso, brincasse escondido. Os pais de Nilton não tiveram formação escolar. O pai foi eletricitista da CESP e sua mãe foi a boleira e doceira da cidade. Ele é o quarto filho de uma família de seis irmãos, de quatro mulheres e dois homens. Desde cedo ajudava sua mãe a embalar balas, entregar bolos e cobrar os fregueses, e foi trabalhar fora aos onze anos:

“Mas, falar assim: ‘Você brincou?’ Assim, não, eu comecei a trabalhar cedo. Trabalhei, comecei a trabalhar com onze anos de idade. Eu me lembro até hoje..., eu não sei quanto que é no dinheiro é hoje, mas hoje corresponderia a quinze cruzeiros, R\$ 15,00 hoje. O salário de guardinha, Cr\$ 10,00 eu dava pra dentro da minha casa. Dava pra minha mãe. Dava na mão da minha mãe. Para quê? Para ajudar a comprar o feijão do mês lá. Cr\$ 15,00 em dinheiro de hoje era até muito, mas era irrisório na época. Mas eu já tinha a responsabilidade de dar Cr\$ 10,00, dez cruzeiros da época, já pra dentro de casa.”

Em seguida, Nilton trabalhou em um escritório de contabilidade da cidade como escriturário e, finalmente, ingressou na agência local do Banespa como contínuo-estagiário, aos dezoito anos.

Durante esse tempo, Nilton estudava à noite. Da escola pública que frequentou em Ilha Solteira, pouco se lembra, pois essa não foi significativa para sua vida já que o que aprendeu, os conhecimentos necessários para sua vida, foi através do trabalho. No colégio, cursou o técnico em eletro-técnica, que era uma preparação geralmente destinada aos meninos da cidade para trabalharem depois na CESP, empresa que abarcava parte da mão-de-obra local. Mas ele pouco aprendeu da profissão na escola técnica:

“Não sei trocar uma lâmpada! Eu aprendi, eu lembro que eu fiz o desenho de uma casa com todos os hologramas, que a gente chama, aqueles desenhinhos, aonde vai uma lâmpada, aonde vão as resistências, aonde vai o chuveiro, aonde tem uma máquina, aonde você

liga uma tomada, onde tem um fio de retorno de um interruptor, isso daí, eu lembro! Mas se você pedir para eu fazer hoje, isso eu não faço!”

O valor dado à aprendizagem pelo trabalho na sua infância e adolescência pela sua família, sobretudo pelo seu pai, era maior que o dado pela aprendizagem na escola. Por seu turno, o sistema escolar de seu tempo pouco teria feito para integrar conhecimentos ao que era exigido, por contingência, a uma criança e um adolescente que necessitava trabalhar. Nesse sentido, Nilton foi distanciando-se dos estudos em detrimento da aprendizagem no trabalho e, particularmente, da aprendizagem no Banespa, onde se qualificou profissionalmente. Nilton tentou mais tarde cursar a faculdade, já morando em Campinas, ao mesmo tempo em que trabalhava como caixa do Banespa movido pelo desejo de se formar em nível superior, mas o trabalho intenso no banco, naquela época, exigia-lhe grandes esforços o impossibilitou de prosseguir com seus estudos superiores.

Recentemente, aos quarenta e poucos anos, com as mudanças do banco e do mercado de trabalho seria-lhe cobrada a escolaridade superior, culpabilizando-o como um fracasso pessoal por sua não-escolaridade quando, na verdade, foram as instituições - escola e empresa - que não ofereceram, anteriormente, condições para agora incluí-lo na nova lógica do mercado.. A isso, Nilton responderá cursando, após o seu desligamento do Banespa, a faculdade de Direito. Invertendo o processo que fora abortado pelo mundo do trabalho e pela escola anterior, Nilton hoje está cursando uma faculdade, procurando integrar na vida adulta o conhecimento adquirido na faculdade com o já adquirido no trabalho para se inserir às novas exigências do mercado de trabalho, mas também, menos pragmaticamente, para realizar um desejo próprio de aprender.

Na infância e na adolescência, a figura do pai foi fundamental para que Nilton deixasse os estudos e se dedicasse ao trabalho. Diz ele:

“Meu pai achava que a gente tinha que trabalhar cedo. Meu pai, como ele veio de roça, ele pôs um sapato no pé, [quando] ele tinha onze anos de idade. Então, ele sempre foi de roça. ‘Estudar não tem futuro, você tem que trabalhar!’ Então eu tive que começar a trabalhar cedo... Talvez até, no início, de trabalhar com onze anos de idade, pode ter sido isso, começar a trabalhar cedo. ‘A filha vai estudar? Não, a filha tem que casar!’”. Então, a [sua irmã] mais velha, que é aposentada da Cesp, por exemplo, ela fez faculdade em Andradina, ela fez na marra! Por meu pai não teria feito faculdade. [O pai dava valor ao trabalho] Mais do que no

estudo. Ele nunca teve estudo, ele sempre trabalhou, então, ele achava que tinha que trabalhar, estudar não dava futuro pra ninguém.”

Essa herança paterna foi reproduzida na vida de Nilton ao que se pode aproximar a análise de Bourdieu (1998) que aponta para uma tensão entre a herança familiar e o destino do herdeiro:

“O pai é o lugar e o instrumento de um ‘projeto’(ou melhor, de um ‘conatus’) que, estando inscrito nas duas disposições herdadas, é transmitido inconscientemente, em e por sua maneira de ser, e também, explicitamente, por ações educativas orientadas para a perpetuação da linhagem (o que em certas tradições chama-se ‘a casa’). Herdar é transmitir essas disposições imanentes, perpetuar esse ‘conatus’, aceitar fazer-se instrumento dócil desse ‘projeto’ de reprodução. A herança bem-sucedida é um assassinato do pai consumado a partir de sua própria injunção, uma superação dele destinada a conservá-lo, manter seu ‘projeto’ de superação que, enquanto tal, está na ordem das sucessões. A identificação do filho com o desejo do pai como desejo de ser continuado faz o herdeiro sem história.” (Bourdieu, 1998:232)

A carreira no Banespa teria sido uma forma de Nilton reproduzir essa herança paterna. Todavia, após o desligamento, ele produz hoje sua própria história, revelando as contradições de sua herança, diferentemente da história que construiu no Banespa, pois essa teria levado à supressão dos desejos como, por exemplo, no tocante ao não prosseguimento dos estudos. Assim, sua lembrança expõe em vários momentos essa contradição, como é o caso da já comentada rejeição ao nome de seu pai que Nilton leva em seu nome próprio e quando revela ter ainda hoje uma relação tensa com o pai, ao contrário de quando fala da mãe:

“Isso daí [refere-se ao relacionamento com o pai] já é um relacionamento mais difícil... A vida fez com que a gente se separasse. A gente conversa, vamos assim dizer, o que é obrigação de filho. ‘Tá tudo bem?’ Ele responde ‘Tá tudo bem’. Desliga o telefone e pára por isso mesmo, então é um relacionamento muito difícil desde pequeno.”

Ao falar do tempo da infância e da adolescência, Nilton situa a si e a sua família no contexto social de Ilha Solteira. Provavelmente, quando menino, já percebia as diferenças da sociedade local, mas hoje elabora um gradiente de 1 a 6 para classificar as distintas posições sociais, da mais baixa para a mais alta, que indicavam modos de vida diferenciados:

“É, infelizmente, ou felizmente, não sei, acho que infelizmente, Ilha Solteira teve uma cultura [sic!] muito difícil de ser administrada pela divisão. Então lá, era por nível: era o nível 1, nível 2, nível 3, nível 4, nível 5, nível 6. Então, o 1 e o 2 era a peãozada. O 3 e o 4,

entrava no [Nilton], ali que não é pobre, mas não é rico. Fica ali no meio termo. E o 5 e 6, eram os engenheiro, os médicos, era político... A diferença de salário até, inclusive profissão. E o status, o próprio status dentro de uma Ilha Solteira. 'Onde você mora?' 'Ah, eu moro no Passeio tal'. Nível 6!.... E até o porte das casas adquiria o número mesmo. O nível 1 é casa de sala e quarto, era o considerado o nosso kitnet hoje. E o nível 3 e o 4, ali já era um pouquinho melhor. O 3 era meio ruinzinho, o 4 já era melhor. A casa que eu morei lá era nível 4. Tinha três quartos. Aí o 5 e o 6 era casa de, casa de rico!"

Todavia, essa posição de nível médio de sua infância e adolescência foi modificada nos últimos dois anos que ele viveu na cidade. Em 1978, o filho da boleira, como ele mesmo diz que era reconhecido na pequena cidade, passou a trabalhar como contínuo-estagiário na agência local do Banespa. O adolescente Nilton, embora começasse a gostar de trabalhar como escriturário, não pensava em seguir uma carreira. Ele não tinha uma perspectiva de futuro, a menos que pensasse no futuro com destino certo, como dos meninos da cidade, cuja opção, quase única, era trabalhar na usina hidroelétrica.

Embora, o seu primeiro emprego tivesse sido o de guardinha-mirim num banco da cidade, a empresa Banespa ele não conhecia. Contudo, o que Nilton conhecia desse banco decorria de uma rede de sociabilidade estabelecida com seus vizinhos, alguns funcionários do Banespa, os quais se situavam, no seu sistema de classificação social, no nível 5 de sua escala, mas que faziam parte de seu convívio familiar:

"[Conhecia funcionários do Banespa] Já, eram vizinhos. Na rua que eu morava, tinham dezesseis casas, oito eram do Banespa! Eles não saíam de casa. Os filhos dos funcionários do Banespa, minha mãe criou todos eles! Então, nós éramos em seis irmãos, e tinham mais dez, doze crianças em casa. Era normal, comia, bebia e dormia dentro de casa ... [Eram] Da carreira do banco. Já com os seus dez, doze anos de banco, já! Aí morava tudo vizinho, aí de casa."

É assim que, dessa família extensa, da circunvizinhança, apareceu um "pai", na figura de um funcionário que orientou o adolescente Nilton sem futuro e o colocou dentro do banco:

"Então, você sabe que, no princípio eu não queria ir... Não Eu falei: 'Não sei, eu não quero trabalhar no banco, não!'... [Estava] Esperando a vida passar. Talvez um trem passar lá e pegar a gente! Mas eu não queria entrar no banco e, literalmente, o [cita o nome],

foi lá em casa e falou: ‘Dona [cita o nome da mãe], cadê a carteira profissional dele?’ E a minha mãe deu a minha carteira profissional para ele, e ele falou: ‘Vem cá!’ E ele me levou para o banco! Aí, fiz um concurso lá, fiz um concurso interno, passei, fui pra São Paulo, tomei posse e entrei no banco.”

A sua entrada no banco foi percebida pelos moradores da cidade como uma ascensão profissional de Nilton, o que explica também a sua auto-representação de mudança social²³:

“Então, quer dizer, até algumas pessoas, geralmente falavam: ‘Está crescendo’ ‘Está ali se desenvolvendo’. Passou por um escritório ali, passou pelo outro melhorzinho, e veio para o banco.”

Em seis meses, Nilton prestou um concurso interno, na verdade, diz ele, “*uma promoção interna*”, e assumiu o cargo de escriturário. Na pequena agência de trinta funcionários, Nilton tinha uma rede de sociabilidade que ultrapassava o espaço da empresa, entre o trabalho e o lazer, constituindo-se em laços de amizade. Além do futebol, lembra “*da peixada, do truco, do baralho*” entre os funcionários/amigos e lamenta a perda dessas redes no banco de hoje: “*Hoje falta, nesse banco de hoje, porque aí é uma outra história, uma outra cultura.*”.

Mas diz que o trabalho era intenso e que nunca trabalhou somente as seis horas estabelecidas no seu contrato, pois sempre estendia-se no horário. Fala também do atraso tecnológico dos procedimentos daquela época comparado aos dias atuais:

“... Mas na época toda a escrituração era feita à mão. A conta-caixa era feita a lápis. A conta-caixa mesmo: descontou um cheque lá, você vai lançar aqui. Aí você vai apurar... O Fundo de Garantia, você primeiro lança tudo a lápis para depois lançar à máquina. Então, o cheque chegava, você tinha que somar. Hoje não, você faz um pacote e manda, o sistema faz tudo. Então modernizou muito.”

Em 1979, sua família mudou-se para Campinas e ele, depois de oito meses, acompanhou-a. Nesses meses, longe da família, morou em uma república, lembrando que esse foi um período em que agregou o lazer ao trabalho, contando de uma forma prazerosa, como raras vezes o faz ao longo de sua narrativa:

²³ A agência do Banespa tinha um papel fundamental em Ilha Solteira, pois, como banco estatal, todos os funcionários da CESP, funcionários do Estado, recebiam seus pagamentos pelo Banespa.

“Aí, nós montamos uma república com um rapaz, que era amigo meu lá! Foi bom rapaz! A gente tocava violão, moda de viola. Era assim, era esquematizado lá: das seis às oito era futebol, das oito às dez era truco, e das dez até apagar a luz era moda de viola. E de manhã, tinha que ir pro banco, sete horas da manhã, eu tava no banco. Eu trabalhava das sete a uma. Trabalhava assim da sete a uma, só que à tarde, eu tava lá no banco outra vez. Então, eu vinha pra casa, almoçava e voltava. E aí depois, chegava à tarde, o mesmo esquema: das seis às oito, futebol de salão, das oito às dez, truco, fiz oito meses isso aí!”

Mas, como Nilton mesmo diz sobre aqueles tempos do banco e de Ilha Solteira era *“uma outra cultura e outra história”*. Porque sua vida na cidade, sua infância e adolescência foram deixadas para trás. Tinha acabado o curso técnico e não tinha perspectivas de fazer faculdade na localidade, sua mãe, já morando em Campinas, adoeceu, e havia os seus irmãos pequenos para cuidar. Nilton conseguiu transferência para a agência central de Campinas. Na época, não avaliou ao certo o significado disso para sua carreira no banco. Ao mudar-se para Campinas, Nilton fazia o seu ritual de passagem, e constituiria uma outra história como parte de sua vida adulta.

O Banespa e a família

“O Banco me deu tudo: patrimônio, esposa e filhos”. Essa poderia ser uma frase de impacto, as que Nilton gosta de pronunciar em suas narrativas, como falarei mais tarde, tal como um palestrante. Mas ela é muito significativa para pensar o momento em que Nilton constituiu sua própria família, como marido e pai, ao mesmo tempo em que construiu sua carreira no Banespa.

A primeira pista que me ofereceu sobre esse momento foi quando me mostrou, na minha primeira visita a sua casa, um álbum de fotografias. Nilton, muito organizado, colocou as fotos de seu casamento, de seus filhos, alternadas a outras em que estava sentado à sua mesa de trabalho e em situações com os amigos do banco. Na reconstrução iconográfica de sua vida, Nilton não separa família e trabalho. É que essas duas esferas estariam entrelaçadas nas suas experiências de vida.

Nilton constituiu sua própria família em Campinas assim como a ascensão de sua carreira no banco foi construída a partir dessa cidade. Para o jovem que saíra da pequena Ilha Solteira, em seu ritual de passagem, Campinas e a agência local do Banespa, localizada em um grande prédio no centro da cidade, com seus trezentos funcionários distribuídos nos vários andares dos distintos departamentos, pareciam um mundo novo, particularmente, uma outra empresa, e o impacto dos primeiros tempos foi muito grande:

“[O banco era] Ah, muito diferente. Aí é muito mais estruturado do que lá ... Uma outra vida, um outro mundo, uma outra estrutura. Fiquei maravilhado quando vi. Agora estou no céu! Estou no Paraíso!”

O oferecimento, na localidade, de uma gama de cursos superiores despertou novamente no jovem Nilton o seu desejo de seguir os estudos superiores. Ele decidiu prestar vestibular para engenharia civil, mas passou como segunda opção em matemática e começou a frequentar esse curso em uma faculdade particular de uma cidade da região, em Itatiba. Mas Nilton era bancário, e os serviços nos bancos, àquela época em que começava um ciclo de inflação alta no país, estavam se expandindo, e por isso ele foi logo promovido à caixa-executivo, ganhando comissão extra. Não podendo conciliar o trabalho e os estudos, ele interrompe o projeto de fazer faculdade, que retoma mais de vinte anos depois, quando sai do banco. Aquele momento era o de construir sua vida através do trabalho, seguindo os desígnios de sua herança paterna.

Nilton conheceu sua mulher dentro da agência do Banespa. Formou-se um casal, que, diz Nilton, era comum no Banespa já que no concurso de 1978 passou uma enorme quantidade de homens e mulheres na faixa entre vinte e pouco anos, e, por causa do convívio, e não apenas no trabalho, muitos casamentos foram realizados entre os funcionários do banco. Todavia, Nilton e sua mulher esconderam dos seus colegas de trabalho o namoro nos primeiros tempos. Um dia, porém, são descobertos:

“Até que quem achou a gente na rua foi um gerente administrativo da agência. E um cara duro. Um pai de família sério. E ele viu nós dois na rua, de mão dada, a hora que eu entrei na agência, ele me chamou do lado lá - só me chamou a mim, não chamou a ela: ‘O que você está fazendo?’ Como pai, mesmo! Ele veio dar bronca comigo como pai. Eu falei: ‘Não, nós estamos namorando, e nós vamos casar! Isso daí, já tinha passado algum tempo que tava rolando e tal. Mas ele chegou junto mesmo, ele quis saber, mas, assim, em segurança a ela.

Vamos dizer assim: o relacionamento entre homem e mulher, a parte inferior sempre é a mulher. Ele era meu chefe! [E] Chefe dela. O gerente administrativo que a gente chama. O cara que comanda a parte administrativa de uma agência. [Ele tinha preocupação]Moral, de pai de família mesmo! Não, eu falei: ‘Não, pode ficar sossegado! O senhor não me conhece, mas eu também sou gente de família! Pode ficar sossegado, não estou passando um tempo, não!’... ‘Nós estamos namorando e nós vamos casar, mesmo!’”

Como um chefe pode interferir, como um pai, moralmente, em uma relação íntima de um casal, mesmo considerando que os namorados fossem colegas de trabalho? Esse fato é significativo conforme Nilton demonstra na sua narrativa: como na sua vida o espaço do trabalho está interligado ao da família e como o espaço da família está no trabalho.

Isso tudo se associava a uma forma particular de agregar o coletivo de funcionários do Banespa que formavam não apenas uma categoria de bancários ou mesmo de bancários de um banco público: eles faziam parte de uma família extensa, a família banespiana. Assim Nilton refere-se:

“O Banespa tinha uma cultura da família. Então, se você trabalhasse do lado de quem que seja ali, aquilo ali já faz parte da família. Saia junto, brigava junto, apanhava junto! Tomava cerveja junto, andava junto, ia jogar bola junto! E trabalhava junto! De certa forma é, você até... é ruim porque você até se limita ao teu ciclo (sic!). E teu círculo é muito fechado, é aquilo ali, ó! Nós não tínhamos gente diferente e nós não pertencíamos a grupo diferente. Era um grupo fechado.”

Na verdade, essa família era uma corporação tal como Nilton define o espírito da empresa que ele hoje enxerga como comum a outras empresas do setor público em um tempo que já acabou:

“Mas era corporativismo. Toda a empresa era assim! O Banco do Brasil, quantas AABB [Associação Atlética Banco do Brasil] tem aí? Quantos clubes do Banco do Brasil têm? Hoje você já pode ver que já não tem mais. Porque eles não conseguem mais manter o ritmo. Abriu uma agência lá, já não tem o clube do banco. Então, é um corporativismo dentro da própria equipe.”

O valor que agregava à família banespiana era o da união e a relação entre seus membros era como se fossem entre irmãos. A hierarquia funcional dentro do banco era definida,

sobretudo, pelo critério de paternidade. Os chefes eram como pais e irmãos mais velhos que lidavam com os mais novos como se fossem filhos, e o próprio Nilton assim o foi como gerente:

“Eu como gerente, recebendo um escriturário, escriturário é um moleque novo. Se eu vou estar recebendo um moleque novo, eu vou tratar ele como eu trataria meu filho. Então, por isso do corporativismo, por isso do paternalismo. E essa cultura vem de muitos anos. E aí, o que acontecia? Quem era novo que ficava um cargo mais importante, que recebia um escriturário, então o sentimento é o mesmo.”

Portanto, o corporativismo era simbolizado não como uma atitude profissional, mas como uma tradução das relações familiares na empresa, da família banespiana, justificado pela solidariedade que existia entre seus membros. Criava-se, no contexto de trabalho, uma distinção, uma identidade com a empresa baseada em sentimentos que se confundiam com os que se têm nas famílias:

“Depois que eu entrei, a partir do momento que você passa a se identificar com a situação, você cria um certo relacionamento, você cria um certo amor, um certo carinho com aquele relacionamento, então você vive em função daquilo. Você se fecha dentro de um casulo.”

A família banespiana era perpetuada através de gerações, que ligavam o passado e o futuro de seus membros, através da estabilidade no emprego. Essa garantia consentida dava uma certa previsibilidade na trajetória profissional, que se iniciava com o ingresso no banco até a esperada aposentadoria nessa mesma empresa. Tal como os demais membros da família banespiana teriam feito, Nilton planejou sua vida vinculando-a ao Banespa, submetendo outros projetos ao mundo e à lógica do trabalho. Assim compara hoje, metaforicamente, a sua vida na empresa à fidelidade de uma torcida de futebol, um esporte que gosta muito:

“Você vive, vamos dizer assim, você vive o momento. Você joga no Corinthians, é o melhor time do mundo, se você vai pro Santos, você beija o símbolo do Santos. E aí, amanhã, você joga no Cruzeiro! ‘Ô, esse time era o que eu tava precisando!’ Então, a gente vive muito a questão do momento. No momento do Banespa, antes da privatização, que era uma empresa [frisa] Então, ali naquela empresa, se você está dentro de uma empresa que tinha aquele histórico, que tinha aquele passado, você tinha aquela vida de futuro, você tinha que projetar aquilo ali.”

A referência à privatização, quando fala na estabilidade, é muito importante. O olhar que Nilton tem da família banespiana é reorientado pelas suas experiências recentes com as

mudanças da empresa e com seu desligamento, tanto que pode hoje perceber melhor o que diferenciava os banespianos dos demais bancários, dos bancos privados:

“Não, então, aí é a questão do círculo, não tinha muito contato [com os bancários dos bancos privados]. O que eu tive contato com uma irmã minha que trabalhou no Bradesco. Tinha diferença. A visão que dela, que ela tinha do Bradesco, é a visão que nós temos hoje com o Santander! E eu já tinha lá trás... [A diferença era] Por ser um banco privado e não ter a garantia do emprego. É o que hoje acontece no Banespa. O Banespa, sexta-feira de Carnaval, mandou seiscentos funcionários embora. Então, manda embora qualquer hora. O Bradesco sempre foi assim, o Itaú sempre foi assim.”

Olhando pela ótica de sua experiência recente, pode-se compreender porque naquela época Nilton entende que vivera um sonho do qual foi despertado para a realidade abruptamente quando do seu desligamento. Seja como for, era um sonho ancorado em uma coletividade - a família banespiana - identificada com a empresa no qual Nilton e seus irmãos do Banespa depositavam grande parte de seus projetos de vida. Pode-se dizer que essa empresa - metaforicamente, a mãe - imperava sobre os desejos individuais. O corporativismo, o paternalismo, a irmandade, a união, a solidariedade e o amor, em que se mesclam sentimentos e valores entre a empresa e a família seriam, contudo, parte do passado - mesmo porque Nilton não faz mais parte da família - apresentado, às vezes, como idealizado em comparação com o presente.

Trabalhando nessa empresa é que Nilton constituiu sua família nuclear. Nilton era caixa e sua mulher, escriturária. Casou-se em 1982 com uma grande despedida de solteiro em um apartamento de um colega do banco. No início, diz que a vida do casal não foi tão fácil. Ainda namorando, compraram juntos o seu primeiro carro e, recém-casados, foram morar em um “*apartamentinho*”. Não viajavam muito longe nas férias, exceto na colônia de férias do Banespa, no Guarujá. A primeira vez que Nilton cruzou São Paulo, dirigindo um carro em direção ao Guarujá, foi em 1982 e, dois anos depois, ele e esposa fizeram uma excursão para Fortaleza, lembrando que foi a “*primeira vez que sentei em um avião*”. Por isso mesmo planejaram, financeiramente, o momento em que teriam o seu primeiro filho. Em 1985, nasceu sua filha primogênita, segundo ele quando foi “*promovido*” a pai.

Nilton relaciona a experiência de ser marido e pai ao seu trabalho no banco nesse período antepondo essa experiência à forma como foi ascendendo em sua carreira. Os dois

espaços, o da família e o do trabalho, apresentam-se de forma dicotômica na sua vida nesse período. O Banespa e a “*família banespiana*”, o Nilton banespiano, enfim, ficavam quase sempre em primeiro plano em relação ao Nilton marido e pai, ainda que assim o fizesse para melhor prover, responsavelmente, o sustento de seus filhos. As relações de gênero – diferenciadas – na família contribuíram para isso, pois, ante o Nilton marido e pai, estava uma mulher/mãe que, ao contrário dele, não ascendeu à carreira no banco, dedicando-se à família. Assim ele se posiciona quando indagado sobre as escolhas, a sua, de seguir a carreira no banco, e a de sua mulher de cuidar da família:

“É... Isso foi conversado. Até as crianças terem dois, três anos, aí chega uma época que até financeiramente a gente precisa melhorar de vida, precisamos... Daqui a pouco eu tenho mais despesa, daqui a pouco eu tenho uma faculdade de criança pra pagar! Então, eu preciso, o único jeito de ter mais dinheiro é seguindo carreira no banco. Então, foi conversado: ‘Quer seguir também a carreira [teria perguntado a esposa á época]?’ Falou: ‘Não, eu não quero porque eu não tenho capacidade para gerenciar uma equipe!’ ‘Então, eu quero! Você administra a casa’. ‘Tá, bom...’. ‘Tá bom!’ Então, nesse sentido na minha casa nunca teve discussão.”

Nesse período, acumulou dois empregos, trabalhando depois do expediente do Banespa como digitador no Centro de Processamento do Banco do Brasil. No entanto, quando teve oportunidade, prestou concurso interno para supervisor já sabendo que teria que, necessariamente, deslocar-se de Campinas para uma outra cidade e permanecer fora por algum tempo para depois ter possibilidade de retornar à cidade, o que implicaria em um afastamento da família. Como solução paliativa, Nilton optou por ingressar na agência Patriarca, em São Paulo, e viajar todos os dias entre Campinas e a capital.

Tal solução afastou Nilton ainda mais do convívio com sua mulher e, principalmente, com os filhos pequenos, e conta como isso foi traumático para a família:

“Então, em São Paulo, eu saía da casa cedo e chegava à noite. Eu saía, a menina tava dormindo, e eu chegava, ela tava dormindo porque já era nove, nove e trinta da noite... Até teve um dia que eu cheguei em casa e chamei ela pra conversar, e ela já tava dormindo já. No esforço dela ficar acordada, chegou até a fazer xixi na calça. Ela já tava dormindo já! Então, aí, é traumatizante isso aí. Fica você nervoso lá de trás... Por que você fica nervoso? Porque você vê a situação porque eu poderia ter sido aproveitado dentro do Campinas

e não me descolado pra São Paulo. No entanto, para não perder a oportunidade pra trazer o tal de recurso a mais pra casa, eu me sujeitei a ir pra São Paulo. Mas você diz assim: Você não vai para São Paulo?’ Hoje o momento é outro! A situação é outra..”

Nilton avalia hoje com mais distanciamento esse período entendendo-o como um tempo de sujeição de seu projeto de vida ao banco. Essa foi uma época de trabalho intenso e traumas familiares, da dissociação entre o trabalho e a família. Poderia ele ter feito de outra forma? Talvez não, mas o trabalho intensivo de muitos anos e o seu desligamento da família resultaram-lhe, à época, uma doença profissional grave, associada à automação bancária: uma tenossinovite, uma inflamação nos tendões. Em decorrência disso, perdeu o sentido do rumo das escolhas que estava tomando até então e retornou transferido para Campinas em 1990. Para sua família, Nilton, ausente durante um bom período, era um estranho no espaço doméstico:

“Você sabe o que acontece? Porque quando você sai pra trabalhar fora num período muito grande que você não tem esse convívio doméstico, você é estranho dentro de casa. Quando eu voltei, passei a ver, vivenciar mais dentro de casa. Comecei ver alguns processos, na minha opinião, considerados errados. A minha esposa falou assim: ‘Espera! Você é um estranho aqui! Você está chegando agora’ Nós estamos convivendo assim!.. Porque assim, criança, porque criança, em seis meses, ela muda de figura, se ela engatinhava, ela vai está andando, se ela está andando, aí, ó, ela está derrubando o pouco que tem dentro de casa! ‘Não, não pode fazer isso!’ ‘Não, não, ela pode! Você chegou agora!’”

Com a crise familiar e a doença, Nilton buscou encontrar um novo sentido, (re)ligar os rumos de sua vida através do espiritismo. Ele teve formação católica em Ilha Solteira e busca a lembrança de algumas palestras que ouviu dos padres católicos daquela época, já que essa foi a religião que herdou de sua família. A sua formação católica agregou o espiritismo a que atribui a cura de sua doença:

“É....a religião... a gente demoraria muito pra conversar porque fui batizado na Igreja Católica, mas eu tive uma passagem muito importante no espiritismo. Então, eu demoraria pra contar... porque participei de grupos de cirurgia... Cirurgia espírita. Depois de casado. Mas aí foi em função de uma doença que eu peguei dentro do banco. Eu peguei tenossinovite, inflamação nos tendões, peguei dos dois lados, e eu passei por um época que eu não tinha força suficiente pra pentear o cabelo. Não abotoava um botão da camisa, não tinha força pra isso! E a medicina normal não cura essa doença... Crônica. Caso de aposentadoria

por invalidez. E eu fiz uma cirurgia espiritual, e a partir daí, eu comecei a recuperar os movimentos dos braços, depois eu fiz acupuntura, eu fiz massagem, o movimento do braço é normal hoje. Em função disso, numa época, eu frequentei o espiritismo, inclusive participei muito, fazia cirurgia, participava de cirurgia, e fazia a própria cirurgia.”

O espiritismo modificou a forma como Nilton percebia o trabalho e a família, ajudando-o também a reorientar as relações familiares, embora mantivesse intacto o valor que dava ao trabalho e a sua intenção de prosseguir na carreira do Banespa:

“Ali, ele [o espiritismo] te dá uma mudança no conceito de vida. Você pode olhar a vida de uma outra maneira. Com relação à questão do trabalho, não. Se você bate enxada, bate enxada é igual a todo o jeito. O que você pode fazer é não está preocupado com o fato de você bater enxada mais forte ou mais fraco. Não, vai sossegado! Você continua trabalhando... Mudei a questão de cabeça. Porque eu era extremamente nervoso. Se você perguntasse, mas por que você era nervoso? Não vou te achar explicação. Eu era extremamente nervoso. E... aí sim, com o espiritismo, equilibrou um pouco. Porque se passava uma época difícil. Era muito plano econômico em cima de plano econômico, e estrutura que mudava dentro do banco, informática que não funcionava.[Mudei a forma como] Executava o trabalho. Isso. Aí, de uma maneira mais serena, de uma maneira mais calma. Devia ter uns cinco anos, seis anos [de casamento]. Você sabe que em todo casamento tem a crise do sete anos! Então, essa época estava bem ruim, mas passou...”

Nesse contexto, a experiência de ser pai foi se configurando para Nilton a partir do legado de seus valores familiares e, especialmente, a herança paterna que foi reproduzida quando iniciou a educação de seus filhos, quando assumiu uma posição autoritária tal como seu pai. No entanto, contrariamente a seu pai, foi atenuando essa posição:

“[Teve uma educação] Mais autoritária. Eu trouxe esse autoritarismo, no começo de vida, eu trouxe isso para dentro de casa. Disciplina, de rigor. [A sua mulher] Não, [ela] já tinha uma formação diferente. Nesse sentido até ela que me ajudou. Questão de conduta: ‘Pode fazer, não pode fazer, é assim, não é assim...’ [Era] Rigorosíssimo! Disciplinador mesmo. Mas é bom,, a gente amadurece. Meu pai morreu com esse conceito. E a vida, na realidade, é isso: é um constante mudar de posição!”

Nesse sentido foi dando valor à escolaridade de seus filhos:

“Mas em contrapartida [ao pai] dei muito valor a questão de trabalho e de estudo, tanto que meus dois filhos hoje só estudam o dia inteiro, os dois. Não trabalham, não fazem nada, o menino tem dezessete, a menina tem dezenove. [Fez uma revisão] De conceitos lá de trás. O trabalho é importante! Lógico que é importante! Mas e o estudo? É muito mais importante ainda!”

A mudança de posicionamento pode ser explicada porque, ao mesmo tempo em que Nilton convivia com valores de sua mulher, convivia com os valores de sua família extensa, a banespiana, que reposicionavam o seu modo de pensar sobre sua experiência de ser pai. As metáforas familiares, as quais ele se refere para demarcar as relações profissionais no Banespa, podem traduzir valores que transitavam em uma zona muito tênue, entre a esfera do trabalho e a da família. Nilton teve como modelos alguns de seus chefes, hierarquicamente superiores, que não constituíram somente modelos de relações profissionais no trabalho, mas também foram modelos de pai que ele reproduzia no seu espaço familiar, afastando de seu modelo anterior, o do pai biológico:

“[Seus colegas influenciaram na sua conduta] Profissional, sim. Com certeza! No pessoal, aí, a vida ensina a gente. Aí, é uma coisa [sobre se seus chefes eram seus modelos] que eu sempre falei: você puxa o que é bom! Ver o que a pessoa faz, o que é bom? Traz. O que é ruim? Não fala pra ninguém! Você deixa quieto. Mas você vai buscando. [Modelo] De formação, de conduta. O que ele faz? O que ele resgata? O que ele faz na casa dele, que dá resultado positivo? Então, muito eu aprendi dentro da minha casa, hoje.”

Assim, lembra especialmente de um chefe que foi ao mesmo tempo seu modelo de profissional e de pai:

“É... eu tive alguns amigos, até na época, aqui na Av. das Amoreiras, quando inaugurou uma agência aqui, eu cheguei para um chefe meu e falei assim: ‘Eu vou para lá! Porque lá eu vou ficar escondido e ninguém vai me ver!’ E ele falou: ‘Não, para lá, você não vai!’ E realmente, ele não deixou porque senão, eu ia ficar escondido. ‘Se vai seguir carreira! Você não vai pra lá!’ Então, é uma pessoa, na época, ele tinha três filhos, três filhos pequenos e, em algumas oportunidades, eu estive junto com ele, junto com a esposa dele. Hoje ele é aposentado, eu convivo com ele. E a história é... realmente, é irmão mais velho! Até hoje. Tanto da minha conduta, minha para ele, como ele comigo! Não precisa um falar para o outro, mas você percebe que a conduta de um com o outro é desse jeito. Aí, se eu tenho quarenta e tanto, ele

deve ter cinquenta e tanto. Então, ele foi um dos modelos de conduta, de vivência, de estar falando com o filho, ele tinha três moleques, tudo mais ou menos na mesma faixa. Os moleques dele eram terríveis! E você precisa ver hoje os moleque como é que são! Três moços bonitos, educados, formados os três, aí. E vai lá no clube com a gente, de vez em quando ele senta lá, fica lá conversando.[Era um modelo] De profissional, e de pai. Ou de pai e de profissional. ”

Essa lembrança de Nilton é exemplar para a compreensão das relações entre o Banespa e a família: se as relações familiares mediavam o trabalho, as relações de trabalho mediavam a família. Aparentemente apresentados por Nilton como dicotômicos na trajetória de sua vida, o Banespa e a família, contudo, se entrecruzam constituindo experiências que não se situam, demarcadamente, em um espaço ou em outro, mas que estão em uma zona móvel entre o Banespa e a família. Nesse sentido, quando fala de sua experiência no banco, Nilton pode estar referindo-se a sua experiência na família, assim como, quando fala desta última, essa era mediada pelo o que vivenciava no Banespa, considerando-se ainda o fato de trabalhar em uma empresa na qual os funcionários se representavam como uma família, a banespiana.

Este trecho de nossa conversa é significativo para elucidar as experiências entrecruzadas entre o Banespa e a família:

“-Ouvindo você falando o Banespa, não o banco, mas as pessoas foram importantes para você, algumas...”[pergunto]

- Na promoção!

- [Uma pessoa que] Modelou, te orientou...

- Mostrou o norte lá atrás.

- Para algumas condutas.

- Na época em que eu entrei no banco, mostraram o norte, e falaram: ‘Pode seguir aqui, que é o caminho’.

- Mas não é só um caminho profissional.

- Não, não, é o caminho da vida. É o caminho profissional, o caminho da casa.”

Em uma zona que Nilton se move entre o Banespa e a família está, portanto, a sua própria trajetória da vida, assim como estariam a vida de seus outros irmãos banespianos. Como se verá, esse projeto de vida, ao ser interrompido pelo desligamento do Santander-Banespa, não apenas foi percebido como um rompimento com o banco, mas também como um rompimento com a própria vida.

Deslocamentos

Em 1992, Nilton assumiu o cargo de gerente-adjunto da agência do Banespa da cidade de Cajamar, na grande São Paulo, promovido por concurso interno. Nesse cargo, Nilton foi depois transferido para Vinhedo (SP) e, em seguida, passou rapidamente por Campinas e assumiu por indicação o cargo de gerente-geral de agência em Itupeva (SP), o mesmo que ocupou depois em Serra Negra (SP) e, novamente, em uma agência de Campinas de 2000 até 2001, quando se desligou do banco. Nesse período de deslocamentos, de cargos, de agências e de cidades, Nilton atribuía-se (e era atribuído pelos outros) de uma outra posição profissional e social. Esses deslocamentos foram significativos para ampliar sua visão sobre o Banespa e sobre as relações desse banco com a sociedade.

O cargo de gerência diferenciou-o não apenas na hierarquia profissional, mas também dentro da própria família banespiana, já que os gerentes hierarquicamente formavam entre si uma espécie de clã, na época em sua maioria composto por homens. Essa posição diferenciada não se configurava apenas na empresa, mas era atribuída também por segmentos das sociedades locais, principalmente das cidades pequenas onde Nilton ocupou nesse cargo, pois o “*gerente do Banespa*”, segundo ele, tinha uma posição similar ao de outras autoridades das cidades, do delegado, juiz e do prefeito, o que permitia o trânsito com a comunidade local:

“Aí, aí é a questão do status. Por exemplo, Serra Negra, eu ganhava convite para todas atividades sociais da cidade, então, o prefeito [frisa] que convidava, fazia questão do prefeito está mandando para o gerente do Banespa. Cajamar! Cajamar, tem um estádio pra rodeio para 30.000 pessoas. Toda festa de rodeio que tinha em Cajamar, eu colocava um trailer do Banespa em um ponto estratégico do rodeio. Além da arena, tem um círculo. O círculo é onde você vai fazer os lanche, onde tem um quiosque pra música, e eu colocava um trailer lá..”

O relacionamento mais estreito do gerente com vários segmentos da sociedade colocava Nilton como representante da própria empresa, do Banespa, nas cidades pelas quais passou. Ele foi assim percebendo melhor qual era o sentido de trabalhar em um banco público diferentemente de um banco privado. A idéia de “*bem público*” tornou-se significativa para ele nesse momento e contribuiu para conduzir suas ações como um gerente, mas também como cidadão. Nesse sentido, o gerente tinha um papel social na comunidade: desde abertura de financiamentos a juros menores para setores secundários da economia, como a agricultura, o que

geraria empregos e desenvolvimento local, até a sua participação em trabalhos voluntários e filantrópicos em hospitais e escolas públicas:

“A dedicação foi igual em todo lugar. Tanto Cajamar, Itupeva. Em Itupeva, eu fiz um trabalho na rua, de arrecadar tinta, nós pintamos uma escola que estava realmente abandonada. Em Serra Negra nós demos um caminhão de móveis pra prefeitura pra distribuir pra escola, uma reforma que nós fizemos nas agências da região. Então, tava sobrando mesa, cadeira”.

Como gerente de um banco público, principalmente de cidades pequenas, Nilton teve trânsito com a esfera política local e pôde, inclusive, elaborar projetos para a municipalidade como, por exemplo, sua proposta de compostagem de lixo:

“Tanto que eu tinha um projeto... eu tava estudando... porque tinha um financiamento que você faz a fundo perdido, você faz... dependendo do financiamento você pode obter recurso, ir atrás, saber como é que faz. E eu tava em Itupeva, e cheguei pra um possível candidato para a próxima eleição, e eu falei: ‘Eu vou trazer uma usina de compostagem de lixo’ E é um recurso a fundo perdido, que a prefeitura pode pagar ou não o financiamento. É lógico, que se você fizer uma usina de financiamento, você pode até pagar com o próprio beneficiamento, isso é um empréstimo! Que não seja caloteiro, oportunista. Depois eu fui transferido pra Serra Negra. Então, antes de fazer a eleição, eu fui pra Serra Negra. O mesmo projeto, eu levei pra Serra Negra. Eu falei: ‘Prefeito, se eu estiver aqui, na época da eleição, e se o senhor for candidato e vencer a eleição, esse projeto eu vou trazer para Serra Negra.’ Antes da eleição, eu fui transferido e o prefeito perdeu!”

A experiência de ser gerente de um banco público foi permitindo a Nilton construir um sentido próprio para o seu trabalho articulado a uma noção e ao exercício da cidadania que, se ele ressalta que não era comum a todos os gerentes do Banespa, era quase improvável de se encontrar entre gerentes de bancos privados assim como no Banespa de hoje. Com essa experiência, constituiu a idéia de trabalhar em um banco social e não um banco de mercado:

“O banco social é isso aí! É você pegar... realmente... o que diz, não é regra do Banespa, não, é regra do Banco Central! Eu não saberia te dizer quanto que é, mas sei que é pouquinho. É menos de 2%, deve ser 1,75, a soma de depósito do banco. O depósito é uma fábula do banco! 2%, é um recurso grande que dá pra isso aí! É lógico que não vai pegar um

financiamento e vai dar R\$ 500 mil, faz dez financiamentos de cinquenta mil, você atende dez agricultores!”

Assim define o sentido que norteava sua atuação como gerente do Banespa, uma empresa pública, diferentemente da lógica do mercado:

“O bem público tem que ser superior ao bem privado. E eu seria ali o instrumento de fomento dessa atividade [promover o bem público]. ”

Nesse período, a sua visão de sociedade mediada pela sua atuação como gerente do Banespa foi moldada também pela entrada de Nilton na maçonaria, por volta de 1997. Ao ascender na carreira, ele não somente participava do clã de gerentes da família banespiana, mas também passava a pertencer, concomitantemente, a um outro clã, ao dos maçons.

Nilton foi indicado por um outro gerente aposentado do Banespa a entrar na maçonaria, segundo ele, por seus méritos e por atividades de benemerência, em que já atuava na comunidade quando era gerente do banco. Até então, não havia percebido essa rede de maçons que existia dentro do banco:

“Eu nunca tinha pensado para o lado da maçonaria, eu nunca tinha me envolvido com isso daí! Tanto que, quando, eu cheguei em Cajamar, o gerente geral da agência de Cajamar era maçom, e eu não me liguei ao fato, não liguei uma coisa com outra.”

Assim explica as relações entre a maçonaria e o Banespa, que, pelo que indica, formavam uma rede de influências no banco:

“Vamos dizer que: ‘Voto em um concurso interno no banco’. Tem dois funcionários prestando concurso, dois excelentes profissionais, os dois tiraram dez em tudo, os dois são assíduos, mas eu preciso de um diferencial dos dois: um é maçom e o outro não! Matou! Era o maçom que era o escolhido! Desde que na banca tivesse algum maçom. Que não fosse composto só por mulher. ”

Segundo ele, ser maçom foi importante em alguns momentos de sua ascensão na carreira:

“Eu fui promovido a gerente geral pela maçonaria! Pela maçonaria! Quando eu fui pra Itupeva, que eu tava na Unicamp aqui como gerente-adjunto, que a gente chama, cargo inferior, eu fui pra gerente geral pela maçonaria! E fui pra Itupeva”.

Se pertencer à maçonaria era um diferencial positivo para a ascensão da carreira no banco também permitia uma maior inserção em segmentos da sociedade local,

propriamente entre os que também eram maçons, muitos deles também clientes do Banespa, o que facilitava o trabalho de Nilton como gerente:

“[O cliente ser maçom] Te ajuda porque, você passa a conhecer quem frequenta porque para frequentar a maçonaria, foi escolhido, então, já é um diferencial. Já é diferente. Teoricamente... tem gente ruim, tem gente ruim!... Mas ele já está estruturado? Já está estruturado. Então, até para você fazer uma análise de crédito, você pode levar em consideração. Você não precisa escrever: ‘Trata-se de um maçom’ Esquece! [Levava o fato ser maçom em consideração] Não, não escrito. Mas no parecer subjetivo sim! Trata-se de cliente tradicional da cidade de Serra Negra no parecer. Não precisa falar! A história do voto de silêncio. Precisa falar? Não, não precisa falar! ”

Se a sua participação na maçonaria não estava dissociada de sua função de gerente, ao mesmo tempo ela o impulsionava a participar de atividades na sociedade local, sobretudo de benemerência, reforçando o seu trabalho filantrópico e voluntário. Essas atividades estão articuladas ao sentido que dava ao exercício de sua cidadania que, no entanto, foi se formulando não apenas através da sua atuação como gerente de um banco público, mas também, extrapolando o âmbito do seu trabalho, por exemplo, através de sua participação como conselheiro fiscal do hospital de Serra Negra, que estava associada à maçonaria:

“Mas, por exemplo, o Hospital de Serra Negra, hoje, inclusive, era tocado por maçons. E a equipe que administra o Hospital de Serra Negra, eles não ganham um centavo por isso, não estão preocupados com isso, muito pelo contrário, até pagam para....algumas contas do hospital saem de dentro da maçonaria. Algumas atividades são desenvolvidas para arrecadar dinheiro para pagar as contas do hospital, para compra de remédio, produto básico, produto de refeitório. ”

Os deslocamentos de Nilton nas diversas agências em que passou proporcionaram a sua ascensão na carreira e uma mudança de status social, assim como ampliou sua visão da relação entre o Banespa e a sociedade, consolidando seus valores de cidadania. Tudo isso, porque entrara no clã dos gerentes da família banespiana, e também porque estava em outra irmandade, a maçonaria, da qual faziam parte alguns de seus irmãos banespianos. Segundo Nilton, esse período significou o seu amadurecimento, sua entrada para a vida adulta.

A consolidação desse período foi quando trabalhou em Serra Negra. Como gerente geral, pôde transferir sua mulher para a agência da cidade e passou a morar aí com sua

família. Como gerente do Banespa, próximo de sua família, integrado à localidade e vivendo em uma cidade pequena, Nilton viveu um tempo bastante profícuo. Era como se retornasse ao tempo de sua vida da infância e adolescência em Ilha Solteira, no entanto, em outra posição social agora como adulto:

“Seria como voltar pra Ilha Solteira como gerente geral. Ilha Solteira, o que é? Quando eu vim, de molecão, eu cresci dentro de Ilha Solteira. Então, seria [em Serra Negra], todo mundo me conhece, eu sou o gerente lá! Sou autoridade dentro da cidade! Então, Serra Negra deu essa identificação. ”

Em seu sistema social classificatório, entre 1 a 6, Nilton define o gerente do Banespa posicionado nas mais altas posições, na 5 ou na 6. Muito diferente da posição em que saíra de Ilha Solteira:

“Pra quem tinha vindo do meio do mato... [Era] Uma ascensão... Um ego. Uma realização pessoal, eu não diria nem profissional, profissional foi consequência, mas era uma realização pessoal. ”

Pode-se dizer que Nilton, através de seu trabalho, reproduzia o “*conatus*” da herança paterna, no sentido de Bourdieu (1998) e, aparentemente, a suplantava. Mas a sua história não terminaria por aqui, pois o Banespa no qual Nilton trabalhava ia passando por inúmeras mudanças no decorrer desses anos, sobretudo a partir de meados de década de noventa que iam impactando a sua vida.

Esse tempo de sua vida, no qual se entrecruzavam harmoniosamente o trabalho, a família e a inserção na sociedade local, tempo que construíra sua visão de mundo e que constituiu a si, como Nilton, na vida adulta, é marcadamente narrado como um tempo pretérito, idealizado, que já não existe mais, pois todo esse tempo é refletido a partir das mudanças recentes que vivenciou, e é sobre isso que trato a seguir.

Mudanças no Banespa e desligamento

Em dezembro de 1994 o Banespa sofreu intervenção do Governo Federal através de um acordo realizado com o então Governador eleito Mário Covas. E, em janeiro de 95, iniciou o Governo de Fernando Henrique Cardoso, que trouxe mudanças significativas para o sistema

financeiro nacional, tais como a privatização de diversos bancos públicos e a liberação da entrada dos bancos estrangeiros no país, no contexto de uma política neoliberal mais ampla.

Considerando essas mudanças, Nilton entendia o que estava acontecendo com o Banespa, que seguia rumo à privatização, ocorrida, de fato, em 2000. Mas preferia acreditar na época que os rumos não seriam esses e que as direções poderiam ser outras. Pensava, então, que o Banespa era uma gigante, - era o Banco do Estado de São Paulo - e que não poderia ter esse destino. E que talvez o Banespa pudesse ser unificado à Caixa Econômica Estadual, formando um grande banco público paulista. Mas as mudanças no Banespa, ligadas à reorganização política e econômica daquele momento, iam modificando os projetos e o destino de Nilton, e os seus pensamentos já não correspondiam à realidade dos fatos.

Durante o período de intervenção, Nilton estava alocado como gerente. Esse período, avalia que, embora a Administração do banco tenha se transferido para a esfera federal, o que de fato ocorreu em dezembro de 1997, o banco teria mantido a mesma estrutura, o que quer dizer a de uma empresa pública:

“A intervenção foi em 94. Nessa época, eu estava em Cajamar. Nós ficamos federalizados entre 94 até 2000, que veio a privatização. Dentro deste período, o Banespa manteve a estrutura de Banespa porém como um banco federal. Nós éramos equiparados a uma Caixa Federal, Banco do Brasil, Banespa! Deixou de ser estadual. A administração do Banespa nesse período foi de funcionários de carreira do Banco Central, ou seja, [foi] federal.”

Na verdade, os impactos das mudanças do período de intervenção, observados em comparação com as que ocorreram com a privatização, apresentam-se atenuados na narrativa de Nilton, mesmo que ele avalie que esse foi um período que preparou a privatização através de medidas que sanearam financeiramente o banco para colocá-lo à venda. O passado mais que pretérito - o Banespa que ele conheceu e viveu - torna-se ainda mais idealizado e esse passado recente - o período de intervenção - também não teria sido tão difícil, ambos comparados ao presente da privatização.

Assim, ele prefere dizer que a intervenção foi um período brando. Como, por exemplo, o PDV de 1997 que, para ele, teria tido um caráter mais de saneamento da empresa e as saídas foram mais tranquilas, motivadas por decisão própria:

“Começou em 96, 97, por aí, teve um PDV. Mas ele teve no seguinte sentido: tem o PDV, quem quiser sair, vai ter um incentivo. Não tinha cobrança! Eu não tava cobrando pra

“você sair do banco não! Assim como teve no Banco do Brasil recentemente. Quer sair? É um pedido de demissão voluntária. Se você quiser sair, eu te pago todas as suas cargas rescisórias, mais incentivo. Em 97, 98. [Não teve pressão. Esse não! ... Nessa época, eu perdi muitos amigos que estavam aqui. Nessa época, eu chamei um grupo de amigos: eu falei para eles, reveja sua posição, ninguém está pedindo pra você sair, porque o mercado - em 97 - está ruim! Agora quem saiu em 2001? E quem saiu em 2004 [frisa] Quem saiu sem o tal do incentivo que eu falei, foi mandado embora sumário.”

Portanto, Nilton analisa as mudanças desse período sempre comparando-as com as que vieram posteriormente com a privatização, mais abruptas. Pois, se a intervenção foi um período de incertezas, foi também de esperanças, já que a privatização sempre lhe parecia –e aos banespianos, ele diz - sempre remota:

“Nunca [achava que o banco ia ser privatizado]! Duas coisas que nunca passaram pela cabeça de um funcionário decente: o banco não vai ser privatizado e nós não vamos sair do banco. Não pensava, nem passava pela minha cabeça! ”

Mas a privatização do Banespa ocorreu no dia 20 de novembro de 2000. Há uma semana os funcionários estavam paralisados e as agências fechadas, esperando reverter, através de mobilização dos funcionários, a venda do banco. Especulava-se, entre os funcionários, qual banco iria adquirir o Banespa, apostando que os dois grandes bancos privados nacionais, o Bradesco e o Banco Itaú, iriam comprá-lo. À finalização do processo, como considera Nilton, *“quando o Santander veio, deu uma oferta astronômica para o banco”*, resultou, surpreendentemente, na venda para o banco espanhol. E relata como foi aquele dia, avaliado sobretudo a partir das experiências que passaria depois no Banespa privatizado:

“Nós estávamos com a agência fechada. Estava [em uma das agências de Campinas]. O que nós vimos é os funcionários se cumprimentando e chorando. Como quem diz assim: ‘Eu perdi um ente querido!’ Todo mundo se cumprimentava. Mas não de falar assim: ‘Parabéns!’ ou... Ninguém sabe por quê? Foi um gesto espontâneo. Isso aconteceu [nome da agência que trabalhava].. Depois eu fiquei sabendo que aconteceu no banco inteiro. E ninguém sabe por quê! Não teve uma explicação lógica.[As pessoas] Se abraçavam e se cumprimentavam como quem diz assim: ‘Aqui, selou um ponto onde acabamos aquela vida e começamos outra. Como se fosse um batismo: você morre pra aquela vida, e você nasce pra outra, só que nós morremos para uma vida que nós, teoricamente, sabíamos que tinha vivido, que tinha... passou

um período bom, e veio esse período [do Santander] agora de agressividade, de desemprego, de cobrança muito grande, inclusive de cobrança, completamente fora de ética.”

Metáforas de morte e vida: morria uma empresa, concebida por Nilton ao longo de sua trajetória de vida, e nascia uma outra. Era necessário a Nilton e aos outros banespianos posicionarem-se diante do desconhecido, ainda que, para Nilton, o período que vivenciaria entre a privatização e seu desligamento, ocorrido em maio de 2001, foi o que ocasionou uma outra morte, a sua própria: a de um “Nilton” que se constituiu nas experiências “no” e “entre o” seu trabalho no Banespa.

Nilton não conhecia, na época, a empresa Banco Santander, mas hoje já tem uma idéia clara das estratégias daquele banco e entende porque foi o Santander que adquiriu o Banespa:

“Não, não [conhecia o Banco Santander]. Era um banco inexpressivo até então. Só que se alguém tivesse um pouco de capacidade pra vislumbrar o mercado de uma maneira geral, fora do Brasil, veria que o Santander invadiu o México, invadiu o Chile, invadiu a Argentina, invadiu o Uruguai. E ele tava de boca aberta no Brasil. E qual a história do [Santander!] nos países que ele passou: tudo banco do Estado, banco público. Então, ninguém se atentou pra isso. Ninguém, no mercado. Nem Bradesco, nem Itaú!”

A metáfora da “invasão”, utilizada para se referir à entrada do Santander no Banespa, talvez não fosse utilizada na época, mas ela traduz, simbolicamente, para Nilton, o que foram os impactos das mudanças advindas com o Santander para o Banespa e para a sua vida, em que esse banco vai-se tornando cada vez mais um estranho - e estrangeiro -, tornando também estranhos para Nilton alguns de seus próprios irmãos banespianos, e estranho de si mesmo, comparadas às experiências que ele viveu no período recente do Santander às que vivenciara no trabalho, e na vida, com o outro Banespa.

Nilton tinha ainda algumas esperanças. Tinha seu histórico no banco, sua carreira, que entende como sendo bem-sucedida, e ofereceu isso a nova empresa, imaginando que isso fosse, reciprocamente, retribuído com a manutenção de seu emprego:

“Eu sabia sim que ia ser feito [com a nova Diretoria] uma reorganização na estrutura do banco, principalmente na área do departamento era inchado - inchado que a gente chama era muita gente para pouco serviço. A gente sabia que ia ter uma reorganização. Mas mais em departamento, e não em agência. Então, eu falei isso não vai chegar no gerente de

banco, pode ser que um ou outro gerente que pegue e tal, mas, pela minha carreira, pela minha desenvoltura, pelo meu conhecimento, não vai respingar em cima de mim, não! E pegou a barra de ferro grande!”

Todavia, a entrada da nova Diretoria do banco, geralmente composta por funcionários de carreira dos bancos privados ou do próprio quadro do Santander Brasil, correspondeu imediatamente a uma intensificação do trabalho através de cobranças pelo cumprimento de metas, como de abertura de conta e de venda de produtos do banco (seguros, títulos de capitalização, cartões de créditos, seguros, etc), que muitas vezes eram inatingíveis:

“Num primeiro momento, era o próprio desafio de você atingir as metas, mas antes de privatização. Porque os lucros antes de privatização eram o número compatível com o porte da agência. Resolvido o problema. Era factível, era possível. Depois, não! Depois não tinha jeito. Aí, entreguei na mão de Deus. E vamos fazer o que tinha que fazer. Os números eram absurdos! Quer dizer, os números que você tinha que cumprir dentro de um mês, a princípio, eles pediram para uma semana, depois mudaram para o dia”.

Nilton sabia que essas metas não eram tão fáceis de serem cumpridas, mas era cobrado por isso. O não-cumprimento de metas devia ser entendido como um fracasso pessoal e Nilton sentia-se pressionado por isso, ainda mais que poderia implicar na perda de seu emprego. As relações hierárquicas, baseadas outrora no paternalismo da família banespiiana, dissolviam-se em meio às imposições, acusações e pressões. Nilton compara a nova Diretoria e suas novas estratégias à estrutura autoritária de um regime militar:

“O toque era mais ou menos de militarismo, de ditadura. Peço isso, não questione! Até mesmo porque você tem que preservar que você estar empregado: não questione, cumpra!” [Tinha sugestão] Até para melhorar era possível, é que eu não tinha coragem - não é que eu não tinha coragem, eu, se fosse ver na Regional, uns trinta e tantos, uns trinta e nove, ninguém tinha coragem de abrir a boca!”

Nilton relata como eram as longas reuniões entre os gerentes de sua Regional, nas quais se verificavam situações de humilhações públicas que atingiam não apenas profissionalmente, mas também moralmente a pessoa acusada. Por sua vez, essas reuniões reproduziam a forma como ocorriam as outras nos níveis hierárquicos mais elevados ao dele:

“[A reuniões da Diretoria ocorriam] Da mesma forma. Comentário do próprio [gerente] regional, que a reunião era desse jeito: ‘Ô beleza, por que você não fez isso

aí?’ ‘Ô bonitão, explica aí pra nós por que você não resolveu?’ A reunião era desse jeito. Hoje já não sei mais, porque já não converso com ninguém, que é Regional, que vai, então... mas, na época entre 2000 e 2001, um ano, um ano e pouco que eu fiquei lá as reuniões eram desse jeito. E outra: as reuniões que a gente fazia antes de privatização, que era meio expediente, uma vez por mês, você discutia o mês inteiro, até mês que passou e o mês futuro, que a gente fazia uma reunião de meio dia, a reunião passou a ser o dia inteiro, e sem horário de almoço. Direto. Começava às sete e meia da manhã e ia até dez horas, onze horas da noite! Com um lanchinho aí! Todo mundo expunha resultado. Todo mundo era humilhado!”

Nilton sentia-se assim acuado, mas tentava contemporizar com seus subordinados agindo de forma paternalista o que contrapunha ao novo autoritarismo. Afinal era dessa forma que ele aprendera agir desde sempre no Banespa, e isso avalia como tendo sido prejudicial para ele diante do que propunha a nova Diretoria:

“Então... eu já segurava um pouco [a pressão], eu barrava um pouco. Ai, eu cheguei até suspeito pra falar desse jeito, mas eu fui muito paternalista. Eu administrava mais. Eu não tinha conflito em agência. Eu cheguei a administrar mais. Porque eu via a minha dificuldade, então adiantava passar pra frente. Por que daí você teria que passar as metas e falar: ‘Olha, vocês vão ter que cumprir tanto...’. Exato. E era o correto. Eu estaria no banco até hoje. Eu teria mandado uns quarenta embora. Mas a situação se inverteu. A partir do momento em que eu não cobreí da mesma forma que eu fui cobrado, barrou em mim e o prejudicado fui eu.”

Diante das pressões, os vínculos que constituíam as redes de sociabilidade da “família banespiana” foram-se rompendo e uma certa solidão, traduzida como impotência, passou a ser sentida por Nilton, associando-se a isso um grande medo, o de perder o emprego. Se antes o Banespa agregava, individual e coletivamente, um projeto que juntava um passado conhecido a um futuro previsível, o tempo na nova empresa passou a ser visto como fugaz, efêmero, em que os dias eram vistos como se fossem únicos, absolutamente presentificados, entre o esquecimento do passado e a espera de um futuro incerto.

Nilton descreve como foi se sentindo:

“Você vai se sentindo um tanto sozinho, você vai se definhando, perdendo a motivação. Você perde sono, você entra em depressão. É normal, se você conversar com um profissional daquela época lá, é tudo normal. Não dormia de noite. Ai, você passa a não comer.

Você praticamente você passa a não ter vida. Porque se alguém bater o pé na tua frente, você fala: ‘O que eu não cumpri agora? O que eu não fiz?’ O que você fez a hora que você fez? Não vale! É o que você não fez. Então, você fica realmente acuado. Você vai debilitando até não ter outro jeito a não ser sair. O medo principal era perder emprego. Um medo muito grande porque eu fiquei vinte e três anos em uma mesma empresa, que eu me dediquei realmente. Não só me dediquei, como eu fiz carreira dentro do banco: entrei como contínuo-estagiário e cheguei a gerente geral de agência. Então, eu tinha a intenção de me aposentar dentro do banco. Dentro de uma filosofia de vida decente. ”

Entre a intensificação do trabalho, o medo e a solidão atemporal somou-se o adoecimento. Nilton conta que passou a ter problemas de hipertensão arterial e por três vezes necessitou de socorros médicos, sempre ocultando esse fato para a empresa por medo de que isso implicasse em sua possível demissão:

“Nunca tive nada. Só que eu tenho antecedentes. Eu tenho a mãe que morreu por causa de coração. Então, dei correria no Hospital Santo Antonio de Campinas - e você sabe que numa fase com quarenta anos, quem chega lá com alteração, se der infarto, mata de imediato! – a hora que eu cheguei lá, e falei que estava com alteração no coração, nem ficha pra ingressar no hospital, eles fizeram! Primeiro, me recolheram, depois é que eu fui fazer o nome, o que você vai fazer, o convênio. Primeiro atenderam. Você ficou um tempo fora do banco por causa disso? Não, não. Eu fui as três vezes, eu fui no período da tarde. Você estava trabalhando? Estava trabalhando. Fui pro médico. Fiz os exames que tinha que fazer naquele dia e tal. Inclusive em um dia, eu voltei pro banco. Saí do hospital e fui pro banco. O outro, no dia seguinte, voltei a trabalhar, normal. O médico recomendou você a descansar, afastar-se...Duas vezes! Afastar! Você está louco! Nessa época, eu vou ver mandado embora! Não afastei e fui mandado embora do mesmo jeito! Não precisei falar pra ninguém. Nunca falei nada da vida pessoal, de falar que estou doente, que o filho está doente, nunca falei nada disso aí. Eles não ficaram sabendo nada disso aí!”

O medo de perder o emprego intensificou-se com a implementação do PDV pela nova Diretoria do Santander. O desligamento passou a ser uma possibilidade concreta para Nilton e para milhares de funcionários que tinham que se posicionar diante da nova empresa. Nilton avaliou o seu histórico no banco, sua carreira e sua vida, e decidiu por não se desligar do

banco naquele momento, assumindo isso publicamente para os funcionários de sua agência e para os seus superiores:

“Uma semana antes, nós tínhamos tido uma reunião na Regional - era no andar de cima do prédio [de sua agência], a Regional que a gente chama é uma gerência que, na época, comporta quarenta, quarenta e duas agências – e no dia seguinte eu fiz uma reunião na agência, e o Regional pediu: ‘Olha, você vai fazer uma reunião na agência, eu quero que você fique!’ ‘Sem problema!’ E eu fiz uma reunião na agência, no dia seguinte, nós tivemos a reunião na Regional, a tardezinha, e eu falei: ‘Olha, deve sair por esses dias o PDV!’ Então, quem vai assinar, quem vai aderir, então, já toma a decisão, e pode ficar sossegado, não precisa ficar nervoso nada, quem vai sair - porque já tinha manifestações de alguns funcionários que queriam sair. Eles já estavam inclusive desesperados: vai sair, não vai sair? Quando que vai sair? E na Regional tinha falado: ‘Olha, vai sair! Mais uns dias aí, e já sai’. E de antemão, eu já estou avisando, olha, na presença do Regional, dentro da agência (a agência tinha perto de cinquenta funcionários), em público, eu falei isso aí: ‘Vai sair, e de antemão, eu já estou avisando, eu vou ficar! Eu vou ficar até onde der, não sei....’”

Segundo Nilton, diferentemente do que teria ocorrido anteriormente em outros PDVs, as agências tinham metas de demissões a serem cumpridas pelos seus gerentes durante a vigência desse Programa. Nilton relata as inúmeras pressões que recebia para que isso fosse cumprido:

“Não se divulgam, mas, o gerente-geral, o gerente administrativo, ele teve metas para mandar um certo número de funcionários embora por agência. O gerente-geral, não, porque eu era gerente geral, e eu defendia quem quisesse ficar. O gerente-administrativo, eles separaram da agência, deram uma autonomia para o gerente administrativo, e ele tinha meta de número de funcionário para ser demitido. Tanto do gerente geral até todo mundo. Tinha que conseguir [a meta] Tanto que ligavam todo o dia, de hora em hora, cada meia hora: ‘Quantos têm? Quantos têm? Quantos aderiram? Quantos assinaram? Que número que você tem?’ E logicamente se o gerente administrativo de uma agência tinha, o Regional também tinha. Tinha que mandar um certo número: ‘Nós precisamos oxigenar!’ Oxigenar que jeito?”

Nesse sentido, as adesões não foram tão voluntárias, pois a decisão pela saída pode estar relacionada ao clima organizacional que se instaurou entre os funcionários, dentro de um contexto de gestão da empresa que lhes parecia cada vez mais estranho, entre a

lógica de uma empresa pública e a de uma empresa privada, entre o Banespa e o Santander. Nesse contexto, milhares de banespianos demitiram-se e desligaram suas vidas daquela nova empresa, como avalia Nilton:

“[Os demissionários]Escolheram em termos. Escolheu porque a hora que viu que não era essa filosofia de vida, eu prefiro sair! Porque a agressividade era muito grande.”

Assim, dos aproximadamente 22.000 funcionários, aproximadamente 8.300 saíram no PDV de maio de 2001. Nilton não desejava sair - *“Não até a última hora, eu tinha decidido que iria ficar até aposentar ou até morrer, pelo menos até morrer”* - tal como sentia o quanto sua vida estava atrelada ao banco naquela época, mesmo diante daquele novo contexto empresarial. Mas a nova empresa não desejava manter Nilton. Seus superiores tinham metas a cumprir quanto ao número de gerentes demissionários, e Nilton, que construíra sua história naquela empresa, foi indicado pelos seus superiores hierárquicos os quais avaliaram que ele não servia mais para a função, que não servia à nova lógica daquela empresa.

No último dia quando os funcionários teriam que assinar a adesão, no último período do expediente daquele dia, um superior seu - um irmão banespiano e maçom - chamou-o para mudar sua decisão, que já havia sido posta em público, de ficar no banco:

“O Regional me chamou, no último dia, que poderia assinar o PDV, palavras deles, uma testemunha dele - porque se ele fala que se eu posso levar uma testemunha, eu levaria, gente de fora do banco, ele não me falou nada – e a testemunha dele foi exatamente pra falar que, se amanhã mais tarde, eu alegar injustiça em juízo que eu fui forçado a alguma situação, ele vai negar com testemunha dele. Mas palavras dele, palavra dele, no último dia de assinatura que eu poderia aderir ao PDV: ‘Eu já vi quanto você vai receber. É um bom dinheiro. Nós vamos ter problema lá no futuro. Vou pedir pra você analisar melhor, mas eu acho bom você assinar.’ Ou seja, eu estou te mandando embora! O que ele me disse: ‘Eu não preciso mais de você!’”

- O que eram esses problemas no futuro?[pergunto]

- Exatamente, o não cumprimento de metas, e eu vou ter que te mandar embora porque você não cumpriu meta. E como eu posso te mandar embora e te pagar só o que você tem de direito, e se você assinar o PDV, além dos direitos, você vai receber um outro incentivo pra demitir. Então, é melhor que você assine agora! E como eu já vinha debilitado, não dormia, não tinha outro jeito! Eu já estava fazendo tratamento para o coração! ”

Naquele momento, de nada serviam seu passado na empresa, seus vínculos com a família banespiana e com a maçonaria, pois era um outro banespiano, mas ao mesmo tempo igual a ele mesmo – ainda que seu superior – que, em nome da nova empresa, o desligava. Em outras palavras, o que foi dito para Nilton é que não servia mais para a empresa. Quinze dias depois de sua adesão, tempo em que permaneceu em estado de agonia, Nilton foi embora do Banespa:

“Fiquei mais uns quinze dias. Mas já esperando a cartinha pra qualquer dia. E veio, quando veio, no dia dez de abril, eu senti um pouco de prazer, um pouco de alegria dos administradores que trabalhavam comigo me entregando a carta como quem diz: ‘Eu estou dispensando você! Ainda bem que você vai embora!’ Aí, nesse dia, foi um dia negro, um onze de setembro. Eu me tranquei dentro da minha casa nesse dia. Me escondi, realmente. Tanto que eu cheguei em casa, recolhi o carro, tranquei a porta e me fechei no quarto. Foi um dia que eu fui, me deitei na cama e fiquei lá o dia inteiro! Só saí no dia seguinte! Então, desse dia, das dez horas da manhã até às seis horas da tarde, todo mundo ficou ligando pra todo lado: ‘Cadê o Nilton? Onde foi parar? O que aconteceu?’ Eu saí da agência e falei: ‘Eu vou fazer uma visita pra um cliente e já volto.’ Mas não voltei, aí eu não voltei.”

Metáforas de mortes

A experiência do desligamento do Banespa é central para encadear a narrativa que Nilton constrói de sua própria vida. Como foi visto, essa experiência recente e seus desdobramentos são o que encadeiam suas evocações sobre sua infância e adolescência, sobre sua família, sobre seu trabalho e carreira no Banespa, portanto encadeiam sua própria história de vida, em que ele mesmo avalia:

“[O banco para ele] era... Minha vida! A minha e a da minha esposa! Eu vivo pra aquilo. Eu vivo disso e pra aquilo. Eu vivia do banco e vivia para o banco! A minha esposa e eu! Até um dia que acenderam a luz, e eu falei: ‘Nossa, eu acordei!’”

Perguntei a Nilton o que ele sentiu quando deixou o Banespa, e ele imediatamente respondeu que a sensação foi de morte:

“Quem que tinha morrido? O emprego? Não sei, um ente querido, um ente querido, eu acho que é a empresa por ter trabalhado muito tempo, cria amor nela, mas acabou aquela empresa lá. Aquela empresa acabou no dia da privatização.”

O desligamento do Banespa é associado à morte da mãe, evento que começou sua narrativa biográfica. Se a mãe e a empresa lhe trouxeram à vida (e a sua narrativa de vida), o desligamento do Banespa pode ser interpretado como a sua própria morte. Nilton constituiu a si, como sujeito, em suas experiências nos interstícios entre o trabalho no Banespa, e outras esferas de sua vida, a familiar, religiosa, cidadã. Aí, nos interstícios, firmaram-se valores que foram constituindo “Nilton” tal como se apresenta na narrativa. O desligamento do Banespa, por isso mesmo, pode ser interpretado como um desligamento de si. Trata-se, antes, da morte de um sujeito, que construíra um projeto de vida de superação da herança familiar paterna através do trabalho do Banespa, mas que, com o desligamento, sente quebrar-se o “*conatus*” entre o filho e o pai.

Na verdade, essa experiência subjetiva da morte é sentida também como um assassinato. Nilton foi assassinado por um banespiano, seu superior, gerente e maçom como ele, que decidiu a sua demissão. Todavia, esse irmão banespiano representava naquele momento uma outra empresa, estranha e estrangeira. Assim, quando fala em morte, se refere também a outras mortes, que não apenas a sua, mas à mortes coletivas, na verdade, a genocídios: o de uma empresa (do Banespa e da família banespiana) e também o de uma nação.

A forma como ocorreu o seu desligamento foi a mesma como o Santander entrou no Banespa, tal como expressa Nilton:

“Talvez a minha cultura não tava à altura deles! Porque muita gente veio do Banco Santander, né? Ah, a cultura do Banco Santander já era desse jeito. Talvez a minha e de mais 8.299 funcionário não fosse essa! Nós fomos muito agredidos! A nossa casa, que eu considerava como minha casa, nós fomos muito agredidos!”

À idéia da invasão da empresa - “*da nossa casa*” - pelo Santander, Nilton remete à representação desse novo banco como um Outro, um estrangeiro, onde se travou um conflito entre brasileiros e espanhóis - ou pelo menos à representação de espanhóis que ele reconhece com a gestão do Santander. Esse conflito resultou em genocídio consentido que teve a convivência política do governo brasileiro da época. Este fato, do tempo presente, ele o associa a uma outra

temporalidade, a um outro tempo histórico da nação que evoca ao imaginário da Colônia, tal como teria acontecido aqui com os portugueses:

“Não, não! Nada, nada. Zero, até hoje, zero [Sobre se tem alguma referência da Espanha]. Tanto que, na época, eles fizeram... eles entraram, em novembro, eu não lembro o mês direito, mas logo que eles entraram, deve ter sido em junho, agosto, sei lá, no próprio ano, em dezembro, eles levaram uma equipe brasileira para Madri, pra conhecer o Banco Santander, o Grupo Santander. Então, foram acomodando a situação. Você leva meia dúzia de gente ali. Mas não conheço a Espanha. Muito pelo contrário, hoje, se você me perguntar, eu vou falar: ‘Pode dizimar aquele povo [brasileiro] lá!’ Vão bater em nós e muito ainda! Vão tirar... Portugal tirava ouro físico daqui, eles estão tirando sangue do brasileiro. E estão fazendo dinheiro. Aí, precisaria chamar o Sr. Fernando Henrique Cardoso, Sr. Mário Covas, e falar assim: ‘Olha, esse dinheiro aí!’ Primeiro, tem que explicar: cadê o dinheiro que foi privatizado dessas empresas? Sumiu! Se era o banco que estava sob intervenção, então era um banco federal, era intervenção federal!”

O genocídio de uma empresa, para Nilton, torna-se referência para o genocídio de uma nação, que compara ao terrorismo internacional, motivado pelos impactos dos atentados terroristas de Madri que aconteceram em março de 2004. Assim, o que fazem os espanhóis aos brasileiros seria também uma espécie de terrorismo. Nilton mostra sua compreensão dos processos mais globais, indicando as assimetrias de poder entre as nações:

“Porque, o que eles [espanhóis] estão fazendo com o brasileiro é acabar com o povo brasileiro, porque eles estão dentro de Telefônica, dentro de bancos. E nós estamos trabalhando para eles, e eles tão mandando gente embora! Nós estamos trabalhando com sangue, mas não com sangue de bomba, não, mas com sangue de suor na testa, de trabalhar feito louco e no final do mês ter que mandar o dinheiro pra ele lá! Você manda lucros e dividendos, desconta imposto de renda, manda dinheiro embora!”

Diante da sua própria morte simbólica - a de um Nilton, como sujeito, e a de seus projetos de trabalho, de família, de sociedade - e dos genocídios coletivos - o de uma empresa e uma identidade sócio-profissional, os banespianos, e o de brasileiros que se submetem à lógica do colonizador - Nilton sentiu-se aniquilado após sua saída. Esperou em sua casa por algum tempo que o banco o chamasse ao trabalho novamente. Acordava, nesses dias, vestia sua roupa social e gravata, aguardando um telefonema do banco para que retornasse. Mas suas

esperanças foram se perdendo com o tempo e, sem elas, entrou em depressão e passou a fazer uso de psicotrópicos.

Mas, se ele não era mais o “Nilton do Banespa”, era ainda “Nilton”, e à morte de um de uma forma de ser está, como contraponto, a vida, na verdade, um renascimento:

“No meu caso específico, foi uma ruptura bruta, bruta, foi drástica, em certo ponto foi cortado o cordão umbilical, e falou assim: ‘Agora vai viver!’”

É dessa vida de Nilton fora do Banespa que trato a seguir.

(Re)nascimentos

O evento do desligamento do Banespa, simbolicamente representado pela morte e o nascimento, marca na estrutura da narrativa biográfica de Nilton duas temporalidades distintas em que ele reflete sobre sua própria vida: um tempo passado, quando evoca sua vida no e entre o trabalho no Banespa; e tempo presente, em que vive fora do Banespa. Neste último, Nilton vem reconstruindo a si e as suas redes de relações sociais, tal como um processo de renascimento.

A perda do trabalho no auge de sua carreira como gerente de uma agência média em Campinas, ocorrida da forma abrupta e agressiva em seu entendimento, levou-o a refletir quem era “Nilton”, em meio às crises constantes de depressão que, de uma forma menos intensa, se alongam até hoje:

“[Sobre seu desligamento] É...você perde o chão, você perde a estrutura. Porque o gerente de banco, ele nem é, mas não deixa de ser, ele é um executivo. Então, você tem um status, principalmente se for em cidade pequena, você tem um sobrenome. Quem é você? Eu sou o Nilton ‘do Banespa’. Você tem esse status de ser o gerente. Isso daí, é... mas pertence ao banco! A única coisa que pertence a mim, é o Nilton. Então, quando você sai, você traz pra casa, você traz quem? A pessoa física! Porque a função de gerente é do banco. Eu dou ela pra quem eu quero. Eu ponho na cadeira quem eu quero. Ponho quem me interessa. Você não me interessa mais, você sai daí. Então, eu passei muito mal nesse período aí. Com certeza uns seis meses, mas pra me recuperar realmente, eu demorei mais de um ano, pra falar assim: eu estou estabilizado. Até hoje, inclusive tem dia que eu tenho ainda umas quedas. Eu passo um dia mal,

até hoje, dois anos depois. Um ano depois, a facilidade de recuperar é muito mais fácil. Amanhã, depois já está bem e tal.”

O sobrenome “*Banespa*” implicava na manutenção de uma rede de relações sociais que formavam a família banespiana da qual ele fora proscrito como um filho renegado. A marca “*fora do Banespa*” caiu-lhe como um estigma. Os seus irmãos banespianos afastaram-se, passando a temer a aproximação de alguém como ele, um “*desempregado*”, entendendo essa condição tal como uma doença contagiosa que também poderia atingi-los, ainda mais que se pode levar em conta que os banespianos que ficaram ainda estariam marcados pelo medo de perder o emprego. Indagado se recebeu a solidariedade dos que ficaram, Nilton responde nesta direção:

“Esquece! Sumiu tudo! Sumiu tudo! E eu vi assim, em um primeiro momento, quem saiu comigo, foi cuidar da vida, mas quem ficou, eu não posso ligar pra ele, porque ele, teoricamente, caiu em desgraça porque ele saiu do banco, eu posso ter contato com ele e eu posso cair em desgraça também, eu posso perder o emprego também! Então, eu não posso ligar pra ele.”

Quem é o “*Nilton*” que se mostrou no decorrer das entrevistas tal como se apresenta no tempo presente, após a perda do sobrenome “*Banespa*”? As suas experiências recentes com o trabalho - e a sensação da falta dele - e os negócios, com a família e com a faculdade de Direito, têm construído referências significativas para (re)constituir-se nesse momento, ainda que para isso tome como referência o tempo passado.

O trabalho para Nilton sempre foi um valor central, associado à herança familiar. Assim, para ele, era necessário encontrar rapidamente um novo emprego. A marca de “*desempregado*” é um estigma que Nilton analisa como sendo depreciativo nesse momento atual, como também o seria para outros brasileiros que estão na sua condição.

Nilton tentou, em vão, logo que se desligou do Banespa, procurar emprego em bancos privados. Munido de sua experiência de mais de vinte anos de banco e do cargo de gerente, entendeu logo que o mercado o excluía por duas razões: primeiro, porque vinha de um banco público, depois porque estava na faixa dos quarenta anos de idade. Portanto, ele estava fora de lógica de empregabilidade dos bancos privados:

“Então, eu fiz nove entrevistas em bancos diferentes. Inclusive no Banco de Boston, eu fui três vezes. O mercado discrimina quem tem mais de quarenta anos, o mercado brasileiro. Ele não fala, se você vai fazer uma entrevista: ‘Quantos anos você tem?’ Quarenta

anos. ‘Ah, quarenta anos!’ Ele não vai falar, quarenta anos, você está fora, eu não quero mais você! Eu tinha quarenta e dois anos, foi claro, foi visível. Eu fui no BBV [Banco Bilbao Viscaya], fui no Banco de Boston, fui no Banco Rural, fui na Credicorp...”

Partiu então, tentativamente, vários ramos de negócios: comprou uma confecção, depois um depósito de gás e, finalmente, uma pequena operadora de cartão de crédito. Nenhum deles deu certo. Hoje trabalha como consultor financeiro na prestação de serviços para uma pequena carteira de clientes no escritório que montou em sua própria casa, na espera de um dia ter uma empresa do ramo em um espaço próprio.

Contudo, a experiência de trabalhar em sua própria casa entrelaça espaços e tempos sociais que Nilton sempre tivera bem demarcados em sua vida durante sua carreira no Banespa, mas que agora o recolocam diante de uma nova situação, que ainda não conseguiu equacionar: entre o trabalho, universo do público, do masculino e do negócio; e o doméstico, universo do privado, do feminino e do ócio. Entre estes dois universos paira o medo de sentir-se ocioso. Daí há sempre sua preocupação de sentir-se ocupado, e compartilha isso com sua mulher:

“E ela está sentindo, inclusive hoje ela trabalha com mais mulheres dentro do banco, que está vivendo a mesma situação dela, que o marido está desempregado. Só que o marido é desempregado de profissões, que não bancário, que ele também não é ativo. Apesar de, falar assim, eu estou desempregado como empregado. Mas eu sou muito ativo! Eu já tive três empresas dentro desse período. Já dei um consultoria, e tenho uma empresa hoje – tenho mas não tenho...”

Na realidade, os negócios de Nilton não o ocupam todo o tempo do seu dia, mas ele tenta demarcar em sua casa o tempo de trabalho tal como o horário comercial que conhecera no Banespa. Permanecendo a maior parte de seu tempo no seu escritório, estabelecido em um compartimento nos fundos de sua residência, ele se veste formalmente todos os dias como se fosse receber, a qualquer momento, seus clientes em casa. Nesse horário, age como se estivesse trabalhando em uma empresa, disciplinando suas tarefas e não se ocupando com os serviços domésticos, com a casa e os filhos:

“É problema, você falar assim, você está dentro de casa, é problema realmente, principalmente pro sexo masculino, pra mulher ela vai fazer as atividades de casa. Então, eu separo isso daí: as atividades de casa durante a semana, esquece! Eu não faço! Precisa arrumar a cozinha! Esquece! Eu não faço Precisa arrumar a cama! Esquece. Eu estou no meu horário

comercial. Eu estou no meu escritório lá em... Itupeva! Então, precisa passar um aspirador, precisa ir no mercado, esquece! Eu não vou! O almoço está pronto e só esquentar! Eu vou para um restaurante. Eu não faço. Esporadicamente, hoje dá pra fazer. Esporadicamente. Todo o dia? Esquece! Não vou fazer!”

Ainda, nesse horário, Nilton não se permite ao descanso e às distrações dentro de casa, e não sai para atividades de lazer, reconhecendo o quanto isso é difícil:

“Não. Difícil não é. Mas é um pouquinho complicado. Por mais que você separe, você mistura. Chega uma hora, por exemplo, que se eu tiver só estudando, uma hora você abre a geladeira, uma hora você liga uma televisão, que em um escritório, você não faria isso. Atrapalha um pouco. Se você pegar a questão da produtividade, de um dia inteiro, uma parte do período que você vai ver que prejudica por causa da comodidade da casa, mesmo que não esteja de pijama [risos].”

Mas o tempo de Nilton tem sido preenchido com os estudos. Nunca tinha se dedicado com tanta intensidade a eles devido ao trabalho sempre intensivo do banco, assim como não via isso como um valor que deveria ser agregado a sua vida adulta, tal como aprendera com o seu pai, até a saída do Banespa. Hoje, ele frequenta o curso de Direito:

“É... o estudo é... em 1982, eu fazia matemática em Itatiba. Eu tinha que escolher entre fazer faculdade ou ficar no banco. Ou fazer carreira no banco, porque, na época, a inflação era muito alta, de se trabalhar muito e fora do horário... Naquela época eu fiz a opção de seguir carreira no banco. E hoje eu fiz a opção de voltar a estudar, lógico, bem mais experiência, bem mais conhecimento, eu optei por fazer o Direito. Por quê? Porque eu vi muito contrato, eu vi muita inadimplência na vida, eu tomei muita propriedade, do banco, de inadimplência.”

Nesse momento, Nilton vem reconstituindo o sobrenome “*Banespa*”, que lhe fora tirado. Assim, se utiliza o “*Banespa*” como uma memória afetiva de um tempo pretérito, que lhe deu “*o patrimônio, o conhecimento, a família e os filhos*”, também o faz como valor de troca na família e também nos negócios. Sua mulher permanece trabalhando no banco e não raro suas conversas giram em torno do Santander-Banespa, como exemplifica:

“Hoje, por exemplo, a gente discute ainda. A questão do banco: ofereceu cargo de gerência para ela. Eu falei: ‘Olha! Quer pegar, pega! Mas eu não quero ninguém chorando dentro de casa!’ Em função da cobrança de hoje. Então, nós estamos administrando.”

E, se não pôde ser empregável para outros bancos, Nilton também conduz os seus negócios como consultor financeiro utilizando-se de sua experiência no Banespa. O trabalho no banco trouxe-lhe uma qualificação que é apresentada as seus clientes, muitos dos quais conheceu no tempo em que fora gerente, como um valor de troca:

“Então, eu trouxe [do Banespa] realmente a bagagem toda. Se não fosse essa empresa, lógico seria uma outra, se não fosse esse empresa, eu não teria conhecimento suficiente para desenvolver a atividade que eu desenvolvo hoje. Não teria conhecimento das cidades que eu passei e dos clientes que eu fiz, hoje já deixou de ser cliente, você passa a ter relacionamento da amizade, de confiança, de confiabilidade. Muda o perfil. Então, pra isso, você parte do zero e passar a construir outra vez. Eu estou, é lógico, desde 2002, 2001 nessa atividade, então, eu estou indo pra dois ou três anos, mas sozinho mesmo, 2004. Você falar: ‘Você está desenvolvendo sozinho agora.’”

Ainda, quanto aos negócios, o sobrenome “*Banespa*” representa valores como a credibilidade e a honestidade, sobre o que avalia:

“Aí, você passa muito tempo falando assim: o Nilton do Banespa! Nilton do Banespa! O Joaquim do Banespa! O Ricardo do Banespa! Maria Júlia do Banespa! João do Banespa! Você tem uma família muito grande. Você identifica. Fala aí: ‘Olha aquela pessoa se identifica com aquele grupo de pessoas. Que no geral são pessoas conceituadas, são pessoas boas, são pessoas de boa índole, de boa formação e principalmente honesta, que é a dificuldade hoje no mercado, você trabalhando com alguém, fazendo alguma coisa com alguém saber se é honesto ou não. O ‘do Banespa’ aí era o Sr. Honesto, a honestidade...”

Assim, se o novo Banespa-Santander tirou-lhe o trabalho e Nilton não teve reciprocidade em ofertar seus vinte e três anos de experiência para receber, em troca, a manutenção de seu emprego sob nova gestão do Santander, ele oferece, agora de forma solitária, o que lhe restou do sobrenome “*Banespa*” para reconstruir sua vida. Nessa reconstrução procura consumir de uma outra forma a reciprocidade em sua rede atual de relações sociais, a saber: com sua família, com os seus clientes nos negócios e , comigo, através de sua narrativa biográfica.

Todavia, essa reconstrução implica em considerar perdas e projetos, entre um passado interrompido pelo desligamento no Banespa e um futuro ainda incerto. No momento presente, ainda que tentativamente, propõe agregar outros sobrenomes. Seria o de estudante?

Esse, parece-lhe risível para sua idade. Empresário? Pode ser, mas ainda não tem empresa constituída. Desempregado? Esse, não quer ver associado ao seu nome.

O desemprego e o fato de ser visto como “*desempregado*” neste momento, enquanto não concretiza seus novos projetos de trabalho e de estudo, diluem as esperanças de Nilton através de um grande medo que o assombra e às vezes o deprime. Quando se coloca na situação de “*desempregado*”, agrega para si um estigma que o deprecia socialmente de forma pejorativa na medida em que imputa ao seu nome um fracasso pessoal, mesmo que ele entenda que foi o mercado de trabalho que o expulsou:

“Desempregado! São nomes fortes! Porque você não me agrega nada! Eu vejo realmente assim: vazio. Pô, desempregado! Você não tem realmente capacidade para arrumar emprego. Eu tive capacidade para arrumar emprego... O mercado não teve condição de me absorver.”

A esse estigma, Nilton relaciona a um outro evento que o marcou recentemente, o da morte de um cunhado. A dificuldade - e estranheza - de reconhecer-se como desempregado seria a mesma de reconhecer na esposa de seu cunhado a condição de uma jovem viúva:

“Olha isso aí [o desemprego] me bateu muito! Você sabe, eu perdi há três ou quatro anos atrás, eu perdi um cunhado. E minha irmã falou assim: ‘Eu tenho quarenta e cinco anos e sou viúva!’ Então, vê como que é o tamanho da responsabilidade. Quarenta e cinco anos e viúva, quarenta e dois anos e desempregado!”

Ao mesmo tempo, esse estigma associado à perda agrega-o a uma outra coletividade, não mais a dos banespianos, mas a de milhões de desempregados do país que, como ele, perderam seus empregos nos últimos anos. Assim expressa um desejo, mas que o seria também de tantos outros desempregados brasileiros:

“Eu gostaria de continuar como empregado, ter um empreguinho sossegado, sabe? Não ter preocupação de falar se é essa cidade ou aquela cidade. Trabalhar mais, trabalhar menos. Nunca tive essa preocupação. Sempre trabalhei, trabalhei muito, comecei a trabalhar com onze anos de idade, nunca fui preguiçoso nesse sentido, mas infelizmente, o mercado te põe pra fora. Você sabe que hoje, no Brasil, somos mais de dois milhões de desempregados. Está correspondendo a mais de 20% da mão-de-obra ativa, desempregado. Eu hoje faço parte.”

Nilton, compreendendo que faz parte dessa coletividade, a de desempregados, reflete como um cidadão através de uma consciência que foi formada em sua carreira como trabalhador de uma empresa pública. O desemprego, para ele, é uma conjuntura resultante das mudanças econômicas e políticas herdadas do Governo de Fernando Henrique Cardoso e agravadas no Governo Lula. Homens como ele, de meia idade, com carreira interrompida e futuro incerto diante da Reforma da Previdência, ocupariam uma situação de exclusão

Naqueles dias em que o entrevistei, em sua casa, vi que, em sua mesa de trabalho está uma tabuleta da época do Banespa com a inscrição de seu nome e, abaixo deste, a função “gerente”. Contudo, na parede ao fundo, está disposto um cartaz da OAB e, ao lado, uma estante que guarda uma pequena biblioteca de livros jurídicos que está sendo formada. Negando colocar-se como “desempregado” neste atual contexto, Nilton quer agregar, como um projeto, um novo valor advindo de seus estudos que acredita lhe render-lhe-á frutos para seu futuro trabalho de empresário. Assim, quando perguntei o que exatamente gostaria de agregar a seu nome responde rindo: “... Ah, já, já! Vai ser um ‘tar’ de doutor!” E complementa, num claro registro que faz referência ao meu trabalho e do que tinha aprendido de nossas conversas:

“Agora no Direito, inclusive faz parte do estatuto, é doutor mesmo! Não tem hierarquia entre seus pares, nós não defendemos doutorado nenhum, nós não defendemos tese nenhuma, mas o próprio estatuto da OAB é doutor!”

A narrativa de sua vida representa a consumação de uma reciprocidade entre Nilton e eu, construída como uma tessitura de experiências a partir de como Nilton constitui a si neste momento atual, de tantas mortes e renascimentos. É sobre a estrutura de sua narrativa que trato a seguir.

A palestra

Nilton diz que sempre gostou de ouvir e fazer palestras. Ele iniciou sua história de vida lembrando a frase proferida em uma palestra de um padre que ouviu na sua adolescência, em Ilha Solteira: “*Quando eu nasci, duas lágrimas rolaram*”. Iniciar sua história lembrando uma palestra é muito significativo para entender como Nilton estrutura sua narrativa.

No tempo da adolescência também foi colocado um dia por um outro padre para fazer uma palestra sobre “ideal”, associando-a à frase inicial:

“Eu dei uma palestra, a primeira palestra que eu dei na vida, de jovens, dentro da Igreja, e o padre falou assim: ‘Você vai falar sobre ideal’ ‘O que é ideal, padre?’ Ele falou: ‘Não, ideal, o que você acha que é ideal de vida, de profissão, de relacionamento?’ Então, eu desenvolvi um tema de vinte minutos, e aí você vai buscando material, e aí, então o ideal de vida seria eu nascer, eu conviver, eu e um verbo. Então, ‘duas lágrimas rolaram’...”

Sobre isso, complementa:

“Foi a minha primeira palestra que eu dei em público, mas eu gaguejei, até hoje não sei o tanto que falei lá, mas foi o início, hoje, de vez em quando eu saio aí, dou uma palestra, vou num colégio, vou em um hospital, vou em empresas. Mas hoje é mais restrito.”

Na sua vida adulta ancorada pela sua experiência, principalmente do trabalho, Nilton ouviu e realizou muitas palestras. Um pouco do que escutava foi incorporando aos seus discursos, ainda que os acontecimentos da vida nem sempre corresponderam ao que ouvia e ao pronunciava em suas palestras na época:

“Eu... fiz alguns cursos, em São Paulo, principalmente, preparação da vida lá, assisti a algumas palestras, que a gente sempre via que o mundo hoje está mudando, e hoje não tem mais emprego, hoje é empregável quem tem conhecimento. Então, eu preparei alguns módulos de palestra e sai falando, eu falava mas não praticava. Não. Eu chegava lá e falava assim: ‘Aquele que não estudar vai está fora do mercado! Aquele que não estudar vai está fora do mercado!’ Aquele que não se preparar pro futuro vai está fora do mercado!’ Só que o futuro, esse futuro é muito subjetivo, porque é fantasioso: o futuro é hoje! Quando que é o futuro? O futuro é hoje! Nós vivemos 70% do passado, 20% do futuro e 10% do presente. Mas a gente fala assim: ‘No futuro, se você não tiver preparado...’ Mas o futuro é hoje! Ah, mas estou estudando! Ótimo, você está estudando! Mas você tem que estudar hoje!”

Nilton, como gerente que trabalhava em uma empresa pública e uma autoridade nas cidades em que passou, também era chamado a falar a respeito de temas relacionados à cidadania como nesta palestra que proferiu em uma escola:

“Eu tinha apresentado o projeto pra professora, e eu falei que eu ia falar sobre reciclagem. Ela chegou pra mim e disse: ‘Não fala sobre reciclagem porque eles são muito novos!’ Eu falei: ‘Não, professora! A senhora. manda na sala, na classe mando eu! Eu vou falar

sobre reciclagem!' E eu falei! Tanto faz reciclar lixo, porque eu não posso reciclar conceito! Conceito, por exemplo, de relacionamento de entre aluno e professor, professor e aluno, e pai e aluno. Não é uma reciclagem? Depende do que você vê. Lógico, você está falando de reciclagem de lixo, você fala assim: 'Você está falando de reciclagem de lixo! Eu não sou lixo!' Não estou falando isso! Estou falando de reciclagem de lixo, trazer para a natureza, mas eu não posso reciclar um conceito? Quantos gerentes fez esse tipo de reciclagem, de sair na rua, de falar assim: 'Eu vou naquele colégio!' 'Eu vou!' Eu vou, não! Eu fui! No Colégio Objetivo de Amparo, no Colégio Renovatus em Campinas, na primeira oportunidade que eu tive de ir para uma faculdade.[risos]"

Nesse período, costumava proferir palestras para seus funcionários:

"Tanto que, quando eu cheguei [nome da agência], eu... a agência tinha mais de cinquenta funcionários, e eu falei assim: 'Eu vou fazer essa palestra para a agência' Porque é a minha agência! E eu fui pedir - e no andar de cima tinha a regional, meu chefe tava no andar de cima - e eu fui pedir a sala de reunião emprestada. E o regional falou assim: 'Pra que você quer a sala?' 'Eu quero apresentar um palestra, assim, assim' 'Não só vou emprestar a sala, como também vou assistir à palestra!' Meu regional falou. Eu parei a Regional uma hora, e no horário de expediente, foi da cinco às seis da tarde, horário de expediente da Regional. E já eu comecei a reunião, e a moça que tava dando suporte falou: '[Nilton], você pode ir porque nesse dia, ele vai ter que ir pra São Paulo e não vai está aí. Ele falou que vai só pra dar uma forçada em cima de você!' Pois ele cancelou a ida dele em São Paulo pra assistir a reunião! Veio a Regional inteirinha na reunião! Eu já tive que mudar todo o linguajar. Isso aí foi agora, em 2000, foi logo quando eu cheguei na agência. Eu falei: 'Eu vou fazer a palestra, o módulo está pronto, mas eu estou nervoso porque o chefe está aqui, [risos] Aí, você começa a falar e flui. Tem os slides, e aí você vai fazendo, vai fluindo normal [falou sobre]. Eu dou um contexto geral de otimismo."

Depois de desligar-se do Banespa, foi também falar aos funcionários de uma empresa na qual prestava consultoria:

"Outro dia, eu dei uma palestra em uma empresa aqui, em Sumaré[SP]. A empresa tava com quatorze anos de vida. Ele falou assim: 'Ou eu torno a empresa grande, ou eu fecho a empresa! Eu chamei os funcionários da empresa, e falei assim: 'Ó, nós estamos num dilema! Que nem quando você recebe uma criança em casa. Mudou o sofá! Não. O sofá é o mesmo. Mudou a televisão? Não. A televisão também é a mesma. Só o que tem que mudar é a

questão da responsabilidade. Tem que mudar a questão da conduta. Por quê? Porque chegou mais gente pra cuidar.”

Com isso, Nilton está querendo dizer que proferiu, em vários momentos de sua vida, várias palestras que demonstram seus valores a diversas audiências. Se sua vida foi repleta de palestras, entendo que, nessa narrativa de sua vida, ele o faz como se fosse uma palestra, ou seja, uma vida proferida como palestra.

O que Nilton quis dizer na palestra de sua vida, construída na nossa interação ao longo das entrevistas? Pode-se buscar algumas pistas através da forma como ele estruturou sua narrativa, sua palestra.

O evento do desligamento do Banespa foi dramático na vida de Nilton. Não por acaso, iniciamos nosso contato e ele me disse que o atual banco havia lhe dito *“Você não serve para nada”*, *“Você não é nada”*. Esse processo de aniquilamento, sentido como morte, o levou à doença, à depressão. Sob essa marca, iniciamos nossas conversas, em que propus que falasse sobre sua história de vida. Nilton, então, construiu sua palestra a partir desse evento.

O conteúdo de sua palestra foi construído para me dizer que, diferentemente do que o banco havia colocado no seu desligamento, ele é um sujeito constituído nas experiências vividas entre fatos, lugares, pessoas em uma rede de relações sociais e institucionais que foi tecendo ao mesmo tempo em que evocava a si próprio dentro delas, rememorando sua história a partir do evento do desligamento.

Mas Nilton não apenas fez uma constituição de si nessas redes em tempos e espaços distintos, o que ele fez foi, sobretudo, afirmar-se naquelas horas em que se dedicou a contar histórias. A palestra de Nilton foi, antes de tudo, uma afirmação de si como uma negação do *“nada”*, do aniquilamento a que fora imposto em um contexto de mudanças de sua empresa e de um país do qual ele foi excluído. Ou, podemos dizer de outra forma: uma afirmação da vida diante da morte. Sobre isso, considera:

“Eu não sirvo pra nada. Pra nada do que? Pra nada do que nós estamos fazendo. Pra nada do que nós estamos falando. Pra nada do que você precisa, do nada que eu preciso. Naquele momento, você não me serve mais, eu não te sirvo mais... para quê?”

Novamente, à essa menção do aniquilamento, recorda a debilidade física que sentiu naquele momento, como se corporificasse, novamente, aquela situação:

“Então, quando falou assim: ‘Você não serve mais para nada!’ Então, eu não sou nada! Realmente, veio a carga inteira! Talvez esse ‘Eu não sou nada!’, tivesse ligado também a minha debilidade física, psíquica...Por que você tem infarto? Entupiu a veia? Não, é um conjunto de coisa! Você não dorme, você fuma muito, você é sedentário, perde a mãe, pega fogo em casa, perde emprego! Enfarto! Parei no hospital, quarenta e dois anos, teve que correr lá: ‘Está alterado! Você precisa ir com calma! Você precisar tomar um comprimidinho aqui e daqui um mês a gente se vê!’ Então, o que é? Um conjunto de coisa. Então, eu não sou nada, então eu não sirvo pra nada! Então, eu não presto pra nada!”[Pausa] A depressão - eu vou falar um coisa pra você - eu não desejo pra ninguém. Por mais inimigo seja, eu não desejo pra inimigo. Você perde a essência da vida!”

Finalmente, quando já demos por encerrada a nossa última entrevista, ele realiza suas reflexões a partir do que rememorou ao longo das manhãs em que conservamos:

“Eu não posso ser tão inútil a ponto do cara me descartar desse jeito. Mas se ele está me descartando, então eu não presto pra nada, não sirvo pra nada, não sou nada! Então, em um primeiro momento, pela debilitação, pelo conjunto de situação, é melhor aceitar que eu não sou nada, e vou pra casa. E na realidade, você, por menos valor que você tenha, por mais inútil que você seja, algum valor você tem. Por mais zero que eu tenha chegado ali, no mínimo eu era marido, eu era pai, tinha uma casa pra cuidar. Por mais que eu quisesse ver ali, eu não via nem isso! Nem a própria casa eu não conseguia ver!”

Partindo da reflexão sobre a sua vida, Nilton fala de sonhos. Ele diz que, com o desligamento do Banespa, perdeu a capacidade de sonhar, pois aquilo tudo, a sua vida construída antes desse evento representou, como algumas vezes sugeriu em suas falas, um sonho que foi desfeito e que era também um sonho coletivo de tantos outros banespianos. Mas aí pondera: teria tido outros sonhos que não puderam ser realizados na sua vida até então? Estudar, seria um deles:

“A partir dali comecei a viver outra vez, comecei a buscar outra vez, aí, vamos buscar sonho! Se eu não tenho, então vamos pôr. O que nós vamos pôr? Vamos fazer uma faculdade! Mas o que vai te atender numa faculdade? Eu mexi com muito contrato, Direito agora vai muito bem! Ótimo! Mesmo por que, se eu não passar na OAB, eu posso seguir a carreira acadêmica. Acadêmica, eu não preciso ser advogado com a OAB. Eu posso dar aula. Eu vou precisar fazer o mestrado. Faz na Unip[Universidade Paulista] mesmo! Como eu já

tenho uma certa experiência das palestrinhas, que eu já tenho preparado, se eu tiver que dar aula de repente, não vou ter tanta dificuldade. Aí, o que você precisa fazer novamente? Buscar sonho!”

Quase curado da depressão, recuperando sua capacidade de sonhar, Nilton diz que se sente mais livre e com autonomia para decidir sobre sua vida, livre de uma empresa – estranha e estrangeira – que o levaria à morte se ali tivesse permanecido. Todavia, retorna novamente aos seus traumas, como um eterno retorno, que aparecem como sombras, manifestadas em momentos em que se sente deprimido, quando ainda lhe falta algo:

“Por mais que eu tenha liberdade, eu ainda comento com a minha esposa, eu ainda falto, ainda está faltando um detalhe: se você falar o que....não sei! Acho que ainda falta! Talvez desenvolver mais, aplicar mais. Desenvolver mais, com o Direito, ou com a empresa, porque ainda sim, pegando um feriado, estudando seis horas, sete horas, eu ainda me sinto, em alguns momentos, eu me sinto inútil. Domingo! Domingo, eu quero morrer! Mesmo durante a semana, às vezes ficar preso, pego um livro...”

A vida narrada por Nilton foi uma forma de compartilharmos a afirmação de um sujeito, e de sua vida, talvez um pequenino libelo de liberdade. Como bom palestrante, Nilton encerra com impacto sua história, citando um outro, não por acaso também defensor das liberdades coletivas:

“Martin Luther King, negro dos EUA, falou assim: ‘Nós aprendemos a voar como os pássaros. Nós aprendemos a nadar com os peixes. Mas o que é difícil é amarmos como irmãos.’”

Concordo com Nilton e Martin Luther King que a vida, um conjunto de experiências, é um aprendizado. E a narrativa de uma história de vida é um aprendizado compartilhado. Embora, também como eles, entendo que nos falta aprender sobre tantas coisas. A vida, narrada, é uma forma de conhecimento, embora como todo conhecimento, também seja incompleto.

CAPÍTULO 2

AS LEMBRANÇAS AFETIVAS DE MARIA

Experiências compartilhadas, narrativas distintas

Conheci Maria através de seu marido, Grozzi. Maria e Grozzi construíram parte de suas vidas juntos e também trabalharam no Banespa. Eles têm, ambos, cinquenta anos e se conhecem há trinta, sendo que Grozzi trabalhou no Banespa entre 1975 e 2003 e Maria, entre 1978 e 2002. Assim, suas histórias de vida se entrelaçam. Na primeira visita à residência do casal, onde moram em uma casa de um bairro de classe média no distrito de Barão Geraldo, em Campinas, as nossas conversas envolveram a ambos através de rememorações compartilhadas entre lembranças da família, e do trabalho no banco em que enfatizavam, sobretudo, as experiências recentes do desligamento do Banespa.

Primeiramente, entrei em contato com Grozzi por telefone. A sua história me interessava, pois tinha saído, como supervisor, em um PDI - Plano de Demissão Incentivada, e fez carreira no Banespa, iniciando-a como contínuo. Todavia, conhecendo Maria, já na sua residência, vi que sua história seria um contraponto interessante à de Grozzi: primeiro, porque inscreve, à primeira vista, uma distinção de gênero; segundo, porque Maria não fez carreira no banco, permanecendo sempre como escriturária, até decidir aposentar-se ao antecipar sua saída através de uma aposentadoria proporcional com vinte e oito anos de trabalho e não com trinta, o que lhe daria direito a uma aposentadoria com tempo integral.

As experiências de Maria e de Grozzi foram apresentando distinções que me fizeram envolver-se separadamente com cada um deles. Essas distinções seriam *a priori* mais interessantes de serem investigadas que o compartilhamento de experiências de ambos, pois, nas conversas com o casal, as lembranças e os eventos mencionados eram evocados, subjetivamente, de formas distintas. Assim, realizei quatro sessões de entrevistas com Maria e outras quatro com Grozzi, concomitantemente, entre março e início de maio deste ano.

As narrativas de Maria e de Grozzi construíam histórias de vidas distintas nas quais cada um constituía a si no campo de experiências vivenciadas na família e no trabalho que iam se tornando para mim significativas, ainda mais quando essas se associavam à história de

Nilton, tratada no capítulo anterior, mesmo que todos eles se refiram a uma identidade banespiana como forma de adscrição.

Na minha primeira visita, Grozzi mostrou-me um texto que havia recebido dias atrás, uma mensagem eletrônica de um banespiano que a enviou para os cadastrados da Afubesp e que reproduzo a seguir:

“Caros amigos,

Entrei no site da Afubesp, para dar uma olhadinha nas coisas do Banespa. Não conhecia o novo site, pois faz algum tempo que não acessava. Curioso como sempre fui, resolvi dar uma olhada na seção ‘Colegas’ para ver se não havia algum conhecido. Encontrei muitos. Colegas das agências, do Corep²⁴, da Afubesp, Banesprev, etc.

Encontrei também pessoas que, apesar de me serem desconhecidas, me lembraram de sentimentos que tive, tempos atrás. Indignação, dúvida, raiva e outros da mesma ordem, com relação à privatização e aos eventos subsequentes.

Por esse motivo resolvi, depois de 03 anos, contatar todos para dar um testemunho. A maioria de vocês deve me conhecer de ouvir falar: Sergio Silva do Corep, do Banesprev, de Piracicaba, de Monte Alegre do Sul, etc.

Saí do Banespa em Maio/2001, no PDV. Passei 01 ano me desfazendo de propriedades em São Paulo e vim para Canavieiras, no sul da Bahia. Fazia 03 anos que pesquisava o estado da Bahia.

Hoje possuo o melhor restaurante da cidade, à beira-mar e empreendimentos voltados para o desenvolvimento turístico da cidade.

Minha vida nunca foi melhor, e quem me conhece sabe que sempre fui um ‘bon vivant’.

Por isso, digo o seguinte: ‘Existe muita vida depois do Banespa !’

Muita Força a todos e estou à disposição. Sempre!!! “[Grifo nosso]”

Saí dessa visita, pensando o que Grozzi queria enfatizar quando me mostrou a mensagem. Fui compreendo, na medida em que construía as narrativas de Grozzi e de Maria, o que eles quiseram mostrar: como viveram e vivem hoje, convencendo-me, assim como na

²⁴ Conselho de Representação.

mensagem, que “*Existe muita vida depois do Banespa!*”. Para este capítulo, construo a narrativa da história de vida de Maria²⁵.

A infância e a adolescência

Maria passou sua infância em um bairro, à época, da periferia de Campinas. Contudo, a família de Maria migrou para Campinas quando ela tinha apenas três anos. Ela nasceu em 1954, em Cornélio Procópio, no Paraná, como informa: “*Eu sou da terra dos pés roxos lá, com muito orgulho!*”.

Ela conta que seu pai e avós paternos vieram de Minas Gerais, seguindo a rota da economia cafeeira, para trabalhar nas fazendas do norte do Paraná como meeiros e não sendo bem-sucedidos nessa atividade, mudaram-se para Cornélio Procópio. Então, seu pai passou a trabalhar como comerciário, atividade que exerceu a vida toda. A sua mãe nasceu em Piraju, no Paraná, também em uma fazenda, e foi ainda menina trabalhar em Cornélio como empregada doméstica, atividade que já realizava sua avó e bisavós maternas, sendo que sua mãe sempre trabalhou como empregada e aposentou-se na profissão. Seu pai tem escolaridade primária, mas “*é muito inteligente*” e sua mãe é analfabeta, mas, diz Maria. “*na questão do dinheiro, menino, você não engana ela de jeito nenhum, isso não tenha dúvida!*”

Seus pais se conheceram em Cornélio, num hotel da cidade no qual o seu pai trabalhava como gerente e sua mãe, como arrumadeira. Daquela época Maria não tem lembranças, mas guarda dois anezinhos que ganhou de presente de aniversário de uma rica duquesa que se hospedou no hotel. A referência ao anel presenteado pela rica duquesa e até hoje guardado indica como Maria posiciona socialmente sua família ao situar a condição de pobreza, ainda que desde menina tentava diferenciar-se desse contexto, como enunciam os anezinhos guardados.

Para mudar de vida, seu pai aceitou uma oferta de emprego em Campinas, em 1958, como comerciário de uma loja do Grupo Votorantim. O estabelecimento em Campinas nos primeiros tempos não foi fácil e Maria lembra a situação em que viviam na sua infância, comparando-a com a que vive hoje:

²⁵ A entrevista transcrita de Grozzi encontra-se no Anexo I.

“Lembro, lembro por causa disso daí, que... os meus pais sempre foram de conversar também, então a gente sabia que a vida era difícil, porque você ia para algum lugar, você não tinha dinheiro para gastar com nada. Natal, Papai Noel. Que Papai Noel? Você cansava de esperar Papai Noel. Você podia ficar a noite inteira ali que não ia ver Papai Noel nunca. Se você dormisse a noite inteira e você ia levantar de manhã, você nem árvore de natal não tinha, porque nem existia isso. Páscoa? Imagina...Páscoa, quase... Páscoa que eu conheço? Não é a páscoa de agora que só abre os chocolates não. Naquela época, a gente ia para a igreja, ia para a procissão de velinha na mão, que era aqui na Nossa Senhora da Vila Nova. Mas Papai Noel, essas coisas, não tinha.”

Ao fazer referência a essa situação lembra de seu irmão que compartilhou com ela as dificuldades dessa infância, mesmo que cercado de carinhos:

“Naquela época, eu ia para o parque, para a escola, o Carlos não tinha idade para ir para a escola, nem para o parque ainda. O meu pai levava ele para o serviço. Sabe aquelas caixas d’água da Eternit? O meu pai forrava, colocava ele ali, ali ele dormia, ali ele comia, ali ele fazia xixi, ali ele fazia tudo. ...E as pessoas ali, todo mundo que entrava, ai, o Carlinhos. Era só ele abrir a boca que já tinha um lá, ou um vendedor ou um cliente ou um peão e estava carregando cimento e estava num horário de tranqüilidade, ia lá, pegava ele, sabe? Então ele foi muito paparicado pelos outros. Cliente chegava lá, Nossa Senhora, não tinha quem chegasse... Então ele ficava nessa caixa, na Eternit, ficava lá o dia inteiro.”

Para situar a posição social de sua família, de migrantes em Campinas, Maria conta que sua mãe era a empregada doméstica e os outros, os ricos, eram os patrões. Tal como a duquesa que lhe dera os anezinhos no Paraná, os patrões de sua mãe também lhe davam não propriamente presentes, mas o complemento da comida diária de sua família:

“Então, como eles [refere-se a um casal de patrões de sua mãe] tinham filhos, daí a vida já começou a melhorar um pouco, porque, vamos supor, se lá tinha um arroz, lá tinha um feijão, se lá tinha uma fruta, sabe? Então, a minha mãe, vamos supor: ‘Olha, [cita o nome de sua mãe], a sua sobremesa hoje vai ser uma banana!’. Então, ela sabia que tinha dois filhos, então praticamente a minha mãe trazia a sobremesa dela embora para casa.”

A sua família vivia em uma pequena casa de fundos de sala, quarto e cozinha, e pagava aluguel até se mudar anos mais tarde para uma casa financiada pelo Governo em um bairro de periferia. Assim ela lembra:

“... E naquela época, era um quarto, uma sala e uma cozinha, não tinha nada nisso aí. Meu pai pegou, conseguiu arrumar uma porta, colocou janela, colocou a janela na cozinha, pintou tudo de azul, era cal, naquela época, pintou-se a casa com um pinguinho de azul, aquele azul[frisa], assim, para dar ‘oi’, por dentro tudo branco, aquele vermelhão no chão, que... com parafina, aquela cera e tal. Virou outra casa e tinha escovão, já fomos comprar escovão. Aí, eu lembro que eu ia escovar, o Carlos sentado encima do escovão, e a gente ia escovar aquela casa. E mudamos [para o bairro de casas populares], mas pelo menos meu pai dormia no quarto, meu pai, minha mãe e minha irmã; meu irmão na sala, dormia no sofá; eu dormia na cozinha, mas naquela cama de abrir e fechar. Mas a gente tinha uma mesa, um fogão, tinha uma cozinha, a sala... a sala, eu lembro perfeito, era um sofá-cama aqui, a máquina de costura da minha mãe...”

Da infância, Maria lembra que freqüentava a escola e a igreja católica de seu bairro. Ela fez a primeira comunhão, foi catequista e participou da irmandade de filha de Maria. Sobre a igreja, ela conta:

“Eu sempre morei aqui na Vila Nova. Então, tem a Paróquia da Nossa Sra. das Graças ali, é essa daqui, olha [mostra a imagem da santa que está pendurada em um correntinha em seu pescoço] Eu sou devota dela. E aí fiz a primeira comunhão ali, meu irmão também fez, vínhamos todos os domingos na igreja e, depois da igreja, tinha as filhas de Maria, que agora tem, mas é tão pouquinho... e a gente ficava depois da missa, porque a gente tinha catecismo. Aí eu já tinha de seis para sete... mais, porque eu já estava na escola, eu tinha de oito para nove anos já. Cheguei a ser [filha de Maria], fui catequista, fui. Aí a gente fez a primeira comunhão, eu tenho fotos também que mostra.”

A escola é mencionada por Maria como uma boa lembrança. Na verdade, a escola pública era um lugar em que podia complementar a sua alimentação diária, e aprender valores cívicos:

“Nossa, você chegava na escola, bom, para começar, tinha o parque infantil, eu adorava ir no parque infantil, porque no parque infantil você come como criança. Em casa você tinha refeição, mas era, assim, precário, ou você almoçava, mas você não sabia se ia jantar, por isso que eu falo que eu não passei fome, mas eu passei necessidade e vontade, porque fome, os meus pais, graças a Deus, nunca deixou a gente passar. Sempre tinha um arroz novo, um arroz e um tomate. Sou pobre, mas detesto ovo e tomate. Tomate, eu ainda como, mas ovo... aí a gente ia

para a escola. A escola era legal, porque você chegava, você tinha... era obrigatório cantar o Hino Nacional, certo? E depois cantar o Hino da Escola. Mas era assim, você... era afinado.”

A escola foi o lugar, assim como na Igreja, onde aprendeu valores que foram construindo na infância a sua visão de mundo sobre a pátria, a família e também sobre o trabalho. Tais valores, para ela, não se encontrariam presentes hoje nas relações sociais, trazendo à tona a idéia da perda. Não por acaso, é assim que lembra o quanto gostava das aulas e da professora de Educação Moral e Cívica:

“Nossa, Educação, Moral e Cívica, como isso faz falta na escola de hoje. Naquela época, você aprendia tudo o que era moralidade, qual era o seu limite, o que era patriotismo, civismo da pessoa, dignidade, porque hoje ninguém tem mais, é assim, poucas pessoas que têm. Então, lá, a gente aprendia mesmo, a gente tinha uma professora, ela dava música e ela dava Educação Moral e Cívica. Daí a gente se esbaldava, porque nós fizemos parte da aula de música e depois ela juntava mesmo, nós nem saíamos da sala, porque o povo adorava ela. E ela ensinava as músicas. As músicas eram Hino à Bandeira, Hino Nacional, o Hino da Escola, algumas músicas que ela dava para a gente, por exemplo, Dia das Mães, você apresentava, cantava, música de Páscoa, música de Natal, essas coisas que ela fazia para nós.”

Maria mostra-se, nas suas lembranças, como uma menina comportada e obediente na escola e na família:

“... Eu ganhei até medalha [na escola]. Ganhei, ô... Eu sempre soube ser uma criança muito educada, sabe? Nunca fui uma criança bagunceira. Tinha os meus repentes, como toda criança, mas eu, na sala de aula, era perfeito, isso eu vou falar, era perfeito mesmo.... Eu sempre tive um bom comportamento, meus pais nunca foram chamados lá para fazer qualquer coisa, então os meus cadernos sempre foram caprichados. Não tinha letra, assim, lindésima, mas a minha letra era redondinha, caprichadinha, o meu caderno não tinha uma orelhinha, mas também nunca fui de florzinha, sabe? Porque eu não sei desenhar até hoje.”

A menina religiosa e comportada também tinha que trabalhar em casa. Sua mãe trabalhava fora e Maria fazia os serviços domésticos e cuidava de seu irmão e depois de sua irmã, doze anos mais nova que ela – *“eu cuidei dela como cuido até hoje”*, brinca. Naquele momento, sua mãe avaliou que era preferível que ela continuasse trabalhando fora como empregada doméstica e ela, a filha mais velha, ficasse cuidando da casa, já que não teria como encontrar

trabalho e ganhar o mesmo salário que a mãe. Maria cuidava de seus irmãos menores na ausência de sua mãe e era valorizada por isso na vizinhança:

“Eu tinha uma vizinha, que era costureira, a Dona Paulina, e ela tinha dois filhos, um casado e um solteiro. E eu tinha o quê? Já, os meus treze, quatorze anos. Então, o que ela fazia? A hora que ela via aqueles lençóis no varal, aquelas roupas, então ela falava para a minha mãe: ‘Miriam, olha, eu tenho dois filhos maravilhosos, mas eu queria ter uma filha igual a sua’. Via aqueles lençóis limpinhos, roupa lavada, o chão encerado... a gente colocava jornal, sabe, no chão, para não sujar. Então, como a gente sabia mais ou menos a hora da minha mãe chegar, meu irmão lá da rua, aí todo mundo entrava para dentro. Ficava brincando na rua a tarde inteira, a hora que chegava a hora que a gente sabia que a turma do parquinho estava saindo, daqui a pouco, minha mãe estava chegando em casa. Então já vinha todo mundo, tomava banho... tomava banho? Lavava a roupa, lavava a mão, arrumava assim e tinha um banco em frente de casa, ficava meu irmão, falava assim: ‘A mãe vem vindo!’ Aí ele ia lá, recolhia os jornais, dobrava direitinho para ela entrar, a casa estar brilhando, maravilhosa. A minha mãe era brava, viu?”

A menina trabalhadeira também tinha seu tempo de brincar na rua, às vezes assistir televisão na casa do vizinho alfaiate, a única a ter o aparelho na sua rua, e passear com os seus pais nos fins de semana quando iam ao cinema e nos parques públicos, atividades de lazer baratas de famílias nas mesmas condições que a dela. Isso lhe trazia muito contentamento, como rememora:

“Cinema, que a gente pegava o bonde ali na Avenida Brasil; depois o bonde acabou, acho que 65, 66, mais ou menos e, para a gente economizar, que da Vila Nova que ia até a cidade era puxado para a gente ir. Chegava lá, assistia jogo, sabe, esses filmes assim, Dom Quixote, sessão de desenho, então tinha um monte de desenho, aí vinha embora para casa contente e feliz. Aí tinha domingo que a gente ia para a lagoa, a Lagoa do Taquaral. Era perto e não era essa lagoa bonita que é agora, mas o meu pai pegava a varinha de pescar, eu não sei pescar, mas era um divertimento para a gente. Então a gente saía de casa, então a gente ia para a lagoa e lá ele pescava.... pescava? Ficava lá, e ele ficava lá, e a gente pegava amizade com a família do lado, não sei o quê, com a família do lado direito, aí já começava, deixava a vara para lá, já ia correr no meio das árvores, brincar de esconde-esconde, brincava de pega, sabe?”

E era muito legal, ele chegava: ‘Vamos embora?’ ‘Vamos embora, aí pegou muito peixe?’ ‘Oh, pegamos nada, não deu muito peixe’. Que nada, nem a varinha a gente pegava.”

Mas o importante é compreender o que Maria está demonstrando em sua narrativa quando fala de sua infância. Ela procura frisar sua condição de pobreza para situar sua origem ao mesmo tempo em que procura diferenciar-se dessa condição através de suas ações guiadas pelos valores éticos e morais construídos na escola, na igreja e na família.

Assim, Maria conta uma história de como, naquele contexto, conseguia ser a menina mais bem vestida da vizinhança. Depois de cuidar dos serviços domésticos e de seus irmãos, ela ainda ajudava sua vizinha, que era costureira, fazendo pequenos trabalhos, como dobrar retalhos, apanhar linhas e agulhas do chão, e arrumar cozinha. Em retribuição, a costureira fazia suas roupas, tal como o fazia para as meninas de famílias ricas, lembrando:

“Ela me fez um vestido cor de rosa para eu ir numa festa de casamento junto com ela, que cor de rosa bonito, rapaz! Tinha, usava uns apetrechos, que era um cinto que pegava bem aqui, no quadril, com uma fivela dourada lindésima, aquilo tinha como se fosse militar, sabe, os fatores dourados aqui, uma lapela como se fosse bolso, mas era bolso falso, dois botões, nossa... Aquilo [refere-se ao vestido]... Nossa! Eu parecia, nossa! Ia ser o máximo, uma filha de madame mesmo! Então a retribuição dela para mim era isso daí e eu achava ótimo, eu jamais me importei. E eu lavaria quantas louças fossem preciso, eu ficaria de quatro no chão de novo para catar todas as linhas, sentar naquele chão e dobrar todos aqueles retalhos de novo. Eu faria tudo de novo.”

Maria era religiosa, trabalhadeira e comportada na escola. Por isso a sua mãe tinha um sonho para ela, o de que fosse professora. Assim, Maria justifica o desejo de sua mãe:

“Como ela não sabia ler, nem escrever, então, acho que era uma maneira dela, por exemplo, dela ter uma filha que pudesse fazer isso pelos filhos dos outros, você está entendendo?”

Todavia, um evento importante mudou os rumos da vida da menina. Maria, após fazer o exame de admissão para ingressar no antigo ginásio, frequentou a primeira série do antigo ginásio e repetiu o ano letivo em Inglês. A repetência causou-lhe indignação e vergonha e ela, aos doze anos, decidiu abandonar a escola à revelia dos pais. A repetência foi a primeira decepção de Maria com o mundo que a cercava, com a escola e a professora que não ouviram a menina que se esforçava para cuidar da casa e criar os irmãos ao mesmo tempo em que estudava,

tal como queria a mãe. O abandono da escola foi um ato de rebeldia, representando uma ruptura com a sua herança familiar e a escola:

“Eu acho que isso [a repetência] aí me deixou muito triste, porque eu não me conformava, você está entendendo? Porque eu, uma brasileira, repetir por causa do Inglês, uma língua que não era a minha, então eu não me conformava. Eu fui lá conversar com a professora, eu fui. ‘Você entende? Mas, Maria José, não é possível, eu não posso repetir, isso não pode, meio ponto, meio ponto não é nada, numa língua que não é minha. Você tem que ter... E olha só, uma menina de onze anos falando para uma professora.’ Você tem que ter mais consciência!’. Ela falava: ‘Não, mas eu sou a sua professora’. Eu falei: ‘Mas e daí que você é a minha professora?’ De uma língua que não é minha! Eu saí de lá arrasada: não vou estudar, não vou estudar, não vou estudar e não fui. Meu pai falou: ‘Não, se você não for estudar, você vai apanhar, eu te levo pela orelha’. Minha mãe falou: ‘Não, você vai apanhando até a escola. Eu falei assim: ‘Eu vou, mas eu não vou entrar, eu vou pular o muro’ Eu ia fazer de novo, era uma vergonha também, não é? Você, com uma idade avançada, entrar no... ser uma repetente, antigamente falava assim.”

Esse evento pôs em xeque, já na sua pré-adolescência, a menina obediente e religiosa que se sentiu culpada diante dos seus pais:

“Nossa, eu me senti péssima, uma mãe falar isso para um filho? Ainda mais quando você tem uma mãe e um pai num conceito acima, que você tem que ser uma menina obediente, você tem que seguir uma igreja, tem que seguir uma lei de Deus. É terrível, não é?: Eu era filha de Maria, eu ia para a igreja todos os dias. Foi uma afronta, para mim, foi uma afronta não só perante os meus pais, foi uma afronta perante Deus, porque se eu acredito em Deus, foi uma afronta até para Ele. Respeitar pai e mãe [refere-se ao mandamento] e, então você fica aí entre a cruz e a espada, mas eu falei: ‘Entre a cruz e a espada, eu estou no meio!’ Então eu vou me livrando um pouquinho dessa; a hora que essa der uma cutucada, eu vou para aquela, sabe? Mas tem que ir procurando um caminho só, que é o caminho do amor e o caminho do bem, jamais vou me afastar.”

Mas, como ela diz que sempre foi para o “caminho do bem de do amor” - essas eram as ações que a diferenciavam - resolveu mais tarde voltar a estudar. O retorno à escola pública noturna aos dezesseis anos para continuar o antigo ginásio possibilitou a Maria o convívio com pessoas mais velhas que ela, que, mesmo que compartilhassem de sua situação

social, esforçavam-se para melhorar sua condição de vida através dos estudos. Assim, formou-se uma turma que prosseguiu junta até o final do colegial, em que os alunos ajudavam-se mutuamente para sanar suas dificuldades, como lembra Maria:

“Logo de cara, eu já me apeguei nessa senhora. Então...[essa senhora], tinha trinta e cinco anos, não era velha, eu tinha dezesseis, mas... e fui indo. Aí tinha a Conceição, que ela era um ano mais velha do que eu; a Luzia já tinha uns vinte e dois anos, morava em frente do colégio, era empregada doméstica e morava na casa, resolveu estudar; já fez até faculdade de Administração. Aí ela, sabe? E eu fui tomando gosto pela turma...Nossa, da nossa turma, não repetiu mais nenhum. Quando um estava com a nota lá embaixo, vamos fazer trabalho? Vamos, fazia o trabalho. Eu sei, eu tinha tempo. Então, eu fazia o trabalho... Eu não trabalhava fora, então eu tinha todo o tempo para fazer tudo datilografado, tudo bonitinho, tudo certinho, tudo pesquisado.”

Assim, na adolescência, Maria pôde estender sua rede de sociabilidade através da escola com pessoas de outros bairros, homens e mulheres de outras faixas etárias. Dessa forma, realizava um deslocamento social e geográfico que permitiu ter uma posição diferenciada do contexto que vivia, já que, na época, morava com sua família na periferia da cidade, na Vila Costa e Silva, como descreve:

“Eu tinha todos os meus amigos na Vila Nova. O Costa e Silva era, naquela época, entre aspas, era um antro, porque você está entendendo? Por quê?... Era longe, era vila, vila era famosa; vila sempre foi discriminado, não é? E, na vila, tinha, assim, umas pedras, então sempre tinha os arruaceiros, os bêbados, as pessoas que fumavam, a gente já sabia quem era, quem não era e: ‘Oi, tudo bem?’, ‘Oi!’, ‘Oi!’ Mas você já sabia quem fazia malandragem e quem não sabia fazer.”

A sua atuação na Igreja do bairro também era um diferencial para Maria nesse contexto. Ela participava intensamente das atividades religiosas e sociais da paróquia e conheceu algumas freiras franciscanas que dela faziam parte. O convívio com a ação missionária das freiras e com a conduta moral e religiosa dessas fez com que a adolescente Maria pensasse em seguir a vida religiosa em um convento, tornando-se também ela uma freira e não professora, como desejava a mãe. Assim, ela dava aulas de catecismo e participava de retiros espirituais. Ser freira poderia significar um caminho diferenciado possível daquele contexto social em que vivia.

Mas, novamente, um outro evento muda seus rumos. Maria conta porque, à época, decidiu por não seguir a vida religiosa:

“Porque, eu... comigo aconteceu assim, eu tinha a minha classe [de catecismo], eu fui, eu procurei, eu fui na casa das pessoas, tinha pai que era relutante, que não ia deixar a criança fazer catecismo, eu fui atrás, convenci, fiz uma classe maravilhosa. As coisas eram tudo com o meu dinheiro, nunca pedi nada para a igreja, não pedi nada para ninguém. Comprava tudo, fazia as coisas, tudo, presente, era doze, quinze crianças, era tudo, fazia de tudo. E aí, um dia, assim, conversando, a irmã Cristina chegou e falou assim: ‘Ah, Maria, eu vou dar a sua classe para fulana’. Eu falei: ‘Ah, mas por quê?’ ...Eu falei para ela: ‘Não acho justo!’”

Tal como o evento da professora que lhe reprovou no Inglês fato que a levou a abandonar a escola, a decepção com a atitude de irmã fez-lhe abandonar o projeto de uma vida religiosa ao decepcionar-se com a igreja:

“Então foi uma segunda decepção. A primeira foi quando eu reprovei no Inglês e a segunda, essa daí. Ela falou: ‘Não, porque você não está se saindo uma boa samaritana!’ Aí, eu virei para ela e falei: ‘Espera, eu sou, eu faço tudo. Mas só que essa classe aqui, eu não vou dar, porque eu acho, também, ser boa é uma coisa, agora, uma pessoa que vem aqui, vai pegar a minha classe, vai desestruturar a minha classe, sem ter um nada?’... Tanto é que foi o que aconteceu, é claro que não deu em nada. Então eu fiquei muito chateada, aí eu falei assim: ‘Olha, então, eu dou a minha classe!’ Eu falei para ela, e também dou toda a minha vida, todo o meu passado religioso, também entrego tudo para a senhora aqui agora. Aí, fui embora, fui embora...”

Na verdade, a vida religiosa não era decididamente o desejo que a mãe de Maria tinha para ela: sua mãe queria que ela seguisse uma profissão, casasse e tivesse sua própria família. Quando indagada sobre isso em nossa conversa, Maria tem um sobressalto em sua narrativa, como se refletisse, naquele momento, o porquê de não seguir a vida religiosa, que pode estar relacionado aos desejos de sua mãe:

“Nossa, depois de quarenta anos, eu pensar isso daí, agora você me pegou, hein?... A minha mãe falou isso aí, será que não foi o que pesou? ... Menino, você não pode fazer isso comigo! Nossa, será que eu estou tirando essas coisas da minha cabeça agora, será que as

minhas culpas estão saindo? Verdade... Será que eu queria uma coisa e também queria por ter decepcionado [sua mãe]... olha, verdade..."

Entre a decisão de seguir a vida religiosa e contrariar os desejos de sua mãe, Maria assume sua herança familiar. Ela fala como passou a freqüentar bailes e olhar para os rapazes, incentivada por sua mãe, mais liberal nos costumes da época, no início dos anos 70, do que ela própria, conservadora e ligada à Igreja, como exemplifica:

"Porque foi logo depois dessa fase da igreja e depois, que eu fiquei nesse conflito aí. A minha mãe me comprou uma frente única, listradinha de azul, branca e preta. Nossa, poderia usar amarradinha no pescoço ou trançadinha na costa. Eu falei: mãe, eu vou ficar com essa costa pelada desse jeito?"

Maria passou a gostar de ir aos bailes e lembra como se divertia naquela época, sempre na companhia de seu irmão:

"Porque eu ia, eu gostava mais de ir ao baile, eu sentava na minha cadeira, adorava o povo dançar, para mim, aquilo era a coisa mais linda do mundo, você está entendendo? Era ver o pessoal dançar, aí tinha o nosso grupo, o meu irmão dava som, tinha aquele grupo, era a época de discoteca. Ninguém dançava música romântica, tudo agarradinho, mas tinha aquelas músicas de discoteca que eram um auê. Eu adorava escutar aquilo... Fazia, o Henry, o David e o Saulo, os três. Meu irmão, 1 metro e 98, todo arrumado, era bonito, eu orgulhosa! Então a gente ia dançar, empurrava a mesa assim, e tinha as meninas, os meninos aqui, tudo aqueles passinhos pertinhos, ensaiava a semana inteira aqueles passos para fazer bonito no baile. Eu gostava disso, sempre fui uma pessoa assim, e gosto até hoje."

Todavia, Maria não namorava os rapazes, pois assim garantia sua liberdade conquistada pela confiança depositada na filha pelos seus pais, considerando:

"Eu acho que um namorado ia tirar a minha liberdade e meus pais talvez também me tirassem a liberdade: 'Não, você está namorando? Você tem que ficar dentro de casa'. Porque uma moça, naquela época, não podia ser falada."

O conflito entre os valores religiosos que cultivava, sobretudo por influência das freiras, e os valores mundanos seria equacionado por Maria através de sua conduta diferenciada que, marcada pela religião, permearia até hoje as outras esferas de sua vida, como diz:

"Ah, traz sim, você [refere-se a ela] tem uma formação meio reprimida, assim, não pelos meus pais, porque os pais não deixavam uma menina.... tanto é que, não vou dizer que

era mal vista, mas tinham minhas duas vizinhas de frente que tinham filhas da mesma idade, com dezesseis, dezessete anos, que elas nunca tinham ido num baile; imagina freqüentar a piscina de um clube e eu ia, com o maior orgulho, porque eu não tinha feito nada de errado e eu sabia o que era certo e o que era errado.” [Grifo nosso].

Então, a visão de mundo de Maria ia se formando entre os valores da escola, da igreja e os de sua família em um contexto social em que ela procurava se diferenciar através de sua conduta moral.

Em 1974, Maria conheceu o seu atual marido, Grozzi, aproximando o seu mundo ao dele, e construíram uma história em comum em que entrelaçam sua vida familiar e seu trabalho no Banespa. Ela recorda quando começaram a namorar:

“Aí, quando foi nesse baile que nós fomos, em maio, lembro até hoje. A gente conversando assim, veio um rapaz, amigo nosso, que chegou para me tirar para dançar e eu não ia dançar mesmo com qualquer um, mas aí como era... veio se aproximando, o Davi falou assim: ‘O Maria, vamos dançar lá, tem uma música gostosinha para a gente dançar!’... ‘Eu não gosto!’... eu falei assim para ele: ‘Fernando [como se refere a Grozzi], você me dá licença que eu vou dançar?’ Ele falou: ‘Não, você não vai dançar’. Aí virou para o Davi e falou assim: ‘Não, agüenta aí que essa ela não vai dançar com você, depois ela dança, mas essa não’. E ele não me deixou dançar, então ele me segurou. Então, na hora que ele me segurou, me segurou mesmo. E ali nós ficamos a noite inteira com ele me segurando. Eu olhava para o meu irmão assim, fazia assim, e ficamos a noite inteira encostado numa parede, me segurou mesmo, me segurou até hoje! [risos] Saímos do baile, assim, sabe?”

Grozzi, na época em que conheceu Maria, era vigilante da agência do Banespa, em Barão Geraldo, distrito de Campinas. Ele lhe apresentou os seus colegas de trabalho de sua agência. Assim como Maria o fizera na escola secundária, ela foi ampliando sua rede de sociabilidade através de Grozzi. Nessa rede, ela sempre considera os vínculos afetivos e compara o seu universo social com o que passava a conhecer através das pessoas que trabalhavam no Banespa. Assim, comenta como isso se dava, sobretudo nas festas do banco:

“Ah, eram [pessoas muito diferentes do seu círculo de amizade] porque o meu círculo era, assim, vamos dizer, pobre, ou seja, que viviam a vida labutando, trabalhando. Aí quando eu cheguei no banco e fui apresentada: ‘Não, esse é o gerente do Banespa!’ Outro status, né? Aí tinham meninas que eram escriturárias, era status. Ele era vigilante. De vigilante

para ser gerente, para ser um supervisor, um chefe, é diferente, não é? Ainda é baixa. E eu cheguei, ele falou: 'Olha, essa aqui é a Maria'. Todo mundo já conhecia de nome e tudo. 'Essa é a Maria, minha namorada.' 'Ah, esse aqui é fulano, esse aqui é cicrano'. Aí eu me lembro que o ... Davi falou assim: 'Ah, então é você que físgou o coração do bigodudo aqui?' Não sei o quê. Já veio me abraçando, me beijando, um cara super simpático, amo ele de paixão até hoje, super legal. Aí teve... veio o [cita o nome] também, que é padrinho de casamento dele, super legal.... A [cita o nome] me tratou super bem, nossa... o Antônio...Então, sabe, foi muito gostoso. Aí depois, em todas as festas do banco, ele me chamava."

Maria entende que Grozzi tinha o mesmo universo social que o dela, mas reconhecia nas pessoas do Banespa várias posições sociais diferenciadas a dela. Assim, conta como ficou empolgada quando Grozzi conseguiu entrar como funcionário de carreira do banco, como contínuo, entendendo que ambos na época tinham a intenção de prosseguir em uma profissão:

"Que a gente já... eu não vou falar em classe social, porque a gente já era uma classe mais ou menos igual, ele sendo vigilante. Agora, ele passar a ser um contínuo do Banespa? Nossa, aí você: 'Ah, o que o seu namorado faz?' 'É guarda. Ah, é vigilante do banco' Como eu nunca tive vergonha de falar, porque a minha mãe era empregada doméstica. Então, era o meu namorado, vou fazer o quê? A profissão dele era essa, não é? E eu ainda estava caminhando com a profissão, eu não sabia o que eu ia fazer, talvez eu fosse até fazer mesmo pedagogia, eu fosse ser uma professora."

Maria estudava no colegial, na área de química, e estava próxima de formar-se. Começou a trabalhar fora de casa, primeiro com escriturária em uma clínica médica e depois em uma agência de seguros. Mas, concomitantemente, Maria foi conhecendo mais a empresa Banespa, algumas pessoas que lá trabalhavam e, dentre elas, mulheres. Isso ampliou sua visão de mundo, o que a levou à decisão de prestar o concurso para o ingresso de sua carreira no banco:

"Porque você veja bem, quando você entra numa empresa, que é uma empresa grande, que é o Banespa, realmente é uma empresa grande. Foi e é ainda! Que vai ser o Santander. Então tinha a [cita o nome], que era uma menina que trabalhava lá, que eu peguei muita amizade com ela. E nós estávamos na chácara da Regina Duarte, porque o [cita o nome] era concunhado da Regina Duarte e nós fomos fazer um... Então, quando nós fomos nessa chácara foi quando ela conversou comigo. Ela falou: 'Maria, o concurso do banco, o Grozzi

falou que você não foi fazer ainda, por que você não vai fazer? O que você acha?’ E eu já gostava muito dela. E nós estávamos nessa chácara. E o [cita o nome], que era concunhado da Regina Duarte, aquela chácara maravilhosa, tudo... Você vê tudo bonito, eu acostumada com coisas, assim pobres porque eu vim de uma família pobre. E você põe aquele objeto. Eu conhecia chácaras, mas chácaras, não é? Eu fui conhecer uma chácara, aquela imensidão, coisas lindas, maravilhosas.”

A decisão de prestar o concurso poderia significar sua entrada para aquele mundo que estava conhecendo juntamente com Grozzi e, portanto, representava uma ascensão social. Mas também essa decisão era movida por algumas condições de trabalho que considerava vantajosa, como ela mesma diz, como as seis horas de trabalho diárias, o que lhe sobraria mais tempo para se dedicar a si mesma e para ajudar sua mãe nos serviços domésticos, já que trabalhava numa empresa de seguros no horário comercial de oito horas diárias, incluindo aos sábados.

Maria prestou o concurso juntamente com Grozzi em 1977. Eles se ajudaram nos estudos preparatórios e ambos foram aprovados. Ela explica que naquela época não havia tanta concorrência entre os candidatos do concurso e por isso havia uma certa facilidade de ingresso, diferentemente do contexto atual, de desemprego:

“Aí depois eu vi que não, que eles iam chamando, assim, conforme eles iam precisando, mas eles chamaram todos. No fim, vamos supor, se tinha... duzentos vamos supor, cem vagas, tinha ali, vamos supor, oitenta candidatos. Então...Sabe? Então eles foram chamando conforme eles foram precisando e foram... Acabaram chamando todo mundo. Não é como agora, uma vaga para cinqüenta mil. Antes era diferente, antes você ia procurar emprego, você escolhia.”

Em 1978, Maria ingressou no Banespa, desligando de seu emprego na agência de seguros. Tomou essa decisão que incluía também um projeto de formar sua própria família. Na época, teria dito para Grozzi: *“Vamos ser bancários juntos!”*

A entrada no Banespa, simultaneamente a formatura no colegial e o início da vida com Grozzi representaram, para Maria, o seu ritual de passagem para vida adulta.

A infância e a adolescência que ela ia deixando, Maria marca, em sua narrativa, como a de uma menina e moça pobre da periferia, que teve que assumir a criação de seus irmãos mais novos tal como uma mãe. Mas ao mesmo tempo ela procura diferenciar-se desse contexto

através de suas ações que lhe colocavam no caminho para uma mudança de status e econômica, diverso dos que tinham a sua mesma origem social, o que ela revelou-me ser o seu caminho “*do amor e do bem*”. O trabalho no banco foi um condutor para essa mudança na sua vida.

Todavia, foi durante a infância e a adolescência que Maria compreendeu sua herança familiar e realizou suas escolhas entre um projeto de seguir a vida religiosa e ser freira e o outro de seguir uma profissão, a princípio a de professora, e formar uma família como desejava sua mãe. Maria decepcionou-se com a escola e com a igreja e não foi ser professora ou freira, mas seguiu a profissão de bancária, casou-se e teve um filho. Essa escolha representaria um projeto de liberdade e emancipação que o trabalho no Banespa proporcionou-lhe.

Tal como em relação à escola e à igreja na infância e adolescência, Maria também faria uma outra ruptura mais tarde, na vida adulta, referindo-se ao seu trabalho no Santander-Banespa, uma outra instituição, quando decidiu sair do banco. Mesmo considerando-se uma excelente funcionária, ela se aposenta antes de completar os trinta anos de tempo de serviço, movida também, como se verá, pela decepção e por um desejo de libertação.

O Banespa e a família

Quando construímos a sua narrativa, Maria mostrou-me o seu álbum de casamento. A cada fotografia, contava-me sobre os preparativos, a cerimônia, os padrinhos e a festa. Ao mesmo tempo, mostrou-me o álbum de fotos das comemorações das Bodas de Ouro, os cinquenta anos do casamento de seus pais, que ela organizou recentemente. Na verdade, o que Maria está demonstrando com isso, com as lembranças evocadas por essas imagens, é que formar uma família própria é central para sua história de vida tal como o é também para os seus pais e que ela trouxe deles como uma herança.

Contudo, esse projeto esteve vinculado a sua vida como trabalhadora no Banespa: desde a escolha de seu marido, que também era funcionário do banco, a decisão de quando se casar e o que isso implicava para prosseguir sua carreira no banco. Desta forma, Maria constitui, na sua narrativa, as mediações entre o trabalho no Banespa e a família.

Maria entrou no Banespa no dia sete de março de 1978, como ela mesma menciona (e não seria por acaso) um dia antes da comemoração do Dia Internacional da Mulher. Ela foi alocada na agência de Barão Geraldo em que trabalhava Grozzi, onde permanecerá por

quase todo o tempo de trabalho no banco. Assim conta como conseguiu tomar posse justamente nessa agência através de uma permuta conseguida por intermédio do então gerente da agência Barão Geraldo:

“O Grozzi pegou e falou assim [para o gerente da agência]: ‘[Cita o nome do gerente], ela [Maria] está indo para São Paulo com o irmão dela agora e ela já foi chamada, ela tinha que se apresentar hoje lá para fazer já a entrevista e o outro teste.’ ‘Ah, por que você não me falou, porque não sei o quê’. Ele falou: ‘Ah, acho que não tinha necessidade, ela já passou, tudo’. ‘Ah, não!’ Aí ele ligou.. Eu estava sentada lá, chegou o rapaz falou assim: ‘Quem é Maria [cita seu sobrenome]??’ Eu falei: ‘Sou eu!’, ‘O telefone’, eu falei: ‘Nossa, telefone!’. Era o [cita o nome do gerente] no telefone, ‘Maria, você está aí, não sei o que, o que você está fazendo?’, Eu falei: ‘Eu estou assinando os papéis.’ ‘Para onde você vai?’ Eu falei assim: ‘Eu estou indo para a...’. Era pra Agência Centro.’ Aí, ele pegou e falou assim... Ele falou: ‘Ah, então eu já sei, você vai para a Agência Centro. Eu descobri aqui, com o gerente, que tem uma menina, que mora lá no São Bernardo, que está vindo aqui para Barão Geraldo. Eu não quero, eu quero que você venha, você quer?’ Aí ele até brinca comigo. Ele falou assim: ‘Eu quero não, vai depender de você, você quer vir para cá?’ Eu falei: ‘Ah, se puder mudar, por que não?’”

É que Maria, antes de ter relações profissionais com as pessoas do Banespa, havia feito relações de amizade já formadas anteriormente através de Grozzi. Quando se pensa na “família banespiana”, Maria já era uma agregada dessa família. Assim foi o modo pelo qual ela foi recebida por seus amigos no seu primeiro dia de trabalho em que ingressou efetivamente como membro da “família banespiana”:

“... Na hora em que eu cheguei na agência, eu me apresentei, eu ia trabalhar do meio dia às seis porque eu estudava ainda Eu cheguei lá era onze e meia. Mas isso aí, nossa, foi um fuá, não é? O [cita o nome], que estava lá no... com o Crédito Rural, era um quartinho lá no fundo; o [cita nomes]; aí, tinha um outro rapaz que foi para Curitiba, que eu esqueci o nome dele. Aí, todos vieram, conversando, sabe? Brincando, vieram me abraçar, as meninas, que eu já conhecia, a Maria, nossa, eu fiquei muito amiga dela; a [cita o nome], que entrou, ela trabalhava no Setor de Contabilidade do [cia o nome], sabe, era tudo pessoa que a gente conhecia dali. Aí, tinha uma outra também que trabalhava no escritório do [cita o nome], que entrou; aí veio a [cita o nome], que também entrou em dezembro, assim, mais para o fim de

dezembro. Ai, gente, era um monte de gente, sabe? E tinha os velhos, não é? Tinha os antigos que eu já conhecia!”

Pode-se depreender que as relações de amizade e profissionais eram inseparáveis na família banespiana já que redes de solidariedade eram estabelecidas, entre o trabalho e a amizade, mesmo estando presentes conflitos relacionados às relações hierarquizadas de trabalho no Banespa. Maria conta como isso se dava:

“Ele [refere-se a um colega de trabalho] chegou e falou mim: ‘Então, agora [quando entrou para trabalhar na agência], você vai deixar de ser minha amiga’. Eu falei: ‘Ai, Renato, vou nada’. Ele falou: ‘Não, você vai ser minha amiga da porta para fora, porque da porta para dentro você vai ser minha colega de trabalho’. Eu falei... ‘Aí, sabe?’ Então era legal isso, porque amizade, amizade, trabalho era trabalho.”

Mas, em seguida Maria pondera, explicando melhor como, nas fronteiras entre trabalho e amizade, as relações hierárquicas permaneciam, ainda que se atenuando posições autoritárias:

“Ai, mas era muito bom, porque se ele tivesse chegado e falado: ‘Maria, você pisou na bola aí, não é?’ Então, chegava, falava e acabou. [Mas] Tinha uma cumplicidade, vamos dizer assim.”

Maria conta também como foi se qualificando profissionalmente nesse contexto, entre amigos e trabalho, em que a aprendizagem se dava no trabalho, entre os próprios funcionários que ensinavam os serviços uns aos outros o que difere dos programas de treinamento, a forma de aprendizagem do banco atual:

“É, [aprendia] com os outros, você aprendia. E outra, aprendia com aquelas pessoas que já fazia o quê? Tempos que já estavam fazendo aquele serviço, não é? Então foi muito bom por causa disso, eu aprendi, eu fui para lá [refere-se ao Setor de Compensação do banco], não era como agora, agora tem os treinamentos...”

Contudo, a entrada de Maria para a família banespiana deu-se no núcleo das mulheres. Maria, antes mesmo de ingressar no banco, conhecia as funcionárias do Banespa da agência Barão Geraldo. Ela foi aprendendo e se espelhando em várias delas como modelos de funcionárias ao mesmo tempo de mulheres. Elas foram orientando sua vida profissional e permitiram que, através da observação de como compatibilizavam a vida no banco com a

familiar, pudesse também projetar a constituição de sua própria família através de seu casamento com Grozzi.

Assim, quando entrou no banco, tinham oito mulheres em sua agência e algumas delas lhes ensinavam os serviços. Porém, mais que os serviços bancários, foi aprendendo com elas uma forma de se posicionar como mulher também fora do universo de trabalho. Assim, lembra de duas delas:

“Tinha a [cita o nome] que nem eu falei pra você: a [idem] era sensacional! Então eu me espelhei um pouco nela, porque ela já era casada, já era mãe, ela entendia do serviço porque todos elogiavam ela.... Ela era mais velha. Eu acho que ela é mais velha no sentido assim... acho que uns dois ou três anos só mais velha do que eu em idade. De banco ela era mais velha, de banco, acho que ela já tinha uns dois ou três anos de banco. Acho que ela já era daquela época quando o banco começou a pegar mulheres”

“... a [cita o outro nome] foi o modelo de pessoa, ela era uma pessoa honesta, íntegra, bonita, maravilhosa por dentro. Casada, tinha marido, tinha filho... No trabalho, ela era ótima, você está entendendo? Ela não tinha defeito. Então, e ela me ensinou o serviço dela sem defeito.”

Portanto, Maria foi deixando de ser uma agregada da família banespiana - “a namorada do Grozzi” - para ser ela mesma uma banespiana. Ela resume o que, àquela época, eram consideradas como vantagens trabalhar no banco, ou seja, ser uma banespiana:

“Agora, quando eu vim no banco, qual era vantagem. Eu ia ter médico, assistência médica, ia ter médico, me falaram também, ia ser bom, que eu ia trabalhar seis horas por dia, você está entendendo? Eu não trabalhava no sábado, não trabalhava no domingo e não trabalhava no feriado, você está entendendo? Agora para você ver... Não era só o salário. Ah, pensava [na estabilidade] Apesar que tinha tanto emprego...porque quando você entrava numa estatal, qual era o seu objetivo? Morrer ali.”

Se ser banespiana implicava em direitos que não eram tão comuns aos outros trabalhadores, notadamente do setor privado, também, e como decorrência disso, era uma identificação profissional e social positiva dada pelos outros que Maria compara à profissão de professora, a que sua mãe desejava que ela tivesse seguido:

“Porque quando você falava para uma pessoa: ‘Qual é a sua profissão?’, ‘Bancária’. ‘Oh!’, ‘Da onde?’, ‘Banespa’. ‘Uh’... sabe? Era um auê! Era status com certeza.

Nossa, quando você falava: ‘Bancária, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Caixa Estadual e Banespa! Nossa Senhora! Às vezes, até o tratamento era diferente, você está entendendo? Porque, antigamente, uma professora, uma professora ganhava muito bem, eu lembro disso porque eu tinha amigas que eram professoras. Então, quando você achava que... ‘Nossa! Eu sou uma professora...’ Vamos supor, do Ataliba Nogueira [nome de escola], do Pedro Oliveira [idem], porque quando você era professora, você tinha um salário, vamos supor, de dois mil, sabe, assim... porque hoje é demais, hoje elas ganham uma mixórdia. Então, nossa! Você como professora, bancária, na hora que você colocava, mostrava o seu holerite ali, mil quinhentos, mil e sessenta, a turma falava: ‘Nossa’, sabe, ‘Como você fez para entrar no Banespa?’ ‘Como que faz para entrar no Banespa?’ Como que...você está entendendo?’

Ao ser identificada como banespiana, Maria, tal como as professoras, à época, também se diferenciava como mulher no seu universo social:

“Nossa, como era, eu sempre senti orgulho de falar que eu era banespiana, nossa, quando eu chegava assim, eu queria botar banca, eu já falava: ‘Eu sou bancária’. Então sabia que a pessoa ia perguntar para mim: ‘Você é bancária?’ Que banco você trabalha?’ Eu já falava: ‘No Banespa’. Ah, aí a pessoa já dava uma entortada, já dava uma levantada, não é? A gente não é de ferro, também, não é? Vamos ser um pouco orgulhosa, também não é?”

Portanto, Maria foi apropriando-se dessa identificação, assim expressando através do sentimento de orgulho que significava para ela ser uma banespiana:

“Ah, para mim significava muito, pôxa, era orgulho falar uma coisa dessas! Ela me dava tudo, pôxa, eu dava uma ajudada, certo? Mas ela, um.... lógico, hoje eu dava o que precisava, do Banespa, o Banespa também, lógico, naquela época, precisava de mim porque se eu fosse uma boa funcionária e trabalhava direitinho, ele também trabalharia direitinho.”

Nesse sentido, Maria retribuía o significado social e econômico de ser banespiana para sua vida, procurando ser uma profissional responsável para a empresa. Era essa reciprocidade que permeava as relações de trabalho no Banespa. Se no banco haviam relações hierarquizadas no trabalho – e dentre essas, relações hierarquizadas de gênero – essa reciprocidade equilibrava os conflitos, pois indicava uma valorização da pessoa. No caso de Maria, o banco representou uma ascensão social e um projeto de futuro garantido que talvez não fosse possível de outra forma em seu contexto de origem. Tudo isso pode ser compreendido melhor com suas próprias palavras:

“Por isso que eu estou falando pra você: isso que eu falei, no começo, não. No começo, eu me senti humana. Depois que eu falar como eu me aposentei, você vai falar: ‘Nossa, é diferente!’ Aí teve duas medidas, que foi porque quando eu entrei no banco, eu entrei, assim, sabe, eu cheguei no primeiro dia, eu fiz o Nome do Pai, eu falei: ‘Gente do céu!’, Você, assim... que nem eu falei assim: ‘Eu sou garantida, a minha família está garantida, meus...’, Eu falei assim: ‘Se eu tiver uma família, os meus filhos irão também ter um futuro’. Porque, até então, a gente pensava no futuro, mas não num futuro, assim, com uma casa, com um carro, você pensava numa medida, assim, viver numa vida boa. Mas agora, você veja bem, você vive no banco, você não ganhava nada, sua mãe sendo empregada doméstica, seu pai, comerciário; você já entra ganhando, sabendo que você já pode, por exemplo, chegar lá e... Eu chegava na loja de calçados, eu ia fazer crediário, já comprava [coisa] para mim, comprava para o meu pai, comprava para a minha mãe, comprava para a minha irmã, comprava para o meu irmão, você está entendendo? Eu chegar e comprar, não é legal isso?”

A entrada de Maria no Banespa significou, especificamente, um reposicionamento seu diante do contexto familiar. Como a filha que passou a ter uma profissão melhor que os demais, ela ajudou a sua família não apenas a nuclear, mas também os parentes próximos, agregados e afilhados, o que faz ainda hoje. Assim, ela diz o que modificou para ela e sua família a entrada no banco:

“Comprei geladeira para a minha mãe, comprei em dez vezes, mas eu comprei, e daí? Não era legal isso? Então era gostoso, então você já podia, por exemplo, chegar de noite... eu já era uma pessoa que não é que eu era difícil pra comer, eu sou fácil, mas, ao mesmo tempo, eu não sei comer sem carne, sabe? E outra, eu vim de uma família super pobre e não sei comer sem carne... era terrível para mim, não era?... Mas é, foi muito gratificante, porque eu já saía do banco mais cedo, sabe? Então eu já podia ajudar minha mãe numa casa mais do que eu já ajudava. Então, se a minha mãe chegava no sábado, no domingo, minha mãe descansava mais. ”

Maria pôde se re-valorizar como a filha que ajudava os seus pais no sustento da família. Contudo, a entrada no Banespa significou também sua emancipação como mulher, e assim ela pôde suplantar sua herança familiar. Maria vinha de um modelo de família em que sua mãe, uma empregada doméstica, sempre ajudara no sustento da casa, portanto o seu pai não era o

único provedor da família. Sobre isso, ela entende como sendo uma forma de sua mãe ser independente:

“E a minha mãe, também, sempre ensinou uma coisa: ‘Mulher não pode depender de homem!’ Minha mãe sempre falou isso. Nesse ponto, acho que ela era muito feminista, não é?... Mas ela sempre falou, o que ela fez, foi falar isso para mim.”

No entanto, como banespiana, diferentemente de sua mãe, Maria pôde emancipar-se financeiramente, o que implicava em ter conquistado sua própria independência como mulher:

“Tinha, tinha [conquistado sua independência com a entrada no Banespa], porque eu não precisaria... depender de ninguém, nem da minha própria mãe, nem do meu próprio pai. Eu iria depender de quem? Só de mim, só do meu esforço... E nem de um marido, principalmente de um marido. Porque, às vezes, eu falo para o Grozzi, que o Grozzi, o meu sobrenome é outra história, ele fica.... você está entendendo? Eu não dependo dele.”

O trabalho no Banespa representou para Maria a um só tempo uma ascensão social, uma revalorização na família e uma emancipação como mulher no contexto sócio-econômico em que vivia.

Todavia, existe aqui um paradoxo no que se refere às questões de gênero. No que concerne a sua carreira no trabalho, Maria sempre se manteve como escriturária diferentemente de seu marido que ascendeu na carreira. Portanto, aqui se evidencia uma desigualdade de gênero presente no Banespa. Maria tem um entendimento de qual era o significado para o banco - assim como outras empresas - de agregar as mulheres como funcionárias:

“Foi uma época que o banco viu que as mulheres também, apesar de ser uma mão-de-obra barata também, eles estavam vendo que as mulheres tinham responsabilidade. E acho que as mulheres tinham mais responsabilidade do que os homens. Foi quando as empresas começaram a ter mulheres. No Banespa também. Nossa! Eu lembro que, nessa época, tinha bastante mulheres!”

Mas, paradoxalmente, quando Maria posiciona-se em relação ao que significou o trabalho no Banespa para sua vida, ela entende que através dele pôde emancipar-se de forma diferenciada como mulher na família e na sociedade.

Contudo, o fato de Maria não seguir a carreira no banco, ela não associa às posições assimétricas entre homens e mulheres no Banespa, que ela sabia que existiam, mas sim justifica esse fato associando a um valor que sempre prezou muito, o de formar sua própria família e ter filhos. O trabalho no Banespa permitiu a Maria construir esse projeto juntamente com Grozzi, pois podia, a ela que prezava tanto as relações familiares, dedicar-se a elas sem que isso implicasse, na sua própria avaliação, em prejuízos maiores no trabalho.

O casamento para Maria foi um grande evento que marcou sua vida e estava estreitamente ligado ao seu trabalho no banco. O fato dela e Grozzi trabalharem no Banespa garantia-lhes uma previsibilidade e um conforto financeiro o que os levou a tomarem a decisão de se casar.. Dessa forma, planejaram o casamento em etapas, fizeram uma poupança, construíram uma casa e comunicaram o seu noivado para a família:

“Aí, [decidiram] ‘Vamos casar’, aí depois meu pai fez quarto, sala, cozinha e banheiro lá no fundo da casa dele. Aí ficamos noivo em janeiro de 78, que a turma do Paraná veio para cá passar o Ano Novo. Foi num sábado... ‘Vamos ficar noivos’. Ninguém sabia. Aí, chegamos, eu falei assim: ‘Ah, vamos ficar noivos, ia aproveitar que o povo está aqui e nós vamos convidar vocês para padrinho e tal...’ E todo mundo: ‘Ah, quando vocês casam?’ Eu falei: ‘Pode deixar que a gente vai dar um jeito’. Conversamos tudo direitinho e aí resolvemos, ‘No dia 29 de junho a gente casa, no final de junho a gente casa’. E aí foi, e eu não tinha feito enxoval! Ah, já[tinham a vida garantida]! Porque ele trabalhava e eu também, não é? Então não precisaria depender, você está entendendo?”

Ao mesmo tempo, também tornaram público o casamento para os amigos da agência e também para os clientes que geralmente eram de Barão Geraldo, onde Grozzi também morava:

“Eu falei: ‘Convite está aqui, estou pondo lá no quadro de aviso que é para todo mundo, extensível a filhos, esposas, maridos, mãe que moram junto’, eu falei: ‘Tudo. Cachorro...’, falei: ‘Tudo!’ E vou pôr lá no quadro de aviso. Pus lá um mês antes ... Alguns clientes que sabiam que a gente... ‘Ah, vai casar? Vai casar? Mas [com quem] você vai casar?’, ‘Ah! Casar com o Grozzi. Você? Namorada do Grozzi?’... E foi aquele murmúrio, aquele burburinho, aquele negócio todo!”

O casamento de Maria e Grozzi foi um evento em que se formou uma pequena comunidade composta pelas suas respectivas famílias, os amigos do trabalho - a outra família, a

banespiana - e os clientes do Banespa. Estariam aí agregados, nesse evento, diversos espaços de sociabilidade, que aparentemente estariam separados: o do trabalho, o da família e o da localidade. O evento foi um lugar no qual se mesclaram relações profissionais e familiares, amizades e afetos. Pode-se dizer que foi em decorrência das relações sociais construídas no Banespa que se pôde congrega essa comunidade, profissional e afetiva, para além dos limites da própria empresa.

Maria surpreendeu-se com a quantidade de convidados, entre banespianos, familiares, clientes e moradores de Barão Geraldo, que compareceram à cerimônia:

“Aí, nós chegamos assim... abriu a porta assim e na hora que eu olhei... que eu vi aquele povo, menino de Deus! Eu não via mais nada, eu não conseguia nem ver... Pode ver que eu entrei assim, acho que, na minha expressão, foi de... foi de alegria, lógico... Eu falei: ‘Gente, de onde apareceu esse povo?’”

A partir de então, a história de Maria e Grozzi seria marcada como a de um “*casal do Banespa*” aos olhos de toda essa comunidade que assistiu ao casamento. Isso foi um diferencial que os identificou nos vários espaços nos quais transitavam, entre o trabalho, a família e a localidade. Assim, Maria refere-se como era vista:

“Era uma comunidade. Era pequena, Barão Geraldo, e é uma coisa bem assim... lógico, por isso eu falo para você: a gente tinha que sentir orgulho porque as pessoas te elogiavam e elogio para o ego, meu amigo, quem que não gosta? Quem que não gosta? Até eu que sou tonta! Nossa! é muito bom!”

Com o casamento, Maria marcava um diferencial em relação aos seus familiares, o de ser uma mulher que trabalhava no Banespa. Pois ela assumia o papel de esposa e depois o de mãe, mas rompia com a idéia do homem como sendo o provedor principal da casa, pois o fato de trabalhar no Banespa colocava-a em condições de igualdade nas questões domésticas, muito diferente do que era recorrente em outros casais de sua família.

Maria fala especialmente de um caso. Conta que Grozzi foi questionado por alguns membros de sua família, como um compadre seu que perguntou a Grozzi às vésperas do casamento: “*Você vai deixar sua mulher trabalhar?*”. No dia do casamento, ao comentar isso com ela, Maria posicionou-se imediatamente quanto à pergunta do compadre, remetendo ao modelo de sua mãe:

“Nossa, jamais! [pararia de trabalhar fora]. A minha mãe sempre me ensinou e eu sempre vim de uma família que todo mundo trabalhava. Agora, você veja bem, e eu tinha a minha comadre, pôxa vida, ele [o compadre] começou a falar..., Pôxa vida! Eu tenho que comprar um perfume, comprar uma calcinha e vou ter que pedir dinheiro para o meu marido para comprar isso! Ah, isso é uma humilhação, não é?”

Não era o modelo de mulheres de sua família, como a sua comadre, que Maria tomava como referência. Nem mesmo o era o de sua mãe que, embora trabalhasse fora, nunca pôde prover o seu próprio sustento. Ela seguia como modelos, nesse momento de sua vida, outras mulheres banespianas com as quais convivia, que trabalhavam fora e formavam sua própria família, eram esposas, mães e emancipadas.

Assim, se as escolhas de Maria na adolescência ficaram entre dois caminhos, como ela mesma diz, entre *“convento, o noviciado e freira”* e *“o namoro, noivado e casamento”*, na vida adulta, ela escolheu pelo segundo. Mas agregou a esse caminho o trabalho no Banespa, pois com isso garantiu sua independência econômica e sua liberdade, como explica:

“Por isso que eu falo: para mim, acho que a liberdade era importante, mas a independência econômica também pesou [em relação ao trabalho no banco]. O banco me deu, o banco me deu duas coisas importantes, até mais importante, é como você falou [refere-se à liberdade e independência econômica] Essas duas porque você, veja bem, ele me... como você me falou, ele me dava liberdade. Eu já tinha uma liberdade, mas liberdade de valores, não é? De ser uma boa filha, de ser... de ser... de não trabalhar fora e minha mãe trabalhar, mas depois eu fui trabalhar, mas eu não era tão independente porque a grana não era tão boa, mas eu fui pro banco e o que o banco me deu? Se eu chegasse e falasse: ‘Mãe, pai, tchau, estou indo embora’, que eu não ia sair porque eu era muito família mesmo, mas se eu quisesse fazer, eu poderia ter feito.[Assim como] Com o Grozzi.”

Desse modo, o trabalho no banco passou a estar cada vez mais estreitamente ligado a história familiar de Maria. É por isso que em suas lembranças mesclam-se o trabalho no Banespa - e convívio com os banespianos- a sua vida com Grozzi, o nascimento e a criação de seu filho e a história de seu irmão mais novo, já falecido, que também fez carreira no Banespa e se casou com uma outra banespiana.

Maria e Grozzi formavam um casal dentro do banco que não apenas tinha relações de trabalho com os outros funcionários, mas tinha momentos de sua vida fora do banco compartilhados com muitos deles, como os de lazer:

“Chegava na sexta-feira, a gente saía oito horas do... do... Todo mundo ia pra casa, tomava banho, todo mundo se perfumava e se encontrava em algum lugar! Tinha uma churrascaria... Sabe onde é a Adega Farroupilha? Não sei se você já ouviu falar... Então, a gente se encontrava lá! Primeiro a gente ia jantar, mas se lá estivesse gostoso, ficava a noite inteira. E o cara não agüentava. O cara abaixava a porta três horas da manhã, a gente ficava lá até quatro e meia, cinco horas porque, às vezes, tinham pessoas que tinham tocado, outras vezes, [cita nomes] gostavam muito de cantar essas músicas sertanejas. Então, deu três horas, três e meia, o dono fechava a porta, mas nós ficávamos lá, certo? Ficava lá farreando, continuava bebendo, cantando... Ele falava assim: ‘Olha, mais três chopes ou mais três cervejas, mas, pelo amor de Deus, vocês vão embora que eu preciso...’, Eles lavando lá e a gente passava pra outra mesa e ficava e fazia... E, olha, era uma beleza!”

O nascimento do filho, em 1981, assim com teriam sido outros momentos de sua criação, também foram compartilhados com os outros banespianos:

“Você veja bem, o [cita o nome do filho] nasceu, em dez dias, nós fomos... Olha só, eu de cesária, o [idem] com dez dias... Com dez dias eu minto, com doze dias... Ele nasceu no dia treze de julho. O meu irmão fazia aniversário dia doze de julho, eu dia vinte e três e tinha mais três pessoas da nossa turma que fazia em julho. Nós fomos numa festa na casa da [cita o nome] que era o namorado do [cita o nome]. A [cita o primeiro nome] trabalhava com a gente, o [cita o outro nome] trabalhava lá com a gente... Ela mora ainda lá na cidade, naquele... Como é que é? Ali por perto da... da... prefeitura, nos prédios ali. E eu lembro que nós fomos nessa festa e o [cita o nome do filho], eu lembro que nós levamos ele no Moisés do carrinho. Ele tinha doze dias, enrolado numa manta que a minha sogra tinha dado de presente para ele e fomos pra festa. Eu desci do carro assim dor até não sei onde, quando cheguei na festa, acabou tudo! Eu lembro que nós ficamos a noite inteira e a minha mãe não podia ficar com ele... Chegamos nessa festa, saímos de lá era quatro... mais de quatro horas da manhã! O [filho] foi junto. Então, todo mundo olhava pra ele, sabe? Então um ia lá e dava mamadeira, outro ia lá e trocava, outro ia lá e ver ele. Então, a gente tornou assim... era muito gostoso!”

A vida do casal também foi planejada em função do como seguia a carreira de ambos no banco. O casal e o filho moravam há mais de dez anos em uma pequena casa nos fundos da residência dos pais de Maria. Ela conta que Grozzi demorou um tempo para ser promovido à chefia, pois chegou até o cargo de supervisor de agência quase dez anos depois de ingressar no banco e, com a promoção, puderam planejar uma mudança para uma residência maior, o que ocorreu em 1991. Esse passo na vida do casal envolveu o gerente da agência que lhes vendeu a casa onde hoje moram de forma facilitada, que, na explicação de Maria, foi um negócio que envolveu uma confiabilidade tal como de pai para filho:

“E, depois, nós fomos juntando dinheiro, fomos juntando dinheiro, aí encontramos... deu sorte do Seu [cita o nome] ser o nosso gerente aqui na agência e ele gostava... Ele gostava muito do Nando [como se refere a Grozzi]..., gostava muito de mim e ele tinha essa casa aqui. E essa casa só era essa sala, esse quarto, aquele quarto, o banheiro era metade daquilo... Você não podia ter nada! Aí foi indo, foi indo e o Seu [cita nome] uma vez virou e falou: ‘Vocês estão procurando casa ainda?’, eu falei: ‘Ah, eu estou! Se o senhor arrumar uma casinha aí! o senhor me fala’ e tal, ele falou assim: ‘Olha, tem uma casa lá em cima na Santa Isabel, mas é assim... Vocês querem uma coisa de luxo?’, eu falei: ‘Seu [idem], eu tenho dinheiro pra ter luxo?’, eu falei: ‘Eu moro em quarto, sala, cozinha e banheiro! O senhor já conhece. O senhor já foi lá na minha casa!’, ele falou: ‘Ah, mas a casinha lá tem dois quartos!’, eu falei: ‘É o suficiente! Tem uma cozinha?’, ele falou: ‘Não é muito grande!’, mas ele falou assim: ‘Tem uma cozinha, uma sala, um banheiro e dois quartos’, eu falei: ‘Tem um quintalão!’, eu falei: ‘Ah, vamos ver, né?’. Fomos ver, o Nando, eu vi, meu pai. Eu chamei o meu pai. Ele saiu do serviço e veio ver. Meu pai achou legal. Aí, o Seu [ibidem], assim: ‘Mas quanto que a pessoa quer?’, era oito mil... Cruzeiros! Ah, era oito mil... cruzeiros! Sei lá! Sei lá! naquela época lá! Acho que era em 90. Não! Não é em 90. Acho que a gente deve ter comprado essa casa em 88, 89... É isso mesmo: em 88, 89 e o dinheiro deu para ‘comprar’ assim, né? Porque o Seu [cita o nome] chegou e falou assim: ‘Ah, mas a casa lá é boa. Compra a casa!’, eu falei: ‘Seu Lira, eu não tenho dinheiro! O cara está pedindo oito. Eu tenho seis!’ ‘Mas vocês têm seis...’ Não sabia que era dele [do Seu ...]! Eu falei assim: ‘Eu só tenho seis e a pessoa está pedindo oito!’... Daí chegou, quando eu descobri que a casa era dele, porque o Zani [funcionário da agência] chegou e falou assim: ‘Ah, [cita o nome]! Mas você está vendendo a casa pra Maria? Já tem outra pessoa na frente! É um professor da Unicamp.’ ‘Não, você pode

falar pro professor da Unicamp que eu já tinha vendido a casa e acabou! A casa vai ser da Maria mesmo!’, eu falei assim: ‘Me conta esse negócio que eu tô no meio. Não tô entendendo o que é!’, aí ele falou: ‘Não! A casa lá é minha!’, eu falei: ‘Ah, então, Seu [cita o nome], o senhor sabe a minha situação aqui no banco. Eu tenho seis mil e o senhor quer oito!’, ele falou: ‘Mas vocês não têm Fundo de Garantia?’, eu falei: ‘Tenho!’, ele falou: ‘Ah, então dá um jeito! Vamos lá!’. O filho dele arrumou a papelada em dois dias. Em dois dias, tiramos todo o Fundo de Garantia, dei os seis mil pra ele ... e ele fez aquela nota promissória de dois mil. Aí ele virou pra mim e falou: ‘Olha, o negócio é entre eu e o Grozzi! A promissória vai ficar com você!’, eu falei: ‘Nossa, seu [cita o nome]! E se eu rasgar e jogar fora?’, ele falou: ‘Não! Por isso mesmo que eu estou te dando! A mesma confiança que você tem em mim, eu tenho em você. Pega!’. Eu peguei a nota promissória, dobrei, pus dentro do envelope, pus na minha bolsa e, acabou dando a nota promissória para mim!”. É por isso que eu falo: isso aí foi coisa de pai pra filho! Às vezes, nem o pai faz isso aí com o filho! É que ele gostava muito da gente mesmo! Aí compramos a casinha...” [Grifo nosso]

Ainda, a história familiar de Maria e o Banespa cruzariam com a de seu irmão mais novo, Carlos. Como estava melhorando sua situação econômica com o trabalho no banco, Maria incentivou para que seu irmão, que trabalhava numa marcenaria, também entrasse no banco como contínuo através de um arranjo entre ela, Grozzi e o gerente da agência de Barão:

“Aí, surgiu a idéia porque surgiu que o Seu [cita o nome do gerente] virou e falou assim: ‘Puxa vida! Precisamos de um contínuo em São Paulo!’ E mandou que a gente procurasse alguém... o Grozzi falou virou e falou assim: ‘Ah, tem o meu cunhado!... O meu cunhado estudou até o colegial. Ele tá fazendo o segundo colegial e... Seria bom, né? Uma pessoa boa’. Eu lembro que o [cita o nome do gerente], o Seu [outro nome]... o [outro funcionário] escreveu uma carta pra São Paulo que ele era de uma pessoa... de Barão Geraldo, sabe? Era filho de... Nossa! Ele fez uma novela na carta, mandou pra São Paulo. São Paulo enviou os kits de concurso que consistia numa provinha... datilografia... Lembro até hoje que ele não tinha datilografia. Quem fez a prova de datilografia foi... se não me engano... não sei se foi [cita o nome] ou se foi o [cita o nome do gerente]. Alguns erros, é lógico! Mas fez! Aí eles deram o parecer lá e mandou pra São Paulo... Foi admitido! Foi admitido.”

Diferentemente de Maria, seu irmão ascendeu rapidamente na carreira do banco, deslocando-se para várias agências. Ele entrou como escriturário, foi subchefe e depois gerente

de agência em Ubatuba. Como ela, formou sua família com uma funcionária do Banespa. Carlos foi assassinado em razão de uma briga nas comemorações do Reveillon de 1992 na praia de Ubatuba. Maria conta que estavam todos de sua família comemorando a entrada do ano em sua residência, que coincidia com o primeiro ano em que passavam na casa nova, quando souberam da notícia. Sobre esse momento, um trauma familiar, Maria refere-se com dificuldades:

“Eu fui voltar em Ubatuba agora... um mês... no mês passado. Eu voltei lá em fevereiro. [Depois do acidente], nunca mais fui pra lá. Nunca fui pra lá! A minha irmã falou assim: ‘Ah, vamos que a gente tem que tirar esse fantasma da vida da gente!’ Eu falei: ‘Ah, vamos! Não sei...’. Foi indo e agora a gente fala com mais... mais assim... mas é duro de falar! A gente sente falta...”

A história de vida de Maria e a de sua família estariam entrelaçadas pelo trabalho no Banespa. Ela constituiu a si, como mulher, esposa, mãe e bancária entre as esferas do trabalho e da família. Pois o Banespa permitiu a Maria afirmar-se a si na vida adulta através da preservação de seus valores morais e religiosos, sobretudo os ligados à família. É que a própria empresa definia-se como uma família e pôde agregar a Maria, e também a Grozzi, seu irmão e tantos outros banespianos na medida em que se formavam também redes de solidariedade no trabalho.

Para Maria, as relações no Banespa, tal como a de uma família, eram constituídas por afetos. Assim foi o modo como Maria foi construindo sua narrativa sobre o Banespa e a família, em que me disse, revelando uma certa nostalgia:

“O banco, naquela época, oh Alcides, ele era ótimo! Não vou nem falar bom. O banco era ótimo! O banco era mãe, pai, avô, irmão de todo mundo, tá? Porque em tudo, não vou falar só financeiramente não! Em tudo porque eu lembro...”

Todavia, tal como a morte traumática do irmão, tantas vezes lembrado em sua narrativa, Maria parece querer dizer, por analogia, que esse banco assim, como o mundo que conheceu, não existem mais. Pois o Banespa foi se modificando com o passar dos anos a tal ponto que Maria não mais pôde reconhecê-lo, e reconhecer-se a si nesse banco. É disso que trato a seguir.

Mudanças no Banespa e desligamento

Na década de 90, o trabalho de Maria no Banespa assim com o próprio banco foram passando por mudanças. Houve a intensificação do trabalho e, concomitantemente, o Banespa sofreu a intervenção federal e finalmente foi privatizado.

Em sua narrativa, Maria entende que essas mudanças foram alterando as relações de solidariedade e a afetividade que constituíam o trabalho no Banespa. Assim, conta que a comunidade, profissional e afetiva, que se formou entre os funcionários na agência onde trabalhava e que se reunia no trabalho e no lazer, entre o Banespa e a família, foi se dissolvendo. O trabalho foi se intensificando cada vez mais e os funcionários, que formavam um “grupinho”, assumiam maiores responsabilidades na família com o passar dos anos:

“E formou esse grupinho, um grupinho gostoso mesmo que depois foi acabando, sabe? Esse negócio do banco, aí um caso daqui, outro de lá, aí vem os filhos, um não pode sair hoje porque a mãe ficou, hoje não pode porque não arrumou babá pra ficar com o filho! E depois foi distanciando. Serviço, serviço, você chegar às sete horas, sete e meia no banco e sair de lá oito horas, horas e meia, que a cabeça tá... a pressão, né, e vende e faz isso e faz aquilo, o cliente enchendo saco... Você acaba se distanciando, né?”

As relações hierárquicas no Banespa, que se confundiam e se atenuavam por causa das relações de amizade, tornaram-se mais conflituosas com a intensificação do trabalho. Esses conflitos contribuíram para o distanciamento de alguns funcionários, mesmo porque Grozzi tornou-se supervisor e Maria era a mulher do chefe:

“É, mas aí depois também tem aquele negócio de... por exemplo, o Grozzi ser o supervisor e eu ser a mulher do chefe, tá entendendo? Aí tem gente que, às vezes, leva uma bronca pro lado pessoal, não pelo lado profissional.”

Ainda, vários funcionários da agência foram sendo transferidos, e ingressou uma geração de funcionários e funcionárias mais nova que não tinha tanta compatibilidade com os valores dos da geração de Maria:

“Chegou uma geração mais nova, já não faz aquele... aquilo que a gente faz... É uma geração que já faz... por exemplo, já está fazendo uma faculdade e você não está fazendo uma faculdade. Ele tem que sair do banco e já ir pra escola. Você não! Você sai do banco e já

tem que ir pra sua casa, que você vai fazer uma janta ou vai ver se a roupa do teu filho está em ordem, a roupa do marido. Se é homem, o homem já vem pra casa...”

Para atenuar essa situação, que tornavam tensas as relações de trabalho, como uma forma de contrapor a isso, Maria lembra que os funcionários, por iniciativa de Grozzi, construíram um espaço de lazer, um “clubinho”, dentro do espaço agência:

“Então, antes, ainda... Antes da intervenção, a gente ainda tinha alguns amigos que a gente saía, ainda fazia churrasco... Se você for na agência aqui nossa, tinha um tipo assim... um jardim de inverno com aquelas pedrinhas... O Grozzi deu a idéia e aí o [cita o nome] já foi lá, mandou tirar as pedrinhas, colocamos grades, mandamos fazer uma churrasqueira... Mandamos porque a gente sempre tinha o clubinho. A gente ainda tinha vale. Então a gente usava esse vales pro clubinho e tinha um restaurante aqui que o [cita o nome] pegava e trocava em dinheiro. Como era pro clubinho, ele pegava e trocava esse dinheiro, que era uma sociedade, e dali a gente comprava carne, fez churrasqueira, pôs pia... É o clubinho do banco!”

O “clubinho” foi uma tentativa de se manter as relações de solidariedade no Banespa, as que sempre foram constituídas e que Maria conhecera, mas o Banespa estava passando por mudanças que nem mesmo as tentativas dos funcionários através de mobilizações e iniciativas, como as do clubinho, puderam evitar:

“E a gente começou a fazer esse clubinho. Por quê? A gente começou a trabalhar muito, sabe, a gente já começou a perceber e, nessa época, acho que já era o que? Já era noventa... noventa e três... A intervenção foi em 94? Em janeiro de 94? Então, nós começamos a fazer lá esse clubinho, que já... pra tirar esse negócio da cabeça porque todo mundo ficou preocupado! Intervenção... entende-se que... é lógico que ia haver a venda do banco!”

A intervenção significou um período de reestruturações organizacionais com a reorganização das agências, informatização dos serviços, transferências de funcionários e implementação dos PDVs. Tudo isso refletiu na agência em que Maria trabalhava:

“Na época que teve a intervenção, mudou um pouco sim porque começou a apertar mais, porque antes você trabalhava, mas você trabalhava com garantia de emprego e você trabalhava assim... quer dizer, as pessoas estavam sorrindo. Era apertado, mas... né? Aí começou a vir [...], fazer aqueles [...], gerente sai de um lugar, vem pra cá, o outro vai não sei pra onde, sabe? A gente acabou se unindo com a Unicamp e o trabalho da Unicamp era

completamente diferente. Você está lá e você sabe que alguns professores são super legais, mas têm professores que são medíocres.”

Para Maria, esse período significou a sua mudança de setor. Desde que entrara no banco, trabalhou no atendimento ao cliente, mas, em decorrência das mudanças, foi transferida para o Setor de Compensação, na época em que o banco passava pela informatização, o que lhe deixou ainda mais insegura:

“O banco tava informatizando e eu nunca mexi no computador! Eu não sei fazer essas coisas! O Nando [como se refere a Grozzi] falou assim: ‘Ai, bem! Vai lá! ... Hoje, amanhã, você já sai ganhando para todo mundo! Vai! Vai!’”.

A implementação de PDVs, no período de intervenção e federalização, reforçou clima de insegurança que se instaurava. Contudo, Maria decidiu permanecer no banco:

“[O PDV] Foi oferecido pra todos! Mas eu virei pro Nando [Grozzi] e falei assim: ‘Olha, o que eles ofereceram é muito pouco!’, a turma falou assim: ‘Poxa, Maria! É um bom dinheiro!’, eu falei: ‘Eu valho muito mais do que isso!’, sabe? Eu sei que o dinheiro que eles ofereceram podia... poderia ser... seria bom! Mas, pra mim, não ia ser muito bom! Porque eu falei: ‘Não! Eu prefiro...’, ‘Ah, mas se eles te mandarem embora?’, eu falei: ‘Eu prefiro ainda continuar! Se eles tiverem que me mandar embora, eles é que vão ter que me mandar embora! Mas eu não saio! Não peço a conta e não saio do PDV porque o que eu fiz pro banco, eu valho muito mais’ Eu falei para eles. ‘Imagina!’”

No período da intervenção, os funcionários tentaram se mobilizar para salvar o banco, já que se dizia que o Banespa estava deficitário. Esse comprometimento com o banco - “o vestir a camisa” - era um valor que, segundo Maria, marcava os banespianos. Assim ela lembra como os funcionários de sua agência tentaram de inúmeras formas aumentar o volume dos investimentos:

“Eu tirei dinheiro da poupança porque, naquela época, o banco não tinha poupança. Eu tirei dinheiro e fiz RDB²⁶. A gente ia atrás de RDB, ligava pra tudo quanto é gente, pra todos os amigos, pros clientes... A gente pedia pelo amor de Deus pra eles fazerem RDB. Na época da venda de ouro, nós ganhamos umas barras... Eu até tenho umas barras de ouro que eu ganhei, que nós conseguimos vender. Nós fizemos tanto na cabeça de um cliente que num dia ele comprou um quilo de ouro! Um quilo! Olha só! ... Ele fez um apanhado lá e... nossa! Aí nós

²⁶ Antigo investimento bancário.

ganhamos barra de ouro. Nós ficamos em primeiro lugar do banco. Então a gente vestia a camisa mesmo!”

Entretanto, por trás desse comprometimento, que resultava em mobilizações coletivas, rondava um grande temor: o de perder o emprego. Maria viu-se numa situação de risco a qual se estendia para o seu universo familiar, o que a preocupava:

“Ah, eu achava [que estava correndo risco]! Por quê? Porque eu já tava com... com uma certa idade. Mulher?! Eu não sabia fazer mais nada na vida! A não ser ser bancária, tá? Eu ia começar tudo de novo aonde?... O Grozzi também trabalhava no banco! Que nem eu falei assim: ‘Se um só perder, tudo bem! O outro é que vai ter que dar um jeito, né?’”

Maria avalia esse período, entre a intervenção e a privatização, como um tempo de mudanças que levava a incertezas quanto ao seu futuro, assim como ao dos demais funcionários:

“Ah, foi difícil pra gente, viu? Ainda mais... eu vou te falar assim... Foi difícil pra nós banespianos, aqueles que vestiram a camisa do banco... do Banespa! Isso, pra nós, foi terrível!... As pessoas iam saindo, pessoas que eram seus amigos, que trabalhou ali durante ... quinze anos juntos... dezoito anos juntos... Depois um olha pra outro e você: ‘Ah, cadê fulano?! Fulano não veio por quê?’, ‘Ah, fulano não veio porque foi lá pro HC! [posto de serviços do Hospital das Clínicas na Unicamp]’, aí um caixa... aí chegava um cliente para você: ‘Pôxa, não é...’, ‘Ah, fulano está lá no Básico, fulano tá lá na Reitoria! [postos do Banespa na Unicamp]’... é duro isso! É, você vai perdendo o chão também porque estou acostumada, apesar de você já não sair tanto com aquele povo, mas você está acostumada com aquele povo todo dia ali: ‘Bom-dia, Maria!’, ‘Bom-dia!’, ‘Bom-dia!’”

Contudo, foi um período em que ela cultivou a esperança de que o banco não seria vendido, na verdade também a esperança de continuar a ser sujeito no interior da empresa, de troca entre iguais, que, no entanto, resultou em vão:

“Olha, eu... Eu tinha esperança que não, tanto é que eu sempre falava pra turma: ‘Olha, eu não falei?! Mais um ano!’. Quando chegava no final do ano eu falava: ‘Gente, mais um ano! Mais um ano!’, ‘Oh!’, ‘Você vai ver! Mais um ano!’, assim foi e assim foi até chegar... chegar em novembro mesmo que foi dia vinte, né? ...de novembro... que a turma chegou e falou: ‘Não tem mais jeito?!’, eu falei: ‘Gente, não tem mais jeito! Agora é só esperar! ... Vamos ver o que eles vão fazer para nós!’”

Assim ela se sentiu no dia 20 de novembro de 2000:

“Ficou todo mundo...ficou muito triste. Nossa! Eu saí chorando de lá! Viche! Eu falei: ‘Grozzi de Deus! E agora? O que vai ser da gente?’, ele falou: ‘Ah, bem! É... sei lá o que vai ser da gente! A gente vai ter que dar um jeito aí!’.

Maria não conhecia o Banco Santander que comprou o Banespa. Para ela, era apenas o nome de um banco. Passou a saber que era um banco de espanhóis, e disse que ficou revoltada com isto. Mas, diferentemente de como veio fazendo em sua narrativa ao lembrar do seu tempo de Banespa, Maria, na ocasião da privatização, entendeu que para manter seu emprego devia esquecer, como se isso fosse possível, o tempo do Banespa. Esquecer que fez parte da família banespiana diante de um presente que se anunciava cada dia mais difícil e um futuro ainda mais incerto:

“Quando falou assim: ‘O Santander comprou!’, eu falei: ‘Viche, Maria! Agora que nós somos Santander, então eu tenho que esquecer de tudo! Vou passar uma borrachinha aqui...’ Ah, eu tinha que esquecer que a gente era Banespa, que a gente era uma família... porque você, veja bem, quando começou a vir, já começou a ter novos diretores. Então começou vindo de cima para baixo aqui.”

Os novos diretores, a que ela se refere, vieram e as mudanças aconteceram ainda mais rapidamente. Eles eram, então, os “outros” que se estabeleciam e promoviam rapidamente alterações organizacionais na empresa, e também na vida dos funcionários e de Maria.

A informatização foi intensificada nas agências. O setor em que Maria trabalhava simplesmente fechou, pois os serviços foram terceirizados, e ela foi transferida para o posto de serviços da Reitoria na Unicamp:

“...Na hora que juntou com o Santander, eu fiquei mais um tempo ali. Vamos supor mais uns três, quatro meses porque depois começou a informatizar tudo! Começou a virar aquele auê. Máquinas novas, tudo novo, tudo certinho! Tudo... né? E foi enxugando. O meu serviço foi enxugando, foi enxugando... que o [cita o nome], que era o nosso gerente administrativo, falou: ‘Olha, a sua... a partir de segunda-feira, o Ceser²⁷ vai ser lá nas Amoreiras!’ E eu não queria ir, eu falei: ‘Ai, Nando! Já pensou? Eu não dirijo!’. Lá, parece que entra às quatro horas da tarde e sai... Deus sabe quando, né?’, Eu falei: ‘Vou ter que ir! Já

²⁷ Ceser (Centro de Serviços) eram unidades onde se centralizavam serviços de compensação de cheques.

pensou? Como que eu vou fazer pra trabalhar lá?’... ‘Como é que eu ia fazer pra vir embora pra casa?’ ... Mas aí, nesse ponto, o [cita o nome]... acho que ele foi legalzinho comigo. Ele não me mandou. Mandou o japonês ir embora lá pro... pro Ceser, mandou mais uma menina que era da agência lá da Unicamp que eu não cheguei a conhecer, não sei quem era ... e eu fiquei aqui. Aí o que eu fiz? Ele me mandou pra Reitoria, pro lugar... lá pra... Ela ia me mandar pra câmbio. Chegou na hora, a Bel ficou no câmbio e ele me mandou lá pro Setor de Seguros com a [cita o nome] que tava precisando de uma pessoa lá.”

Maria já conhecia alguns funcionários do Setor de Seguros, mas já havia alguns estagiários, recém-contratados pelo banco, bem mais novos em relação à idade que os antigos banespianos. Ela tentava se manter como podia no novo serviço e nas novas redes de relações no trabalho que agora se estabeleciam dentro do novo contexto do banco dos “Diretores”:

“Eu não vou chegar de imediato pra atender porque eu não sei... Uma é que eu nem sei o que é seguro! Trabalhei tanto tempo lá na retaguarda que eu não vou conseguir vender um seguro que eu nem sei como falar pro cliente!”. Eu coleí nas meninas, coleí no Ricardo, coleí na Nara e assim foi até eu aprender tudo de novo!”

Cada vez mais o Banespa foi se tornando estranho para Maria. Não era o mesmo banco que conhecera no passado. Mesmo que quisesse esquecer o que fora seu trabalho no banco naquele novo contexto, ela não deixava de lembrá-lo ao comparar com a nova gestão do Santander.

O banco implementou um grandioso PDV em 2001. Na ocasião, mesmo dizendo que houve alguns constrangimentos para que ela saísse, optou por ficar no banco, numa decisão compartilhada com Grozzi em detrimento do que poderia acontecer para suas vidas:

“Nós estamos nesse buraco negro aí e eu nem sei o que vai acontecer!”, eu falei: ‘Bem, vamos ficar e vamos ver o que é que vai dar!’ Nisso, puxamos tudo. Eu falei pra ele: ‘Olha, nós temos tudo isso! Vamos... assim... enxugar mais um pouco’, eu falei pra ele: ‘Vamos assim... enxugar um pouco mais a conta de telefone e ..., esse negócio de almoçar fora, jantar fora, vamos diminuir mais! Não vamos jantar tanto fora e nem almoçar tanto fora! E pra gente poder ter uma vida tranqüila! Se, amanhã, vir mesmo e a gente ser mandado embora, sei lá o que vai acontecer! Pelo menos a gente tem alguma coisa!’. Aí veio esse PDVzão aí, muitas amigas minhas saíram. Foi bem constrangedor mesmo! Mas ... não é que a gente se sentiu coagido assim! Os outros, eu não posso falar pelos outros! Mas, por mim, o [cita o nome do

gerente], duas vezes, ele chegou pra mim e falou: ‘Maria, você vai sair no PDV’, eu falei: ‘Não!’, depois faltava acho que um tempinho pra mim, ele chegou e falou: ‘Maria, você vai sair no PDV?’, eu falei assim: ‘Eu não vou sair no PDV! Já até rasguei o meu papel!’. A Nara falou assim: ‘Eu também não vou sair no PDV’” ..., O Grozzi virou e ‘Também não!’”

No entanto, se Maria e Grozzi permaneceram, a agência em que ela trabalhava ficou quase esvaziada com a saída de um grande número de funcionários. E o trabalho foi cada vez mais se intensificando em meio a reformulações de serviços e às reformas das agências:

“... Mas saiu aquele monte de gente, né? Só da nossa agência foi vinte e três! Eu sei que tinha agência aí saiu... acho que se tinha vinte funcionários, saiu quinze! Aí começou a ter que tirar de uma agência, inclusive o Mário, um que era chefe aqui, saiu de nossa agência pra cobrir uma outra que, lá, acho que tinha uns quinze funcionários e saiu acho que uns dez! Alguma coisa assim! Então foi trocando. ... Eu fui ficando aí, mas eu vi que já foi apertando muito porque a [cita o nome] era muito boa como... como chefe. O banco que abria às dez e meia voltou a abrir às dez. Eu entrava dez pras dez. Tava todo dia lá e ... com dó dela, que a gente via que o serviço tava lá e... o serviço acumulando, o serviço acumulando... Na época de pagamento da Unicamp, a gente ficava louquinha porque tinha trezentos, quatrocentos seguros de residência pra fazer... E só nós ali e só nós ali... Foi indo, foi indo, foi indo... Uma época de que estavam assim reformando a agência. Foi terrível! Aquele pó! Aquele monte de coisa...”

A Diretoria colocava metas de vendas de produtos que nunca antes foram estipuladas:

“Aí começou... vem esse negócio de vender, vender, vender... Antes já era! Sempre teve que vender! Mas depois que mudou pra Santander...”

Maria conta como se dava a pressão para que os funcionários vendessem os produtos do banco em seu setor:

“Agora, quando eu passei a... atendimento não! Atendimento, você é cobrada terrivelmente. Nossa! Era... Viche! Sessão de tortura deles! Como é até hoje! Ah, o chefe tinha reunião com os gerentes e a gente... ele falava: ‘Olha, hoje é dia de vender Din-din²⁸!’ Você tirava o dia pra vender Din-din!’”

Maria, como conhecia as estratégias de atendimento devido sua qualificação formada em tantos anos para o atendimento bancário, conseguia vender os produtos:

²⁸ Nome de título de capitalização vendido pelo Santander-Banespa.

“Porque o seguro de vida é você... fazer o cara assinar... Às vezes, o cara nem sabia o que tava assinando! Porque o seguro de vida, você... Tem muitas cláusulas. Então, aquele pobrezinho lá que vai pagar R\$10,00, R\$13,00, você não tem que ficar explicando muitas [coisas] pra ele. Ele não vai entender mesmo!...Tem que vender! E, às vezes, você vendia um seguro... Pra você vender um seguro completo, era caro! Então, às vezes, o cara só fazia de morte e ...É, acidente! Tinha as escalas lá. Agora, de cabeça, eu não me lembro! Então... era duro você vender assim!”

Ela conseguiu atingir suas metas e chegou a ganhar prêmios dentro do novo quadro de concorrência que foi estimulado pela Diretoria:

“Cheguei a ganhar prêmio. Eu sabia vender, hein? Eu fui num jantar lá no Banescamp [Clube de Campo do Banespa] e ganhei um relógio bonito. Está aí [mostra o relógio]. É, o Santander fez isso daí! Os cinqüenta melhores! ... Eu tava entre os cinqüenta melhores! Foi em dois mil e... 2001! É, foi em 2001! Eles faziam isso daí. Os melhores cinqüenta e depois teve televisão, viagens... Mas pra todo mundo! Todo mundo ganhou um relógio, tanto os homens quanto as mulheres.”

Mas Maria, que sempre trabalhou em um banco onde as relações eram baseadas na solidariedade, apesar de sofrer com as pressões, ainda pensava como uma banespiana e arriscava momentos de apoio aos colegas de trabalho diante da necessidade do cumprimento das metas:

“E, às vezes, a gente via que as nossas colegas estavam precisando. Então, se eu já tinha vendido, vamos supor, dois seguros num dia, o que eu fazia? Um eu dava para um colega que não tinha feito nenhum.”

No contexto de competitividade e das concorrências que eram estimulados entre os funcionários em meio às pressões para o cumprimento das metas, Maria não conseguia pensar individualmente. Ela conhecia o valor da coletividade no trabalho, das relações de solidariedade, da amizade e dos afetos que conhecera com os banespianos, de modo que ela podia realizar não apenas sua profissão com responsabilidade, mas exercitar valores que aprendera desde criança e adolescência com família, com a Igreja e as freiras de sua paróquia.

Assim, à nova Diretoria, que impunha o individualismo e a competitividade, Maria antepunha o coletivo e solidariedade. Mas o tempo era outro e o Santander-Banespa não era o mesmo banco que ela conheceu:

“Eu me dei bem [No Santander]. É aquilo que eu falei pra você: eu sou o tipo de pessoa que dança conforme a música. Você tá entendendo? É aquilo que eu falei pra você: eu não ia... eu jamais sairia no PDV e eu só me aposentei porque começou a ficar... O ambiente começou a ficar terrível pra mim. Eu não gosto de pressão... Apesar de eu ter ganhado prêmio e tudo, mas chega uma época que você não vende nada! E você tem que vender! Não é verdade?”

Essa pressão, que Maria refere-se, descreve:

“...Pressão do gerente chegar e falar assim: ‘Você vem trabalhar hoje?’, quer dizer, ‘Se você vendeu, você vem trabalhar! Se você não vendeu, você não vem trabalhar?!’, certo? E você tem que vender! Agora, você veja bem, que nem... férias nas agências. Tem gerente que chega pros funcionários e fala: ‘Você vai tirar os trinta dias? Pra que tirar os trinta dias? Tira vinte!’... Eu chegava lá sete horas da manhã, sendo que o meu horário era das dez às dezesseis na folha de trabalho. Mas eu chegava sete horas da manhã e saía de lá oito horas, oito e meia. Você tá entendendo? Então, por que... por que eles não me pressionavam muito assim? ‘Não, por que você não vendeu!’, sabe, de chegar em reunião e falar: ‘Pô, fulano! Você não vendeu nada!’”

Tudo isso levou Maria ao sofrimento. Não apenas em relação a sua situação, mas também ao que ela via entre os funcionários de sua agência e os conflitos que resultava desse clima:

“Ah, eu sofri! Ish, olha, eu vi aquele povo lá. Ah, meu pai! Ah, eu me sentia muito mal! Nossa! Nem fale! Você... Você sabe o que é você chegar... seis e meia, sete horas da noite e você já tava lá dentro às sete e meia, horas da manhã. E você ouvir picuinha de um... sabe? De gerente... porque um quase enforca o outro! Porque tem que vender! E você vê lá um amigo seu... Puxa vida! Olha, eu tinha que fazer um seguro de auto e eu não fiz! Porque tinha meta! E a meta, agora, se não me engano, é feita até no computador...”

Assim, pelo seu sofrimento e o dos demais, Maria decidiu antecipar sua aposentadoria:

“[Decidi] ir... me aposentar? Ah, por causa disso! Eu já tava cansada de chegar no banco e ver os meus amigos sofrendo e pressão daqui, pressão de lá... Sete e meia da manhã todo dia, aqueles gerentes lá e... o gerente geral ... ferrando os gerentes, que os gerentes tinham que chegar e ferrar os.... os supervisores e os supervisores vinham em nós... e vinham nos estagiários... com tudo!”

Em julho de 2002, Maria fez quarenta e oito anos, o que lhe dava direito a pedir aposentadoria proporcional. Tirou férias e foi viajar para a casa de seus parentes no Paraná. A decisão de aposentar-se estava cada vez mais presente diante do seu estranhamento em relação ao Santander-Banespa e às relações de trabalho que se instauravam:

“... Comecei a ler sobre o negócio de aposentadoria e começou a me interessar. Fui me interessando, fui me interessando... A minha mãe é aposentada, o meu pai é aposentado... Fui conversando com o povo e a turma aposentada... ‘Ai, quando você faz quarenta e oito?’, ‘Quando você faz quarenta e oito?’, ‘Ah, é em julho! É em julho!’. Chegou julho. Chegou julho, o que eu fiz? Fui viajar. Minha tia falou assim: ‘Nossa, Maria! Que bacana! Então você vai aposentar com quarenta e oito anos! Você vai aposentar nova!’ E a irmã dela falou: ‘Nossa! Mas você é muito nova pra aposentar!’. Eu falei assim: ‘Ah, tá tendo muito PDV, muitas coisas... O banco tá meio instável Eu falei: ‘Eu tenho medo da gente fazer alguma burrada e eles... mandarem a gente embora!’...”

No retorno de suas férias, a situação de pressão e conflitos na sua agência, que Maria deixara, ainda continuava. Ela conta como seus chefes e outros funcionários estavam passando por situações de estresse emocional, que a contagiavam:

“A [cita o nome] ficou como nossa... supervisora. ... Eu gosto dela, mas ela é uma pessoa assim muito nervosa... e eu não gosto de pessoa muito nervosa que me deixa nervosa. E ela é também uma pessoa assim meio histérica. Detesto histerismo. Detesto! A pessoa já começou a erguer a voz ali, eu já vou saindo... É, não gosto disso! Pra mim, é a morte!... Aí tudo bem! Nesse histerismo todo lá, eu ia levando, eu ia levando e eu também... A [cita o nome] acabou saindo e eu acabei ficando com dó dela. Chegava sete horas, sete e meia... Saía de lá sete horas, sete e meia da noite ... e o serviço foi levando, foi levando... Ela começou a brigar muito com um estagiário que estava lá que era o [cita o nome]. Ele era do tipo também... que não gostava muito de fazer as coisas.... E ela foi... e os dois brigando... Me deixavam numa situação mal porque... ele tinha a idade do meu filho. Eu o via como se fosse o meu filho! E a chefe atrás dele e ela encarniçou atrás dele. Foi ficando, foi indo, foi indo... Mandaram ele embora, arrumaram uma outra estagiária e eu falei: ‘Gente! Vai começar tudo de novo! Eu não agüento!’”

Ela lembra como ficava nesses dias:

“Fui lá pra dentro, fui lá pro banheiro. Comecei a chorar, chorar, chorar... e falei: ‘Ai, meu Deus! Será que eu mereço isso?’ Foi passando, foi passando...”

Maria conta que precisou de um computador para realizar seus serviços e solicitou ao gerente. Dessa vez, ela própria foi humilhada:

“‘[Cita o nome da supervisora], eu tô cansada!’ Eu falei pra ela: ‘Aqui, na nossa sala, só tem duas mesas! Eu tenho que ficar mendigando computador!’... ‘Você não falou que a mesa lá do fundo...’ ‘Mas tem gente lá!’, eu falei, ‘Tem duas estagiárias abrindo conta lá! Elas tão usando o computador!’... ‘Vai lá! Fala pro Erasmo ‘Eu quero um computador!’’ ... Eu falei assim: ‘[idem], e o computador? Qual computador eu posso usar?’. Eu não sei se elas também já estavam de saco cheio, ela pegou e falou assim: ‘Ah, eu falei pro [cita o nome do gerente], mas o [idem] virou e falou assim ‘E quem não faz nada não precisa de computador!’’. Ah, Alcides! ... Aquilo que magoou de uma certa maneira... Eu não sei o que ela chegou e falou pra ele ou o que ele... Só sei que ela falou isso pra mim! Eu cheguei na mesa dele e falei assim: ‘Ah, óh, eu tô com trezentos e vinte seguros de residência pra fazer e você falou pra [cita o nome da supervisora] que quem não trabalha não precisa de computador, eu vou embora! Porque se eu não trabalho eu não tenho computador! Toma!’... ele falou assim: ‘Ai, não é nada disso!’”, não sei o que, ‘Senta aqui na minha mesa porque... Senta aí!’... sentei na mesa dele, fui usar o computador dele. Fui tentando, fui tentando, fui tentando...”

Emocionalmente abalada, Maria também não podia se dedicar à família e a sua casa. Sua mãe adoeceu e ela não pôde visitá-la e nem mesmo cuidar dela. Grozzi estava, naquela época, também passando por dificuldades parecidas no trabalho, pois havia sido transferido de agência e assumido o Setor de Tesouraria e também estava doente. Com o trabalho no banco, Maria corria o risco de perder vínculos com a família que sempre prezou e que outrora pôde compatibilizar com o trabalho no Banespa de outros tempos.

Um dia, depois da humilhação de seu chefe, ela saiu da agência da Unicamp e pegou um ônibus que passava próximo ao Hospital das Clínicas da Universidade. Viu alguns doentes que passavam na sua frente. Como Maria tem valores cristãos, que ainda bastante presentes em sua vida, sentiu compaixão por eles, e, em comparação, lembrou o que estavam passando os seus colegas e ela própria no trabalho. Pensou em todos eles, nos doentes e nos funcionários do Santander-Banespa e refletiu sobre si mesma. Ela decidiu não querer passar mais

por aquilo tudo tal como via os doentes a seu lado. Não voltou mais ao trabalho no banco. No dia seguinte, foi ao INSS com sua mãe e aposentou-se:

“Ah, meu amigo! Eu fui pra lá e foi uma benção. Nossa! Na hora que ela bateu e eu olhei assim Óh, me deu um... me deu um alívio! Sumiu todo aquele cansaço! ...] Eu... eu me senti aposentada! Eu enchi a boca e falei: ‘Mãe, eu tô aposentada! Eu sou a mais nova! [aposentada] do Fernando Henrique Cardoso!’, eu falei: ‘Eu tô aposentada, mãe! Que delícia!’. Eu vim dentro do ônibus e eu não via a hora de chegar em casa pra mostrar a carteira [com o carimbo de aposentada] pro Grozzi, mostrar a carteira...”

A aposentadoria antecipada foi sua libertação daquele trabalho. Dessa forma, ela avaliou que não tinha mais como permanecer naquele novo banco, no presente, ainda que ela soubesse o que representou o seu passado no Banespa:

“Ah, eu me libertei! Mas que nem eu falo: eu me libertei com aquela sensação de... de dever cumprido... porque eu trabalhei muito bem! Fui uma ótima funcionária! Todo mundo fala que eu sou uma boa funcionária! Eu sou uma ótima, uma excelente funcionária!”

Maria conta com foi sua despedida na agência:

“Ah, também, quando ficaram sabendo. O [cita o nome] que trabalhou comigo, gente do céu, vinte e quatro anos ali juntos! a turminha... E a turminha assim, por exemplo, os estagiários ‘Ah, você vai embora?! Puxa vida! Quem vai trazer bala pra mim? Quem vai dar bombom pra mim?’, ‘Pôxa! Quem vai chegar e falar ‘Bom-dia!’? porque eu... Olha, por mais doente, por mais insatisfeita, eu nunca fui uma pessoa negligente! Nem no meu serviço e nem nas minhas amizades! Nunca! Desde a faxineira, sempre levei roupa quando não servia, sempre levei um doce. Eu comprava assim aqueles pingos de leite, eu deixava na mesa de cada um, ou aqueles dadinhos. Sempre! Isso daí eu sempre fiz assim e sempre consegui conciliar, Alcides! a minha casa com a minha família!”

Maria Grozzi desligava-se do Banespa. Saía uma (velha) banespiana que se apoiava em valores, entre o trabalho e a família, que não mais se adequavam ao (novo) Santander-Banespa:

“Mas, quando mudou pra Santander, o Santander trouxe pra gente ... o que é uma firma privada! Eu não... Até então, eu nunca tinha trabalhado numa firma privada! Eu não sabia que a mentalidade e que uma firma privada, o funcionário é o número! Você está

entendendo o que eu quero dizer? E, no Banespa antigo, nós éramos um número! Tudo bem! Mas lá pros diretores, lá pros presidentes... Mas, entre nós, eu era a Maria Grozzi, tinha a [cita o nome], tinha a [cita o nome completo]... o [cita o nome].. Você tá entendendo? Tinha o [cita o nome], tinha o Grozzi... Então, às vezes, você nem sabia o primeiro nome da pessoa! Mas você fazia vinte anos que você tava trabalhando com um cara que chamava Grozzi! Tá entendendo? Você trabalhava com uma pessoa que chamava-se [idem]...”

Maria foi amiga, irmã e mãe dos para os de sua própria família e para os de sua família estendida, a banespiana, no passado. No Banespa privatizado, contudo, não cabiam mais os afetos de Maria.

“Existe muita vida depois do Banespa!”

A vida de Maria após o desligamento do banco tem sido um constante desfazer de um tempo passado ao mesmo que um refazer-se diante de um tempo que não está mais comprometido entre o trabalho e a família, como o fora os quase vinte e cinco anos de tempo de serviço no Banespa.

Hoje, o período de trabalho no Banespa apresenta-se com um tempo que vincula estritamente a sua carreira profissional, sobretudo no recente Santander-Banespa, que Maria pretende esquecer:

“Ah, sim! Se você for falar da parte funcional, lógico! Se você, na parte profissional, eu tinha até esquecido! Eu... às vezes, vem assim que o bancário é vinte e quatro, vinte e cinco anos, isso daí eu esqueci! Esqueci porque o banco, pra mim... nos últimos anos... No último ano, ela tava me deixando louca! que eu... tinha que chegar tarde... Chegava cedo, saía tarde... Eu não tinha nem tempo pra olhar pro meu filho, pra olhar pro meu marido, nem nada! Aí nesse ponto não! Nesse ponto, eu me desfiz mesmo! O que eu me desfiz? Eu esqueci do banco!”

Tentativamente, pretendendo esquecer-se desse tempo, ela vem recuperando sua saúde. Maria está fazendo acupuntura para tratamento de uma atrofia nos tendões, participa de um grupo de vigilantes do peso para emagrecer, pois engordou nos últimos anos - segundo ela, por causa do estresse emocional e pretende, um dia, fazer psicoterapia motivada pelas nossas entrevistas.

Mas, entre tentativas de esquecimento do trabalho recente no Santander-Banespa, emergem lembranças constantes do banco, sobretudo do Banespa que ela conheceu, o qual ela ainda não se desfez:

“Do banco assim... será que eu cheguei a me desfazer? Porque eu amo as pessoas que estão lá ainda! Eu deixei gente muito... Eu deixei gente legal ainda! Nossa! Eu deixei.... Ah, eu não me desfiz de nada!”

Mas Maria não pode mais dedicar sua afetividade a uma comunidade no trabalho, pois já está desligada do banco. No entanto, essa afetividade, que um dia construiu entre os banespianos, ela pretende levar consigo:

“Isso que eu falo: é isso mesmo! Como profissional, eu acho que eu me desfiz mesmo. É aquilo que eu falo pra você: mas o amor caminha!”

Mas qual comunidade afetiva, Maria hoje pode construir em substituição à banespiana? Ela tem cuidado mais dos assuntos de seus familiares e envolve-se com seus problemas, ajudando-os como pode, como sempre o fizera. Ela lembra as datas comemorativas, como os aniversários, organiza as festas entre familiares e amigos, e envia flores e cartões. Na ocasião em que partilhamos o nosso convívio, preparou a festa de cinquenta anos de Grozzi e mandou-lhe uma cesta de café da manhã. E procura manter próximo o convívio com seus pais, principalmente com sua mãe, passeando com ela nos shoppings, às tardes durante a semana, o que nunca pôde fazer com frequência por causa do trabalho no banco. Quanto ao seu filho, já com vinte e quatro anos, ele não necessita tanto de seus cuidados.

Além disso, Maria, assim como fora a família banespiana, mantém famílias estendidas através de uma rede de compadrio e afilhados:

“Porque, olha, a minha comadre tem quatro filhos. Desses quatro filhos, dois são casados. ... A Daniele tem dois filhos. O Marquinhos tem dois filhos. Então... o amor vai indo... Então você tem... o compadre e a comadre... A gente trata assim. É meio bregão, mas a gente... Eu acho legal! Eu gosto!... Pôxa! Eu vou lá duas ou três vezes por semana!... E ela tem o que? Ela tem três filhos! Aí o que é que nós vamos fazer? E você, que nem eu falei: há quanto tempo que a gente não tem criança do nosso lado! ... Então... tem os filhos da minha comadre, mas é um pouco longe! Mora em Paulínia e tal. Agora, a minha tia mora aqui! Então a minha tia veio, ela que é viúva, a filha, o genro e três netos. Então como é que eu fico? Eles chegam aqui, eles me abraçam! Me beijam sem cobrar nada! Então isso é muito gostoso!”

Maria, que um dia já pensou em ser freira, mantém ligação com a comunidade católica. Ela participa de um grupo de orações toda a semana, embora se ressinta de que essa atividade não envolva a Grozzi e a seu filho:

“Eu tive uma boa formação religiosa. Infelizmente, o meu filho e o meu marido não segue. Pra mim, seria o meu maior prazer se, numa segunda-feira, o [cita o nome do filho] que vai... quatro e meia da aula, chega... e ele podia ir comigo nesse grupo de oração. Acho muito bonito! Ou que ele freqüentasse uma igreja!”

Naqueles dias de nosso convívio, Maria sempre estava a minha espera às tardes com uma mesa de café posta para depois da nossa conversa. Na cozinha de sua casa, em meio às atenções dadas a sua cachorrinha que, invariavelmente, esteve todo tempo próxima de nossas conversas, Maria lembrou outras tantas vezes de algumas histórias do banco. E falou de Grozzi, de seu filho e de seu novo cotidiano depois da aposentadoria. Naqueles momentos, eu me senti já pertencente a sua comunidade afetiva.

Na cozinha, ela também me contou sobre seus projetos e sonhos. Disse que ela e Grozzi compraram um terreno e que pretendem construir uma casa nova que tenha mais espaço, principalmente para o lazer. Na futura casa, ela quer juntar a família, agregados e amigos para confraternizações e festas, ou seja, reconstruir uma comunidade de afetos. Assim como um dia o fizera, amorosamente, com Grozzi, seu filho, seus pais, irmã e irmão (já falecido), e também construíra com os outros banespianos dos quais ainda não pode se desfazer, porque ainda traz deles as memórias e os afetos nessa sua vida fora do Banespa.

Afetos e perdas

Maria iniciou emocionada a narrativa de sua história de vida, lembrando de sua infância e de seu irmão quando eram pequenos:

“Ah, [o começo de sua história de vida] seria [a época] da minha infância mesmo, nossa, a minha infância foi muito... da gente ter que... muito pobre, mas foi muito gostoso. Eu lembrando, assim, que é ainda até hoje, às vezes até fico emocionada... Eu morava no [bairro] Vila Nova²⁹. Aqui. Então não era nada ali, lá não existia lagoa, era um taboal lá ... e eu estudava

²⁹ Trata-se de um bairro de Campinas.

nesse obrado, na avenida Brasil. E ali tinha um morro de terra, então a gente escondia os papelões [ri]... a gente não via a hora, saía da aula, meu amigo, você pegava aquele papelão e descia, assim, meu irmão chegava, era um homem dentro de casa. Ah, daquele tipo mesmo de chegar de saíinha azulzinha, shortinho azulzinho, camisa branquinha, chegava, assim, que a minha mãe queria morrer!” [Grifo nosso]

Nesse momento, ao se lembrar da infância, do irmão e da mãe, chamando-me a mim de “*amigo*”, ela estabelece a conexão que marca a estrutura da sua narrativa de vida: a afetividade. Trata-se de uma vida lembrada e construída entre amores, amizades, companheirismos, compaixões. Maria constitui a si como uma mulher que conecta suas experiências como menina e adolescente, como esposa e mãe e como trabalhadora do Banespa através de sua afetividade.

A menção emocionada ao irmão no início de sua história, todavia, pode estar falando também de perdas, a de afetos. Como já foi visto, o seu irmão - que, como ela mesma diz, “*foi muito meu companheiro*” - já morreu e, assim como Maria e Grozzi, Carlão, como era conhecido, também trabalhou no Banespa.

Dessa forma, ao construir uma narrativa em que propus que falasse de sua vida, considerando a minha pesquisa sobre o trabalho no Banespa, Maria evoca a perda dos afetos. A relação com o irmão, conectada a afetos perdidos, é muito parecida com a que Maria constrói sobre o seu trabalho no Banespa sempre associada à afetividade que foi também perdida com a privatização do banco.

Portanto, é a partir desses afetos e de sua perda que Maria constitui a si na narrativa ao lembrar a sua história e falar sobre sua vida recente. As lembranças que escolheu no ato de rememorar - toda a lembrança é uma escolha - foi uma forma de reconstruir a sua comunidade afetiva, entre a sua família e a banespiana. É dessa forma que Maria constrói suas lembranças, tal como considera Halbwachs (1990) quando compreende “*os quadros sociais da memória*”:

“Para que nossa memória [individual] se auxilie com a dos outros, não basta que eles tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas

passam incessantemente dessas para aquele e reciprocamente, o que só possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. Que me importa que os outros estejam dominados por um sentimento que eu experimentava com eles outrora, e que não experimento hoje mais?”
(Halbwachs,1990:34)

Maria lembrou que trouxe consigo os valores da infância e da adolescência, que construiu na família, na escola e na Igreja, ao incorporá-los na coletividade dos banespianos, justamente em uma empresa onde os espaços entre o trabalho e a família eram bastante tênues.

Contudo, no Santander-Banespa experimentou um tempo de trabalho no qual predominou a competitividade e o individualismo. Os valores que Maria prezava não se adequavam ao do novo banco. Maria decepcionou-se com o banco – como uma vez também se decepcionou com as professoras da escola e com as freiras da igreja, das quais um dia se afastou – e decidiu sair do Banespa, mesmo considerando-se uma excelente funcionária, que se aposentou antes de completar os trinta anos de tempo de serviço. Sua saída foi, antes de tudo, um libelo, um ato de liberdade, em que fazia uma afirmação de si em detrimento do que lhe era negado pelo Santander: a sua afetividade.

A sua narrativa, que construídos ao longo das entrevistas, foi também uma forma que Maria encontrou para afirmar-se através de seus afetos. Ela me contou toda uma vida tecida em afetos para que eu pudesse entender quem era ela e o Banespa no meio de tudo isso. A sua narrativa constitui uma forma de reconstruir afetos perdidos através de suas lembranças. E, assim, ela foi compreendendo que contar a sua história era uma forma de afirmar-se para mim, seu “amigo”. Contudo, eu represento uma outra comunidade, a acadêmica e científica, e Maria sabia que eu estava o tempo todo “*estudando-a*”, pois sua irmã também faz mestrado na Unicamp.

Dessa forma, trazer as experiências vividas por Maria para produzir o conhecimento do mundo do trabalho implica que eu as reconheça em seus afetos e perdas, e implica também que esse conhecimento seja construído nas fronteiras entre a afetividade e a ciência. Foi o que ela quis me dizer na sua narrativa.

Disse a ela em um momento de nossa conversa:

“A gente está falando do aspecto profissional, mas, durante esse período todo, você falou de vários outros aspectos, não é? A gente abordou vários outros aspectos...”

E Maria comentou em seguida:

“Ah, sim! Eu falei da minha infância. Eu falei da minha adolescência... Eu falei do que mais? Ah, eu contei tudo! Do começo... contei até do meu casamento! Não tem tanta gente que sabe histórias tão detalhadas como você sabe!”

Os “*outros aspectos*” a que me refiro, e os detalhes das histórias de Maria que ela quis me contar, são os afetos que construímos nas nossas tardes de conversas sobre a vida.

CAPÍTULO 3

NARRATIVAS, TEMPOS, LUGARES E IDENTIDADES

Narrativas e cronotopos

As narrativas biográficas de Nilton e de Maria permitem situá-los como sujeitos, ainda que distintos, em uma trama - as suas vidas - de acontecimentos e cenários, que constituem um enredo particular construído no contexto em que elas foram elaboradas, qual seja, o processo de mudanças do Banespa, que foi se configurando na medida em que foram narrando suas experiências vividas.

Analiso aqui nas narrativas situando de que tempo e de que lugar Nilton e Maria contam suas histórias de vida, entrelaçando o trabalho no Banespa e outras esferas de sociabilidades, que mostram quem eles são ao longo de suas trajetórias.

Para tanto, considero que as trajetórias desses sujeitos conduzem a um percurso no tempo e no espaço que permite relacionar dimensões de suas vidas que são apresentadas no decorrer de suas narrativas, como trabalho, família e religião, e que aqui são analisadas. E, também, considero que as narrativas permitem pensar a construção de identidades, pois, à medida que narram suas histórias, os sujeitos estão constituindo suas identidades pessoais e coletiva, em referência a uma identidade sócio-profissional, contextualizadas no tempo e no espaço das narrativas.

Nesse sentido, aproximo-me do conceito de “*cronotopo*”, utilizado por Bakhtin (1990) para analisar a narrativa literária, mais especificamente o romance moderno. “*Cronotopo*” significa, literalmente, “*tempo-espaço*” e, para Bakhtin (1990), as concepções de tempo e de espaço são “*formas indispensáveis de qualquer conhecimento*”, compreendendo-as como “*formas da própria realidade efetiva.*” (Bakhtin, 1990:112). No cronotopo artístico-literário, “*os índices de tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo*” (p. 211). E explica que:

“a assimilação do cronotopo real e histórico na literatura flui complexa e intermitentemente: assimilaram-se alguns aspectos determinados do cronotopo acessíveis em dadas condições históricas, elaboraram-se apenas formas determinadas de reflexão sobre o cronotopo real” (Bakhtin, 1990:212).

Analogamente aos gêneros literários que Bakhtin analisa, as narrativas biográficas de Maria e de Nilton apresentam uma apreensão particular do tempo e do espaço por esses sujeitos e, desse modo, são reveladoras de cronotopos.

Entre tempos e lugares que as narrativas constroem, elas permitem compreender os contextos sociais em que elas se inserem, a constituição de distintas subjetividades e a dimensão do encontro entre os biografados e eu, já que a forma como se narra supõe sempre a presença de um ouvinte.

O tempo nas narrativas

A sucessão cronológica dos eventos da vida de Nilton e de Maria, tal como aqui foi descrita, é similar e poderia ser a forma como se construiria as narrativas biográficas de muitos de nós: eventos da infância e da adolescência, da escola, da vida religiosa, da família e do trabalho. E as narrativas guardam similaridades entre si, já que ambos trabalharam mais de vinte anos na mesma empresa: ingressaram no Banespa quase na mesma época e também se desligaram após a privatização.

Contudo, no momento em que narram, o fluxo e a intensidade do tempo desses eventos que apresentam é regido pela memória. Quando pedi que contassem sobre suas vidas é a escolha de lembranças, que para eles são significativas, que faz o fio condutor das narrativas: é o tempo de lembrar.

Alguns estudos sobre a memória indicam que o ato de lembrar não é individual ou biológico, mas o vinculam a uma noção de memória entendida como uma construção social. Halbwachs (1990) situa os *“quadros sociais da memória”* associando a lembrança à memória coletiva, que é formada ao longo da vida pelas instituições sociais, como família, Igreja, escola, e pela classe social e profissão. A memória coletiva é a memória do grupo que nos socializamos, a nossa *“comunidade afetiva”*. Porém, para Halbwachs, a lembrança é uma *“reconstrução do passado”*, pois *“o que rege em última instância a atividade mnêmica é a função social do aqui e do agora do sujeito que lembra”* (apud. Bosi, 1979:23). Seguindo as idéias de Halbwachs, Bosi (1979) considera que é a nossa situação atual que evoca o passado,

“que lembrar, portanto, não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (p. 16).

Assim, o trabalho da memória nas narrativas de Nilton e de Maria, um entrecruzamento de lembranças coletivas, foi o de lembrar outros tempos sempre os relacionando à situação que eles vivem hoje após o desligamento do Banespa. Situemos quando eu os encontrei, no momento em que construímos as narrativas.

Nilton desligou-se do Banespa através do PDV, quando ocupava cargo de gerente-geral de uma agência do Banespa há mais de três anos. Ele vive hoje envolvido entre os seus estudos na Faculdade de Direito e os serviços de consultoria financeira, que presta para uma pequena carteira de clientes, em escritório montado em sua própria residência. Mesmo com essas atividades atuais, ressenete-se de não ter um trabalho fixo num horário comercial, o que ele remete às vezes à condição de estar desempregado. Sua mulher ainda trabalha no Banespa como escriturária.

Maria desligou-se do Banespa há dois anos, aposentando-se antes do tempo integral na função de escriturária que sempre exerceu na agência de Barão Geraldo. Ela vive hoje com seu marido Grozzi, que também foi funcionário do Banespa, dedicando-se à família: seus pais, marido e filho e muitos amigos que agrega ao seu convívio. Reserva também seu tempo para cuidar de sua saúde, freqüentar a Igreja, ir às compras aos shoppings nos momentos de lazer. Há mais de dez anos vive em Barão Geraldo, distrito de Campinas.

Para Nilton e Maria trata-se hoje de um tempo em que reconstroem sua vida após o desligamento do Santander-Banespa. É a partir desse tempo que eles lembram, escolhendo o que querem lembrar, o que faz sentido a eles como sujeitos neste momento³⁰.

Quando lembram de seu desligamento do banco é sobre a morte que, metaforicamente, eles falam, como contraponto, da sua vida fora do Banespa. Nilton lembra da morte da mãe:

³⁰ Situemos Grozzi e Rita. Grozzi, 50 anos, ingressou no banco em 1975 como contínuo e se desligou em 2003 em um PDI – Plano de Demissão Incentivado na função de tesoureiro de uma agência de Campinas. Grozzi vive hoje trabalhando com pequenos consertos em equipamentos de informática, prestando serviços para uma empresa do ramo, intercalando seu dia entre a sua casa e nessa empresa, e aguarda completar o tempo para sua aposentadoria. Tal como Maria, Grozzi ocupa-se com seus familiares e agregados, embora não tão intensamente quanto a sua mulher (V. Anexo I).

Rita, 39 anos, ingressou no banco em 1988 e desligou-se em 2002, quando retornou de uma licença-gestante na última agência em que estava lotada, em Santa Bárbara D’Oeste, e vive hoje em Sumaré com o marido e dois filhos pequenos, e há mais de um ano montou, com a ajuda do marido, um buffet de festas de aniversários, sobretudo de crianças, após ter se formado em 2003 em Pedagogia (V. Anexo II)

“Nós perdemos ela [a mãe] em 95. Ela sempre trabalhou muito porque nós éramos em seis irmãos. A gente era muito pobre, muito simples e ela fazia bolo, ela fazia bala pra fora, salgadinho pra fora até para poder manter o orçamento da casa, manter... Então, pra que a gente ficasse... pelo menos nunca faltou arroz e feijão em casa. Muito por parte dela, por parte da educação dela. Quando eu me lembro dela, ela não encostava a mão em um filho pra bater. Tenho saudade de não ter a convivência dela hoje.”

E rememorando a morte da mãe, fala sobre o seu desligamento:

“Você já perdeu algum ente querido ou não? Você já perdeu a mãe?... Minha mãe morreu em 95. É a mesma coisa. Em função da dedicação que eu tive com a empresa. Sabe? É a mesma coisa de você perder um ente querido, um ente próximo, que você quer agarrar e não tem aonde.[A sensação era] De morte mesmo! Falar: ‘Poxa, vida! Eu não acredito!’”

Maria por sua vez, lembra, freqüentemente, em sua narrativa, de seu irmão, do afeto que sentia por ele e das dificuldades que ainda tem de falar de sua morte:

“Eu fui voltar em Ubatuba [onde o irmão morreu assassinado] agora... um mês... no mês passado. Eu voltei lá em fevereiro. [Depois do acidente], nunca mais fui pra lá. Nunca fui pra lá! A minha irmã falou assim: ‘Ah, vamos que a gente tem que tirar esse fantasma da vida da gente!’ Eu falei: ‘Ah, vamos! Não sei...’. Foi indo e agora a gente fala com mais... mais assim... mas é duro de falar! A gente sente falta...”

Juntamente à morte do irmão, Maria conta do que deixou quando saiu do Banespa, como referência a um tempo perdido, de tantos afetos, entre o trabalho e a família:

“Ah, também, quando ficaram sabendo [de sua saída]. O [cita o nome] que trabalhou comigo, gente do céu, vinte e quatro anos ali juntos! a turminha... E a turminha assim, por exemplo, os estagiários ‘Ah, você vai embora?! Puxa vida! Quem vai trazer bala pra mim? Quem vai dar bombom pra mim?’, ‘Pôxa! Quem vai chegar e falar ‘Bom-dia!’?’ porque eu... Olha, por mais doente, por mais insatisfeita, eu nunca fui uma pessoa negligente! nem no meu serviço e nem nas minhas amizades! Nunca! Desde a faxineira, sempre levei roupa quando não servia, sempre levei um doce. Eu comprava assim aqueles pingos de leite, eu deixava na mesa de cada um, ou aqueles dadinhos. Sempre! Isso daí eu sempre fiz assim e sempre consegui conciliar, Alcides! a minha casa com a minha família!” [Grifo nosso]

Assim, o período em que trabalharam posteriormente à privatização do banco foi contado por Nilton e Maria - que hoje refazem suas vidas, um período de tantos renascimentos

- como o tempo da morte. A lembrança é de um período associado ao terror que levou às doenças e, simbolicamente, às mortes, e resultou finalmente em seus desligamentos ³¹.

Tal como que eles lembram, isso pode remeter ao que ocorreu com os outros banespianos. Pelo que observei no 15º Congresso Nacional dos Banespianos, nesse evento, a luta sindical esteve centrada na garantia de direitos que estavam em risco nas discussões do Acordo Coletivo que se negociava, o primeiro na gestão do Santander. Portanto, com a privatização, as relações de trabalho no Banespa sofreram alterações abruptas através de demissões, intensificação e precarização do trabalho e perda dos direitos. Nilton e Maria lembram de tudo isso em suas narrativas e o fazem associando a gestão do Santander à idéia de morte. E, a partir desse tempo passado mais recente, rememoram os demais.

O período imediatamente anterior à privatização, que corresponde à intervenção e federalização do Banespa, entre 1995 e 2000, foi, comparado ao da privatização, como um tempo em que se presenciou inúmeras mudanças no Banespa, mas também foi um tempo de esperanças, pois se acreditava que não haveria a privatização de fato.

Nilton fala que durante a intervenção federal as mudanças desse período foram brandas, interpretando, por exemplo, que as demissões desse período foram ajustes necessários, diferentemente de como viria a ocorrer quando da privatização. Isso se justifica porque o banco ainda manteve a estrutura de uma empresa pública:

³¹ Grozzi, em suas narrativas, após revelar-me as suas dificuldades de expressar-se sobre esse período durante as entrevistas, associa o desligamento do banco à morte do pai e à depressão: *“Sabe que começa a me dar umas regressões nessas histórias e eu começo... e você sabe, eu estive conversando com pessoas que... quando você tem esses problemas depressivos, que eu achava assim que era uma coisa de fresco, mas não é! Eu... começou pelo falecimento do meu pai, que foi assim... Tudo bem que ele estava sofrendo, estava doente e eu não ia em médico, ficava numa boa e... eu tinha ido num cardiologista e o cardiologista fez os exames, deu colesterol alto, aquelas coisas todas e ele falou: ‘Oh, você vai fazer um tratamento...’, já deixou um guia de exames e ‘Daqui 30 dias mais ou menos você me liga para marcar! Novo exame, você faz o exame e traz, aqui, o novo resultado para mim ver se o exame caiu’”. E eu não voltei [...] Eu falei: ‘Não, é porque falta tempo, a gente não tem tempo de ir’, tal. O Dr. Almeida atende de sábado, aí eu fui num sábado, o Dr. Almeida me atendeu, eu levei o resultado na outra semana, que aí ele foi pedir para a minha gerente: ‘Não, [cita seu primeiro nome], leva lá, não tem importância, eu fico com a chave aqui. Porque é assim, a complicação no banco, eu sou tesoureiro, a responsabilidade do tesouro, que está lá dentro, o dinheiro, é minha’. Ela marca, dizendo que eu sou o responsável, daí eu chego e falo assim: ‘Eu preciso ir no médico’, ‘Ah, deixa a chave comigo’. Aí eu deixo a chave com você, mas eu não passo uma ata, dizendo que a chave que está sob sua responsabilidade, sabe?[...] E aí ele [o médico] é bastante jovem e eu com a minha idade toda, deu um mal estar, assim, de repente, aí eu perdi os sentidos, eu caí em prantos, comecei a chorar no médico e acabei ficando quatorze dias afastado, tomando corticóide, psiquiatra, psicanalista, sei lá mais não sei o que, [] ele me deu remédio. Eu tomava anti-depressivo...”*

“Dentro deste período, o Banespa manteve a estrutura de Banespa porém como um banco federal. Nós éramos equiparados a uma Caixa Federal, Banco do Brasil, Banespa! Deixou de ser estadual. A administração do Banespa nesse período foi de funcionários de carreira do Banco Central, ou seja, [foi]federal.”

Maria conta que esse período foi de muitas mudanças, principalmente com as demissões do período, lembrando também que, pois isso, ela mudou de setor, saindo do atendimento ao cliente e indo para a compensação, e que houve a intensificação do trabalho. Mas, mesmo assim, os funcionários de sua agência de Barão Geraldo mobilizavam-se para mostrar que o Banespa, nesse período, poderia ser viável como uma empresa pública:

“Ah, foi difícil pra gente, viu? Ainda mais... eu vou te falar assim... Foi difícil pra nós banespianos, aqueles que vestiram a camisa do banco... do Banespa! Isso, pra nós, foi terrível!... As pessoas iam saindo, pessoas que eram seus amigos, que trabalhou ali durante ... quinze anos juntos... dezoito anos juntos... Depois um olha pra outro e você: ‘Ah, cadê fulano?! Fulano não veio por quê?’, ‘Ah, fulano não veio porque foi lá pro HC!’, aí um caixa... aí chegava um cliente pra você: ‘Pôxa, não é...’, ‘Ah, fulano está lá no Básico, fulano está lá na Reitoria!’... é duro isso! É, você vai perdendo o chão também porque estou acostumada, apesar de você já não sair tanto com aquele povo, mas você está acostumada com aquele povo todo dia ali: ‘Bom-dia, Maria!’, ‘Bom-dia!’, ‘Bom-dia!’”[Grifo nosso]³²

Tanto Nilton como Maria lembram também que esse período foi de esperanças, como ela se refere:

“Olha, eu... Eu tinha esperança que não, tanto é que eu sempre falava pra turma: ‘Olha, eu não falei?! Mais um ano!’. Quando chegava no final do ano eu falava: ‘Gente, mais um ano! Mais um ano!’, ‘Oh!’, ‘Você vai ver! Mais um ano!’

Uma esperança que traduzia para Nilton como uma possibilidade do banco não ser privatizado e de não ocorrer mais demissões:

³² Grozzi fala dos impactos que mudanças decorrentes da intervenção provocou, sobretudo quanto ao temor do desemprego: “... Eu tinha medo de perder o emprego, eu fiquei até neurótico, uma época eu fiquei até doente aí. [...] É [na época] da intervenção, pronto, estou na rua. Não tenho curso superior, vou sair daqui, vou fazer uma ficha no Bradesco ou no Itaú, que eu sou bancário, porque bancário, na verdade, não é nem profissão, não é? [...]O medo era] era geral, tanto é que você vê aí que muitos funcionários hoje, percebeu que ia ser mandado embora, ele se afastou por LER, problema cardíaco, doença nervosa”

“Nunca [achava que o banco ia ser privatizado]! Duas coisas que nunca passaram pela cabeça de um funcionário decente: o banco não vai ser privatizado e nós não vamos sair do banco. Não pensava, nem passava pela minha cabeça!”

Diante do tempo da morte do período após a privatização, eles vêem hoje que a sua vida, e a de empresa e dos banespianos, embora agonizantes, ainda tinham alguma chance de recuperação no período anterior, de reverter o caminho que levaria o banco à privatização e também algumas mudanças que já se anunciavam nesse período³³.

Teriam eles a mesma impressão sobre as mudanças na época em que vivenciavam tais mudanças e que, efetivamente, levou à privatização do Banespa?³⁴ Sobre isso, não mais saberemos, pois é o tempo da memória, de Nilton e de Maria que agora se impõe. E o que apresentam é o abrandamento dos conflitos que emergiam no Banespa à medida que vão lembrando o passado em comparação ao tempo mais recente, da privatização, um tempo de tantos conflitos e, metaforicamente, de tantas mortes³⁵.

Poderíamos dizer que, com isso, Nilton e Maria se esquecem? Deixemos essa pergunta para problematizar depois, e vamos seguir mais adiante, já que em oposição à morte recente é a vida no passado que se apresenta nas narrativas.

³³ Rita sempre tivera, desde quando ingressou no banco, participação no movimento sindical, inclusive foi membro da diretoria do sindicato de Campinas no início dos anos 90. Ela conta sobre as mobilizações dos funcionários, articuladas pelo Sindicato dos Bancários e pela Afubesp contra a intervenção no período, quando ela trabalhava em uma agência São Paulo: *“Aí teve uma união dos grupos [dos movimentos sindicais] nesse momento, teve uma união dos grupos, eles tiveram uma prévia, vamos dizer assim, não é? E teve uma união para eles... num único pensamento: acabar com a intervenção. E, antes da intervenção, eles não conseguiam fazer nada, porque foi tudo muito rápido, não tinha, assim, uma certeza absoluta que ia ter a intervenção, foi uma ação muito rápida do governo federal. E o governo federal era, então, o Fernando Henrique do PSDB, não é? Foi tipo um golpe de estado praticamente, foi, assim, uma maneira de manipular os últimos dias do antigo governo, mas... então não teve muito o que fazer, mas, depois, a partir do momento da intervenção, foi tendo muita... foi aquilo que eu falei para você. Eu não me lembro mais dos fatos, mas teve muitos movimentos em 94, foi um ano bem atípico.”*

³⁴ As mudanças que ocorreram no período de intervenção e federalização para Nespoli (2004) foram *“o início da precarização das relações de trabalho no interior da instituição”* (p. 170); para Silva (2000), em seu estudo sobre as demissões do Banespa desse período, ocorreram pressões para que os funcionários aderissem aos PDVs, e não algumas demissões foram assim tão como voluntárias. Segnini (1999) analisou a reestruturação do trabalho nesse período e verificou elementos que levaram a precarização do trabalho.

³⁵ Rita, uma sindicalista atuante no período, fala sobre a empresa no período da intervenção considerando que fora ainda um período de estabilidade, mesmo que assim o faça avaliando esse período depois do processo posterior da federalização e da privatização: *“Então tudo isso foi um processo para depois ia ter, assim... mas isso aí estava acontecendo em todas... em várias empresas estatais, primeiro a intervenção, depois a federalização e depois a venda para capital estrangeiro, então isso aí assustava muito aos funcionários. E o bom, o que aconteceu, depois de um ano de intervenção, foi feito um balanço depois que aconteceu, nenhum cliente abandonou o banco, mesmo os grandes investidores, os funcionários, mesmo aqueles de alto cargo, conseguiram manter com toda aquela instabilidade, porque você sabe que uma intervenção cria uma instabilidade e quem tem muito dinheiro não vai querer ficar nesse [banco].”*

O tempo passado, o que é lembrado por Nilton e por Maria, vai se configurando em “*Idades Míticas*” que, segundo Le Goff (1992) seriam épocas “*excepcionalmente felizes ou catastróficas*” (Le Goff, 1992:283) que as sociedades humanas constroem para “*dominar o tempo e a história e satisfazer aspirações de felicidade e justiça ou os temores face ao desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos*” (p.283). Assim, o tempo da memória de Nilton e de Maria é o do mito, que se contrapõe ao da história³⁶.

O período do Banespa do passado apresenta-se para Nilton e Maria como uma “*Idade de Ouro*” que é uma forma como são imaginadas as Idades Míticas referidas por Le Goff (1992): “*perspectivam outra idade feliz, no fim dos tempos, quer como tempo de eternidade, quer como a última época antes do fim dos tempos*” (Le Goff, 1992:283). Essa “*época antes do fim dos tempos*” seria a representação do tempo passado do Banespa apresentado nas narrativas, um tempo anterior à privatização.

Nilton e Maria atrelam suas vidas a esse Banespa antigo, o da “*Idade do Ouro*”. As suas falas apresentam à idéia de felicidade vivida do Banespa no tempo passado do qual se sentem hoje tributários. Assim é que Nilton refere-se a esse banco:

“*O Banco me deu tudo: patrimônio, esposa e filhos.*”

E Maria, tentando convencer-me do que significou o Banespa para ela, diz:

“*O banco, naquela época, oh Alcides, ele era ótimo! Não vou nem falar bom. O banco era ótimo! O banco era mãe, pai, avô, irmão de todo mundo, tá? Porque em tudo, não vou falar só financeiramente não! Em tudo porque eu lembro...*”

É possível compreender essa representação que eles fazem dessa época, uma “*Idade do Ouro*”. Primeiramente, podemos comparar essa época ao período recente que Nilton e Maria vivenciaram. Muitos dos direitos dos banespianos, historicamente conquistados, rumaram para extinção e ainda houve um quadro geral de precarização e intensificação do trabalho

³⁶ Pierre Nora distingue memória e história: “*Memória é vida, sempre guardada pelos grupos vivos e em seu nome, ela está em evoluções permanentes, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível a longas latências e súbitas revitalizações. A história é uma reconstrução sempre problemática e incompleta daquilo que não é mais. A memória é um fenômeno sempre atual, uma ligação do vivido com o eterno presente; a história é uma representação do passado. Porque ela é afetiva e mágica, a memória se acomoda apenas nos detalhes que a conformam; ela se nutre das lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a toda transferência, censura ou projeção. A história, porque operação intelectual ou laicizante, exige análise e discurso científico. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na linguagem, no objeto. A história não se liga a não ser em continuidades temporais, nas evoluções e nas relações de coisas. A memória é um absoluto, a história não conhece mais que o relativo. No coração da história trabalha um criticismo destruidor da memória. A memória é sempre suspeita à história, donde sua verdadeira missão é a de destruí-la e de rechaçá-la.*” (apud. De Decca, 1992: 130-31).

bancário, já apontados por diversos estudos (Araújo, 2000; Jinkings, 1995, 2002, 2003; Rodrigues, 2004; Segnini, 1998, 1999), o que seria o “*fim dos tempos*”, que se refere Le Goff (1992). Assim, comparando à tantas mortes desse tempo recente, é lá no passado que eles (re)encontram a vida.

Podemos pensar também no que significou a categoria dos bancários, e dos banespianos, como segmento importante dos trabalhadores dos bancos públicos no passado recente do país. A categoria bancária, sobretudo a dos bancos públicos, teve uma grande representatividade junto à conquista de direitos sociais e lutas sindicais que se destacavam no conjunto dos trabalhadores brasileiros (Cânedo, 1986). Pode-se dizer, tal como Segnini que “*os bancários empregados nos bancos estatais constituíram o segmento que conquistou um maior número de direitos sociais vinculados ao trabalho, sobretudo em relação aos empregados em banco privados*” (apud. Nespoli, 2004:32).

Contudo, para compreender a representação que Nilton e Maria fazem desse tempo, busquemos a dissertação de mestrado do antropólogo Romanelli (1978) que analisou os bancários do Banespa, realizando uma etnografia sobre a situação desses bancários em meados da década de 70, a “*Idade do Ouro*” referida por Nilton e Maria. Ao tempo mítico, da memória, contraponho um outro, o tempo etnográfico de Romanelli.

A etnografia de Romanelli afirma o caráter positivo da adscrição identitária dos bancários do Banespa, a que chamo de identidade banespiana, aquela que sedimenta os vínculos dos funcionários ao Banespa nesse tempo referido por Nilton e Maria:

“*[Os bancários do Banespa] são avaliados pelos bancários de estabelecimentos de créditos particulares – e se auto-avaliam – como detentores de uma posição ocupacional dotada de um conjunto de atributos positivos tais como: remuneração mais elevada, quando comparada à dos demais integrantes da categoria; prestígio social, advindo do próprio vínculo empregatício; segurança no emprego; benefícios de salário indireto, como gratificações, assistência médica, licença-prêmio, etc.*” (Romanelli, 1978:14)

É essa identidade banespiana que é reforçada hoje nas narrativas pelas lembranças de Nilton e Maria do passado, pois são esses vínculos identitários que foram rompidos com a privatização e as mudanças no Banespa. Sobre isso, Nilton refere-se em alguns trechos de sua narrativa:

“*No momento do Banespa, antes da privatização, era uma empresa [frisa] Então, ali naquela empresa, se você está dentro de uma empresa que tinha aquele histórico, que tinha aquele passado, você tinha aquela vida de futuro, você tinha que projetar aquilo ali.*”

“... Não tinha muito contato [com os bancários dos bancos privados]. O que eu tive contato com uma irmã minha que trabalhou no Bradesco. Tinha diferença. A visão que dela, que ela tinha do Bradesco, é a visão que nós temos hoje com o Santander! E já ele tinha lá trás... [A diferença era] Por ser um banco privado e não ter a garantia do emprego. É o que hoje acontece no Banespa.”

Da mesma forma, Maria avalia o significado de ser banespiana nesse tempo passado, no mesmo sentido da afirmação de Romanelli:

“Agora, quando eu vim no banco, qual era vantagem. Eu ia ter médico, assistência médica, ia ter médico, me falaram também, ia ser bom, que eu ia trabalhar seis horas por dia, você está entendendo? Eu não trabalhava no sábado, não trabalhava no domingo e não trabalhava no feriado, você está entendendo? Agora para você ver... Não era só o salário. Ah, pensava [na estabilidade] Apesar que tinha tanto emprego...porque quando você entrava numa estatal, qual era o seu objetivo? Morrer ali.”

“Porque quando você falava para uma pessoa: ‘Qual é a sua profissão?’ ‘Bancária’. ‘Oh!’, ‘Da onde?’, ‘Banespa’. ‘Uh’... sabe? Era um auê! Era status com certeza. Nossa, quando você falava: ‘Bancária, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Caixa Estadual e Banespa, nossa, ninguém, ninguém, Nossa Senhora! Às vezes, até o tratamento era diferente, você está entendendo? ... Então, nossa! você como... bancária, na hora que você colocava, mostrava o seu holerith ali, mil quinhentos, mil e sessenta, a turma falava: ‘Nossa’, sabe, ‘Como você fez para entrar no Banespa? Como que faz para entrar no Banespa? Como que’...Você está entendendo?’”³⁷

O estudo de Romanelli aponta que as razões do ingresso no Banespa estão associadas à idéia de ascensão sócio-econômica: *“O ingresso no Banco, garantido pela imagem de solidez da instituição e valorizado pelas experiências vivenciadas pelos outros, afigura-se*

³⁷ Rita fala do que significou para sua vida o seu ingresso no Banespa: *“Ah, eu acho que [sua vida mudou] em todos os aspectos, tanto financeiro, porque o meu salário, quando eu entrei, eu já sabia o salário que eu ia receber, mesmo sendo admissional, então eu já sabia que o meu salário era o dobro do que eu ganhava e eu queria trabalhar menos tempo. O horário do dia era 6 horas, eu trabalhava 8. Eu já sabia desse aspecto, e no aspecto emocional, psicológico, você estava entrando numa grande empresa. Você não sabia quem era o patrão, você tinha grande expectativa de estar crescendo. Isso foi muito importante para mim, e uma mudança na vida emocional, porque também estava saindo de um casamento, vendo pessoas novas, um mundo diferente. Porque aquele mundo em que eu vivia, eu era uma pessoa simples e vivia num mundo simples, nós freqüentávamos... eu já morava nessa região aqui, naquele bairro de baixo, casas populares, como eu falei para você, eu freqüentava a igreja daqui de cima, depois eu mostro para você onde é. A comunidade que eu freqüentava, todas pessoas simples, simples.”*

como meio de obter emprego e de realizar aspirações de melhoria social e econômica” (Romanelli, 1978:143). Nesse sentido, ainda, o ingresso através de concursos públicos, que era uma forma *“impessoal e burocratizada”* e com menos *“personalismo”*, permitiu a entrada de trabalhadores, sobretudo do interior e de mulheres, que estavam em posição desfavorável no mercado de trabalho (p. 145), como nos casos de Nilton e de Maria³⁸.

A estrutura das narrativas, a forma como Nilton e Maria narram e lembram, corrobora com Romanelli, pois as narrativas descrevem uma vida, na infância e na adolescência, marcada pela pobreza, para então, como um ritual de passagem, situar o ingresso no banco, na vida adulta, que significou sua ascensão sócio-econômica. Nilton, que saiu de Ilha Solteira como escriturário do banco, comenta sobre isso, quando então estava na posição de gerente geral em Serra Negra:

“Pra quem tinha vindo do meio do mato... [Era] Uma ascensão... Um ego. Uma realização pessoal, eu não diria nem profissional, profissional foi consequência, mas era uma realização pessoal.”

Assim como Maria relata, de forma mais explícita, o que foi exatamente essa ascensão para ela, uma jovem moradora de um bairro de periferia de Campinas e oriunda de uma família pobre:

“Comprei geladeira para a minha mãe, comprei em dez vezes, mas eu comprei, e daí? Não era legal isso? Então era gostoso, então você já podia, por exemplo, chegar de noite... eu já era uma pessoa que não é que eu era difícil pra comer, eu sou fácil, mas, ao mesmo tempo, eu não sei comer sem carne, sabe? E outra, eu vim de uma família super pobre e não sei comer sem carne... era terrível para mim, não era?... Mas é, foi muito gratificante, porque eu já saía do banco mais cedo, sabe? Então eu já podia ajudar minha mãe numa casa mais do que eu já ajudava. Então, se a minha mãe chegava no sábado, no domingo, minha mãe descansava mais.”

Todavia, o tempo etnográfico descrito por Romanelli vai se distanciando do tempo da memória de Nilton e Maria. Romanelli, ao analisar as representações e práticas dos seus entrevistados, percebe que esses realizam uma reflexão sobre sua profissão e sobre a empresa,

³⁸ De mesma forma, podemos situar Grozzi e Rita (Anexos I e II).

revelando contradições e críticas, ainda que fragmentárias, percebidas sobretudo como uma “alienação” do trabalho bancário (p. 228)³⁹.

O banco, que Nilton e Maria ingressaram, é visto por alguns bancários que entrevistou como autoritário, ainda que muitos acabassem por assumir o caráter paternalista das relações de trabalho através de redes de apadrinhamento, já que, com isso, podiam conseguir a ascensão de carreira depois do ingresso (p. 210-212). Havia, na expressão de Romanelli, “*carreiras bloqueadas*” uma vez que a ascensão funcional não se consumava para todos, o que as trajetórias de Nilton, homem, que ascendeu na carreira até o posto de gerente-geral e, diferentemente, a de Maria, uma mulher, que sempre se manteve como escriturária, vêm mostrar.

Nilton e Maria trabalharam em um Banespa que Romanelli analisou como sendo estruturalmente marcado por um sistema burocrático em que prevalecia a rotina e a vigilância, sendo que a “*disciplina, rendimento, desempenho mecânico das tarefas constituem elementos básicos classificadores do bom empregado*” (Romanelli, 1978:65), e isso foi criticado por alguns dos bancários pesquisados como “*um trabalho rotineiro e pouco criativo*” (p. 166). Além disso, o autor identificou que o paternalismo, com sua lógica de favorecimentos, permeava essa estrutura, o que levava os funcionários a construírem uma “*imagem positiva*” do banco, pois “*se existe exploração, ela é avaliada como menos brutal que em outras empresas*” (p. 187).

Das contradições dessa estrutura burocrática e paternalista, Romanelli descreve, em sua etnografia, sobre: a intensificação do trabalho, inclusive promovida pela incipiente automação (p. 173); a extensão da jornada de trabalho (p. 183); os sistemas de avaliação funcional que eram ambíguos, entre a competência e o favorecimento (p. 198); e a ocorrência de doenças profissionais desse período (p. 205). Por tudo isso, expõe que, já naquela época, pode-se falar de uma “*proletarização*” da categoria, representada pelas expressões “*mendigo engravatado*” ou “*operário engravatado*” utilizadas pelos próprios bancários, em que os salários já não correspondiam à crescente demanda de consumo da categoria (p. 232-233).

Por fim, Romanelli conclui que essas contradições, embora aparecessem nas entrevistas, não eram apreendidas na sua totalidade pelos bancários uma vez que muitos

³⁹ O próprio antropólogo problematiza a relação entre ele e seus entrevistados, pois sua pesquisa era vista por esses últimos como uma via condutora de reivindicações das ambigüidades que eles apontavam em seu trabalho a ser posta pela Diretoria pelo antropólogo, demonstrando com isso, que não eram bancários “*bitolados*” (Romanelli, 1978:242).

assumiam o paternalismo como forma de ascenderem em suas carreiras dentro do contexto histórico de possibilidade de expansão do consumo do “*milagre brasileiro*” (p. 239).

Dessa análise, Romanelli classifica os banespianos de então pelo seu envolvimento com essa estrutura de trabalho bancário em dois grupos distintos, o que constituiu o argumento central de sua etnografia:

“Em primeiro lugar, há o grupo de bancários cujo objetivo é fazer carreira e que considera o emprego como definitivo. O segundo agrupamento engloba diversas orientações e perspectivas. Um segmento desse grupo aguarda a conclusão do curso superior, esperando adquirir qualificação que o habilite a encontrar trabalho mais adequado às suas aspirações. Outra fração mantém dois empregos e tem como projeto conquistar segurança na atividade complementar, para então deixar o banco. Em qualquer caso, para os bancários do segundo grupo, o Banco do Estado é mero ‘trampolim’ a ser utilizado até que, em um futuro indefinido, tenham condições para transformar o emprego provisório em definitivo”. (Romanelli, 1978:149).

Aproximemos a classificação de Romanelli às trajetórias de Nilton e de Maria no Banespa. Elas constituem trajetórias exemplares em que o “*provisório*” foi sendo substituído pelo “*definitivo*”, quando Nilton e Maria, assim como o teria sido para muitos de seus colegas banespianos, deixaram de lado alguns projetos e atrelaram suas vidas ao trabalho no Banespa.

Nilton não conseguiu prosseguir os seus estudos superiores, que foram se tornando incompatíveis com o trabalho no banco, e durante um certo tempo manteve dois empregos. Casou-se com uma funcionária de sua agência e seguiu carreira de gerente fora de Campinas, deslocando-se para as cidades da região e, com isso, permanecendo ausente do convívio de sua família durante muito tempo.

Maria não foi ser professora como desejava sua mãe, interrompeu seus estudos e ingressou no banco, onde já trabalhava seu marido, Grozzi. Permaneceu toda sua vida funcional como escriturária, conciliando o trabalho no banco com a sua vida na família e na comunidade de Barão Geraldo, onde aí sempre trabalhou na agência local do Banespa e mora até hoje⁴⁰.

⁴⁰ Grozzi, no passado anterior ao Banespa, trabalhou em um circo, foi marceneiro e fez parte de um conjunto musical. Entrou no banco como contínuo, depois foi escriturário, chegando a supervisor apenas quinze anos depois de seu ingresso, pois foi sendo sistematicamente preterido no sistema de ascensão de carreira, quando esse era por indicação; permaneceu sempre na mesma agência, em Barão Geraldo, até sua transferência para uma outra agência de Campinas, como tesoureiro, após a privatização (V. Anexo I).

Rita ingressou no Banespa, mas, ao longo de sua história, sempre atrelou outros projetos ao do banco, entre o definitivo e o provisório, ainda que atribua a entrada no banco como um grande marco para sua vida: ela foi sindicalista e professora, ao mesmo tempo que trabalhava como bancária, e também casou e teve dois filhos. Mudou

Comparemos o tempo etnográfico de Romanelli ao tempo da memória de Nilton e de Maria tal como se apresentam as suas narrativas, quando falam do passado. Se o tempo etnográfico de Romanelli remete a um Banespa no passado, repleto de contradições, o tempo da memória de Nilton e de Maria traz à lembrança um outro Banespa, um banco idealizado de uma *“Idade do Ouro”*.

É que entre a temporalidade descrita por Romanelli e a narrada por Nilton e Maria passaram-se trinta anos. As mudanças que ocorreram no Banespa, sobretudo na última década, foram transformando aquilo que já tinha sido posto como *“definitivo”* em suas vidas, ou seja, o trabalho no Banespa, em *“provisório”*, já que o banco que eles conhecerem foi deixando de existir até o ponto de se desligarem.⁴¹ Como foi visto, o que lembram desse passado mais recente é que foi um tempo de mortes. Diante desta, eles buscam alguma vida no Banespa do passado através dessas lembranças e se esquecem em grande parte do que foi o Banespa descrito por Romanelli.

Voltemos para a discussão sobre a memória para compreender os esquecimentos de Nilton e de Maria. Muitas áreas do conhecimento têm se preocupado com os mecanismos da memória e particularmente sobre o esquecimento. Aqui, parece pertinente recuperar alguns pontos da filosofia de Nietzsche que indaga sobre o esquecimento⁴².

Nietzsche (1978) reflete sobre qual seria o valor da história para a vida. Para o filósofo, a medida da felicidade do homem está na sua possibilidade de esquecer. Assim, *“é possível viver quase sem recordar e viver feliz, como o demonstra o animal, mas é impossível viver sem esquecer”* (Nietzsche, 1978:107). O que define o grau e fixa o limite do que

várias vezes de agências, de setores no banco e de cidades, ainda que permanecendo sempre na função de escriturária. Havia deixado seus planos de prosseguir seus estudos superiores, no passado, mas recentemente formou-se em Pedagogia (V. Anexo II).

⁴¹ Segnini (1999) numa análise sobre a reestruturação do trabalho no Banespa em meados da década de 90, referindo ao trabalho de Romanelli (1978) já aponta para isso em suas conclusões: *“Hoje, os bancários são mais velhos, mais escolarizados, como revelam os dados estatísticos. Porém, a intensa pressão por produtividade e a competição entre os próprios colegas marcam a precariedade do vínculo com a instituição, a possibilidade real de desemprego a qualquer momento. Dessa forma, no contexto da reestruturação produtiva, o emprego nos bancos deixa de ser caracterizado como provisório, que se transforma em definitivo, para se constituir em definitivamente provisório.”* (Segnini, 1999:204)

⁴² Pode-se pontuar alguns exemplos, além de Nietzsche: a psicanálise de Freud (1978) pressupõe a amnésia e o recalque do inconsciente reprimido, como constitutivos da psique; e a literatura de Proust (1983) fundamenta-se no “choque”, quando as sensações e as emoções despertadas, porém esquecidas no tempo, faz sua personagem buscar o tempo perdido. Essa discussão sobre o esquecimento, sobretudo como constitutivo das identidades, foi por mim trabalhada na dissertação de mestrado em que desenvolvia a idéia de que a identidade dos norte-americanos confederados de Americana e Santa Bárbara d’Oeste funda-se no esquecimento (Gussi, 1997). Sobre a história intelectual do esquecimento, remeto ainda a Wienrich (2001).

é necessário esquecer é: “a faculdade [do homem] de crescer por si mesmo, de transformar e de assimilar o passado e o heterogêneo, de cicatrizar suas feridas, de reparar suas perdas, de reconstruir as forças destrutivas” (p. 108). Trata-se, pois, de saber esquecer a tempo, como também de saber recordar a tempo (p. 109). Daí que, para o filósofo, “o sentido histórico e sua negação são igualmente necessários à saúde do indivíduo, de uma nação e de uma civilização” (p. 109).⁴³

Assim, Nilton e Maria se esquecem das contradições a que eles estavam submetidos no trabalho do Banespa no passado porque é preciso reconstruir suas vidas no tempo presente. Pois é no aqui e no agora que eles lembram da morte do banco atual e da vida (feliz) que eles passaram no banco antigo (idealizado) e esquecem da morte de uma outra vida: a que eles deixaram de ter justamente porque estavam submetidos -em definitivo- à estrutura burocrática e paternalista do banco antigo descrito por Romanelli.

Talvez assim o façam para tentar ser felizes tal como considera Nietzsche. É que não seria possível viver recordando a sua escolha do passado, qual seja, a de ficar em definitivo no Banespa e atrelar suas vidas e outros projetos a esse banco, considerando o que foram as conseqüências *a posteriori*, decorrentes das mudanças do Banespa, dessa escolha. Quando há morte no passado mais recente, é preciso lembrar que havia alguma vida e esquecer outras tantas mortes no passado mais remoto para (re)encontrar, do novo, a vida no tempo presente⁴⁴.

E a vida de Nilton e Maria hoje recupera alguns projetos - não apenas no trabalho - que um dia foram “*provisórios*” e que também tiveram que ser esquecidos quando ingressaram no banco. Nilton é um dedicado estudante de Direito, um projeto que dá continuidade aos estudos superiores interrompidos do passado. E ele vive mais próximo de sua família, de sua mulher e de seus filhos, diferentemente do passado quando esteve distante deles. Maria dedica-se integralmente à família, restabelece vínculos com a Igreja e projeta construir uma nova casa com Grozzi para viverem momentos de lazer juntos com a família e os amigos.

⁴³ Aqui, apenas retomo sua idéia central sobre a questão. Nietzsche vai ainda desenvolvê-la no ensaio “*Genealogia da Moral*” (cfe. Wienrich, 2001).

⁴⁴ Pensemos um pouco mais com a narrativa de Grozzi. A sua narrativa indica que, diferentemente de Nilton e de Maria, ele ainda se lembra de algumas contradições do Banespa no passado e não se esqueceu do estigma que lhe fora imputado, durante muito tempo, pelos outros de sua agência ao que associa ao seu ingresso como contínuo. Assim, sua narrativa aproxima-se das contradições da estrutura paternalista e burocrática do Banespa descritas no tempo etnográfico de Romanelli (1978). Talvez, como contraponto a Nilton e Maria, porque ele não se esquece

Ela hoje se permite passear tranqüilamente pelas ruas de Barão Geraldo e conversar com seus amigos e conhecidos.

Com a vida no tempo presente, com seus projetos e desejos, eles -não apenas através da lembrança idealizada e do esquecimento do tempo passado - refletem sobre o que foi “*provisório*” e do que foi “*definitivo*” nas suas história de vida, sobretudo em relação ao seu trabalho no Banespa. Trinta anos depois da etnografia de Romanelli, com tantas mudanças ocorridas no Banespa e nas relações do trabalho bancário e na história recente do país, eles recuperam, em outro tempo, depois de tantos sofrimentos e mortes, o que teria sido o “*provisório*” em suas vidas.

Por isso mesmo, ainda temos que compreender um tempo mais que pretérito que aparece nas suas narrativas, aquele que antecede ao Banespa, o tempo da infância e da adolescência, que foi intensamente lembrado por ambos. Nilton lembra seu tempo de infância e adolescência em Ilha Solteira: tempo de pobreza, mas de brincadeiras, das pescas e dos jogos de futebol, dos vínculos com a natureza, quase idílica, na infância, e da vida que levava na república de jovens que morou por algum tempo; e tempo de afetos, sobretudo da mãe e dos irmãos banespianos da pequena agência da cidade. Maria também lembra, com alegria desse tempo, também de pobreza, mas das brincadeiras da infância partilhadas com o seu irmãozinho, da escola, dos passeios ao cinema e aos parques com os seus pais, da sua participação na igreja de seu bairro e das suas idas aos bailes⁴⁵.

Fiquei pensando porque lembraram tão intensamente da infância e da adolescência durante as entrevistas, justamente quando eu propunha uma pesquisa sobre o trabalho no Banespa⁴⁶. Entendi, inicialmente, que esse período apresenta-se como contraponto com o vivido posteriormente no banco na vida adulta já que a situação de pobreza do primeiro justifica que, através do trabalho no banco, eles saíram dessa situação, como já foi dito. Mas não foi apenas um tempo de pobreza. Quando eles lembram desse período no decorrer de suas

dessas contradições, ele tenha apresentado, tantas vezes, dificuldades de reconstruir, narrativamente, sua vida, e como tal, apresentar-me seus novos projetos, entre mortes e renascimentos (V. Anexo I).

⁴⁵ A narrativa de Grozzi apresenta, intensamente, longas descrições, sobretudo na sua primeira entrevista, da infância e da adolescência, particularmente o período em que viveu no circo e o que acompanhou uma banda de músicos (V. Anexo I).

⁴⁶ Bosi (2003) esclarece: “*Existe, dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo. Aparece com clareza nas biografias; tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde valores se adensam. O tempo biográfico tem andamento como na música desde o ‘allegro’ da infância que aparece na lembrança luminoso e doce, até o ‘adágio’ da velhice.*” (Bosi, 2003 23-24).

entrevistas é que eles sentem mais intensamente alegrias, tristezas, emoções e afetos, que eu pude compartilhar com eles, e o fazem de forma involuntária tal como Proust⁴⁷.

Talvez, através dessas sensações revividas, ao lembrarem da infância e da adolescência, é que Nilton e Maria reencontram a intensidade da vida para trazê-las para o momento que eles vivem hoje, depois de tantos anos de trabalho no Banespa. É da infância e da adolescência que aquilo que teria sido “*provisório*” em suas vidas e que foi tornado “*definitivo*” pelo trabalho, recupera a intensidade de sentido - e de sensações - para se apresentar no tempo presente quando narram.

Comparando ao que observei durante as narrativas de Nilton e de Maria, analogamente, eles o fazem como a personagem de Proust de “*Em busca do tempo perdido*” considerado por Weinrich: “*Com isso ao mesmo tempo [o personagem] se desencadeia em sua consciência uma inaudita sensação de felicidade, sinal seguro de que aqui a lembrança venceu o tempo e talvez, espera o narrador, vença até mesmo a morte*” (apud. Weinrich, 2001:208).

Em suma, as narrativas biográficas de Nilton e Maria revelam temporalidades próprias, através de uma “*memória-trabalho*”, nos dizeres de Bosi (1979), entre lembranças e esquecimentos. Trata-se de pensar, sobretudo, que é um trabalho em que eles intervêm na construção de sua história através da sua memória, que se refere também à memória coletiva de tantos outros banespianos.

Por isso, a partir do tempo presente, lembram a morte do passado recente no Santander-Banespa e constroem uma lembrança do passado remoto - quase um mito - de uma vida (feliz) de trabalho do Banespa e se esquecem da morte de outros projetos de vida que não puderam ser concretizados porque estavam vinculados à estrutura burocrática do trabalho que lembra Romanelli. E, involuntariamente, lembram de um tempo mais que pretérito, o da infância e da adolescência, despertando sensações que podem vincular - e suportar- à vida que (re)constroem hoje fora do Banespa.

As narrativas são exemplos do “*enquadramento da memória*” que se refere Pollack (1989), pois o que relatam fazem-no através do “*fio condutor*” da memória uma vez que

⁴⁷ Proust define a memória voluntária como “a *memória da inteligência*”, mas, em sua literatura, apresenta “a *memória involuntária*” que, para o escritor, “*não tenta invocar lembranças através de um esforço de vontade, e também desiste de assegurá-las contra o esquecimento com toda a sorte de artifícios mais ou menos hábeis. A memória involuntária antes de mais nada se dá tempo. Para esperar bastante, por vezes muito tempo, até que alguma vez, depois de longos intervalos, certas lembranças retornam ‘espontaneamente’ – caso queiram retornar por vontade própria*” (apud. Weinrich, 2001:208).

a história de vida é “*uma reconstrução a posteriori que ordena os acontecimentos que balizaram uma existência*” (Pollack, 1989:13). Para o autor, trata-se, antes, de um trabalho do indivíduo de reconstrução de si mesmo na qual há um equilíbrio precário entre os “*silêncios*” e os “*não-ditos*”, a que acrescento os esquecimentos, como Nietzsche nos orienta. O passado seria um trabalho propriamente de “*gestão da memória*”, ou antes, uma gestão de si mesmo na história quando os sujeitos narram.

O tempo nas narrativas biográficas de Nilton e Maria nos diz que eles vivem, talvez como todos nós, entre lembranças e esquecimentos, reconstituindo a si como sujeitos de sua história. Um tempo muito distinto de outro, o do capital, aquele que justamente submete o trabalho na nossa sociedade e que pretende sobrepor-se ao tempo da memória, como considera Bosi (2003):

“É verdade, porém, que nossos ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial, que dobrou o tempo a seu ritmo, ‘racionalizando’ as horas de vida. É o tempo da mercadoria na consciência humana, esmagando o tempo da amizade, o familiar, o religioso... A memória os reconquista na medida em que é um trabalho sobre o tempo, abarcando esses tempos marginais e perdidos na vertigem mercantil” (Bosi, 2003: 53).

Considerando que as narrativas foram construídas no contexto das mudanças do Banespa, que foi regida pelo tempo do capital, o tempo narrado das narrativas, o da memória de Nilton e de Maria, são, por isso mesmo uma forma de afirmar um outro tempo das experiências vividas, aquele que se configura na sociabilidade humana, o tempo da cultura. Ao afirmarem esse tempo, eles afirmam a si próprios e também as suas vidas diante das tantas mortes impostas no mundo do trabalho, sejam as mortes que esquecem, sejam as que se lembram no tempo vivo da memória.

O espaço nas narrativas

As narrativas biográficas de Nilton e de Maria, assim como são reveladoras de temporalidades, elas evocam, subjetivamente, espaços onde suas histórias de vida vão se constituindo como itinerários através de um percurso significativo nos lugares que ocuparam ao longo de suas vidas. Esses itinerários permitem que relacionemos dimensões que são apresentadas no decorrer de suas narrativas, como trabalho, família, gênero e religião.

A noção de espaço, aqui, é entendida como “*espaço antropológico*” e não como um “*espaço geométrico*” (Certeau, 1994; Sodré, 1988). Sodré (1988) entende que a apropriação do espaço é um ordenamento simbólico de uma determinada cultura, que informa os indivíduos e grupos sociais e que dá substrato a sua identidade. Para tanto, utiliza a noção de “*relação espacial*” em que “*o espaço impõe-se como uma forma e ordem existencial* e, assim, é “*inteligível como um princípio de coexistência e diversidade e como um sinal de virtualidades infinitas de coexistência ou de comunicação*” (Sodré, 1988:18). Dessa relação espacial, considera uma outra noção, a de “*forma social*”, entendida como “*conjuntos feitos de elementos múltiplos (ainda não conceitualizados sob vocábulos sociológicos de instituição, cultura, estatuto) e que aparecem muito concretamente em nossa experiência como um estilo de existência*” (p. 18). Analogamente, ao que Sodré (1988) atribui ao terreiro como central para pensar a “*forma social do negro brasileiro*”, o Banespa constitui a “*forma social*” do banespiano.

Contudo, Certeau (1994), citando Merleau-Ponty, distingue “*a experiência de um ‘fora’ dado sob a forma do espaço e para o qual ‘o espaço é existencial’ e ‘a existência é espacial’* e, considera que “*existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas*” (Certeau:1994:202). Nesse sentido, as narrativas Maria e de Nilton constituem experiências espaciais distintas no Banespa.

Ambos autores diferenciam espaço e lugar. Para Certeau (1994), “*o espaço é um lugar praticado*” (p. 202), determinado pela ação de um sujeito histórico. Para Sodré (1988), partindo de Heidegger, “*quem cria o espaço - que é o modo de ser no mundo – é o lugar*” (p. 21). Assim, considero o lugar como o espaço socialmente construído pelos sujeitos e grupos sociais. As narrativas biográficas de Nilton e Maria referem-se a lugares que são formados ao longo de suas trajetórias e que, na medida em que se posicionam como sujeitos, possibilitam que constituam a si nesses lugares.

Contudo, eles assim o fazem dentro da estrutura narrativa. Dessa forma, quanto à referencialidade ao espaço, podemos compreender as narrativas biográficas como um relato nos termos que considera Certeau (1994):

“Todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço... Essas aventuras narradas, que ao mesmo tempo produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um ‘suplemento’ aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-los e transpô-los

para o campo da linguagem. De fato, organizam as caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam” (Certeau:1994:200)

Mas, quais percursos essas viagens - ou as histórias de vida de Nilton e de Maria - nos orientam a percorrer em suas narrativas?

Inicialmente, situemos os lugares que Nilton e Maria ocuparam no Banespa, entendendo que esses lugares representam a “*forma social*” do banespiano, na expressão de Sodré (1988), vinculado a sua identidade sócio-profissional, e que compõem os itinerários de Nilton e de Maria no Banespa como “*experiências espaciais distintas*”, como se refere Certeau (1994).

Nilton narra sobre o seu lugar de origem em uma pequena cidade do interior de São Paulo, Ilha Solteira onde passou sua infância e adolescência e ingressou na agência local do Banespa. Ao narrar sobre essa cidade apresenta algumas oposições, tais como entre atraso e desenvolvimento, e entre natureza e cultura, considerando o seu itinerário de deslocamentos na vida adulta.

Maria fala do lugar de onde veio, junto com os seus pais, no Paraná e, após migrarem para Campinas, conta que passou sua infância e adolescência em um bairro de periferia da cidade. O bairro era o lugar de convívio com a vizinhança e também da escola e Igreja que Maria freqüentava.

As menções ao bairro da periferia em que viveu Maria e à cidadezinha do interior de Nilton são evocações que se associam à situação social de pobreza na infância e na adolescência⁴⁸. O ingresso no Banespa substituiu esses lugares e transformou essa a situação social⁴⁹.

⁴⁸ Situemos Grozzi e Rita. Grozzi nasceu na zona rural em Amparo, seus pais não foram alfabetizados, e mudou-se para Campinas, ainda quando criança, também na zona rural. Antes de ingressar no banco trabalhou como marceneiro, morou e trabalhou em um circo itinerante e foi vigilante bancário na mesma agência que ingressou, posteriormente, como contínuo (Anexo I).

Rita é filha de um operário metalúrgico e de uma dona de casa, viveu em várias cidades na infância, para, finalmente, estabelecer-se em Sumaré, em uma casa financiada na periferia da cidade. Foi normalista e professora primária, trabalhou em um escritório, casou-se cedo, e quando entrou no banco, separou-se do marido. Assim, ela refere-se à sua entrada no Banespa como um marco, em que começou sua entrevista: “*Eu entrei no banco, eu vi que eu podia ser uma excelente profissional e [que podia ter uma vida] interessante. Eu tenho muita coisa que eu acho que, para mim, é mais importante que foi depois da entrada no Banespa, não é clichê nem nada, é isso mesmo. Porque é um amadurecimento, não é? [...] Eu deixei de ser uma garota para ser uma mulher profissional, eu não estava satisfeita com a vida que eu tinha.*”

⁴⁹ Nesse sentido, criam o que Certeau (1994) denomina de um “*teatro de ações*”: “*Eis aí precisamente o primeiro papel do relato. Abre um teatro de legitimidade a ações efetivas. Cria um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes*” (Certeau, 1994:211).

Nilton ingressou na pequena agência de Ilha Solteira como contínuo e depois como escriturário. Da pequena agência do interior, transferiu-se para a agência central de Campinas, encontrando aí um outro banco:

“[O banco era] Ah, muito diferente. Aí é muito mais estruturado do que lá ... Uma outra vida, um outro mundo, uma outra estrutura. Fiquei maravilhado quando vi. Agora estou no céu! Estou no Paraíso!”

Dentro dessa agência Nilton conheceu sua atual mulher. A partir do Banespa fez seus descolamentos, geográficos e de carreira, inicialmente para São Paulo, como supervisor, na tradicional agência Patriarca, encontrando novamente um outro banco:

“Eu fui primeiro para Patriarca Que é no centro velho de São Paulo, que hoje é a prefeitura, o andar pra cima é a prefeitura de São Paulo. E é um prédio muito bonito, um prédio histórico, da família Matarazzo. Em cima do prédio. Tem um jardim suspenso, tem dois aquários no chão. É uma beleza. Tipo para você ir lá fazer uma visita, o jardim da Patriarca é lindo!”

Nilton depois seguiu como gerente-adjunto em várias agências de cidades pequenas da região de Campinas, como gerente-geral de Serra Negra e, finalmente, de uma agência de Campinas, quando se desligou.

Esse itinerário através do banco colocou-o em lugares distintos: de um lado, em agências de pequenas localidades, que remetia a sua experiência anterior de Ilha Solteira; e, de outro lado, em agências de grandes cidades, como Campinas e São Paulo. No primeiro caso, Nilton viveu a experiência do que significava a inserção do banco, como empresa pública, nas pequenas localidades e, como decorrência disso, o status social que o gerente do Banespa representava:

“Era um banco do Estado de São Paulo [frisa]. Era um banco representativo não só na cidade, mas na comunidade. Então, o gerente de uma agência bancária em uma cidade pequena é uma autoridade! Equiparado a um prefeito, a um juiz, ao delegado, ao padre, e o gerente do banco!”

Aí, inseria-se nas comunidades entre os clientes e moradores das cidades, sobretudo da elite local. Tal sentido de comunidade não encontrou nas agências em que trabalhou

nas grandes cidades, como em São Paulo e Campinas Assim, em sua experiência no Banespa ocupou vários lugares distintos dentro e fora da empresa⁵⁰.

Por sua vez, Maria ingressou como escriturária no Banespa na agência de Barão Geraldo em que já estava alocado seu namorado e futuro marido, Grozzi. Nesse lugar permaneceu até a sua aposentadoria, ainda que, nos últimos anos de trabalho, tenha sido transferida das atividades de atendimento ao cliente, que sempre exerceu, para as de compensação e, depois da privatização, foi alocada novamente para o atendimento num posto de serviço da Unicamp, que se localiza também em Barão Geraldo. Portanto, Maria, diferentemente de Nilton, não realizou deslocamentos. Sua vida esteve sempre vinculada à agência e à comunidade de Barão Geraldo, onde conviviam banespianos, os clientes, sua família - já que passou também a morar em Barão Geraldo - e alguns moradores da localidade. Assim, sua experiência no Banespa sempre esteve associada a um único lugar na empresa e fora dela, em Barão Geraldo.

Os lugares diferenciados que Nilton e Maria ocuparam no Banespa permitem que estabeleçamos relações entre trabalho e gênero. Esses lugares distintos indicam posições hierarquizadas de gênero no trabalho. Romanelli (1978) observa, já na década de 70, que, se no Banespa os salários iniciais recebidos pelas mulheres eram iguais aos dos homens, quando do seu ingresso no Banespa, *“a mesma condição de estereotipada de inferioridade que pesa sobre o trabalho feminino em geral, surgirá no decurso da carreira no Banco do Estado”* (Romanelli, 1978:145).

Nesse sentido, Segnini (1998) afirma que, no Banespa, os cargos comissionados eram majoritariamente masculinos, salientando que o *“lugar”* da mulher no Banespa, analogamente ao que representaria o *“chão de fábrica”* para o universo fabril, estava concentrado em sua maior parte nas atividades de atendimento ao cliente (p. 117). Com a automação, *“muitas delas [foram] submetidas a tempos impostos, por exemplo, no trabalho de separação de cheques para compensação, digitação e operação de caixas”* (Segnini, 1998:117).

⁵⁰ Se a carreira de Nilton permitiu deslocamentos espaciais em várias agências que corresponderam à sua ascensão de carreira, a de Grozzi foi marcada pelo não deslocamento de agência, permanecendo quase toda sua vida funcional na agência de Barão Geraldo, onde foi vigilante bancário (antes do ingresso na carreira do banco), contínuo, escriturário e, por fim, supervisor. Portanto, Grozzi teve uma carreira de não deslocamentos. Isso lhe estigmatizou no banco, pois, em sua agência, muitos ainda o viam como o antigo contínuo e, não raro, Grozzi prestava serviços extras para seus superiores, como pequenos favores, não associados aos serviços do banco, sem receber remuneração alguma por eles. Assim, ele revela sobre isso através de um trocadilho: *“Eu contínuo contínuo”* (Anexo I).

Ainda, a feminização do trabalho bancário no contexto da reestruturação bancária, da última década, segundo Segnini (1998), reorientou as representações de gênero quanto às funções que as mulheres passaram a ocupar, principalmente a venda de produtos, alocadas nos postos de serviços. A alocação das mulheres para essas funções, segundo Araújo (2000), baseia-se em qualidades que a empresa julga serem inatas às mulheres, tais como *“paciência, sensibilidade, dedicação, compreensão, fragilidade”* (Araújo, 2000:16).

Esse foi o caso de Maria que em quase todo o seu tempo de banco permaneceu trabalhando no atendimento ao cliente e depois foi transferida para o Setor de Compensação, sempre como escriturária. Quando houve a privatização, Maria passou a trabalhar no Setor de Seguros num posto de serviço vendendo os produtos do banco. Seu lugar ocupado - de gênero - no Banespa explica em grande parte o seu itinerário no banco e o seu não-deslocamento, diferentemente do itinerário de Nilton. Maria tem a percepção de seu lugar no banco relacionado ao gênero:

“Foi uma época que o banco viu que as mulheres também, apesar de ser uma mão-de-obra barata também, eles estavam vendo que as mulheres tinham responsabilidade. E acho que as mulheres tinham mais responsabilidade do que os homens. Foi quando as empresas começaram a ter mulheres. No Banespa também. Nossa! Eu lembro que, nessa época, tinham bastante mulheres!”

Mas ela também indica que, mesmo considerando sua posição de desigualdade, o trabalho no Banespa foi uma forma de emancipação como mulher no contexto social em que vivia:

“Porque eu [com o ingresso no Banespa] não precisaria [ganha], depender de ninguém, nem da minha própria mãe, nem do meu próprio pai. Eu iria depender de quem? Só de mim, só do meu esforço... E nem de um marido, principalmente de um marido. Porque, às vezes, eu falo para o Grozzi, que o Grozzi, o meu sobrenome é outra história, ele fica... você está entendendo? Eu não dependo dele.”

Esse paradoxo associa-se à ambigüidade apontada por Segnini (1998) quanto à entrada das mulheres no trabalho bancário:

“Na ótica das relações de gênero, trata-se de uma conquista social das mulheres na busca de oportunidades iguais às vivenciadas pelos homens no mundo do trabalho; na ótica da relação capital/trabalho, trata-se de uma das formas de racionalização que objetivam a intensificação da produtividade e a redução dos custos” (Segnini, 1998: 33).

Todavia é preciso relacionar o gênero no trabalho e a família. Ao mesmo tempo em que ocupavam seu lugar no Banespa, Nilton e Maria também constituíram suas famílias, inclusive casando-se ambos com banespianos. Nilton ascendeu na carreira e foi trabalhar em outras localidades e sua mulher ficou mais próxima da família, cuidando dos filhos e da casa, permanecendo sempre como escriturária, como ele conta:

“Então, foi conversado: ‘Quer seguir também a carreira [teria perguntado a esposa á época]?’ Falou: ‘Não, eu não quero porque eu não tenho capacidade para gerenciar uma equipe!’ Então, eu quero: ‘Você administra a casa’. ‘Tá, bom...’. ‘Tá bom!’ Então, nesse sentido na minha casa nunca teve discussão.”

Assim, os dois espaços, o do trabalho e o da família apresentam-se, para ele, como dicotômicos, demarcando a distinção dos lugares que ocupou nesses espaços. Isso possibilitou o seu deslocamento na empresa, o que indica posições diferenciadas de gênero: assim, Nilton, como marido e pai, ocupou o espaço do trabalho.

O desligamento do banco subverterá, para Nilton, essa distinção de gênero. Como ele mesmo considera, sente-se hoje, mesmo estudando e prestando serviços de consultoria, como desempregado, porque está no espaço doméstico, que sempre fora universo do feminino e do ócio em sua vida, uma representação que está atrelada, por oposição, ao espaço trabalho, universo do masculino e do negócio. Assim, estar desempregado está implicar a Nilton entrecruzar esses espaços que foram muito dicotômicos em sua vida.

O itinerário de Maria no trabalho e na família foi distinto ao de Nilton. Tal como a mulher desse último, Maria não seguiu carreira no banco, ao contrário de Grozzi, seu marido. Ela sempre teve que conciliar em sua vida o espaço familiar e o do trabalho, diferentemente de Nilton, o que não possibilitou que se deslocasse de Barão Geraldo⁵¹.

Os lugares que Nilton e Maria ocuparam na família são também indicadores de distinções hierarquizadas de gênero, e isso reforça seus itinerários distintos no trabalho. Nesse sentido é que o debate atual sobre gênero e trabalho vem considerando as relações assimétricas de

⁵¹ Consideremos o itinerário de Rita, como contraponto. Rita entrou no banco, o que considera um marco para sua vida. Contudo, no banco, envolveu-se com a atividade sindical, e foi ao mesmo tempo banespiana e sindicalista, como se define. Ainda, como bancária, também manteve durante certo tempo o emprego de professora. Transferiu-se de cidade, de Sumaré, onde ingressou, para Campinas e lá trabalhou no CESER. Sempre transitou entre uma identidade banespiana, e a de sindicalista e de professora. Constituiu família posteriormente, quando já estava trabalhando em São Paulo, conhecendo seu atual marido, que também trabalhava no conglomerado Banespa (no Banespa Seguros). Tal como Maria, considera o Banespa como uma forma de sua emancipação, no entanto, Rita manteve-se sempre na função de escriturária.

poder entre homens e mulheres em virtude da chamada “*dupla jornada*” que a trabalhadora realiza: uma primeira, no espaço público, a do trabalho produtivo; e a segunda jornada, no espaço privado, a do trabalho doméstico (Antunes, 1999; Segnini, 1998).

Se a relação entre o trabalho e a família demarca lugares distintos nas narrativas de Nilton e de Maria no tocante a gênero e trabalho, contudo, é preciso problematizar a dinâmica da relação entre a família e trabalho no Banespa. Nas narrativas, emergem representações familiares sobre trabalho no Banespa. Nilton refere-se a uma “*cultura de família*”:

“O Banespa tinha uma cultura da família. Então, se você trabalhasse do lado de quem que seja ali, aquilo ali já faz parte da família...Depois que eu entrei, a partir do momento que você passa a se identificar com a situação, você cria um certo relacionamento, você cria um certo amor, um certo carinho com aquele relacionamento, então você vive em função daquilo.”

Da mesma forma, Maria fala do trabalho no Banespa, acionando as representações familiares:

“! O banco era mãe, pai, avô, irmão de todo mundo, tá?”⁵²

Pensem juntamente com alguns estudos que analisam a relação entre a família e o trabalho. Colbari (1995) em seu estudo no universo fabril salienta o caráter ideológico da instituição familiar como forma de sedimentar as relações de dominação no trabalho. Com isso, a autora pretende, “*marcar a primazia da família, como referência básica na constituição de elementos que motivam, condicionam, favorecem ou dificultam o engajamento do processo produtivo, na formulação e disseminação de uma ideologia e uma moral do trabalho no conjunto da sociedade brasileira*” (Colbari, 1995:8). E conclui que “*a fábrica e a família se interpelam mutuamente*” (p. 8).

Sob essa perspectiva de Colbari, podemos dizer que as representações familiares de Nilton e Maria remetem às relações paternalistas de trabalho existentes historicamente no Banespa, analisadas por Romanelli (1978). E encontramos similaridades entre o paternalismo no Banespa ao que Hirata (1988) analisou na empresa japonesa. A autora define o paternalismo como:

“...o princípio hierárquico [que transforma] a relação de lealdade entre que se deve aos mais velhos e que filhos devem aos pais... O sistema de liderança fica assim modelado por esse afrouxamento relativo dos limites entre a empresa e a família, as relações existentes dentro da unidade familiar podendo modelar a prática dos chefes” (Hirata, 1988:10).

⁵² Rita assim refere-se ao Banespa: “Ah, eu aprendi a respeitar o Banespa como filha, como mãe, porque era uma mãe, não era pai, o Banespa sempre foi uma mãe.”

Dessa forma, as representações familiares que emergem nas narrativas podem ser pensadas como uma forma de atenuar a percepção das relações hierárquicas de poder existentes na empresa.⁵³

Mas entendo ainda que essas representações são aqui postas para situar o lugar que Nilton e Maria ocupam no Banespa, entre espaço trabalho e o da família, e essa é a especificidade que as referências que fazem ao paternalismo no Banespa sua narrativas trazem. Assim, se as representações familiares associam-se às relações paternalistas de trabalho no banco, tanto Nilton quanto Maria contam que tiveram vários modelos de homens e pais, e de mulheres e mães que eles levaram para a sua própria família. Assim, Nilton refere-se a um chefe:

“É... eu tive alguns amigos, até na época, aqui na Av. das Amoreiras, quando inaugurou uma agência aqui, eu cheguei para um chefe meu e falei assim: ‘Eu vou para lá! Porque lá eu vou ficar escondido e ninguém vai me ver!’ E ele falou: ‘Não, para lá, você não vai!’ E realmente, ele não deixou porque senão, eu ia ficar escondido. ‘Se vai seguir carreira! Você não vai pra lá!’ Então, é uma pessoa, na época, ele tinha três filhos, três filhos pequenos, e, em algumas oportunidades, eu estive junto com ele, junto com a esposa dele. Hoje ele é aposentado, eu convivo com ele. E a história é... realmente, é irmão mais velho! Até hoje. Tanto da minha conduta, minha para ele, como ele comigo! Não precisa um falar para o outro, mas você percebe que a conduta de um com o outro é desse jeito. Aí, se eu tenho quarenta e tanto, ele deve ter cinqüenta e tanto. Então, ele foi um dos modelos, de conduta, de vivência, de estar falando com o filho, ele tinha três moleques, tudo mais ou menos na mesma faixa, os moleques dele eram terríveis! E você precisa ver hoje os moleque como é que são! Três moços bonitos, educados, formados os três, aí. E vai lá no clube com a gente, de vez em quando ele senta lá, fica lá conversando.[Era um modelo] De profissional, e de pai. Ou de pai e de profissional.”

Maria também lembra de uma de suas colegas banespianas que a influenciou, que foi seu modelo de mãe e de mulher:

“Tinha a [cita o nome] que nem eu falei pra você: a [idem] era sensacional! Então eu me espelhei um pouco nela, porque ela já era casada, já era mãe, ela entendia do

⁵³ Alguns estudos apontam para as representações familiares como constitutivas das subjetividades dos trabalhadores dos bancos públicos nacionais. No caso do Banco do Brasil, Rodrigues (2004) evidencia as metáforas familiares como representações simbólicas dos funcionários do Banco do Brasil que se desligavam através do PDV de 1995 para justificar o seu desligamento nesse período. Assim como no Banespa, Silva (2000) considera a “família

*serviço porque todos elogiavam ela... Ela era mais velha. Eu acho que ela é mais velha no sentido assim... acho que uns dois ou três anos só mais velha do que eu em idade. De banco ela era mais velha, de banco, acho que ela já tinha uns dois ou três anos de banco. Acho que ela já era daquela época quando o banco começou a pegar mulheres.”*⁵⁴

As metáforas familiares podem traduzir, portanto, um trânsito entre os espaços do trabalho e da própria família. Os itinerários de Nilton e de Maria permitem situá-los não em um lugar, no trabalho, ou em outro, o da família, demarcadamente localizado, mas sim eles se colocam em uma zona móvel, ocupando seus lugares entre um lugar e outro, nas narrativas. Uma zona móvel que constitui um lugar um lugar próprio que remete, como uma bricolagem, aos outros lugares que eles ocupavam no espaço do trabalho e da família.

Assim é que, nesse lugar, que implica em agregar lugares que ocupa em outros espaços, Nilton posicionava-se como chefe e pai ao mesmo tempo no trabalho e na família:

“Eu como gerente, recebendo um escriturário, escriturário é um moleque novo. Se eu vou estar recebendo um moleque novo, eu vou tratar ele como eu trataria meu filho. Então, por isso do corporativismo, por isso do paternalismo. E essa cultura vem de muitos anos. E aí, o que acontecia? Quem era novo que ficava um cargo mais importante, que recebia um escriturário, então o sentimento é o mesmo. ”

Maria também se move entre uma zona em que se situa como mãe e trabalhadora ao mesmo tempo no Banespa e na família, constituindo um lugar para seus afetos:

*“Olha, por mais doente, por mais insatisfeita, eu nunca fui uma pessoa negligente! Nem no meu serviço e nem nas minhas amizades! Nunca! Desde a faxineira, sempre levei roupa quando não servia, sempre levei um doce. Eu comprava assim aqueles pingos de leite, eu deixava na mesa de cada um, ou aqueles dadinhos. Sempre! Isso daí eu sempre fiz assim e sempre consegui conciliar, Alcides! a minha casa com a minha família!”*⁵⁵

Os itinerários das narrativas de Nilton e de Maria permitem também que relacionemos a dimensão da religião no espaço do trabalho e da família. A religião, como salienta

banespiana” em seu estudo sobre as várias dimensões da subjetividade que emergem nas demissões voluntárias do PDV que ocorreu no período de intervenção do banco.

⁵⁴ Grozzi refere-se, em vários momentos de sua narrativa, a essas relações paternalistas, tal como se davam no banco. Desde sua nomeação como contínuo e escriturário, ele vai tecendo uma rede de apadrinhamentos que verifica em sua agência, ainda que ele mesmo, contraditoriamente, denuncie, essas mesmas relações quando não o favoreceram na sua ascensão de carreira, pois sua promoção foi adiada por vários anos, quando essa se fazia por indicação dos superiores (V. Anexo I).

Durkheim (1989), é um fato social que constitui um sistema de representações e práticas, definido-se na antinomia entre o sagrado e o profano, cujo objetivo é exprimir o mundo, exprimir uma cosmologia. O que é importante aqui frisar é como Nilton e Maria relacionam o fato religioso aos espaços do trabalho e da família, que permite a construção dos lugares que vão ocupando nesses espaços e também fora deles, nas comunidades locais em que vivem.

Nilton teve uma formação católica, mas atribui ao espiritismo a cura de uma tenossinovite, uma doença profissional, num período em que estava separado da família, trabalhando em São Paulo, sendo que foi o espiritismo que contribuiu para que retornasse a Campinas, para junto de sua família, como explica:

“Ali, ele [o espiritismo] te dá uma mudança no conceito de vida. Você pode olhar a vida de uma outra maneira. Com relação à questão do trabalho, não. Se você bate enxada, bate enxada é igual a todo o jeito. O que você pode fazer é não está preocupado com o fato de você bater enxada mais forte ou mais fraco. Não, vai sossegado! Você continua trabalhando... Mudei a questão de cabeça. Porque eu era extremamente nervoso. Se você perguntasse, mas por que você era nervoso? Não vou te achar explicação. Eu era extremamente nervoso. E... aí sim, com o espiritismo, equilibrou um pouco. Porque se passava uma época difícil. Era muito plano econômico em cima de plano econômico, e estrutura que mudava dentro do banco, informática que não funcionava.[Mudei a forma como] Executava o trabalho. Isso. Aí, de uma maneira mais serena, de uma maneira mais calma. Devia ter uns cinco anos, seis anos [de casamento]. Você sabe que em todo casamento tem a crise do sete anos! Então, essa época estava bem ruim, mas passou...”

Mas são suas vinculações com a maçonaria, que ele menciona em vários momentos das narrativas, que explicam sua ascensão profissional na empresa e, ao mesmo tempo, sua inserção na elite local nas pequenas cidades por onde passou. O fato de ser maçom, portanto, explica alguns de seus deslocamentos. Assim Nilton afirma:

“Eu fui promovido a gerente geral pela maçonaria! Pela maçonaria! Quando eu fui para Itupeva, que eu tava na Unicamp aqui como gerente-adjunto, que a gente chama, cargo inferior, eu fui pra gerente geral pela maçonaria! E fui pra Itupeva.”

⁵⁵ Nesse sentido, em sua narrativa, exemplarmente, Rita, localiza-se e se move em vários lugares, compondo seus lugares entre o banco, o sindicato e a sua família (V. Anexo II)

Nesse sentido, ser maçom agrega a dimensão da religião ao lugar que ocupa em uma zona móvel construída nos espaços do trabalho, da família e da comunidade local⁵⁶. Nessa zona Nilton constituiu-se como gerente, marido, pai e maçom nos diferentes espaços.

Maria teve uma formação católica na infância. Daí, ela criou seus valores que a orientaram na sua conduta moral a ponto de ter pensado em seguir a vida religiosa em um convento na adolescência. Se Maria não foi para o convento, é na sua família e no trabalho no Banespa que pôde cultivar seus valores cristãos, que ainda são muito importantes para ela, tais como, amor, solidariedade, compaixão, que apresenta em vários momentos em sua narrativa, em meio ao que ela entende ser uma conduta moralmente correta que sempre seguiu no Banespa e também fora dele. São esses valores cristãos, inclusive, que sedimentam os seus afetos. Nesse sentido, também movendo entre distintas zonas, Maria constituiu-se como bancária, mãe, esposa e uma mulher católica nos diferentes espaços⁵⁷.

Em suma, as narrativas biográficas de Nilton e de Maria posicionam-se em zonas móveis, que revelam uma plasticidade em seus itinerários, demarcando lugares construídos nos espaços do trabalho e da família. Nessas zonas, as narrativas também apresentam o lugar da religião nas suas vidas.

⁵⁶ Grozzi, diferentemente de Nilton, não era maçom, mas entende a associação entre a participação na irmandade e as nomeações: *“Então, [refere-se à nomeação de uma funcionária] foi nomeada logo, foi a segunda nomeada supervisora. Até quando ela foi nomeada, ele [o gerente que a nomeou] estava de férias, chegou a nomeação, acho que ele deve ter ido para São Paulo falado com alguém lá. Ele fez parte da maçonaria ainda, não é? [...] É, ele tinha mais... maçonaria tem mais liberdade, não sei como funciona, que eu não conheço. [...] Ah, e veio um outro, que era o [cita o nome], veio nomeado para cá. [...] Era maçom também, da mesma loja.”*

⁵⁷ Rita teve formação católica e, ao mesmo tempo, espírita, por tradição de seu pai. Ela conta como agregava, sobretudo os valores do espiritismo, à sua participação política no sindicato e ao seu trabalho no banco, também movendo em distintas zonas, compondo lugares a partir de diferentes espaços: *“E o meu pai foi espírita, eu acho muito bonito isso, porque é um... o pessoal tem um respeito muito grande pelos espíritos. Um espírita, ele tem, assim, as suas normas, as suas regras, mas não é uma coisa tão rigorosa como a igreja católica ou alguma outra seita aí, não é? Tem um... eles são mais livres.”*

A: *Como que o espiritismo se juntava a valores da participação política [refiro-me à sua filiação a um partido de esquerda]?*

R: *Ah, como valores. Era mais do lado do... da pessoa, da comunidade, de servir a comunidade, porque o espírita, ele serve muito ao seu próximo. O espírito, ele é mais voltado à ajuda ao indivíduo, ao próximo e é uma coisa descompromissada, não é como a Igreja Católica, que tem muito fariseu na Igreja Católica, eu conheço muitos. Que você acha que está ajudando o outro, mas você tem um interesse por trás disso. Então eu acho que a reação de alguns espíritas nessa questão do banco é em razão disso, é em razão de você estar ajudando o próximo de alguma forma. Na política, você está ajudando o funcionário do banco, acho que é uma coisa boa, a parte da representação. Então você vê que o trabalho do espírita é muito maior, mas é... oportunidades, nem que sejam poucas, acabam ajudando no trabalho do representante. E essas mesmas afinidades é que vão unindo essas pessoas. [...] E o que tinha esse relacionamento com o pessoal, enfim, quando a gente sabia, identificava a pessoa, que ela era espírita também, a gente tinha uma outra forma de conversar, falava [...] da religião e tudo, mas, assim, de uma maneira geral, a gente se dava muito bem com as pessoas que são atéias.”*

Todavia, quando o espaço do trabalho modificou-se com as mudanças do Banespa, mudaram também os lugares de Nilton e de Maria na empresa. Para Nilton, a privatização e as mudanças são representadas como uma invasão Santander tal como a de uma casa:

“Talvez a minha cultura não tava à altura deles! Porque muita gente veio do Banco Santander. Ah, a cultura do Banco Santander já era desse jeito. Talvez a minha e de mais 8.299 funcionários não fosse essa! Nós fomos muito agredidos! A nossa casa, que eu considerava como minha casa, nós fomos muito agredidos!”

Maria refere-se também à privatização, que, associando-ao seu lugar, ao mesmo tempo nos espaços do trabalho e da família, ela teria que esquecer:

“Quando falou assim: ‘O Santander comprou!’, eu falei: ‘Viche, Maria! Agora que nós somos Santander, então eu tenho que esquecer de tudo! Vou passar uma borrachinha aqui...’ Ah, eu tinha que esquecer que a gente era Banespa, que a gente era uma família... porque você, veja bem, quando começou a vir, já começou a ter novos diretores. Então começou vindo de cima para baixo aqui.” [Grifo nosso]

As mudanças do Santander-Banespa foram retirando os lugares de Nilton e Maria, situados historicamente entre o trabalho e outros espaços em que se moviam, constituindo seus itinerários. Esses lugares formavam a sua relação com o espaço do banco que permitia que se constituíssem como sujeitos e que construíssem os seus vínculos com uma coletividade, como a “*forma social*” dos banespianos, nos termos de Sodré (1988).

Todavia, a lógica que operou as mudanças do Santander-Banespa circunscreve-se à lógica de uma empresa privada, em que emergem contradições entre as territorialidades culturais construídas historicamente e a desterritorialização, proposta pelo capital, como considera Sodré (1988):

“O capital, por sua vez, tende a superar as barreiras espaciais. Anular o espaço pelo tempo, através dos meios de comunicação e de transporte, é uma exigência interna da organização capitalista do mundo. Para isto são convocadas as mais diversas tecnologias, correspondentes às necessidades das diferentes fases de expansão capitalista. Em todas elas, desenha-se a ideologia desterritorializante dos livres fluxos mercantis, que procuram acabar com as territorialidades culturais, com o enraizamento, com as relações físicas e sagradas entre o indivíduo e seu espaço circundante” (Sodré, 1988:26-27).

Assim, no contexto de mudanças do Santander-Banespa associadas à desterritorialização do capital, Nilton e Maria não mais tiveram um lugar dentro do banco e,

como tantos outros banespianos, foram desligados. Mas hoje eles vivem, fora do Banespa, reconfigurando seus lugares, suas territorialidades culturais, entre zonas que se movem entre o trabalho (ou da falta dele), da família e da religião. Talvez assim o façam como uma forma de mostrar que, se o banco os retirou de seus lugares, eles permanecem ocupando outros em suas vidas, continuando a construir seus itinerários próprios.

A vida de Nilton e de Maria, tal como foi narrada, não apresenta espaços demarcados, mas sim irrompe na referência a vários lugares que se inter cruzam no fluxo de suas idéias, reflexões, emoções e sentimentos que emergem quando contam as suas experiências.

Identities and narratives

As narrativas biográficas de Nilton e de Maria apresentam cronotopos particulares, numa referência a um tempo e espaço próprios em que estão inseridas as suas experiências. Assim, Nilton e Maria constituem-se como sujeitos em suas narrativas, como uma forma de narrar sua identidade pessoal e sua relação com uma identidade sócio-profissional, a identidade banespiana.

Inicialmente analiso o que as narrativas permitem pensar sobre a identidade banespiana, juntamente com o que alguns autores, sobretudo da teoria antropológica, têm refletido sobre a teoria da identidade. Essa teoria remonta ao antropólogo Barth (1969) que distingue os grupos étnicos como categorias de identificação que se manifestam numa situação de contato entre os grupos, as *“fronteiras étnicas”*. E, nessa perspectiva, Cardoso de Oliveira (1976) define a identidade como contrastiva e situacional, isto é, caracteriza-se por oposição: é a afirmação do *“nós”* diante dos *“outros”*, em que emergem um conjunto de representações de que um grupo faz uso numa situação de confronto.

Contudo, a larga operacionalização desse conceito de identidade pela antropologia, problematizou a própria teoria. Carneiro da Cunha (1985, 1985a) entende que nessa teoria a cultura é tomada como o irredutível dos grupos humanos, e a identidade configura-se no confronto, onde os grupos escolhem traços em que buscam em um repertório cultural de origem. Contudo, a autora acrescenta que os grupos sempre atribuem novos significados ao que se apresenta ser, aparentemente, o mesmo referente de cultura fundante. Ainda, Ruben (1988, 1992) afirma que a noção de irredutibilidade dos grupos humanos, que são as suas marcas e os

limites, imprime um caráter conservador à noção de identidade, pois essa noção não dá conta de compreender as transformações sociais dos processos sociais.

Partindo, então, da crítica da noção de irredutibilidade e entendendo uma noção de identidade considerada em seu aspecto fluido e historicizado, analiso o processo de construção da identidade banespiana ao longo do tempo no contexto das mudanças do Banespa a partir do que indicam as narrativas.

Historicamente, a identidade banespiana é construída a partir da oposição entre “*nós*”, os banespianos, e os “*outros*”, os trabalhadores dos bancos privados no contexto de consolidação dos direitos sociais dos banespianos descrito na etnografia de Romanelli (1978). É nessa experiência de “*ser banespiano*” que Nilton e Maria posicionam-se, como sujeitos, em suas narrativas.

Todavia, como se trata de um tempo passado, a referência a essa identidade é, antes de tudo, uma construção que, se está ancorada efetivamente em um tempo histórico, permite também compreender o que ocorre em um tempo mais recente, no período de mudanças do Banespa.⁵⁸ Nesse tempo, após a privatização, a identidade banespiana situa-se no limiar de um confronto, entre representações que contrastam o “*nós*”, os banespianos, e os “*outros*” que, genericamente, pode ser o “*estrangeiro*”, o “*espanhol*”, o “*Santander*”, “*a empresa privada*”. É quando essa identidade banespiana do tempo passado vem sendo posta em risco⁵⁹.

Assim, diferentemente do tempo passado, quando as esferas do público e o privado representavam a fronteira na qual se constituíam identidades sócio-profissionais distintas - os banespianos e os trabalhadores dos bancos privados - a privatização e entrada do Santander, uma empresa privada (e estrangeira), promoveu a dissolução dessa fronteira no contexto de mudanças que estão significando a perda de direitos conquistados pelos banespianos. É nesse contexto que Nilton e Maria desligaram-se do banco e deixaram de ser banespianos, pelo menos tal como concebem essa construção identitária historicamente construída.

Tal processo tem similares com a análise de Elias (2000) sobre os “*estabelecidos*” e os “*outsiders*” em que considera:

⁵⁸ Carneiro da Cunha (1985a) chama a atenção ainda para a história que funcionaria como uma caução para os mecanismos de identificação que são acionados pelos grupos em seu processo de escolha dos valores culturais, em que, ao recuperar o tempo passado, os grupos atribuem novos significados a esse tempo, adequando-se o passado ao presente.

⁵⁹ Foi esse momento que pude presenciar em minha aproximação etnográfica nos eventos do banco que observei.

“[os estabelecidos] são mais inseguros, mais incertos acerca de seu valor coletivo, tendem à mais aguda hostilidade na estigmatização de grupos outsiders, a ser implacáveis na luta pelo status quo e contra uma queda ou abolição dos limites entre estabelecidos e outsiders. Normalmente são eles quem mais têm a perder no caso de uma ascensão dos outsiders” (Elias, 2000: 212).

Mesmo que esse autor não utilize o conceito de identidade, sua análise pode associar-se a um jogo de oposições identitárias muito próximo ao dos autores aqui mencionados. No caso do Banespa, é necessário também frisar que as relações entre os “*estabelecidos*” (os banespianos) e os “*outsiders*” (o Santander, os Diretores, etc.) revelam assimetrias de poder na empresa, várias vezes referidas nas narrativas, sobretudo quando Nilton e Maria contam sobre a forma autoritária em que ocorreram as mudanças.

As narrativas biográficas de Nilton e de Maria fazem referência a esse processo de construção e desconstrução da identidade banespiana. Contudo, Nilton e Maria associam sua experiência de “*ser banespiano*” ao mesmo tempo em que se posicionam como sujeitos nas narrativas na medida em que se referem a temporalidades e lugares próprios. Essas subjetividades distintas permitem considerar a construção de historicidades e itinerários particulares no contexto do processo geral de mudança do Banespa, e de (des)construção da identidade banespiana, como aqui foi analisado.

Contudo, segundo Ricoeur (1991), a narrativa é uma forma de constituição de um “*si*”, e revela uma identidade pessoal que deve ser entendida dentro da estrutura da própria narrativa⁶⁰. Assim, “*a narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar de sua identidade narrativa, construindo a da história relatada*” (Ricoeur, 1991:176). Nessa relação entre identidade pessoal e narrativa, Nilton e Maria seriam autores e narradores de sua história e, ao mesmo tempo, personagens de um enredo em que constituem a si mesmos.

Entre narrativas, tempos e lugares, identidades coletivas, pessoas e personagens, tudo isso nos leva a considerar a forma como uma vida é narrada. Para tanto, aproximemo-nos do que Benjamin (1985a) esclarece sobre isso. Em “*O Narrador*”, Benjamin entende que a narrativa é um texto construído com base na relação com aquele que ouve. Ao narrador interessa, antes de tudo, convencer o ouvinte, seja através de um conselho, de uma

⁶⁰Ricoeur (1991) considera uma identidade narrativa que se revela na dialética entre: a “*mesmidade*”, a identidade do mesmo (o aparente núcleo não-mutante de uma personalidade); e a “*ipseidade*”, a identidade do outro, uma reflexão de si como um “*outro*”.

maneira de agir ou de uma “*lição de vida*”. Dessa forma, para Benjamin (1985a) a figura do narrador, sobretudo a arte daquele que narra, é central para compreender uma narrativa:

“... o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha de sua vida” (Benjamin: 1985a:221).

No sentido benjaminiano, uma narrativa dirige-se a um ouvinte. Assim, é importante compreender como se narra, pois a narrativa é reveladora do modo com que os sujeitos influenciam quem ouve sobre uma tomada de posição, e uma forma de ver, sentir e atuar no mundo. Trata-se, pois, de pensar que a “*a arte de narrar é a arte de trocar experiências; por experiência ele [Benjamin] entende não a observação científica mas o exercício popular da sabedoria prática*” (apud. Ricoeur, 1991:193).

Com isso, fico refletindo, a partir desse exercício de análise das narrativas de Nilton e de Maria que aqui realizei, a respeito do quanto eu pude apreender com essa troca de experiências sobre que é vivido e o que é narrado, partilhando o argumento de Kofes (2001) que considera, numa discussão com Bourdieu (1996) e a idéia desse autor de que a vida como um sentido único é uma ilusão: “*Seria, esta sim, uma ilusão ignorar no trato biográfico a mediação da narração. Isto é, tomarmos uma narrativa de vida como a vida vivida*” (Kofes, 2001:124).

Tais reflexões, desenvolverei em outro momento. O que agora é possível afirmar é que Nilton e Maria são os narradores que contam suas histórias de vida para se afirmarem como sujeitos no contexto de mudanças do Banespa e, com isso, o que pretendem nos mostrar são os sentidos que dão às suas vidas.

CAPÍTULO 4

AS NARRATIVAS E AS MUDANÇAS NO BANESPA: ENTRE MORTES E (RE)NASCIMENTOS

Entre a lógica do capital e a da cultura

As narrativas de Nilton e de Maria reapresentam a pergunta inicial que eu realizei quando ocorreu a privatização do Banespa sobre quais foram os impactos desse evento para a vida dos quase 21.000 funcionários do Banespa. Essa pergunta orientou, em um primeiro momento, a minha aproximação etnográfica inicial e, posteriormente, a própria construção das narrativas.

Desse modo, as narrativas biográficas informam sobre como ocorreu o processo de mudanças desencadeado, sobretudo com a privatização do Banespa, através de sua apreensão pelos sujeitos, por Nilton e por Maria. Partindo das narrativas, podemos considerar que no processo de mudanças operaram duas lógicas distintas: uma lógica do capital sobre a qual foram regidas as mudanças; e uma outra lógica, a da cultura. Entendo que a lógica cultural é aquela construída historicamente pelos sujeitos ao longo de suas trajetórias na empresa através de suas redes de sociabilidade no e entre o trabalho a que se vincula uma identidade, a banespiana.

Essas duas lógicas não necessariamente dicotômicas e se interpenetram, como afirma Sahlins (1979) sobre a natureza simbólica da lógica do capital. Todavia, tal como aparecem nas narrativas de Nilton e de Maria essas lógicas estão frequentemente contrapostas, pois a lógica do capital tende à homogeneização cultural e à individualização e a lógica que emerge nas narrativas permite contextualizar a afirmação de identidades sociais e dos sujeitos no processo de mudanças.

Assim, analiso a forma como correram as mudanças a partir do modo em que foram percebidas pelos sujeitos envolvidos, presente nas narrativas de Nilton e de Maria. Na lógica cultural desses sujeitos, as mudanças ocorreram de forma abrupta e autoritária no contexto do que podemos denominar de uma cultura do terror implementada pela nova gestão do Santander. Nesse contexto emergem, simbolicamente, as representações de mortes, no período que culminou com os seus desligamentos do Banespa e, como contraponto, representações de

(re)nascimentos, quando Nilton e Maria reconstroem suas vidas fora do Banespa no momento em que construímos suas narrativas.

Com isso, entendo que Nilton e Maria afirmaram-se a si, como sujeitos, nesse contexto de mudanças e de mortes. Assim se posicionando, as narrativas estruturam-se como discursos de denúncia e de resistência ante a lógica do capital.

Uma lógica das mudanças

A privatização do Banespa insere essa empresa e os seus trabalhadores, definitivamente, no contexto da lógica em que opera o sistema financeiro nacional e mundial. Tal lógica refere-se ao processo mais amplo de reestruturação do capital que vem criando novas bases para sua expansão, o que Chesnais (1996) denominou “*a mundialização do capital*”. Esse processo tem como base o capital financeiro e trata-se, antes de tudo, de uma “*mundialização financeira*” (Chesnais, 1999) que se sustenta através de economia de mercado focalizada em políticas de liberalização, privatização, desregulamentação e abertura dos estados nacionais, e o desmantelamento das conquistas sociais. Chesnais (1996) ainda considera que um dos traços da “*mundialização do capital*” é o seu caráter excludente na medida em que, nesse processo, há a seletividade dos capitais e a marginalização de países e camadas sociais.

Tal mundialização financeira promoveu a abertura financeira da América Latina nos anos 90, e particularmente do Brasil no período do Governo Fernando Henrique Cardoso⁶¹. Disso resultou o enfraquecimento dos bancos públicos nacionais e a ampliação da presença de bancos estrangeiros no sistema financeiro brasileiro (Gussi e Rodrigues, 2002). Assim, a participação dos bancos públicos diminuiu consideravelmente no conjunto do sistema bancário nacional e, em que pese ainda a participação do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, isso se deveu principalmente à privatização dos bancos estaduais. Segundo dados do Banco Central, dos vinte e nove bancos federais e estaduais, restavam dezesseis bancos públicos em 2000, ano da privatização do Banespa (Jinkings, 2003).

Já quanto à entrada de bancos estrangeiros no país, destaca-se o movimento de bancos espanhóis para o Brasil. Tal fato relaciona-se ao crescimento dos investimentos das

⁶¹ Sobre a abertura financeira ver Freitas e Prates (1998, 2001) e Freitas (1999).

empresas espanholas no país, sobretudo entre os anos de 1999 a 2000⁶². Essas empresas foram atraídas pelas privatizações, particularmente do setor de telecomunicações, como no caso da empresa Telefonica, e do setor de energia elétrica; e também foram atraídas para investir no setor financeiro, como resultado de fusões dos bancos privados, quando houve a entrada dos Bancos Santander e BBVA - Banco Bilbao Biscaya Argentaria no país. Notadamente, os investimentos espanhóis cresceram também em todos os países da América Latina nesse período⁶³.

Neste contexto é que ocorreu a expansão do Banco Santander para a América Latina. Esse banco está em países como o Chile, México, Peru, Argentina, Venezuela, Uruguai, tendo incorporado bancos públicos e privados nesse continente. No Brasil, o Santander adquiriu o Banco Geral do Comércio, em seguida o Banco Noroeste em 1997, e, em 2000, adquiriu o Banco Bozano Simonsen (ex-Banco Meridional) e, finalmente, em novembro desse mesmo ano, arrematou em leilão o Banespa (Gussi, 2001)⁶⁴.

Se a privatização insere o Banespa na lógica do sistema financeiro mundial, essa também se dá no quadro de transformações do trabalho bancário que está em curso, sobretudo a partir da década de 90⁶⁵. Nesse sentido, vários estudos já vêm apontando para mudanças, tais como: a passagem do bancário “*tradicional*” para um trabalhador “*vendedor-negociador*”; a redistribuição do trabalho entre funções, setores e cidades; a transformação na estrutura de cargos e salários; a informatização e terceirização de serviços; o aumento da escolaridade e crescente feminização do trabalhador bancário (Accorsi, 1990; Araújo, 2000; Jinkings, 1995, 2002, 2003; Segnini, 1998, 1999, 2001). Deste quadro de transformações, depreende-se um processo geral de precarização do trabalho.

⁶² No ano de 99, a Espanha já era o segundo investidor estrangeiro no Brasil, atrás apenas dos investimentos norte-americanos, tradicionalmente os maiores investidores estrangeiros no país (Folha de São Paulo, jun/1999) e com a compra do Banespa pelo Banco Santander, os investimentos espanhóis superaram os norte-americanos no de 2000: até aquele o mês de novembro de 2000, os investimentos espanhóis chegaram a 8,3 bilhões de dólares, mais que o dobro dos investimentos norte-americanos, atingindo a cifra de 4,5 bilhões (Revista Veja, nov/200) (Apud. Gussi, 2001).

⁶³ Grandes empresas espanholas passaram a ter presença forte no mercado latino-americano nos mesmos setores que vêm atuando no Brasil. Assim, a Espanha era também o maior investidor na Argentina, superando os Estados Unidos, com empresas de petróleo, gás, energia elétrica e telecomunicações em 2000 (apud. Gussi, 2001).

⁶⁴ Segundo dados da “*Revista Veja*” de novembro de 200, o Banco Santander já tinha metade dos seus funcionários na América Latina e suas filiais nesse continente produzem 45% de seu faturamento anual (apud. Gussi, 2001).

⁶⁵ Segundo Harvey (1999) esse processo de reestruturação capitalista contemporâneo corresponde à transição do período fordista para o que chama de “*acumulação flexível*” que funciona através de uma reordenação do tempo e do espaço.

Os impactos da reestruturação do trabalho bancário, contudo, estão sendo maiores nos bancos públicos, como é o caso do Banco do Brasil (Rodrigues, 2004), ou entre os antigos bancos públicos que foram privatizados, como é o caso do Banespa, que passaram a operar segundo a lógica de um banco privado. Assim, Jinkings (2003) considera que as diferenças historicamente construídas entre os trabalhadores dos bancos privados e os dos bancos públicos, principalmente no tocante à estabilidade de emprego e à conquista diferenciada de direitos de trabalho, estão se estreitando no contexto da política econômica dos anos 90, baseada na liberação monetária, desregulamentação salarial e privatizações (p. 243). Nesse sentido, os trabalhadores dos bancos públicos perdem a importância política e sindical que historicamente tiveram no século passado no cenário atual através da perda de seus direitos (p. 244).

Essa lógica em que opera essas mudanças trouxe impactos para os banespianos, particularmente a privatização. Já se vai longe o tempo em que Romanelli (1978) analisou os banespianos no contexto no qual se ampliavam e se consolidavam seus direitos na década de 70, ainda que esse período aponte para contradições nas relações de trabalho no Banespa. Já em meados da década de 90, Segnini (1999) analisou o processo de reestruturação do trabalho no Banespa no período de intervenção federal verificando elementos que inseriam os banespianos no processo geral de reestruturação do trabalho bancário, tais como a redução dos postos de trabalho e conseqüentemente o desemprego, a terceirização dos serviços, a precarização e intensificação do trabalho. Finalmente, com a privatização e as medidas implementadas pela nova Diretoria do Santander, sobretudo entre os anos de 2000 e 2002, o processo apontado por Segnini (1999) consolidou-se.

As narrativas de Nilton e de Maria informam sobre essa lógica das mudanças em que o Banespa passa a operar como uma empresa privada no contexto de transformações do sistema financeira nacional e mundial e de reestruturação do trabalho bancário. Vejamos, contudo, como Nilton e Maria referem-se, subjetivamente, a esse processo de mudanças.

A cultura do terror

A privatização e a entrada da nova gestão do Santander, marcos das mudanças no Banespa sob a égide do capitalismo financeiro contemporâneo, é representada por

Nilton e por Maria em suas narrativas através do autoritarismo, da pressão e do medo. Na lógica cultural desses sujeitos, as mudanças ocorreram de forma abrupta e autoritária no contexto do que podemos denominar de uma cultura do terror implementada pela nova gestão do Santander. Recuperemos o que nos dizem sobre isso.

Nilton, na época gerente geral de uma agência de Campinas, representa o que foi esse período após a privatização:

“O toque era mais ou menos de militarismo, de ditadura. Peço isso, não questione! Até mesmo porque você tem que preservar que você estar empregado: não questione, cumpra! [Tinha sugestão] Até para melhorar era possível, é que eu não tinha coragem - não é que eu não tinha coragem, eu, se fosse ver na Regional, uns trinta e tantos, uns trinta e nove, ninguém tinha coragem de abrir a boca!”

As imposições da nova Diretoria traduziam-se no cumprimento de metas de produtividade que foram fixadas as quais, do ponto de vista de Nilton e de Maria, eram impossíveis de serem cumpridas. Assim, Nilton diz como as metas para sua agência foram aumentadas:

“Num primeiro momento, era o próprio desafio de você atingir as metas, mas antes de privatização. Porque os lucros antes de privatização eram o número compatível com o porte da agência. Resolvido o problema. Era factível, era possível. Depois, não! Depois não tinha jeito. Aí, entreguei na mão de Deus. E vamos fazer o que tinha que fazer. Os números eram absurdos! Quer dizer, os números que você tinha que cumprir dentro de um mês, a princípio, eles pediram para uma semana, depois mudaram para o dia.”

Maria, que nessa época voltou a trabalhar no setor de atendimento, refere-se que essas metas estavam vinculadas às vendas de produtos do banco:

“Aí começou... vem esse negócio de vender, vender, vender... Antes já era! Sempre teve que vender! Mas depois que mudou pra Santander... Agora, quando eu passei a... atendimento não! Atendimento, você é cobrada terrivelmente. Nossa! Era... Viche! Sessão de tortura deles! Como é até hoje! Ah, o chefe tinha reunião com os gerentes e a gente... ele falava: ‘Olha, hoje é dia de vender Din-din!’. Você tirava o dia pra vender Din-din!”

A cultura do terror, portanto, estaria associada às pressões que eles passaram a sofrer para o cumprimento dessas metas. Nilton conta como isso se dava entre os gerentes:

“[As reuniões da Diretoria ocorriam] Da mesma forma. Comentário do próprio [gerente] regional, que a reunião era desse jeito: ‘Ô beleza, por que você não fez isso aí?’ ‘Ô bonitão, explica aí pra nós por que você não resolveu?’ A reunião era desse jeito. Hoje já não sei mais, porque já não converso com ninguém, que é Regional, que vai, então... mas, na época entre 2000 e 2001, um ano, um ano e pouco que eu fiquei lá as reuniões eram de jeito. E outra: as reuniões que a gente fazia antes de privatização, que era meio expediente, uma vez por mês, você discutia o mês inteiro, até mês que passou e o mês futuro, que a gente fazia uma reunião de meio dia, a reunião passou a ser o dia inteiro, e sem horário de almoço. Direto. Começava às sete e meia da manhã e ia até dez horas, onze horas da noite! Com um lanchinho aí! Todo mundo expunha resultado. Todo mundo era humilhado!”

Da mesma forma, Maria, no seu posto de atendimento, sofria as mesmas pressões de seus superiores:

“...Pressão do gerente chegar e falar assim: ‘Você vem trabalhar hoje?’, quer dizer, ‘Se você vendeu, você vem trabalhar! Se você não vendeu, você não vem trabalhar?!’, Certo? E você tem que vender! Agora, você veja bem, que nem... férias nas agências. Tem gerente que chega pros funcionários e fala: ‘Você vai tirar os trinta dias? Pra que tirar os trinta dias? Tira vinte!’... Eu chegava lá sete horas da manhã, sendo que o meu horário era das dez às dezesseis na folha de trabalho. Mas eu chegava sete horas da manhã e saía de lá oito horas, oito e meia. Você está entendendo? Então, por que... por que eles não me pressionavam muito assim? ‘Não, porque você não vendeu!’, sabe, de chegar em reunião e falar: ‘Pô, fulano! Você não vendeu nada!’”

A cultura do terror referida por Nilton e por Maria relaciona-se ao autoritarismo e às pressões, mas a isso se soma um outro elemento: o medo. Na verdade, o medo de perder o emprego caso não atingissem as metas. A estabilidade no emprego foi um dos pilares no qual se estruturam as relações de trabalho no Banespa e que vinculava o passado e o futuro das trajetórias de seus funcionários, e, nesse sentido, a perda do emprego era um grande temor para o banespiano, como se refere Nilton:

“O medo principal era perder emprego. Um medo muito grande porque eu fiquei vinte e três anos em uma mesma empresa, que eu me dediquei realmente. Não só me dediquei, como eu fiz carreira dentro do banco: entrei como contínuo-estagiário e cheguei a

gerente geral de agência. Então, eu tinha a intenção de me aposentar dentro do banco. Dentro de uma filosofia de vida decente.”

A perda da estabilidade do emprego, mesmo que já viesse ocorrendo antes da privatização, era intensificada no novo contexto de privatização e foi utilizada como uma forma de forçar a implementação de algumas medidas pela nova gestão do Santander. Assim, o PDV de 2001 foi a estratégia central dessa gestão para intensificar o medo e disseminar o terror. Nilton conta que no período de vigência do PDV os gerentes tinham metas de demissões nas agências a serem cumpridas:

“Não se divulgam, mas, o gerente-geral, o gerente administrativo, ele teve metas pra mandar um certo número de funcionários embora por agência. O gerente-geral, não, porque eu era gerente geral, e eu defendia quem quisesse ficar. O gerente-administrativo, eles separaram da agência, deram uma autonomia para o gerente administrativo, e ele tinha meta de número de funcionário para ser demitido. Tanto do gerente geral até todo mundo. Tinha que conseguir [a meta] Tanto que ligavam todo o dia, de hora em hora, cada meia hora: ‘Quantos têm? Quantos têm? Quantos aderiram? Quantos assinaram? Que número que você tem?’ E logicamente se o gerente administrativo de uma agência tinha, o Regional também tinha. Tinha que mandar um certo número: ‘Nós precisamos oxigenar!’ Oxigenar que jeito?”

Por isso mesmo Maria também conta que foi pressionada a sair pelo seu gerente:

“Aí veio esse PDVzão aí, muitas amigas minhas saíram. Foi bem constrangedor mesmo! Mas [...] não é que a gente se sentiu coagido assim! Os outros, eu não posso falar pelos outros! Mas, por mim, o Erasmo, duas vezes, ele chegou pra mim e falou: ‘Maria, você vai sair no PDV?’, eu falei: ‘Não!’, depois faltava acho que um tempinho pra mim, ele chegou e falou: ‘Maria, você vai sair no PDV?’, eu falei assim: ‘Eu não vou sair no PDV! Já até rasguei o meu papel!’ ... Mas saiu aquele monte de gente, né? Só da nossa agência foi vinte e três! Eu sei que tinha agência aí saiu... acho que se tinha vinte funcionários, saiu quinze!”

Os efeitos do PDV foram traumáticos, sobretudo para Nilton que foi forçado a desligar-se mesmo manifestando publicamente o seu desejo de permanecer na empresa. Esses traumas teriam reforçado a percepção de Nilton e de Maria sobre a forma autoritária das mudanças.

A cultura do terror levou ao sofrimento e à doença. Nilton sofreu crises de hipertensão arterial no período e foi abatido pela depressão depois do desligamento:

“Então, quando falou assim: você não serve mais para nada! Então, eu não sou nada! Realmente, veio carga inteira! Talvez esse ‘eu não sou nada!’ tivesse ligado também a minha debilidade física, psíquica... Por que você tem infarto? Entupiu a veia? Não, é um conjunto de coisa! Você não dorme, você fuma muito, você é sedentário, perde a mãe, pega fogo em casa, perde emprego! Enfarto! Parei no hospital, quarenta e dois anos, teve que correr lá: ‘Está alterado! Você precisa ir com calma! Você precisar tomar um comprimidinho aqui e daqui um mês a gente se vê!’ Então, o que é? Um conjunto de coisa. Então, eu não sou nada, então eu não sirvo pra nada! Então, eu não presto pra nada!” [Pausa] A depressão – eu vou falar um coisa pra você – eu não desejo pra ninguém. Por mais inimigo seja, eu não desejo pra inimigo. Você perde a essência da vida!”

Maria, mesmo não tendo saído no PDV, fala do seu sofrimento e dos seus colegas de trabalho de seu posto de serviço que foi acentuado pelo clima de distensões, conflitos e competições, sobre o qual ela conta:

“Ah, eu sofri! Ish, olha, eu vi aquele povo lá. Ah, meu pai! Ah, eu me sentia muito mal! Nossa! Nem fale! Você... Você sabe o que é você chegar ... seis e meia, sete horas da noite e você já tava lá dentro às sete e meia, horas da manhã. E você ouvir picuinha de um... sabe? De gerente... porque um quase enforca o outro! Porque tem que vender! E você vê lá um amigo seu... Puxa vida! Olha, eu tinha que fazer um seguro de auto e eu não fiz! Porque tinha meta! E a meta, agora, se não me engano, é feita até no computador...”

Isso trazia uma instabilidade emocional que a contagiava:

“Fui lá pra dentro, fui lá pro banheiro. Comecei a chorar, chorar, chorar... e falei: ‘Ai, meu Deus! Será que eu mereço isso?!’. Foi passando, foi passando...”

Entendo que as narrativas de Nilton e Maria são um relato sobre a cultura do terror tal como essa foi percebida pelos mesmos no contexto das mudanças no Banespa⁶⁶. Analisemos o relato do terror presente nas narrativas.

⁶⁶ Grozzi, após a privatização, foi transferido da agência em que trabalhou por mais de 25 anos, a de Barão Geraldo, para exercer o cargo de tesoureiro em outra agência em Campinas, a da Campos Sales. Conta como foi se sentindo isolado nesse novo contexto, o que resultou no seu adoecimento: *“Na Campos Sales e eu acabei ficando lá dois anos e pouco... eu gostava de trabalhar lá e tal. Eu estava dizendo, a maioria dos antigos lá era muito antigo. [...] É! Muito! Então tinha o [cita o nome] que era um cara que ele acabou se afastando, ele estava doente.[...] Bem mais velho! Neurótico, neurótico!... A [cita o nome] que era supervisora saiu; a [cita o nome] era supervisora, saiu; o*

Podemos fazer uma analogia com o que Taussig (1983, 1993) diz sobre a cultura do terror no contexto da colonização indígena da Amazônia. Nesse contexto, o autor considera que terror *“além de ser um estado fisiológico é também um fato social e uma construção cultural cujas dimensões barrocas permitem funcionar como mediador por excelência da hegemonia colonial”* (Taussig, 1983:50). Assim, ainda para Taussig,(1983) se a cultura do terror alimenta-se do silêncio, imposto pela solidão e o medo dos que a vivenciam, é necessário ver a criação de contra-discursos que produzem sua própria verdade sobre o terror (p. 50) e que lhe atribuem um outro sentido, diverso de explicações racionais e fundado em *“uma lógica cultural do sentido de há muito sedimentada - as estruturas do sentimento- cuja base está num mundo simbólico e não no mundo racional”* (p. 51). Nesses contra-discursos, pode-se, ainda

[cita o nome] saiu. [...] No PDV... Sabe, saiu muita gente no PDV, antigos, caixas antigos, tudo! Aí acabou ficando eu, eu, eu e eu, sabe, de antigo! Então todo mundo que precisava de alguma coisa sabia quem era o Grozzi porque você falava ‘Grozzi’ aqui, todo mundo sabia, na Sales, no centro, em qualquer lugar. Eu era bastante conhecido porque eu era... eu me envolvia muito com o banco, quando a época de diferenças, essas coisas, de planos... Sabe esses planos de governo louco para solucionar problema, tirar dinheiro do povo, então, nossa, aquilo era um horror! E... Então todo mundo perguntava para mim: ‘Como é que faz isso? Como é que faz aquilo?’ [...] É! [Passou a ser o] Mais antigo [funcionário]! Eu era o mais antigo da Campos Sales e... quero dizer, era o mais antigo de banco na Campos Sales. Então começou a contratar caixa, estagiária, o pessoal não sabe nada e começa a questionar: ‘Pode fazer isso? Pode fazer aquilo? Pode não sei o que?’ E era todo dia. Então era muito dinheiro. A Campos Sales mexe com muito dinheiro, muita gente, sabe? E a gente chama aquilo lá de curva de rio, tudo quanto é enrosco pára por ali porque tem todos os terminais de ônibus e ela fica no centro dos terminais de ônibus. Então o povo [] e entra lá. Então era muito dinheiro falso! Era um Deus nos acuda. E aí eu fui ficando neuroticão, fui ficando louco e falei: ‘Ah, não! Porque fui ficando nervoso, esgota tudo de uma vez, eu não tinha mais paciência com nada, entendeu? Eu tive que ficar afastado, fiquei afastado tomando remédio anti-depressivo...”

Rita, após a privatização, transferiu-se para a agência do interior, Santa Bárbara. A princípio, ela criou algumas expectativas de continuidade na nova empresa, tentando inserir-se na nova lógica que passava a vivenciar, que ela conhecia de outros processos de privatização: *“E a gente já tinha visto o exemplo da Telefônica, que as coisas aparentemente tinham mudado, tinham melhorado. Então nós ficamos até um pouco mais tranquilos, a gente ainda não tinha tantas informações. Mas a verdade é essa mesmo: o banco melhorou 80% do que tinha, não em material de pessoas, não é? Em material físico mesmo, a parte de informático, a parte de layout de agência, isso aí ficou, assim, supermoderno, coisa de primeiro mundo. Naquele momento, eu pensei isso tudo, aí eu fui bem individualista, eu falei: agora é uma chance, eu tenho que continuar suando a minha camisa, vou continuar dando tudo de mim. E realmente, no começo de janeiro, que as coisas já ficaram... foram se encaixando, porque em dezembro ainda ficou aquele: não sei, ninguém sabe de nada, mas, em janeiro, as coisas começaram a tomar um certo rumo. E nós tínhamos as metas, eu sempre cumpria, a agência cumpria, era aquela coisa.”*. Todavia, Rita não teve oportunidades na nova agência, e foi preterida na promoção: *“Daí indicaram, contrataram pessoas de fora, de outras instituições, sem experiência alguma, até essa supervisora, que eu comentei no início, ela que foi, assim, que me deu muito apoio: olha, vamos lá conversar... ela teve que lutar muito para conseguir o cargo que ela está hoje, ela teve que provar e continua provando que ela era competente, que ela conseguia resultados com o cargo. Não queriam dar o cargo para ela por ela ser mulher, então isso aí nós percebemos, que o gerente novo, ele tinha... ele tinha... ele era um pouco preconceituoso nesse aspecto e a que veio de fora, porque era muito bonita, gostosa, chamava a atenção. E era isso mesmo”*. Por isso, aderiu ao PDV, prorrogando sua saída por mais um tempo, pois ficou grávida de seu segundo filho. Segundo ela, saiu porque a *“A mágoa tomou conta de mim, aí... sabe assim?”*

segundo Taussig (1983), encontrar uma poética que, politicamente, permite revelar e subverter a cultura do terror.

Da mesma forma que Taussig, no contexto das mudanças do Banespa, podemos entender o relato do terror apresentado pelas narrativas de Nilton e de Maria. Esse relato afirma-se como um discurso sobre a exploração do trabalho - e particularmente do trabalho bancário - no contexto do capitalismo contemporâneo. Ele se apresenta, contudo, como um contra-discurso na medida em que se trata de uma forma de denunciar o autoritarismo do banco nesse período.

O relato apresenta também sua poética na medida em que se revela entre o terror e a afirmação da vida. É dessa forma que esse trecho do relato de Maria sobre a cultura do terror nos conduz a pensar:

“Eu falei: ‘Então, o que é que está acontecendo? A gente não está se entendendo!’ [refere-se à sua chefe] Eu falei: ‘Você está muito nervosa!’, ela falou: ‘Ai, eu não agüento mais isso daqui!’, eu falei: ‘Ai, eu também não agüento mais vocês! Eu estou de saco cheio. Eu estou por aqui de vocês. Eu estou indo embora!’, ‘Ah, eu vou te dar carona!’, eu falei: ‘Não! Eu vou embora de ônibus’ Porque eu vejo essa turma que está saindo do... do Hospital das Clínicas. Um está machucado, outro está sem dente, outro está com o olho furado, outro está com o braço... engessado! Então eu vou pensando na minha vida! Eu vejo gente que está pior do que eu! Eu me acalmo, agradeço a Deus e chego em casa tranqüila! Eu vi uma mãe entrando no... no ônibus, com um filho assim... sabe, meio excepcional e falei: ‘Puxa, vida! Eu fico pensando aí na minha vida aí! Eu tenho o meu filho. Eu tenho o meu marido... Tenho uma boa vida, graças a Deus! Mas agora do [cita o nome de seu chefe] fazer isso! A [cita o nome de sua chefe] fazer isso!’ Eu falei: ‘Acho que eu não mereço!’ E fui remoendo aquilo, fui remoendo. No dia seguinte, fui pro trabalho. Você sempre encontra [no hospital] gente com máscara ..., gente careca e aí você já sabe que o nego tá ... ou está com câncer ou está com AIDS, sei lá com o que é que está... Eu fui pensando, cheguei e falei assim: ‘[Cita o nome de sua chefe]... eu não venho...’ E parece que era na quarta-feira... Na quarta-feira, eu fui no aniversário de casamento da minha mãe porque ela faz... Dia dezesseis ela faz aniversário de casamento e dia dezessete de outubro é aniversário... Então eu cheguei e falei assim: ‘Tal dia e tal dia eu não vou vir!’, ‘Ai, mas dois dias?!’, eu falei: ‘Eu não venho!’, eu falei: ‘Eu não estou te pedindo! Eu estou te comunicando que eu não venho!’

Maria não mais voltou ao banco como trabalhadora do Banespa.

Genocídios coletivos e mortes individuais

Sobre o seu desligamento do Banespa, Nilton fala da morte. Perguntei quem teria morrido, e ele responde:

“Quem que tinha morrido? O emprego? Não sei, um ente querido, um ente querido, eu acho que é a empresa por ter trabalhado muito tempo, cria amor nela, mas acabou aquela empresa lá.. Aquela empresa acabou no dia da privatização.”

A morte apresenta-se nas narrativas como uma representação do contexto de mudanças. Ela estaria associada à cultura do terror, já que, para Taussig (1983): *“O espaço da morte é crucial para a criação do sentido e da consciência, e em nenhum lugar é mais verdadeiro do que nas sociedades onde a tortura é endêmica e onde floresce a cultura do terror”* (Taussig, 1983:49). Assim, pode-se dizer que o medo da morte alimenta a cultura do terror. No contexto da cultura do terror em que se davam as mudanças no Banespa tal como narram Nilton e Maria configurou-se, no Banespa, o espaço da morte.

A morte, como uma metáfora, apresenta-se como central para a análise de Rodrigues (2004) sobre o Banco do Brasil no contexto das mudanças nesse banco, sobretudo durante o PDV implementado em 1995. Assim descreve o banco naquele momento: *“A presença da morte invadia o cotidiano da empresa, instalava-se diuturnamente ao lado de cada funcionário, o luto agora transformado em uma experiência interminável que impedia a finalização da passagem”* (Rodrigues, 2004:234). Trata-se, para Rodrigues (2004), de uma morte social associada à situação de exclusão no momento em que os funcionários tinham que se decidir pela demissão, mas ainda, trata-se de uma morte associada ao rompimento dos vínculos identitários entre os funcionários e Banco do Brasil.

Tal como Rodrigues (2004) analisa sobre o caso do Banco do Brasil, houve uma morte social no Banespa no contexto da cultura do terror uma medida em que privatização e as mudanças implementadas pelo Santander resultaram na quebra de valores que, essenciais entre os funcionários do Banespa, sustentavam o seu sentido de pertencimento à empresa, fundando uma identidade sócio-profissional, a banespiana. Mais que a perda do emprego é uma identidade coletiva vinculada ao trabalho que se perde, sobretudo representada pela saída dos aproximados 8.300 funcionários durante o PDV de 2001.

Assim, é a perda desse sentido identitário que fundamenta a própria lógica das mudanças do Banespa implementadas pela nova gestão da empresa privada. Se a identidade banespiana estava sedimentada em valores construídos nos espaços de sociabilidade que sustentavam uma coletividade - a banespiana - e isso se sobrepunha à individualização no trabalho, a nova gestão estimulou, através de mudanças nas relações de trabalho que promoveu, além das demissões, a individualidade e a competitividade no trabalho e levou à ruptura do sentido da coletividade. Sobre isso, Maria refere-se:

“Mas, quando mudou pra Santander, o Santander trouxe pra gente ... o que é uma firma privada! Eu não... Até então, eu nunca tinha trabalhado numa firma privada! Eu não sabia que a mentalidade e que uma firma privada, o funcionário é o número! Você está entendendo o que eu quero dizer? E, no Banespa antigo, nós éramos um número! Tudo bem! Mas lá pros diretores, lá pros presidentes... Mas, entre nós, eu era a Maria Grozzi, tinha a [cita o nome], tinha a [cita o nome]... o [cita o nome]... Você tá entendendo? Tinha o [cita o nome], tinha o Grozzi... Então, às vezes, você nem sabia o primeiro nome da pessoa! Mas você fazia vinte anos que você tava trabalhando com um cara que chamava Grozzi! Tá entendendo? Você trabalhava com uma pessoa que chamava-se [cita o nome]...”

A lógica das mudanças no Banespa refere-se às transformações do capitalismo contemporâneo e à emergência de um paradigma técnico-produtivo⁶⁷. Tal processo ocorrido no Banespa pode ser comparado à análise de Senett (1999) sobre as variáveis identitárias no estudo das transformações capitalistas contemporâneas quando descreve uma padaria em Boston, onde teve oportunidade de estudar há vinte anos e retornar nos anos 90.

Senett descreve que, no passado, os padeiros que trabalhavam em seu ofício eram quase todos de origem grega. Eles, os padeiros gregos, mantinham redes de solidariedade que se vinculavam a códigos culturais de origem étnica. E, tal como os banespianos, eles construíram uma identidade sócio-profissional.

Em anos recentes, diz Sennett, essa padaria foi incorporada por um conglomerado de uma cadeia de alimentos e desapareceu o ofício de padeiro, pois os fornos foram substituídos por máquinas computadorizadas manipuladas não mais por padeiros, mas

⁶⁷ Esse paradigma está associado a um processo do trabalho que Castells (1999) denomina de a “individualização do trabalho”: “o processo de trabalho cada vez mais se individualiza, desagrega-se a realização do trabalho e se reintegra o seu resultado mediante uma multiplicidade de tarefas interconectadas em lugares diferentes, marcando

majoritariamente por mulheres e trabalhadores origem étnicas variadas, que não sabem fazer o pão, mas, simplesmente, lidar com o computador, operando com *softwares*. Desapareceram os ofícios, desapareceram também os vínculos identitários com o trabalho. E Senett conclui a partir desse caso:

“É lugar-comum dizer que as identidades modernas são mais fluidas que as divisões categóricas das pessoas submetidas a classes do passado. ‘Fluido’ pode querer dizer adaptável. Mas, em outra cadeia de associações, também significa descontração; o movimento fluido exige que não haja impedimentos. Quando tudo nos é facilitado, como no trabalho que descrevi, tornamo-nos fracos; nosso compromisso com o trabalho se torna superficial, uma vez que não entendemos o que fazemos.” (Senett, 1999:87-88)

A reestruturação da padaria, para Senett, associa-se à lógica do capitalismo flexível contemporâneo que dissolve as referências identitárias baseadas no trabalho. Há trinta anos, quando Romanelli (1978) estudou os bancários do Banco do Estado, os banespianos constituíam uma identidade sócio-profissional. Em anos recentes, a privatização e as mudanças do Banespa imprimem a lógica do capitalismo flexível, a que se refere Senett, que pretende impor a individualidade sobre os vínculos coletivos e, com isso, levar ao desaparecimento uma identidade sócio-profissional historicamente construída⁶⁸.

Cabe pensar mais um pouco juntamente com a narrativa de Maria que mostra que essa perda identitária está associada também à perda da afetividade. Como vimos, o seu relato pretende mostrar que sua vida no Banespa sempre esteve conectada aos afetos construídos no decorrer de sua história. As mudanças no Banespa atingiram essa estrutura de afetos ao promover a dissolução da comunidade afetiva que a sustentava: a banespiana. Na lógica das mudanças, não caberia mais lugar para a afetividade no trabalho, que também dá sentido à vida de Maria⁶⁹.

a entrada de uma nova divisão do trabalho, baseada em atributos/capacidades de cada trabalhador mais que a organização das tarefas” (Castells:1999:507)

⁶⁸ Sobre a perda da identidade associada ao trabalho ver Enriquez (1999) que faz um estudo sobre como as identidades pessoais e coletivas são afetadas em consequência de mudanças que pretendem colocar em xeque a “civilização do trabalho”.

⁶⁹ Rita refere-se também a essa perda da afetividade, comparando o lugar que estava anteriormente no Banespa, antes da privatização, na agência de Santana, em São Paulo, com o da agência de Santa Bárbara para a qual se transferiu já na gestão do Santnader: “Porque lá em Santana, eu não sentia isso, porque, lá em Santana, nós tínhamos uma relação muito aberta com a gerência. Eu não sei se hoje ainda é assim, as coisas mudaram lógico. Então nós éramos de quê? De sair para tomar cerveja, de ir um para a casa do outro, principalmente porque lá eu era do êrêmio, então nós tínhamos... e os gerentes, eles tinham um relacionamento aberto conosco. Está certo que eles tinham lá as metas deles, a administração deles, se tivessem que me chamar a atenção, me chamariam, mas não era necessário, porque a equipe era muito ligada, muito unida, então eles chegavam com a meta, todo mundo cumpria. E aqui em Santa Bárbara eu não sentia isso desde o início, já não sentia afetividade entre os funcionários, porque

E, por isso mesmo, o evento da privatização teria despertado, naquele dia do leilão, tantas emoções que foram mostradas em fotografias publicadas pela grande imprensa nas quais haviam cenas de angústias e lágrimas, como Nilton também lembra, associando à representação da morte:

“Nós estávamos com a agência fechada. Estava [agência] na Barão de Itapura. O que nós vimos é os funcionários se cumprimentando e chorando. Como quem diz assim: ‘Eu perdi um ente querido!’ Todo mundo se cumprimentava. Mas não de falar assim: ‘Parabéns!’ ou.. Ninguém sabe por quê? Foi um gesto espontâneo. Isso aconteceu na Barão de Itapura. Depois eu fiquei sabendo que aconteceu no banco inteiro. E ninguém sabe por quê! Não teve uma explicação lógica.[As pessoas]. Se abraçavam e se cumprimentavam como quem diz assim: ‘Aqui, selou um ponto onde acabamos aquela vida e começamos outra. Como se fosse um batismo: você morre pra aquela vida, e você nasce pra outra, só que nós morremos para uma vida que nós, teoricamente, sabíamos que tinha vivido, que tinha... passou um período bom, e veio esse período [do Santander] agora de agressividade, de desemprego, de cobrança muito grande, inclusive de cobrança, completamente fora de ética.”

Maria também lembra como ficou esse dia:

“Ficou todo mundo... ficou muito triste. Nossa! Eu saí chorando de lá! Viche! Eu falei: ‘Grozzi de Deus! E agora? O que vai ser da gente?’, ele falou: ‘Ah, bem! É... sei lá o que vai ser da gente! A gente vai ter que dar um jeito aí!’”

Tal como as narrativas referem-se à morte coletiva dos banespiários no contexto de mudanças, cabe analisar que a privatização, ao levar à desnacionalização do banco, evidenciou a representação de uma outra morte, vinculada a uma outra identidade, a nacional. Pode-se levar em conta aqui a idéia de que os movimentos transnacionais contemporâneos vêm reforçando mudanças sobre o significado do que vem a ser uma identidade nacional. Segundo Habermas (1989), é a própria consciência histórica nacional que se encontra problematizada nesse contexto, no qual se percebe a emergência de uma consciência pós-tradicional quando os indivíduos assumem a responsabilidade pública de continuar ou não com a tradição nacional transmitida através das gerações. Tomando como exemplo a Alemanha atual, Habermas se pergunta: *“queremos ou não ser de outra maneira?”*. Tal é a pergunta que se pode realizar a

não tinha uma festa. Eu vinha de Santana, que fazia uma festa por nada: ah, hoje é dia do... de tomar cerveja, vamos fazer festa.”

partir do caso do Santander-Banespa: quem podemos ser, brasileiros, no contexto do mundo globalizado? Tentativamente a essa pergunta, ao genocídio dos banespianos soma-se um outro nesse contexto de mudanças do Banespa: o genocídio de uma nacionalidade.

Nesse sentido, as narrativas evidenciam a forma como se operam as desigualdades no âmbito da mundialização do capital financeiro entre os países imersos nesse processo (Chesnais, 1996, 1999), no caso do Banespa, entre a Espanha e o Brasil, através de representações das relações entre colonizador e colonos, historicamente associadas ao passado colonial do país. Assim, Nilton considera, refletindo sobre a privatização do Banespa, como se dá a inserção dos brasileiros no mundo globalizado:

“Porque, o que eles [espanhóis] estão fazendo com o brasileiro é acabar com o povo brasileiro, porque eles estão dentro de Telefônica, dentro de bancos. E nós estamos trabalhando pra eles, e eles tão mandando gente embora! Nós estamos trabalhando com sangue, mas não com sangue de bomba, não, mas com sangue de suor na testa, de trabalhar feito louco e no final do mês ter que mandar o dinheiro pra ele lá! Você manda lucros e dividendos, desconta imposto de renda, manda dinheiro embora!”

Contudo, entre genocídios coletivos e nacionais, as narrativas biográficas de Nilton e de Maria indicam também que as mudanças no Banespa levaram, metaforicamente, as suas próprias mortes como sujeitos.

Entendo que o trabalho no Banespa possibilitava que Nilton e Maria se constituíssem como sujeitos nessa empresa, o que relaciono à noção maussiana de pessoa. Mauss (1974) entende que não é o indivíduo o artífice da representação de si, mas essa consiste em uma representação social que não é universal, pois cada sociedade constrói a seu modo essa categoria. A noção maussiana de pessoa supõe a construção ao mesmo tempo de *“uma categoria jurídica, moral e mesmo lógica”* (Goldman, 1996:86) no contexto de uma determinada sociedade. Ainda, segundo a teoria maussiana, a noção de pessoa é um *“fato social total”*, *“onde o físico, psíquico e social não mais podem ser distinguidos, e onde representações e processos empíricos não constituem mais que dimensões ou expressões sempre articuladas das práticas humanas que pretendemos investigar”* (Goldman, 1996:105).

Dessa forma, entendo que Nilton e Maria - assim como os demais banespianos - constituíram-se como pessoas movendo-se entre o Banespa e outras esferas de suas sociabilidades, considerando as várias dimensões que a noção maussiana encerra.

Mas as mudanças no Banespa colocaram em xeque também a forma como essa construção social, a de pessoa, deu-se ao longo do tempo em suas vidas. Tratou-se, pois, de uma desconstrução ou até mesmo uma negação de si como pessoa, no sentido maussiano, em que as mudanças promoveram a ruptura da lógica na qual se afirmavam como sujeitos no Banespa. Pode-se pensar que foi a perda do sentido de si que levou ao sofrimento e à doença de Nilton e de Maria através de um processo de mudanças, rompendo-se, sistemicamente, as dimensões do físico, do psíquico e do social. Trata-se, pois, de morte individuais, da pessoa, em meio a genocídios coletivos⁷⁰.

O espaço da morte está posto nas narrativas biográficas de Nilton e de Maria no contexto de mudanças do Banespa que se vinculou à lógica do capital. Segundo Taussig (1993) o espaço da morte tem uma tradição que remonta a Marx:

“[Marx] assinalou o desarranjo e um novo arranjo entre nós e as coisas no fetichismo das mercadorias... Na história moderna do fetichismo das mercadorias rejuvenesce a densidade mítica do espaço da morte – graças à morte do sujeito, bem como graças à recém-descoberta arbitrariedade dos signos, por meio do qual um animismo ressurgente faz com que as coisas se tornem humanas, e os humanos, coisas” (Taussig, 1993:27).

É essa arbitrariedade entre coisas e homens que está presente nas narrativas quando Nilton e Maria falam das mudanças do Banespa.

Rituais de passagem

Diante de tantas mortes que representam as mudanças do Banespa, as narrativas falam da vida que, mesmo pretendendo ser submetida à lógica das mudanças, não cessa de se afirmar, como reflete Nilton:

“Eu não posso ser tão inútil a ponto do cara me descartar desse jeito. Mas se ele está me descartando, então eu não presto pra nada, não sirvo pra nada, não sou nada!”

⁷⁰ A narrativa de Grozzi também é muito significativa para corroborar esta assertiva. Grozzi dedicou-se grande parte de vida ao banco, construindo redes de sociabilidade entre os funcionários de sua agência. Ele, além de realizar seus serviços como bancário, era uma espécie de “faz-tudo” dentro sua agência, desde os tempos de contínuo, consertando máquinas, arrumando instalações, ajudando pessoas. Doava-se ao banco, sem receber remuneração por isso. O advento da privatização, a sua transferência de agência e o sentimento de não ser reconhecido pelo novo banco levou à depressão e, por fim, ao seu desligamento. É, pois, a própria construção de “Grozzi”, o “Grozzi do Banespa”, que afirmava a si que foi posta em xeque, levando, portanto, à sua morte como sujeito.

Então, em um primeiro momento, pela debilitação, pelo conjunto de situação, é melhor aceitar que eu não sou nada, e vou pra casa. E na realidade, você, por menos valor que você tenha, por mais inútil que você seja, algum valor você tem. Por mais zero que eu tenha chegado ali, no mínimo eu era marido, eu era pai, tinha uma casa pra cuidar. Por mais que eu quisesse ver ali, eu não via nem isso! Nem a própria casa eu não conseguia ver!”

A literatura, sobretudo a antropológica, mostra que a morte não deve ser pensada sem o seu contraponto, a vida. Taussig (1983,1993) em seu estudo sobre a cultura do terror e o espaço da morte considera que esse último é um espaço amplo de possibilidades, pois se apresenta *“como uma soleira que permite a iluminação, bem como a extinção”* (Taussig, 1993:26).⁷¹

Ainda é nesse sentido que Rodrigues (2004) recupera a literatura antropológica para analisar a dimensão simbólica das metáforas de morte e de vida que representavam os acontecimentos do Banco do Brasil no contexto de mudanças da empresa, sobretudo decorrentes do PDV:

“Metáforas de morte e de vida - tanto no sentido do nascimento e do renascimento - seriam acionadas tanto pela alta administração quanto pelos funcionários para simbolizar a situação de passagem vivida por todos. Passagem de um Banco para outro, como pretendia a empresa, de uma situação individual para outra, conforme a adesão ou não ao programa” (Rodrigues, 2004:219).

Portanto, tal como analisa Rodrigues (2004), as metáforas de morte e de vida evocam a ritualização de uma passagem. Alguns estudos sobre ritos de passagem consideram que estes consistem em processos que evocam temporalidades distintas: um tempo passado, seguindo de um período de transição ou de liminaridade, e, finalmente, um tempo novo (Van Gennep, 1978; Turner, 1974). Rodrigues (2004) toma como referência esses estudos para compreender as metáforas de morte e vida que representam um processo ritual em sua dimensão temporal: entre as perdas e mortes de um passado no Banco do Brasil que tinha que ser deixado para trás; um período de liminaridade, representado pela vigência do PDV; e um outro tempo, de nascimentos e renascimentos a ser consumado (p.220).

Da mesma forma que Rodrigues (2004) considero que as representações de morte e de vida que se apresentam nas narrativas de Nilton e de Maria podem ser interpretadas

⁷¹ Dessa maneira é que a morte também se apresentou na etnografia que realizei sobre a identidade e a memória dos descendentes de norte-americanos confederados de Americana e Santa Barba D'Oeste, onde descrevi as festas realizadas num cemitério local. Nessas festas no cemitério, os descendentes de norte-americanos e moradores da localidade celebram os mortos, entre lembranças e esquecimentos para se identificarem como americanos, dissolvendo as fronteiras que separam os mortos e os vivos, a morte e a vida (Gussi, 1997).

como rituais de passagem no contexto de mudanças do Banespa. Mas como essa passagem se deu nesse contexto tal como se apresentam nas narrativas?

Como estratégia da empresa, a passagem deu-se através de um processo de individualização das decisões em que os funcionários deveriam escolher entre permanecer em um banco que operava segundo a lógica de uma empresa privada, que se apresentava através de algumas medidas da nova gestão, ou desligar-se dele. Nessa estratégia, cabia ao indivíduo e não à empresa a responsabilidade de sua decisão.

Assim, no PDV de 2001, foi distribuído um vídeo institucional denominado “*Momento de decisão*” com a narração do conhecido ator Stênio Garcia, que, direcionada para os funcionários, colocava como responsabilidade direta desses a sua decisão entre permanecer ou desligar-se do banco, exemplificado no trecho da fala do ator desse vídeo que reproduzo:

“A escolha é sua e a responsabilidade também, nossas vidas são assim, um conjunto de caminhos escolhidos, e outros apenas sonhados. Quando esses caminhos nos conduzem aonde queremos chamamos isso de felicidade, quando nos conduzem a situações adversas, achamos que tivemos má sorte, infelicidade. Na verdade, tanto nossa felicidade, quanto nossas adversidades, são quase sempre fruto das nossas próprias escolhas e decisões. Há uma mudança muito importante acontecendo em sua vida e é essencial que você se posicione com equilíbrio e coragem. É importante lembrar que mudança também pode significar oportunidade. Mudança nunca é o fim, é sempre um novo começo” (In. Momento de Decisão. Vídeo Institucional, 2001)

Tal processo de desligamento, segundo Enriquez (1999), associa a decisão a um processo de “*psicologização*” no qual o indivíduo deve assumir a culpa pelo seu desligamento entendendo como sua a responsabilidade de não se adaptar à empresa já que “*você é o culpado e não a organização da empresa ou da sociedade. A culpa é só sua*” (Enriquez, 1999:78). Se, caso o indivíduo decide permanecer, é lhe cobrado, ainda segundo o autor, “*devotamento, lealdade e fidelidade*” sem se esperar qualquer contra-partida da empresa, pois “*você teve a chance de continuar, mas talvez você não permaneça*” (p. 78).

Esse processo de individualização da passagem não permitiu que os banespianos construíssem coletivamente, do ponto de vista simbólico, novos referenciais que os conduzissem para um outro sentido de seu pertencimento em relação à nova empresa, pois não foi essa a estratégia da nova gestão do Santander no contexto de mudanças, em um processo similar ao que ocorreu no Banco do Brasil (Rodrigues, 2004). Nesse sentido, o sentido de coletividade no processo de desligamento foi rompido e imprimiu-se a solidão individual da escolha.

No momento em que muitos se desligaram, ocorreu a ruptura com o passado que os banespianos teriam que deixar para trás, seja através de sua saída definitiva do banco, seja através da sua permanência na empresa e da entrega de seu futuro a essa nova empresa. Contudo o futuro era incerto, pois não havia qualquer previsibilidade: caso decidissem permanecer, não teriam garantia de emprego e nem saberiam em quais condições de trabalho essa permanência se daria; e se decidissem por se desligar, teriam que construir suas vidas fora do Banespa, depois de tantos anos de serviço dedicados ao banco, uma situação na qual se encontrava a maioria dos funcionários.

Entre um passado que deviam abandonar e um futuro incerto, as narrativas de Nilton e de Maria relatam uma fase de liminaridade vivida como uma eterna presentificação do tempo no contexto da mudança, quando cada dia era como se fosse o primeiro e também o último dia de trabalho. Um tempo presentificado até que se decidissem entre desligarem-se ou permanecerem no banco, sendo que essa decisão tinha que ser entendida como de responsabilidade individual. Portanto, vivia-se, na liminaridade, uma solidão atemporal.

Essa situação de liminaridade é similar a que foi analisada por Muniz e Rodrigues (2003) sobre as “*alocadas*” e os “*excedentes*” no processo de exclusão de duas empresas que também passaram por processos de mudanças (a primeira, uma empresa privada de um grupo anglo-holandês e a segunda, o Banco do Brasil já aqui mencionado), em que recorrem a Turner (1974:117):

“As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, naquelas sociedades que ritualizam as transições sociais e culturais. Assim a liminaridade freqüentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua” (apud. Muniz e Rodrigues, 2003:391).

Nesse tempo liminar, um eterno presente, Nilton e Maria foram abatidos pela doença e pela sensação de morte. Pois somado ao caráter individualizado da decisão, esta tinha que ser tomada no contexto em que percebiam as mudanças, de autoritarismo, de pressões e do medo. Nesse sentido, a passagem esteve circunscrita à cultura do terror e ao espaço da morte que se configurava naquele período. Assim Nilton refere-se:

“[Os demissionários]Escolheram em termos. Escolheu porque a hora que viu que não era essa filosofia de vida, eu prefiro sair! Porque a agressividade era muito grande.”

Nilton desligou-se através do PDV, mas como ele mesmo relata foi forçado pelo seu superior a tomar tal decisão:

“Mas palavras dele, palavra dele, no último dia de assinatura que eu poderia aderir ao PDV: ‘Eu já vi quanto você vai receber. É um bom dinheiro. Nós vamos ter problema lá no futuro. Vou pedir pra você analisar melhor, mas eu acho bom você assinar.’ Ou seja, eu estou te mandando embora! O que ele me disse: eu não preciso mais de você!... E como eu posso te mandar embora e te pagar só o que você tem de direito, e se você assinar o PDV, além dos direitos, você vai receber um outro incentivo pra demitir. Então, é melhor que você assine agora! E como eu já vinha debilitado, não dormia, não tinha outro jeito! Eu já estava fazendo tratamento pro coração!”

Por isso, Nilton avalia que o seu desligamento, podemos dizer, o seu ritual de passagem, foi traumático:

“No meu caso específico, foi uma ruptura bruta, bruta, foi drástica, um certo ponto foi cortado o cordão umbilical, e falou assim: ‘Agora vai viver!’”

Maria não assinou o PDV, embora conta que tivesse sido também forçada pelos seus superiores para isso, pois ela estava aguardando o tempo para se aposentar. Mas isso significou permanecer na sua agência entre adaptar-se à nova empresa e viver sob pressão:

“Eu me dei bem [No Santander]. É aquilo que eu falei pra você: eu sou o tipo de pessoa que dança conforme a música. Você tá entendendo? É aquilo que eu falei pra você: eu não ia... eu jamais sairia no PDV e eu só me aposentei porque começou a ficar... O ambiente começou a ficar terrível pra mim. Eu não gosto de pressão... Apesar de eu ter ganho prêmio e tudo, mas chega uma época que você não vende nada! E você tem que vender! Não é verdade?”

Por isso, Maria finaliza o seu ritual de passagem decidindo-se antecipar sua aposentadoria, explicando:

“[Decidi] ir... me aposentar? Ah, por causa disso! Eu já tava cansada de chegar no banco e ver os meus amigos sofrendo e pressão daqui, pressão de lá... Sete e meia da manhã todo dia, aqueles gerentes lá e... o gerente geral ... ferrando os gerentes, que os gerentes tinham que chegar e ferrar os...os supervisores e os supervisores vinham em nós... e vinham nos estagiários... com tudo!”

Mesmo considerando que sua decisão se dá no mesmo contexto da cultura do terror em que Nilton foi desligado, contudo, de forma diferente, a decisão de Maria finaliza o seu

ritual de passagem como um ato de libertação, uma afirmação da vida, em oposição ao espaço de morte que viveu no banco nos últimos tempos, como conta:

“Ah, meu amigo! Eu fui pra lá [no INSS para requerer sua aposentadoria] e foi uma benção. Nossa! Na hora que ela bateu e eu olhei assim Óh, me deu um... me deu um alívio! Sumiu todo aquele cansaço! ... Eu... eu me senti aposentada! Eu enchi a boca e falei: ‘Mãe, eu tô aposentada! Eu sou a mais nova! [aposentada] do Fernando Henrique Cardoso!’, eu falei: ‘Eu tô aposentada, mãe! Que delícia!’. Eu vim dentro do ônibus e eu não via a hora de chegar em casa pra mostrar a carteira [com o carimbo de aposentada] pro Grozzi, mostrar a carteira... Ah, eu me libertei! Mas que nem eu falo: eu me libertei com aquela sensação de dever cumprido.”

Os rituais de passagem de Nilton e de Maria consumaram-se através dos seus desligamentos, quando saíram da situação de liminaridade que tinham sido colocados. No entanto, essa passagem deve ser compreendida no contexto da cultura do terror e do espaço da morte que eles relataram. É nesse contexto que ocorreram os rituais de passagem de Nilton e de Maria, que pôde ter sido semelhante ao de outros banespianos⁷².

Todavia, é necessário fazer a mesma indagação sobre o Banespa que Rodrigues (2004) realiza no decorrer de sua análise sobre as metáforas de morte e de vida no caso do Banco do Brasil:

“Cabe então perguntar se o Banco do Brasil, que encarnava a figura do pai, marido, amante e filho, e por meio dessas figuras a própria nação, enterrou definitivamente seus mortos, viveu ritualmente o luto e as exéquias, expressou o pesar pelas perdas sofridas, já que os ritos da morte afirmam a perenidade do grupo e afastam o fantasma do aniquilamento?” (Rodrigues, 2004:230).

O que sei é que Nilton e Maria realizaram, individualmente, os seus lutos fora da empresa. e, dessa forma, não foi consumado um luto coletivo vivido na empresa. Pode-se dizer que a empresa não enterrou ritualmente os seus mortos, pois, se houve o espaço da morte na

⁷² Grozzi saiu em um PDI após um traumático período em que trabalhou, sob constante pressão, como tesoureiro de agência, quando alternava períodos de depressão e de medo, inclusive o de ser demitido sumariamente a qualquer momento, o que implicaria na perda de seus direitos já adquiridos.

Rita saiu em um PDI da agência de Santa Bárbara, sendo anteriormente preterida no desejo de promover-se à gerente de negócios e posta, depois de anos de experiência profissional no banco, como atendente de fila dos caixas da agência. Como ele mesma disse, ela saiu movida pela mágoa.

empresa, na lógica das mudanças, não houve espaço para ritualizar o luto, já que, segundo essa mesma lógica, é o próprio indivíduo quem escolheu sua morte⁷³.

Além disso, talvez seja estratégico para a empresa não enterrar coletivamente os mortos porque os que permaneceram devem trabalhar sempre pensando na possibilidade da morte, trazendo a sua mente diuturnamente a idéia posta pela empresa: “*você teve a chance de continuar, mas talvez você não permaneça*”, como aponta Enriquez (1999:78). Provavelmente, como uma forma da empresa perpetuar a cultura do terror e o espaço da morte, onde os mortos devem rondar como fantasmas na memória dos que ficaram. Como exemplarmente Nilton fala sobre sua relação com quem os ficaram no Santander-Banespa depois de sua saída:

“Esquece! Sumiu tudo! Sumiu tudo! E eu vi assim, em um primeiro momento, quem saiu comigo, foi cuidar da vida, mas quem ficou, eu não posso ligar pra ele, porque ele, teoricamente, caiu em desgraça porque ele saiu do banco, eu posso ter contato com ele e eu posso cair em desgraça também, eu posso perder o emprego também! Então, eu não posso ligar pra ele”

Nilton e Maria realizaram seus lutos individuais fora do Banespa. E assim eles foram ritualizando a morte, consumando as perdas coletivas e as mortes individuais que vivenciaram no contexto das mudanças do Banespa. Dessa forma, puderam realizar o seu ritual de passagem e encontrar a vida que se repõe diante da morte.

(Re)nascimentos e narrativas

No decorrer das entrevistas, Nilton e Maria contam sobre suas vidas que levam fora do Banespa, suas angústias e conflitos, seus projetos e desejos no momento em que vivem hoje. Da morte imposta pela lógica do capital em que se processaram as mudanças do Banespa, eles vivem seus renascimentos. E, com isso, eles aproximam a morte e a vida.

⁷³ Elias (2001) ao analisar a exclusão social da morte e dos moribundos no contexto processo civilizador contemporâneo revela que o ato morrer esvazia-se na vida social, pois a morte passa a ser um problema “*que as pessoas devem resolver entre si e para si*” (Elias, 2001:36), e isso explica o esvaziamento do significado dos rituais em torno da morte. Podemos dizer que esse contexto também explica porque a empresa, tomando o desligamento como metáfora da morte, não realizou o luto coletivo.

Assim, eles constroem no tempo presente seus lugares, mesmo que já não façam parte de um grupo sócio-profissional que permitiu, no passado, a construção de vínculos identitários e a sua constituição como sujeitos. Fora do Banespa, individualmente, relatam suas experiências em outros espaços de sociabilidade que vêm permitindo (re)construírem a si nesse momento. Nilton relata suas experiências recentes com o trabalho – e a sensação da falta dele – e com os negócios e com a família e a faculdade de Direito. E Maria vem reconstruindo outras comunidades afetivas na família, na Igreja e na vizinhança⁷⁴.

Mas, mesmo fora do Banespa, esses (re)nascimentos são mediados pelo mundo do trabalho. Eles recuperam hoje, em outro contexto, suas experiências no Banespa, pois essas ainda são referências para construir suas novas redes de sociabilidades e se identificar nelas a partir do que experienciaram e aprenderam no banco. Dessa forma, Nilton diz o que significa ainda adicionar um sobrenome “*Banespa*” ao seu nome próprio:

“Aí, você passa muito tempo falando assim: o Nilton do Banespa! Nilton do Banespa! O Joaquim do Banespa! O Ricardo do Banespa! Maria Júlia do Banespa! João do Banespa! Você tem uma família muito grande. Você identifica. Fala aí: olha aquela pessoa se identifica com aquele grupo de pessoas. Que no geral são pessoas conceituadas, são pessoas boas, são pessoas de boa índole, de boa formação e principalmente honesta, que é a dificuldade hoje no mercado, você trabalhando com alguém, fazendo alguma coisa com alguém saber se é honesto ou não. O ‘do Banespa’ aí era o Sr. Honesto, a honestidade.”

E, Maria diz que ainda não se desfez dos afetos que construiu no banco, referindo-se à continuidade desses na sua vida atual:

“Do banco assim... será que eu cheguei a me desfazer? Porque eu amo as pessoas que estão lá ainda! Eu deixei gente muito... Eu deixei gente legal ainda! Nossa! Eu deixei [...]. Ah, eu não me desfiz de nada! É aquilo que eu falo pra você: mas o amor caminha!”
[Grifo nosso]⁷⁵

Analisemos, contudo, o que dizem as narrativas biográficas sobre o contexto de mudanças do Banespa. Se as narrativas de Nilton e de Maria são a forma na qual construíram suas vidas no tempo e no espaço, rememorando e situando quem eles foram através de suas

⁷⁴Grozzi vive, hoje, consertando máquinas, envolvendo em questões familiares e na construção de sua casa nova. E Rita montou um buffet de festas de aniversários com o seu marido em Sumaré, dedica-se aos filhos pequenos e cuida de seu marido que tem uma doença crônica.

experiências, entendo que essa construção é mediada pela lógica cultural, formada historicamente ao longo de suas trajetórias através de suas redes de sociabilidade no e entre o trabalho. Essa lógica cultural foi re-elaborada à medida que narraram suas histórias de vida, que são particulares e, ao mesmo tempo, referem-se a uma história coletiva, de uma identidade sócio-profissional e à categoria bancária, revelando também uma condição de classe que está posta nas narrativas.

Podemos compreender as mudanças do Banespa através dessa lógica cultural contrapondo-a à lógica do capital, aquela submete o trabalho e impõe mortes. O que a lógica cultural dos sujeitos informa é sobre a forma abrupta e autoritária em que ocorreram as mudanças, particularmente sob a gestão do Santander, no contexto de cultura do terror e do espaço da morte.

Assim como também informa que é possível dar uma resposta a esse contexto através dos (re)nascimentos. Porque a lógica cultural é processual e, no contexto das mudanças, encadeiam ao mesmo tempo a morte e a vida. Desse modo, podemos analisar o significado da lógica cultural dessas mudanças entre vida e morte a partir de Sahlins (1990) que, ao aproximar estrutura, evento e história, mostra que a estrutura está sempre posta em risco na ação, quando novos significados podem ser conferidos aos mesmos elementos simbólicos. Assim nos orienta Sahlins: *“No final, quanto mais as coisas permaneciam iguais, mais elas mudavam, uma vez que tal reprodução de categorias não é igual”* (Sahlins, 1990:181). Nesse sentido, entre estrutura e processo, entre vida e morte, Nilton e Maria encontram uma outra vida e, assim, renascem.

Tudo isso contraposto à lógica do capitalismo contemporâneo que rege o processo de mudanças no Banespa, que tem como pressuposto a homogeneização cultural e o individualismo ao desconsiderar as particularidades identitárias e os sujeitos no contexto da reestruturação capitalista globalizada. As narrativas permitem que consideremos, contextualmente, a ação dos sujeitos diante desses processos, que (re)constroem identidades coletivas e individuais, como pessoas no sentido maussiano. E concluo juntamente com Sodré (1988):

“É certo que o capitalismo pretendeu sempre agir como lei de organização absoluta do mundo, como poder centrifugador das forças arcaicas tradicionais, fazendo-as convergir para os cânones da individualização e transformando as pulsões, as energias, em força de trabalho. Mas é certo sempre houve uma grande distância entre o que se diz e o que se faz, entre representação e o referente, entre interpretação e o real.” (Sodré, 1988:108)

⁷⁵ Rita diz que seu desempenho nas atividades do buffet é facilitado pelo à sua experiência anterior no Banespa, quando sempre organizava festas de aniversários e confraternizações para os funcionários de sua agência.

Contudo, a lógica cultural é re-elaborada quando os sujeitos narram. Quando propus que Nilton e Maria narrassem suas histórias foi a partir do contexto de mudanças do Banespa que eles construíram suas narrativas. Elas compõem um relato em que, por oposição ao processo recente de perdas e mortes que viveram, eles afirmaram a si como sujeitos.

É assim que Nilton considera o sentido de narrar sua vida, que o faz como um palestrante, referindo-se a minha pesquisa:

“Eu não sirvo pra nada. Pra nada do que? Pra nada do que nós estamos fazendo. Pra nada do que nós estamos falando. Pra nada do que você precisa, do nada que eu preciso. Naquele momento, você não me serve mais, eu não te sirvo mais... pra que?” [Grifo nosso]

Tal como, para Maria, a sua narrativa é também uma forma que encontrou para afirmar-se através de seus afetos, uma vida narrada entre amores, amizades, companheirismos, compaixão, quando passei a fazer parte de sua comunidade afetiva no momento da pesquisa⁷⁶.

Dessa forma, Nilton e Maria constituíram uma narrativa afirmando-se a si, como sujeitos, construindo relatos que contrapõem à forma autoritária em que ocorreram as mudanças do Banespa e o seu desligamento. Trata-se, antes, de um contra-discurso à lógica do capital que pretende sucumbir o sujeito à produção e a troca de mercadoria. Um discurso de denúncia e de resistência que, através de suas próprias histórias, mostra o modo particular como viveram e sobreviveram a esse processo. Foram essas outras histórias que eles narraram, supondo que eu, como ouvinte, aqui as recontasse.

Na verdade, construíram uma narrativa onde se colocaram, através de suas próprias experiências, como guerreiros e heróis, como em um poema épico. Entre tempos, lugares, fatos, pessoas e personagens compuseram um enredo através de emoções, reflexões,

⁷⁶ Grozzi, por vezes, disse-me de sua dificuldade de narrar sua vida. Seu esforço, contudo, foi o manter as entrevistas que agendamos, mesmo que isso o colocasse em contato com a tristeza, a que associa à depressão: “Eu... às vezes até comentando aqui, a gente batendo um papo, esse papo assim, você sabe que começa a voltar isso aí e você sabe que, às vezes... eu começo até a me arrepender de ter de fazer [a entrevista] É! A Maria fala: ‘Bem, agora você já fez, você já marcou com ele, você devia ter falado não na hora que ele telefonou no primeiro dia! Agora você termina!’ Sabe que começa a me dar umas regressões nessas histórias e eu começo... e você sabe, eu estive conversando com pessoas que... quando você tem esses problemas depressivos, que eu achava assim que era uma coisa de fresco, mas não é!”. Entre o ato de narrar e a sombra da depressão, Grozzi preferiu levar adiante, generosamente, sua narrativa até o momento que pudemos realizar este trabalho. Portanto, trata-se de uma afirmação da vida diante da depressão, do sofrimento e da morte.

imagens, pensamentos, desejos e significados acerca das experiências que viveram, escolhendo a forma de narrá-las.

Tal como eu entendi, escolheram, nesse enredo, afirmar suas vidas, e não a morte e o sofrimento - do capital - ainda que estes estejam presentes. E assim, ao fazê-lo, transformaram a morte e o sofrimento nas suas narrativas - na palestra de Nilton e nas lembranças afetivas de Maria - em poesia, como uma metáfora da própria vida.

CAPÍTULO 5

A EXPERIÊNCIA E A VIDA

Uma narrativa teórica

Tal como desenvolvo ao longo deste trabalho, as narrativas biográficas de Nilton e de Maria a um só tempo possibilitam: informar sobre contextos sociais, evocar subjetividades distintas e revelar a dimensão do meu encontro com eles. Ao longo das narrativas, Nilton e Maria construíram suas experiências em um tempo e espaço próprios, e se constituíram como sujeitos no contexto de mudanças do Banespa.

Uma narrativa biográfica, contudo, é um entrelaçamento de experiências vividas e evocadas pelos sujeitos quando tecem suas histórias. Dessa forma, considero aqui a noção de experiência como epistemologicamente central nas narrativas biográficas de Nilton e de Maria.

Mas quais são as implicações que decorrem ao se tomar a vida como uma experiência para a construção de um conhecimento sobre o mundo do trabalho e das mudanças desse mundo? Em que medida as narrativas biográficas de Nilton e Maria são “*boas para pensar*”, para utilizar uma clássica expressão de Lévi-Strauss, quando se refere ao mito nas sociedades tidas como selvagens?

Duas implicações epistemológicas podem ser postas. A primeira, a de que a experiência, vivida e narrada, consiste em um processo de aprendizagem dos sujeitos construído nas esferas de sociabilidade e da cultura. E a segunda implicação epistemológica trata-se da intersubjetividade, aquela que se estabelece entre os sujeitos, que vivem e narram suas experiências, e o pesquisador.

A experiência, a aprendizagem e a intersubjetividade estão imbricadas. Quando se apresenta a dimensão da aprendizagem, pode-se pensar que a experiência intersubjetiva situa a construção das narrativas na fronteira entre saberes distintos: a dos sujeitos que narram sua experiência de vida, e o meu saber ancorado no conhecimento científico e na minha própria experiência biográfica.

Reflito, juntamente com as narrativas de Nilton e de Maria, acerca dessas implicações epistemológicas que foram aqui apontadas, para construir o que denomino uma narrativa teórica que possibilita pensarmos sobre algumas possibilidades analíticas que podem ser postas quando tomamos a vida como foco privilegiado de produção de conhecimento.

Entendo, que a noção de experiência encerra um processo de aprendizagem e uma dimensão intersubjetiva e autobiográfica presentes nas narrativas. Nesse sentido, é que as narrativas são pedagogias da experiência no mundo do trabalho.

Experiência, um termo presente

As narrativas biográficas formam uma tessitura de distintas experiências vividas e narradas por Nilton e Maria. A suas histórias construíram emoções, reflexões, imagens, reflexões, pensamentos, desejos e significados acerca de suas vidas - enfim, experiências vividas - em fluxos de memórias da infância e da adolescência, da escola, da vida religiosa, do trabalho no Banespa, da família em tempos e lugares próprios.

Nesse sentido, a experiência esteve, o tempo todo, posta nas narrativas, tratando-se, pois, de um termo – epistemologicamente – presente, diferentemente da crítica que Thompson (1981) faz sobre a ausência do termo nas análises do estruturalismo marxista, sobretudo de Althusser⁷⁷. Assim, Thompson (1981) define esse termo ausente, a experiência:

“Os homens também retornam como sujeitos, dentro desse termo – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua ‘consciência’ e ‘cultura’ (as duas expressões excluídas da prática teórica) das mais complexas maneiras (sim, ‘relativamente autônomas’) e em seguida (muitas vezes mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.”
(Thompson, 1981:182)

Se a experiência é um termo presente nas narrativas, as subjetividades constituídas nas narrativas de Nilton e de Maria através de suas experiências vividas evocam, tal como Thompson entende o conceito da experiência, a sua condição de classe na medida em que,

⁷⁷ Esse autor desenvolveu essa categoria para analisar a formação da classe operária inglesa, entendendo “classe”, como um fenômeno histórico decorrente das relações humanas, portanto, da experiência e da consciência de que são compostas essas relações (Thompson, 1987).

como sujeitos, agem e se posicionam diante de situações determinadas pelas condicionantes estruturais de um tempo e espaço⁷⁸. Pensemos um pouco mais, a partir da noção de experiência de Thompson, nas relações entre subjetividade/ação e estrutura/condicionamento que está subjacente a essa noção (Leite, 1994).

A noção de experiência implica em considerar as mediações entre o sujeito e a sociedade. Nesse sentido, para Dubet (1996), a experiência “*é uma atividade cognitiva, uma maneira de construir o real e, sobretudo, de o verificar, de o experimentar*” e “*constrói fenômenos a partir de categorias do entendimento e da razão, é uma maneira de construir o mundo*” (Dubet, 1996:95). Assim, aproximando-se de Thompson, para Dubet a experiência é um agenciamento do sujeito, um momento da subjetividade diante do mundo social, entendendo-a “*como uma atividade social gerada pela perda da adesão à ordem do mundo, ao logos*” (p. 101). Todavia, ela “*não é expressão de um sujeito puro mas é socialmente construída*” (p. 103), pois somente “*é reconhecida pelos outros, eventualmente partilhada e confirmada por outros*” (p. 104). Portanto, “*essa subjetividade não é pura questão individual*” (p.99).

Mas, a noção de experiência implica também em rupturas. Para Dubet, a experiência social é crítica porque implica num trabalho reflexivo do sujeito diante do papel das normas sociais. Quando explica, quando justifica suas atitudes diante dos outros, o sujeito reflete sua experiência. Segundo o autor: “*Por outras palavras, os atores não vivem na adesão imediata e no testemunho puro, pois reconstroem sempre uma distância em relação a eles próprios. O trabalho reflexivo é tanto mais intenso quanto os indivíduos se acham em situações que não são inteiramente codificadas e previsíveis*” (Dubet, 1996:106). Dubet assim conclui que a experiência é subjetiva e social, e também crítica.

Desse modo, as experiências vividas por Nilton e Maria são, antes de tudo, uma reflexão acerca do contexto social, ainda que essa idéia implique em já considerar a forma como essas experiências vividas são postas: elas são experiências narradas. Discuto isso mais adiante. O que é importante agora frisar é que as narrativas biográficas revelam experiências vividas que são, ao mesmo tempo, no sentido de Dubet, subjetivas, sociais e críticas.

⁷⁸ Entendo, contudo, que essa condição, a de classe, não se sobrepõe a outros vínculos identitários que se apresentam nas narrativas e que não estão necessariamente relacionados às “*situações e relações produtivas*” que Thompson menciona, uma posição análoga a de que Scott (1999) faz à teoria de Thompson: “*Quando a classe se torna uma identidade mais importante, outras posições de sujeito são ignoradas, como as de gênero, por exemplo, ou, em outros exemplos desse tipo de história, raça, etnia e sexualidade*” (Scott:1999:35)

Contudo, as narrativas biográficas permitem “*historicizar a experiência*” a partir do que propõe Scott (1999):

“Precisamos dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. A experiência, de acordo com essa definição, torna-se não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la, assim como as identidades que ela produz.” (Scott, 1999:27)

Portanto, para a autora, “*a experiência é a história do sujeito*” (Scott, 1999:42). Partindo dessa perspectiva, entendo que as narrativas biográficas aqui apresentadas constroem os sujeitos, Nilton e Maria, através de suas experiências vividas, configurando suas identidades pessoais e coletivas, sobretudo a banespiana. Isso é diferente de pensar que Nilton e Maria são sujeitos, exemplarmente, construídos aprioristicamente por essas identidades, uma posição que vai de encontro à crítica de Bourdieu (1996) de que uma vida não tem um sentido único – tal seria uma ilusão biográfica. Porque, acredito, seria analiticamente também ilusório entender as vidas de Nilton e de Maria a partir de uma construção identitária, seja a banespiana, seja a de uma classe social. Ao contrário, as suas vidas - experiências vividas - constroem essas identidades ao longo do tempo.

As narrativas biográficas são, portanto, construções de experiências e de sujeitos que nelas se posicionam e se constituem. Mas, tratam-se de experiências vividas que são narradas por Nilton e por Maria. Tal como Bruner (1986), que entende que o conceito de experiência incorpora a forma como ela se expressa, as narrativas biográficas são as formas como a experiência é contada, a sua expressão⁷⁹.

Aqui é preciso pontuar a discussão entre a experiência vivida e a que é narrada. Kofes (2001) entende que “*a narrativa, se não espelha a realidade a configura, e, finalmente suscita experiência*” (Kofes, 2001:125). E isso abre, segundo Kofes (2001), para uma discussão acerca da correspondência entre uma “*vida como é vivida*”, “*uma vida como*

⁷⁹ Partindo da hermenêutica de Dilthey, Bruner (1986) faz a relação entre experiência e suas expressões: “*The relationship is clearly dialogic and dialectic, of experience structures expressions, in that we understand other people and their expressions on basis of our own experience and self-understanding. But expressions also structure experience, in that dominant narratives of a historical era, important rituals and festivals, and classic works of art define and illuminate inner experience. As we well know, some texts are more intense, complex, and revealing than everyday experience and thereby enrich and clarify that experience. More simply put, experience is culturally constructed while understanding presupposes experience.*” (Bruner, 1986:6).

experiência” e “*uma vida como é contada*”, ou seja, uma “*narrativa influenciada pelas convenções culturais do contar, pela audiência e pelo contexto social*” (p. 153-154). Já, Ricouer (1991) remete para a constituição de uma identidade narrativa, que revela uma identidade do personagem estruturada na narrativa através da construção em um si (mesmidade) e um “*outro-si*” (ipseidade).

Consideremos as narrativas biográficas de Nilton e de Maria a partir das discussões de Kofes (2001) e de Ricouer (1991).

Nilton e Maria são narradores que contam suas histórias de vida para se afirmarem como sujeitos no contexto de mudanças do Banespa. Como vimos, eles constroem, nas suas estruturas narrativas, a si mesmos, como sujeitos, simultaneamente em que fazem uma afirmação de si diante do contexto em que representam a morte no processo de mudanças do Banespa. Assim o fazem, estruturalmente nos relatos, entre experiências vividas e narradas. Tal como narradores benjaminianos, pretendem mostrar uma “*lição de vida*”, para eu que a ouvisse.

Suas narrativas são relatos que têm por objetivo construir um discurso de denúncia e de resistência diante das arbitrariedades que, nas suas percepções, a eles foram impostas no processo de mudanças do Banespa. Suas narrativas são uma forma de mostrar como não sucumbiram a esse processo. Ao espaço da morte, eles respondem à vida.

Dessa forma, suas narrativas configurariam um cronotopo literário tal como um romance de aventuras e provações, tal como Bakthin (1990) refere-se ao romance grego. Esse outro cronotopo das narrativas justapõe-se ao que foi construído e aqui analisado⁸⁰. Nesse outro cronotopo, construíram a si mesmos e também “*um outro si*”, no sentido de Ricouer (1991), como personagens de uma epopéia, como guerreiros e heróis, em que eventos tornam-se aventuras, e sofrimentos e mortes dão lugar à afirmação da vida.

Foi dessa forma que construíram suas histórias de vida, em que entrecruzaram suas experiências vividas e as experiências tal como são contadas, histórias que eles supuseram que eu aqui as recontasse ao escrever esta tese.

Assim, está posto a experiência como um termo - epistemologicamente-presente nas vidas e nas narrativas biográficas de Nilton e de Maria.

⁸⁰ Ricouer (1991) entende que “*as narrativas literárias e histórias de vida, longe de se excluírem, completam-se, a despeito ou por causa do contraste*” (Ricouer, 1991:193).

Aprendizagens entre o vivido e o narrado

Ao se tomar a experiência, vivida e narrada, nas narrativas de Nilton e de Maria, estabeleço uma primeira implicação epistemológica: a de que a experiência consiste em um processo de aprendizagem. As narrativas biográficas de Nilton e de Maria evidenciam histórias em que eles experienciaram e aprenderam no contexto do mundo do trabalho.

Parto da idéia de que a aprendizagem se dá no espaço da sociabilidade humana e da cultura. Segundo Simmel (1983), a sociabilidade é *“uma forma autônoma ou lúdica de sociação”* enquanto uma possibilidade de se constituir uma *“interação plena entre iguais”*. Nessa interação, os indivíduos são motivados tanto por *“seus propósitos e conteúdos objetivos”*, quanto *“por aspectos subjetivos e inteiramente pessoais”* que são os *“limiars da sociabilidade”* (Simmel, 1983:171).

Na perspectiva de Simmel, para Gusmão (1999), o campo da aprendizagem tem como elementos centrais a sociabilidade humana, mais que a socialização no sentido durkheimiano, ao que agrega a cultura: *“trata-se de um território comunicante e interativo, locus de mediação entre individualidade e sociedade, entre expressão e identidade, cuja relação é possibilitada pela cultura como esfera social propiciadora de trocas e capacitadora de diferentes tipos de vida”* (Gusmão:1999:52). Dessa mesma forma, o antropólogo Vieira (1995) entende que o processo educativo está mediado pela *“mentalidade”* ou *“mente cultural”* que *“constitui um sistema de referências de um grupo”* e é construída por todas *“as experiências da vida social e pelas opções que se tomou ao longo do percurso biográfico.”* (Vieira, 1995:127)

Assim, a experiência vivida é um *locus* em que podemos pensar a aprendizagem construída na esfera da sociabilidade e da cultura. Ainda, se pensarmos que a noção de experiência também implica em rupturas e (re)posicionamentos dos sujeitos diante do mundo, tal como refere Dubet (1996), e que a *“experiência é a história do sujeito”*, no sentido de Scott (1999), entendo que a experiência vivida é uma aprendizagem na qual o sujeito refaz o seu mundo e, ao mesmo tempo, (re)constrói a si mesmo.

Desse modo, entendo que as experiências vividas de Nilton e Maria evidenciam um processo de aprendizagem na medida em que evocam sentimentos, emoções, reflexões, imagens, reflexões, pensamentos, desejos e significados no contexto de mudanças do mundo do trabalho. Trata-se de uma aprendizagem que se configura nas esferas de suas sociabilidades, no

seu trabalho no banco, na família, na Igreja e na escola, onde eles foram se posicionando como sujeitos ao longo do tempo.

Contudo esse processo de aprendizado se reconfigura quando a experiência vivida é narrada. A narrativa de uma vida supõe a reflexão sobre ela, que se apreende quando se narra. Vieira (1995) entende que o sujeito realiza um exercício de reflexão sobre si ao construir uma história de vida, aproximando-se do conceito de reflexividade de Giddens (1991)⁸¹, e, com isso, realiza uma aprendizagem⁸².

Compartilho com as idéias de Vieira quando penso nas narrativas de Nilton e de Maria. No decorrer das entrevistas, em vários momentos, percebi que eles constroem suas narrativas e realizam uma re-elaboração constante sobre o que viveram. Nesse momento, eles fazem uma reflexão sobre o vivido, o que permite que refaçam o seu mundo e se reconstruam nele como sujeitos. Portanto, com a experiência narrada, eles também aprendem. Busquemos alguns momentos em que isso se evidencia nas narrativas.

O processo traumático que Nilton vivenciou no banco quando sofreu um processo de aniquilamento foi re-elaborado em decorrência do próprio ato de narrar sobre ele, em toma uma outra posição em relação a si próprio:

“Eu não posso ser tão inútil a ponto do cara me descartar desse jeito. Mas se ele está me descartando, então eu não presto pra nada, não sirvo pra nada, não sou nada! Então, em um primeiro momento, pela debilitação, pelo conjunto de situação, é melhor aceitar que eu não sou nada, e vou pra casa. E na realidade, você, por menos valor que você tenha, por mais inútil que você seja, algum valor você tem. Por mais zero que eu tenha chegado ali, no mínimo eu era marido, eu era pai, tinha uma casa pra cuidar. Por mais que eu quisesse ver ali, eu não via nem isso! Nem a própria casa eu não conseguia ver!”

⁸¹ Giddens (1991), ao conceituar o que chama de “modernidade tardia”, identifica a questão da emergência do indivíduo, afirmando que esse contexto permite ao “self” (eu) a condução de sua própria biografia através da sua constante reflexão, ou seja, permite - um dos seus conceitos centrais em Giddens - a “reflexividade do eu”.

⁸² Nesse sentido é que Vieira (1996,1999) propõe o que chama de *método biográfico comparativo* para a formação de professores, que se apóia na reflexão biográfica, comparando-se diferentes histórias de vida. Esse método engloba três dimensões formativas: a “auto-análise biográfica”, em que o professor faz uma reflexão própria sobre sua biografia; a “emo-análise biográfica”, em que é levado a perceber as inter-relações entre o “eu” e o “nós”, construindo suas semelhanças culturais entre as histórias de vida do grupo (ou dos grupos) a que pertence; finalmente, a “antropo-análise biográfica” em o professor compara o “eu” e o “nós” a um “outro” aparentemente distante, que tem uma história de vida distinta relacionada a outros universos culturais que não são os mesmos que o do professor.

Tal reflexão sobre si, pode ser entendida como o resultado da construção da sua própria narrativa, em que ele mesmo considera:

“Eu não sirvo pra nada. Pra nada do que? Pra nada do que nós estamos fazendo. Pra nada do que nós estamos falando. Pra nada do que você precisa, do nada que eu preciso. Naquele momento, você não me serve mais, eu não te sirvo mais... pra que?” [Grifo nosso].

E Maria, ao ser indagada se o fato de não seguir a vida religiosa que poderia estar relacionado ao desejo de sua mãe que queria que ela tivesse profissão, família e filhos, ela responde, em sobressalto, refletindo sobre isso e sobre a própria experiência de narrar:

“Nossa, depois de quarenta anos, eu pensar isso daí, agora você me pegou, hein?...: A minha mãe falou isso aí, será que não foi o que pesou?Menino, você não pode fazer isso comigo. Nossa, será que eu estou tirando essas coisas da minha cabeça agora, será que as minhas culpas estão saindo? Verdade... Será que eu queria uma coisa e também queria por ter decepcionado [sua mãe]... olha, verdade....”⁸³

A aprendizagem a partir da experiência narrada permite que situemos, analogamente, ao que Iturra (s/d) considera sobre um processo de aprendizagem, que é “*um descobrir, criando uma relação de comunicação*” (Iturra, s/d:31). Uma aprendizagem que, ainda segundo Iturra (s/d), não dissocia a razão e a emoção já que ambas são constitutivas do aprender. Nesse sentido, as narrativas, ao criarem a possibilidade de comunicação, entre a razão e a emoção, no sentido de Iturra, possibilitam a aprendizagem.

Mas tudo isso se dá no momento do encontro entre os sujeitos e eu, como pesquisador. É sobre essa relação que discorro a seguir.

⁸³ Rita refere-se ao que foi aprendendo ao viver ao narrar os fatos de sua vida e, por fim, filosofa: “... *Aí eu senti todo o arrependimento do que eu tinha... a situação que eu tinha criado: eu não devia ter vindo embora para [a agência de] Sumaré, eu devia ter ficado em Santana, então lá eu devia ter me transferido para outra agência, tanto que o pessoal daqui de Sumaré sempre me pediu: volta para Sumaré, vem aqui conosco, em pouco tempo de [...], se você tivesse vindo para cá você nem tinha saído do Banespa, fazia o buffet aqui mesmo, tinha sido tudo muito fácil. Mas eu não quis porque eu não queria morar em Sumaré. São aquelas coisas que você comete na vida e depois se arrepende, mas pelo menos você fez, não é? Se arrepender do que fez, não do que não fez.*”[Grifo nosso]

Intersubjetividade e autobiografia

Há uma segunda implicação epistemológica ao se tomar, analiticamente, as noções de experiência e de aprendizagem para compreender as narrativas biográficas: trata-se da intersubjetividade, aquela que se estabelece entre os sujeitos que narram e o pesquisador, em que se configura um ato dialógico, no sentido que atribui Cardoso de Oliveira⁸⁴.

Considero que este trabalho foi construído a partir de uma dimensão intersubjetiva na medida em que se interpõe, na pesquisa e no processo de construção do conhecimento, a minha própria biografia que esteve o tempo todo presente na construção das narrativas biográficas dos sujeitos.

Na perspectiva da Antropologia, a relação do pesquisador com o Outro tem sido problematizada sobretudo a partir da interação que se estabelece no trabalho de campo, como propõe Grozzi (1992) ao “*pensar a diferença como inerente à própria relação subjetiva que vai marcar indelevelmente cada Trabalho de Campo, experiência marcada pela biografia do autor*” (Grozzi, 1992:8) Nesse sentido, Smith (1993), ao problematizar o conceito de sujeito nas narrativas biográficas, utiliza a expressão “*sujeitos colaboradores*” para falar intersubjetividade que marca a presença do autor no texto em que “*Often their stories emerge through acts of collaborattion that bring togheter who narrates her or his story orally and another subject who collects, transcribes, organizes, and edits that story*” (Smith, 1993:398). Discutamos mais as relações entre autor e o sujeito biografado⁸⁵.

Okely (1992) problematiza a questão da subjetividade ao estabelecer relações entre antropologia e a autobiografia. Nesse sentido, propõe que o antropólogo esclareça sobre sua experiência de campo e exponha sua posição de uma forma crítica através da prática de reflexividade⁸⁶. Ao exercitar essa prática, o antropólogo enuncia sua condição na pesquisa de campo assim como no processo de produção do conhecimento, tecendo considerações sobre como ele se modifica e é modificado pela pesquisa, numa perspectiva autobiográfica.

⁸⁴ Tal ato dialógico trata-se da “ *fusão de horizontes*”: “*o que significa que [na relação dialógica] o outro é igualmente estimulado a nos compreender. Isso ocorre graças à ampliação do próprio horizonte da pesquisa, incorporando, em alguma escala, o horizonte do outro.*” (Cardoso de Oliveira, 1998: 68).

⁸⁵ Ver também para uma discussão sobre a autoria Geertz (1989) e Caldeira (1988).

⁸⁶ Callaway (1992) apresenta uma definição de reflexividade na prática antropológica como “*in its narrower focus, as the self-reflection anthropologist engaged in the interpersonal relations of fielwork and, in its broader sense, as a searching pobe of the discipline itself, questioning the consitions and modes of producing knowledge about other cultures*” (Callaway, 1992:32)

Permito-me realizar aqui essa prática reflexiva sobre o resultado do meu encontro com os sujeitos desta pesquisa nessa perspectiva autobiográfica para ampliar, então, a análise sobre as noções de experiência e de aprendizagem.

Antes de me dedicar à carreira acadêmica, eu trabalhei em um banco tal como os sujeitos desta pesquisa, como Nilton e Maria, que têm aqui suas vidas narradas. No início da década de 80, na minha adolescência, trabalhei três anos como menor-aprendiz na agência do Banco do Brasil de Americana. Aprendi com essa experiência que lá tinham pessoas que eram realmente bancários, mas havia aqueles que “*estavam*” bancários, pois eram advogados, músicos, engenheiros, professores de formação e que tiveram um dia suas carreiras interrompidas quando ingressaram no Banco do Brasil. Uns eram mais realizados que outros na sua profissão, mas o banco dava-lhes uma carreira (até então) estável de um grande banco público, consolidada através de inúmeros direitos trabalhistas que, contudo, desviavam algumas vocações de carreiras e desejos não realizados de alguns de seus funcionários. Estava posto, já nessa minha experiência de trabalho no Banco do Brasil, os mesmos termos do “*provisório-definitivo*” que Romanelli (1978) verificou nos bancários do Banespa quase na mesma época.

Prestei um concurso interno e outro externo para me efetivar como funcionário de carreira no Banco do Brasil. Empenhei-me bastante para ser aprovado, pois era uma carreira muito valorizada pelo meu entorno social, principalmente para alguém como dezoito anos de idade, mas, para frustração de meus pais e familiares, não consegui ingressar no banco. Prestei, sim, o vestibular para a graduação em História, passei e segui outro rumo.

No entanto, depois dessa experiência, trabalhei ainda durante seis meses como contínuo em um banco privado, no antigo Banco Sul-Brasileiro (depois tornado Banco Meridional e, em 1998, incorporado coincidentemente pelo Banco Santander). Percebi inúmeras diferenças entre as condições de trabalho de um banco público e a de um privado, e que lá também tinham pessoas não que eram apenas bancárias. Nesse sentido, pude compreender quando Nilton e Maria referiam-se ao que significava trabalhar no Banespa em comparação com outros bancos.

Mais tarde, eu prestei concurso para o Banespa tal como os sujeitos dessa pesquisa. Contudo, diferentemente deles, quando fui chamado pelo Departamento de Recursos Humanos de São Paulo para o ingresso, resolvi desistir do emprego. Se Nilton e Maria tornaram

o que era provisório em definitivo com o trabalho no Banespa, eu fiz uma outra escolha. Decidi não seguir a carreira de bancário, mas sim prosseguir a carreira acadêmica.

Iniciei a carreira acadêmica realizando pesquisas de história oral no Centro de Memória da Unicamp. Desse tempo, não me esqueço das discussões sobre as técnicas de entrevistas e das implicações epistemológicas de seu uso e, principalmente, das reflexões sobre a memória. Essas discussões são as raízes remotas que, de certa forma, frutificaram na presente pesquisa quando construí as narrativas biográficas.

Dessas experiências com história oral, resultou no meu ingresso no Programa de Mestrado em Antropologia Social. No decorrer do curso, conheci a teoria antropológica e realizei uma pesquisa etnográfica, dedicando-me aos temas das identidades étnicas e das nacionalidades, assim como da memória, entre os descendentes de norte-americanos de Americana e Santa Barba d'Oeste. Realizei uma etnografia das festas que os descendentes organizam num cemitério local para celebrar os mortos e identificar os vivos, os norte-americanos (confederados), acionando lembranças e esquecimentos (Gussi, 1997). Anos depois, o tema da morte e da vida – e dos esquecimentos e das lembranças – e o das identidades, apresentaram-se, nas narrativas biográficas desta pesquisa num outro contexto, o do mundo do trabalho e dos bancários do Banespa, aparecendo talvez por acaso⁸⁷.

Ainda no período do mestrado, vinculei-me ao Projeto Temático "*Culturas empresariais brasileiras: estudo comparativo de empresas públicas, privadas e multinacionais*" no Depto. de Antropologia do IFCH, onde se constituiu um grupo de pesquisa cuja trajetória está ligada ao desenvolvimento de pesquisas etnográficas no universo das organizações, de que até hoje faço parte. Nesse grupo, trabalhei especificamente no desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica no Banco do Brasil S/A, que passava à época por um processo de reestruturação sob o impacto de um grande PDV⁸⁸. A experiência advinda dessa pesquisa, colocou-me em contato de novo com o universo bancário que eu já conhecia na adolescência, todavia com o olhar do pesquisador.

⁸⁷ Peirano (1992) discute o acaso na trajetória intelectual de alguns cientistas sociais, como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira assim por eles referidos em entrevistas quando não podem explicar porque se dedicaram aos temas que são até hoje reconhecidos em suas carreiras. Para a antropóloga, o acaso pode ser entendido como os "*eventos fundadores*" de suas vocações ou como flashes de intuição, concluindo que, do ponto de vista sociológico, eles podem ser analisados "*os imponderáveis da vida real*", no clássico sentido de Malinowski.

⁸⁸ O desdobramento dessa pesquisa resultou na tese de doutorado e no livro de Rodrigues (2004).

A minha trajetória nesse grupo de pesquisa e particularmente o trabalho que realizei no Banco do Brasil foram fundamentais para a escolha do universo de pesquisa que circunscreve hoje esta tese, o universo bancário.

Contudo, a escolha pelo Santander-Banespa associa-se também a uma outra experiência acadêmica, quando realizei estudos no doutorado no Programa “*Relaciones Interétnicas en América Latina: pasado y presente*” da Universidad de Sevilla/Universidad Internacional de Andalucía⁸⁹. Quando do meu retorno dessa viagem, decidi que minha pesquisa vincularia essa experiência que tive entre o Brasil e a Espanha. Tentativamente procurei delimitar melhor o meu universo de pesquisa, pensando em realizar um estudo sobre empresas espanholas que se estabeleciam no Brasil no fim da década passada. Para tanto, entrei em contato, por coincidência (e eu não sabia quanta coincidência seria tempos depois!), com um diretor do banco espanhol Santander, que havia adquirido o Banco Noroeste, para submeter uma proposta institucional de pesquisa vinculada ao grupo que participava no IFCH. Porém, o resultado foi nulo.

Em 2000, ingressei no Programa de Doutorado em Educação e, no fim desse mesmo ano, no dia 20 de novembro, ocorreu o leilão do Banespa, comprado por um banco de origem espanhola, o Grupo Santander Central-Hispano. Com esse evento, eu defini o universo de minha pesquisa: tratava-se agora de pesquisar o Santander-Banespa. Realizei inicialmente algumas pesquisas sobre a entrada do capital espanhol para o Brasil e desenvolvi uma aproximação etnográfica nesse universo, que em parte está incorporada neste trabalho (Gussi, 2001, 2004).

Contudo, a minha pesquisa sobre o Santander-Banespa tomou como foco central a construção de narrativas biográficas de ex-trabalhadores desse banco que passaram pelas mudanças decorrentes da privatização.

A abordagem biográfica esteve presente em vários momentos de minha trajetória acadêmica. Ela já existia nos estudos de história oral que realizava no Centro de Memória e foi um recurso metodológico utilizado em minha dissertação de mestrado onde construí histórias de vida de descendentes de norte-americanos. Retornei a esse tema cursando disciplinas no IFCH.

⁸⁹ Esse Programa de Doutorado compreendeu a realização de créditos concluídos no biênio 97/98 com a obtenção do “*Acreditación de Reconocimiento de la Suficiencia Investigadora*” através da apresentação pública do Projeto de Pesquisa “*Identidades y nacionalidades: estudio comparativo entre culturas empresariales brasileñas y españolas*”.

Como resultado de uma dessas disciplinas, concluí um trabalho sobre a utilização da abordagem biográfica nas Ciências Sociais, particularmente na antropologia, a partir da reflexão de um filme do diretor Woody Allen que acabou por se tornar uma ferramenta teórica e metodológica sobre a abordagem biográfica que, até então, não sabia exatamente como iria utilizá-lo⁹⁰. Apresentei-o em um fórum de pesquisa de uma Reunião da ABA - Associação Brasileira de Antropologia, e fui argüido por um dos participantes desse fórum sobre qual era a minha relação entre esse trabalho e a minha trajetória acadêmica. Na ocasião, nada pude dizer, pois não pensava trabalhar com biografias em minha pesquisa, mas essa pergunta foi sendo por mim digerida na condução da pesquisa que realizava com o Santander-Banespa. Ainda, freqüentei uma outra disciplina sobre a abordagem biográfica, aprofundei-me mais nas discussões e produzi um outro trabalho em que construí uma narrativa biográfica sobre o antropólogo Néstor Perlongher, conhecido por seus estudos de gênero (Gussi, 2004a).

Desse modo, foi assim que cheguei à construção das narrativas biográficas de ex-bancários do Santander-Banespa e ao meu encontro com os sujeitos desta pesquisa, com Nilton, Maria, Grozzi e Rita. Como me modifiquei e fui modificado por eles quando os entrevistei, em pude conhecer suas vidas no momento da pesquisa?

Refleti que as narrativas biográficas reapresentam, agora na forma de um trabalho acadêmico, a minha experiência passada como bancário na adolescência. Ela se refere a um projeto de vida que ficou perdido num tempo passado, quando decidi seguir a carreira acadêmica. Isso pode explicar também porque eu utilizo a abordagem biográfica, já que nas histórias de vida que apresento emerge também de forma inter cruzada um conteúdo (auto)biográfico.

Como os que têm suas biografias aqui narradas, também prestei concurso para o ingresso no Banespa, e durante toda a pesquisa isso foi um contraponto às vidas dos sujeitos que entrevistei. Várias vezes eu fiquei pensando como poderia ter sido a minha vida se tivesse ingressado no Banespa e não tivesse seguido a carreira acadêmica. Era como se, a partir das histórias que eles estavam narrando, eu imaginasse uma outra história para a minha vida, aquela que eu não prossegui, pois resolvi seguir a carreira acadêmica.

⁹⁰ Nesse trabalho, abordo a questão a autoria na abordagem biográfica através de um filme de Woody Allen, onde que o diretor utiliza o roteiro para se referir a uma certa interpretação sobre si, tornando-o autobiográfico (Gussi, 2002).

Os impactos das mudanças recentes no Banespa para a vida de Nilton e de Maria, contudo, tal como eles foram relatando, mostraram-me um outro sentido para o que é “*provisório*”. A princípio, pensava que muito pouco lhes tinha restado do trabalho no Banespa, em meio ao sofrimento, doenças e mortes. Mas as narrativas foram-me mostrando uma afirmação da vida através de suas histórias e como o que é o “*provisório*” em suas vidas hoje eles traduzem como uma metáfora do renascer e do viver, transformado-o em poesia. Entendi com os relatos que o provisório é o sentido da própria vida e, disso, eles extraem a beleza poética de suas narrativas.

A intersubjetividade possibilita ampliar, analiticamente, a discussão sobre as a experiência e a aprendizagem. A dimensão autobiográfica da minha experiência de pesquisa e de produção de conhecimento, entendida como resultado do meu encontro com os sujeitos, permite que eu aprenda com eles, com suas experiências vividas e narradas. Assim, o processo de aprendizagem se dá entre o vivido, o narrado e, finalmente, pelo que é compreendido na dimensão da intersubjetividade construída na experiência de um ato dialógico entre os sujeitos e o pesquisador.

Tudo isso é revelador do quanto pude também aprender com o processo de aprendizagem, vivido e narrado, dos sujeitos, com Nilton e Maria (e com Grozzi e Rita). Na verdade, nos dizeres de Gusmão (2003), pude “*aprender a aprender*” com o Outro, tomando suas vidas como produção de conhecimento e de reflexão e, com isso, construindo ao mesmo tempo ciência e reflexão autobiográfica.

Pedagogias da experiência

A experiência, vivida e narrada, é epistemologicamente central nas narrativas biográficas de Nilton e Maria. Primeiramente, porque a experiência está associada a um processo de aprendizagem construído na esfera da sociabilidade humana e da cultura.

Assim, os sujeitos constroem saberes sobre o processo de aprendizagem, entre o vivido e o narrado. Um saber que é mediado pela cultura, tal como considera Galli:

“Segundo Galli, [o saber] é uma dimensão social holística que vai do caos à ordem, para outra ordem; que se desconstrói com bases em pressupostos construtivos, postos em movimento pela experiência e pela vivência. Trata-se da fruição da cultura,

que gera um fazer reflexivo e crítico, por vezes chamado educação.” (Apud. Gusmão, 1997:14) [Grifo nosso]

Um segundo ponto é que a experiência e a aprendizagem são, analiticamente, redimensionadas quando se pensa a questão da intersubjetividade. A experiência intersubjetiva situa a construção das narrativas na fronteira entre saberes distintos: os dos sujeitos que narram sua experiência de vida, e o meu saber ancorado no conhecimento científico e na minha experiência autobiográfica. Isso permite refletir sobre o fazer científico.

Aproximemo-nos das reflexões de Santos (2000) acerca da emergência de um paradigma científico - “*o paradigma de uma ciência prudente*”- e de um paradigma social - “*o paradigma de uma vida decente*”. Para Santos (2000), esse paradigma funda-se na idéia de que *o sujeito, que a ciência moderna lançara na diáspora do conhecimento irracional, regressa investido da tarefa de fazer erguer sobre si uma nova ordem científica*” (Santos, 2000:43). Decorre daí que *todo o conhecimento científico é auto-conhecimento* (p. 53) e, desse modo, “*ensina a viver e traduz-se em um saber prático*” (p. 55) e que “*todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum*”, pois tem uma dimensão dialógica⁹¹. Esse conhecimento, conclui Santos, é a base de uma nova racionalidade de um paradigma emergente que incorpora “*outras racionalidades*” (p. 57).

No sentido do que reflete Santos (2000) é que entendo que posso buscar uma compreensão possível sobre os saberes que os sujeitos constroem nas narrativas biográficas através do que experienciam e aprendem. Trata-se, pois, de compreender a experiência do Outro e aprender com ela. E, nesse sentido, aprender com as narrativas e construir um conhecimento possível entre os saberes, que envolva distintas “*racionalidades*”, no sentido de Santos (2000).

Portanto, as narrativas biográficas formam um entrelaçamento de experiências vividas, narradas e interpretadas que permitem a construção de saberes dos sujeitos envolvidos, tanto dos biografados como o do autor. Como se trata de um processo que envolve reflexão, implica que esses saberes dizem algo sobre a aprendizagem, já que uma vida - uma

⁹¹ Em suas próprias palavras “... a ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas. A mais importante de todas é o conhecimento do senso comum, o conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos as nossas ações e damos sentido à nossa vida. (...) É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico.” (Santos. 2000:55-56)

experiência vivida, narrada e interpretada - possibilita que aprendamos algo sobre ela mesma. Por tudo isso, as narrativas biográficas de Nilton e de Maria são pedagogias da experiência no mundo do trabalho.

Então, construindo suas pedagogias, as narrativas fazem-nos pensar sobre como aprender com a própria vida que delas emana através de um exercício de reflexão sobre o mundo. Vieira (1999) analisa que as práticas educativas estiveram historicamente ancoradas em um modelo de ciência, ligado “ao paradigma cartesiano do primado da razão” (Vieira, 1999:83), e que esse paradigma marcou a pedagogia escolar e a educação em geral em que o mundo é visto de forma dualista: entre “razão/emoção, racional/irracional, instruído/analfabeto” (p. 84). Assim considera como se configurou essa educação pautada na ciência cartesiana:

“Aprendemos a pensar com a cabeça e não com o coração; desumanizamos, desantropomorfizámos a ciência e tal teve também efeitos directos na educação... Ensinou-se a ler, contar, escrever – educação essencialmente racionalista, cognitivista. Não era importante a educação dos sentidos, o pensar as emoções, o afecto entre docente e discente; a relação... Claro que aqui e ali forma surgindo os dissidentes que propuseram as pedagogias activas versus magister dixit.” (Vieira, 1999:84)

Contudo, as narrativas são pedagogias da experiência, diferentemente da que foi considerada por Vieira (1999), pois revelam outras formas de aprender através dos afetos, dos sentidos, das reflexões, das percepções, das imagens, dos pensamentos, desejos. E assim o fazem sem dissociar educação e vida, o que Paulo Freire - que, como um dissidente, construiu “uma pedagogia activas versus magister dixit” contrariamente ao modelo de educação e de ciência que Vieira (1999) analisa - nos fazia compreender, como lembra Vieira (1999) ao citá-lo:

“Podemos conhecer aquilo que conhecemos colocando-nos por trás das nossas experiências passadas e precedentes. Quanto mais formos capazes de descobrir porque somos aquilo que somos, tanto mais será possível compreender porque é que a realidade é o que é” (apud. Vieira, 1999:144).

Assim, na medida em que as narrativas biográficas possibilitam que, como sujeitos, compreendamos quem somos no processo de aprendizagem que é a própria vida, é possível que tenhamos alguma compreensão da realidade que nos cerca, sobretudo do mundo do trabalho. É dessa forma, tal como nos mostrou um dia Paulo Freire, que eu pude aprender e produzir conhecimento com as narrativas biográficas de Nilton e de Maria sobre a experiência e a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não vamos, portanto, tratar aqui do sofrimento e da morte dos grandes heróis e mártires, mas dos ‘pequenos’ sacrifícios, e da ‘pequena’ morte da grande massa” (Viktor Frankl In. “Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração”)

“A única finalidade da ciência é aliviar o sofrimento humano” (Brecht)

Quando o Banespa foi privatizado, em 20 de novembro de 2000, perguntei-me sobre quais os impactos que esse evento teria para a vida dos quase 21.000 funcionários do banco. Movido por essa pergunta, construí as narrativas biográficas de Nilton, Maria, Grozzi e Rita.

A construção das narrativas biográficas foi, estruturalmente, marcadas por esses impactos. As narrativas, das quais me detive aqui em duas delas, a de Nilton e a de Maria, possibilitou responder a minha pergunta inicial na medida em que, analiticamente, permitiram considerar três diferentes aspectos: i) a informação sobre do contexto em que elas se inserem; ii) a compreensão sobre a constituição das subjetividades nesse contexto; iii) a reflexão sobre a minha interação com os sujeitos pesquisados. Por tudo isso, as narrativas possibilitaram construir uma outra, uma narrativa teórica, a partir do sentido da experiência no mundo do trabalho. Consideremos cada um desses aspectos.

Primeiramente, as narrativas referem-se à forma como ocorreu a mudança de uma empresa pública para uma outra em que opera a lógica de uma empresa privada, sobretudo o que isso implicou na perda das condições de trabalho herdadas historicamente pelos trabalhadores do Banespa. A privatização insere essa empresa rapidamente na lógica do contexto de transformações do sistema financeiro mundial e da reestruturação do trabalho bancário, em curso desde a última década, caracterizada por um processo de precarização do trabalho.

Especificamente, as narrativas indicam a forma abrupta e autoritária como se deu a reestruturação no Banespa sobre o prisma das mudanças associadas a um paradigma

técnico-produtivo, atrelado à lógica do capital, que não considerou a lógica cultural construída historicamente pelos funcionários do Banespa ao longo de suas trajetórias na empresa.

A implementação rápida dessas mudanças pela nova gestão do Santander resultou na quebra de valores que, simbolicamente, eram essenciais nas relações de trabalho, sendo que não houve a preocupação da nova empresa em agregar novos valores ancorados na tradição do Banespa. Disso resultou na perda do sentido de pertencimento em relação à empresa, da identidade banespiana, emergindo conflitos entre o público e o privado, e entre o nacional e o estrangeiro. Sobre esse último conflito, cabe ressaltar que a privatização, ao levar à desnacionalização do banco, evidenciou o modo como se operam as desigualdades no processo de mundialização do capital, notadamente o financeiro (Chesnais, 1996, 1999).

Vamos ao segundo aspecto. A forma como Nilton e Maria constituíram-se como sujeitos distintos em suas narrativas permite considerar outros elementos para a análise uma vez que isso indica como eles foram evocando, subjetivamente, essas mudanças e os seus impactos a partir de suas histórias de vida.

As narrativas possibilitaram que eles se posicionassem como sujeitos em tempos e espaços próprios no contexto das mudanças. Nesse sentido, construíram uma historicidade particular, entre lembranças e esquecimentos, e também um itinerário próprio que situa seus lugares entre o trabalho no Banespa e outros espaços de suas sociabilidades. Na verdade, eles foram constituindo a si nesses lugares entre o trabalho, o universo familiar, mas também entre suas afiliações religiosas e valores morais e nacionais.

As relações de trabalho construídas historicamente pelo Banespa, ao menos na percepção contemporânea desses dois sujeitos, vincula-se à identidade banespiana que era permeada por afetos e sentimentos, tal como os que existem na família, nas relações de parentesco e de amizade. As relações de trabalho no Banespa permitiam a formação dessas redes de sociabilidades entre seus funcionários, o que resultava, como contrapartida, no empenho e comprometimento no trabalho, como contam Nilton e Maria, na medida em que se sentiam tributários ao que a empresa oferecia-lhes, mesmo considerando que, no passado, as relações de trabalho no Banespa foram marcadas pelas contradições de uma estrutura burocrática e paternalista, apontadas por Romanelli (1978).

As mudanças no Banespa, sobretudo decorrentes da privatização, resultaram nos seus desligamentos do Banespa e na ruptura com esses vínculos identitários. Mas, Nilton e

Maria não eram apenas os funcionários de um banco, pois se constituíram como pessoas no Banespa. As mudanças colocaram em xeque também, para eles, a forma como essa construção social, a de pessoa, no sentido maussiano, deu-se ao longo do tempo em suas vidas. Nilton e Maria não perderam apenas o trabalho no Banespa. Perderam, naquele momento, algumas referências de valores que norteavam para cada um o sentido de suas vidas, como homem e mulher, trabalhador e trabalhadora, pai e mãe, cidadão e cidadã de uma nação.

Consideremos mais um aspecto: o da interação entre os sujeitos e o pesquisador. Quando propus que narrassem suas histórias foi nesse contexto das mudanças do Banespa que os sujeitos construíram suas narrativas. Contudo, elas compõem um relato em que, por oposição ao processo recente que viveram, reafirmaram a si como sujeitos sociais. Assim, por meio dos relatos, era como se reconstruíssem um novo sentido para suas vidas, rememorando e re-elaborando, subjetivamente, as experiências que viveram a partir do trabalho no Banespa.

Com tudo isso, eu pude construir uma narrativa teórica ao focar a noção de experiência, entendendo que essa encerra um processo de aprendizagem e uma dimensão intersubjetiva e autobiográfica presentes nas narrativas. Nesse sentido, é que pude entender que as narrativas são pedagogias da experiência no mundo do trabalho.

Cabe perguntar quais as especificidades do conhecimento que eu pude construir com as narrativas biográficas. O que pretendi, ao considerar diferentes aspectos das narrativas, foi demonstrar que esses se complementam e que não se excluem, e que também podem ser postos em relação nas narrativas biográficas.

Assim, posso considerar o que aqui foi realizado tal como Bertaux (1980) que entende que não se podem separar tipos de objetos sociológicos distintos para o estudo na abordagem biográfica, ou seja, o estudo da estrutura social do estudo da ação do sujeito, “*donc s’efforcer de réunifier la pensée du structurel et celle dy symbolique, et de les dépasser pour parvenir à une pensée de la praxis.*” (Bertaux, 1980:205). A abordagem biográfica torna-se estratégica, para Bertaux, porque ela permite “*révéler la qualité sociologique de l’expérience humaine, et finalement la qualité humaine de l’expérience socio-historique*” (p. 219). De forma análoga, considero também como Kofes (1984) que argumenta que “*...as histórias de vida continuam sendo instrumentos fundamentais para a compreensão e análise de relações sociais, de processos culturais e do jogo sempre combinado entre atores individuais e experiências sociais, entre objetividade e subjetividade*” (Kofes, 1984:140).

Acrescento, contudo, que a abordagem biográfica coloca também possibilidades para pensar a própria narrativa, aproximando-a da interpretação hermenêutica. É que ela apresenta a lógica intrínseca de um texto, que é o resultado do ato dialógico entre o Outro, o biografado, e o seu autor. Portanto, a narrativa biográfica recoloca algumas possibilidades interpretativas, trazendo à tona as questões da autoria (e da autoridade do autor), da elaboração da escrita, do encontro etnográfico e dos limites da compreensão da própria cientificidade (Cardoso de Oliveira, 1998).

Portanto, as narrativas biográficas possibilitam a “*suspeição da razão*”, na significativa expressão lembrada por Cardoso de Oliveira (1998) para se referir à hermenêutica, ainda que eu entenda que o que pretendi aqui foi articular a compreensão hermenêutica e a explicação monológica - ligada a um paradigma racionalista – como considera Cardoso de Oliveira (1998): “*A explicação, inscrita programaticamente nos paradigmas ‘da ordem’ não colide com compreensão constitutiva da hermenêutica*” (Cardoso de Oliveira, 1998:71). Assim posto, as narrativas biográficas explicam e nos dão a compreensão do mundo do trabalho.

Consideremos mais o sentido da experiência nas narrativas para refletir acerca do mundo do trabalho naquilo que foi contado por Nilton e por Maria.

As críticas que Benjamin faz à modernidade vinculam o declínio da experiência ao fim da narrativa tradicional. Para esse autor, a dissolução da experiência na modernidade explica-se porque perdemos a capacidade de narrar – de dar e receber um conselho, apresentar uma “*lição de vida*” ou uma maneira de agir –, ou seja, de transmitir a experiência, o que está associado “*aos valores individuais e privados que substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas, mesmo que estas não são fundamentalmente criticadas nem rejeitadas*” (Gagnebin, 1994:67-68). Sobre isso, Benjamin (1995) refere-se:

“*Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; ou de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; ou ainda em narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado hoje por um provérbio oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando a experiência?*” (Benjamin, 1995:114)

Eu encontrei em Nilton e em Maria (e em Grozzi e Rita) bons narradores e, contrariamente à dissolução da experiência entendida por Benjamin, sobretudo hoje imposta

pelas transformações do mundo do trabalho, foi a riqueza de suas experiências que pôde ser recuperada com suas narrativas.

Entendo que as narrativas revelam algo do que ainda não foi corroído pelas mudanças contemporâneas do mundo do trabalho. É assim que Senett (1999) busca uma explicação para entender a corrosão do caráter no capitalismo flexível contemporâneo. Para ele, no capitalismo flexível, sempre em mudança – nos seus próprios termos, uma “*experiência de deriva*” - não há lugar para a construção de uma narrativa de vida. Pois a narrativa biográfica - entendo aqui, sobretudo, o ato de narrar no sentido benjaminiano – é “*uma afirmação estática*” que dá sentido à afirmação de valores de longo prazo, estruturando um caráter que não tem mais a facilidade de se constituir no mundo da “*flexibilidade*” do capital que se impõe em detrimento de um passado quando, então, se podia afirmar, nos dizeres de Senett, “*a lealdade, o compromisso, propósito e resolução*” (Senett, 1999:31). Isso, Senett verificou que ocorreu no tempo de uma geração, de um pai para a de seu filho.

Contrariamente, as narrativas de Nilton e Maria revelam cada qual o seu caráter em puderam responder ao contexto de mudanças no trabalho do Banespa, que a eles foi imposto, através da busca de um sentido para suas vidas nesse contexto. Dessa forma, pelas experiências que as narrativas transmitem-me diante da “*corrosão do caráter*” imposta aos sujeitos, eu pude refletir sobre suas experiências vividas no mundo do trabalho e aprender com elas.

Por tudo isso, considero que narrativas de Nilton e de Maria têm um valor epistemológico, pois permitem que realizemos uma reflexão sobre a própria vida a partir contexto do mundo do trabalho, em mudanças no limiar de um novo século.

Podemos pensar, a partir das narrativas dos ex-trabalhadores do Banespa, acerca das incertezas de se viver em um contexto de mudanças sobre o qual, como sujeitos sociais, não temos controle, tal como Senett (1999) nos revela sobre o contexto mais geral do capitalismo flexível contemporâneo, em que algum grau de previsibilidade social que fora construído em uma geração – a de Nilton e a de Beth, posso dizer – foi modificado, abruptamente, pelas incertezas e pelo imprevisível que cercam a “*cultura do terror*” - aqui desenvolvida no caso dos trabalhadores do Banespa no contexto da privatização – que se apresenta no mundo contemporâneo não apenas na esfera do trabalho, mas também em outras esferas da sociabilidade humana. Esse valor epistemológico, eu procurei mostrar, o tempo todo,

nesta tese, em que o caso particular dos ex-trabalhadores do Banespa nos convida a refletir, paradigmaticamente, sobre o contexto geral de mudanças contemporâneas da vida social.

Contudo, o que mais pude aprender com as narrativas de Nilton e de Maria, que até então não expus? Confesso que, quando cheguei às suas vidas - e às histórias de vida-, estava interessado nos processos de mudanças do mundo do trabalho e estava preparado para ouvir o que elas podiam me revelar quanto à violência do capital nesses processos. Encontrei, com suas histórias, um mundo de violência, arbitrariedades e mortes simbólicas. Tal como o psicólogo judeu Viktor Frankl, (1993) que passou pela experiência de viver em um campo de concentração, um lugar de tantas mortes e também de trabalho.

Todavia, Nilton e Maria foram encontrando, sobretudo pelo que foi demonstrado nas narrativas, um sentido para suas vidas, assim como Viktor Frankl conseguiu enxergar esse sentido encontrado naqueles que tinham sobrevivido ao campo de concentração como ele próprio.

Eu, à procura da violência e da morte - do capital - descobri a vida do Outro - e o sentido que dão a ela. O que encontrei foi uma poética nas narrativas que, metaforicamente, transforma violência e sofrimento - às vezes duramente relatado - em vida, tal como numa poesia brechtiana. Essa poética sobre o mundo do trabalho, procurei trazer para esta tese, tentando fazer jus à riqueza e à beleza das vidas de Nilton e de Maria (e de Grozzi e de Rita) que me foram contadas através do que o próprio Brecht enfim nos ensina, que *“a única finalidade da ciência é aliviar o sofrimento humano.”*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCORSI, A. *Automação: bancos e bancários*. Dissertação de mestrado. Departamento de Administração. FEA, USP, 1990.

ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARAÚJO, A. C. *Reestruturação Financeira nos anos 90 e seus impactos sobre o trabalho bancário em Campinas*, 2000 (digitado).

BAKTHIN, M. *Questões de literatura e de estética (A Teoria do Romance)*. São Paulo, Hucitec, 1990.

BARTH, F. *Ethnic groups and boundaries*. The social organization of culture difference. Bergen Oslo: University for Galet, 1969.

BECKER, H. S. Biographie et mosaïque scientifique. In. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 62/63, pp. 105-110, jun. 1986.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In. BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. O Narrador. In. BENJAMIN, W. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985a.

BERTAUX, D. L'Approche biographique. Sa validité méthodologique, ses potentialités. *Cahiers Internationaux de Sociologie*, LXIX, nº 2, Juil.-Déc., 1980.

BIONDI, A. *O Brasil privatizado: um balanço do desmonte do Estado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

_____. *O Brasil privatizado II: o assalto das privatizações continua*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, 1979.

_____. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In. AMADO, J. e FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

_____. *As contradições da herança*. In. NOGUEIRA, M. A. CATANI, A (orgs.). Pierre Bourdieu: escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRUNER, E.M. Experience and its expressions. In. BRUNER, E.M. e TURNER, V.W. *The anthropology of experience*. Chicago: Illinois Books, p. 3-30, 1986.

CALDEIRA, T. A presença do autor e a pós-modernidade na Antropologia. In. *Cadernos CEBRAP*, no. 21, jul/1988.

CALLAWAY, H. Ethnography and experience: gender implications in fieldwork and texts. In. CALLAWAY, H e OKELY, J. (org) *Anthropology and autobiography*. London/Neew York: Routledge, 1992.

CÂNEDO, L. B. *Bancários: movimento sindical e participação política*. Campinas: Unicamp, 1986.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

_____. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP, 1998.

CARNEIRO DA CUNHA, M. *Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível*. In. Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1985.

_____. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Brasiliense, 1985 a.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, M. D. *Relatos de espaço*. In. A invenção do cotidiano I: a arte de fazer. Rio de Janeiro, Vozes, p. 199-217, 1994.

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. *A mundialização financeira: gênese, custos e riscos*. São Paulo: Xamã, 1999.

COLBARI, A.L. *A ética do trabalho: a vida familiar na construção da identidade profissional*. São Paulo: Letras & Letra/UFES, 1995.

CRAPANZANO, V. Life-Histories. In. *American Anthropologist*, nº 86, pp. 953-965, 1984.

_____. *Tuhami: portrait of a moroccan*. The University of Chicago Press, 1980.

DAVIS, N. Z. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia de Letras, 1997.

DE DECCA, E. S. Memória e cidadania. In *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo: Depto Histórico de São Paulo. 1992.

DUBET, F. *Sociologia da Experiência*. Instituto Piaget, Lisboa, 1996.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos: seguido de “Envelhecer e morrer”*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, N. e SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

ENRIQUEZ, E. Perda do trabalho, perda da identidade. In. NABUCO, M.G. e CARVALHO NETO, A. (org.). *Relações de trabalho contemporâneas*. Belo Horizonte: PUC-Minas/IRT, 1999.

ERIBON, D. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

FRANKL, V. *Um psicólogo no campo de concentração*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

FREITAS, M. C. P (org.). *Abertura do sistema financeiro no Brasil nos anos 90*. São Paulo: IPEA/FAPESP, 1999.

FREITAS, M.C.P. e PRATES, D. M. Abertura financeira na América Latina: as experiências da Argentina, Brasil e México. In. *Economia e Sociedade*, Campinas (11), dez 1998.

_____. Abertura financeira no governo FHC: impactos e consequências. In. *Economia e Sociedade*, Campinas, 17, dez. 2001.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. In. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

GABNEBIN, J.M. *História e narração em Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GELLNER, E. *Nations and nationalism*. Oxford: Basil Blackwell, 1983.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

_____. *El antropologo como autor*. Barcelona: Paidós, 1989.

GIDDENS, A. *Modernity and self-identity: self and society in the Late Modern Age*. Polity Press: Cambridge, 1991.

GOLDMAN, M. Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa. In. *Revista Brasileira de Antropologia*, São Paulo, USP, v. 39, no. 1, p. 7-18, 1996.

GROZZI, M.P. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”: repensando o trabalho de campo a partir da subjetividade do(a) antropológico(a). In. *Trabalho de campo e subjetividade*. Florianópolis: UFSC, 1992.

GUSMÃO, N. M.M. Antropologia e educação: origens de um diálogo. In. *Cadernos CEDES*, ano XVIII, no. 43, dez, 1997.

_____. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do Outro. In. *Cadernos de Pesquisa no. 107*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, jul/1999.

_____. Os desafios da diversidade na escola. In. GUSMÃO, N. M.M (org.) *Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003.

GUSSI, A.F. *Identidades e nacionalidades: estudo comparativo entre culturas empresariais brasileiras e espanholas*. I Seminário “Organizações e Sociedade: perspectivas transdisciplinares”. Porto Alegre, 2001 (CD-rom).

_____. *Identidades e nacionalidades no contexto de privatização do Banespa*. Campinas, 2004 (no prelo, a ser publicado na “Revista Idéias”/IFCH).

_____. *O negócio de ser ‘Néstor Perlongher’: um fragmento biográfico*. Campinas, 2004a (no prelo, a ser publicado no “Cadernos IFCH”).

_____. *Os norte-americanos do Brasil: identidades no contexto transnacional*. Editora do Centro de Memória/UNICAMP, 1997.

_____. Reflexões sobre a abordagem biográfica, “Poucas e Boas” e Woody Allen. In. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, vol. 14, dez. 2002.

GUSSI, A.F e RODRIGUES, L. C. *Cultura organizacional do Banco do Brasil*. Relatório FAPESP. Campinas, 1996 (digitado).

_____. *Entre Brasil y España: identidades y nacionalidades en el contexto de transformaciones del sistema financiero mundial*. IX Congreso de Antropología/ Barcelona, setembro/2002 (CD-Rom).

HABERMAS, J. *Identidades nacionales y identidades postnacionales*. Madri: Tecnos, 1989.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HIRATA, H. Trabalho, família e relações homem/mulher: reflexões a partir do caso japonês. In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, no. 2, vol. 1. outubro/1988.

HOBBSAWN, E. *Nações e nacionalismo desde 1780: mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ITURRA, R. O processo educativo: ensino ou aprendizagem? In. *Educação, Sociedade & Cultura*, no. 1, (s.d.).

JINKINGS, N.M. *O mister de fazer dinheiro: automatização e subjetividade no trabalho bancário*. São Paulo: Boi Tempo, 1995.

_____. *Trabalho e resistência na fonte misteriosa: o bancário no mundo da eletrônica e do dinheiro*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

_____. As Formas contemporâneas de exploração do trabalho nos bancos. In *Dossiê: O Avesso do Trabalho*. Idéias Ano 9 (2) – 10 (1) Revista do IFCH/UNICAMP, 2003.

KOFES, S. *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. In. *Cadernos Pagu*, nº 3, pp. 117-142, 1984.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1992.

LEITE, M. P. *O futuro do trabalho: novas tecnologias e subjetividade operária*. São Paulo: Scritta/FAPESP, 1994.

LEVI, G. Usos da biografia. In. In. AMADO, J. e FERREIRA, M. M. *Usos e abusos da História oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. In. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, no. 34, 1991.

MAUSS, M. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de “eu”. In. *Sociologia e Antropologia*, volume I, São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MUNIZ, C. R. e RODRIGUES, L.C. Mecanismos de exclusão em duas empresas em processo de reestruturação. In. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, vol. 3, no. 2, jul. a dez. 2003.

NESPOLI R. G. *Da solidariedade à competitividade: caminhos da privatização*. Campinas, Faculdade de Educação, 2004 (dissert. de mestrado).

NIETZSCHE, F. Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida. In. *Considerações intempestivas*. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1978.

OKELY, J. Anthropology and autotbiography: participatory experience and embodied knowledge. In. CALLAWAY, H e OKELY, J. (org) *Anthropology and autobiography*. London/Neew York: Routledge, 1992.

PEIRANO, M. G. S. Artimanhas do acaso. In. *Anuário Antropológico* 89, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In. *Estudos Históricos*, vol. 2, no. 3, 1989.

PROUST, M. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

RENAN, E. *Qu'est-ce qu'une nation?* Paris: Presses Pocket, 1992.

RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1991.

RODRIGUES, L. C. *Metáforas do Brasil: demissões voluntárias, crise e rupturas no Banco do Brasil*. São Paulo: Anna Blume/Fapesp, 2004.

ROMANELLI, G. *O Provisório Definitivo: trabalho e aspirações de bancários em São Paulo*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP. São Paulo, 1978 (dissert. de mestrado).

RUBEN, G. R. Teoria da identidade: uma crítica. In. *Anuário Antropológico/86*. Brasília, 1988.

_____. Teoria da identidade na antropologia: um exercício de etnografia do pensamento moderno. In. CORRÊA, Mariza e LARAIA, Roque (orgs.). *Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem*. São Paulo: IFCH/UNICAMP, 1992.

_____. Empresários e globalização: prolegômenos de uma metodologia de compreensão e de ação In. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 28, 1995.

SAHLINS, M. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as Ciências*. Porto: Afrontamento, 2000.

SCOTT, J. Experiência. In. LAGO, M. C. et alli. *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. São Catarina: Ed Mulheres, 1999.

SEGNINI, L. R P. *Constantes recomeços: desemprego no setor bancário*. In: Tempos e Lugares de gênero. São Paulo: Editora 34/Fundação Carlos Chagas, 2001.

_____. *Mulheres no trabalho bancário: difusão tecnológica, qualificação e relações de gênero*. São Paulo, SP: Edusp, 1998.

_____. Reestruturação nos bancos no Brasil: desemprego, sub-contratação e intensificação do trabalho. In *Educação & Sociedade*, no. 67, CEDES. Campinas, agosto de 1999.

SENNET, R. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, E. P. *Demissões (in)voluntárias e subjetividade..* Faculdade de Educação/Unicamp. Campinas, 2000 (dissert. de mestrado).

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In. MORAES Fo. (org). *Georg Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983, p. 165-181.

SMITH, A. D. *Identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997.

SMITH, S. Who's talking/who's talking back? The subjec of personal narratives. In. *Signs Journal of women in culture and society*, vol. 18, no. 21, 1993.

SODRÉ, M. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro, Vozes, 1988.

TAUSSIG, M. Cultura do terror, espaço da morte na Amazônia. In. *Religião e Sociedade*, 10, nov. 1983.

_____. *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe social operária inglesa: a árvore da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. O termo ausente: a experiência. In. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 180-201, 1981.

TURNER, V. *O processo ritual*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, A. *Os ritos de passagem*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

VAN VELSEN, J. . *A análise situacional e o método de estudo detalhado*. In. Feldman-Bianco (ed). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Global, 1987.

VIEIRA, R. Da infância à adultez: o reconhecimento da diversidade e a aprendizagem da interculturalidade. In. ITURRA, Raúl (org.) *O saber das crianças*. Cadernos ICE. Lisboa, Instituto das Comunidades Educativas, 1996.

_____. Mentalidades, escola e pedagogia intercultural. In. *Educação, Sociedade & Culturas*, no 4, 1995.

_____. Da multiculturalidade a educação intercultural: a Antropologia da Educação na formação de professores. In. *Educação, sociedade & culturas*, no. 12, 1999.

_____. *Ser igual, ser diferente: encruzilhadas da identidade*. Lisboa: Profedições, 1999.

WEINRICH, H. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

Banespa 60 anos. Banespa: São Paulo, 1986.

BERZOINI, R. *Em defesa do Banespa*. Ações legislativas em defesa do Banespa. Brasília: Câmara dos Deputados/Centro de Documentação e Informação Coordenação de Publicações, 2001.

CAVERSAN, A. Monografia: *Banespa: de Banco Agrícola a Conglomerado Financeiro*. Monografia (concurso de monografias “O Banespa, sua História e Influência no Desenvolvimento Econômico Paulista”), São Paulo, 1977.

Conexão Santander/Banespa. Informativo Interno, Edição Especial (set/2001), no. 05 (dez/2001).

Informativo Afaban Campinas e Região, nos. 33 e 34 (jan e mai/2002).

Jornal da Afubesp, nos. 560 e 583, (período: abr/2001 a set/2002).
<http://www.jornalafubesp.com.br>.

Jornal O Bancário. Sindicato dos Bancários de Campinas e Região. Edições de 1983 a 2003, CD-ROM.

Jornal Banespiano. Informativo do Conglomerado Banespa, no. 163 (mar/2001), 168 (19/abr/2001).

Jornal Mensal AFABESP, nos. 128 (dez/2001) e 133 (mai/2002).

Luta Bancária/CUT – Edição Especial novembro/2000.

Momento de decisão. Vídeo institucional, 2001.

Radar do novo Banespa. Informe no. 01 (08/mar/2001).

Santander: exploração sem fronteiras. Relatório da Oficina do Fórum Social Mundial, Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, 03/fev/2002 (digitado).

Santander: inimigo número do Brasil. Dossiê. Sindicato dos Bancários do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 24/mai/2001.

PERIÓDICOS

Carta Capital. “Mirem-se na Espanha”, 16/abr/2003.

Correio Popular, Campinas, 21/nov/2000.

Estado de São Paulo, nov/2000.

Estudo Setorial, nov/97, nov/98, out/2001.

Forbes Brasil “Faxina Tecnológica”, 12/set/2001.

Folha de São Paulo, 1997 a 2004.

Isto É. Dinheiro. “O Plano Santander”, 15/ago/2001.

Revista Veja. “Chuva de dólares: o Brasil bate recorde em investimento estrangeiro, e os nacionalistas assustam”, fev/2000.

Revista Veja. “Olé: os espanhóis reconquistam a América Latina”, 29/nov/2000.

ANEXO I: ENTREVISTAS COM GROZZI

Legenda: A: Alcides

G: Grozzi

Entrevista 1

A: Vamos começar... não, a primeira.. não é bem, digamos, assim, a proposta é: se você fosse começar a sua história de vida, por onde você começaria? Um exemplo, um lugar, um acontecimento?

G: Se eu fosse começar uma... a minha história de vida?

A: É, a sua história, hoje.

G: Ah, hoje, por onde eu começaria? Difícil começar... uma história de vida?

A: A primeira coisa que vem na sua mente?

G: Ah, rapaz, e agora? Por onde começar?

A: Um evento, acontecimento, uma história.

G: Não tenho nem... não sei por onde, o que falar para você agora, é difícil. Uma história, um evento?

A: É, um lugar.

G: Ah, eu começaria aí pelo colégio, sei lá.

A: Pelo colégio?

G: É, porque... foi lá que, praticamente, enfim, começou com mais amizade, assim, ter, a gente difundir a amizade, é aí que eu conheci a Maria, que a gente começou a namorar, começou a participar de coisas.

A: Qual a idade que você tinha?

G: Vinte [...], vinte e dois anos, vinte e um, vinte e dois anos.

A: No colégio... aonde era esse curso?

G: O colégio ficava no taquaral, Ginásio, no Taquaral.

A: Como chama?

G: [...] Ginásio Prof. Camilo Nogueira.

A: Camilo Nogueira? Você conheceu a Maria lá?

G: Conheci a Maria lá.

A: Começaram a namorar lá?

G: Começamos a namorar lá.

A: Você fazia colegial?

G: Estava fazendo supletivo na época.

A: Ah, supletivo?

G: Supletivo. Eu fazia supletivo, eu já estava trabalhando. Eu estava trabalhando no banco, mas como vigia no caso. E, enfim, eu comecei a frequentar o colégio, fiz um monte de amizade, porque até então eu não tinha amizade. Mesmo antes de eu trabalhar no banco, eu era uma pessoa assim... sou ainda, uma pouco mais fechada. Eu, então, eu... era na minha casa, era só casa. Eu trabalhava antes numa empresa de ônibus e...

A: Você já morava aqui em Barão?

G: Já morava aqui em Barão.

A: Você viajava para o Taquaral?

G: É, eu pegava um carrinho velho aí, ia para o Taquaral. Eu ia para a cidade, fazia supletivo no Evolução, ia no Evolução e do Evolução eu vinha e passava no colégio aí, que era... e ficava ali. Eu não estudava no colégio.

A: Ah, você ia para paquerar ali.

G: É, mas um evento assim... sei lá, você ia para o colégio, porque ali que eu comecei a conhecer bastante pessoas. Até então, nem no Evolução eu tinha amizade com o pessoal. Eu era mais... sabe? Eu ia lá, fazia o meu cursinho, a minha aulinha, e vinha para casa. Aí comecei a ir... ir até outros lugares, sei lá.

A: E você conheceu a Maria no colégio?

G: Conheci a Maria no colégio.

A: Através de alguns amigos seus?

G: Não, sabe que... na verdade, a gente estava saindo da aula, a gente começou aquela paquerinha, e foi [latido de cachorro] [interrupção da gravação]. Então, não sei, você fez essa pergunta...

A: Você falou da época colégio.

G: Então era...

A: O que que te mais marcou, assim...

G: Então, era... não sei se foi porque eu comprei o meu primeiro carrinho, porque até então eu não tinha... e praticamente a Maria ainda foi a minha primeira namorada, a gente...

A: Ah, é?

G: A Maria sempre foi um marco assim, porque, como eu te falei, antes de vir para Barão, eu morava na Rodhia, eu era escoteiro da Rhodia, era uma coisa, assim, bem restrita, você não tinha muitos amigos, assim, sabe? Era aquela coisa escotismo, sossegado e saía.

A: Quantos anos você tinha?

G: Quando, aqui?

A: Não, nesse período que você lembrou.

G: Ah, eu tinha [...] 15 anos. Porque depois eu comecei a namorar a Maria, e ela 20, 21. Mas eu tinha 15 anos, porque esse fato... porque, na verdade, eu morava na roça, porque a Rhodia era fazenda e fazenda, você não tinha muito o que fazer, foi logo no começo, quando eu mudei para cá, para Barão Geraldo, que aí minha mãe comprou esse carro e que aí a gente começou a criar asa, vamos dizer assim, porque, até então, eu não ia para lugar nenhum, era mais por condução, ia de ônibus, logo depois comprou o carro então você lembra mais assim...

A: A Maria fazia colegial?

G: A Maria fazia colegial.

A: E como você conheceu ela?

G: Então ela estava... enfim, na saída do colégio, aquele grupo de pessoas, a gente mexeu com ela, a gente começou a dar aquelas paquerinhas e ela respondeu, a gente ficou conversando e foi daí. Um monte de gente interessada, aquelas coisas de jovem, a gente estava com quatro? Quatro ou cinco pessoas. E foi daí.

A: Em que ano mais ou menos foi isso?

G: Setenta e três mais ou menos, é, 73, comecinho, 73 no máximo.

A: Vamos falar do seu nascimento agora. Quando você nasceu?

G: Eu nasci no dia 17 de abril de 1954.

A: Quem são seus pais?

G: Meus pais são duas pessoas, assim, maravilhosas, porque a gente [...] hoje eu já não tenho mais pai, faz dois ou três anos que faleceu, enfim, Virgílio Grozzi e Antônia Ferrarini Grozzi.

Minha mãe está com 70 e... meu pai faleceu com 75 anos e a minha mãe deve estar com 74, 73, mais ou menos, é uma pessoa branquinha, branquinha.

A: Qual é a ocupação deles?

G: Olha, meu pai, ele sempre foi uma pessoa, assim, de serviços gerais, não tem uma profissão, foi da lavoura e a mãe sempre seguiu, assim, como doméstica e uma vendedora ambulante, como ela é até hoje. Ela tem mais de 40 anos e vende roupa, assim, atacadista. E vende de casa em casa. Agora não, porque ela vende na casa dela, então ela tem bastante roupa lá e o pessoal: Ah, dona Antônia, a senhora tem uma saia, tem um vestido? Ah, não tenho, mas eu vou buscar. Então ela vai buscar e liga para a pessoa.

A: A vida inteira ela fez isso?

G: A vida inteira, como doméstica e fazendo isso aí.

A: Ela pegava o carrinho e ia...

G: Não.

A: A pé mesmo?

G: A pé mesmo, por isso que ela comprou esse carro para mim. Quando ela comprou esse carro, aí, então, eu levava. Às vezes, as pessoas vinham buscar a roupa em casa e, na hora de receber a grana, então ela falou: não, você não precisa vir pagar não. No dia do pagamento, eu vou buscar na sua casa. Então, saía, eu ia buscar com ela.

A: E onde eles...

G: Eles moram...

A: ...Moraram, nasceram? Em que região?

G: Eles nasceram numa fazenda lá em Amparo, depois, em 63, nós viemos...

A: Fazenda do que, de café?

G: Café.

A: Seus pais nasceram lá?

G: Nasceram lá.

A: Eles eram colonos lá?

G: Colonos, colonos numa fazenda em Amparo e [...] ah, lá era café e arroz. E aí, depois, em 63 para 64, eles vieram para a Rhodia.

A: Você nasceu nessa fazenda?

G: Nasci nessa fazenda.

A: Foi criado aí?

G: Eu vim da fazenda com 7... 8 anos... 7 anos, que nós viemos para a Rhodia, quer dizer, continuou fazenda também, mas era uma fazenda mais... a Rhodia era uma fazenda mais [...] como é que se diz, assim? Agroindústria, não é? De cana de açúcar, transformava mesmo em álcool, a gente... eu fui criado ali.

A: Por que seus pais se transferiram para cá?

G: Veja, o meu avô, ele veio para cá, na frente, eu não sei por qual motivo, eu não lembro.

A: Pai do seu pai?

G: Pai da minha mãe. Os meus avós paternos ficaram lá e os maternos, eles vieram para cá.

A: Os seus avós eram de Amparo também?

G: Também de Amparo.

A: Dessa fazenda?

G: Todos da fazenda, ficavam em duas fazendas em Amparo: Fazenda Aurora e Fazenda Santa Helena, e dividiam ali. E aí o meu avô veio para cá, achou maravilhoso porque saiu do mato e veio para uma fazenda mais próxima da cidade grande, que Amparo, até então, era pequena. E aí trouxe o meu pai, a minha mãe.

A: O que tinha na Rhodia? Era produção do que?

G: Na Rhodia era produção de álcool, tinha uma parte de laboratório. Saía lá um produto têxtil, que saía da Rhodia.

A: Tanto o seu pai como a sua mãe trabalhavam na fazenda?

G: O meu pai era empregado da fazenda, a minha mãe era empregada dos diretores da fazenda, ela trabalhava mais com...

A: Lá em Amparo?

G: Não, lá em Amparo, os dois trabalhavam na roça.

A: Aqui a sua mãe era empregada doméstica?

G: Era doméstica dos diretores da Rhodia.

A: Está certo. Qual era a escolaridade dos seus pais?

G: O meu pai, infelizmente, analfabeto, não sabia nada de nada. A minha mãe já... também veio de lá para cá analfabeta, como ela conta para a gente até hoje, infelizmente os pais dela: lugar de mulher era na cozinha. Então, não deixavam estudar de jeito nenhum. E o homem, então, por sua vez, também não tinha tempo. Quando ela veio aqui para Barão Geraldo, que ela fez o mobral. Logo que surgiu aquela história de alfabetização, a primeira coisa, a primeira oportunidade que ela teve, ela foi fazer o Mobral. Lê tudo, escreve, tanto é que ela vende roupa, ela faz a negociata dela lá numa boa.

A: E como é que foi a sua infância?

G: Olha, a minha...

A: Que memória, o que você guarda da sua infância?

G: A minha infância, assim, de modo geral, eu brinquei muito, mas brincava na roça, no meio do mato, atirando pedra em passarinho, nadando em rio, lago, que era o que tinha lá. Não tinha muito o que fazer, a não ser aquilo. Eu achava bom. A gente corria no pátio, encima de cavalo, não teve assim...

A: Vocês faziam pequenos... alguns serviços ou não?

G: Fazia sim, quando eu saía do grupo, que era próximo lá dentro da colônia, eu vinha para casa, almoçava e ia para o apanha de café, atrás do meu pai, minha mãe, e à noite também, a gente tinha lá uma plantação de milho, que era mais da família, então a gente... à noite, sentava no barracão e ficava descascando o milho todo para poder ensacar, porque não tinha máquina. Máquina era mais de café, não tinha.

A: E você recebia por esse serviço na fazenda?

G: Não.

A: Não?

G: Não recebia porque a minha mãe, ela fazia mais... eles que faziam, mas para a gente não ficar muito à toa, então eles jogavam a gente para...

A: Esse é o período da Rhodia ou não?

G: Não, esse é o período de Amparo.

A: É?

G: Amparo, agora, na Rhodia, já era uma situação mais difícil, porque a família já tinha crescido, dinheiro também... apesar de não pagar aluguel, não pagar água, não pagar luz na Rhodia, porque era uma colônia, a gente já foi forçado mais para o trabalho remunerado, então... e não tinha. Mesmo na Rhodia, a gente não tinha o trabalho lá, então...

A: E vocês eram registrados na Rhodia?

G: Não, eu não cheguei a ser registrado na Rhodia, eu fiquei mais... praticamente à toa. A Rhodia dava um pedaço de terra no fundo do quintal para cada um e lá era um mangueirão lá para cuidar de porcos e o meu pai tinha lá o pedaço dele, onde a gente criava os porcos e eu fazia esse tipo de

serviço sem remuneração. Era em benefício da família, então eu saía para a colônia toda lá pedindo. Quem não tinha, eu pedia o resto de comida para a gente tratar dos animais.

A: Só cuidar dos porcos? Que idade você tinha?

G: Cuidar dos porcos, tinha um horta, onde tinha alface, verdura de um modo geral, que também era uma dificuldade grande você cuidar do manuseio. Você tinha que buscar água a quase 200 metros de distância com um balde na mão, a gente fazia isso. Era o dia a dia da gente. De manhã ia para a aula, de tarde vinha, cuidava dessas coisas. À noite, brincava, isso na Rhodia. Corria lá, brincava de pega-pega, esconde-esconde, sábado e domingo, bola.

A: Quantos irmãos você tem?

G: Tem um mais velho... tinha um mais velho, o Antônio, eu, a Sônia, o Laurinho e a Solange, nós somos em 5, três homens e...

A: Você é o segundo?

G: Eu sou o segundo, porque agora eu que praticamente que cuido da [velhinha] lá, porque só tem as meninas. Um irmão é deficiente mental, que é o Laurinho. Não é tão deficiente, sabe? É que ele tem uma deficiência. Ele tem 38 anos e é um criança ainda, requer alguns cuidados. Hoje ele está trabalhando, assim, naquele serviço dado para excepcional, tem a vidinha dele ali na boa, mas requer cuidado ainda. A minha mãe também, com 74 anos, a gente tem que cuidar, só tem eu.

A: Vocês iam para a escola quando criança? Você falou do grupo.

G: Então, a gente ia para o grupo, a gente... lá em Amparo.

A: Você começou a ir para a escola em Amparo?

G: Em Amparo, com 7 anos. O meu irmão, enfim, arrumava o cavalo lá e montava na cadeira dele.

A: Vocês iam de cavalo?

G: De cavalo. Eu fiquei... praticamente deu só um ano lá, sabe? Depois é que eu vim para a Rhodia, que a gente estudou na Rhodia, tinha um grupo lá, Grupo Escolar Prof. Francisco Álvaro.

A: Era da Rhodia mesmo o grupo?

G: Então, eu não me recordo se era estadual, era municipal, sabe? Eu acho que era da Rhodia mesmo, era Grupo Escolar Prof. Francisco Álvaro, não tinha nada de... entendeu? Era a Rhodia que mantinha. Agora, na atualidade, existe ainda, mas é só na Rhodia, se não me engano, agora, é Ginásio Estadual. Acho que antes era mantido pela Rhodia.

A: Ainda tem?

G: Tem, só era da Rhodia, agora [...] não tem mais nada lá.

A: Entendi.

G: Nos arredores da Rhodia lá, foi transferido, porque lá dentro, os filhos dos pais dos trabalhadores da Rhodia, mesmo morando fora da Rhodia, tinha muita gente que morava fora, eles estudavam lá.

A: E como é que era a escola, você gostava?

G: Gostava, era boa, era diferente, era uma coisa simples, esse casarão enorme, tudo de tijolinho à vista, tudo bem construído, gramado, um campo grande, enorme, uma praça enorme, na frente dela, toda arborizada, era muito gostoso.

A: Vocês brincavam...

G: Ah, brincava bastante.

A: ...na escola?

G: Na escola, jogava bola, brincava de peteca, brincava de... ah, tinha bastante diversão, a escola, a gente... na época, era bom! Era muito bom.

A: Você gostava de estudar?

G: Olha, no começo... olha, eu gostei. Até o grupo, e tal... depois que a gente veio para cá que ficou mais difícil, então, a gente ficava brigando um pouco, eu nunca fui muito de...

A: E do que você gostava?

G: De estudar?

A: É.

G: Olha, eu gostava muito de matemática.

A: É?

G: Eu era bom de matemática, não tinha muito...

A: Você ia bem de matemática?

G: Eu ia muito bem de matemática. Depois que eu fui para o colegial, aí você já começa a relaxar, começa a ser mais... aí foi onde eu perdi, eu parei de estudar. Quando eu fui... quando eu entrei no banco é que o banco exigiu que eu...

A: Estudasse.

G: Estudasse, que foi onde eu fiz o supletivo.

A: Quando você era criança, você imaginava ter uma profissão, seguir uma carreira? O que você imaginava?

G: Não, não imaginava.

A: Sei lá, as crianças... quando a gente é criança, mais médico...

G: Tem pessoas... se eu falar para você, as pessoas da cidade pensam mais, porque, na nossa época... na minha época, porque hoje eu tenho meio século, então, na nossa época, não tinha televisão. De criança, assim, até na idade de dez anos, acho, não tinha televisão, então você não tinha muita criatividade, mal você ouvia a “Voz do Brasil”. À tarde, o pai te levava para a roça e ligava o radinho lá, então, esse negócio era... nem lembro de ter passado pela cabeça de um dia ter uma profissão, ser alguém, ser um doutor, ser nada, sabe? Eu não me lembro disso.

A: E você lembra do teu pai ou da tua mãe, de alguma forma, valorizar os estudos? O que eles diziam para você?

G: Olha...

A: Ou o trabalho, o que eles valorizavam?

G: Valorizavam muito o trabalho.

A: É?

G: Muito, valorizavam muito o trabalho. Aí, quando a gente veio para cá, que eles também perceberam que a vida não era como na fazenda, a gente veio para cá, aí começou a pressão encima dos estudos: você tem que estudar, para você ser alguém, você vai ter que estudar. Mas aí você já está com 15 anos. A molecada já não quer mais saber, ainda mais nessa época aí. Aqui em Barão que começaram a forçar mais a barra para estudo.

A: Quando que vocês mudaram para cá, para Barão?

G: Para Barão, foi em [...] acho que foi em 69...

A: Lá na Rhodia você ficou...

G: Eu fiquei de... nós ficamos, acho que dez anos lá na Rhodia. Eu nasci em 64, eu vim com 8 para a Rhodia, acho que eu saí em 65, 60 e... é, acho que é isso mesmo, eu vim para cá, para Barão, em 69. 70, 71, isso mesmo.

A: Por que vocês mudaram?

G: A Rhodia começou a acabar com o parque de cana de açúcar e começou a mandar o pessoal embora, então o meu pai foi demitido, aí ele veio para cá.

A: E foi indenizado?

G: Recebeu as indenizações, deu tudo bem, numa boa, aí comprou uma casinha, onde eles moram até hoje, onde a minha mãe mora até hoje, e começou a trabalhar num serviço aí, acho que num

laticínio, se não me engano, que ele arranhou um serviço. Ele saiu da Rhodia e foi para um laticínio.

A: A sua mãe também trabalhava nesse período?

G: Nesse período que veio para cá, não. Aí ela passou só a cuidar das vendinhas dela de roupa, não trabalhava não.

A: E você?

G: Eu, quando eu vim para Barão Geraldo, é que eu entrei para a Viação Bonavita, quando comecei a trabalhar em 69.

A: Foi o seu primeiro emprego?

G: O meu primeiro emprego registrado em carteira.

A: O que você fazia lá?

G: Eu trabalhava na parte de manutenção de ônibus, cuidava da higienização do ônibus, limpeza, depois eu comecei a trabalhar na parte de ajudante de mecânico, eletricista, mecânico.

A: Você gostava?

G: [ri] Não é que eu gostava, eu tinha que fazer, não é? Não tinha...

A: Era uma empresa pequena?

G: Era empresa de ônibus grande.

A: Até hoje é grande, não é?

G: Até hoje é grande. Só que, na época, ela era mais turismo, era fretamento e turismo. Hoje ela já é mais urbana, trabalha em Campinas [...] é urbana.

A: Você falou que, nessa época, a sua mãe e o seu pai falava: estuda, estuda.

G: É, estuda.

A: Por que você acha?

G: Porque... na verdade, sei lá, não sei se eles estavam... talvez eles estavam prevendo que a situação ia mudar totalmente, a gente... como mudou. A gente morava na fazenda, onde era só café. Café e arroz. De repente, veio para a Rhodia, que já era uma indústria já, trabalhava com cana-de-açúcar, já saiu álcool. Aí veio para a cidade, Barão Geraldo para nós já era uma cidade, porque até então eu não conhecia.

A: Barão Geraldo era pequena?

G: Muito pequena, Barão Geraldo era muito pequena. Barão Geraldo era pequenininha, tinha 4 ou 5 ruas.

A: E aí você começou a fazer o supletivo?

G: Aí eu entrei numa empresa de... saí da Bonavita...

A: Quanto tempo você ficou lá?

G: Trabalhei 3 anos. Aí deu a época do quartel, mandava embora, é, mandava embora, não segurava o funcionário. Aí eu fui mandado embora e fiz uma ficha para entrar, trabalhar na Rhodia, minha mãe pressionando para trabalhar para ajudar financeiramente, não tinha. Meu irmão, estava... na época, estava trabalhando na Fundação da Petrobrás, que ele participou desde a terraplenagem até a montagem estrutural, tudo. Aí logo ele casou, foi embora e ele...

A: O seu irmão mais velho?

G: Meu irmão mais velho.

A: Aí você passou a ser o mais velho da família?

G: Eu passei a ser o mais velho dentro de casa e a minha mãe começou a cobrar. Já era difícil a vida, na época, emprego era difícil.

A: E as suas irmãs?

G: Ah, pois é, é até difícil, é uma história até triste de contar porque as minhas irmãs, o meu pai era uma pessoa ignorante, ele não dava liberdade para que elas passeassem, para que elas saíssem

de casa, então a minha irmã mais velha fugiu, saiu de casa, ela já arrumou filho, sabe? Aí juntou com o cara. E nisso sobrou para mim, porque aí eu tenho... hoje eu tenho, por parte da Sônia, que é a mais velha, eu tenho... 2, 3 sobrinhos que, praticamente, eu cuido. Cuidei do mais velho, aí o mais velho... fiz tudo o que eu podia, consegui uma bolsa na Escola Rio Branco, ele estudou até quase se formar no Rio Branco, aí depois ele ia... como é que fala? Ah, começou a formar umas amizades estranhas também, acho que estava no sangue dele, porque filho da minha irmã mais velha. E ele se casou, acabou perdendo a bolsa, repetiu, perdeu a bolsa, teve problema de saúde, bastante problema de saúde, que eu, trabalhando no banco, graças a Deus ainda, que eu tinha um círculo de amizade, porque geralmente você tem contato com empresa, com Hospital, que é o Centro Médico, que eles me deram atenção, trataram dele, que tinha bronquite, pneumonia, teve problema de traqueostomia, então a gente não via aquilo, não costuma ver aquilo nunca, então a gente tinha que sempre estar sempre levando ele para o hospital, para fazer uma drenagem. Aí veio a Sônia, aí veio a Solange, que também veio pelo mesmo caminho, hoje com... ela não sabe quantos filhos ela tem, se for ver. Então a minha vida, depois de maioridade aí, praticamente 19 anos, foi bastante sofrida também, sabe?

A: Você teve que ajudar muito o seu pai?

G: Muito, muito, muito, muito, muito. Não só o meu pai, que o meu pai, praticamente, o salário dele era pouco; minha mãe, com a venda de roupa, ainda dava para ajudar no sustento, mas as meninas não ajudavam nada, como não ajudam até hoje. Uma dá trabalha até hoje, ela casou, está com ela 3 filhos, o marido dela até vem cortar grama para mim aqui, que eu tenho até máquina, eu pago para ele cortar, para não ficar sem remuneração, porque ela não quer nem saber, está separada.

A: E o seu irmão mais velho?

G: Então, o meu irmão mais velho, ele foi para... trabalhou na Petrobrás um tempo, nisso casou e aí saiu da Petrobrás, que não era nem da Petrobrás, era uma terceirizada. Aí foi embora para Porto Alegre, trabalhava com solda, famoso até com solda, sabe? Fazia com solda o que ninguém fazia. Aí, infelizmente, também não teve... teve vida curta, morreu com 45 anos, deixou um filho, também faz tempo que a gente não vê, nem a minha mãe, nada. Mas acho que [] muito gente boa.

A: Você praticamente ficou com a vida toda diferente?

G: Olha, se você pensar assim, a minha seria, porque o meu irmão, ele casou, 22 anos, foi embora, deixou, sobrou eu, e eu não podia trabalhar. Aí teve as duas meninas, não serviram, vamos falar assim, para nada; aí teve o Laurindo que é problemático, teve uma [...], como é que chama? O problema dele foi febre alta, e ele teve convulsão e aonde foi que ele acabou com deficiência, retardamento, e aí sobrou para mim, que até hoje eu estou fazendo. A velha precisa de alguma coisa, ela liga para mim, ela não tem para quem ela ligar. Ela não vai ligar para as meninas porque elas não vão ajudar mesmo, sabe?

A: Na época, você achava que era muita responsabilidade? Porque você era muito novo, não é?

G: Muito novo. Eu sempre achei que era muita responsabilidade.

A: E como que você se sentia?

G: Ah, não sei, tinha dia que nem tinha tempo para pensar direito, então você tinha mais é que fazer, fazer, fazer, fazer, então, nem pensava. Eu tive uma época, 71...? Em 70 mesmo, a minha mãe começou a pressionar lá, que eu perdi o emprego da... foi em 70 que eu perdi o emprego na Bonavita? E eu também, quase, vamos falar assim, descambei, sabe? Eu não tinha que trabalhar, minha mãe exigia que eu trabalhasse, emprego você não arrumava, aquela coisa do quartel, era a época de... Já não tinha emprego, eu acabei chutando tudo também, eu parti para um lado, vamos dizer assim, para um lado artístico.

A: Ah, é?

G: Abandonei a minha família e fui embora para um circo.

A: Olha.

G: O circo veio aqui em Barão Geraldo...

A: Em que ano?

G: Acampou aqui atrás da igreja... há muito tempo. Em [...] 70... acho que em 70 foi, acho que em 69, 70. E aí fui embora.

A: Você queria seguir a carreira?

G: Claro, eu não tinha o que fazer, a minha mãe cobrava, eu não tinha emprego, só estava dando gasto dentro de casa, então eu fui levar a minha vida. Aí eu fiquei 2 anos no circo, andando por aí, 1 ano e meio, 2 anos mais ou menos.

A: Como é que foi essa experiência no circo? Conta.

G: Olha, foi válida, sabe? Foi válida, leva assim, eu [...] conheci muita gente, conheci bastante artista no circo.

A: Você trabalhava no circo?

G: Olha, eu dava, assim, mais suporte técnico, parte artística não, eu dava mais suporte técnico. Eu saía com o carro durante o dia, para fazer propaganda, distribuía uns bônus que foi criado no circo para distribuir no colégio, que a molecada, com aquele bônus e mais um... entrava de graça, essas coisas. E, nessa época, tinha [...]. Eu conheci muito, aquelas... esses pessoais, esses Trapalhões aí eram de circo, então eles ficavam sempre...

A: Lá na Praia Grande...

G: Isso, na Praia Grande, Dedé, era o Dedé Santana, o Didi, o Mussum, eu, esse tipo de pessoa...

A: Como é era o nome do circo?

G: Era Circo Teatro Irmãos Almeida. Era daqui de Campinas.

A: Era daqui de Campinas?

G: Era. Sim, eles vieram do circo, Valter de Almeida.

A: O que que eles eram?

G: Eles eram do circo mesmo, e esse Valter de Almeida, ele fazia um pouco de tudo, ele cantava muito as músicas da época, e tinha o irmão dele, que era palhaço, tinha uma irmã também, que fazia parte das palhaçadas dele, era bacana. Era teatro mesmo, sabe?

A: Teatro.

G: Era um teatro sim, tanto que em um ano e meio, dois anos...

A: E vocês viajaram muito?

G: Mais região, porque o circo na época era pequeno, então era Valinhos, Vinhedo, Paulínia, Cosmópolis. A gente ficava em temporada, às vezes, de 15 dias ou até meses às vezes, na região. Ajeitava, o circo vinha aqui em Barão Geraldo, de Barão Geraldo ia [...] Valinhos, de Valinhos voltava para Campinas, eu ajudava, e aí ficava 2 anos, sempre...

A: Você ajudava a montar?

G: Ajudava a montar, ajudava a desmontar, eu cuidava, dormia num camarim do seu Valter, as roupas do circo, as coisas cheias de brilho, não é?

A: O que que ele fazia?

G: Ele cantava e tocava violão, um vozeirão, assim, tipo...

A: Fazia show?

G: Fazia show, no circo, fazia show.

A: Você gostava?

G: Gostava, sabe, sei lá, não sei se era aquilo que a gente queria. Eu gostava porque em casa eu não podia voltar porque eu não tinha emprego, então eu ganhava o meu troco lá e...

A: E você aprendeu alguma coisa?

G: [...] Sei lá se aprendi.

A: Alguma coisa artística?

G: Não.

A: Eles não te ensinaram?

G: Era difícil porque já tinha, já era adulto formado, então não tinha muito o que aprender. Eu fui... sei lá, não tinha mais muito interesse não.

A: Além do Seu Valter, que cantava, o que... quem compunha o corpo?

G: Ah, tinha os dois filhos dele, tinha o Valtinho, tinha o Adério, tinha a irmã dele, que era a Tica, tinha o Fredô, eu não sabia o nome dele, sabe? Eu não sei se era Fredô, o palhaço Fredô.

A: Era palhaço?

G: É. Tinha o pessoal que era da [...] de Santa Catarina, que faziam cordas, não é?

A: Malabarismo?

G: Faziam malabarismos em corda, é isso.

A: Tinha animais ou não?

G: Não.

A: Não tinha.

G: Tinha, às vezes, o pessoal que fazia com cachorro, que fazia [], mas que vinha de fora, então não era sempre que tinha.

A: Tinha mágico?

G: Tinha mágico, que ele também trazia de fora, que o pessoal, contrato.

A: Você falou que tinha teatro?

G: É que eles faziam tipo um teatrinho, histórias...

A: Iam para um auditório?

G: Não, no circo mesmo, aquela... sabe essas músicas... sertanejas, sertaneja tem história, não é?

A: Tem.

G: A música caipira. Então eles encenavam esse tipo de música.

A: Você lembra de alguma?

G: Ah, rapaz, não lembro, não lembro. [...] Não lembro não, é... eu fiz [...] também logo na escola, contando, assim, acabo lembrando, não é? Um tipo de encenação assim para a escola. Na época, era... claro, você falou de música, essa música do Roberto Carlos, não sei se você lembra de ter ouvido? O Roberto Carlos e o Erasmo, que fez “o homem mau”? Ah, então, tinha uma história lá, aí você tinha que... ele punha a música para cantar, para tocar, e a gente encenava aquela música.

A: Na escola, que você fala, é no sentido...

G: Não, na escola antes. É que eu falando agora, eu lembrei.

A: Aí legal.

G: Ah, tinha muitas coisas, que eu nunca parei para comentar a minha vida. Então, a gente começa a... às vezes, você vai lá para frente, aí você lembra de fatos lá atrás.

A: Não tem problema. Você pensou alguma vez em seguir a carreira artística?

G: Não e eu trabalhei com músico, com conjunto, que dava baile, uma banda daqui de Campinas mesmo, duas, que tinha. E eu trabalhava, eu fazia, sempre eu fiz só a parte técnica, sabe? Então, iluminação, som, mas também eu não estudei para isso.

A: Quando?

G: Logo depois que acabou o circo, teve o circo, logo depois eu saí, vim embora, um rapaz... Eu vim passear em Barão Geraldo num final de semana, sei lá, numa época em que não estava tendo temporada, e eu arrumei com uma carpintaria, não era nem [universitário], e o [...] e o irmão dele

tinha uma banda de música, chamava “A Patoca”, e ele cantava por aí tudo, Minas, Rio de Janeiro.

A: Você ia com ele?

G: É, tinha uma perua Veraneio e eu trabalhava de segunda a sexta na carpintaria, e da carpintaria, no sábado, juntava a Veraneio, porque o próprio dono da carpintaria era que dirigia. Então pegava a Veraneio, parecia uma viatura do exército, verde, botava lá as aparelhagens, o som encima e rachava para esse Brasil aí.

A: É? Que lugar vocês foram?

G: Ia para Valença, Rio de Janeiro, Poços de Caldas, Caldas Novas; aqui em São Paulo, Bauru, Piratininga, Itapetininga, São Manuel.

A: Muito tempo vocês viajaram?

G: Eu viajei de 62 mais ou menos, 61, a 64, quando eu quase entrando no banco. Daí que eu arrumei outro emprego, que era registrado, porque até então, na carpintaria, eu não era registrado.

A: Na verdade, era um conjunto que vocês tinham?

G: Era um conjunto.

A: E você aprendeu essa parte técnica?

G: Então, eu aprendi fazendo essa parte técnica. Tanto é que hoje eu gosto. Eu não tenho curso de nada não, então, fazendo... até o pessoal me chama de Professor Parda. Eu, os meninos aí, às vezes, me chamam de [Magaiver], já viu quem é o [Magaiver]?

A: Já.

G: Faz uma bomba de um palito de sorvete, sabe aquelas coisas? E, às vezes, a pessoa: puta, quebrou isso aí, o que que eu faço? Jogo fora? Eu: não custa fazer, tem um monte de ferramenta, eu gosto.

A: Você sempre gostou de arrumar coisas?

G: Eu sempre gostei de arrumar coisas, então na minha casa não se paga nada, só se for conserto muito grande. Minha máquina de lavar roupa, geralmente sou eu que conserto, forno de microondas, eu não tenho curso de nada, eu faço porque eu gosto de fazer.

A: Desde a época de circo que você fazia isso?

G: Praticamente desde essa época do circo, porque...

A: Você era um faz tudo lá.

G: Eu era um faz tudo lá no circo, até mecânico de carro, a gente fazia, controlava. O circo geralmente era aquela coisa pobre, não é o circo que... No circo, quem ganhava dinheiro mesmo era o dono do circo, e a trupe toda ganhava aquele troco, e morava ali mesmo, dormia em barraca. A gente mesmo dormia. Eu, na época em que viajava, dormia dentro do camarim dele que... Encostava o jipe lá, parava na porta da entrada do palco, atrás, então era bem arrumadinho.

A: Você era o camareiro dele?

G: Praticamente servia quase que um camareiro.

A: Guarda roupa.

G: Não, e tinha a mulher que fazia isso para ele, sabe? Tinha, que era a sobrinha dele, que arrumava aquilo lá para ele. Mas cuidar, para não ter problema do pessoal mexer, o pessoal roubar, então eu praticamente dormia dentro. Ele não estava lá, eu que dormia, porque ele... quando era circo de região, acabava o espetáculo, difícil... só se fosse uma cidade longe, que o espetáculo terminava tarde, que ele vinha embora no outro dia, dormia lá, mas quase sempre eles vinham embora, então ficava mais o administrador do circo e nós, ficava ali.

A: Ficava tomando conta.

G: Ficava tomando conta ali. E aí essa banda, quando eu arrumei o trabalho lá...

A: Você fazia a iluminação, o som.

G: Ficava mais à vontade, a iluminação, às vezes quebrava uma corda embaixo, de onde estava, eu já pegava e já trocava, até que o cara ficasse vaiando, alguma coisa, cantando ali, eu tirava a corda e dava para ele, afinava.

A: E você ganhava alguma coisa?

G: Eu ganhava, eu ganhava. Ganhava o troco de acordo com o contrato que eles tinham.

A: Uma parte era sua.

G: Eles davam, pagavam o músico e davam um troquinho para mim.

A: E você gostava?

G: Ah, era gostoso porque você estava sempre em movimento.

A: Que música que eles cantavam?

G: Ah, cantava tudo, ele até hoje tem ainda.

A: Ah, é?

G: É, já não é (sic!) as mesmas pessoas, mas até hoje ele canta até hoje. Ele faz show da noite aí.

A: Como ele chama?

G: Edvaldo Andres. Ele viveu na Falcão Filho, no centro ali, Botafogo se não me engano, por bastante tempo, agora eu já estava na Rhodia aqui, sabe?

A: Mas eles eram de Barão na ocasião?

G: Não, eles eram de lá, o pai deles tinha um sítio aqui na estrada da Rhodia. E tem ainda, tem coisas, eu passei ali, estava vendo, mas não tem... mas faz tempo que eu não tenho contato com eles, sabe?

A: Mas é engraçado, porque você trabalhava na carpintaria, não era? Como é que era?

G: É, eu mexia com madeira, você vê, que coisa, não é? Mudança assim, chegava fim de semana, tinha baile, a gente ia. Aí o Silva, que era o dono da carpintaria, ele falava: não, vamos para... vamos hoje ou não vamos? Eu falei: ah, vamos. Para ganhar duas vezes, eu ia, então logo que eu comecei a namorar a Maria, quando era perto, eu até ia de carro. Quando era Mogi Guaçu, Mogi Mirim, a gente ia de carro e a Maria ia. Ia eu, a Maria, mais algumas colegas, a gente ia para o baile também. Então ia junto, chegava lá, montava. Em época de Carnaval também, tocava muito aquilo. No sul de Minas, no Carnaval fazia muito o sul de Minas. A Maria estudava, tal...

A: A Maria acompanhava você?

G: Para o sul de Minas não. O irmão dela que, às vezes, ele gostava também de samba, e ele... levava ele. E às vezes eu tinha que vir para Campinas buscar, que era quatro dias, às vezes quebrava [baquera], quebrava coisas, tudo, vinha para cá até para buscar que, às vezes...

A: Era bom, então?

G: Era bom, sim, era legal.

A: Agora, você estudava, não é?

G: Então, nessa época não estudava.

A: Como você resolveu estudar? Não?

G: Não, nessa época não, eu tinha parado. Eu comecei, eu voltei a estudar logo que eu entrei na guarda, que eu parei de trabalhar com eles, e fui trabalhar registrado como vigilante bancário. Aí, como vigilante bancário, eu comecei a trabalhar no banco, e o meu gerente daí falava: você não pode ficar nessa guarda eternamente, você tem que fazer alguma coisa. Você é um cara tão inteligente. Por que? Eu saía da guarda, o meu horário era sair 4 horas, que o banco fechava às 4.

A: Quando você entrou na guarda? Você tinha quantos anos?

G: Ah, foi em 72.

A: E como é que era? Você chegou, assim, como você achou esse emprego?

G: Não.

A: Porque você não era nada desse ramo.

G: Não tinha nada a ver, não tinha nada a ver. Eu tinha feito inscrição na Rhodia para [...] entrar na fabricação, entendeu? Eu tinha um conhecido lá, ele falou: olha, Nando, você vai fazer uma ficha e a gente vai aguardar. Eu fiz uns testes na Rhodia e tinha que aguardar. Só que estava demorando muito e eu já tinha vindo embora com o circo, aquelas coisas que eu tinha abandonado tudo, não é? A minha mãe falou: você não... O rapaz lá mesmo, falou para mim: olha, Nando, não fica esperando muito porque talvez vá demorar bastante, porque você já viu, é meio que... Aí surgiu esse... ser guarda, ser guarda de banco.

A: Você olhou no jornal isso?

G: Não sei se foi em jornal [...], acho que foi em jornal.

A: E o que exigia?

G: Nada.

A: Não tinha nenhum... nada?

G: Era primário só. Aí eu fui para São Paulo, eu fiz 15 dias de curso de tiro, porque tinha que aprender a usar, a manusear um revólver pelo menos, aí eu fui para São Paulo.

A: Mas era uma empresa que servia vários bancos?

G: Era uma empresa de vigilância que prestava serviço para vários bancos. Aí...

A: Era aqui de Barão?

G: Não, ela era de São Paulo.

A: Aonde era a sede daqui?

G: A sede dela aqui em Campinas era na rua Uruguaiana, lá perto do Bosque.

A: Na Uruguaiana.

G: É, lá encima, lá perto do Bosque. Chama Estrela Azul. Aí eu fui para São Paulo, eu fiz o treinamento tudo, e vim... antes de vir para o banco, eu fui para uma empresa que trabalhava à noite, fazer a vigilância. E aí, graças a Deus, um cara que vinha de dia, não veio, o meu substituto não veio, eu tive que ficar o dia e tive que cumprir a noite, que era minha. Eu não tinha substituto. Só que à noite, era dois que trabalhava, eu não agüentava mais. Era uma noite, um dia, uma noite.

A: Nossa.

G: Eu peguei e falei para o colega: olha, meu amigo, eu não agüento mais, eu vou dormir. Cuida sozinho que eu vou dormir. E aí eu estava dormindo, ele chamou o inspetor da guarda. O inspetor da guarda pegou eu dormindo e mandou eu embora para o banco. E até então, ninguém queria ir para o banco porque o banco era das 10 às 4, não tinha adicional, não tinha nada.

A: Você ganhava menos?

G: É, no banco você ganhava menos do que trabalhar à noite, nas empresas. E aí ele mandou, pegou eu dormindo, fui para o banco. No dia seguinte, fui mandado para casa dormir e assumi no banco.

A: O banco era um lugar que ninguém queria ir?

G: Ninguém queria ir, imagina.

A: Nem você queria ir para o banco.

G: Nem eu queria ir, financeiramente não adiantava. E como eu trabalhava à noite, chegava de dia, ia para casa, dormia até meio dia e ficava.

A: Você gostava de trabalhar de guarda?

G: Não, mas era obrigado, não é? Você tinha que ganhar o troco, não tinha por onde.

A: E essa história toda do conjunto, como é que ficou?

G: Então, eu acabei largando, porque o irmão dele... eu trabalhava mais na carpintaria. Então, sábado e domingo que eu fazia isso com a banda. Aí quando... na carpintaria você não estava

registrado, você tinha aquele problema, todo mundo pensava logo na assistência médica, você não tinha direito à assistência médica, nada. E aí eu fui para a guarda, esperando agora... que logo, também, nesse trâmite aí, eu fiz a ficha na Rhodia.

A: Não era bem isso que você queria?

G: Não era isso. E aí eu fui prestar serviço para o banco, tinha que sair às 4 horas. Só que antes de sair, eu ficava ajudando o contínuo. Tinha dois contínuo, mas um saiu, não quis mais trabalhar no banco, ele era [...] sitiante, ele preferiu ficar com o sítio.

A: Você gostou do banco? O que você achou quando chegou...

G: Eu gostei do banco.

A: ...no banco? Porque era diferente da...

G: Era totalmente diferente, não é?

A: Porque você trabalhava à noite numa empresa vazia.

G: Totalmente, totalmente, mas...

A: Era a agência aqui de Barão?

G: Era.

A: Foi você que escolheu ou não?

G: Não, eu... Para guarda?

A: É.

G: Não, para não ter muito gasto, já ganhava pouco, então para não ter muito gasto, eles procuravam perto...

A: Mais perto de casa?

G: Não precisava tomar ônibus. Já que eu morava aqui, eles prefeririam me deixar aqui, porque uma que eu briguei: pô, agora vou sair daqui, da noite, que eu ganho bem, vou trabalhar num banco da cidade, vou ter que pagar ônibus e tudo. Ele falou: olha, Nando, eu vou deixar você em Barão Geraldo.

A: Só tinha o Banespa aqui em Barão?

G: Só o Banespa. Banespa, foi bastante tempo só o Banespa. Como você é daqui, eu vou... você fica aqui mesmo. E a gente sabe que o problema de guarda em Barão, ele falou, você fica aí.

A: E você trabalhava das 10 às 4?

G: Das 10 às 4. Fui funcionário do banco, tinha 2 guardas. Tinha um que fazia até o pessoal do banco ir embora, ele entrava mais tarde. Fazia das 7 da manhã. Eu entrava cedinho, na hora que o povo do banco entrava, eu entrava junto por causa da segurança. Aí o outro entrava mais tarde e saía mais tarde, junto com o pessoal que fechava o banco.

A: Entendi.

G: Entendeu? E aí fazer os arquivamentos, aquela coisa toda.

A: E quem que te pedia para fazer isso?

G: Ninguém, eu ficava ali, não ia sair para ir embora. Eu depunha a arma, eu entregava a arma para eles, que eles tinham que trancar as portas. Como o banco era pequenininho, tinha aí uns...

A: Quantos funcionários tinham?

G: Uns 10 ou 12 pessoas no máximo.

A: Você pegou amizade com as pessoas?

G: Peguei amizade com o pessoal e...

A: De onde eram essas pessoas, esses funcionários?

G: Ah, a maioria era tudo daqui, tinha o [citas vários nomes]

A: Quase todos homens?

G: É, tinha duas mulheres só. Na época, tinha poucas mulheres. Tinha o seu Geraldo, [bom funcionário].

A: Eram pessoas mais velhas?

G: Quase todas, bem já madura.

A: Vinte e poucos anos?

G: É, vinte e poucos anos. Seu João era um pouco mais velho do que eu. Ah, já eram pessoas maduras, casadas, eu não. Eu tinha 20 em 73, quer dizer, 54, 64, 74, eu tinha 20, 19 anos.

A: Você gostava deles?

G: Ah, eu tinha bastante amizade com eles e, à noite, na virada do mês, assim, tinha atualização de contas de Fundo de Garantia, que era tudo manual, não tinha máquina computadorizada, nada. E até um rapaz, um senhor que mora aqui, chamava Ferreira. E eu ficava à noite com ele. Ele trancava a porta e eu ficava com ele, ajudando ele. Ele ficava lançando o Fundo de Garantia, os extratos das pessoas, é extrato, não é?

A: É.

G: E eu ficava ali.

A: E você gostava?

G: Gostava, rapaz.

A: Mas era um trabalho sem remuneração.

G: Sem remuneração, você vê eu... até hoje eu tenho problema disso, sabe? Trabalho sem remuneração, porque eu...

A: Como assim?

G: Eu gosto, às vezes, de ficar... às vezes, eu gosto de ficar ajudando as pessoas. Às vezes alguém pede alguma coisa: ah, sabe, eu vou resolver um problema, você não dá uma olhada para mim? Então eu vou na casa da pessoa, que é amiga, não é para qualquer um, e por fim eu acabo fazendo o serviço, conserto o serviço e não sou remunerado por isso, não é? Contando que a pessoa é que economizou nisso, não é?

A: E você não se sentia explorado lá no banco, assim, de ficar mais?

G: Nessa época não, porque eu não ficava por obrigação, entendeu?

A: Entendi.

G: Eu ficava mais por amizade com o contínuo. E numa dessa que eu aprendi. O João, hoje ele é uma pessoa bem sucedida, tem um escritório de contabilidade grande, ele faz a contabilidade.

A: Quem era o João?

G: O João [cita o nome completo], ele era o contínuo na época.

A: Ele era o contínuo?

G: Ele que era o contínuo.

A: E esse contínuo era contratado pelo banco?

G: Era funcionário do banco, contínuo.

A: Você tinha vontade de ser contínuo?

G: Ah, era sonho, trabalhar no banco, você tinha vontade de aprender.

A: Por que você começava a sonhar em trabalhar no banco?

G: Não, porque você...

A: Era guarda.

G: Era guarda, mas era diferente, você sabia que o pessoal era muito melhor remunerado, era uma função, assim, bastante remunerada, bancário... até hoje. Hoje, eu, conversando com um gerente aí, eles falam: olha, Grozzi, a gente pára para pensar. Claro que você, quanto mais você ganha, mais você quer ganhar. Eu acho que quanto mais você ganha, mais você gasta, porque você não se limita. Se eu ganho mil, vou gastar os mil. Se eu ganhasse 2 mil e tivesse... lógico, você vai gastar de qualquer forma.

A: Você projetava: puxa, acho que eu vou querer ser contínuo, vou me empenhar. Você pensou?

G: Não.

A: Não?

G: Eu, estando ali dentro, o gerente falou: Gati, você não quer trabalhar com a gente? Está precisando de um contínuo, o Lula saiu – chama [cita o nome] e você podia trabalhar com a gente. E foi da onde que eu fui... teve o concurso e tal.

A: Como é que era esse concurso?

G: Olha, rapaz, bem na verdade, assim, foi até um concurso praticamente arranjado, porque eu já tinha conhecimento de todo mundo ali dentro, já fazia uns 4... porque eu não trabalhei muito na guarda, eu trabalhei um ano e pouco só, sabe? Então, já fazia uns 3, 4 meses que eu estava ali dentro, e o Lula tinha saído e eu... estava o João, o João estava fazendo faculdade também, certeza ele não ia ficar por muito tempo como contínuo. E aí ele ofereceu, eu comecei a trabalhar contratado do banco. Eu não era bancário, eu era uma...

A: Mas você fez uma provinha, como é que foi?

G: Uma prova, fiz uma provinha.

A: E o que caía?

G: Caía coisinhas, eu não lembro bem o que era não, caía umas perguntinhas de matemática, eram umas coisinhas de português, umas coisas do banco, algumas siglas de mercado, de [cita as siglas], aquelas coisas todas que na época tinha.

A: Aí você deixou a guarda?

G: Aí eu deixei a guarda.

A: Em que ano que foi?

G: Ah, foi no fim de 73, foi no fim de 73, quase... logo depois eu entrei no banco, em setembro... outubro de 74, não, eu entrei em 73, e saí em 74, sabe? Em outubro de 70 e... em junho, julho, agosto. Em agosto de 74, eu saí da guarda e em outubro de 74 eu entro...

Eu lembro da família assim, tem hora que eu tenho até [Barão], eu tenho medo de até [...] porque, sei lá, entrar em parafuso, eu já tive problema com depressão, então eu tenho até medo de [...].

A: Fica à vontade.

G: Então, é gostoso, assim, você lembrar, mas tem coisas, que, às vezes, não é bom, você teria que estar passando por um psicólogo, sei lá, que eu já nem quis ir atrás. Eu já tomei um remedinho controlado, isso teria que estar desabafando mais com psicólogo mesmo, fazer uma psicanálise, sei lá o quê aí, para você não...

A: Você fica à vontade, para você lembrar o que você quiser, para não...

G: É, porque a vida tem muito, assim, altos e baixos, não é? Então aí eu entrei no banco, chamava [cita o nome]. Fazia tempo que eu não ouvia, e no aniversário do banco de 30? Acho que foi no 30 anos de Barão Geraldo, eles procuraram reunir um monte de pessoas e aí acharam o Seu [cita], que ele era aposentado já, que ele era um senhor, morava no centro da cidade. Rapaz, a hora que eu vi aquele senhor, eu achei que devia a minha felicidade, uma parte da minha felicidade a ele, porque, afinal: você vem trabalhar com a gente, você vai trabalhar aqui. Porque quando eu era guarda, o diretor do banco, um presidente do banco veio visitar o banco, era o Dr. Murilo Macedo, na primeira gestão dele e a prontidão de guarda, aquelas coisas...

A: Medo, não é?

G: Medo de ver o homem, e aí ele falou: não, você vai trabalhar com a gente, então, se você quer ascender. Ah, tá bom. Aí ele arrumou esse concurso. O banco mandou a provinha. Tinha que ter 3 concorrentes à vaga, aí teve eu e teve um rapaz que era dono do escritório contábil, que jamais iria precisar trabalhar como contínuo e o outro também era... mais uma vaga que foi arrumada para mim, porque o rapaz saiu, o Lula...

A: Você acha que o método, que a escolha era quem estava mais precisando do emprego?

G: Ah, sim, não era, não foi um concurso público, assim, que tem hoje.

A: Porque, tipo assim, deixa eu ver se eu entendi. Apesar de você ter a amizade, tal, ele sabia que iria ser muito bom para você esse emprego, que era uma oportunidade para você, diferente desse cara, que já tinha o escritório.

G: Ah, sim!

A: Você entendeu? Podia até ser que ele tivesse uma...

G: Um privilégio. Logo ele deu um... ele me privilegiou, não é?

A: Quis te dar uma oportunidade.

G: Uma oportunidade de emprego, ele falou: jamais, eu acho isso, jamais eu vou pegar na pasta, eu vou pôr um edital aí na porta, pedir um contínuo e, de repente, vai vir aí uma dúzia de pessoas e que às vezes vai passar uma pessoa que não está tão interessada no serviço como está o Grozzi, porque eu ficava de livre e espontânea vontade ali dentro, fazendo o serviço junto com o rapaz, então evidente que ele teve mais interesse para que eu ficasse ali no banco.

A: Como que você ficou, você gostou? Ficou contente?

G: Fiquei contente, ah, fiquei muito contente.

A: Quando ofereceram o seu salário? Mas era diferente o valor?

G: Ah, então, foi daí que... era diferenciado, eu era contratado, não era nem contínuo, praticamente, eu era um carteiro, porque eu saía de Barão Geraldo distribuindo as correspondências do banco, porque não tinha carteiro, Barão Geraldo era um bairrinho que não tinha distribuição de correio, nada. Então a gente entregava de porta em porta a correspondência do banco.

A: Você ia nas agências do centro?

G: Ia de vez em quando, ia buscar alguma coisa, um documento que precisasse. Eu era [].

A: Você conheceu muita gente?

G: Ah, sim.

A: Porque andando aí pra lá. Muita gente do banco também?

G: Muita gente do banco. Aí eu comecei, porque você começa a ... comecei a fazer parte do setor de compensação. Levavam os cheques que depositavam aqui, levava para a cidade, para o setor de compensação.

A: Esse era o serviço do contínuo mesmo?

G: Era o serviço do contínuo, e a gente fazia também uma cópia do balancete. O cara datilografava o balanço, aquela fita copiativa e a gente tinha que transpassar isso para um livro, e esse livro era um papel manteiga, onde você tem o mata borrão, tal, e o outro, e prensava, punha numa prensa e o que estava escrito com lápis passava para a folha do livro.

A: Você aprendeu muita coisa no banco?

G: Ah, aprendi.

A: E quem que te ensinava?

G: Eu aprendi com o João, aprendi com... eu vou te falar, sei lá, eu aprendi mesmo na raça, eu não tenho nada... eu não tive uma faculdade, eu não tive nada, e cheguei a ser responsável pelo banco até por supervisão, para a área administrativa.

A: Você acha que os mais velhos ensinavam você, assim, eles eram generosos ao ensiná-lo?

G: Era assim, não é... você não tinha um movimento muito grande dentro do banco, então, o que você tinha que fazer, você ia perguntar, o pessoal parava de fazer o que estava fazendo e ia lá: olha, você vai fazer isso, a gente pega... os arquivos, por exemplo, da parte contábil, tudo que ficava nesse livro registrado, que era o balanço da agência, se você pegasse aquele livro e pegasse o movimento do dia do banco, ele estava, ele ficava guardado num bloco. Blocava tudo aquilo

ali, os cheques, os lançamentos de débitos e créditos feitos na contabilidade eram numerados de 1 até o fim e eram colocados num bloco, numa capa, qual era a capa, tudo, selada, onde o gerente assinava aquilo.

A: Todo mundo meio que participava.

G: Todo mundo participava, porque todo setor do banco que fazia a ficha, ele assinava.

A: Entendi.

G: E o gerente assinava junto. Chegava no fim do dia, no outro dia, ele passava para o pessoal do arquivo, que tinha que ter aquilo que é vinte e poucos anos de guarda dessas contabilidade, guarda de arquivo, então dava aquilo, passava para o pessoal do retaguarda, que era o caso, e a gente somava, refazia a contabilidade, porque o contador pegava aquela ficha, João assinou lá um débito, ele punha lá o débito, ou então um crédito, tudo direitinho, e, no final do dia, para você guardar aquilo, você não tinha se baseado em nada, você somava tudo aquilo, débito e crédito...

A: Tinha que bater.

G: Tinha que bater, tinha que deixar certinho, você deixava a ficha somatória ali...

A: Para a conferência.

G: Para a conferência do gerente, que era o gerente administrativo, o gerente geral da agência, que assinava aquela carta que era própria para isso, eles tinham que assinar aquilo.

A: Você acha que era diferente da agência do centro?

G: Ah, era bastante diferente, a agência centro era muito grande. Quando eu entrei de contínuo aqui, lá tinha 4, 5 contínuos, tinha um contínuo para trocar todo tipo de máquina para o escriturário.

A: E vocês se conheciam, tinham alguma relação?

G: Muito pouco, às vezes, precisava de alguma coisa, ligava lá: olha, eu quero falar com o Isaías. A gente se identifica com uma certa pessoa, então você não tinha uma pessoa certa assim.

A: E você conhecia, passou a conhecer o pessoal de lá também ou não?

G: Olha, a centro era muito pouco.

A: Muito pouco.

G: Tinha pessoa... Quando eu passei mais para escriturário, que eu tive mais conhecimento naquele... porque você começa a ...

A: Você era contínuo...

G: Eu era contínuo, então você não tem muito contato. Você tinha contato com contínuo, porque você procurava se relacionar com ele: olha, puta rapaz, eu fiz um pedido aqui, acabou tal impresso, acabou o 16101 aí, você tem para me emprestar? Quando chegar amanhã eu te dou. Quanto você quer? Ah, me dá um bloco aí. Aí ele me mandava um bloquinho no malote e quando chegava eu devolvia para ele.

A: Quanto tempo você ficou de contínuo?

G: Eu fiquei de 74... quatro anos, 3 anos e pouco, 4 anos, foi o que eu...

A: Quando você entrou no banco de vigilante e passou para contínuo, a sua mãe e o seu pai acharam o que?

G: Ah, a minha mãe ficou super entusiasmada, porque...

A: Ela ficou alegre?

G: Ficou alegre, porque era um serviço estável, porque você tinha uma certa estabilidade. Nem eu não sabia também qual era o grau de estabilidade que você tinha e quanto que isso ia ser diferente, porque 28 anos, não é? Agora, com 28 anos de banco, que eu saí, eu falei: eu fiz a minha vida ali dentro, não que o banco...

A: Mas você nem sabia dessa coisa de...

G: Nem fazia idéia que fosse virar isso tudo.

A: A sua mãe achava o banco bacana?

G: Achava.

A: Um emprego legal?

G: Um emprego legal, um emprego, assim[...], como é que fala? De status, não é?

A: Contínuo tinha uniforme assim?

G: Tinha uniforme.

A: A sua mãe lavava, passava, porque tinha que ficar bem... não é?

G: Ih, a minha mãe...

A: ... engomado.

G: Impecável, era impecável.

A: Era uma fardinha, não era? Eu lembro.

G: Era.

A: Era uma fardinha.

G: Era uma fardinha, tipo guardinha mirim hoje.

A: Mas era bonito.

G: Bem alinhado.

A: O banco até dava o uniforme?

G: O banco dava o uniforme, sapato, tudo.

A: Ah, até sapato?

G: Dava tudo. Não era obrigado a usar, sabe? Mas a gente gostava de ficar alinhado, a gente também não tinha muitas condições e você também não ia pegar roupa de missa e trabalhar no banco. Todo mundo trabalhava ali na... então a gente pedia uniforme.

A: Entendi.

G: Era uma calça marrom e uma blusa, uma camisa azul clarinha, tinha uma de manga curta e uma de manga comprida, gravatinha. O sapato era Vulcabrás 752, da Vulcabrás, só... você ficava tão bem.

A: Você já tinha emblema do banco [no uniforme], já?

G: Não.

A: Não, não tinha? Era dado?

G: O emprego do banco era totalmente diferente, ele não... agora, até que ele não dá esse símbolo aí do banco, sabe?

A: Então você andava de uniforme para cima e para baixo, trabalhando.

G: Trabalhava de bicicleta...

A: De bicicleta?

G: [Monaretas], sabe aquelas Monarks quadradas? É antiga, não é? Mas eu tinha uma bicicleta daquelas, se precisava, ah, na casa do cliente tal, eu pegava a bicicleta e ia tal, pegar os cheques, que às vezes o cliente depositava, que eram devolvidos, devolvidos por algum motivo, tinha que entregar na casa do cliente.

A: A sua mãe gostou de você entrar no banco?

G: Minha mãe achava que eu era...

A: O seu futuro.

G: O meu futuro e também o dela. Daí era um passo mais forte, que ela me cobrava para eu estudar, porque até então eu não estava mais estudando.

A: Seu João cobrou também para você estudar? O seu João?

G: O João.

A: O que ele falava?

G: O João [cita o sobrenome]... ele sempre cobrava para eu estudar. Mas a gente também era moleque, sabe, não tinha muito...

A: Mas você foi fazer supletivo.

G: Aí fui fazer supletivo.

A: Você gostou?

G: Aí fui fazer supletivo, porque nessa época tinha trocado o gerente, contínuo até ele não cobrava, sabe?

A: Você tinha até a quinta série, não é?

G: Não, o supletivo. Até 5^a série era Admissão. Supletivo era da 5^a a 8^a série, que era o ginásio, até então eu não tinha nem ginásio.

A: Até lá era madureza, não era?

G: Era madureza, curti madureza. E eu comecei a fazer o curso madureza.

A: Era bom, não era?

G: Tinha curso bom.

A: Era bom. Esse Evolução era muito famoso em Campinas.

G: Evolução era muito famoso. Agora tem até faculdade.

A: Tem, pois é.

G: Mas eu comecei a fazer um curso, eles chamam a atenção, tinha uma propaganda, uma panfletagem na cidade, que foi o primeiro supletivo, o primeiro madureza. Ficava encima do Édén Bar. Rapaz, eu comecei a fazer porque o gerente começou a me cobrar, o seu Francisco, que foi o meu gerente que tinha vindo para cá. Seu França foi para a diretoria e o Chico, era o diretor do [lugar], começou a cobrar, tinha que estudar porque senão não podia ficar no cargo, porque senão... e eu entrei nesse curso do madureza. Chegando lá, não era bem aquilo que eles prometiam não. Era uma coisa meio estranha e a dona do curso, ela estava querendo levar o curso mais para a área de teatro, então eu não estava aprendendo, não estava virando, sabe?

A: Ah, é? Como teatro?

G: Ah, umas coisas meio estranhas, assim e fazer teatrinho, não é?

A: Entendi. E eu, um dia, cheguei e briguei, falei: olha, eu não estou fazendo madureza aqui, e o banco está me cobrando, eu preciso. Até o final do ano, vai ter concurso... final de 78, concurso público que abriu, entrou a Maria, entrou um monte de gente.

A: Sei, tinha que ter o ginásio, ginásial.

G: Tinha que ter principalmente o primeiro grau, que era o ginásio: que era grupo, ginásio e colégio. E tinha o intermediário, que era curso de Admissão. Você lembra do Admissão? Então você tinha de primeiro a quarta, aí a quinta série era Admissão, você fazia o curso de Admissão que era para você passar...

A: A madureza tinha esse...

G: Não, que era tudo junto.

A: Mas você já fazia a Admissão.

G: É, fazia tudo junto. Na verdade, você estudava os quatro em 6 meses, tanto é que o teu diploma é tudo picado. Você faz português, matemática, cada um...

A: Mas como é que era, cada um seguia ou era por série?

G: Não, você podia fazer a matéria que você quisesse no final de 6 meses. Então de 6 em 6 meses o governo abria o concurso, o curso de... aí você ia fazer, você podia fazer todas as matérias e naquela que você passava você já eliminava, então...

A: Qual foi a primeira que você eliminou?

G: Ah, não lembro, deixa eu ver, não lembro se foi matemática, eu acho que foi matemática.

A: Você tinha...

G: Ah, tinha [], tinha política social, hoje razão social de política brasileira.

A: Você tinha dificuldade, você estudava sozinho em casa?

G: Estudava sozinho. Então, quando eu fui fazer esse supletivo aí...

A: Você estava me contando.

G: Começava esse teatrinho, e a gente assinava umas notas promissórias no curso, não podia parar. Se parasse, você tinha que pagar. E eu pedi para cancelar o meu curso, porque eu não podia ficar ali. E aí eles [...] protestaram com as promissórias, tinha que pagar: eu não posso pagar, eu vou sair e vou estudar num outro colégio, num outro supletivo. E aí eu saí, eu abandonei o curso e saí. Eles não quiseram cancelar. E aí teve muita gente também que o interesse deles era estudar e não fazer teatro e saíram atrás de mim.

A: Você foi um líder.

G: É, daí eu apanhei por isso.

A: É?

G: Daí eu já estava namorando a Maria e... 76? Acho que foi em 76, teve um outro curso para baixo. Daí, um belo dia, rapaz, um sábado, pegaram uma ficha e vieram bater na porta da minha casa, da casa da minha mãe, me procurando. Aí a minha mãe falou: ah, não está. Pô, como é que não está? Isso é fácil de lembrar porque foi no dia das mães. O dia das mães é no domingo, não é? Foi num sábado. Minha mãe falou: ele não está. Mas como ele não está? Ele prometeu que iria com a gente num acampamento que a gente ia fazer e tal. E o dono desta escola, na General Osório, encima do Lustres Leandro, esquininha ali, ele tinha uma academia de Judô e ele veio, bateu na casa da minha mãe... a mulher dele que veio, não foi nem ele. A minha mãe falou que ele não estavam, tal. Ele prometeu que ia com a gente, e tal, eu e o Marcos. A minha mãe falou: olha, ele deve estar na casa da namorada dele, porque o sogro dele está fazendo uma casa lá e ele deve estar lá ajudando a fazer, eu estava fazendo, porque eu ia morar lá nos fundos.

A: Aquela história que você estava contando dos dias das mães, que eles foram lá...

G: Então, daí ele veio me chamar com um Chevette, eu lembro até hoje, placa LS6673, rapaz, não sei porque, acho que isso me chamou a atenção. Daí veio, a minha mãe falou: está na casa da namorada dele. Na onde é que é? Na rua tal, tal, tal. E foram lá. E na casa eu estava trabalhando. Eu tinha acabado de chegar do serviço, era um sábado, meio dia mais ou menos.

A: A sua mãe deu toda a pista para você?

G: Deu porque não sabia de nada, isso foi em 76, faz quase 28 anos, 25 anos, não é? Ele está... deu a ficha toda e eles foram lá. Bateram na porta e a minha cunhadinha, que hoje é, saiu, perguntou o que queria: ah, o Armando [seu primeiro nome] está aí? Ué, está na casa trabalhando. Você pode chamar? Fala que o amigo dele está aqui. E eu voltei, abri a porta: pois, não. Você que é o Armando? Sou eu mesmo. Então, vai levando. Nossa, deram um murro na boca aqui e eu já dei com a cabeça no muro. E já desmaiei.

A: Isso lá na casa da Maria?

G: Isso na casa da Maria.

A: É aquela construção?

G: E aí o outro já me chutou a cabeça. Por sorte a minha cunhada viu e o pai dela tinha acabado de chegar do mercado, que era o antigo Eldorado que tinha na Saraiva, e ele estava fatiando umas carnes, e ele saiu com uma faca de cozinha assim. E os caras entraram no carro e eu fiquei matutando, eu falei: gente, quem será esse pessoal? Não sei, não devo nada para ninguém. E eu não conhecia ninguém.

A: E você machucou bastante?

G: Eu machuquei o cotovelo, machuquei a cabeça, desmaiei, porque...

A: Você não pensou em chamar a polícia?

G: Daí nós fomos para a delegacia, fazer boletim de ocorrência, fiz exame de delito, tudo, mas eu não fiquei satisfeito. Peguei o Marcos, que o tio dele era policial, e o Marcos falou: eu acho que é o pessoal do cursinho. Será que é Marcos? O Rogério guarda o carro lá na Sanitário Guarany. Vamos lá ver? Vamos. Então, lá na porta, tal, estacionamento do lado, chega a chevete LS6673. Aí perguntei para o cara do estacionamento: de quem é esse carro? Ah, do professor da academia aqui do clube. Pronto, voltei para a delegacia e falei: olha, foi o pessoal da academia. E aí eu fui, fiz o boletim de ocorrência tudo, alterei tudo direitinho e já estava no banco. Aí o pessoal do banco: não, nós vamos arrumar um advogado, nós vamos acabar com isso daí. Aí, na segunda feira, eu fui para cursinho, para um outro cursinho, chegando lá o cara não queria a gente mais no cursinho porque esse pessoal entrou dentro do cursinho dele e detonou o cursinho dele. Ele era um professor de [...], eu não lembro qual era...

A: Tudo no Evolução...

G: Não, antes do Evolução.

A: Antes do Evolução?

G: Porque o que eu estava fazendo, ele parou com o curso. Ele veio de Minas Gerais para cá e abriu essa escolinha ali na General Osório, e ele parou com o curso, porque o pessoal foi lá e detonaram com o curso, acabaram com o curso dele.

A: Na verdade, ele era concorrente dele?

G: Ele era concorrente e quase todo mundo que saiu...

A: Foi para lá.

G: Foi para lá, entendeu? E a gente veio a descobrir que esse pessoal que fizeram isso daí foram alunos da própria academia do rapaz.

A: Entendi.

G: E ele...

A: O pessoal do banco ficou todo comovido, mobilizado...

G: Nossa, o pessoal ficou... acho até que tinha um rapaz aí, que era cunhado da Regina Duarte, era advogado, tudo, ele falou: olha, eu vou pegar o meu cunhado, ele vai cuidar disso aí para você. Aí fui no 4º Distrito, no Taquaral, porque era no Taquaral lá, ver direitinho, e ele chegou lá, ele falou para mim: olha, Armando... o delegado falou para mim: Armando, apanhar, você já apanhou, deixa isso quieto, o professor vai vir aqui, vai retirar todas as suas duplicatas, que ele tinha posto em cobrança, ele vai te devolver, vai cancelar, larga isso para lá. Na verdade, ele fez isso porque ele era uma máfia, não era para fazer, vamos dizer assim. Se o próprio delegado, ele aconselhar tirar o ...

A: Claro, ele sabia o que ele podia fazer.

G: Não tinha o que fazer com o cara. E aí, a gente meio bobão, eu falei: então, deixa quieto. Ele foi lá, o próprio, o rapaz veio dentro do banco, ele tinha quase 2 metros de altura, o professor de ginástica, de educação, de...

A: Judô.

G: Judô. Eu retirei essa []... aí o advogado, também, que era uma pessoa boa, falou: Nando [nome em que Grozzi é conhecido entre os familiares e amigos], olha, isso é problema seu. Se você acha que vai resolver o problema, a gente processa o cara, mas... E aí acho que ele conversou com o delegado do 4º Distrito, acabou entrando num acordo e eu assinei uma baixa lá da coisa, que nem foi ele na verdade. E ele me devolveu as duplicatas, todas as notas, o pessoal veio no banco conversar comigo, falou que foi a mulher dele que fez isso, que ele tinha ficado chateado com a mulher dele, porque a mulher dele queria ensinar também um meio, um método de ensino através do teatro, não sei o quê, e a gente levou para o outro lado, e acabou debandando, acabou falindo inclusive com a escola dele. Mas aí a gente, sabe, acaba descobrindo

que não era bem isso. Numa época bem passada, 60 e alguma coisa, esse cara já tinha sido processado porque ele... a gente não tem bem certeza, mas foi processado porque ele começou com cursinho assim, passou para a parte de teatro, começou a fazer fotografia e aí começou a fazer montagem de mulher pelada de calendário com as alunas, entendeu? Ele: não, a gente tira fotografia sua e... A gente descobriu por intermédio de outras pessoas, então ele tirava a sua fotografia, e a minha fotografia daqui para baixo e a sua fotografia daqui para cima. E ele montava o teu corpo... montava a sua cabeça com o meu corpo, quer dizer, não era eu, mas era eu, não é? Então ele ganhou dinheiro com esses calendários de mulher nua bastante. E aí teve uma aluna que processou ele tal, mas diz que não deu em nada. Então não era a primeira vez. E aí foi onde parti para o Evolução. Fechou esse cursinho, fui para o Evolução, acabei fazendo o meu ginásio.

A: Era bom o Evolução?

G: Ah, o Evolução era bom, eram professores... praticamente era alunos de Unicamp, sabe, que sabiam o que estavam ensinando. Era pessoa que sabia da realidade sua ali dentro, sabe?

A: Eram pessoas mais velhas, os alunos, ou não?

G: Tinham alunos mais velhos, tinha pessoas já de mais idade, geralmente pessoas que estão necessitadas daquele diploma, porque se você não... hoje eu achava, às vezes, que os meus... que o filho do Marcos, esse rapaz que estudou comigo, que também não virou nada, eu falo do filho dele, que é novinho: vai estudar, velho, você é tão novinho, tem 20 anos, o tio cansou de ouvir isso daí, não deu valor, deu pouco valor, você vê. Eu fui... porque eu fui privilegiado de ter entrado no banco, porque não é todo mundo que tem esse privilégio, assim, sem ter nada, ou de ficar no banco. Eu tive padrinhos no banco. Quando o cara é novo, não, o cara tem uma capacidade. Ele pode não ser bom para estudar, ele tem uma capacidade de aprendizado grande. Em Barão Geraldo, eu cheguei a ser gerente administrativo por 30 dias, porque a agência tinha 30 funcionários já.

A: Você acha que a escolaridade no banco...

G: Não, para você entrar no banco, eles vão pedir isso, mas para você executar um serviço lá dentro, não.

A: Ah, não, não tem nada haver.

G: Nada haver, entendeu? Vai falar que... agora, para quem vai elaborar os projetos lá no banco, esse cara tem que ter um nível superior bem estruturado, mas para ser o que eu fui no banco, um executor de ordens, eu tenho que ter garra, se eu não tiver, eu apanho.

A: E aí você aprendeu tudo com o banco?

G: Tudo com o banco. Até a parte de informática, que hoje eu faço, eu aprendi dentro do banco, curiosidade e fazendo.

A: O supletivo não ajudou você em nada?

G: Então, depois eu terminei. Eu fiz o ginásio, fiquei devendo, porque quando eu estava fazendo o supletivo. [Cita o nome do funcionário, seu superior, de sua agência] levou... eu já estava no banco como funcionário, ele queria me dar uma promoção para administrador, para escriturário, que eu era, na época, eles chamavam de auxiliar de escrita. Eles criaram uma base, uma outra categoria, o banco chamava de auxiliar de escrita. Aí o Chico, o Francisco, levou para São Paulo...

A: O que que era auxiliar de escrita?

G: Então, era uma categoria para escriturário, que foi criada, porque no banco há escriturário A, B, C, D, F. Era a última letra do banco, a mais rasa era a F. Aí o por que eles fizeram isso tudo? Para não botar você para escriturário F, para o cara do F não ficar: pôxa, acabou de entrar agora, já é escriturário F? Eles criaram auxiliar de escrita. E aí, para eu passar para escriturário F, que já

era funcionário do banco, o Francisco levou para São Paulo o pedido e falou: não, eu... Ele ligou para mim e falou: Grozzi, eu estou aqui em São Paulo, com o diretor pessoal, e eu estou te promovendo para escriturário F, só que você está me devendo o diploma de supletivo de primeiro grau.

A: Ah, você não tinha tirado o diploma?

G: Eu nem tinha acabado de fazer, eu tinha parado. Então você está me devendo, vou levando a cópia do documento aqui, você está se comprometendo a levar para mim. Aí eu fiz o supletivo do primeiro grau, terminei, eu não fui mais atrás. E o banco estava pedindo, inclusive, o segundo grau. Eu falei: eu passei em concurso no banco para gerente, sem ter o segundo grau, sem ter uma faculdade. E eu fui nomeado gerente em Monte Mor, mas eu não aceitei.

A: Ah, não?

G: Então são coisas que a vida que ensinou, eu não aprendi nada na escola, técnico ou coisa assim.

A: Agora, deixa eu ver se eu entendi: você para passar para ser auxiliar escrita, você tinha que ter o primeiro grau?

G: Para passar para auxiliar de escrita, eu fiz o concurso.

A: Ah, bom.

G: Eu entrei no mesmo concurso, no mesmo concurso que a Maria fez, tal, só que eles entraram como escriturário... como auxiliar de escrita.

A: E você como escriturário?

G: Eu entrei como auxiliar de escrita também, só que ele queria me promover para F.

A: Ah, entendi. Na verdade, você já...

G: Como eu já fui funcionário do banco, ele falou: não, eu não quero que o Grozzi fique aí, eu quero que ele vá para escriturário F.

A: Mas você fica... mas você pôde prestar o concurso, sem ter o diploma?

G: Na época sim, na época eu prestei sem ter o diploma.

A: E podia?

G: Não sei, acho que podia, porque eu prestei. Porque eu já era funcionário do banco.

A: E os de fora?

G: Os de fora precisava do ginásio.

A: Entendi.

G: Porque eu já estava lá no banco como contínuo. Então eu fui para F. Para não deixar eles... e aí o sindicato caiu de pau, por causa da nova categoria, não sei o quê, auxiliar de escrita... porque eles criaram uma escriturária G, que foi a da Maria, escriturário G, a primeira... saiu de auxiliar de escrita para G. Daí tanto é que eles chamavam esse pessoal de Dodginho, sabe? Não sei porque, mas era Dodginho.

A: Por que Dodginho?

G: Sei lá, acho que foi na época da Dodge Picaque, Dodge Dolave...

A: Eu falava: eu vou comprar um Dodge. [riem].

G: Mas acho que foi a época do lançamento do Dodginho, acho que é isso, foi em 70 e pouco, 77, 78.

A: Agora, a Maria [...] vocês namoravam, não é?

G: Já estava namorando.

A: Antes de você trabalhar no banco, não é?

G: Sim, tanto é que eu tinha até mentido para ela que eu trabalhava no banco quando eu comecei a namorar. Eu não tinha falado para ela que eu trabalhava de guarda, não é?

A: Não acredito. Ah, você falava que trabalhava no banco?

G: Porque foi praticamente ali, em 74, eu estava no banco, mas não era do banco, eu era da guarda.

A: Você mentiu para a Maria.

G: Como eu trabalhei 11 anos... 11 meses, aliás, não cheguei a trabalhar 1 ano na guarda, e aí quando eu...

A: Mas, como é que é? Quando você foi se apresentar você falou: eu trabalho no banco?

G: A gente começou a apresentar as coisas, as ordens, tal.

A: O que faz, tal.

G: Você trabalha aonde? Eu trabalho no banco. Quer dizer, é uma mentira pela metade, eu trabalhava no banco. Era uma mentira com meia verdade [riem]. Eu trabalhava no banco, só não era bancário. E aí quando foi... quando eu passei para contínuo, é aí que eu falei para ela que estava como contínuo. Não, mas você não trabalhava no banco? Não, eu trabalhava de guarda.

A: De guarda?

G: Guarda? Aquele carinha que fica fardado? Não, naquela época não tinha essas... hoje, você falar que trabalha de guarda, as mulheres não querem; namorar um vigilante bancário, não quer, não é? Na época, não tinha esse tipo de...

A: A Maria trabalhava na época?

G: A Maria trabalhava na... tinha Clínica Infantil Campinas, lá na avenida das Amoreiras lá, trabalhava na parte pessoal.

A: Ela estudava à noite?

G: Estudava à noite, já estava fazendo o segundo grau.

A: E quando você passou para contínuo, o que você falou para ela?

G: Ah, eu falei que tinha saído um rapaz no banco, que eu estava sendo escriturário do banco, contínuo do banco. Namoramos bastante tempo também, já deu 5 anos.

A: E vocês tinham projeto de casar? Alguma coisa assim?

G: Sim, quando você começa a namorar, você percebe que é a pessoa séria, que não está com aquelas intenções de matar aula, eu namorei uns 4 anos, 5 anos. Acho que foi 5 anos, 74 a 80... 79.

A: Na época que você era contínuo?

G: Na época que eu estava sendo escriturário, nós fizemos as provas de escriturário junto, porque foi na ordem de série as provas, só que ela, eles sendo de fora, fizeram no saguão. E nós, que já éramos funcionários, que tinha uns... acho que 30 funcionários, 3 que já eram escriturários...

A: Que era para efetivar, não é?

G: Era mais para efetivar, não podia passar as pessoas na frente da gente. A gente fez curso de datilografia, tudo lá. E a prova foi na PUC central, a gente fez lá na PUC.

A: Você que incentivou a Maria...

G: Foi.

A: ...a fazer o concurso?

G: Foi eu que incentivei, tanto ela como uma colega dela que trabalhava na Clínica Infantil Campinas, também, chamava [cita o nome], muito amiga da gente, a minha madrinha de casamento, ela prestou também. E ela também passou. E quando chamou a Maria, chamou ela, ela preferiu não aceitar porque a Secretaria da Agricultura do Estado tinha chamado ela também. E ela era biblioteconomista, tinha curso de biblioteconomia, e ela estava se formando naquela época. E aí ela foi para cá, para o Instituto Agrônômico, o salário está baixo, ela se arrepende até hoje. O salário não é nem um quarto do salário da Maria.

A: Nossa. E como é que foi essa troca de cargo?

G: Para entrar no banco?

A: É. Difícil?

G: Ah, sabe, é um misto...

A: É igual, a prova de vocês foi igual?

G: É misto de matemática, português, conhecimentos gerais, às vezes até conhecimentos bancários, sabe? Porque, na época, tinha aquele [cita procedimentos de serviços], umas coisas assim, de múltipla escolha também, mas...

A: Você estudou?

G: Ah, estudava sim. No banco, inclusive, a gente tinha o manual do banco, eu sabia mais ou menos o que ia cair. Eu pedia para o meu gerente se podia, não só para mim, como eu levava para a Maria também, e a gente pegava o manual do banco para estudar mais sobre banco, sobre conhecimento bancário.

A: Vocês estudaram juntos ou não?

G: Estudamos junto, estudamos tanto tempo. Eu levava. Sábado e domingo, a gente estudava na casa dela, eu, ela, a Nadir, mais um outro pessoal também que não passou, entendeu? A gente estudou junto.

A: Era fácil o concurso?

G: Não, na verdade, não foi muito difícil não. Para supervisor, tinha o gerente aí que foi um sádico, um tranqueira aí, que nomeava, indicava para nomeação, indicou vários numa época aí e eu ele não indicava. Até eu brincava com ele: também eu sei porque o senhor não me indica para ser supervisor, porque se você me indicar para supervisor, quem vai levar o seu carro para lavar, não é? Você vai mandar um supervisor para levar o seu carro no posto para lavar, para trocar um chuveiro na sua casa quando queima, sabe? Porque eu era aquele tipo mesmo que eu falei, pau para toda obra, às vezes falava: pô, Nando, senta, o meu telefone parou de funcionar, não sei o que que é, você não quer dar uma olhada? Eu pegava o carro dele mesmo e ia na casa dele, pegava e olhava...

A: Ele morava aqui mesmo em Barão?

G: Não, morava lá na rua Guilardo Sul, lá no Jardim Planalto.

A: Que cargo ele tinha?

G: Gerente geral da agência, aí tinha o [cita o nome], que era gerente administrativo.

A: Você prestava serviço na casa dele ia lá...

G: Acontecia sempre, acontecia: puta, não sei, a minha televisão não está pegando, não sei o que aconteceu. Aí ia lá, era a empresa que puxou, o fiozinho quebrou atrás, não que eu era um técnico eletrônico, mas ele, para evitar pagar para terceiro para fazer o serviço, o cara chegar lá: ah, quebrou isso, quebrou aquilo, vamos trocar. Então primeiro eu ia: uh, não consegui resolver não, chama o técnico para resolver. Ele chamava um técnico. Ah, hoje não tem nada não, quebrou um fiozinho do telefone da parede. E eu emendava lá e tal.

A: Engraçado.

G: Muito engraçado e foi até passar para supervisor. Aí teve concurso para supervisor, eu prestei o concurso. Estava de férias quando saiu o resultado.

A: Quando foi isso?

G: No...[... ...] rapaz, 84... acho que foi em 84, foi em 84, não lembro não. Sei que teve uma época que eles quiseram me tirar daqui, porque disseram que era para tirar os supervisores velhos, eu era um dos mais novos que tinha aqui. Aí ele, o regional de Campinas, eu passei em 49°. E erraram que eu era incompetente, por isso que eles não me passavam para supervisor. Aí, quando chegou a minha convocação para eu ser supervisor, ele estava de férias. Aí o gerente escreveu uma novela, sabe? Se o banco, se o gerente tinha interesse para que eu fosse supervisor. Porque tem, além do concurso, porque quando se criou o concurso público, era por promoção, era

indicação, tinha que ter Q.I., que é quem indique. Depois começaram que tinha que ter concurso público e tal, porque você acabava promovendo pessoas que era incompetente às vezes. Não sempre, mas era de bem querência do gerente. Aí ele [] mais... uma novela, que eu fui preterido em indicações anteriores, porque o cara também não era muito amigo dele, o gerente que estava substituto...

A: Entendi, ainda acusou o rapaz.

G: ...que hoje é aposentado, o [cita o nome], ele veio de Manaus para cá. E aí o banco mandou uma relação de agências e tal. E aí, quando ele voltou de férias, eu cheguei para ele e falei: olha, seu Cícero, a minha prova da minha incompetência, 40º lugar no regional. Nossa, ele queria morrer. É, se depender de mim, você não iria e tal. Mas aí ele já não era mais gerente geral daqui, tinha ido para Campinas centro. E aí chegou a minha nomeação para agência da Barão de Itapura, e eu não queria ir também. Criado aqui dentro, para pegar um monstro péla frente, e lá na Barão de Itapura só tinha apadrinhado porque lá encima era regional, então só trabalhava ali quem era regional, pra frente indicado, entendeu? Aí o meu gerente foi lá, o que estava aqui, pediu para deixarem eu aqui e pôs um monte na minha cabeça: pó, mas você vai para lá, sua mulher está trabalhando aqui já, seu filho estuda aí no Rio Branco já, no quarteirão de baixo. De fato, eles tinham razão, porque eu morava na Costa e Silva, eu vinha do Costa e Silva para cá.

A: Trazia o menino.

G: Já trazia o menino para a escolinha, porque antes era... estudava numa escolinha ainda, pré, prezinho, e eu ia para o banco. A Maria saía uma hora e ia embora e eu ficava o dia inteiro, porque a gente era supervisor, tinha que ficar o dia inteiro.

A: Aí você ficou aqui?

G: Aí eu acabei ficando aqui, mas acabo me arrependendo às vezes, porque deixou de conhecer mais pessoas, outro vício de agência, porque você pega uma agência nova, como era a Barão de Itapura, não tinha vício, pouco vício. Tinha gente que às vezes não trabalhava, pessoas que não trabalhavam, mas era viciada, aqui era muito viciada.

A: Você acabou ficando só amigo da sua agência.

G: Minha vida profissional foi aqui dentro, criou aqui, ficou aqui.

A: Agora, quando você ficou no banco e a Maria entrou, aí que vocês resolveram casar?

G: Não porque nós ficamos mais tempo trabalhando ainda, nós ficamos um tempão solteiro, sabe? Foi em 74 eu entrei, ela entrou em 77, nos casamos em 79. Aí a gente ajeitou a vida. Aí eu até abri uma conta aqui, que ela fazia parte da formatura dela, ah, eu que abri a conta no banco, para fazer a poupança dela da formatura.

A: Eu vou parar essas coisas que a gente já conversou bastante. A gente pára no casamento, está bom?

G: Está bom.

Entrevista 2

A: Eu estava ouvindo e nós havíamos parado na sua entrada no banco e aí eu gostaria que você... você lembra da época, avaliar, assim? Como foi para você?

G: Hoje em dia, a gente... quando eu entrei no banco, eu tinha saído, eu falei para você, eu estava na guarda, aí eu fui para prestar serviço no banco, e aí o gerente aprontou, aquelas coisas que eu já tinha falado, aí eu já estava falando das coisas de casamento.

A: Isso, exatamente, que foi no momento em que você foi promovido. Você prestou concurso.

G: Eu tinha prestado concurso, que tinha um gerente xarope que não ia muito com a minha cara, e aí eu prestei concurso, passei em 40º lugar, se não me engano, no banco, e fui promovido para a Campos Sales, aliás, para a Campos Sales não, para a Barão de Itapura. Foi quando o outro gerente que estava aqui, o outro gerente, pediu encarecidamente para o gerente que deixasse eu aqui.

A: Aí você ficou?

G: Aí eu fiquei em Barão Geraldo mesmo.

A: E era muito diferente essa mudança de contínuo para escriturário?

G: Ah, era... para escriturário não. Essa promoção que eu estou te falando já foi para gerente... para supervisor.

A: Ah, não.

G: É, eu tinha, eu não falei do...

A: O mesmo concurso que você prestou com a Maria você prestou para supervisor?

G: Ah, foi isso mesmo. Eu prestei para escriturário, eu já fazia a mesma coisa, praticamente, eu já estava lá dentro, eu já tinha conhecimento do serviço?

A: Já tinha familiaridade com o serviço de escriturário?

G: Ah, sim, totalmente. Então não foi no concurso para supervisor, que eu estava falando para você.

A: Não, 78.

G: 78.

A: 70 e...

G: 77.

A: Isso, isso.

G: Porque eu entrei em 74 no banco.

A: Você ficou esses 4 anos como contínuo?

G: 4 anos como contínuo, depois passei para escriturário, foi isso aí.

A: E foi uma mudança muito grande em termo salarial?

G: Ah, sem dúvida, o salário praticamente que dobrou, porque contínuo não tem tanta responsabilidade assim. O que eu mais fazia era arquivo, guardar as coisas, fazer comprinhas de café, essas coisas todas para o banco, não é? E fazer os blocos de ficha aqui e tal. E de repente você assume como escriturário já é mais responsabilidade.

A: E você acha que as pessoas lá do banco começaram a ver você de outra maneira depois que você passou no concurso?

G: Não.

A: Não?

G: Não. Infelizmente, não.

A: Por que?

G: Porque até como escriturário, até para supervisor depois, mais para frente, sei lá, eu tinha criado um hábito de tudo você fazia, então se eu tivesse ido embora como escriturário, mas para uma outra agência, eu tinha me saído melhor, talvez eu até tivesse um incentivo a mais para continuar os estudos e tal. Mas como eu fiquei na mesma agência, você acaba... sabe? O cara não te reconhece como um nível superior dentro do banco, você continua contínuo.

A: Entendi, o teu estigma de contínuo ficou?

G: É.

A: A marca.

G: Fica a marca contínuo, então você nunca vai sair disso. Sei lá, sair, claro se você for para uma nova agência, porque aí as pessoas novas [...] já tem uma visão diferente de você, nem te conhece, não é?

A: Mas quem que te colocava essa marca assim?

G: Ah, os próprios gerentes.

A: Os gerentes?

G: Os superiores a mim, no caso, porque quando você é contínuo, geralmente eles: Grozzi, a minha mulher ligou aqui, vamos supor assim, acabou o gás lá em casa, você não quer ir dar uma olhada? Principalmente os gerentes que moravam aqui. E aí eu saía, pegava o carro, às vezes o meu mesmo, ia até a casa dele: ah, acabou o gás, dá aqui que eu troco. Porque, na época, não tinha entregador de gás. A fábrica dava uma distribuída.

A: Entendi.

G: Uma vez por semana, aqui era uma vez por semana. Então eu trocava o gás. E aqui eu continuava sendo escriturário. Então, se precisava de alguma coisa, até um gerente que tinha, o Cícero, uma vez ele foi... ele viajava muito para o Paraguai, para o sul aí, Mato Grosso do Sul, ele pediu assim, ligou de lá onde ele estava, para... pediu encarecidamente que eu fosse até a casa dele, que era ele, a mulher e duas filhas. Ele foi viajar na caminhonete, só na hora dele pegar o documento que estava no criado mudo, ele pegou o documento acho que do monza ou de um Chevette. Chegou lá no Chuí, na fronteira, eles pararam, pegaram o documento, ele pegou e deu o documento na mão do guarda. Documento totalmente diferente, não é desse carro. Aí retiveram ele lá na fronteira, ficou retido lá, ficou num hotel lá, ele telefonou para o banco, eu fui até, ele falou comigo, passou as dicas da casa dele, como eu ia entrar na casa dele, porque ninguém tinha a chave. E aí ele falou: você chama o vizinho e explica para o vizinho que você não é ladrão, que você vai ter que pular o muro do vizinho.

A: Mas você estava arrombando a casa dele?

G: Eu ia arrombar a janela do quarto dele, que era fácil de abrir. E aí fui para lá, e chama o vizinho, e toca a campainha, o vizinho não atendia. Eu pulei o muro, arrombei a janela dele e o cara meteu uma cano de 2 em mim, cara. Eu falei para ele: pelo amor de Deus, eu não sou ladrão, cansei de chamar o senhor, acho que o senhor não estava, o senhor chegou agora, eu sou amigo do [cita o nome], eu trabalho no banco com o [cita o nome]...

A: Não tinha crachá não?

G: Na época usava, tinha aquelas carteirinhas, que eu tenho guardada até hoje, mas ele... eu vim buscar os documentos da caminhonete dele, que ele está viajando, ele está no Chuí, tal tal tal. E ele falou: porra, por que o [cita o nome], então, não ligou para mim? Mas esse cara é meio louco, tanto é que ele só me prejudicou.

A: O [refiro-me ao nome citado]?

G: É. Aí eu expliquei a história para ele tudo, falei: o documento é este, o outro carro está na garagem, eu vou ter que mandar por Sedex para ele urgente, registrado, aéreo, para ele receber porque ele está detido. Eu corria o risco de levar um tiro na cara, porque se eu não estivesse preparado eu poderia levar um tiro na cara. Eu falei: paciência, poderia ter morrido naquela de...

A: Aí ele saiu com você?

G: Aí ele foi com a gente até o correio, bloqueei lá e mandei embora para ele. Empresta essa canetinha aí porque está uma porcaria essa daqui.

A: Você acha que tinha essa diferença, será que...

G: Tem.

A: Mas também era uma diferença... deixa ver se eu entendo um pouco assim, era hierárquica, mas também era um pouco social, assim, não era?

G: Acho que não era nem hierárquica bem assim, acho que era mais social.

A: Você acha?

G: Seria um aproveitamento. Ele não ia mandar um... como tinha um escriturário aí, na época tinha um senhor Vanderlei, ele não ia mandar o seu Vanderlei na casa dele.

A: Por que? Tinha...

G: O Vanderlei tinha 20 anos. Porque contínuo, provavelmente foi por isso. Ele falou: ah, esse cara foi contínuo, sabe. Vai lá na minha casa, é um João-ninguém, não é uma pessoa... e eu, assim, não meço esforços para estar fazendo alguma coisa para alguém, sabe? A Maria, às vezes, fala: você toma prejuízo fazendo assim com as pessoas, se aproveitar. De repente, eu desmonto a minha para poder confrontar com a outra.

A: Como que você se sentia, assim, fazendo seus pequenos serviços?

G: Eu...

A: Porque era fora do teu...

G: Fora, não tinha nada haver.

A: Ninguém te dava nenhum trocado, não?

G: Não. Às vezes, ainda, às vezes, eu encontrava alguém, por exemplo, no banco dava um curto lá e tinha máquina parava de funcionar, eu corria, ligava o disjuntor, desligava: ah, está aqui, foi um clips que caiu aqui, desligava a tomada. E aí, às vezes, eu encontrava o eletricitista, por exemplo, que às vezes prestava serviço no banco, ele entrava lá e falava: Grozzi, pó, fica na sua, que você acaba me prejudicando. Se você me chama, eu venho aqui e ganho um troco e você não ganha nada.

A: Está certo.

G: E aí várias vezes, eu larguei mão, sabe?

A: A agência era muito pequena, não é Grozzi?

G: É. Na época, aqui, quando eu passei, acho que tinha uns 20, acho que nem isso, 27, uma coisa assim.

A: A maior parte eram pessoas que moravam aqui em Barão ou não?

G: Tinha, uma boa parte morava aqui e tinha pessoas que vieram de fora, eles estavam morando lá na cidade, moravam em apartamento na cidade.

A: Quando a Maria entrou no banco?

G: Acho que em março de 78.

A: Você também foi promovido escriturário nesse período?

G: Não, acho que eu assumi primeiro que ela, porque como eu já vim de contínuo, eu já assumi. E era em seguida à prova do concurso, a gente já assumiu.

A: E ela ingressou nessa mesma agência?

G: Interessante, ela foi chamada para ir trabalhar numa agência na Campos Sales. E [...] aí o gerente administrativo que tinha aqui, eu falei para ele: ah, não, ela vai assumir na Campos Sales. A Maria vai assumir lá ou não vai? Ela não quer vir para cá? Ah, não sei, precisa perguntar para ela. Aí eu falei com ela: para mim, é indiferente. Aí foi onde que ele... Ela estava assinando lá, tanto que ela assinou todos os documentos da Campos Sales. E aí quando a outra menina, que ia assumir aqui, preferiu assumir na cidade...

A: Aí elas trocaram?

G: Aí elas trocaram. A Maria assumiu aqui, e ela assumiu na cidade.

A: E você gostou que ela viesse para cá?

G: Ah, ficou mais fácil, assim, em termos de namoro, ela também sempre precisava, às vezes ela saía do serviço, eu tinha que levar ela para a faculdade, para a faculdade não, para a escola na

cidade. E, às vezes, não dava tempo, eu saía correndo, ficava até mais tarde no banco, então tinha que levar na cidade de carro.

A: Ela ainda estava se formando?

G: Estava se formando.

A: Quando ela entrou no banco, ela não tinha terminado o colegial?

G: Não, ainda não. Acho que faltava um ano ou dois anos, uma coisa assim. Não me lembro disso.

A: E aí, como é que foi vocês estarem... a Maria já conhecia o pessoal da agência, não é?

G: Já que ela participava de festinha, churrasco, jantar que tinha, eu podia convidar, então eu convidava, ela vinha junto.

A: Como é que era essa relação que tinha no banco, que o pessoal do banco ia para casa, ia para as festas, era muito próximo isso?

G: Como assim?

A: Você trabalha com as pessoas: ah, vamos para uma festa, vamos para um bar, então tinha muito esse trânsito ou era meio... porque você falou que tinha algumas diferenças ou era meio separado, assim: a festa do gerente era a do gerente, a do escriturário, dos... ou não?

G: Ah, sim, não... nos finais, assim, agora... no começo, não tinha muito, sabe? Eu, por exemplo, a gente pegava de sábado e ia para o salão.

A: Vocês jogavam futebol?

G: É, a gente brincava de futebol de salão.

A: Com o pessoal da agência?

G: Com o pessoal da agência, mas era muito pouco. Às vezes, quando havia festa assim, era na própria agência, também era óbvio, tinha um pessoal que fazia um joguinho de baralho, truquinho, aquelas coisas. Tinha campeonato de truco.

A: Ah, as mulheres não participavam?

G: Não, não participavam. Uma que eram poucas as mulheres, não tinham muito mulher, mas não participava, por que? Geralmente os homens, que trabalhavam das 7 à 1 e outro grupo da 1 à 7. Então, quem entrava das 7 à 1, ia para casa e depois voltava. E a mulher, que trabalhava da 1 à 7, ela não voltava para vir ao banco às 7 horas da noite para participar. Dificilmente, só quando era global mesmo, uma festa para todos, convidavam para ir, mas eles não iam. Difícil, se fosse uma confraternização, de dia, para todo mundo, era diferente, final de ano.

A: E você freqüentava a casa das pessoas aqui?

G: Do banco?

A: É.

G: Olha, só teve uma que eu freqüentei, assim, que era a da [cita o nome], um casal, mas aí eu já estava casado já. No começo, solteiro, dificilmente.

A: Vocês tinham um outro grupo de amigo, você e a Maria, fora daqui?

G: É, fora do banco, não tinha muito amigo, não, sabe? A gente... até a Maria, às vezes, briga comigo, que a gente não, sabe, não se vincula muito. Não sei se é a personalidade da gente que leva a isso. Não sei, eu tinha... a gente também, logo depois de casado, é, já era casado, foi mais na época, era um compadre, ele não era nem do banco, mas eu saía do banco, a gente ia para lá. Ela passava por dificuldade financeira, a gente, para não dizer que estava dando dinheiro para ele, saía do banco, passava no açougue, comprava carne, tal, e ia para lá. Então, chegava lá, a Maria fazia, ajudava arrumar, fazer e aí ia até tarde. Dali eu ia para casa.

A: E quando vocês casaram?

G: Em junho, dia 29 de junho de 79.

A: Depois de um ano que vocês ingressaram... que a Maria ingressou no Banespa?

G: Acho que um ano, um ano e pouquinho.

A: E faz tempo que vocês namoravam?

G: A gente começou a namorar logo que eu entrei no banco, em 74. [].

A: Então vocês namoraram 5 anos?

G: 5 anos.

A: E vocês tinham um projeto de casar, como é que foi acontecendo esse projeto?

G: Olha, namoro, assim mesmo, em casa, eu não tinha namorado ninguém. Só namoro de rua, paquera, tal, eu falei para você que eu trabalhava com banda, tal, e aí quando eu comecei a namorar, a gente percebe que é uma família distinta, não é... o sogro, a sogra, são famílias, assim, e aí, sei lá, vai rolando, vai tentando, vai... uma [] dali... A gente continuou namorando, a gente estava estudando, nós abrimos uma conta para ela na comissão de formatura. Se sabe que a gente abriu a conta também, porque eu era muito gastão também, meu dinheiro, sumia com ele, mesmo namorando. E aí nós abrimos essa conta.

A: Conjunta?

G: Conjunta na Habitacional na APE, quando tinha na época.

A: Foi no Banco Econômico.

G: Você lembra disso aí?

A: Lembro.

G: Habitacional na APE, nós abrimos no Banco Econômico.

A: Por que vocês não abriram no Banespa?

G: Não tinha poupança na época, as aplicações na época eram mais aplicações, assim, de longo prazo e de valores elevados. E a gente era poupancinha de...

A: E essa poupança já era com propósito de estar juntando?

G: Ah, de guardar dinheiro, com o propósito de construir a vida da gente, não é? Já estava com 3, 4 anos de namoro.

A: E vocês pensavam em comprar alguma casa ou alguma coisa assim ou não?

G: Pensar a gente pensou, mas não tinha...

A: Mesmo os dois trabalhando no banco?

G: Ah, mesmo os dois trabalhando no banco, não tinha...

A: Por que?

G: Porque a gente era novo de banco, você vai comprar uma casa vai comprar... a gente era solteiro ainda, mas a gente guardava para poder montar uma casa e aí [...] eu fiz [...] eu ajudei o meu sogro e a gente fez no fundo da casa dele, não é? Um quarto, uma salinha deste tamanho aqui, um banheiro e uma cozinha, era 10 metros de largura.

A: Onde?

G: No fundo da casa do meu sogro.

A: Mas no Costa e Silva?

G: É, e a gente [...] eu era solteiro e aí a minha mãe me arrumou um pouco de dinheiro, o meu sogro fez curso para poder construir a casa, ele fez curso de pedreiro, de eletricista, de encanador, e eu ajudava na massa, eu e ele. Então de Sábado e domingo a gente pegava para fazer isso.

A: Você demorou muito para poder construir a casa?

G: Não, pouco. Fez devagar, demorou porque fez devagar, sem recurso também. Era uma casa bem feitinha, viu? Uma fundação boa. Ainda a gente tinha o propósito de fazer uma boa fundação e depois, encima da lage, levantar mais cômodos, se fosse o caso. Graças a Deus, a gente não precisou, e a gente acabou morando lá 10 anos.

A: Dez anos nos fundos do seu sogro?

G: E acabou ficando um filho só mais por causa disso.

A: Entendi.

G: Porque a gente tinha uma preocupação. Meu quarto era enorme, mas eu tinha uma cama grande e um berço do [cita o nome do filho], porque a gente demorou 2 anos para ter o primeiro filho e aí não tinha onde por e a gente também não ia ficar também botando filho no mundo para ficar amontoado.

A: É verdade.

G: Eu tinha vontade e a Maria também de ter um outro filho, mas foi quando o [cita o nome do filho] já estava bem mais maduro, o [cita o nome do filho] já está com 10, 11 anos, que a gente mudou para cá.

A: E como é que foi o casamento?

G: O casamento?

A: É, a Maria trabalhava no banco...

G: Foi muito interessante, rapaz.

A: Teve despedida de solteiro?

G: Teve.

A: Lá no banco?

G: A gente fez, o pessoal do banco fez assim, mas uma coisinha simples, assim, não teve assim, festa de... foi mais o meu cunhado que ajeitou.

A: Quem foram os padrinhos?

G: Os meus padrinhos foram um supervisor.

A: Você convidou o pessoal do banco para serem padrinhos?

G: Olha, para dizer a verdade, deixa só eu contar. Ele se chama [cita o nome] e eu podia ter convidado um outro gerente, que era o seu [cita o nome], que era muito mais meu amigo e esse [cita o nome] era muito pegajoso, sabe? Era um supervisor, assim, cheio assim de... e eu estava com problema de arrumar, você vê que coisa, a gente não tinha tanto amigo, e eu estava com problema de arrumar padrinho. E a Maria já tinha padrinho, ela tinha a família dela, tudo.

A: E a Maria não pegou ninguém no banco?

G: Não, só saiu um cara, só um casal, que foi o [cita o nome]. E ele [...] praticamente ele se ofereceu. Eu estava conversando com ele e ele falou: e aí, Grozzi, tudo arrumado para o casamento, e tal. Rapaz, nem te conto. Está faltando um padrinho assim, ele falou: ah, estou eu aqui. Eu achei chato de falar não, tanto é que depois o [cita o nome] acabou ficando magoado comigo...

A: Entendi.

G: Porque o [cita o nome] era muito mais chegado meu, e o [cita outro nome, o que acabou sendo padrinho], ele tinha umas brigas, brigas de serviço, não é? Porque eu era escrivão e ele mandava muito, então ele acabou pegando o [cita o nome]. E o outro é de São Paulo. Isso foi de igreja e de civil foi uma colega da Maria, a [cita o nome], uma colega nossa, e o meu cunhado.

A: Vocês tinham pensado em estar chamando alguém do banco ou foi uma coisa que aconteceu?

G: Não, foi só porque aconteceu. Tanto é que eu nem dei a resposta na hora, aí no outro dia que eu... em casa, eu conversei com a Maria e aí Maria falou assim: ah, sei lá, você que sabe. E eu peguei e fiquei com ele mesmo. E eu tinha esse outro meu amigo, que era meu compadre e o Marcos, no fim acabou ficando chateado porque eu não levei, que ele era... quando ele se casou, ele me convidou para padrinho. Mas como ele estava numa situação financeira difícil...

A: Você não o convidou?

G: Eu acabei não convidando, eu acho até que cometi uma gafe, porque dá para entender, assim, que você estava convidando as pessoas por interesse no presente, e não foi bem assim porque os

meus presentes foram todos simples, mas para ele não se meter em dívida e querer comparar os presentes que eu ia ganhar de outras pessoas e ainda por fim ele me deu um relógio de...

A: Parede?

G: Não, esses relógios... rádio relógio. Você não acredita, a gente tem até hoje, 23 anos, 24 anos, não é?

A: E o presente do [cito o nome do funcionário que foi padrinho]?

G: Do [cita o nome]?

A: Não foi guardado?

G: Eu não lembro o que que ele me deu, eu não lembro se foi dinheiro.

A: Dinheiro?

G: Eu acho que ele participou do pessoal do banco, que me deram dinheiro.

A: O pessoal do banco fez uma vaquinha?

G: Vaquinha, porque foi assim: eu não dei convite individual, sabe?

A: Você deu para a agência?

G: Eu dei para a agência, eu botei no quadro de aviso, então...

A: No quadro, ficou todo mundo sabendo.

G: Então interessante, que nós casamos aqui numa capela aqui da Santa Isabel, sabe? Lá da Santa Isabel, não da Vila Santa Isabel. E a capelinha pequenininha. Então, todo cliente que passava para ir no banheiro, porque o quadro de aviso ficava bem na porta do banheiro, o banheiro dos homens era do lado do mictório. Quando utilizavam o banheiro, eles passavam e procuravam ler os recadinhos e as coisas que estavam no quadro. E, no dia do casamento, não coube todo mundo da igreja.

A: Foi muito cliente?

G: Muito cliente, muito cliente.

A: E era o pessoal que morava aqui em Barão?

G: Todo o pessoal que morava aqui. Inclusive, nós fizemos uma festinha, coisa simples, uma festinha, porque antigamente não tinha. Nós fizemos uma festinha no salão paroquial, no salão da igreja, em frente à igreja, mas tinha tanto bico, mas tinha tanto bico, que o que nós preparamos não deu. Aí foi uma coisa até chata, aí o tal fotógrafo foi tirar uma fotografia da gente: não, vamos fazer umas fotos bonitas, e tal. Aí ele pegou um Gálax, ele tinha um Gálax, um Dodge [], uma coisa assim, e leva as pessoas para tirar foto, como é que chama lá no [...] Teatro Castro Mendes? Na praça toda iluminada, tal, e aí nós fomos tirar foto lá e tal. E aí tinha acabado de chegar da igreja, no salão, fez umas fotos ali, tal, e saímos para tirar umas fotos para depois vir. Quando nós chegamos, já não tinha o que comer, o pessoal já estava atrás do bolo. [riem].

A: O pessoal já estava esperando vocês chegarem para cortar o bolo.

G: O pessoal já estava esperando a gente chegar para cortar o bolo. Aí o meu sogro ficou louco, ele falou, ficou doido, ele falou assim: Nando, acabou, eu precisei ir lá no mercado Barão, dar uma disfarçada, peguei lá mais duas caixas de refrigerante, porque não tinha refrigerante, e chops, que foi feito com chops, e batatinha, sabe aquelas batatinhas de tambor, tal, tinha um tambor de quase 100 litros e tal, que a minha sogra fez.

A: Nossa, não deu?

G: Que era uma coisa para ser para nós, família só, porque aí...

A: Mas você acha que o pessoal do banco ficou vendo o convite...

G: Não, sei lá...

A: Porque não eram as pessoas que você convidou, mas as pessoas que viram lá...

G: As pessoas que viram o convite.

A: Ah, a Maria, olha, o Grozzi, e tal.

G: Então, foram bastante gente, e aí o pessoal do banco, também, que foi no casamento, acabou convidando mais alguém: oh, o Grozzi vai casar, vamos também?

A: Foi bastante gente do banco ou não?

G: Foi bastante gente do banco.

A: Da agência ou de outras também?

G: Não, só da agência, só da agência. E mais o pessoal que um convida o outro, acaba indo mesmo, mas foi assim interessante.

A: Na época, aqui em Barão, era muito pequeno, não é?

G: É pequeno.

A: Não tinha outras agências aqui?

G: Não, só tinha o banco do estado.

A: Ah, e da Unicamp, também tinha muita gente aqui ou não?

G: Não.

A: Por enquanto não? Ainda não?

G: Ainda não. É porque lá dentro tinha um posto de serviço que não era ligado à minha agência.

A: Que a Maria não era tão conhecida aqui em Barão, mas você já morava em Barão, trabalhava no Banespa...

G: É, eu era muito conhecido.

A: A sua mãe ainda...

G: A minha mãe ainda, ela tem um comércinho informal, tem até hoje, que ela vive disso...

A: Você falou.

G: Então a gente era muito conhecido. Então a gente convidou algumas pessoas, freguesas dela lá e as pessoas foram, porque o [...], bem na verdade assim foi o primeiro filho que casou com festa. O meu irmão, ele se juntou com a menina, casou no civil, tudo, que na igreja não teve e saiu, então eu praticamente fui o primeiro, então foi aquela pompa toda.

A: Foi com a pompa?

G: Pra eles, não é? [riem]

A: E o pessoal do banco gostou?

G: Ah, todo mundo comentou, todo mundo comentou.

A: Foi um acontecimento, porque o casalzinho na agência...

G: É, foi o primeiro casal.

A: Foi o primeiro casal?

G: Na agência foi o primeiro, depois veio o outro, tem mais 3 casais.

A: Tinha muitas mulheres na agência ou não? Você falou que tinham poucas.

G: No começo tinha poucas, depois do concurso...

A: A Maria... Quando a Maria chegou, quantas tinham?

G: Duas mulheres.

A: Só? Aqui, porque lá no centro...

G: Nas outras agências tinha mais, aí a Maria chegou, foi chegando [cita dois nomes de mulheres], aí outras mulheres, bastante mulheres mesmo, [cita mais dois], a [última] minha conchada.

A: É que vocês formaram um casal antes do banco?

G: Antes do banco.

A: Mas acho que tinham muitos casais que se formaram dentro do banco?

G: Dentro do banco. Os três outros casais foram dentro do banco. A gente começou a namorar fora, a Maria não estava no banco. Mas a [cita os nomes do casal] começaram a namorar dentro

do banco, [cita outro casal], foi no banco, o meu cunhado com a Silvana, o irmão da Maria com a Silvana, foi no banco.

A: E a ...

G: O [cita outro casal] foi no banco.

A: Quatro?

G: É, eu lembrei do [cita o nome], mas [idem] foi agora, bem mais para frente.

A: E a Maria, ela já tinha amizade com as outras amigas do banco ou não?

G: Não.

A: Foi naquela ocasião?

G: Só as duas primeiras que é [cita os nomes de duas funcionárias], elas... Quando tinha a festinha, que a gente ia, então se encontravam, e só com as mulheres, os gerentes, os chefes, o pessoal do banco.

A: Vocês trabalhavam juntos assim, na mesma...

G: No começo...

A: Um do lado do outro?

G: No começo não. No começo, eu trabalhava mais numa área [...] e ela trabalhava na outra. Ela trabalhava na central de atendimento, que fazia o cheque especial, que atendia os clientes, abertura de conta, firmas, a Maria trabalhou muito com firmas, firmas procurações, aqueles contratos sociais enorme, para entender quem mandava em quem, quem assinava ou que, sabe? E dali ela tirava as partes.

A: Você já conhecia isso, não é?

G: Já, tanto é que depois, quando eu cheguei a supervisor, daí eu passei... praticamente eu passei um período sendo o chefe dela. Ela que... é bem melhor, porque você não tem medo de ser...

A: Porque a Maria chegou, não conhecia nada?

G: Nada.

A: Você era escrivão, no entanto você já tinha 5 anos de banco.

G: É, tinha, não, quando ela chegou eu tinha 4 anos, 3 e pouco como contínuo...

A: Já fazia muita diferença... Você já conhecia.

G: É, eu já conhecia os setores de banco, os departamentos, porque lá é tudo com sigla, abreviatura, e conhecia bem mais, não é?

A: Quanto tempo você ficou como escrivão?

G: Ah, eu fiquei bastante, eu entrei em 74, trabalhei 74, 78, acho que foi em 89, em março de 89 que eu passei para supervisor.

A: Aproximadamente 10 anos, não é?

G: É, depois eu fiquei, acho que 14... acho que foi isso mesmo, 89.

A: Por que todo esse tempo?

G: Porque na época era nomeação, era indicação e aí indicação é difícil, você tem que ser bastante, como é que se diz, assim? Interessante para o gerente, o [...].

A: Por que você acha que você não era, não foi indicado nesse período?

G: Então, foi aquilo que eu falei, eu até brinco com o ... brinquei muito tempo com esse pessoal, que não era interessante para eles nomearem eu de supervisor, porque aí quem iria consertar o chuveiro na casa deles? Por que aí não ficava bem, não é? Um supervisor sair do banco, ganhar o salário que ganhava, para ir consertar chuveiro.

A: Mesmo depois desse período todo, depois que você casou?

G: Mesmo depois que eu casei, isso aí é normal: ah, eu quero que você vai levar o meu carro para trocar pneu; você não faz um favor para mim? Eu trabalhava até a uma, eu pegava depois da uma e ia levar. Sempre foi eu, sempre foi assim com o pessoal do banco, sabe? Não... às vezes

mudança, até o Lira, que vendeu essa casa para mim, era gerente administrativo, até ele. Ele morou numa casa, nós fomos fazer a mudança, ele...

A: Foi ajudar na mudança?

G: Também fez uma casa, a casa, a mulher não gostou, mudou para outra, eu fui ajudar fazer a mudança, colocar telefone, lâmpadas, chuveiro, essas coisas.

A: Você acha que te beneficiou?

G: Não, só prejudicou.

A: Na promoção?

G: Não, só prejudicou... eu não sei, porque, na promoção... eu até brincava com isso, mas talvez tenha até alguma coisa relativa, porque na primeira oportunidade, no primeiro concurso, eu passei, entendeu? Mesmo não tendo universidade.

A: Como que você se sentia não sendo promovido, não sendo indicado?

G: Ah, você se sentia bastante...

A: Quem era indicado?

G: ...bastante sacrificado. Ah, tem a [...] olha, logo que começou as nomeações aqui, que a agência cresceu mais, que a gente... aonde é agora, aqui, e ela era pequenininha, a gente chamava de casa de pedra, era toda revestida em pedra. E quando saiu para reformar, a gente foi para um predinho aonde é a Mega Mil, sabe?

A: Sei.

G: Locações de filme ali. O banco alugou o prédio ali, fez uma reforminha e depois, quando mudou para a agência nova, derrubaram, fez um prédio enorme, sabe? Que é esse que é agora, aumentou bastante o pessoal. Então veio gente de fora, que é escriturário que foi nomeado, veio com supervisor, veio uns 3 nomeados, depois veio 2 nomeações aqui.

A: Que ano que foi isso, Grozzi?

G: Em 78, não. Quando a Maria entrou... em 80.

A: Quando mudou a agência?

G: Em 79, mudou. Em 79, 80, é, 79, 80, mais ou menos, mudou para esse prédio novo aqui. Aí teve o Davídio, que foi o primeiro nomeado, ele foi supervisor... porque na época o supervisor, o nosso supervisor].

A: Qual você acha que era o critério da nomeação?

G: Ah, tudo apadrinhamento, porque o gerente não nomeava se não tivesse interesse. Ele formava muro, sabe? Que nem com esse [cita o nome] aí, ele trabalhava no setor de cobrança, então ele... sei lá, a gente não pode nem falar que ele tinha um certo vínculo com o gerente, mas a gente sentia que... a [cita o nome] foi a segunda.

A: Que vínculos eram esses?

G: Ah, alguma falsificação de coisa errada, entendeu? Às vezes o gerente... você sabe que, na época, não tinha aquele critério, por exemplo, o CIC. Hoje, se você botar o CIC num contrato de empréstimo que você fizer para alguém, na hora de digitar no sistema on line aí, na informatização, ele já detectar que aquele CIC não é da pessoa, entendeu?

A: Entendi.

G: Então, ele fazia muitas falcaturas, assim, para liberar dinheiro para empréstimo assim.

A: Sei.

G: Não era coisa volumosa, vultuosa, sabe? Era um...

A: Sei, uma facilitação.

G: É, um coitado precisava de, vamos dizer assim, mil cruzeiro na época, ele não tinha nem CIC, então botava um CIC de um João qualquer lá e fazia o empréstimo. E esse rapaz sabia disso, entendeu?

A: Entendi.

G: Avalista, por exemplo, ele pegava... isso eu cheguei a ver, ele pegava nomes de pessoas, misturava com um sobrenome de um funcionário do banco e colocava um CIC qualquer lá e dava um rabisco como avalista. Sabia que o cara pagava, mas não tinha como arrumar um aval, então ele falava: não, põe aí [cita o nome] e do outro aí, põe uns números de CIC aí de... pega na lista qualquer um e põe. E ele mesmo rabiscava lá. E recebia, sabe?

A: E não havia audito...

G: Não havia problema de... Ah, você fala de auditoria?

A: É.

G: Ah, a auditoria fiscal não pegava, porque não tem como você provar.

A: E você acha que essas pequenas... vamos dizer assim, como que você chamaria?

G: Ah, sei lá, uma cumplicidade, assim...

A: Umas pequenas cumplicidades formando uma rede de apadrinhamentos?

G: Com certeza, a [cita o nome], era ruim de escriturária, muito ruim, mas, em compensação, ela era secretária desse gerente [cita o nome], esse camarada, nossa senhora, ele dava cada... tinha problema financeiro, assim, constante, sabe?

A: Pessoal?

G: Pessoal, tanto é que ele foi descomissionado, foi para o Rio das Pedras, voltou para cá, para Campinas, ele era da Campinas-Centro e aí ele voltou para Barão Geraldo, como gerente, ele era amigo da [cita o nome], que virou secretaria dele. Mas quando estourava a conta, ele, como gerente, não podia exceder o limite da conta, então ela cobria para ele, porque ela era solteirona, não tinha problema financeiro...

A: Ah, ela transferia da conta dela?

G: Da conta dela, com data e valor retroativo, para não aparecer a conta do nome devedor e aí no dia seguinte ia fazer um empréstimo ali, alguma coisa, e devolvía o dinheiro para ela. Então, ela foi nomeada logo, foi a segunda nomeada supervisora. Até quando ela foi nomeada, ele estava de férias, chegou a nomeação, acho que ele deve ter ido para São Paulo falado com alguém lá. Ele fez parte da maçonaria ainda, não é?

A: Ah, é?

G: É, ele tinha mais... maçonaria tem mais liberdade, não sei como funciona, que eu não conheço.

A: Era só ele que era da maçonaria?

G: Da maçonaria, era só ele. Ah, e veio um outro, que era o [cita o nome], veio nomeado para cá.

A: Era maçom também?

G: Era maçom também, da mesma loja.

A: Você nunca participou da maçonaria?

G: Não.

A: Nunca foi convidado?

G: Também não. Ele veio entregar pessoalmente a nomeação, ligaram para ele: ah, a nomeação da Maria chegou. E aí ele chegou lá, perto de mim: olha Grozzi, está vendo? A[cita o nome] foi nomeada e você ficou para trás mais uma vez. Também você é muito incompetente. E aí eu falei para ele: fazer o que, não é seu [cita o nome]? Eu não sou a [cita o nome da funcionária nomeada], não é? Veio, praticamente deve entender o que eu falei. Ele sabia o que ele estava falando e sabia também o que eu estava falando para ele. E pelo concurso, eu prestei, passei.

A: Você se sentiu preterido, prejudicado, todas essas vezes?

G: Ah, todas essas vezes. Tanto é que esse termo preterido, quando eu passei no concurso, o substituto do [cita o nome do supervisor que não o promoveu] mandou para São Paulo dizendo que eu tinha sido preterido nas nomeações anteriores, tal, tal, tal, por não concordar com os

argumentos do gerente. Aliás eu tenho até uma cópia, quer dizer, tinha, não sei se a Maria jogou fora uma cópia da carta guardada com isso.

A: Que você tinha sido preterido.

G: Talvez por esse motivo, que a gente não era... sei lá.

A: Quando ele falou de competência, o que que estava passando na cabeça dele?

G: Eu acho que estava passando na cabeça dele que eu não fazia aquilo que a menina fazia para ele, que eu não facilitava as coisas, porque eu sempre fui rigoroso com as normas do banco, eu sempre cumpri, assim, ao pé da letra. Qualquer coisa que tivesse que fazer, eu, sabe, matava a cobra e mostrava o pau. Coisa errada eu não fazia mesmo, nunca fiz até hoje. Até a minha saída do banco, nunca fiz.

A: Você não participava dessa rede de padrinhos?

G: Não, não.

A: Não?

G: Dessa panela não.

A: Desses padrinhos?

G: Não, nunca. A única foi que, quando eu fui, como é que se diz? Quando ele me nomeou escriturário, batalhou por eu não ser nomeado, não é? Ele foi para São Paulo e arrumou para mim, mas com o intuito de que eu desse o diploma para ele.

A: Afinal, você deu o diploma? Você não terminou?

G: Não. Não terminei nada.

A: Por que, na época, eu lembro que...

G: Eu terminei o segundo grau, tudo picadinho, mas também ninguém falou mais do diploma, eu [...] entendeu? Não entreguei. O diploma eu tenho, tenho todos eles guardadinhos, porque você vai concluindo por matéria, você não consegue passar tudo de uma vez.

A: Você acha que esse foi um dos critérios para você não ser nomeado?

G: Não.

A: Não?

G: Não, porque a [cita o nome] também não tinha.

A: Ah, não tinha?

G: Não. O [cita o nome]? Tinha, é o [cita o nome] tinha.

A: E esses que vinham de fora?

G: Superior não, superior, nenhum tinha, superior nenhum tinha. Porque na época do banco, o banco também não se preocupava muito com isso, sabe?

A: Sei.

G: Assim, superior era mais a nível de departamento, aquelas pessoas que ficavam lá encima, o mais que tinha era técnico em contabilidade e olha lá ainda. [...] Porque alguns dos gerentes aí não tinha nada.

A: Em 88, quando você prestou o concurso, foi o primeiro concurso interno que teve para promoção?

G: Foi o primeiro, foi. Foi o primeiro concurso interno para supervisor.

A: E como é que era esse concurso?

G: Ah, era múltipla escolha também, sabe?

A: O que é que caía?

G: Ah, caía de tudo, conhecimentos gerais, conhecimentos bancários, financeira, aquelas siglas de financeira, que tinha no banco.

A: Hum, hum. Você estudou, se preparou?

G: Por estar dentro no banco, todo mundo que prestou tinha que estar trabalhando no banco, não tem... a gente não estava baseado, assim, nos manuais do banco, porque o banco tinha, na época, ele tinha acho que aproximadamente uns 20, 22, é acho que era uns 20, 22 manuais.

A: Você já conhecia esses manuais?

G: Estava tudo arquivado lá na rede lá, uns... começavam manuais de agência...

A: Encadernadas?

G: É, estava uma salada lá de agência, você chegava lá dentro, todas as agências, a denominação, a data de fundação, sabe?

A: Você, eu acho que estava com muita vontade de se empenhar para poder passar nesse concurso.

G: Ah, precisava, financeiramente também, porque...

A: É porque o fato de você ter sido preterido por esse tempo significou que você receber como escriturário durante 10 anos de salário.

G: Também, e você queria provar que você não era tão incompetente que nem o cara falava. Até teve uma festa [...] teve uma festa de final de ano, confraternização, aí tinha um rapaz, [cita o nome], ele bolou umas medalhas e dava medalhas, elegia as pessoas do banco, então ele começou a eleger a pessoa mais bonita, o homem mais bonito, a mulher mais falante, o homem mais falante, sabe?

A: Sei.

G: A mulher mais fofqueira, o homem mais fofqueiro, aquelas coisas que, às vezes... todo mundo concordou e eu fui eleito o mais chato, o homem mais chato dentro do banco.

A: Que ano isso, Grozzi?

G: Fazia... acho que em 90, fazia uns 3 anos que eu estava como supervisor, acho que foi em 90, uma festinha na chácara aí. E aí o mais chato é o cara mais pegajoso, que ele queria dizer. O chato assim, não é o chato... é o cara que... até a Maria falou assim: bem, você não podia... eu não sabia, até então, aí ela falou: você não podia falar. Aí chamam você lá para dar medalha e tal, aí ela, por brincadeira, eu não levei na brincadeira assim.

A: Você ficou chateado, muito? [ri]

G: Não chateado, assim, eu fiquei chateado porque aí você está, na verdade, sendo eleito, desse jeito escolhido assim, eu falei para ele o seguinte: olha, não é que eu sou chato, eu cumpro o que determina o verdinho, entendeu? Então, pessoas...

A: Os manuais?

G: É, tem os manuais, que são os verdinhos, então eu não sou chato, assim, tanto é que a gente brincava, jogava baralho, jogava truco, tudo, mas dentro do banco ele achava que isso era uma chatice. Porque o cara não podia fazer nada no caixa, reza... tudo, tudo, o pessoal do banco sabia, assim, ao pé da letra.

A: Decorado?

G: Decorado, tudo.

A: Grozzi, deixa eu te perguntar, assim: então, você tinha opções, assim, de participar de uma rede de apadrinhamento, você fez opção de não participar. Que tipo de valores que você resgatava para não fazer parte disso? De onde que vinha essa... não sei se você entende o que eu falei?

G: Eu entendi,

A: Porque você poderia ter participado.

G: Porque podia ser afilhado de alguém.

A: Afilhado.

G: Poderia ser afilhado de alguém, não é?

A: Porque isso me parece que não era tão, nas relações do banco, tão ruins, as pessoas não eram tão mal vistas assim.

G: Não.

A: Era meio que comum, pelo que estou entendendo.

G: Era comum, ah, no banco sim.

A: Entendeu? O comum era você não participar.

G: Não, era comum as pessoas participarem do apadrinhamento para poder ser nomeado.

A: O que não era comum era você não participar.

G: Ah, sim, entendi.

A: Isso que eu estou... entendeu?

G: Fazia parte da minha índole. Eu nunca fui, assim, conivente, assim, com coisa errada, eu não consigo. Mesmo em casa, mesmo... às vezes, atender um telefone aí, a Maria fala assim: ah, fala que eu não estou. Eu não consigo passar uma mentira: oh, você combinou que ia lá ontem, tal lugar, você não foi por que? Ah, porque aconteceu isso, aconteceu aquilo, sabe? Não consigo: ah, não deu. Prefiro falar não deu, não estava com vontade.

A: Você tinha medo?

G: Tanto é que eles falam que eu sou grosso. A Maria aqui em casa fala: não, o jeito de você falar passa como que você é seja uma pessoa grossa, uma pessoa sem educação, uma pessoa... falar a verdade, eu sou claro, eu não vou mentir.

A: Você tinha medo, por exemplo, de estar participando de alguma coisa que não fosse...

G: Ilícita?

A: É. Não queria chegar a esse termo.

G: É, também, é, também. A gente sempre tem medo, não é? Uma que...

A: O que que te levava a pensar? Que você pudesse ser punido, pudesse...

G: Ah, eu tinha medo de ser punido, sempre tive.

A: Havia algumas punições?

G: Havia, havia.

A: Demissões?

G: Eu nunca vi no banco uma demissão no banco por esse motivo, mas tinha aquele problema de transferência aleatoriamente, mandavam você para um canto que talvez você até pedisse a conta porque não ia conseguir ficar por lá, até carta de advertência, então você vê que o meu medo é quando chegasse uma auditoria. Nossa Senhora, o meu coração ficava desesperado porque eu trabalhava na parte de contabilidade e o [cita o nome] nessa parte da cobrança...

A: Isso aconteceu na época que você estava como supervisor?

G: Como supervisor. Então, eu morria de medo. E mesmo quando eu era escriturário, eu tinha medo de acharem um documento que eu fiz mal feito e o gerente viu e não percebeu e acabou ficando mal feito e a auditoria pegou.

A: E essas auditorias normalmente davam resultado desse tipo?

G: Dava, dava resultado porque uma que você acaba aprendendo a trabalhar mais com a auditoria, não digo sindicância, o negócio de sindicância é...

A: É pesado.

G: É, já vem para fazer uma auditoria encima de um fato consumado, já vem comprovar quem fez e... mas uma auditoria, sempre... às vezes, você passava por cima de uma instrução que às vezes você interpretava de uma forma e era outra, entendeu? Chegava aí, o auditor já pegava o manual dele e pá, levantava: não, isso aqui era assim, assim, vocês fizeram assim, não era... então servia mais para você clarear as suas idéias, sabe?

A: Entendi. Tinha uma coisa um pouco de instrução.

G: De instrução, é, de instrução.

A: Teve algumas punições?

G: Teve algumas punições, teve. [...] Aqui em Barão mesmo teve algumas.

A: E foram transferências?

G: Teve uma, rapaz, eu estava me lembrando, chamava [cita o nome], ele foi detido. Só que ele não era, ele não era... ele era caixa. Era coisa errada que você não tinha como pegar, ele foi detido.

A: Quando você prestou concurso para a promoção, a Maria já tinha 10 anos também como escriturária, não é? Mais ou menos.

G: É, 8... acho que é.

A: É, ela não quis prestar?

G: 8 a 10 anos. Ela nunca quis prestar.

A: Vocês conversaram sobre isso?

G: Não, mas ela nunca quis mesmo, entendeu? Eu não me lembro se, quando, no primeiro concurso que eu prestei, se a pessoa tinha que ter um determinado nível de graduação dentro do banco assim, sabe?

A: Entendi.

G: Eu não lembro disso, mas parece que tinha isso, por isso ela não fez primeiro.

A: Ela não estava...

G: Ela era escriturária G, vamos dizer assim, e ela não estava no nível.

A: Esses níveis era por tempo de serviço?

G: Era por tempo de prestação de serviço e por tempo de... por indicação também.

A: Ah.

G: Não era nem por indicação, era por avaliação.

A: Entendi.

G: A gente passava por um esquema de avaliação.

A: Anual?

G: É, tanto é que tinha um assiduidade, sabe?

A: Sei.

G: Prestação de serviço, atendimento ao cliente, então tinha lá, havia A, B, C...

A: As promoçõeszinhas você passava?

G: Essas promoçõeszinhas, geralmente eu passava.

A: E a Maria também?

G: Não é passava, eles davam essas promoções, você não sabia nem quando você ia ser promovido, porque mandavam para São Paulo, São Paulo colocava lá no sistema lá e quando menos esperava, vinha as promoções, entendeu? E tinha as indicações também, e não deixava de ser indicação também porque aqui em Barão eles tinham mania de dar as suas avaliações a lápis. Primeiro mostrava para você, para ver se você concordava ou não. [ri] Se você falava que não concordava, eles tentavam apagar, melhorar e tal. Às vezes você concordava, você: ah, tá, concordo. Você assinava, não ia a tua nota, tua avaliação.

A: Entendi.

G: Isso aí sempre teve.

A: Por que você acha?

G: Porque ele tinha um... como é que se fala? Não podia ser bom em tudo, entendeu? Pelo tamanho da agência, ela tinha que ter um nível de qualificação.

A: Entendi.

G: Então, se não você tinha um gerente bonzinho que dava A para todo mundo, chegava lá em São Paulo, a agência é excelente, não podia. Ele tinha uma média, sabe?

A: Hum, hum.

G: Se você somasse todas as avaliações e dividisse pelo número de funcionário, tinha que dar aquela média que São Paulo determinou. O departamento, que chamava cita o [nome do departamento], o departamento que determinava.

A: Você estava em qual classificação?

G: Ah, não me recordo.

A: Você ficava no bom, no médio?

G: Ah, no médio, a maioria no médio.

A: Ah, a maioria no médio. A Maria também?

G: A Maria, a Maria participou muito pouco dessas metas, porque aí parou as avaliações, não teve mais porque o sindicato começou a questionar o sistema. E agora o Santander voltou isso daí, por isso que está dando essas demissões que está acontecendo aí, foi por isso.

A: Essas avaliações foram denunciadas?

G: É, parece que denunciaram para o sindicato que estava sendo manipulada, então tiraram.

A: Você e a Maria conversavam a respeito dessas questões do banco, assim?

G: Olha, a gente sempre conversou. Não teve... a Maria, praticamente, a gente, dois... no namoro não, mas depois que a gente casou, acho que a gente vivia o banco 24 horas. A gente trabalhando junto, não é?

A: É verdade.

G: Então você saía do banco, vinha conversando: ah, você viu... não discutir assim, a gente comentava sobre serviço de banco, sabe? E festa de banco também, ninguém gostava de ir por causa disso, porque o assunto é banco. E é até hoje é banco, sabe?

A: E os clientes também, ligavam para vocês, tinha muito disso?

G: Teve, algumas vezes o cliente perdia cartão, cliente que... mas isso era [], não é? Cliente perdia talão de cheque, cliente que foi roubado, ligava aqui em casa, acharam até o telefone na lista, saber o que que ele fazia, o cara que foi roubado, o que ele tinha que fazer? Perdeu o documento do carro, o que que ele tinha que fazer, saber?

A: Como é que vocês separavam, se era possível, a vida no trabalho e a vida doméstica?

G: [...] eu não sei se a gente separava, assim, sabe? Você vivia o dia a dia, não é? Tanto é que a gente saía de lá, tinha cliente que veio depois, assim, que não sabia que a gente era casado. A gente saía de lá numa boa, pegava o carro na garagem, que a gente tinha um carrinho...

A: Vocês faziam questão de não mostrar que eram casados?

G: A gente não misturava as coisas lá dentro, entendeu? Fazia questão de não misturar. Uma para não dizer para os colegas de trabalho que eu, como supervisor, estava beneficiando a Maria, ela nunca foi beneficiada, nunca procurei beneficiá-la.

A: Mas vocês conversavam sobre assunto doméstico lá, do trabalho?

G: Não.

A: Não?

G: Dificilmente.

A: Sobre o [cito o nome do filho], não?

G: Às vezes, o [cita o nome do filho] saía da escola Rio Branco e passava lá, mas, assim, do[idem] ter visto as pessoas fazerem, não.

A: O [ibidem] ficava na agência?

G: Às vezes ele ficava na agência, porque ele saía, quando ele saía tarde do Rio Branco assim, que a mãe dele saía à uma hora, pegava... ele pegava a Maria no Rio Branco, pegava o ônibus e ia

embora. Porque eu mesmo, escriturário, eu nunca fazia até 6 horas, nunca. A Maria, quando estava...

A: A Maria esperava você sair para todo mundo ir junto?

G: Ou, às vezes, ela ia embora e eu ia depois. E ela ia de ônibus e eu... uma porque teve um período também que eu não entrava mais às sete, das sete à uma, eu entrava das 10 às 4. Depois, em 80, em 79 nós casamos, eu já estava como supervisor.

A: Em 79?

G: Não, em 79 não.

A: 81.

G: 89. Quatorze anos?

A: Quatorze?

G: É, acho que é isso mesmo. E aí o [cita o nome do filho] estava na escola, com 5 anos, com 6 anos, e aí quando eu já estava supervisor, eu já trabalhava o dia inteiro. O[idem], quando ele nasceu [...], eu era tão, assim, fissurado pelo banco, que o [ibidem], ele praticamente... eu acho que não nasceu dentro do banco porque ele estava sentado. E a Maria também. Ela foi trabalhar até o último dia, era uma sexta feira, e no sábado a gente ia num casamento de um primo dela.

A: Em que no ano que o [cita o nome do filho] nasceu?

G: 81, é em 81, a gente fez []. E a Maria foi, e aí eu trabalhava no térreo aqui, bem perto da escada, de 15 em 15 minutos, ela ia fazer xixi. Ia fazer xixi, ia fazer xixi, aí ela, chegou na hora de vir embora, eu não podia sair, eu falei: o [cita o nome do filho], você não leva a minha mulher embora para mim? Era meu colega, ele falou: o, daí, daí Grozzão. Pegou o meu carro, levou no Costa e Silva, levou em casa. E daí ela foi na manicure, arrumou as unhas e tudo, aí eu liguei para casa e falei: Maria, acho bom você ir no médico. Não, pra quê, não é? Aí ela foi no médico, que era do banco, que era na Senador Saraiva. Chegou lá, o médico mediu, falou: nossa, você... desce para a maternidade. Aí passou na maternidade já, fez os exames, o médico já passou o resultado para ela, só que quando ele viu que o [cita o nome do filho] já era para ter nascido, ele ligou para mim no banco, eu peguei, fui direto para lá, peguei ela, passei na maternidade, fez o exame, passou o resultado do exame para ele, ela conversou com a Maria, ele conversou com a Maria por telefone, e já descemos para o Centro Médico, porque o [cita o nome do filho] nasceu aqui. Não tinha nem roupa, já chegou aí, já estava com uma maca esperando ela. Porque ela tinha essas [...] eu assistia, assim, pegava as [] na boa, tinha ao vivo e ele precisou fazer cirurgia.

A: E ela estava no banco, era uma sexta feira?

G: Sexta feira.

A: E ele nasceu num...

G: Ele nasceu numa Sexta feira.

A: Numa sexta feira, às 8 horas da noite? Ih, você estava no banco ainda?

G: Eu estava no banco.

A: E você foi chamado para ir?

G: Ele me chamou lá, que eu saiba, e ele falou para ela: Maria, eu não posso fazer o seu parto, eu estou indo para Curitiba, num Congresso, assim, assim, mas se você quiser fazer lá no seu Centro Médico, tem um médico lá, é o meu afilhado, é bom para chuchu, pode fazer sem medo e tal. Aí chegou aqui, a maca estava até esperando.

A: O pessoal do banco foi junto com você ou não?

G: Não, fui sozinho. Aí, como a minha mãe tinha esse comercinho informal, nós saímos de lá, pegamos uma camisola para ela, porque não tinha roupa, assim, para criança, nada, porque...

A: Vocês foram pegos de surpresa.

G: De surpresa, uma que... porque ela engravidou, a Maria nunca foi de médico, sabe? E daí quando ela foi no médico...

A: Vocês tinham planejado ter um filho ou não?

G: Não.

A: Não?

G: Dizer assim: não, você pára de tomar o teu [] anticoncepcional, porque nós vamos arrumar um filho, essas coisas não, foi assim.

A: A questão financeira pesava ou não?

G: Pesava, tanto é que a gente parou num só, não é?

A: É, tanto que você falou que morava nos fundos, que não tinha tanto espaço.

G: É, não tinha espaço físico, a gente...

A: Que você era escriturário, ela também.

G: A gente [...] não arrumou outro mais por causa disso. A gente educou direitinho, você vê, hoje ele está se formando, não ficou nem um... praticamente ele é um ano adiantado...

A: Quando você falou que não planejavam ter filhos, pesava um pouco essa questão financeira mesmo?

G: Pesava a situação financeira, era... a gente tinha essa preocupação. Hoje não, a grande maioria da população não pensa.

A: Será que vocês tivessem... se você não tivesse sido preterido, você tivesse... teria tido mais filhos?

G: Se eu tivesse...

A: Se você tivesse sido supervisor há mais tempo?

G: Então, se eu tivesse sido supervisor há mais tempo, e se tivesse, por exemplo, essa casa, não nesse porte, porque depois que eu comprei que eu reformei, mas eu teria, eu gostaria de ter, tanto é que a Maria sempre quis ter uma filha. Hoje a criançada adora criança, a sobrinhada vem aí, talvez eu tivesse sim.

A: Então você falou que era muito fissurado pelo banco, não é? Como é que foi a experiência para você de ser pai? Você pode estar acompanhando da forma...

G: Olha, nós não acompanhamos muito o nosso filho não. A gente procurou educar tudo, mas você parar para ver assim, a gente não viu o [cita o nome do filho] crescer, tanto é que hoje ele é bastante mimado ainda, pai, mãe, avô, avó, tia, ninguém praticamente parou para ver ele crescer. E ele fica até bravo às vezes, a gente mima muito, fica questionando o que ele vai fazer, para onde vai, com quem vai, com quem foi. Ele, às vezes, aperta a gente, ele é bem mais casca grossa do que eu.

A: Por que você acha que não acompanhou?

G: Por causa do banco, por causa do serviço, por causa de ver assim, procurar ter alguma coisa na vida, acho que a gente passou assim despercebido, porque quando ele nasceu, a Maria ficou praticamente 5 meses em casa também. E a minha sogra trabalhava, parou de trabalhar para poder cuidar dele. Aí ficou acho uns 6, 8 meses com ele.

A: Para ajudar a Maria?

G: Para ajudar a Maria, aí ela voltou a trabalhar...

A: Na verdade, vocês moravam todos lá, não é?

G: É, e ela parou de trabalhar por isso, a Maria estava lá. E [...] aí logo nós pusemos ele na escolinha. Uma colega nossa montou um berçário...

A: Com quantos meses?

G: 8 meses, 1 ano, acho que foi. Vamos dizer 8 ou 1 ano, 8 meses a 1 ano. Aí ele vinha para a escolinha, ficava no berçário. Do berçário, quer dizer, a gente ficava o dia inteiro no banco, a Maria, 6, 7 horas, pegava ele no berçário, levava para casa, levantava cedo para...

A: E você, quantas horas trabalhava?

G: Ah, eu... normalmente é 6 horas, mas você nunca ficava 6 horas, sabe? Você ficava mais.

A: Você ficava mais do que a Maria?

G: Ah, sempre trabalhei mais, sempre, sempre, sempre.

A: Mesmo como escriturário?

G: Mesmo como escriturário.

A: Mais também em termos de...

G: Mais em termos de carga horária.

A: Carga horária?

G: É, em termos de carga horária.

A: E você passeava com o [cito o nome do filho] no fim de semana?

G: Passeava, ia... ia para parque, ia para o horto, vai às vezes para o Playcenter, ia para casa de amigos, tinha bastante crianças. Mas, às vezes, quando a gente ia para casa de amigo, amigo não, esse meu compadre, ele é chamado de Mauricinho, que é filhinho de papai, tudo era...

A: Por que?

G: Não sei, porque eles eram muito pobres, esse pessoal, e eles achavam que a gente era rico, porque tinha carro, o [cito o nome do filho] sempre bem asseadinho, tênis de marca, chamavam ele de Mauricinho.

A: Você acha que tinha uma vida diferenciada da turma?

G: É?

A: Em relação a que? Outros parentes?

G: Ah, outros parentes. Não colega de banco, colega de banco porque sabe quanto a gente ganha, sabe quanto a gente ganhou e sabe a vida, não é? Até tem gente em melhor situação do que eu, mas os amigos de fora, os parentes, ah, nós somos ricos.

A: Agora é engraçado porque no banco, talvez você fosse preterido ali dentro do banco. Dentro do banco talvez as pessoas tivessem... agora fora do banco, havia uma certa valorização, não é?

G: Ah, sim, fora do banco você era valorizado.

A: é ao contrário, não é?

G: É, ao contrário.

A: Eu estou falando umas coisas que não é muito...

G: É isso mesmo, fora do banco eu era valorizado.

A: É.

G: E aqui dentro não, eu era mais preterido.

A: Quer dizer, como se fora do banco, eu estou falando as relações entre parentes, amigos que talvez nem participassem muito do banco, vocês talvez tivessem uma posição até privilegiada, não é?

G: Para eles, não é?

A: É.

G: Para eles sim.

A: Agora, dentro do banco, vocês tivessem muita coisa ainda para galgar, não é?

G: Dentro do banco, a gente tinha.

A: Mesmo na relação com o gerente.

G: Mesmo na relação com o gerente.

A: Agora essa coisa de ser pai, você falou: ah, eu não pude acompanhar e tal. Como é que na época você via isso?

G: Eu via isso... sei lá, eu via com naturalidade a coisa acontecer. Agora, que a gente pára e fica pensando que a não acompanhou o crescimento, mas, na época, a gente levava isso normal, como se nada tivesse acontecendo. Hoje, a gente pára e pensa que poderia ter feito diferente, que talvez nem fosse essa educação que a gente deu para eles que a gente deveria dar, não é?

A: Em que sentido?

G: Ah, do instinto assim, do instinto irritado, instinto... talvez se a gente tivesse instruído de outra forma ou tivesse se dedicado mais, assim, ele não seria assim.

A: O banco te absorvia muito?

G: Ah, absorvia, Nossa Senhora, 28 anos.

A: Você tinha vontade de fazer outras coisas?

G: Você sabe que não?

A: Não?

G: Não, porque acabou criando aquele vínculo e dali você tirava o seu sustento, por isso que hoje eu falo que eu não tenho profissão, porque se você for analisar, mesmo um economista, que fez aí economia e ficou no banco numa agência, até pouco tempo você não tinha profissão.

A: Mas que vínculo você criou?

G: Os caras... você só vivia no banco, entendeu?

A: Porque quando você fala vínculo, eu quero entender um pouco melhor, era só de trabalho?

Sim, era um vínculo de trabalho. Não tem vínculo pessoal, tanto é que eu falei, era de pouca visita casa de funcionários.

A: Mas você acha que no Banespa tinha essas pessoas que tinham esses vínculos mais próximos entre si?

G: Ah, tem.

A: Pessoas que foram visitar...

G: Tem, tem pessoas que têm esses vínculos.

A: Vocês viviam isso?

G: Sim, tanto é que a gente chamava isso de panelinha, porque chegava isso para dentro do banco.

A: Ah, é? Tinha panelinha?

G: É, a gente achava que... sabe? Eles tinham as suas cumplicidades fora e levavam para dentro do banco, então aquilo que eles viviam fora do banco, e ficavam titititi, sabe?

A: E quem fazia parte dessa panelinha?

G: Ah, tinha lá um grupo lá de pessoal, que viviam sempre junto no banco.

A: Eram os comissionados?

G: Comissionados, tinha, tinha, tinha o grupinho dos comissionados, tinha o grupinho dos caixas, tinha o grupinho dos escriturários, que homem, mulher escriturários, então tinha, porque...

A: E essas pessoas saíam juntas?

G: Saíam juntas.

A: Viajavam também?

G: Passeio, tudo quanto era passeio, assim, você... na segunda feira, você chegava para trabalhar, eles comentavam: ah, [] não sei o quê, eu fui com fulano, nós fomos para o Guarujá, fomos para a fazenda, para a chácara, para alguma lugar aí.

A: Você e a Maria iam?

G: Não.

A: Nunca viajaram com o pessoal do banco?

G: Com amigos do banco não.

A: Não? Por que?

G: Não sei dizer, não sei se a gente não fazia parte dessa panela ou convidavam também e a gente não ia, eu não...

A: E festa de aniversário de criança?

G: Ah, festa de aniversário de criança a gente ia, tinha uns colegas que convidavam, a gente ia.

A: Levava o [cito o nome do filho]?

G: Ia levar o [cito o nome do filho], tinha... tem um que, até esses dias mesmo, eu encontrei com ele, ele estava lembrando: Grozzi, você sumiu, não sei o quê. Na rua, mora lá no São Bernardo. Daí encontrei com ele, eu falei: nossa, você e o Fernandinho, ele é desse tamanho. Apesar dele não ser muito grande, que ele é de família [...] estatura mediana assim, e todo ano, todo ano eles convidavam a gente.

A: E vocês faziam festa para o [cito o nome do filho] também?

G: Fazíamos.

A: E convidavam o pessoal do banco?

G: Convidava.

A: E o pessoal vinha, do banco?

G: Geralmente, quando é criança, dificilmente vai adulto, não é?

A: É.

G: Esse Rui, ele fazia questão, porque ele fazia uma festa, já duas ao mesmo tempo, tanto os amigos dele, que ele convidava, que eram poucos do banco, não era todo mundo não, tinha 2 ou 3 casais do banco. E a gente, quando fazia aqui também, convidava o pessoal que tinha criança no banco, eles vinham. Tinha o Fernando, tinha o Daniel.

A: Quando você foi nomeado supervisor, você acha que mudou alguma coisa nessa relação? Porque daí você tem um outro cargo, você não foi nomeado, você fez concurso, você acha que a relação sua em relação a essa... a esse grupo, mudou, você participou mais?

G: Não, no grupo não. Dentro do banco sim, porque aí você começa a participar mais das atividades dos outros, porque até então você via de uma forma, às vezes o cara... não sei se você via o Vanderlei chamar a atenção do caixa por qualquer coisa assim, não sei... depois que a gente passou a ser supervisor, você passou a participar de reuniões, porque tinha reuniões de supervisor, aí você começa vendo coisas, ouvindo coisas que você não imaginava que aquilo lá era possível de acontecer, assim, sobre fatos, sobre...

A: Você aprendeu muita coisa como supervisor?

G: Ah, aprendi bastante.

A: Você aprendeu a ver o funcionamento do banco de outra forma?

G: Você acaba vendo de outra forma, não é?

A: Hum, hum.

G: Porque até então você vai lá e cumpre o seu horarinho, não é? Fica mais horas lá porque o chefe falou: oh, dá para você quebrar o galho aí? Puxa, eu tenho muita coisa para fazer, você não fica? E aí quando você passa do outro lado...

A: Você está falando de supervisão.

G: Então, quando você passa para a supervisão, você começa a ver de outro lado, de outra forma.

A: Você acha que mudou o teu status, a tua posição?

G: Não.

A: Não?

G: No banco, sim, de modo geral, ah, houve uma melhoria financeira, claro, não é? Começou a viver mais...

A: Vocês mudaram de casa nessa ocasião?

G: Não, bem depois, morei nuns par de anos com a família só. E aí essa casa aqui era de um gerente, ele tinha comprado e ofereceu, isso foi em 89? Acho que foi logo quando eu comecei como supervisor que eu comprei.

A: Como é que é? Essa casa sua estava montada?

G: Não, era bem pequenininha, aí começa a mexer, começa a ... aliás, a reforma dessa casa foi em 92, que o Collor tomou posse?

A: Foi.

G: Em 90?

A: 90, 90.

G: ...foi em 90 que eu estava mexendo nela. Até 90 eu morava aqui na sogra.

A: Que teve aquele plano lá econômico.

G: É.

A: Então você ficou anos com a sua sogra?

G: Fiquei, porque eu morei para cá em outubro de 91, é, acho que em outubro de 91, é isso mesmo.

A: E quando você... você falou que mudou a sua vida como supervisor? Evidentemente você começou a ganhar mais.

G: Sim.

A: Era muito mais?

G: Era.

A: Era? Era o quê, o dobro?

G: O dobro.

A: O dobro? Na verdade, vocês começaram a fazer novos projetos? Mudar de casa?

G: Sim, então, foi daí que a gente começou...

A: Você trocou de carro?

G: Troquei de carro, comprei um Voyage até o dinheiro estava aplicado. Eu comprei o Voyage, a Maria ficou brava, porque a gente podia ter acabado a casa. Graças a Deus, logo o Collor tomou o dinheiro tudo, então no dia que eu comprei o carro, eu deposei o dinheiro para o rapaz, ele acabou aplicando em over night, que na época falava e o Collor tomou tudo, deixou todo mundo com 50 cruzeiros.

A: Nossa, o cara...

G: Depois, aí tinha um punhado de multas e ele não me pagou as multas porque ele teve prejuízo com a venda do carro.

A: Quer dizer, a vida de vocês começou a mudar depois que você se tornou supervisor?

G: Sim. Sabe, a gente não é muito, assim, de luxo para sair, sabe?

A: Sei.

G: Na década de 90, que eu comprei o Voyage, eu tive um chevetinho, estava velho, depois eu comprei o Voyage, eu... tem gente que troca todo ano. Fora esse carro, que é bom.

A: É esse?

G: É esse mesmo, entendeu? Eu não sou de ligar...

A: 14 anos que você ficou com o carro?

G: É, ele é 87, eu peguei ele em 90, 14 anos. O Gol também era financiado, financiado não, era um plano lá que você pagava por mês e quando você acabava de pagar... você determinava o carro. Aí eu queria um Gol Plus. Fui pagando, fui pagando, fui pagando a Volkswagen, quando deu o pagamento, o cara ligou para mim e falou: o carro está parado, você não vai...? Eu fui lá, paguei uma diferença e peguei um carro melhor. Mas a gente não se veste com marca, no banco

era todo mundo, se veste chique, vestia, não é? Porque tinha uma mulatinha lá, a [cita o nome], nossa, era ela todo dia uma roupa diferente, todo dia, então era coisa... e a gente não, era...

A: Como você ia para o banco vestido?

G: Olha, era uma calça social comum, um sapatinho aí...

A: Você usava gravata, paletó?

G: Não, só quando eu fui contínuo que eu usava o terninho do banco.

A: Mesmo como supervisor, você não usava?

G: Não.

A: Tinham alguns colegas seus que usavam?

G: Tinha, o pessoal aqui vinha de camisa branca, mas como também eu, sabe, sempre questionava: você precisa vir de terno, vim mais arrumadinho, camisa branca, manga comprida, tal. Eu falei: gente, eu trabalho na área, na retaguarda, tal, não sou como vocês que ficam o dia inteiro aí, sentadinho na mesa, parecendo bibelô, sabe? Não é assim, eu trabalhava na área na retaguarda, eu tinha que cuidar da contabilidade, do rapaz que fazia o almoxarifado, que fazia o arquivo, então eu tinha que estar lá no arquivo todo dia; todo mês tinha que pegar aquelas coisas para jogar fora; tinha que conferir o que destruía e o que não destruía, entendeu?

A: Você acha que o fato de você se comportar assim, despreocupado com marca, com roupa, era visto de forma diferente pelas pessoas?

G: Não sei se eu posso dizer isso.

A: Talvez as pessoas esperariam que você tivesse um comportamento voltado para esse tipo de coisa? Eu estou falando do banco.

G: Do banco.

A: Por exemplo, os que estavam na panelinha.

G: Ah, sim, então, quando a gente comentava qualquer coisa, assim, que a gente, vamos dizer assim, ia comprar uma televisão, tal: pô televisão? Ah, sim, porque lá em casa tem uma televisão para cada um, então quando eles começavam a comentar as coisas, a gente comentava o outro lado da gente, porque até então a gente não tinha nada. Já que você vai com roupa assim simples. A [cita o nome de uma funcionária], por exemplo, ia muito bem vestida, a [cita outra], esse pessoal estava sempre todo... acho que saía do banco e ia para shopping comprar roupa. Então punha hoje, amanhã já não punha. Então estava sempre duro, sempre no cheque especial, na tampa, pagando juros, pedindo dinheiro emprestado, isso nunca. Eu não pago juros para banco, olha... só se for uma fatalidade, eu não gasto o dinheiro do meu limite, até menos, não é? Faço as minhas coisas assim e...

A: Vocês viajavam?

G: A gente viajava, assim, mais para casa de parentes todo ano. Todo ano, a gente tirava férias, ia para a casa dos pais da Maria, que é no Paraná, que é um lugar mais aconchegante, a gente se dava bem com eles, ia para Foz do Iguaçu. Depois de alguns anos aí que a Maria começou a ir para Caldas Nova, Serra Gaúcha...

A: Para a colônia do banco, vocês iam?

G: Para a colônia do banco, eu nunca fui.

A: Não? Por quê?

G: Nunca gostei, mas nem sou sócio, porque tem que ser sócio. Nem sócio eu não fui.

A: Por que Grozzi?

G: Não sei, eu não... para dizer que eu nunca fui... todo ano, o banco faz uma integração esportiva, assim, sabe?

A: Não conheço.

G: Por 2 dias. Nunca fui. Todo ano, o povo: o Grozzi, você não vai? Vamos, vamos? Não vou. Não ia mesmo. E a Maria também nunca foi de falar: vamos, bem. Também não ia também não, sabe? Eu só fui no Esporte Clube Banespa, algumas assembléias que teve lá de [cabesp] alguns institutos que eu conheci tudo mais, mas não usufrui lá.

A: Vocês eram sócios do clube?

G: A Maria sempre... não, no clube a gente não era sócio. A Maria pagava um seguro do clube, mas não era sócio. Aí eu fiquei sócio do Banescamp aqui, mas também dificilmente eu fui para lá, mas muito... fui na integração, que foi a integração regional, eu fui, mas não participei também, sabe? Campeonato de truco, futebol, essas coisas, nunca participei.

A: E você participava de outros clubes?

G: Participei...

A: O [cito o nome do filho] você levava aonde?

G: Participei, a gente... eu sou sócio até hoje do Hípica Barão. Pago... hoje eu estou pagando um dinheirão naquilo, eu devo parar e cancelar, porque se você for analisar bem, dá mais de 800 reais por ano. Está 89 por mês. Acho que faz uns 3 anos que eu não sei como é que está o clube, a gente não vai mais lá.

A: Mas vocês freqüentavam muito?

G: Todos final de semana.

A: E vocês decidiram... preferiram vir ao Hípica do que ir ao Banescamp? Por quê?

G: Não sei se era porque a gente não se misturava no banco, nunca gostei. E hoje, eu pago o Hípica e, além de pagar o Hípica, eu pago o Banescamp também, que eu pago 15 reais por mês.

A: Mas você paga para não ir no Banescamp?

G: Eu pago para não ir, eu também vou parar de pagar, que a Maria quer parar. E também agora que a gente já aposentou, já está com um ano já.

A: Os casais do banco, não os casais, vamos dizer assim, os seus colegas...

G: Sim?

A: Eles viajavam e iam para a colônia geralmente? Era mais comum ir para a colônia?

G: Não, para a colônia sempre.

A: E aonde é que o pessoal ia viajar?

G: Então, eles iam para a colônia.

A: Não, além da colônia. O pessoal ia para o exterior? Você tinha colegas que iam para fora do país?

G: Olha...

A: Fazer pacotes turísticos?

G: Tinha um pessoal, que trabalhava comigo, que faziam pacote turístico, mas aqui no Brasil mesmo. Só teve uma colega que foi, a [cita o nome], ainda porque o filho dela ganhou uma passagem e ela foi. Mas era muito depois. O resto ficou tudo por aqui mesmo.

A: Hum, hum. Aonde é que os filhos do pessoal estudavam geralmente?

G: Olha, teve alguns aqui que estudou no colégio Rio Branco, junto com o [cita o nome do filho].

A: Ah, é?

G: Tem outros que [...], acho que Notre Dame, Comunitária e Estadão, não é? Tem, o [cita o nome], tem 3 filhos, acho que os 3 estudavam.

A: É, nesse sentido você se igualava a eles.

G: Tinha, é.

A: Porque você também pagava escola particular.

G: Pagava escola particular.

A: Para o [cito o nome do filho].

G: O [cito o nome do filho] sempre ficou em escola paga, desde do berçário até agora. Até hoje também. E tem bastante gente também que está no estado.

A: E você ficou, você acabou ficando de supervisor em 89...

G: 89.

A: Até?

G: Até agora, 2000. Até sair daí.

A: Até? 2000 e?

G: 3.

A: 3. Foi o teu período de supervisor?

G: 2002.

A: É, 2002, porque estamos em 2004.

G: É, dezembro de 2002.

A: Isso depois a gente precisa conversar mais, porque eu não sei que horas são?

G: Meio dia.

Entrevista 3

A: Grozzi, 30 do 4 de 2004. Então vamos lá, no que que a gente tinha parado da última vez?

G: Ah, não lembro, faz duas semanas.[riem]

A: Mas eu lembro, que você tinha feito... tinha conseguido a promoção lá do concurso depois de anos, não é?

G: É.

A: Para a supervisão. Aí eu falei que esse período de supervisão, a gente vai ter que ver direito, porque teve várias mudanças no banco nesse período e você entrou no banco como supervisor em?

G: A data?

A: É.

G: Foi em 80 e alguma coisa.

A: E você ficou na mesma agência, você teve oportunidade de sair, Grozzi?

G: Não, não tive... tive, eu não fiquei, eu não tinha ficado na mesma agência porque era proibido você ser nomeado na mesma agência, então eles...

A: É proibido?

G: É proibido, não aceitavam, porque você já ficava na mesma agência, você ficava com vício.

A: Entendi. Você já saiu com quantos anos de banco?

G: Exatamente o que aconteceu comigo, eu já tinha 18 anos de banco acho que aproximadamente.

A: E na mesma agência.

G: E na mesma agência, então, foi aquilo que eu te falei, você vira... você vai... como eu disse, uma vez contínuo, sempre contínuo.

A: Continua contínuo.

G: Contínua contínuo, só pedindo, só pedindo, o povo acha que você não saiu daquela. Então eu fui nomeado para a agência... veio uma relação de agência para eu escolher, de Sumaré, veio Barão de Itapura, veio o núcleo de serviço, que era serviço noturno, veio a Campinas Centro, que era na Glicério. Eu falei: bom, vou pegar uma agência mais nova e menor, que também ninguém queria ir porque ficava abaixo da regional, entendeu? E você tinha na sua cabeça a regional, não é?

A: É.

G: Aí eu aproveitei e fui para a Campos Sales, aliás, para a Itapura.

A: Para a Barão de Itapura.

G: Aí, chegando na Barão de Itapura, o meu gerente começou: pô, Grozzi, você vai para a Barão de Itapura? É isso, porque você já foi criado aqui, a sua mulher está aqui, seu filho estuda no Rio Branco, você pega o seu filho na escola, você pega o seu filho aqui, leva na escola, ele sai da escola, você vai lá e pega ele, leva para a sua casa e volta para trabalhar e tal.

A: Você saiu até meio contrariado ou não?

G: Para ir embora? Não, porque eu passei no concurso, não saí contrariado.

A: Ah, é até bom mesmo.

G: Por outro lado, a gente estava com aquele vício da agência, então você saiu meio assim, com o pé atrás, porque como é que você vai para um lugar que você não conhece, não é?

A: Entendi. Era praticamente começar um outro emprego.

G: Um outro emprego, porque você está indo como supervisor.

A: Aí ele perguntou para mim se eu queria ficar.

G: Eu falei: olha, [cita o nome], sinceramente, eu até que preferia mesmo ficar. Porque eu tenho medo de enfrentar lá fora, aquilo que eu... é a mesma coisa de você ter um cachorrinho dentro de casa e você soltar na rua. De repente, vem um passarinho de gaiola de 20 anos, você solta ali fora e ele não voa.

A: É.

G: Aí ele pegou, e falou: vou falar com o regional, pode?

A: Você estava meio que dentro de casa, não é? 18 anos.

G: 18 anos.

A: Conhecia Barão inteiro, sua família era de Barão, não é?

G: Tudo aqui, tudo essas...

A: Os clientes...

G: Era tudo aqui. Aí eu peguei e falei para ele: então fala. O cara falou: só que ele tem que assumir na Barão de Itapura e vai para lá, no outro dia...

A: Era norma do banco?

G: Era norma do banco. No outro dia, eu voltei para a agência, mas emprestado, porque não tinha ninguém que supria a minha vaga, então eu fiquei locado na Barão de Itapura alguns meses, se não me engano, e depois eu fui transferido para Barão Geraldo, mas, na verdade...

A: Você tinha [] em Barão, tudo?

G: Eu vim para Barão Geraldo...

A: Você cobriu um...

G: Eu saí de Barão Geraldo e abriu uma vaga...

A: Você cobriu uma vaga e descobriu outra?

G: É, e aí como eu fazia muito mais falta aqui, quer ver, deixa ver se eu acho aqui.

A: Essas são as fichas?

G: Carteira profissional.

A: Tudo do banco, você tem que pegar tudo isso?

G: Porque vai preenchendo, isso quando eu comecei a trabalhar, em 70 e pouco... eu tirei a minha carteira profissional de trabalho em abril de 69, foi o primeiro emprego meu. Depois aqui eu já tive mais um, deixa só eu ver uma coisa aqui.

A: Legal, porque vai preenchendo alteração salarial.

G: É, alteração, promoção.

A: Porque o registro é o mesmo.

G: O registro é o mesmo. Escriturário, escriturário, escriturário, também borrou tudo, escriturário, escriturário, subchefe, 1/8/88.

A: Esse subchefe que é...

G: Que é o cargo.

A: Está dizendo que você transferiu?

G: Não, nem...

A: Nem fala?

G: Não fala, está vendo?

A: Que você...

G: Não, porque está dentro do mesmo banco, depois da transferência, não é?

A: É a mesma agência, não é?

G: Porque aqui, quem fazia as alterações era um centro do departamento, só que ia alteração salarial só. 1/8/88 que eu fui para supervisor.

A: Que foi quando você foi nomeado?

G: Subchefe de serviço, é isso mesmo, eu falei 89 para você, não é?

A: É, você falou 89.

G: É isso mesmo. É pode ligar, eu também estava roncando com o carro.

A: Eu já liguei.

G: Está ligado?

A: Está ligado.

G: Então aí eu fui para lá e voltei para cá.

A: Quanto tempo você ficou lá, um mês, nem isso?

G: Nem isso, eu fiquei uns 2 dias. Eu saí de manhã daqui, com uma cartinha, fui lá, assumi. O gerente me apresentou para todo mundo, porque eu já conhecia todo mundo, porque lá foi uma agência recente e foi tirado funcionários das outras agências para montar aquela agência. Eu já conhecia a [cita o nome], vários deles saíram daqui. E no outro dia, praticamente, eu já vim para cá.

A: E como você avalia isso? Porque você tinha chance de estar indo para outras agências?

G: Então, eu tive outras chances também.

A: Porque você ficou a vida inteira aqui.

G: Eu não sei se foi por... eu passei, inclusive, em concursos outros e [...], inclusive para gerente, que era da área administrativa. Mesmo com pouco estudo. Eu não sei se era por falta do estudo, que eu tinha conhecimento, tinha [], eu tinha medo de ir embora.

A: Entendi.

G: Entendeu? De ir embora, chegar lá e... você acha umas pessoas no banco, porque tem sempre aquelas pessoas que... fácil eles te criticarem, facinho: você está falando que você foi promovido, na verdade você não foi promovido, alguém te passou e tal, aquelas coisas, então eu tinha medo, eu não enfrentava. Então, no concurso mesmo, quando eu passei para gerente na área administrativa...

A: Quando que foi isso?

G: Ah, fazia tempo, em 80 e... quase que em 90, acho que em 90, faz tempo, acho que em 88, final de 80, acho que em 90, 92 deve ser. E aí eu fui para Monte Mor, eu que queria ir para Monte Mor, então...

A: Como gerente?

G: Como gerente da área administrativa. Aí eu fiz uns cálculos lá [...] eu falei: olha, a minha mulher trabalha aqui, ela não vai ser transferida para lá, eu não vou morar. A rodovia Monte Mor é um inferno para você ir, eu vou, eu não sei quando eu vou voltar, porque...

A: Gerente.

G: Gerente, você não sabe se vai abrir vaga aqui, porque geralmente os grandes centros é apadrinhado, não é? Transfere os apadrinhados. Você vai para lá, lá você morre. Então, quer saber de uma coisa? Eu fiz os cálculos, e o valor salarial, a diferença salarial era muito pouca.

A: Entendi.

G: Porque eu como supervisor, eu ganhava mais do que muitos gerentes, entendeu? Gerente de atendimento, gerente...

A: Por causa do serviço?

G: Por causa dos quinquênios e dos anuênios, entendeu?

A: Entendi.

G: Cada anuênio você tinha uma bonificaçãozinha. E depois, a cada 5 anos, você tinha...

A: Essas... você está falando das desvantagens. E quais seriam as vantagens de ficar na mesma agência.

G: Para mim, foi a facilidade.

A: Mas em termos de...

G: Ah, não, não tinha vantagem nenhuma, nenhuma, porque eu não fui gerente, eu não assumi gerência, e eu acabei ficando na mesma, o mesmo salário, mas era o gasto que eu ia ter que por fora, entendeu?

A: Entendi.

G: A melhoria de eu ter ficado aqui, se eu vou de carro, eu vou ter que ir todo dia. O gerente da área administrativa não tem aquela necessidade, que, na época tinha, que você tinha que morar na praça.

A: E você, de alguma forma, se... depois de tantos anos na agência, você se afeioou às pessoas da agência?

G: Ah, sim, nossa.

A: Porque também tem um pouco disso.

G: Tem, você pega uma afeição grande, porque tem um monte de pessoas dentro da agência, que a gente era como irmão, na verdade, como amigo. Porque se você não viver bem lá dentro, é o mesmo de você não viver bem dentro da sua casa, porque metade do período eu passava lá e a outra metade aqui.

A: E isso é bom, isso foi bom? Essas relações familiares...

G: Essa relação?

A: Porque parece que foi bom em algum aspecto, mas no outro aspecto...

G: Sei lá, eu...

A: Como que você vê isso?

G: Então, você tinha a sua afeição, mas era só lá dentro, quer dizer, você não misturava. Foi aquilo que eu já falei, dificilmente eu fazia uma festa dentro da minha casa que eu trazia o pessoal do banco. Dificilmente você participava de uma festa, salvo de final do ano, que era todo mundo, quase todo mundo ia, mas eu dificilmente participava, porque...

A: Mas depois que você assumiu a supervisão...

G: Foi difícil.

A: Por quê?

G: Porque você tinha uma responsabilidade a mais. Você não podia... aquilo tudo que você falava quando você não era, você não podia falar agora [ri], entendeu?

A: Entendi.

G: Aquelas coisas que... que, manda para aquele lugar, que emprego chato, você viu fulano? Pô, que cara pegajoso.

A: Igual o seu cargo já era...

G: Aí o meu cargo, eu estava como o Lula, [ri] agora eu estou com telhado de vidro, entendeu?

A: Entendi.

G: Então, naquela época, sempre tinha aquela panelinha no caixa ou se você estivesse no cofre, conversando lá na caixa forte: ou, você viu fulano? Puta nego chato, o cara parece que dormiu descoberto, aquelas coisas bem... E aí eu comecei a ver que a maioria falava o mesmo de mim depois, porque uma boa parte cortou a relação, assim, aquela relação afetiva, de abraçar, e tomar um café. Vamos tomar café? Vamos tomar café? Parar no banheiro, conversando, entendeu? Então, a maioria cortou. Eu lembro, assim, mais ou menos, o dia que teve a primeira reunião em que eu participei, como a área administrativa, que o pessoal fica lá embaixo trabalhando, e a gente fica num cantinho lá encima. Então você não fala nada, você só ouve, porque... aí você vê aquilo que você tinha que ouvir do teu chefe... eu estava ouvindo do meu para poder passar para os meus subordinados, no caso, não é? Não era fácil chegar, fazer uma reuniãozinha no meu setor e falar: olha, o negócio é assim.

A: Então você tinha que contemplar os dois lados?

G: Os dois lados.

A: E você tinha muitos vínculos com as coisas, vamos dizer assim, do lado mais...

G: Ah, por causa do meu sogro, e a Márcia era a prima de Santos e ela, justamente nessa semana, o marido dela desceu. Porque eles têm uma casa em Santos, que é da mãe, que é viúva, e eles não querem vender, sabe?

A: Entendi.

G: Está lá, a casa é grande, tem piscina, tem 2 cachorros enormes lá que cuida. Só que tem um menino, que tem 18, 17 anos, que está cuidando, só que não dá para ficar confiando, não é? E aí o marido dela, por estar desempregado, ele desceu essa semana e viu que tem problema na piscina, tem vazamento, alguma coisa. E aí resolveu descer todo mundo, que a velha também deve ter saudade. Nasceu no Paraná e viveu...

A: Veio para cá.

G: ... a vida inteira em Santos, a vida inteira em Santos, deve ter saudades do pessoal.

A: Eu estava falando que... você falou que você começou a ver os dois lados.

G: É, comecei a ver os dois lados.

A: E eu fiquei pensando, assim, como você se posiciona? Porque toda a sua afeição que você tinha pelas pessoas, tal, você sempre prezou muito isso, não é? Assim, agora você era chefe, não é?

G: É, então, isso, na época, assim, que eu me lembro, ocasionou assim uma dificuldade, assim, sabe? Em manter até a amizade, algumas das pessoas que passaram... que não passaram no concurso...

A: Entendi.

G: ... já ficou meio, sabe, com o pé atrás com a gente, não era mais aquela amizade, sabe? Teve uns 3 ou 4... mas isso, foi da mesma forma como eu fiquei com as outras pessoas também quando... Uma que também eu fui uma das primeiras pessoas da minha agência aprovada em concurso, porque os demais foram todos indicados.

A: Certo.

G: Então você percebia, que as pessoas também que foram indicadas, eles tinham mais vínculos com o gerente, viviam livres, fazendo, ou então trabalhavam mais diretamente com o gerente, então houve essas indicações.

A: Você acha que você, como concursado, você poderia ser mais imparcial?

G: Ah, eu era.

A: Você via os 2 lados da moeda?

G: Sim, eu era bem mais.

A: Eu estou falando do lado da empresa e do lado do...

G: Não sei do lado da empresa, principalmente de... não conhecia a empresa como um todo, mas os gerentes, não é?

A: Entendi.

G: Então eu sentia que não devia muita satisfação, assim, dos atos. Não de todos os atos, mas alguns atos que eu tomava, eu me sentia assim mais... como é que eu vou dizer? Libertado para fazer.

A: Entendi.

G: Eu não tinha que dar essa satisfação para fazer, porque eu era um cara concursado. Não adianta você vim pedir para mim fazer, para que eu fizesse alguma coisa que você quisesse. Se eu achasse que era errado, eu não faria. Por quê? Porque eu não te devo nada, entendeu? Eu fui concursado, eu passei no concurso, então eu não cumpria um monte de coisa. Então eu fui bastante penalizado aqui na minha agência por isso. Só que tinha um lado...

A: Isso partiu por parte da gerência, pelos de cima?

G: Pelos de cima. Alguns dos gerentes até gostavam, principalmente o gerente administrativo, porque toda coisa errada do gerente geral, por exemplo, que acontecia sob um outro gerente de negócio de atendimento, o gerente administrativo, você sabe que ele que pagava o pato, não é? Se houvesse umas coisas erradas, ele que era o ... então ele tinha eu controlar tudo. Apesar do gerente geral mandar em tudo, mas na parte administrativa, quem mandava era o gerente administrativo. Então o gerente administrativo gostava que..., exatamente foi ele que me segurou em Barão, ele não deixava eu ir embora.

A: Porque, na verdade, você seria também um aliado dele?

G: É, então, exatamente, porque estava sempre do lado certo, não é? Se fazia errado... Um dos rapazes que foi nomeado...

A: Era um grande amigo seu, esse gerente de...

G: Administrativo? Ele me enche o saco até hoje, ele já é aposentado, constantemente ele vem aqui para falar de banco. Agora, nessa semana, ele ligou umas três vezes lá, porque teve problema de computador.

A: Como que ele chama?

G: {Cita o nome completo}. Ele tem 2 filhos, ele era muito amigo do meu filho, esse amigo. Ele é um pouco mais velho que o meu filho, brincava muito com o meu filho, sempre tinha futebol, essas coisas, então, de vez em quando, ele fala: ou, vem lá em casa, eu vou te mostrar a fita de 77, quando ele comprou a filmadora [ri], que a gente filmou na chácara e tal. E ele sempre liga para mim, sempre, sempre. E ele... você vai no banco, assim, em época de pagamento, ele fica lá no hall de atendimento, fazendo as coisinhas dele, todo mundo que entra, ele levanta para ver se não é alguém, então ele conhece todo mundo, ele não largou do banco ainda. É um senhor de bastante idade já, 64 acho que ele tem, 64 anos.

A: Por que você tinha muito essas relações de amizade no banco, não é?

G: Eu tinha. Porque quando eu estava no banco, tinha: eu, [cita nomes de funcionários e funcionárias]. A gente, toda sexta feira, acabava o serviço, ia para a farra. E muitas vezes, assim, a gente ajudou a fechar muita lanchonete, então, de supervisor mesmo ali, só tinha eu e o [cita o nome], e o resto era escriturário, sabe?

A: Hum, hum. Você estava mais para o lado dos de baixo.

G: A gente só saía mais com o pessoal de baixo, sabe? E a gente fechava a lanchonete, aí 5 horas da manhã, 4 e meia da manhã, era que a gente vinha embora para casa. Ah, mas foi bom. Bom, eu

sempre fiz isso. Antes de ser escriturário, eu já saía; antes de ser supervisor, eu já saía. E depois, então, [...] como supervisor, eu saía do mesmo jeito. Tinham aqueles que não gostavam, como tem até hoje um rapaz que hoje ele é caixa, por exemplo, continua caixa até hoje, ele era... nossa, ele não dava o braço a torcer, não gostou muito de eu ir para supervisor.

A: Agora, Grozzi, nessa época, você foi chefe da Maria?

G: Mais para o fim, eu fui chefe da Maria.

A: Não nessa época?

G: Não, logo que eu entrei, a Maria trabalhava na linha de frente, e eu trabalhava mais na linha de fundo, fazia mais a linha de caixa, contabilidade, almoxarifado.

A: Hum, hum. E como é que era essa relação? Porque, apesar de que [...] os próprios clientes não conheciam vocês como casal, mas na agência todo mundo conhecia.

G: Todo mundo, todo mundo conhecia. E, sabe, eu não sei, assim...

A: Como que vocês avaliam isso?

G: Eu não sei te dizer.

A: Foi positivo?

G: Olha, eu [...] eu acho que sim, eu acho que foi até positivo, porque já pensou se eu levasse uma vida de casado lá dentro e uma vida de casado aqui, então seria 24 horas, não é? Então a gente, lá, totalmente antipático, se ouvisse alguém chamar a atenção. Então, em muitas reuniões que teve, de supervisor, do chefe dela falar, criticar a Maria: olha, a Maria está desleixando, está [...].. nunca, sabe? Lado profissional é lado profissional. E eu me senti, assim, muito bem quando ela foi trabalhar comigo, quando a gente foi para a área contábil, para um quartinho isolado grande lá, que era meia dúzia de funcionário lá, porque dava para confiar mais, não é? Porque mesmo que ela fizesse alguma coisa errada, porque eu acho difícil que ela deve ter feito isso, porque a pessoa acho que não bicava muito com ela, então às vezes criticava. Mas a crítica, também, não era nem pelo serviço, era mais pela área de capacitação, porque a Maria era muito... a Maria sempre foi ruim de vender, sabe? Se a [...] era abaixo do cliente, a Maria não fazia isso. E a Adriana criticava porque não queria que a Maria ficasse lá, tanto é que por isso tirou ela, e jogou para retaguarda e colocou outras pessoas melhor, papo de venda, assim, esses vendedores, pôs na linha de frente. E ela trabalhando comigo era mais fácil, ela não... ela podia confiar plenamente e, se alguém fizesse alguma coisa errada ou se eu saísse para almoçar, e tinha, o serviço estava lá, via alguém fazendo, porque ela também se mantinha no lugar dela de subordinada. A Maria nunca... eu tenho certeza assim que... muitos funcionários, você saía para almoçar, o cara entrava no banheiro e não voltava mais. Nunca ela chegou lá em casa, ela falou assim para mim: bem, olha, você saiu para almoçar, o homem saiu, foi para o banheiro, as duas horas de almoço que você ficou, eu que fiquei trabalhando para ele porque ele foi para o banheiro e não voltou mais. Nunca, ela nunca fez isso.

A: Agora, Grozzi, tinha um... tinha outros casais no banco? Vocês não eram o único?

G: Não, tinha... bom, o primeiro foi [...].

A: O irmão da Maria começou a trabalhar com ela?

G: Trabalhou, mas agora... começou a morar aqui. Eles casaram.

A: Que ele já estava em outra agência.

G: Então ele já estava em outra agência. Então tinha o [cita os nomes do casal]. E ela saiu agora do banco, e ele está lá ainda. Tinha [os nomes de outro casal], que esses casaram na agência. É, eram os três casais. Depois tinha o [cita o nome]; que a [cita o nome] se separou, eles começaram a namorar e tal, eles estão juntos também até hoje.

A: Formaram um casal, outro casal?

G: Formaram outro casal. Só que agora ela também está afastada, não está trabalhando mais faz tempo, acho que só, 3 casais. Foram 3 casais mesmo que a gente era.

A: Não era pouco comum a existência de casais dentro do banco?

G: Não. O Galvão também começou a namorar ali, casou, os dois eram caixas; a [cita o nome do casal], os dois eram caixas, depois o Reis passou para supervisor e foi embora, interessante não é?

A: Interessante essa... porque tem uma dimensão da família dentro da empresa.

G: É.

A: Não é?

G: Você sabe que, eu não sei, acho que eles são até mais sérios no serviço, sabe? Porque eu e a Maria trabalhando, a única preocupação no caso da família era o [cita o nome do filho] que estava na escola no caso. Então você vive numa boa, porque está vendo que a mulher está ali, está junto, que está trabalhando, não é? Assim, sabe o que está acontecendo em casa. Vamos dizer que se ela fosse, assim, uma pessoa que não trabalhasse, que ficasse em casa aí, no fogão, diretamente, então você não tinha preocupação nenhuma.

A: Agora, assim, também tinha... pelo que eu percebo, pelo que você fala, você já estava há muito tempo na agência, depois a Maria chegou, depois o irmão da Maria chegou, então, vocês eram... salvo engano, assim, vocês eram muito queridos como funcionários, mas também como uma família de [estudante], não é?

G: Como a família da gente, como a família da gente, tanto é que, você vê, o Carlos, o Carlos, quando ele entrou, o irmão da Maria, estava precisando de um pontinho, com um pontinho ele estava passando para escriturário, aí ele falou para a gente: oh, Grozzi, você não conhece ninguém, você que veio de contínuo, você não conhece ninguém, assim, um cara bom para trabalhar de contínuo? Eu falei: ah, cara, sei lá, tem o meu cunhado, um cara esforçado, está estudando, tudo. Ah, vamos. Eu tinha acabado de sair do exército. O seu [], ele chamou. Ela pegou bem também, sempre trabalhou direitinho, tanto é que chegou a gerente rapidinho dentro do banco. Por quê? Porque já era solteiro, era um cara mais atirado, não tinha vínculo de ficar preso com ninguém, daqui ele já foi para Jacaré, de Jacaré já foi para São José dos Campos, de São José dos Campos foi para Ilha Bela, que era um lugar detestado por todo mundo para trabalhar, e aí foi indicado para gerente, passou no concurso e foi indicado.

A: E você acha que... porque você fez uma comparação: ele era solteiro, não tinha vínculos. Você acha que você tinha vínculos?

G: Então...

A: Para não ser assim, arrojado?

G: Então, mas é aquilo, porque eu entrei no banco, eu já tinha 20 e pouquinho. Eu não tinha estudo, entendeu? O meu medo, de me atirar assim, era por causa do estudo, entendeu? E se você vai embora, você não vai estudar, não adianta. Como eu fiquei, não estudei, eu indo, piorou. De repente, você está fazendo um técnico ou qualquer coisa, volta para cá e tira, então você não vai estudar.

A: Mas e a família?

G: A família, para te falar assim, bom... eu era solteiro, não era problema de família para me prender, não, não era os meus pais.

A: Naquele momento?

G: Não, não era os meus pais não porque...

A: Mesmo depois que você casou?

G: Então, depois que casou, já passou, não é? Porque você vê, eu enjetei no último ano pelo salário e pela família, porque eu já tinha um filho, era facinho de levar para a escola. Saía daqui, a

Maria não dirigia, saía eu, ele e ela, sabe? Saía eu e ele, eu passava na Escola Rio Branco, saía da Escola Rio Branco, já virava a esquininha, já estava no banco. Quando era meio dia, ele saía, ele esperava na porta da escola, eu ia lá, pegava ele, vinha para casa, almoçava e pegava a Maria, que entrava à uma, entendeu? Era tudo esquematizado.

A: Hum, hum. Eu acho que quando você faz uma opção, você põe tudo isso na balança.

G: É, é.

A: Também.

G: Também.

A: Você fala: não, espera aí, minha mulher está aqui, meu filho está aqui, é fácil de chegar, tal, eu não vou ter tantas vantagens salariais.

G: A vantagem salarial que eu vou ter lá que, na época, seria em torno de uns 400 reais de vantagem salarial, mas eu vou e volto todo dia, de carro. Daqui a Monte Mor dá mais de 30 km. Minha mulher vai ter que ir de ônibus trabalhar e levar cedo o meu filho para outra escola, levantar cedo e tomar banho, você entendeu? Então, se você pesar todos os prós aí e os contra, os contra ganha longe.

A: Você acha que teve muito colega seu que não ponderava esses aspectos para fazer carreira?

G: Ah, não, não pensava família não, muitos deles não pensavam família assim para fazer carreira, porque...

A: Porque para fazer carreira, pelo que você falou, era uma condição você se deslocar.

G: Se deslocar.

A: Tanto que você fez aquela jogada, conseguiu voltar, mas, assim, teve... mesmo assim, você teve que se deslocar.

G: Teve que se deslocar.

A: Agora imagino que como gerente, mais ainda, não é?

G: Mais ainda.

A: Gerente administrativo, gerente de agência, gerente...

G: Nós tínhamos um colega aqui, que ele veio de Apiaí, chamava Nata... chama, não é, chama [cita o nome]l. Ele veio para a centro, para Campinas aí, você vê, de lá para cá, ele é {cita o nome}?

A: Não está não.

G: E ele é solteiro, ele veio de lá, transferiu para a Glicério, prestou um concurso para supervisor, passou para supervisor, trabalhou comigo, veio de lá, aqui para Barão Geraldo.

A: Ele veio com a família?

G: Ele era solteiro, mas ele trouxe a família dele de Apiaí. O pai dele era aposentado, ele trouxe para cá, para Barão Geraldo. De repente, teve aí umas mexidas, queriam... tinha vaga lá para Apiaí, ele juntou a família de novo, voltou para Apiaí. Aí passou um tempo em Apiaí, uma vez eu liguei lá para conversar com ele, aliás, ele tinha passado para gerente. Liguei lá, ele sempre ligava, porque ele entendia muito pouco do serviço, porque ele ficou muito tempo como supervisor, e depois já foi, passou logo num concurso para gerente, foi para gerente, então ele ligava sempre para perguntar coisas para mim. E aí um pouco antes de eu sair, rapaz, eu liguei para São Vicente, ele era gerente geral do Banespa de São Vicente, estava morando em Santos.

A: Olha, do interior ele foi transferido.

G: É, ele veio de Apiaí para cá, daqui ele voltou para Apiaí, de Apiaí, ele foi para São Vicente, ele rodou. Não era nem Apiaí que ele tinha ido, ele voltou para uma outra agência de uma cidadezinha interiorana.

A: Para onde ele ia, ele carregava a família?

G: Para onde ele ia, porque ele era solteiro, mas coitado da família, que era um casal e um irmão, que era meio deficiente ainda, então ele levava, porque ele visava crescer dentro do banco. Agora, não sei se ele fosse casado e a mulher dele trabalhasse numa outra empresa aqui, como ele faria para ir. Ou ele ia e ficava sozinho lá e a família ficava sozinha aqui.

A: Entendi.

G: Em cursos mesmo, em São Paulo, eu detestava ir porque... a Maria, ela se vira bem sozinha, mas eu já acho... eu acho que ela não se vira, entendeu? Porque se eu estou aqui, ela pede o dia inteiro, então quando eu saía, às vezes, de um curso em São Paulo, de alguma coisa, eu ficava uma semana lá, eu ficava imaginando como é que a Maria ia se virar. Ela se vira, claro, ela pega um ônibus e vai para onde ela tiver que ir. Quer dizer, eu não faço para ela, o carro aqui, ela podia falar: eu vou, você fica esperando. Mas não, ela não dirige, então... eu ligava todo dia à noite do hotel. Do hotel, eu ligava.

A: Você não gostava de fazer curso em São Paulo?

G: Não, São Paulo, eu não gosto, eu detesto São Paulo e quando a gente ia, a gente fazia o curso ali em Pirituba. Tinha hotel, tudo, a gente ia para o centro da cidade em São Paulo, para o hotel, depois eu pegava o lotação lá do banco mesmo, que trazia a gente para o curso, mas era uma semana, às vezes 4, 5 dias sabe? E era bastante interessante.

A: Hum, hum. É porque, você vê, não é? O que você está falando é importante, porque o deslocamento... o deslocar significa que você está carregando a família, agora, no banco, não teria a possibilidade, por exemplo, de você e a Maria serem transferidos? Iria você e a Maria, como a sua esposa, ela poderia se transferir de agência?

G: Não, porque o banco, acho que não... sei lá, eu nunca pensei...

A: Você nunca pensou nessa possibilidade? Tá, vamos os dois juntos para...

G: Para Monte Mor, um dia, vai.

A: Vamos juntos para Monte Mor.

G: Monte Mor não tinha, por exemplo, não tinha vaga lá, entendeu? E geralmente o gerente geral, assim, quanto mais ele pudesse enxugar a agência dele, porque isso tudo pesa na rentabilidade da agência, a quantidade de pessoas que você tem.

A: Entendi.

G: Então, quanto mais ele pudesse enxugar, mais ele enxugava. Então vai o Grozzi para a gerência de Monte Mor, ah, mais é melhor não vir o Grozzi, não tem outro para vir não? Porque ele vai trazer a mulher, vai onerar mais a folha de pagamento da gente, eu pensava assim. Eu acho que não podia mesmo levar.

A: Você nunca tentou, vocês nunca tentaram?

G: Não, nunca tentei. Quando eu fui... quando informatizou o banco, em 79, 79 acho que foi, o pessoal do departamento... porque eu era bastante atirado em informática, gostava de ver, queria ver as coisas funcionando, 81, o [cita o nome do filho] tinha acabado de nascer. Em 79 quando eu casei, quando informatizou era em 81. Ih, estavam louco para eu ir embora para São Paulo, para trabalhar no departamento também, eu falei: não, não vou não, porque... Eu podia ter ido. Era fácil, tinha o executivo que trazia todo dia, porque tem o ônibus executivo, que sai de São Paulo e um que faz...

A: Tem, tem.

G: Tem um que só vai banespiano, me pegava aqui encima, aqui perto do Solar do Barão, entrada para a Unicamp aí. Eu não fui, sabe, para não... acho que, sei lá, acho que estava convencido para não deixar a família mesmo, não é? Eu não fui não, hoje talvez eu tivesse numa... na... hoje, pensando na situação de hoje aqui no banco, só se eu estivesse estudado e estivesse trabalhando em outra empresa.

A: Você acha que o banco, ao mesmo tempo, naquela empresa, ele permitia que você tivesse esses arrojos, mas se você não tivesse, também, você tinha o seu espaço. Não sei se você me entende o que eu falo. Se você preferisse ajeitar a tua vida, a tua carreira, com a tua vida, com a tua família, isso era possível dentro do banco?

G: Ah, era, era, eu acho que era.

A: Você entendeu o que eu falei, porque você tinha um pouco posições, pelo que você falou. Tem pessoas que nem se importavam com a família.

G: Tinha.

A: A carreira poderia estar em primeiro lugar.

G: É, talvez ele até... não que ele não se importasse... naquele momento, não é? Porque talvez ele tivesse até se importando mais do que eu, não é? Eu vou arrumar uma progressão grande aí no banco e aí eu vou dar uma condição melhor para a família.

A: É uma forma de se preocupar mais com a família?

G: Talvez sim, não é? Porque é uma forma de se preocupar com o futuro da família.

A: Mas isso implicava num afastamento também.

G: É, então, que era uma coisa que eu pensava acho que era no momento só, porque no futuro, se eu pensasse no futuro, talvez eu tivesse ido para São Paulo, no meu departamento, talvez eu tivesse ido para Monte Mor, hoje talvez eu tivesse jogado uma gerência geral, hoje o meu salário seria maior, a minha indenização, eu saí do banco agora, seria melhor.

A: Mas você vê, isso implicava que você se afastasse da Maria...

G: Então.

A: Do [cito o nome do filho], da tua mãe, do teu sogro.

G: Talvez isso pesou para mim como não pesaria para uma outra pessoa, como não pesou para o [cita o nome], por exemplo. Bom, ele não se afastou da família, ele levava para cá e para lá, dava transtorno, não é? Para mim pesava nessa situação, é melhor não ir, eu fico aqui, está bom o que eu estou ganhando.

A: Entendi.

G: Então, aí pode ser que...

A: Você entendeu?

G: Entendi.

A: E, nessa época, você já tinha mudado para Barão?

G: Não.

A: Você já tinha mudado para Barão?

G: Não.

A: Quando que vocês mudaram?

G: Ah, eu mudei em 91 para cá.

A: Quando você passou para gerente, quando você passou no concurso.

G: No concurso, eu morava no Costa e Silva também, morava no fundo do meu sogro.

A: Como é que foi a vinda para cá?

G: É, então, a gente veio para cá porque... até a gente parou com um filho só, porque a gente falava que não tem condições, não é? Morava numa casinha de fundo, quarto, sala, cozinha, o filho, [cita o nome], com 5 anos, ainda dormia com a gente num bercinho apertadinho, não tinha, não é? E pagar aluguel a gente não ia mesmo porque era dar dinheiro para os outros, porque aluguel você não sai disso. E aí o gerente ofereceu essa casa, um gerente falou para mim: ou, você não estava querendo comprar uma casa e tal? Ah, estou, não é? Mas não tenho dinheiro.

A: Era esse gerente administrativo que a gente conversou?

G: Não, era o [cita o nome], é um outro também que foi muito legal comigo, [idem], ele é um senhor já. E ele veio e ofereceu, ele tinha feito essa casa baratinha. E eu falei: [Ibidem], querer eu quero, mas eu não tenho dinheiro. Ele falou: não, Armando, eu dou um jeito aqui. Ele era muito amigo do gerente geral do Comind, do falecido Comind, e aí ele financiou para mim tudo, ele fez tudo. E aí sacou o meu Fundo de Garantia, lógico, tudo sob o meu controle, quitamos a casa e acabamos ficando com a casinha. Ampliei.

A: Porque era mais uma coisa para você pensar, porque você já morava no...

G: No mesmo bairro, não é?

A: No mesmo bairro da agência. Porque, na verdade, Barão era onde você viveu, não é?

G: Eu vivi durante 16 anos.

A: Sua mãe mora aqui.

G: É, eu vim da Rhodia, desde os 16 anos que eu vivi aqui.

A: Mais um ponto para você...

G: É.

A: Porque para você mudar, você poderia ter escolhido outro lugar, se fosse o caso.

G: Agora você imagina, se eu fosse para Monte Mor, eu não tinha casa, eu ia ter que pagar aluguel, porque o banco não ia pagar para mim.

A: Ah, entendi.

G: Então eu ia ter que ir para lá, eu ia ter que desembolsar dinheiro, como muita gente desembolsa, você vê, quanta gente até hoje, não querendo assim, sabe, nos inveja, eu e a Maria. Porque a gente vive humildemente, você pode ver que a gente não tem nada de esnobe nada, e está no banco até hoje, reclama da vida, que não tem nem casa para morar, nada ainda, vive de aluguel e sempre reclamando da vida.

A: Você acha que esse arrojo poderia... o pessoal poderia se dar bem na vida, mas também nem... às vezes não, acontecia isso?

G: De não se dar bem na carreira?

A: Não na carreira, mas assim...

G: Mas na vida, como um todo.

A: Na vida, como um todo.

G: Não, eu acho que não, viu?

A: Você tinha esses exemplos assim: puxa, o cara saiu e foi embora...

G: Não.

A: Levou a família, não conseguiu se estabelecer direito no lugar.

G: Não, não conheço não, não conheço ninguém não. A maioria se deu bem, mais era por problema pessoal mesmo. Porque tinha o [cita o nome] que se deu... você vê, o próprio [cita o nome], que eu estava dizendo que foi se arrastando para lá e para cá, eu acho que ele se deu bem.

A: E qual era o seu medo?

G: Não sei qual era o meu medo, sei lá, problema de família, da gente abandonar.

A: Nem sei se era medo.

G: Não, não era medo, mais era problema de vínculo mesmo, a gente vincula, assim, às pessoas. Eu tenho problema, sei lá se é problema, eu me apego assim demais, até às pessoas estranhas ao meu convívio, eu, por exemplo, eu conheço lá uma pessoa, a gente pega amizade e a gente acaba se prendendo, entendeu? Então, talvez seja isso.

A: Será que foi por isso que você ficou na mesma agência por tanto tempo?

G: Ah, com certeza. Até cliente, você acaba se prendendo. Hoje, até o servicinho que eu estou fazendo, muita gente... às vezes eu estou almoçando lá no restaurantinho perto de casa: oh, o que você está fazendo aí? Ah, eu estou... Ah, você está trabalhando com informática? Ah, que bom,

pôxa, eu vou falar para o pessoal da faculdade, eu vou levar ali... a maioria desses servicinho que eu peguei aqui dessas impressoras, é tudo pessoal da universidade. Ah, eu falei com o professor tal lá, ele falou que você estava fazendo impressora aqui tal, depois me ligou.

A: Pessoal que já lembrava de você do banco?

G: Do banco, não, pessoas que eu encontrei no restaurante, pessoas do banco, sabe? Então, encontra na rua aí... faz tempo que eu estou fora aí. Nossa, como você está diferente, eu achava que eu te conhecia, mas eu não tinha certeza, agora, passando perto, que eu vi que era o Grozzi. Oh, como você está? Então, tudo isso você leva em conta, o seu vínculo com as pessoas.

A: Agora, Grozzi, o banco passou por muitas mudanças, tinha um contexto em 91, que era uma coisa, aí depois teve a intervenção, não é?

G: Que foi em 94.

A: É, aí você acha que mudou alguma coisa?

G: Ah, de 94 para cá, acho que começou a mudar, não é? Começou a ... o banco mudou, aí começou... uma coisa, assim, respeitável, sabe? Como o Banco do Estado. De repente, em 94 começou a denegrir a imagem do banco, começou a ... como é que chama? Como é que se pode falar assim? Aí já não tinha mais quem mandava, sabe? O banco era um... de repente, veio um gerente regional, mudou tudo. Porque o banco, você sabe, tem o seu... os móveis, por exemplo, é tudo padronizado. Aí veio um regional aqui, de repente, ele mudou tudo, trocou mesa disso, pôs mesa de granito, mesa de mármore, cadeira disso, cadeira daquilo, começou a pintar com cores diferentes, entendeu? Isso depois de 94 para cá, da intervenção. Aí começou... era [...] os móveis eram tudo padronizado, você pegava a relação dos móveis do banco lá, era aquela coisa de sempre, não se comprava nada sem licitação. Aí, de repente, começaram a fazer um amontoado de móveis jogados pelos cantos dos prédios vazios do banco. E foi... sabe?

A: Você achou que as diretrizes começaram a mudar?

G: Nossa, totalmente, quem pudesse entrar lá como diretor saiu rico nesses 10 anos de intervenção aí.

A: Ainda mais que você estava... como supervisor, acho que você estava na berlinda.

G: É, tinha.

A: Eram muitas mudanças?

G: Todo dia, era todo dia, todo dia tinha coisinhas, todo dia tinha coisinhas diferentes. Era mudança, departamento que fechava: não, porque não... isso aqui não vai usar mais, a gente vai juntar com aquele departamento e vamos... pessoas que sobrar, a gente vai mandar para as agências, como foi o caso dos transportadores de malote do banco, os carros. De repente, eles fecharam tudo, entregaram na mão de uma terceirizada de Curitiba. Alguma coisa tinha haver com alguém que estava na diretoria, porque o cara simplesmente não entregaria assim, não é? Eles já pegaram os funcionários, que era bastante, vamos embora daqui...

A: Como que você avaliou?

G: Olha, eu acho que o banco...

A: Para a sua carreira e para a sua vida pessoal.

G: Para a minha carreira, não mudou muitas coisas, não é?

A: O que você pensava na ocasião?

G: Não, eu tinha medo de perder o emprego, eu fiquei até neurótico, uma época eu fiquei até doente aí.

A: Naquela época da intervenção?

G: É, da intervenção, pronto, estou na rua. Não tenho curso superior, vou sair daqui, vou fazer uma ficha no Bradesco ou no Itaú, que eu sou bancário, porque bancário, na verdade, não é nem profissão, não é? Contar dinheiro, todo mundo sabe. Você pode ter um tato melhor de pegar o

dinheiro na mão, mas... e fazer a contabilidade do banco, que é aquilo que é determinado pelo banco, não é? Você vai fazer assim e pronto, não é padronizado assim.

A: E esse medo era geral?

G: Era, era geral, tanto é que você vê aí que muitos funcionários hoje, percebeu que ia ser mandado embora, ele se afastou por LER, problema cardíaco, doença nervosa.

A: Naquela época?

G: Não, vem vindo, de lá para cá. Muitos também se afastaram naquela época. E agora, no final, mais ainda, para não perder, porque não tem o que fazer. Você já viu aí não sei quantos milhões de pessoas desempregadas, bancário não vai ser diferente. Se ele ficar desempregado, ele vai arrumar um outro fácil? Não vai. Eu vejo muitos que saíram do banco aí...

A: Mesmo naquela época de 94, 95 foi assim?

G: É, 94 foi 94, porque foi o dia D, 31 de dezembro de 94.

A: Você só tinha medo de ficar desempregado?

G: Não, lá não, não é? Antes da gente saber da intervenção, não. Mas a partir do momento da intervenção, a gente já tinha visto aí outros...

G: Então, naquele tempo já começou a partir do momento que...

A: Que os bancos estaduais, não é?

G: É, então, começou a intervenção dos estaduais, fechando... [Goiás], não sei do que... E a partir daquele momento a você falou: “Pronto, a gente está na rua!”, a gente não esperava que durasse até 10 anos porque você vê, na verdade, a intervenção durou... até 2000, não é?

A: Até 2000.

G: Deu 8 anos.

A: E você se mobilizou para reverter esse processo de alguma forma?

G: Ah, a gente participava de toda a mobilização.

A: É?

G: Até teve um amigo. Um amigo! Um senhor que era banespiano aposentado, ele: “Pô, mas intervenção! Mas é tanto dinheiro assim que o banco deve? E se a gente assim se unir e fazer assim um tipo de um bingo e arrecadar...?”, e o meu gerente falou assim: “Cara, você faz idéia quanto que é o dinheiro que o banco deve?” Porque ele também trabalhou em departamento, mas em departamento de compra, aquelas coisas, sabe, e era aposentado. Ele falou assim: “Não tem dinheiro que pague não!” 7 bilhões na época que era...

A: Que era a dívida do banco.

G: Que era a dívida do banco. Dívida do banco! Aquilo era... do Estado, na verdade porque a dívida do banco que ele tinha era com a clientela que o banco [].

A: Por que você acha que tinha tanta mobilização, idéias assim? Porque... é como se você visse assim que é... você falou: “A coisa estava em decadência”, então...

G: Mas...

A: Mas também vocês poderiam ter ficado de braços cruzados!

G: Então, mas a mobilização porque um emprego desses você não acha! Estatal, não é? Alguém fala em estatal, mas o banco, um salário digno, não é um salário que é uma fortuna, mas é um salário digno.

A: E você acha que era só o emprego que estava em jogo?

G: [...] Sei lá! Eu acho que também, a partir do emprego, você sempre tem mais coisas pela frente que está em jogo, que é a sua vida familiar também que vai estar em jogo, que você não vai... ter mais assim aquelas regalias que você teria. Emprego, você fala, tudo bem, mas “Eu sou contador!”, então eu vou trabalhar numa contabilidade aí e eu ganho 2 mil aqui e vou ganhar 1 mil lá pra não ficar desempregado, mas o seu lado... Você vai...

A: E todos esses, essas redes de amizades construídas ao longo desse tempo também não poderia estar...?

G: Então... é...

A: ...Não poderia estar sendo colocada?

G: Também, é! Tudo isso tá [] também.

A: Eu não estou falando dessa... da coisa que você vai quantificar em dinheiro, do emprego que você perde. Eu estou falando da... dos seus valores. [] Isso que você falar...

G: Daquele ciclo de amizades que você... que você adquiriu durante 20 anos na agência, você vai pesar também porque... você acaba perdendo. Você vai perder o emprego, você vai embora. Você não tem mais aquela...

A: Eu acho que, para você, isso tinha muito valor também. Para alguns, pode ser...

G: Para alguns, pode ser que não! Mas, para mim, acho que teria sim muito porque senão volta naquela idéia de que poderia ter ido embora [], volta atrás.

A: Porque você vê, talvez até... eu não sei, você chegou a pensar: “Puxa, vão fechar a agência!”? Você pensou em fechar essa agência? Não sei se chegou a [] isso?

G: Ah, isso era todo o dia.

A: “Será que vai fechar essa agência?”

G: “Será que vai fechar? Será que eu vou...?”, “Para onde eu vou? Fazer o que?”, isso sempre passa na cabeça da gente. No final ainda, logo depois que aconteceu mesmo a privatização, que até então ninguém acreditava.

A: Você acreditava?

G: Eu não acreditava!

A: Não acreditava?!

G: O pessoal não acreditava porque...

A: Você achava que ia dar um...

G: Eu achava que o governo de São Paulo, sei lá, o governo ia chegar no final e falar: “Então vamos fazer o seguinte, como tem aí o Caixa Econômica Estadual, nós vamos pegar o banco do estado de novo e []” porque eu tenho um primo que trabalha na Caixa Econômica Estadual e ele fala também que o governo [] ficou dando [reviravolta] e []. A gente [não] sabia também que o interesse do governo estadual era mais para quitar dívidas []. G: ...[] Ele falou: “Pode parar de se preocupar com o Grozzi. Ele é meu funcionário a partir de hoje!” e aí me levou para Campos Sales antes que me pusessem para algum lugar.

A: Distante?

G: Eu era obrigado a pedir a conta antes mesmo, nem entrava para []. Ele pegou e me levou para o banco para lá.

A: Então, na época da privatização, você estava na Campos Sales?

G: Na Campos Sales e eu acabei ficando lá dois anos e pouco... eu gostava de trabalhar lá e tal. Eu estava dizendo, a maioria dos antigos lá era muito antigo.

A: Na Campos Sales?

G: É! Muito! Então tinha o [cita o nome] que era um cara que ele acabou se afastando, ele estava doente.

A: Mais velho que você?

G: Bem mais velho! Neurótico, neurótico!... A [cita o nome] que era supervisora saiu; a [cita o nome] era supervisora, saiu; o [cita o nome] saiu.

A: Saiu no PDV?

G: No PDV... Sabe, saiu muita gente no PDV, antigos, caixas antigos, tudo! Aí acabou ficando eu, eu, eu e eu, sabe, de antigo! Então todo mundo que precisava de alguma coisa sabia quem era

o Grozzi porque você falava “Grozzi” aqui, todo mundo sabia, na Sales, no centro, em qualquer lugar. Eu era bastante conhecido porque eu era... eu me envolvia muito com o banco, quando a época de diferenças, essas coisas, de planos... Sabe esses planos de governo louco para solucionar problema, tirar dinheiro do povo, então, nossa, aquilo era um horror! E... Então todo mundo perguntava para mim: “Como é que faz isso? Como é que faz aquilo?”

A: Você passou a ser um dos mais antigos na Campos Sales?

G: É! Mais antigo! Eu era o mais antigo da Campos Sales e... quero dizer, era o mais antigo de banco na Campos Sales. Então começou a contratar caixa, estagiária, o pessoal não sabe nada e começa a questionar: “Pode fazer isso? Pode fazer aquilo? Pode não sei o que?” e era todo dia. Então era muito dinheiro. A Campos Sales mexe com muito dinheiro, muita gente, sabe? E a gente chama aquilo lá de curva de rio, tudo quanto é enrosco pára por ali porque tem todos os terminais de ônibus e ela fica no centro dos terminais de ônibus. Então o povo [] e entra lá. Então era muito dinheiro falso! Era um Deus nos acuda. E aí eu fui ficando neuroticão, fui ficando louco e falei: “Ah, não!” porque fui ficando nervoso, esgota tudo de uma vez, eu não tinha mais paciência com nada, entendeu? Eu tive que ficar afastado, fiquei afastado tomando remédio anti-depressivo e você sabe também que depois que [trecho inaudível, acelerado].

G: Até que foi bastante.

A: É, eu fiquei pensando quando você falou que ficou em depressão. Você foi ao médico?

G: Fui.

A: O que você começou a sentir?

G: Mas foi assim, depende sabe? [...] Eu... às vezes até comentando aqui, a gente batendo um papo, esse papo assim, você sabe que começa a voltar isso aí e você sabe que, às vezes... eu começo até a me arrepender de ter [] de fazer.

A: É?

G: É! A Maria fala: “Bem, agora você já fez, você já marcou com ele, você devia ter falado não na hora que ele telefonou no primeiro dia! Agora você termina!” Sabe que começa a me dar umas regressões nessas histórias e eu começo... e você sabe, eu estive conversando com pessoas que... quando você tem esses problemas depressivos, que eu achava assim que era uma coisa de fresco, mas não é! Eu... começou pelo falecimento do meu pai, que foi assim... Tudo bem que ele estava sofrendo, estava doente e eu não ia em médico, ficava numa boa e... eu tinha ido num cardiologista e o cardiologista fez os exames, deu colesterol alto, aquelas coisas todas e ele falou: “Oh, você vai fazer um tratamento...”, já deixou um guia de exames e “Daqui 30 dias mais ou menos você me liga para marcar! Novo exame, você faz o exame e traz, aqui, o novo resultado para mim ver se o exame caiu”. E eu não voltei. Aí ele [...] quando ele soube, a [...] cunhada do ... a secretaria dele ligou para mim: “Seu Armando, o senhor não voltou mais no médico, aqui, estava agendada uma consulta, por que o senhor não voltou mais? O senhor arrumou um médico melhor”, tal? Eu falei: “Não, é porque falta tempo, a gente não tem tempo de ir”, tal. O Dr. Almeida atende de sábado, aí eu fui num sábado, o Dr. Almeida me atendeu, eu levei o resultado na outra semana, que aí ele foi pedir para a minha gerente: “Não, [cita seu primeiro nome], leva lá, não tem importância, eu fico com a chave aqui. Porque é assim, a complicação no banco, eu sou tesoureiro, a responsabilidade do tesouro, que está lá dentro, o dinheiro, é minha”. Ela marca, dizendo que eu sou o responsável, daí eu chego e falo assim: “Eu preciso ir no médico”, “Ah, deixa a chave comigo”. Aí eu deixo a chave com você, mas eu não passo uma ata, dizendo que a chave que está sob sua responsabilidade, sabe?

A: Entendi.

G: Nada. Aí, eu vou lá, quando eu volto de tarde, se eu voltar, ela entrega a chave para mim como se nada tivesse acontecido. Aí chega de tarde, me falta 10 mil, 15 mil, 20 mil, não que ela roubou.

A: Entendi.

G: Mas porque ela... uma distração.

A: Aí você carrega a responsabilidade com você, você estava fora da agência, mas a responsabilidade...

G: É minha.

A: É.

G: Entendeu, aí ela ficou com a chave e eu fui buscar tal, aí foi quando o médico falou: “Tudo bem?”, Eu falei: “Tudo bem”, aí ele abriu o exame e falou: “Tudo certo, está tudo bem, olha, 480 de colesterol, 200 e tanto de triglicérides, você não vai bem”, sabe quando você perde a atenção?

A: Entendi.

G: E aí ele é bastante jovem e eu com a minha idade toda, deu um mal estar, assim, de repente, aí eu perdi os sentidos, eu caí em prantos, comecei a chorar no médico e acabei ficando 14 dias afastado, tomando corticóide, psiquiatra, psicanalista, sei lá mais não sei o que, [] ele me deu remédio. Eu tomava anti-depressivo...

ANEXO II: ENTREVISTAS COM RITA

Legenda: A: Alcides

R: Rita

Entrevista 1

A: Dia 25, entrevista com Rita, começando do P?

R: Sim.

A: Rebouças, Sumaré, 16 horas. Rita, como você começaria a história da sua vida? Por onde?

R: Por onde? O que foi mais significativo para mim foi na fase [...] na fase que eu entrei no banco mesmo.

A: É? Começaria pelo banco?

R: É, começaria pelo banco, mas, assim, eu acho que a gente tem que respeitar uma fase cronológica, não é?

A: É.

R: Teria que começar lá da infância mesmo.

A: Hum, mas só uma pergunta aí: se você tivesse que fazer uma escolha, sem a minha intervenção...

R: Eu começaria pela fase após o meu primeiro casamento, eu tinha 20 anos quando eu me casei e, com 24, eu me separei. E, com 24 anos, eu entrei no Banespa. Então, essa fase de pós-casamento, separar e divorciar [que o povo fala], foi, assim, uma das melhores fases, foi em 81. Que eu saí também, lógico, mas, assim, foram anos muito importantes, muito felizes, foi assim uma fase que eu aproveite muito a minha vida, demais.

A: Dos 24 anos?

R: Não, dos 24 em diante.

A: Quando você entrou no banco e quando...

R: Eu me separei.

A: Quando separou. Você entrou no banco e se separou?

R: É.

A: E aí conheceu o [cito o nome de de seu atual marido]?

R: O [seu marido] foi bem depois, não é?

A: Tá.

R: Eu conheci o [idem], eu tinha 30 anos, então foi 6 anos de muita história. Só que eu acho, assim, foi mais significativo para mim foi essa fase adulta, foi quando eu pude participar, porque o meu pai me prendia muito, ele não me deixava sair, curtir, era muito reprimida. Então, eu acho que essa fase de separação me jogou muito para a vida. Fiz muita loucura, lógico, quem não faz?

A: Tá.

R: Mas não me arrependi de nenhuma.

A: Desde o dia da separação você...

R: Coincidu.

A: ...deu a entrada no banco?

R: Coincidu.

A: Que ano que foi?

R: Foi em... eu entrei no banco em 88. Eu fiz o concurso, eu ainda era casada, aí eu entrei no banco em 88 e comecei a ganhar mais do que ele, então o nosso casamento já estava em crise, ele não era uma pessoa muito esclarecida, uma pessoa muito bronca... não era bronca totalmente,

mas ele era uma pessoa muito simples, acho que é uma palavra melhor de... ele era muito simples e...

A: O que ele fazia?

R: Ah, ele trabalhava na 3M do Brasil, mas, assim, era na faixa de produção, ele... Nós nos conhecemos na igreja, porque eu era catequista e um monte de coisa que eu fazia lá. Nós montamos um coral de criança, que [estava em atrito], era muito legal, e depois o nosso casamento começou a sofrer uma crise, nós éramos muito jovens quando nós casamos, 20 anos, éramos muito jovens. E aí veio o Banespa, lógico que se abre muitos horizontes, conheci muita gente boa, gente alegre, muita gente divertida, de bem com a vida, e a minha vida começou a tomar outro rumo. E o casamento já em crise, não demorou alguns meses, em 89 eu já... em março de 89, eu me separei.

A: Quer dizer, a entrada para você no banco foi fundamental para você? Você conseguiu algumas coisas...

R: Foi.

A: ...que você não tinha antes do banco?

R: Não tinha, não tinha, eu não sabia quem eu era. Eu entrei no banco, eu vi que eu podia ser uma excelente profissional e [que podia ter uma vida] interessante. Eu tenho muita coisa que eu acho que, para mim, é mais importante que foi depois da entrada no Banespa, não é clichê nem nada, é isso mesmo. Porque é um amadurecimento, não é?

A: É.

R: Eu deixei de ser uma garota para ser uma mulher profissional, eu não estava satisfeita com a vida que eu tinha.

A: Quantos anos você tinha?

R: Eu tinha 24, eu estava na idade de início para entrar no banco.

A: Ah, é?

R: É, porque o último concurso tinha um limite de 18 a 24.

A: Ah, é?

R: É.

A: Eu não sabia disso.

R: Depois eles derrubaram isso, mas também não teve mais concurso, não é?

A: Tá.

R: Mas eu tinha a idade limite.

A: Pelo visto, não era constitucional, não é?

R: Não, mas...

A: []

R: Não era, mas naquela época podia, eu estava bem... eu fiz o concurso no começo, eu tinha, na verdade, 23 anos quando eu fiz, eu entrei no banco com 24. Eu entrei em dezembro de 88, eu fiz o concurso acho que foi em maio, eu nem lembro direito.

A: Interessante você ter entrado no banco com os... [], mas não sendo por conta do profissional, não é?

R: Da minha vida pessoal.

A: É.

R: Então, assim, meu pai mudou muito, até comentei isso com você, então eu passei por diversas escolas, eu conheci muita gente, então... eu fiz muitos amigos, mas, assim, nada muito... eu não tenho uma amizade de infância, não sei se você entende, como várias pessoas tem?

A: Hum, hum.

R: Ah, aquele meu amigo de infância, que crescem juntos; aquela amiga de infância que crescem juntos, namoram. Meu pai era assim, não tinha vínculos, meu pai parecia cigano. Eu nasci em Piracicaba, depois fui para Americana, depois para Sumaré e já fui para Campinas e voltei, ainda com o meu pai. Então, você vê, passei por diversas escolas. A única que eu fiz inteira foi o magistério, mas isso por insistência minha, porque quando nós fomos embora para Campinas, que eu ainda estava no magistério, eu insisti com o meu pai e ele deixou eu vir todo dia para Sumaré. Então, eu ficava 2, 3 anos numa escola, 2 anos e me mudava.

A: Seu pai ficava onde? Em Americana ou não?

R: Eu morava em Campinas.

A: Ah, você morava em Campinas.

R: Saímos de Sumaré, e eu estava no magistério, no segundo ano. Aí eu passei para Campinas, eu estudei um ano inteirinho e depois ele voltou para []. Sabe assim? Não tem muita coisa significativa para mim.

A: Você acha que o Banespa te deu um vínculo?

R: Deu [...] e veio assim... não só vínculo, eu acho, me deu um rumo, exatamente isso, eu não sabia o que ia ser, eu fui ser professora porque a minha mãe adoraria ter filha professora, então ela viu em mim essa oportunidade, então eu fui ser professora, eu fiz o curso e fui professora por alguns anos. Depois eu entrei numa outra empresa, saí da empresa e fui para o Banespa. E, no Banespa, eu cheguei a dar aula também, como funcionária da prefeitura de Sumaré. Ah, é uma história, depois a gente chega lá.

A: É.

R: Então o Banespa foi que proporcionou esse crescimento

A: Entendi.

R: Eu acho que antes eu não tinha. Eu sempre fui uma pessoa que eu não criava esses vínculos, foi difícil até eu manter o meu casamento com o [cita o nome], de realmente querer ter um compromisso com alguém. Não que eu era promíscua, mas, enfim, eu não queria esses compromissos e filhos, não é? Essas coisas, para mim, eram um pouco complicado. Eu acho que isso tudo em razão desse... dessas mudanças que o meu pai nos fez. Eu não tinha vínculo nenhum com isso ainda, eu tenho vários flashes na memória de infância. Se você me perguntar coisas da minha infância, vai ser muito difícil eu lembrar, agora as coisas do Banespa, eu lembro todas.

A: Estávamos falando na...

R: Estávamos falando?

A: Dos vínculos.

R: Vínculos.

A: Aí eu acho importante... a gente estava falando de vínculos... deixa eu deixar mais próximo aqui, não tem microfone.

R: É.

A: Talvez eu acho importante, assim, você destacar que você não tinha vínculos.

R: Eu não tinha vínculo. [riem]

A: Certo. E a sua memória?

R: É, eu tinha flashes, várias passagens, várias coisas.

A: Onde você nasceu?

R: Piracicaba, eu morava num bairro popular, ali perto do zoológico, não sei se você conhece?

A: Eu conheço Piracicaba, onde [é o parque]?

R: Jardim Primavera. Eu cresci ali no Jd. Primavera, não nasci lá, ali, nasci em outro bairro. Meus pais compraram a casa, então eu tinha a casa... nós viemos morar aqui no condomínio, ainda tinha

barro, não tinha asfalto, você sabe que bairro popular tem bem disso, não é? Até eles fazerem toda a infra estrutura, então o bairro, depois de alguns anos, fica muito bonito.

A: Era um conjunto habitacional?

R: Era um conjunto habitacional, então lá eu tive muitos amigos. Eu tive uma infância de brincar na rua, nós íamos muito lá no zoológico, brincar no parque, que tinha no zoológico, não tinha... agora, é isso que eu te falo, eu não tinha nenhuma memória, assim, de amigos que se mantiveram.

A: Eu entendi.

R: Eu não lembro de nenhum amigo que eu tinha da rua.

A: Você ficou nesse bairro durante quanto tempo?

R: Ah, eu fiquei... isso foi... quando eu falei? Eu tinha 9 anos, quando o meu pai foi para Americana. Então eu acho que eu fiquei lá uns 7 ou 8 anos.

A: Então você nasceu em Piracicaba, foi para Americana e voltou para Campinas?

R: Não.

A: Não?

R: Não.

A: Você não voltou para Campinas?

R: Não, nós voltamos para Sumaré, depois que nós fomos para Campinas.

A: Ah, tá, entendi.

R: Aí eu entrei na escola com 6 anos, na primeira série.

A: Lá no bairro?

R: Lá no bairro.

A: Então você fez o primário lá?

R: Ah, praticamente, foi a única coisa... 4ª série, eu já não fiz lá, eu já fiz fora do meu bairro. Não, a 4ª série eu já fiz em Americana, eu não tinha 9 anos ainda.

A: Tá, escola pública, pelo que você contou?

R: É. Meu pai não tinha uma situação financeira muito boa.

A: Então fala um pouquinho de seus pais.

R: Meus pais são separados.

A: Certo, e o seu pai fez o quê?

R: Meu pai é metalúrgico.

A: Certo.

R: O legal do meu pai, depois, quando abriu essa fase do Banespa, é que nós trocávamos muitas idéias sobre a greve dos metalúrgicos, quando eu entrei no sindicato ele me disse: você vai se arrepender, porque isso tudo não é verdadeiro, não é isso que você está imaginando. Então, assim, essa troca de idéias foi muito importante.

A: Onde o seu pai trabalhava?

R: Ele trabalhava na... ai, não era Dedini lá.

A: Dedini?

R: Dedini. Em Piracicaba, era Dedini.

A: Ele era funcionário de lá?

R: É, ele era metalúrgico... ganhava muito pouco, a minha disse que ele vivia muito doente, tinha úlcera, acho que no estômago. Então era, assim, uma vida muito simples que nós tínhamos.

A: Qual a escolaridade do seu pai?

R: Primeiro grau. Não, até a 4ª série, eles fizeram nem o ginásio não, nem a minha mãe.

A: E a sua mãe, tinha alguma atividade?

R: Não, ela sempre foi de casa...

A: Era do lar?

R: Meu pai não... sempre ele tinha isso, de não deixar a mulher trabalhar fora. Então, a minha mãe sempre foi companheira, mas a minha mãe era, assim, uma pessoa muito sofrida. A família dela, o pai dela era muito ruim, era ausente, bebia muito, tinha outras mulheres, então ela não teve uma juventude muito feliz.

A: Hum. Eles eram de lá mesmo? De onde eles eram?

R: Não, de Americana.

A: Ah, de Americana?

A: De Americana, minha mãe é nascida em Americana. Meu pai, não. Meu pai é São Paulo, Santo André, desculpe.

A: Ele veio trabalhar aqui em Piracicaba?

R: Não, a família toda veio. Parece assim: todos os irmãos dos meus pais são daqui de Sumaré, a família [cita seu sobrenome] aqui em Sumaré é muito importante.

A: Tá.

R: São falidos, mas são muito importantes. Até, assim, eu acabo sendo privilegiada porque eu vivi aqui sendo da família [cita seu sobrenome].

A: Entendi.

R: Então, só o meu pai que nasceu aqui em São Paulo, os meus avós foram para lá, ficaram um tempo e depois voltaram. O meu pai trabalhou muito, trabalhou em feira, em feira antiga, e o meu pai era o último da safra. Acho minha avó tinha 40 e poucos anos quando teve o meu pai, ele era muito o queridinho da família. Eles moravam em Americana quando se casaram. E foram morar em Piracicaba porque ele arrumou emprego na Dedini, então eles ficaram totalmente longe da família.

A: Por isso você nasceu em Piracicaba?

R: Por isso. Já no primeiro ano de casamento.

A: Entendi. Você é a mais velha?

R: Sou.

A: E tem outros irmãos?

R: Tenho mais um.

A: Irmão?

R: Irmão.

A: Quantos anos?

R: Ele está com 26 anos... 34, 34 ele tem. Ele mora aqui perto, nós conversamos, eu falei com ele, mas dá para falar depois.

A: Aham, nem tanto, você falou que... mas, na verdade, vocês disse que tinha vínculo com o bairro, com a escola...

R: É, nós brincávamos muito na rua, quando éramos crianças. Eu vejo que hoje as crianças não têm. Eu tive muito isso, de ficar na rua até tarde. Então todas aquelas brincadeiras de criança, deu tempo, brincar de esconde-esconde, de pega, de jogar aquela bolinha, nem lembro o nome, coisas de menino também, a gente jogava. A gente dividia, que era grupos de meninos e meninas, todos juntos, não tinha só brincava com menina. O meu pai não gostava muito por causa disso, mas eu brincava bastante, eu freqüentava a escola do bairro, também eram todos os amigos, quase todos da mesma idade.

A: Vocês passeavam, para fora do seu bairro?

R: Ia para Americana visitar a minha avó. Praticamente, viagens assim... eu me lembro depois, de uma outra fase, eu já era maior. Quando eu morava em Piracicaba, tudo era muito simples.

A: Você morou lá, então, até os 9 anos?

R: Até aos 9 anos.

A: E quando você entrou na escola, o que que você... você gostava de estudar?

R: Eu gostava.

A: Gostava?

R: Sempre fui ótima aluna.

A: Ah, você entrou com 6 anos na pré-escola?

R: Não, entrei na primeira série.

A: É?

R: Eu fiz 6 anos em outubro, inaugurou a escola já em janeiro. Em fevereiro, ia começar as aulas. Então eles fizeram um teste com as crianças que ainda não tinham 7 anos.

A: Sei.

R: E eu passei no teste.

A: Entendi.

R: Aí eles acharam melhor que eu entrasse direto na primeira série, do que ficar perdendo tempo.

A: Você era boa aluna?

R: Eu era, sempre notas altas.

A: Você gostava de uma matéria mais do que outras?

R: Eu gostava de ciências... de história, desculpe.

A: De história?

R: Sempre gostei de história. Eu cheguei a fazer um pouco de faculdade de história.

A: Ah, é?

R: Fiz na Unimep.

A: Que legal.

R: Prestei também na Unicamp, só não passei na segunda fase, mas, na primeira, eu passei. Fiquei muito feliz com a notícia.

A: Você gostava de história desde a época que você era...?

R: Desde criança.

A: Ah, era muito nova?

R: É, sempre gostei de história.

A: E dos professores, o que você lembra de memória dos professores?

R: Bom, isso que eu te falo, eu não sei se... eu acho que é assim, eu sempre criei expectativas, mas é assim: eu não tenho muita memória disso, eu não sei se é algum problema físico, o que que é. Eu me lembro de alguns flashes, eu me lembro do primeiro dia de aula, eu fiquei muito assustada, com medo. Eu tinha 6 anos, nunca tinha freqüentado a escola, nunca tinha saído de casa sem a minha mãe. Brincava na rua, mas isso era diferente, era perto, sempre era perto de casa.

A: Entendi.

R: E aquele momento, eu me lembro bem, isso foi, assim, preocupante, eu fiquei com medo. Mas, depois, foi normal, eu sempre fui boa aluna.

A: É engraçado que parece que você tem mais memória das brincadeiras do que da escola, não é?

R: É verdade, mas eu sempre gostei da escola, eu acho que já tinha essa coisa do lúdico, não é? A gente aprende muito na rua.

A: É, e você era boa aluna?

R: Boa aluna, eu sempre fui boa aluna, sempre comportada. Minha mãe sempre me disse isso. Ela não sabe o porquê que os meus filhos são tão danados, porque eu sempre fui uma menina quieta, comportada, a minha mãe falava que, às vezes, eu não me mexia até.

A: Estudiosa?

R: Estudiosa.

A: Você estudava sozinha, você tinha ajuda da sua mãe, do seu pai?

R: A minha mãe pouco ajudava, porque ela não tinha tanta instrução para me ajudar. Era mais o meu pai, e mesmo em... eu conversava muito mais com o meu pai, eu sempre tinha um relacionamento maior com o meu pai do que com a minha mãe. Minha mãe, era, assim, um vínculo maior com o meu irmão. Era proximidade mesmo, não é? Eu tinha mais proximidade com o meu pai.

A: Quando o seu irmão nasceu, você já tinha que idade?

R: 6 anos.

A: Estava começando a ir para a escola?

R: É.

A: [] na sua infância, vocês freqüentavam outros espaços? Igreja?

R: É, então, eu sempre no espiritismo.

A: Ah, é?

R: É, o meu pai me levava muito no centro espírita, a minha mãe sempre foi, eu participei.

A: Desde pequena?

R: Desde criança.

A: Seu pai é espírita e a família dele também?

R: É. Ah, ele leva os irmãos dele, é médium. Meu pai não, meu pai nunca quis ser. Ele tinha condições para isso, mas ele nunca quis. Ele sempre freqüentou a doutrina, não, assim, com muito aprofundamento, mas... eu freqüentava a igreja católica também.

A: Ah, é?

R: É.

A: A sua mãe é católica?

R: A minha mãe é católica. Eu fui batizada, crismada, tudo aquelas coisas certinhas. Fiz a primeira comunhão.

A: Primeira comunhão. Lá no bairro mesmo? Em que bairro?

R: Primeira comunhão, eu já fiz aqui em Sumaré.

A: Tá.

R: Não, desculpa, foi em Americana.

A: Ah, tá.

R: Nós ficamos em Americana depois de um longo tempo.

A: Na sua memória, você freqüentava o centro espírita de Piracicaba?

R: É, lá em Piracicaba.

A: E você gostava?

R: Eu gostava, sempre gostei.

A: É? O que que você achava?

R: Meu pai ia... e, assim, ele [tinha gosto] diferente, ele ia de mesa branca, que ficava mais aquelas... principalmente se você já era maior, para poder entender. E ele ia muito naqueles que tinham mais, assim, para participação mais efetiva, ele freqüentava... não era umbanda.

A: Tá.

R: Mas era um tipo diferente do que eu vejo hoje. Então o meu pai ficava mais na parte que tinha os espíritos das crianças, então tem a cabala, tem o [] do parque, eu já entendia o que que era.

A: E você ia na igreja há muito tempo?

R: Eu ia na igreja também.

A: De qual você gosta mais?

R: Do centro, do centro espírita, do que eu gostei mais.

A: Na igreja, você ia sozinha? Como é que era?

R: Não, eu ia com a minha mãe. O meu pai também ia, o meu pai, assim, ele não ia em missa, mas ele ia, assim, naquelas festividades da igreja, natal, paixão de Cristo, ele acompanhava, procissão, ele ia sempre nas procissões, sempre participando.

A: Quando você era menininha, no primário, você sonhava em ter algum projeto em termos de carreira?

R: Eu pensava em ser professora.

A: É? Sempre?

R: Sempre, sempre pensei em ser professora, brincava muito de professora.

A: Ensinava as crianças?

R: Ensinava, ah, mais brincadeira. Eu sempre tive lousa para escrever, caderno, gostava muito.

A: E o seu pai e a sua mãe valorizavam o ...

R: Valorizavam, a minha mãe principalmente, por ter esse sonho frustrado que eu Te falei.

A: O que que ela gostaria?

R: Ela gostaria de ser professora, então eu não sei se isso já desde sempre ela foi...

A: Ela gostaria de ter sido professora?

R: Ela gostaria e ela não foi, foi o que eu te falei, ela teve uma infância e uma juventude muito difícil, ela teve que ajudar nas despesas da casa. Ela me contou que o dinheiro, que foi assim: como eles... as irmãs, os irmãos tinham 14 anos, às vezes, ela arrumava na tecelagem, que ela conhecia o dono, para ela vir trabalhar. Então era ela e a irmã mais velha, ela trabalhava, já foi... ela acabou o primário, já foi para trabalhar na sala de fitas, que chamava.

A: Em que tecelagem que ela trabalhava?

R: Em Americana, então ela não teve isso... ela tinha o sonho de ser professora desde criança e ela não pôde, nenhum dos filhos, ela completou, fez até a 4^a série, fez ainda porque ela quis, porque pelo meu avô, ele não... já ia trabalhar direto.

A: E aí ela [...] projetava em você a figura...

R: Ela projetava em mim.

A: ...comportada...

R: Isso aí foi fortalecendo.

A: Mas você se imaginava professora?

R: Eu acredito que sim, eu não me lembro muito bem, mas eu [...] eu sempre fui, assim, muito líder. Sempre tive liderança.

A: Autonomia.

R: Sempre fui de bolar as idéias, as brincadeiras, administrar as coisas, eu tive muito problemas também com isso, às vezes não eram todas as pessoas que entendiam, as crianças que entendiam.

A: Você brigava?

R: Eu brigava, crianças, não são todas quietinhas, sempre tem uma, isso é normal no comportamento dos humanos, tem alguém que lidera e os outros são mais fracos, não é nem porque um lidera mais, é porque depende da personalidade, sempre tem aqueles que querem ser comandados, e eu aproveitava.

A: Não houve nenhuma mudança na sua comunidade ou você continuou em Americana, onde vocês moravam?

R: Nós fomos morar, inicialmente, eu fui... eu, minha mãe e meu irmão, nós fomos para a casa da mãe dela e o meu pai ficou na casa da mãe dele.

A: Quando os seus pais se separaram?

R: Separaram ali, mas foi momentâneo, porque até eles encontrarem uma casa. É que eles venderam uma casa de Piracicaba e até não dava para comprar outra em Americana, então ele guardou o dinheiro e nós fomos pagar aluguel.

A: O teu pai mudou de emprego?

R: Mudou de emprego, foi trabalhar numa empresa maior lá em Americana, eu não me lembro onde, porque ele passou pela GE, General Eletric. Ele passou por um monte dessas empresas, que deve até ter fechado. Então eu não me lembro aonde que ele foi quando nós fomos para Americana.

A: Você continuou os seus estudos em Americana?

R: É.

A: Onde você estudou?

R: Então, eu estudei um pouco ali naquele bairro... ai, como é que chama? Sabe onde fica o Sucos Del Valle?

A: Nova Americana.

R: Nova Americana. A casa do meu avô era do lado do Sucos Del Valle e ali tinha um campo enorme, era tudo descampado, o meu avô morava ali.

A: []?

R: É, depois que eles construíram uma fábrica enorme, acho que é mercado, e depois o Sucos Del Valle, depois de anos. Então essas crianças, eu me lembro muito bem, nós brincávamos ali na rua, tinha pé de mamona, procurar mamona, ficava jogando um no outro. E daí, do lado da casa da minha avó, tinha a casa da minha tia mais velha, irmã da minha mãe, e tinha os filhos da mesma idade que eu.

A: Aí vocês ficaram mais próximos da família dos seus avós, seus filhos...?

R: É, os meus avós paternos moravam no centro também de Americana, a minha avó e o meu avô sempre moraram com a minha tia. O meu avô nunca foi, assim, arrojado, de comprar as coisas. Ele não tinha uma casa para morar. E a minha tia morava ali do lado do Cacique, daquele prédio do Inajá, Alto Inajá, tinha isso. Existe até hoje o prédio ainda.

A: [].

R: É, de um lado tem o [], tem a Hot Point, isso eu lembro. Ali também eu tenho muitas lembranças.

A: Você fez o ginásio ali? Tinha matrícula para a 4ª série?

R: Então, eu fiz o ginásio... a 4ª série, eu fiz um pouco ali, e outro pouco eu fiz... aí o meu pai foi morar em frente a Tecelagem Jacira, sabe a Tecelagem Jacira, aquela avenida?

A: Sei.

R: Então, nós fomos morar ali. Tinha uma escola por ali, eu acabei a 4ª série. E a 5ª, eu fui lá para... como é que chama aquela escola? Aquele... lá encima...

A: Heitor Penteado?

R: Não. Era Júlio [Passo].

A: []?

R: [] não era. Eu fiz a 5ª série lá.

A: Só a 5ª série?

R: 5ª série.

A: Começou?

R: Aí eu não me lembro bem, assim, com detalhes, mas eu achava muito rígido lá também, então, quer dizer, olha, em pouco tempo, vamos dizer, já tinha passado [para a 6ª série], eu não tinha muito vínculo de amigas e sorte que eu sempre fui comunicativa, porque eu não tive tanta dificuldade.

A: E depois, nessa altura, nessa época, vocês mudaram bastante?

R: Mudamos para Sumaré, ele comprou uma casa e... ali no bairro que... já no começo de Sumaré.

A: Sei, como é que chama?

R: O bairro chama [cita o nome], é um conjunto habitacional também da Cohab, aquelas coisas todas, sabe? Deu uma entrada e pagou 25 anos? Parou de pagar faz pouco tempo.

A: Ainda tem essa casa?

R: Não tem, eles venderam depois que se separaram. Faz 2 anos que se separaram.

A: E aí você veio estudar aqui?

R: Vim estudar aqui, mais uma escola, entrei, como é que se diz? Eu entrei 6^a série na central, a escola chama João Paulo.

A: Escola pública?

R: Escola pública.

A: Escola estadual?

R: Estadual. Estudei a 6^a série ali. Era longe, mas era a única escola que tinha. A minha mãe me trazia todo dia a pé, porque nem ônibus tinha com tanta frequência aqui. Até o ano passado, veio o ex-diretor dessa escolinha, precisa ver ele me reconhecendo: oh, Rita, quanto tempo não lhe vejo, desde que você saiu da escola. [ri]

A: Então, você não trai os lugares, não é?

R: Porque é assim, também porque eles... eles gravam a fisionomia de todos os alunos, eu acho isso muito importante, eu me senti muito valorizada quando ele me reconheceu, me abraçou, me beijou.

A: Você continuava boa aluna a freqüentar esses lugares?

R: Sempre, sempre, até meus pais ficavam preocupados com o meu desempenho, eu era sempre boa aluna. [] uma sexta feira, abriu uma escola lá embaixo, do bairro. Aí eu falei: Ah! Não, mudei de novo. Até a 8^a série, eu passei por 5 escolas.

A: Você vê que o seu interesse pelo estudo, você acha que vêm porque era valorizado pelo teu pai, pela tua mãe?

R: Pelos dois, por eles não terem tido oportunidade de estudar mais, não é?

A: Seu irmão [te incentivou a] estudar?

R: Não.

A: Não?

R: Meu irmão era muito ruim de nota, escrevia, deve escrever mal até hoje. Uma letra horrível, não tinha concentração cerebral de nada. Ele era muito ruim, o negócio dele era brincar.

A: Vocês fizeram []?

R: Aí sim, aí foi, porque...

A: Porque daí vocês estavam na pré-adolescência.

R: Sim, eu vim para cá contrariada, eu nunca gostei de Sumaré.

A: Não? Por que?

R: Porque eu vim para cá contrariada. Nós morávamos numa região muito boa lá... perto do centro, perto dos meus avós, dos meus primos, e, de repente, me trazem para uma cidade que eu não conheço ninguém de novo. Porque até eu vir de Piracicaba para Americana, eu tinha as pessoas conhecidas da família, tinha os primos, então isso não foi muito difícil, não foi aquele impasse. Mas aqui para Sumaré sim, porque eu saí de Americana, daqui, fui morar num bairro, que não tinha asfalto de novo, a casa era feia, porque a casa era todas as casinhas iguais. O conjunto habitacional da época era tudo igual, não é? Esses projetos desses políticos, todas as

casinhas iguais, então aquilo me chocou de mais, eu odiei vim para esse lugar: não tinha asfalto, o bairro era feio, não tinha... não conhecia ninguém.

A: Você gostou da escola?

R: Ah, da escola eu gostei, porque ficava no centro. E essa escola era de pessoas mais privilegiadas, que tinham dinheiro. Antigamente, era mais difícil ter escola particular, mesmo as pessoas que tinham condições de manter um colégio pago, colocavam na escola pública, porque era boa.

A: Você achou que teve uma boa formação?

R: Tive.

A: [] nessa escola do [sítio], não ia ficar.

R: [Tem] até hoje só, aí já fui para outra escola do bairro, então, assim, já era uma fase difícil, 6ª série, eu devia ter o quê? Uns 11 anos, não é? Era uma pré-adolescente, foi uma fase difícil, porque eu já tinha umas amiguinhas lá em Americana. Foi uma fase difícil e vir para um lugar... vínculos...

A: Vínculos? Você estava falando da escola e... parece que você tinha uma escola e você se agarrava em tudo.

R: Acho que era uma forma de eu tentar me vincular a alguma coisa.

A: Entendi. Já que vocês mudavam tanto.

R: Eu acho que a escola me proporcionava esse vínculo de poder me manter em algum lugar, porque eu acho que essa questão do meu pai sair muito [], atrapalhou demais a nossa formação, eu acho que tem muito haver com o que eu sou hoje.

A: Como assim?

R: De não me fixar nos lugares, de não querer compromisso. Agora não, não é? Eu acho que depois que eu conheci o [cita o nome de seu atual marido], há uns 10 anos que nós estamos juntos, mas eu não tive relacionamentos assim, tão duradouros. Duram anos, meses.

A: E o Banespa.

R: É, o Banespa, o Banespa foi outra chance de eu ter... mas, mesmo dentro do Banespa, quantas agências eu passei? Então você percebe que isso faz parte de mim, indo para cá e indo para lá. O meu pai viajava demais, saía demais, não parava nos lugares. Ele procurava o melhor para todo mundo, ele procurava sempre emprego melhores, mas isso foi... acabou prejudicando em muitos aspectos.

A: E vocês vão para uma igreja aqui?

R: Então, aqui eu continuei freqüentando o centro, minha família mora em Americana, e na igreja católica aqui do centro, a minha mãe vai à missa.

A: Você era assídua? A igreja...

R: Minha mãe sempre... é.

A: Você participava, fez a primeira comunhão aqui em Americana?

R: Foi, em Americana.

A: E aqui você participava...?

R: É, eu participava das missas só como ouvinte mesmo, não era...

A: Tá, não tinha uma participação mais efetiva?

R: Não, quando criança não. Eu tive depois de adulto.

A: De adulta, você fala?

R: Com 18 anos mais ou menos, eu comecei a ...

A: Já foi no Jovem?

R: Mesmo eu... continuava indo no centro e freqüentava a igreja católica, não comentava nada, na igreja católica, que meu pai era... que eu ia no centro espírita, porque eles não têm...

A: Você freqüentava a igreja católica...

R: Eu era catequista.

A: Ah, então era catequista.

R: Eu fui colocada como catequista, eu tinha 18 anos.

A: Você fez a 8ª série, não é isso?

R: Eu fiz a 8ª e aí eu entrei no magistério.

A: Tá, e você tinha condição, queria o magistério? Era o que você queria? Como é que foi essa [via de acesso]?

R: Quanto criança, eu tinha essa questão de ser professora, depois eu fui crescendo, não era muito o meu interesse mais ser professora. Eu...

A: Você se interessava pelo quê?

R: Eu queria coisa, assim, que eu pudesse viajar. Eu me lembro que eu queria ser ou piloto de avião ou aeromoça, porque eu queria viajar, eu acho que eu queria sair daqui. Eu nunca gostei de Sumaré e eu queria sempre estar por fora. Depois do [], o meu pai começou a viajar conosco, nos levar para a praia, porque até então nós não tínhamos condição financeira para isso. Conhecemos várias cidades, não muito... muita coisa, assim, dentro das possibilidades, mas aí nós viajavamos, coisa que antes não era possível.

A: Vocês faziam férias?

R: É, nas férias, aquela coisa de família mesmo, eu acho que é até bonito de relembrar.

A: É?

R: Porque era férias mesmo: nas férias de seu pai, nós vamos para a praia. Íamos todos lá, tinha colônia de férias, os metalúrgicos tinham colônias de férias ali na...

A: Praia?

R: Então, isso que eu... acho que é Praia Grande.

A: Sei.

R: Não sei se era de Santos mesmo ou se era de outra região, sei que nós íamos todo ano, ou na casa do meu tio, que o irmão dele morava em Santos.

A: Iam para a colônia?

R: Isso.

A: Você e o seu irmão...

R: É, minha mãe e o meu pai. Era bem gostoso nesse aspecto.

A: Vários anos?

R: Vários anos, foi... como é que foi? Chegamos a passar Natal na colônia.

A: Então você começou [a estudar]...

R: É, mas quanto eu fiz também na 8ª série, não tinha muita opção aqui em Sumaré, ou saía para viajar... não tinha como, então tinha a escola normal e o colegial simples, então, antes eu fazia colegial simples, aí eu [terminei] todo o magistério, e a minha mãe incentivando, não é? Aí eu fiz o magistério. Só que ano de eleição... eu era boa aluna.

A: À noite, você fez?

R: Não, o magistério era de dia.

A: Era de dia?

R: Eu não trabalhava, o meu pai não deixava eu trabalhar fora.

A: Você nunca pensou em trabalhar?

R: Pensava, eu queria, eu pedia, ele não deixava.

A: Você pensava em trabalhar com que?

R: Ah, qualquer coisa serve, porque quando a gente é jovem, tinha loja, comércio mesmo.

A: Por que seu pai não deixava você trabalhar?

R: Eu não sei, eu não consigo compreender. Então, um dia eu questionei, já casada. Você tinha tanta confiança na educação que você me deu, mas em contrapartida você não confiava de eu sair de casa. Ele dizia que ele não confiava nos outros, então não sei... Isso porque eu comecei a trabalhar com 18 anos.

A: Entendi. E, nesse período do magistério, o que você achou, você gostou...?

R: Foi.

A: Como é que foi?

R: Era gostoso, porque, assim, nós... eu estudava de manhã e, à tarde, nós fazíamos o trabalho, porque magistério é muito mais coisa do que a faculdade.

A: Entendi. Você faz estágios.

R: Estágios, então nós fazíamos muito trabalho, não é? E era muito prova subjetiva, aquelas coisas todas... então, nós reuníamos sempre na casa de uma, de outra, que era do grupo.

A: Então você teve uma boa formação?

R: Tive, no magistério, tive.

A: Você achava que iria ser professora?

R: Ah, eu achava. Acabou sendo isso mesmo, eu fui professora até os 24 anos.

A: Ah, é?

R: Fui.

A: Você começou?

R: No Banespa, eu entrei com 24 anos. Não, eu não estava sendo professora não, desculpa, eu parei de dar aula, eu tinha... eu já estava casada, tinha 21... 22 anos.

A: Quando você falou que você trabalhou aos 18, foi como professora?

R: Como professora.

A: Ah, é? Em que escola?

R: Então, eu comecei como substituição no estado. Eu namorava com um rapaz, que a família toda dele era professor: mãe, tia, irmã. E uma delas era diretora de uma escola: ai, se mandarem... que eu nem conhecia direito. E, pois é, eu tinha 18 anos. Eu fiz 18 anos no final de outubro. Eu me formei mesmo com 18 anos. No ano seguinte, eu procurei uma escola particular, estavam precisando de professor, e eu ingressei na escola particular, sozinha, sem ajuda de ninguém.

A: Daqui mesmo, de Sumaré?

R: Daqui mesmo, de Sumaré, chama Alberto de Campos. Não existe mais essa escola.

A: Tá, você dava aula para que série?

R: 4ª série.

A: Foi só para manter...

R: Não, não foi, foi uma substituição. Trabalhei o último ano todinho do magistério com substituição.

A: O que que você achava do contato com as crianças?

R: Eu gostava, eu gostava muito. Eu achei, assim, uma experiência incrível. Eu sempre dizia que apesar do Banespa ser a torre mãe, vamos dizer assim, de ter me dado muitas felicidades, você, como professora, tem muita... como é que fala? Não é vantagem, eu tinha muito mais [...] reconhecimento.

A: Entendi.

R: No Banespa, eu era um número. E lá, como professora, não. Eu era a professora.

A: Que reconhecimento?

R: Dos alunos, deles chegarem no final do ano dentro dos objetivos que eu tinha passado, do reconhecimento, das próprias mães, daquele avanço das crianças, do carinho deles com o

professor. Eu sempre achei isso muito bonito, o carinho que o aluno tem pela professora, pelo menos, assim, em geral. Todos, acho que não. Mas, assim, eu achava isso muito bonito.

A: Você era professora na igreja também?

R: Eu era professora na igreja, eu era catequista.

A: Como é que era essa experiência.

R: Era muito legal, porque eu comecei como catequista, começou... todo mundo do bairro novo começa, porque só tinha uma comunidade. E eles começaram com a catequese, para entrar a primeira comunhão. E todas os meninos, as crianças da rua, incluindo o meu irmão, a idade do meu irmão, estavam todos juntos num grupo. E as mães foram fazer a matrícula de todos eles juntos, não é? Então significa que tivesse algum catequista que as mães indicavam, e a minha mãe me indicou. Sem perguntar, você vai ter que agüentar.

A: Você já era professora?

R: Já era professora, foi essa a idéia dela, já era professora... então eu dava aula no fundo do quintal de uma das mães, no outro ano no meu quintal, a gente ia revezando.

A: Entendi.

R: Então não era nem na igreja.

A: Ah, tá.

R: O lugar que estava [] era na igreja, do que que tinha que ser feito, e eu fazia direito. E não era assim, tinha o material, não tinha nada disso.

A: E você, nesse período, depois que você começou a ser professora, você falou que tinha uma época que você tinha vontade de sair, viajar, aí você foi assumindo mais a sua profissão?

R: É, fui.

A: Você gostava?

R: É, eu gostava, porque mesmo... durante o curso, meu pai se mudou para Campinas, eu falei para você.

A: Tá, falou.

R: Nós morávamos num bairro muito distante lá em Campinas, foi quando ele arrumou aquele [pátio].

A: Ah, você não morava mais em Sumaré?

R: É, fiquei 2 anos, os 2 primeiros anos em Sumaré.

A: Certo.

R: No terceiro ano de magistério, o meu pai já foi para Campinas.

A: Tá, aí vocês se mudaram?

R: A minha mãe... É, mas na ocasião, ela tentou vaga para mim lá na escola normal, ela não conseguiu, nós fomos para lá em março. Ela conseguiu vaga para o meu irmão, por ser mais perto, uma escola do bairro, mas para mim não. Aí o meu pai concordou que eu viesse todos os dias. Eu acordava muito cedo, eu saía de lá 6 horas da manhã e a... e [...] nós íamos todo dia lá em Sumaré, porque normalmente eu quis continuar o curso.

A: E você criou algum vínculo de amigos, assim, você saía lá em Sumaré?

R: Então, eu não saía porque o meu pai não deixava. O meu pai não deixava eu freqüentar bares, quando eu tinha 18 anos, também não tinham as lanchonetes como hoje. Tinham algumas. Eu ia depois durante o dia, piscina. Mas à noite, baile, só se ele fosse junto. Agora, muito difícil.

A: E namorado?

R: Namorado, acho que eu tive um, com 18 anos, que a mãe e as tias eram todas... aí nós namoramos 2 anos, eu terminei com ele e comecei a namorar o meu primeiro marido.

A: Você falou que terminou o magistério e você começou a fazer faculdade, não é?

R: Não, foi bem... foi depois. Eu estava no [].

A: Ah, tá. Você pensava em continuar os estudos? O que você pensava na época?

R: Eu queria fazer faculdade, porque eu queria fazer... quando eu terminei, aos 18 anos, eu queria fazer ou letras ou pedagogia, eu tinha essa vontade de continuar, porque eu queria continuar professora. Só que [...], isso eu não tenho vergonha de falar, eu comecei a trabalhar, o meu pai foi bem claro: eu quero metade do seu salário. E eu acho que isso acabou com todos os meus sonhos e, realmente, eu tinha que dar a metade do meu salário. E a outra metade? Eu ia fazer a faculdade de que jeito? Não tinha como.

A: E ele não incentivou você a continuar os estudos?

R: Não, não incentivou. A minha mãe ficou revoltada, chegou a brigar com ele, dizia para ele: um prato de comida não vai fazer falta para a gente, vai continuar do mesmo jeito. Deixa a menina ficar com o dinheiro para ela aprender a se sustentar. Ele, não teve jeito, era a forma dele. O meu pai não era ignorante, mas ele tinha esses lances, que eu não entendo porque, porque comida...

A: Mas você tinha 18 anos, e o seu irmão?

R: O meu irmão, ele não fez, porque quando eu tinha 18 anos, o meu irmão tinha 12, então o meu irmão era criança.

A: Você acha que ele estava achando que o seu irmão estava vindo?

R: Foi, totalmente. Eu tive mais oportunidades que o meu irmão, o pouco que apareceu, o meu irmão não agarrou, mas eu tive as oportunidades porque eu fui atrás, não é que o meu pai me desse as oportunidades. Ele achou: então você estuda até os 18 anos, agora, então, você tem que retribuir. E na [], eu trabalhava muito, eu trabalhava de manhã, ele levava a minha comida, depois eu já subia para dar aula eventual no... eu sempre tinha aula eventual, em razão das professoras darem manhã e tarde. Então eu sempre tinha aula eventual.

A: Em Campinas?

R: Não, isso já em Sumaré.

A: Aqui...

R: É, no quarto ano de magistério, nós voltamos, esqueci de falar esse detalhe.

A: Ah, tá. Ficou pouquinho lá.

R: Ficamos um ano lá. Então, não criei vínculo nenhum esse ano lá. Eu tinha, assim, eu conhecia umas meninas lá porque eram amigas dos amigos do meu pai, mas o vínculo maior eram daqui de Sumaré, com as meninas daqui. Eu ficava praticamente o dia todo aqui.

A: E você acha que [...] você gostaria de estudar, gostaria de continuar para seguir a carreira como professora? Era esta a tua idéia?

R: Era esta a minha idéia, eu nunca imaginei ser bancária, não tinha essa idéia. Eu já tinha me formado professora, então era aquilo que eu queria. E o que eu queria era dar aula, porque eu pensava já em trabalhar numa faculdade, em fazer mestrado, essas coisas todas. Eu já tinha pensado.

A: Ah, é?

R: Pensava, sempre pensei. Então, o meu pai frustrou a minha... os meus sonhos de estudar, porque o que eu ganhava era suficiente para fazer a faculdade. Mesmo não sendo aqui em Sumaré, eu teria que ir para Campinas. Eu acho que isso... foi esse salto que ele não me deixou dar. O medo dele foi maior, não foi nem porque ele queria dinheiro. É que eu teria que mudar de cidade, teria que estudar à noite numa outra cidade e ele não teria mais controle sobre mim.

A: Você acha que era isso?

R: Eu acho.

A: Mais do que o dinheiro, que questão financeira?

R: Mais, ele não precisava do meu dinheiro, não precisava. Ele tinha um bom salário, ele já estava numa fase... ele era metalúrgico, mas ele estava num ótimo emprego, então ele não precisava do meu dinheiro. Ele economizava o dinheiro que eu dava para ele.

A: E durante um tempinho você continuou a dar aula?

R: Fiquei 2 anos dando aula.

A: Dos 18 aos 20?

R: Aos 20, é.

A: Aí você parou?

R: Não. É, eu parei, eu fui trabalhar numa empresa.

A: Ah, é?

R: Foi.

A: Por que?

R: Ai, nem lembro direito. Sabe que nem lembro muito porque, se conhecia alguém lá.

A: Você desistiu de dar aula?

R: Desisti.

A: Por que?

R: [...] Nem lembro direito. Eu lembro que eu parei de dar aula, eu já...

A: Você não tinha dado essas aulas, você era substituta e eventual?

R: Era substituta e trabalhava nessa escola particular. Eu me lembro assim: com 20 anos, eu me separei do meu ex-namorado, chegamos até a ser noivo, tudo, e conheci esse outro rapaz. A formação sexual minha foi muito falha, a minha mãe, ela não tinha condições de me explicar muita coisa, porque ela também não teve. Também, depois não se esforçou. O pouco, que o meu pai falava, era dentro daquilo que ele podia falar como homem. Ele chegou a comprar até livros de iniciação sexual, mas não era a mesma coisa. E esse lance de camisinha era uma coisa que nem existia, era tabu para a gente essa coisa de camisinha. E eu acabei engravidando, com 20 anos. Foi, assim, um erro. Mas eu me arrependo. Eu gostaria de ter tido outra formação para não ter acontecido isso.

A: Isso foi com o segundo namorado? Você já terminado com o primeiro?

R: Já tinha terminado com o primeiro, já fazia algum tempo?

A: Nesse tempo, você não era casada?

R: Não era, com 20 anos, não era.

A: Ah, não era?

R: Eu sei que nós montamos tudo para não casarmos, mas o meu pai nos obrigou a casar. E esse moço, o irmão dele mais velho tinha montado uma casinha para ele, aqui no centro. E os pais da esposa estavam muito mal de saúde, eles foram morar juntos para poder cuidar. E aí ele ofereceu: então vocês ficam com a minha casa montada. Era aluguel, mas os móveis eram deles. E vocês vão pagando para mim aos poucos. Então, a nossa intenção era o que? Era morar juntos. Só que o meu pai não deixou, nem o meu pai, nem o pai dele.

A: Vocês se casaram?

R: Nos casamos.

A: Igreja?

R: Igreja, tudo direitinho.

A: E você pretendia se casar com esse outro namorado?

R: Não.

A: Não. Você não tinha esses projetos?

R: Não tinha, projeto de casar não.

A: E você não...

R: Eu só tive projeto de casar quando eu conheci o [cita o nome de seu atual marido], eu nunca tive projeto, isso não fazia parte. No magistério, tinha isso. As meninas planejando, vestido de noiva, eu nunca tive isso: porque eu quero entrar assim, eu quero que a igreja seja assim. Nunca, nunca tive esses sonhos.

A: E qual que era o seu projeto?

R: O meu projeto era profissional.

A: Ah, é?

R: Eu queria ser professora, eu queria estudar mais, para eu sempre estar crescendo. [].

A: E você teve o filho?

R: Não tive, perdi, eu perdi o bebê.

A: Perdeu o bebê?

R: Perdi o bebê. [...] Eu acho que foi muito nervoso, acho que isso é natural dentro das porcentagens, então é... eu não tive o bebê, fiquei grávida de novo, depois, também perdi. Aí eu não tentei mais.

A: Aí, nessa época, você já tinha ido para a empresa?

R: Já, já trabalhava numa firma de materiais de construção. Foi por isso, eu já não estava mais dando aula, eu não queria mais dar aula, e eu fui... no começo, quando eu estava dando aula, eu estava grávida, eu passei muito mal e a diretora foi meio sacana comigo, essas coisas de interior, tem muito, não é? E aí eu fiquei meio decepcionada, não quis mais dar aula. E eu fui trabalhar com materiais de construção. Conheci uma moça lá, que foi para essa empresa, e ela arrumou vaga para mim na empresa. Fiquei uns... quase 1 ano nesse material de construção.

A: Trabalhava no escritório?

R: É, no escritório, que tinha amostra, trabalhava de escada.

A: Em Campinas ou aqui?

R: Aqui.

A: E você gostou?

R: Não muito, não porque não tinha, assim, como crescer ali. Quando eu fui para a empresa, eu já vi, assim, uma perspectiva melhor, trabalhar numa empresa, até tem... a única pessoa, que eu tenho vínculo, não essa pessoa que arrumou o emprego para mim, mas a minha ex-chefe, nós somos amigas até hoje.

A: Dessa empresa?

R: Dessa empresa. É, assim, a única pessoa que eu tenho vínculo de antes.

A: Entendi, é sua amiga?

R: Somos amigas. Nós moramos perto uma da outra, quase não nos vemos, mas quando nos vemos, é aquele carinho muito grande.

A: Você tinha saudade lá do seu emprego, quando você estava na empresa ou não?

R: Não, eu não.

A: Ou você achou que não iria mais...

R: Não iria mais, acho que porque os meus sonhos foram todos por água abaixo. Eu não pude estudar quando eu saí do magistério, o meu pai não deixou. Depois, aquela situação da gravidez, o casamento, então as coisas foram tomando um rumo que perdeu-se aqueles meus sonhos. Eu não via mais, naquilo tudo, em ser professora. Eu acho que aquilo ali enterrou, como se estivesse enterrado. Então, um pouco outros caminhos, pensei: vou fazer... quando eu comecei na empresa, lá tinha perspectivas de crescimento, até eu conseguir um outro cargo na empresa, só não consegui ser chefe por causa dessa outra.

A: Você começou a trabalhar com que?

R: Com contas a pagar.

A: Que empresa que era?

R: Era AgRitade, aqui em Sumaré. Não tem, não existe mais há muito tempo.

A: Era uma multinacional?

R: Um ano depois que eu saí, ela acabou. Foi todo mundo mandado embora e eu... aí eu era ainda casada.

A: E você passou para?

R: Foi, eu comecei como auxiliar e depois eu passei para efetiva do... ai, não lembro direito do cargo, mas, assim, como escriturária efetiva do setor, eu cuidava de tudo. Acima de mim, só tinha essa minha amiga, a [Malena], que era a supervisora. E ela queria o chefe... o cargo de gerente, para poder me dar o cargo de supervisora, e ela também não conseguiu o cargo de gerente.

A: Você gostava?

R: Gostava.

A: Gostou, achou legal?

R: Gostei, achei que era legal. Porque daí já estava totalmente fora daquilo que eu imaginava, que eu queria, então eu achei legal. No material de construção, eu não gostava muito porque trabalhava de sábado, ai, eu achava aquilo um saco. Mas, lá nessa AgRitade, não. Uma empresa grande, assim, um local todo arrumado, tinha uma sala só para mim, então essas coisas acabam te deixando mais feliz, não é?

A: Você pretendia estudar essas coisas relacionadas à empresa?

R: Pretendia, pretendia, eu até... só que [...] quando eu comecei a ir, eu comecei, eu pensei em ir estudar, fazer faculdade, mas ainda não fiz, porque a situação financeira não dava na época, então eu fui ficando

A: Você estava casada?

R: Estava casada. Mas não tinha como, eu ajudava na despesa da casa, ele ganhava pouco, então eu não tinha como fazer faculdade.

A: O seu marido, ele trabalhava com que?

R: Inicialmente, ele era ajudante de caminhão. Ele era... viajava. Depois ele foi trabalhar na 3M. Eu acho que ele também viu outros rumos na vida dele, a gente não... nós não tínhamos mais nada em comum. Eu o conheci na igreja, quando eu era catequista. Ele tinha mudado há pouco tempo e ele tocava violão na igreja. E ele ia tocar na missa da primeira comunhão. Ele é muito bonito, moreno, sabe, muito bonito. Todo mundo paquerava ele. [riem]. Ganhei muitas inimigas na igreja por causa dele, muitas inimigas.

A: Você era nova, 18 anos, você tinha? 19?

R: 20. É, 19 mais ou menos, 19 a 20. Aí foi tudo isso, nós ficamos casados 4 anos e hoje foi anulado o nosso casamento, já tem uns 4 ou 5 anos que foi anulado.

A: Divórcio mesmo?

R: Teve divórcio e a anulação do casamento na igreja.

A: Ele que quis divorciar?

R: A separação, inicialmente, fui eu. Eu entendi que nós não tínhamos mais nada em comum, não tinha mais aquele vínculo, porque, assim, a igreja é uma comunidade que se você não reza de acordo com a... com o interesse deles, você fica sendo excluída, então isso... nós tínhamos muito problemas com a comunidade. Nós jovens, a comunidade toda controlada por pessoas mais velhas, então isso aí causava aquele choque, que nós não tínhamos os interesses que eles tinham, eles eram muito conservadores.

A: Como assim?

R: Ah, o pessoal da igreja, eles tinham [...] os coordenadores, vamos dizer, assim, eles tinham uma linha de pensamento e nós tínhamos outra. Nós queríamos coisas diferentes, queríamos que

a paróquia... que a comunidade virasse paróquia, que fosse diferente, e eles não, era a mesmice de sempre, e nós, não sei, com o meu marido, como um grupo todo.

A: Vocês eram muito vigiados?

R: Nós éramos vigiados e isso incomodava demais. Nós nos incomodávamos e eles nos incomodavam.

A: Vocês trabalhavam na igreja, era casada...

R: E era...

A: Continuava com a igreja?

R: Com a igreja. Posso parar só um pouquinho para ir ao banheiro?

A: Pode. [teste da gravação]. Você estava como ficou, mas eu fiquei pensando no que você estava falando sobre vínculos. Você disse que estava num período que você estava na igreja, estava no emprego, estava casada, mas você não se sentia vinculada a nada, era isso?

R: Era isso. Eu falei do meu [salário] também, várias vezes eu me perguntei: o que eu não tinha? Eu não tinha... eu queria, assim, coisas maiores para mim. Por isso que eu nunca gostei de Sumaré? Sumaré é um lugar... é um lugar pequeno, para mim ainda continua, só que hoje é o meu ganha pão, então eu tenho que respeitar, respeito as pessoas, respeito tudo, mas eu nunca... eu sempre quis coisas maiores, eu não queria vínculos com coisas comuns. Então, trabalhar, ter a sua casa e trabalhar na igreja era muito comum para mim.

A: Você queria mais?

R: Eu queria mais, era uma mesmice. Eu ficava imaginando que... bem, eu tinha mais instrução do que a minha mãe, eu tinha mais coisas do que a minha mãe, mas eu estava imaginando que talvez eu ficasse como a minha, e eu não queria. Bem, já tinha um diferencial: eu trabalhava fora, ela nunca trabalhou, então muitas mulheres ali da redondeza reserva ela, digamos que eu era coisa de... todas ficavam em casa, cuidando dos filhos e do lar. Eu nunca quis isso para mim.

A: O que que você projetava para esse algo mais na tua vida?

R: Então, eu ainda não tinha idéia, porque eu estava casada e não conseguia sair do casada, então, eu estava no emprego tentando crescer profissionalmente e, na igreja, também. Então era os dois momentos que eu estava tentando melhorar. O casamento não, o casamento não tinha como mudar naquele instante. Então, eu estava tentando me mudar profissionalmente. Realmente eu mudei, porque eu cresci, pelo menos dentro do setor, eu mudei de casa. E, na igreja, de catequista eu passei a ...

A: Você sabe que tem até um gravador, agora, que você [digita], uma espécie de [] só que, na verdade, é negócio que você tem que conseguir gravar, gravar e desgravar, e eu tenho que fazer um registro. Acho importante fechar todas as fitas.

R: Ah, tipo um catálogo?

A: É, catalogar, só que a minha tese, mesmo que depois a gente escreva, nunca mais vai utilizar, é um documento.

R: É um documento, também acho, super importante. Então, na igreja, apesar de eu...

A: Você era coordenadora das catequistas?

R: Fui catequista.

A: Então você tinha a coisa da liderança lá.

R: Sempre, eu falei para você, sempre tive. Então, quando eu era professora também. Quem ia falar, quando tinha reunião, ia falar com a diretora, reivindicar alguma coisa, era eu que falava à frente.

A: E na empresa?

R: Na empresa, eu sempre tinha como só falar com a supervisora, ela também tinha esse lado de liderança, nós nos damos bem por esse aspecto, porque ela sempre procurava o melhor para mim,

mesmo dentro do setor. E lá na empresa foi assim, eu fui... eu fui coordenadora da catequese, de organização de festa, até do dízimo.

A: Você teve uma vida nova na igreja, não é? Gratificante?

R: Eu tinha, eu gostava, eu gostava muito.

A: Você gostava mais como fiel ou mais como participante... como uma forma de você ter sociabilidade?

R: Mais, mais como essa forma.

A: Como que é?

R: Fiel é você ser espectador, você vai lá, participa da missa, só ouvindo. Eu não, eu participava da missa como... como parte da missa. Então, nós tínhamos... o que eu comentei com você: nós tínhamos um coral de criança, eu e o meu ex-marido. E esse coral era muito legal, as crianças... E ele tinha uma formação técnica até que razoável, e eu sempre fui... sempre cantei bem. E as músicas de igreja são muito difíceis. Nós participamos de vários congressos, fui em Indaiatuba, naquele Congresso, que tem lá, de [Itaici], fui em outros que reuniam todo o pessoal de comunidades.

A: A gente estava falando da igreja, não é?

R: Isso. Então, na igreja, tinha esse lance de... eu queria mais ajudar e, ao mesmo tempo, queria ajudar a comunidade a crescer. E eu gostei daquela... da comunidade, dessa... de viver em sociedade, desde o começo, eu participei ali na igreja.

A: Vínculos?

R: Vínculos, que eu tenho amizade até hoje, apesar de não freqüentar lá há muitos anos, mais de 10 anos que eu não vou, bem mais, acho que uns 15 anos.

A: Aonde que é essa igreja? É lá no bairro?

R: É no bairro.

A: É no bairro onde você morava?

R: Onde eu morava. Também começou lá no bairro da comunidade.

A: Então você tinha várias atividades.

R: Várias.

A: Você era catequista.

R: Catequista.

A: Você tinha uma atividade mais artística, que você participava, você cantava?

R: Cantava também.

A: Você organizava eventos?

R: Eventos de festas, para arrecadar dinheiro para a comunidade.

A: Quermesse?

R: Quermesse, é, quer dizer, eu sempre tive esse lado artístico, não é? É meio de libriano isso.

A: E você gostava de enfeitar?

R: Isso, eu sempre gostei. E organizava a festa também, ajudava, porque, assim, tem... na igreja, quando você vai organizar uma quermesse, cada um tem... é responsável por alguma coisa. Então nós formávamos um grupo grande, indo discutindo o que ia ter, o que não ia ter, onde comprar, como organizar, e, assim, eu coordenava mais ou menos tudo, e eu era jovem. Eu tinha o que? 20 e poucos anos.

A: E você lidava com o dinheiro? Tudo essas coisas.

R: Não, a parte do dinheiro não. Não, eu cuidava da parte de pesquisar preços e pesquisar também doações. E esse meu ex-marido também, fazíamos muito isso.

A: Então, na verdade, você era uma organizadora de evento também?

R: É, era bem gostosa, assim, porque ou a frase de anos: ah, essa quermesse é para fazer tal coisa na igreja. Você nunca viu tal coisa na igreja, realizada, entendeu? E isso eu já era catequista. E isso incomodava: pô, cadê o dinheiro que foi arrecadado na quermesse?

A: Entendi.

R: Ah, é para fazer o teto da igreja, é para fazer o piso da igreja, não faz, que era na comunidade e, assim, levantaram uma parede, fizeram um piso rústico, apareceram umas telhinhas lá, mas era a nossa comunidade. E sempre arrecadando dinheiro para fazer melhorias e não tinha melhorias? Aí um dia colocaram um teto lá, daqueles de isopor, você não recupera isso tudo, a primeira ventania que teve, levou tudo, quer dizer, gastaram dinheiro com bobagem. Então, isso começou a incomodar também. A mim e a outras pessoas, mais velhas até do que eu, eu com 22, 23 anos, preocupada com esse tipo de coisa? Então nós fizemos, acho que umas 3 festas. Com 3 festas, nós mudamos o aspecto da igreja.

A: Legal.

R: Mas, assim, com um povo muito sério. Pessoas que eu conheço até hoje, que perceberam que aquele era um caminho.

A: Você ficou durante quanto tempo nessa empresa que você trabalhava?

R: Na AgRitade? Fiquei até entrar no Banespa, em 88.

A: Ah, é? Você saiu de lá para ir para o Banespa?

R: É, saí em novembro, que eu estava sem férias, a minha supervisora tentou de tudo para me mandar embora, mas ela... eu tinha um histórico muito bom, como é que ela ia me mandar embora, assim, do nada? Ela não conseguiu.

A: Aí você recebeu... teve indenização.

R: Teve uma indenização maior. E esses dois meses, depois eles fizeram um corte muito grande. Foi em janeiro. Eu entrei no Banespa em dezembro, foi em janeiro, fizeram um corte total.

A: É? O pessoal falou que você passou no banco, por concurso, eu quero que você conte um pouquinho essa...

R: Então, eu...

A: Você pensava em ser bancária?

R: Não, não pensava. Eu sempre freqüentei ali na comunidade e...

A: Você não conhecia bancários?

R: Não. Era jeito muito simples, com que eu tratava a comunidade. Só para você entender por que que eu fui na igreja aqui do centro, eu nunca vinha na igreja aqui, então, quando eu, ainda casada com o meu marido, nós tivemos uma discussão muito grande na igreja, abandonei essa comunidade e fui trabalhar numa outra.

A: Tá, aqui do centro?

R: Não, lá perto do... e depois nós nos separamos. E aí os meus pais vieram morar aqui no centro e aí eu vim morar junto com eles. Aí eu não tinha mais vínculos com a comunidade. Então eu comecei a freqüentar aqui no centro, aí eu comecei a perder os meus vínculos, o meu referencial, porque a igreja era bem importante para mim. Com o passar do tempo, a politicagem foi derrubando também, por mais que eu insistisse, eu não conseguia manter. Então, eu acho que... se você não quer compactuar, você que saia então. Eu não conseguia fazer nada diferente, então achei melhor sair. Foi aí que eu comecei a freqüentar aqui, essa igreja. Eu fui sozinha, aqui era mais elite. Nós chegamos a cantar aqui, fizemos várias coisas, mas aqui era...

A: Você teve o mesmo nível de participação aqui que lá?

R: Não, eu era só ouvinte, eu abandonei tudo.

A: Você era mais fiel?

R: Mais fiel.

A: E o centro espírita?

R: Eu não ia tanto, o meu pai também ainda não freqüentava tanto. Nesse tempo, que eu fiquei como catequista, coordenadora, ele não freqüentava muito. Eu não achava errado. Não deixava que ninguém soubesse, que eu tinha essa formação, porque eu, como catequista, isso ia comprometer muito, não é?

A: Deixa ver se eu entendi, então: você se separou em 80 e?

R: Eu me separei em 89.

A: Tá.

R: Mas eu já estava no banco.

A: Você disse: eu separei...

R: Ah, não, desculpa. Quando eu entrei, eu passei no [], eu morava aqui.

A: Você não era separada ainda?

R: Não era separada ainda. Mas eu passei e vi a propaganda. Eu morava lá no centro, lá na vila, era casa ainda, eu morava lá e os meus pais moravam aqui. E quando eu me casei, eu vim morar aqui no centro, nessa casinha. Aí o meu pai viu a casinha... a casa grande debaixo desocupada, e alugou. E alugou a dele e veio morar perto de mim, ficamos juntos. Só que aí desocupou a casa dos pais do meu ex-marido e ele quis que nós fôssemos lá cuidar da casa, não pagar mais aluguel, e eu fui, que era lá no bairro. E o meu pai continuou aqui. Então, numa dessas missas, que eu não estava mais freqüentando a comunidade, ainda casada, eu fui na missa e saí da missa para ir na casa da minha mãe. Às vezes a gente se confunde. Quando eu vi a propaganda, eu comentei com a minha mãe, a minha mãe falou: não, eu te dou o dinheiro, você vai lá amanhã e faz a inscrição.

A: Que era o concurso?

R: Que era o concurso, saiu em maio.

A: Que matérias que caíam, hein?

R: Caiu conhecimentos gerais. Tinha uma prova de conhecimentos gerais.

A: Só?

R: Não, teve português, matemática e conhecimentos gerais só.

A: Você achou que foi bem na prova?

R: Eu fui bem classificada.

A: Era... municipal, regional, estadual, como é que era a classificação?

R: Era regional.

A: Regional?

R: Regional.

A: Qual foi a sua participação, você lembra?

R: Não foi muito longa não, assim, não, era municipal, desculpa. Aqui tinha 10 vagas, só... não, tinha 8 vagas, só era escolhido 10. Aqui em Sumaré, é só 10, eu estava entre as 10. A comissão regional...

A: Qual era a sua classificação entre as 10?

R: Depois, na... na classificatória, foi datilografia, que eu te falei, eu fiquei em segunda.

A: Você tinha feito curso de datilografia?

R: Tinha, eu tinha, eu era... em Campinas, que eu fiz. Tinha esses lugares, que eu trabalhei em casa, não é? Não tinha computador, como tem hoje, assim, qualquer lugar que você vai.

A: Você estudou esses assuntos todos?

R: Não.

A: Não? Você foi na formação que você tinha?

R: Na cara e na coragem.

A: Qual era a sua expectativa? Passar?

R: Não era passar, porque a gente não tinha conhecimento de que, assim, era no interior, de que tinha concursos, que os concursos eram sérios, praticamente sérios. Então eu achava que: ah, vou fazer a inscrição, mas... isso aí deve ser gente já contada para entrar. Até então, eu não sabia que o Banespa não era um banco do estado, eu achava que o Banespa era um banco estatal.

A: Você pensava que []?

R: Gostava.

A: Gostava?

R: Da prefeitura de Sumaré, mas não tinha na época também. O único concurso que eu prestei, assim, o primeiro, que eu fui, foi no Banespa.

A: E o que que te chamou a atenção? O salário...

R: Não, porque eu só vi o cartaz.

A: Você não sabia qual era?

R: Não sabia o salário, não sabia a função, não sabia nada. E eu não fui com aquela expectativa de que eu ia realmente passar, por isso eu não estudei, não preparei nada. Eu falei: ah, isso aí deve ser tudo []. Mas a minha mãe insistiu: não, vai lá e faz ué? Não custa você fazer, é mais uma fonte para você... eu não estava muito mais contente lá na empresa que eu estava, porque eu não conseguia mais subir de cargo, foi o que eu te falei, não é? A minha chefe não subia de cargo, eu muito menos.

A: Estava separada?

R: Ainda não, mas o casamento já estava ruim, eu já tinha até... o padre da paróquia aqui, já tinha conversado conosco, tentado melhorar, e eu já estava saindo mais sozinha, eu ia para o clube sozinha, ele não ia. Os amigos mesmo falavam: mas, olha, você nunca vem com o fulano aqui no clube, ele nunca vem com você. Porque ele manteve o vínculo dele lá com a igreja, e eu saí. E eu fiz o concurso.

A: Mas você [ficou espantada].

R: Eu [fiquei espantada]. Eu fui no último dia da inscrição, eu vim no domingo, na hora do almoço, na segunda feira era o último dia.

A: Passou na missa?

R: Passei na missa, em frente do Banespa, olhei por acaso um cartaz afixado, li.

A: Você freqüentava esse banco, você tinha conta bancária?

R: Tinha, tinha conta bancária porque eu era professora na época, antes, não é? É o Banespa.

A: Era o Banespa?

R: Isso, aí eu mantive a minha conta.

A: Já tinha?

R: Já, eu tinha conta no Banespa desde os 18 anos.

A: Você conhecia as pessoas do Banespa?

R: Não, conheci... ultimamente não.

A: Você era cliente?

R: Era cliente, eu mantive a conta mesmo depois que eu saí como professora, tinha cheque especial no Banespa. A única que entrou, dos 8, com cheque especial, era eu. Porque eu já era cliente do Banespa, 6 anos de cliente. E foi difícil para mim justificar, que eu, como estagiária, iniciante, tivesse como manter um cheque especial. Ah, se tirar, tira. Daí não, mantiveram o cheque especial.

A: Aham. E entrar no Banespa foi casualidade, acaso?

R: Por acaso, isso foi verdade, não foi nada planejado, não tinha intenção, nunca pensei em trabalhar no banco, nunca... sabe? Nunca fui procurar emprego em bradesco, itaú da vida, nunca, nunca me passou pela idéia.

A: E concurso público, te chamava a atenção ter estabilidade ou não? Na época.

R: Foi, na época foi.

A: Com concurso, eu vou ter um emprego garantido se passar. Sei lá.

R: Isso, aí eu pensei.

A: Pensou?

R: Pensei, na estabilidade. Assistência médica legal, isso aí era legal.

A: Ah, você já sabia disso?

R: Já, isso estava marcado na lousa. Mas de salário, essas coisas, isso eu não sabia nada. E a questão das horas, são 6 horas de trabalho.

A: Isso era legal?

R: Legal, eu trabalhava 8, não é?

A: Como você recebeu o primeiro salário, o que você achou?

R: Nossa, eu fiquei deslumbrada.

A: É?

R: Eu entrei... quando eles foram nos admitir...

A: Era diferente do anterior?

R: Muito, muito, acho que era umas 3 vezes mais. Eu tenho o meu holerite, vai ficar guardadinho na [], eu tiro uma cópia se você quiser. [ri].

A: E quem eram as outras pessoas que passaram? Você lembra?

R: Lembro.

A: Daqui mesmo da cidade?

R: Inclusive, o rapaz que foi comigo, ele chama Rubens e hoje ele é gerente geral da agência aqui de Sumaré. Ele é amigo do meu irmão e ele comentou com o meu irmão que ia fazer o concurso do Banespa. E o meu irmão falou para ele: a minha irmã também vai. Então nós conversamos e fomos juntos, porque nós não sabíamos aonde era.

A: Era em Campinas?

R: Era em Campinas, foi... e a letra era igual, Rita e Rubens, nós fomos para a mesma escola. Então nós fomos prestando o concurso, prestamos a ... fizemos a prova, nós dois fomos aprovados. E, depois, quando nós fomos fazer a prova classificatória, era na agência centro, ali na Francisco Glicério, hoje onde não é mais o Banespa, que era o prédio pretinho, de vidro preto, hoje não é mais o Banespa.

A: Sei, onde é o Poupa Tempo agora.

R: Isso, ali. Ali foi... a agência do Banespa é ali no saguão, num domingo, de manhã.

A: Tinha muita agência?

R: Muita, muita gente, fomos fazer o teste de datilografia.

A: O que você achou? Você achou que de lá você não...

R: Não, eu falei: ah, se eu passei... porque eu já tinha passado.

A: Ah, é? Você já tinha passado na primeira fase?

R: Eu já tinha passado na primeira fase. Aquilo ali era só para mim classificar, porque é assim: eles tiraram 10, eu precisaria me classificar até a oitava para poder pegar a vaga. E eu consegui, fiquei em segundo. E esse meu amigo ficou em oitavo.

A: O último?

R: O último, mas ficou. Então, das meninas... do pessoal, que nós entramos juntos, na agência nós... tem a Márcia, que hoje é supervisora dos caixas; um outro rapaz, que até morava lá perto de casa, eu não me lembro o nome dele, a gente tinha pouco contato, ele também está aí; o outro Júnior, ele está como superintendente, mas ele tinha o pai, também, que era superintendente, então ele cresceu rapidinho.

A: Trabalhava já os dois?

R: Trabalhava no Banespa. A outra era a ... meio loirinha, que eu não lembro o nome dela também, hoje ela é supervisora em Nova Odessa; dois da casa saíram um tempo depois, uns 6 meses depois. Não, depois... 1 ano depois eles saíram. Um deles prestou concurso na Caixa Federal e passou, foi. E o outro foi trabalhar com o pai, saiu também. E o Rubens, que continua lá. Acho que são só esses aí.

A: Eu queria continuar, mas agora vem a fase Banespa, é muita coisa.

R: É muita coisa.

A: [].

R: Então, uma das primeiras coisas que eu gostei muito no Banespa, que já é esse negócio que começou a mudar a minha cabeça. Foi a integração, teve um curso de integração, que foi um encontro dos novos funcionários em São Paulo. Foi a primeira viagem que eu fiz sozinha. Fui para São Paulo, que eu não conhecia. Eu era casada ainda. Então isso aí já começou a mudar. Foi em janeiro. Eu entrei em dezembro e em janeiro nós fizemos a integração. Então isso começou a mudar a minha cabeça, já não queria mais ficar casada, porque ali... foi nesse curso de integração que eu comecei a sentir que o Banespa ia me trazer grandes coisas, porque funcionário...

A: O que é que você sentiu no Banespa, no comecinho, quando você abriu o primeiro olerite?

R: Como se aquilo sempre fosse meu.

A: Você ficou feliz?

R: Fiquei, fiquei muito feliz. Sabe quando você faz uma coisa, parece que você sempre fez aquilo? Ou você conhece alguém muito importante e parece que aquela pessoa sempre existiu na sua vida? Foi assim que eu me senti no Banespa.

A: Mas não era uma pessoa, era uma empresa...

R: Era uma empresa, mas, assim, as pessoas ali, eles faziam a empresa. Não era a empresa em si, o prédio, o dinheiro, o trabalho em si, era ali a comunidade da agência, foi isso que... então essa primeira... esse primeiro curso, que eu tive contato com outros funcionários, me deu a dimensão que era o Banespa, porque tinha gente da baixada Santista, tinha gente de outro estado.

A: Você nem sabia direito com é que era?

R: Não, não sabia direito, aí que eu fui percebendo o que... assim, num único grupo, aquele monte de gente de todo que era lugar, eu consegui ver o que? Agora é a minha chance de sair, de crescer.

Entrevista 2

A: Atenção, gravando entrevista com Rita, 5 de abril, 14 horas. Aquela fase que você entrou no banco, em 88, foi isso?

R: 88, eu entrei em 88...

A: Na verdade, você já estava se separando, não é?

R: Já, o meu casamento já estava bem ruim. Eu me separei, na verdade, em 89, em março de 89. Mas em 88, em dezembro, eu já tinha feito... eu já tinha feito a entrada no banco... ah, [...] acho que hoje eu estou meio ruim de palavra. [ri].

A: É? [].

R: Não, eu entrei em dezembro. Fiz todo o concurso durante o ano, eu fui chamada, eu trabalhava numa outra empresa.

A: Eu lembro, não é? Que a gente conversou, que você tinha até...

R: ...tentado sair com algum acordo, mas não foi possível, aí eu fiquei alguns dias em casa e já entrei no banco. Aqui na agência de Sumaré, um pessoal muito receptivo, gostei muito.

A: Você já conhecia essas pessoas?

R: Não, eu não conhecia ninguém. Conhecia assim, de ir até a agência quando eu era cliente, porque quando eu era professora, eu tinha [] de conta no Banespa, que eu fazia algumas aulas eventuais, e mesmo depois de outros empregos que eu tive, eu mantive a conta, porque eu abri a conta com 18 anos, o meu pai teve que entrar como responsável.

A: As pessoas que eram da agência são de Sumaré, na época, eram de Sumaré ou não?

R: Eram de Sumaré, a grande maioria. Alguns de cargos, que vinham de Campinas. Estavam assumindo cargos novos, naquele tempo tinha subchefe, essas coisas e eles vinham de Campinas. Era uma passagem.

A: Quantas pessoas assumiram junto com você?

R: 10, eu e mais 9.

A: Todos daqui da cidade?

R: Daqui da cidade.

A: E eram pessoas que você... eram do seu convívio ou não?

R: Não.

A: Por que você acha que não viveu com eles em algum lugar diferente?

R: Porque eram de famílias diferentes, de mundo diferente, acho que... não tinha muito haver. Era todo mundo assim, mais ou menos, com algum sobrenome. Tinha um que o pai já era funcionário do Banespa, já tinha um cargo superior, acho que era diretor não sei de que área. Tinha outro que era um nome importante de Sumaré; tinha uma outra menina, que ela entrou no Banespa... eu esqueci o nome dela, que era... também era de família também meio tradicional; eu, de família tradicional, já, aqui em Sumaré, tradicional. E todos que passaram por mérito, que nós achávamos que concurso era, assim, como os outros concursos de prefeitura, sempre tem as pessoas certas. Sabe, eu me enganei. Eu me enganei, porque eu passei. Eu era a pessoa certa, mas não fui indicada por ninguém, não tinha q.i.

A: E você acha que as pessoas da agência tinham uma outra posição social na cidade em relação a você que estava chegando?

R: Tinha, tinha uma certa ascensão por ser funcionário do Banespa. Há 14 anos, 15 anos atrás, tinha... era importante ser funcionário do banco, principalmente em banco de carreira, que chamavam, porque tinha... é como já naquele tempo os bancos privados eram de muita atividade, entravam, ninguém tinha muita expectativa.

A: Na época, você tinha muita noção disso, quando você estava chegando no banco?

R: Não, quando estava chegando, ainda não. Ali era como se fosse um emprego novo. Eu sabia que ia ter uma estabilidade, eu sabia que eu podia ter uma certa carreira, mas nada, assim, que fosse muito claro. Por enquanto, eu queria era começar.

A: Por exemplo, esse status aí, que você foi percebendo, essa posição das pessoas da cidade...

R: Isso eu percebo hoje, puxando. Na época, eu não me interessava muito porque eu sempre fui uma pessoa muito simples. Nunca dei muito valor, até hoje, apesar de eu ter um negócio próprio, de eu ter uma certa influência, para mim, isso não significa nada. Só me importa é ganhar dinheiro e fazer os outros felizes, mas nunca me importei com nome ou com quem mora do meu lado, assim.

A: De qualquer forma, para você, que estava chegando, representava uma mudança?

R: Uma mudança muito significativa, era um crescimento para mim.

A: Em que termos, assim?

R: Ah, eu acho que em todos os aspectos, tanto financeiro, porque o meu salário, quando eu entrei, eu já sabia o salário que eu ia receber, mesmo sendo admissional, então eu já sabia que o meu salário era o dobro do que eu ganhava e eu queria trabalhar menos tempo. O horário do dia

era 6 horas, eu trabalhava 8. Eu já sabia desse aspecto, e no aspecto emocional, psicológico, você estava entrando numa grande empresa. Você não sabia quem era o patrão, você tinha grande expectativa de estar crescendo. Isso foi muito importante para mim, e uma mudança na vida emocional, porque também estava saindo de um casamento, vendo pessoas novas, um mundo diferente. Porque aquele mundo em que eu vivia, eu era uma pessoa simples e vivia num mundo simples, nós freqüentávamos... eu já morava nessa região aqui, naquele bairro de baixo, casas populares, como eu falei para você, eu freqüentava a igreja daqui de cima, depois eu mostro para você onde é. A comunidade que eu freqüentava, todas pessoas simples, simples.

R: Eu era da região.

A: Você morava aqui mesmo?

R: Não, essa casa é minha, eu comprei há pouco tempo. Eu morava aqui embaixo. Nessa região. Esse bairro aqui, nem existia quase.

A: E a sua vida, o seu estilo de vida começou a mudar?

R: Começou a mudar. Porque então eu comecei a conhecer pessoas diferentes, eu... mudou significativamente quando eu conheci [cita o nome de uma funcionária], era uma funcionária daqui da agência e, na época, ela era diretora do sindicato de Campinas dos bancários. [] então eu conheci essa moça.

A: Ela era escriturária?

R: Ela era escriturário-caixa. Foi assim: primeiro eu fui num setor, como eu trabalhava com contas a pagar na outra empresa, me colocaram numa coisa semelhante aqui no banco. Cada um, eles perguntaram e foram encaixando.

A: Que legal.

R: Achei super legal isso, não puseram a gente assim ao acaso.

A: Como se vocês tivessem vindo ao acaso.

R: É, não, quiseram aproveitar a sua experiência anterior?

A: Exatamente, então eu fui trabalhar diretamente com folha de pagamento. Naquela época não era nada tão informatizado como hoje, então essa parte de conta do banco, de fornecedor... então eu achei legal. Aí eu tive contato com uma supervisora, que ela era de São Paulo, conheci os parentes dela em São Paulo, ela me levava muito para São Paulo, com ela, eu freqüentava muito a casa dela. Nisso, eu já estava separada já, já era em outra época.

A: Entendi. Vocês fizeram amizade, assim, então?

R: Fiz.

A: Sair com a [cito o nome da funcionária, sua amiga].

R: Com a [cita o nome], foi depois do casamento, eu saí muito. Até hoje nós somos amigas, a gente hoje quase não se vê.

A: A [cio o nome] era de onde?

R: Ela era daqui de Sumaré, ela está morando em Campinas. Ela foi para Maceió, agora ela voltou. A mãe dela mora aqui em cima. Ela sempre saía de final de semana, justo quando eu não tenho condições de ir lá. Eu sinto muitas saudades dela, que ela é muito... coisa louca ainda.

A: Ah, é? E vocês passeavam, assim...?

R: Muito.

A: Iam muito na casa de um, de outro, no final de semana? Almoço?

R: Eu comecei foi... não foi almoço, porque eu tinha 24 anos quando eu fui no Banespa, recém separada. Então eu queria saber muito de conquista, comecei a viver mais, porque, o meu pai, eu já tinha comentado, o meu pai não deixava eu sair muito, daí eu me casei e tinha aquela vida assim, porque também mais voltada para a igreja, não tinha essa questão de carro para sair, aquela coisa, eu tive, assim, aquela vida de interior. E aquilo sempre foi muito pouco para mim,

mas, como eu era simples, a gente ia tentando levar. E eu saía muito com a minha ex-chefe lá da outra empresa, a Malena, que eu comentei com você. Mas ela também é uma pessoa simples, ela nunca saiu de Sumaré. Ela nasceu e morou em Sumaré. Ela viajou e tudo, mas, assim, nunca saiu desse mundo, não é? Então ela também era... aqui, não oferecia muita coisa, oferecia amizade, mas...

A: Você acha que ter essas novas conquistas, possibilidade de você dar um outro nível na sua vida pessoal?

R: Ah, sem dúvida.

A: A separação, por exemplo?

R: A separação foi fundamental, a entrada no Banespa foi, assim, a gota d'água, vamos dizer assim, porque já tinha, o casamento vinha caminhando aos tropeços, e eu comecei a conhecer um outro mundo, que não era mais aquele mundo que eu vivia.

A: Você passou a ter independência financeira?

R: Completamente, completamente. Eu morava ainda com o meu marido. O meu primeiro marido foi antes de eu entrar no banco, eu comecei a ganhar muito mais que ele, só que eu nunca deixei isso claro. Ele sabia quanto é que eu ganhava, mas eu acho que foi, assim, mais a minha independência mesmo, não só financeira, uma independência minha. Eu acho que a financeira me ajudou muito, porque aí eu tinha condições de me virar sozinha.

A: Você que tomou toda a iniciativa da separação?

R: Eu até tinha tomado já há algum tempo, ele queria separar, nós tentamos ir levando. A gente vivia na igreja, fomos conversar com o padre e tudo, para tentar melhorar, mas não tinha mais nada a ver um com o outro. Eu queria grandes passos e ele queria ficar na mesmice, então isso que atrapalhou. E o banco proporcionou isso, gente nova, aquele ambiente novo, novas amizades, então a gente não teve mais jeito.

A: E a igreja, você continuou?

R: Não, já tinha algum tempo que eu não estava freqüentando mais.

A: Você parou de ir?

R: Parei.

A: Por quê? O que você lembra?

R: Então, na igreja, na igreja foi o seguinte: ele... sempre teve, na igreja, aquele grupinho que comandava, porque aqui não era paróquia, agora que é. Então era uma comunidade em crescimento, mas ela nunca crescia. Então sempre tinha as pessoas por trás, e eu... a gente não tem como provar, logicamente, então todo mundo comentava que eles estavam levando dinheiro embora da igreja, todo mundo sabia disso. E, assim, a gente foi entrando e fomos participando dos diversos setores de catequese, eu participei, também, do setor de dízimo, a gente via quanto de dinheiro entrava na igreja. Em pouco tempo, a gente... a gente não via a igreja crescer, quer dizer não tinha mesmo interesse em usar.

A: Você acha que a igreja, porque a igreja, na verdade, também, não é só igreja no aspecto religioso, vamos dizer assim. A comunidade, que você vai participar, passou a ficar dissonante do seu estilo de vida que você estava começando a ampliar?

R: Eu já não suportava a igreja quando eu entrei no banco. Eu já tinha me separado da igreja também.

A: Ah, tá, isso era anterior?

R: Anterior em razão disso que eu estou dizendo, era uma pressão muito grande para que as coisas continuassem da mesma forma, os conservadores queriam que a igreja caminhasse da mesma forma, nós não, nós, os jovens, queríamos coisas novas.

A: As pessoas do banco participavam de igreja?

R: Eles iam em missa, tudo, mas era pouco, que eu saiba assim.

A: E a hierarquia, como é que funcionava dentro do banco na época?

R: Olha, tinha o supervisor, os gerentes, mas era uma família já na época, eu percebi isso desde o instante que eu cheguei. Ele não nos trataram, assim, com... nos outros empregos que eu havia trabalhado, eu nunca tinha trabalhado numa empresa tão grande, não é? Mas eu percebi que já era uma grande família, desde então, pessoas que nos tratavam não como iguais, logicamente, porque nós somos diferentes, mas, assim, eles sabia respeitar a hierarquia, eles não usavam o poder que eles tinha. Mas, assim, ceder por favor, obrigado, nada [], não tinha esse tipo de pessoa aqui na agência.

A: Quando você fala de família, que tipo de valores você mencionaria, assim, para [justificar]?

R: Essa união?

A: É.

R: Pelo valor da amizade, porque eu fiquei... eu conquistei grandes amigos aqui nessa agência, que são meus amigos até hoje.

A: Dentro dessa posição, dessa colocação que você fez de família, que posição que você ocupava?

R: A de filha. [riem]

A: Por que?

R: Porque eu era mais nova.

A: A maioria era mais velha?

R: Era mais velha, eram pessoas mais velhas. A Adriana, onde ela tinha... a pessoa mais jovem da gente, acho a Adriana.

A: Você tinha 24 anos, a maior parte das pessoas tinha quanto?

R: 30 e pouco, 35, sempre mais velho do que eu, a maioria. Tinha alguns casais aí no meio, que são pessoas que até hoje eu encontro e eles me cumprimentam, me abraçam: como vai? Quer dizer, tinha mesmo esses valores de... não tinha inimizade lá dentro, eu não... assim, eu tive inimizades quando nós chegamos lá no [Ceser], e depois a gente pode até falar sobre isso. Mas era mais...

A: Era de contexto.

R: ...contexto político, mais, não é? Mas inimizade, assim, por ser só, não tinha aqui. Eu gostei muito do tempo que eu trabalhei aqui na agência de Sumaré.

A: E, como filha, o que você aprendeu aqui?

R: Ah, eu aprendi a respeitar o Banespa como filha, como mãe, porque era uma mãe, não era pai, o Banespa sempre foi uma mãe. Eu sempre fui uma grande profissional a trabalhar, você vê que, quando havia necessidade de ficar além do horário, nunca houve imposição para ter de ficar, eu sempre fiquei por livre e espontânea vontade, mesmo quando eles não pagavam hora extra, a gente depois compensava. Isso não pode ninguém saber, porque eu tenho um processo. [ri] Não, a gente compensava, às vezes em hora, ficava até mais tarde, então eles davam um dia de descanso, isso aí sempre aconteceu, sempre a administração, eles faziam isso, mas nada assinado, nada comprovado, por isso que hoje eu tenho o meu processinho bonitinho.

A: A gente estava falando de ser banespiana. As pessoas associadas se referiam como banespianas?

R: Sim.

A: Sim?

R: Os funcionários da agência. Então, aquilo que eu falei para você, essa questão da família era muito forte, então você ser banespiana, você fazia parte da família. Não que eu não me sentia

parte da família, eu me sentia, mas eu acho que o termo banespiano era muito... e o sindicato reforçava isso, eles falavam, eles achavam que o resultado [contra aqui], mas eles reforçavam.

A: Como, por exemplo?

R: Ah, assim, no sindicato tinha muitas diretoras do Banespa, então as diretoras banespianas.

A: Ah, então o próprio sindicato fazia...

R: Fazia.

A: ...a diferenciação?

R: Fazia.

A: E por que você, Rita, questionava isso?

R: Eu não questionava, mas, assim, na minha cabeça, eu não achava que isso aí tinha... era tão importante, eu vou falar para você. Eu sempre fui profissional, aquilo para mim era importante, fazer parte do grupo de funcionários do Banespa. Essa palavra banespiana, eu achava que era muito estranha, eu achava que era você forçar demais a natureza da []. Então, as... esses encontros do meio do ano, as Integrações, eram uma forma de reforçar, então tinha...

A: Nas Integrações, você se sentia banespiana?

R: Eu me sentia, porque todo mundo era banespiano. [riem] Se não era banespiano, era família de banespiano. E foi nessas Integrações, que eu conheci muita gente, não é? Conheci demais, muita gente legal, e eu me divertia muito...

A: De freqüentar a casa também?

R: Não, não.

A: Na ocasião?

R: Na ocasião, a gente... Sim, nós ficamos... eu tinha um grupo de amigos lá de São Paulo, sempre simples, eu sempre fui ligada a gente simples, e, assim, todas as Integrações, a gente ficava junto.

A: Mas eles não eram banespianos?

R: Eles eram da... aquele outro, que era [...] que era contratado? Como que era aquele mesmo?

A: Baneser.

R: Baneser. Eles eram da Baneser, eles prestavam serviço no [cia nome do departamento].

A: Sei.

R: Não sei se você já ouviu falar no [idem].

A: Não.

R: Não? A [ibidem] era um grande núcleo de irritação do Banespa lá de São Paulo.

A: Ah, como é que você conheceu essas pessoas?

R: Lá na Integração.

A: Ah, tá. E você passou a ir para São Paulo?

R: Não...

A: Nos finais de semana?

R: Não, só na Integração, não freqüentava, não cheguei a freqüentar casa de ninguém, nada disso. Eram amigos de Integração, então, durante o ano, nós nos falávamos o ano inteiro por telefone, ligávamos. E, depois, no meio do ano, nós nos encontrávamos.

A: E quanto tempo durava a Integração?

R: Ah, eram 4 finais de semana. E era final de semana, você ficava... nós íamos na sexta, às vezes, ou de um sábado de manhã, num ônibus. Geralmente era de sábado de manhã. E nós dormíamos lá, toda a delegação dormia.

A: E tinha festa?

R: Era festa o tempo todo. Ih, a gente bebia o dia inteiro, fazia bagunça o dia inteiro [ri], chegava... algumas vezes, eu cheguei a sair à noite lá em São Paulo.

A: Sei.

R: Porque eu tinha uns amigos lá de São Paulo também, não é?

A: Você namorava?

R: Não, não namorava nessa época, eu estava sozinha. Namorava um monte, mas eu não namorava nenhum. [riem]

A: Entendi.

R: Eu acho que, assim, essa... esse negócio do Banespa, também, essas Integrações ajudou a me soltar muito, tive muitos namorados. Ah, não era namorado, que eles falam, ficava.

A: O que que é?

R: Teve um monte de rapazes, mas, assim, coisa de Integração, de... não era essa...

A: Você conhecia as pessoas, não é? Também...

R: E a gente bebia muito, nossa como eu bebia, me soltava.

A: Agora, o que que incomodava, exatamente, essa coisa de falar que era banespiana? Porque lá na integração você era banespiana total.

R: Então, eu era banespiana, mas eu não me sentia tão banespiana, porque, assim... eu sempre fui... eu nunca gostei de rótulos.

A: Ah, tá.

R: Então, era isso que me incomodava, essa questão do rótulo, eu nunca gostei de ser... eu não gostava de ser igual e nem tão diferente dos outros. Eu gostava de ser eu mesmo, acho que é por isso. Primeiro que eu não estava conseguindo me encontrar, e outra, eu achava que você ser banespiana, você estava rotulando, então [...] eu fazia parte de um grupo grande só, então eu era igual a todo mundo? Não, eu não era igual a ninguém.

A: E, na época, você já pensava isso?

R: Já.

A: E essa... e esse posicionamento não muito comum entre os seus colegas?

R: Ah, era, era porque eles... assim, não incomodava ninguém essa questão de ser banespiano, pelo contrário, eles sentiam orgulho, até, de ser banespiano.

A: E o sindicato?

R: O que?

A: Como é que eles viam essa questão de ser banespiano? Então, parece que havia uma contradição, não é?

R: É, eles não gostavam muito desse corporativismo todo, mas, às vezes, eles falam...

A: Você acha que você pegava um pouco dessas...

R: É.

A: idéias do sindicato para se...

R: Eu acho que eu fui colhendo, fui colhendo aqui, ali, fui montando, eu fui me moldando, eu fui lapidando, eu era um diamante bruto e fui me lapidando.

A: Pois é, você pensava, assim: olha, eu não sou tão banespiana, porque isso é corporativismo. Mas aí você ia na Integração...

R: E acaba sendo.

A: É, mas, assim, sempre se posicionando em vários momentos, assim, não é?

R: É, é disso que eu tinha as minhas amizades fora do Banespa e eu aqui vi isso.

A: Ah, tá.

R: Então, assim, eu não entrei no Banespa, eu conheci, assim, a [Rosana], que eu te falei, eu frequentei a casa dela e tudo, que nos vimos a Integração; a Adriana, mais o pessoal do sindicato. Mas, fora disso, eu ainda tinha, tinha amizade com a Marli, que eu tenho até hoje, e tenho outros grupos de pessoas, que eu saía à noite.

A: E quem eram essas pessoas?

R: Daqui de Sumaré mesmo, alguns amigos.

A: Ah, tá.

R: Então eu não... você percebeu que eu não tinha só amizade lá, eu via que lá no Banespa as pessoas tinham esse laço era muito forte.

A: E você tinha amizade com as pessoas que eram ligadas à igreja daquela época ou não mais?

R: Não mais, não mais. Eu fui criando novos grupos.

A: E quem eram essas pessoas?

R: Eram amigos daqui, amigos do meu irmão, por exemplo, apesar dele não gostar muito que eu saía com eles, mas eu tive amigos que, assim, tinha...

A: Você freqüentava clube aqui?

R: Clube sim, durante o dia sim.

A: Em Sumaré?

R: É.

A: E à noite, aos bares, você ia?

R: Ia, ia nos bares.

A: Ah, tá. Você continuou indo?

R: Continuei, então eu ainda mantive a ...

A: E você fez algumas amizades com clientes?

R: Fiz, fiz, daí a gente começou a sair também, porque eu já me considerava solteira de novo, então...

A: E as pessoas te conheciam na cidade como do Banespa?

R: Conheciam.

A: Para te conhecer?

R: Conheciam, principalmente das professoras, porque eu lidava mais com as professoras, não é?

A: Ah, tá. E vocês se encontravam no banco...

R: Aí eu via muita... na época, eu contratava algumas professoras, você conversava... por isso que eu te falei que a maioria das professoras, elas tinham a profissão de professora porque acho que não tinham outra coisa para fazer, porque eram muito limitadas, elas não tinham vocabulário muito extenso, sabe, assim, você falava uma palavra “estorno”, elas não sabiam o que era. Não um termo bancário, tem alguns termos bancários que você não podia estar utilizando, lógico, você tem que também saber diferenciar, mas elas não entendiam, às vezes, o que eu falava, e isso me deixava revoltada, porque eu era professora e aí eu não era tão tapada, vamos dizer assim, eu não era.

A: Entendi. Então você já se sentia diferenciada.

R: Eu me sentia diferenciada da classe dos professores e fiz uma faculdade, eu cheguei a comentar diversas vezes com a Soraia, que vocês não fazem por merecer, vocês não se unem. Aquela reclamação muito da administração, não sei o quê, mas o grupo professor se manifesta? Ah, porque a associação não faz nada. Eu falei: mas não é só a associação, são os funcionários. Vocês são funcionários da prefeitura, professores que precisam se organizar e precisam fazer uma [mobilização]

A: Você acha que isso vem da sua relação sindical? [ri]

R: Vem, vem. Vem bastante, eu sempre...

A: E como é que foi essa greve dia 29?

R: Nossa, foi, assim, uma experiência única. Foi uma das coisas muito legais que eu fiz da minha vida, de participar de uma greve, eu apareci até na televisão, porque eu fiquei... mas não entrevista nem nada, eu fiquei preocupada com a minha mãe vai me ver na televisão, ela vai ficar

nervosa, não é? Eu lá na agência do Banespa lá da... de Campinas, naquela que agora acho que é o Poupa Tempo, não é?

A: É.

R: Tudo fechado, a gente fechou as agências, não deixava ninguém entrar, fazia as manifestações lá na frente, comendo o pão com mussarela e presunto, porque vinha aquilo, para não sair dali do piquete.

A: Por que você fala disso?

R: Não, eu achei isso muito legal, gostei muito. Na época da greve, eu estava em Sumaré, foi em outubro que eu fui embora para a Ceser em Campinas.

A: E, nessa época, você namorava o [cito o nome de um namorado seu do sindicato que conheci] ou não?

R: Ai, nem lembro quando eu comecei a namorar o [cita o nome].

A: Foi na greve?

R: Não, [...] acho que foi depois.

A: De passagem, você se aproximou mais com o pessoal de Campinas, então?

R: Me aproximei.

A: E aí você ficou com vontade de sair daqui da agência ou não?

R: Não, eu sempre quis sair de Sumaré.

A: Da cidade?

R: Da cidade.

A: Por que?

R: Eu não gosto daqui. Não sei, eu não sei porque hoje eu gosto, eu não gosto tanto. É que, hoje, assim, eu tenho outras ocupações aqui, não é?

A: Entendi.

R: Mas não gosto da cidade, a gente sempre... tenho agora a minha casa aqui, mas isso não quer dizer nada, não quer dizer que um dia eu não vá sair daqui.

A: Na época, se fosse o banco, eu falo assim, pudesse ser uma situação tranquila para você sair daqui...

R: Podia, tanto foi, não é?

A: Ahn...

R: Eu comecei a freqüentar o sindicato um pouco antes de setembro, que, quando começa a preparação para a campanha salarial.

A: Isso, você ia junto com a [cito o nome da funcionário sindicalista]?

R: Que eu ia junto com a [cita o nome]. Em agosto, eu já comecei a freqüentar o sindicato. Foi aí que eu conheci o [cita o nome do sindicalista, seu namorado] e participei de várias reuniões, dos encontros, acabei... aquele ano foi...

A: Então você estava falando da greve de 89, não é, que foi...

R: Então, aí que eu comecei a participar mais e gostei daquilo, aí eu comecei a freqüentar mais e para eles foi bom, porque mais uma pessoa da agência de Sumaré, não é?

A: Não tinha ninguém de Sumaré?

R: Tinha só a [cita o nome de funcionária sindicalista]. Os outros participavam, mas não era uma coisa tão efetiva assim.

A: Desde o primeiro momento, você foi sindicalizada, Rita?

R: Fui, desde o primeiro momento.

A: Você optou por participar. E a maior parte dos banespianos que...

R: Ah, eram daqui da agência?

A: Ah. Mas militando, só a Adriana?

R: Só a Adriana. Mas todos eles... todos não, mas a maioria participava das reuniões de Campinas.

A: O que a sua família achava dessa sua participação na greve? Você conversava com o seu pai? Seu pai era metalúrgico, não é?

R: Conversava com o meu pai. Ah, meu pai era metalúrgico, foi grevista, apanhou.

A: Você lembra?

R: Não, ele comentou, ele conversou comigo sobre isso.

A: Era uma história... era uma história familiar sua assim?

R: Era. Ah, o meu pai, ele... quando eu disse que ia participar do sindicato como diretora, ele foi contra, porque ele disse que o sindicato era controlado pelo governo, eles faziam o que queriam. Eu já falei: o pai, não é assim, não. Mas é, você vai descobrir. Eu falei: então deixa eu descobrir. Mas já eram outros tempos isso daí, não é?

A: É.

R: Ele participou da greve metalúrgica no tempo da ditadura.

A: Na época do Lula, não é?

R: Na época do Lula. O meu pai não gosta do Lula, ele não gosta até hoje. Ele diz que os metalúrgicos sofreram um grande golpe em razão do Lula. Eu não sei se é porque eu não fui pesquisar, eu não sei porque...

A: Então você ouvia histórias do sindicato, seu pai freqüentava o sindicato?

R: O meu pai freqüentava, o meu pai era grevista.

A: E ele militava no partido?

R: Não, militava não. Ele era uma grande participação ali na fábrica, na época chamavam de fábrica. Na fábrica, ele era. Não era líder também, mas ele participava de todos os movimentos, mas ele não era militante.

A: Você lembra disso?

R: Não, lembrar não.

A: Isso ele te conta?

R: Ele me contou.

A: E quando você participou da greve, o que que ele achou?

R: Ele ficou preocupado.

A: Ah.

R: Ele ficou bem preocupado, a minha mãe principalmente.

A: E qual era o medo dele?

R: De eu ser mandada embora, de eu sofrer algum tipo de pressão, de ser presa, alguma coisa, porque ele sofreu, não é? Ele não foi preso nem nada, nem torturado, nada dessas coisas, mas ele dizia que eles saíam por um lado, e por outro lado entrava outro grupo; ele chegou a fugir de polícia, de cachorro, se machucou em cerca.

A: E a sua mãe?

R: A minha mãe tinha muito medo que eu fosse mandada embora, a grande preocupação dela era essa, porque a minha mãe sempre torceu para que eu desse certo, não é?

A: E você, com é que ficava nessa...

R: Ah, era muito novo, então era uma grande descoberta, eu não tinha esses medos.

A: Você era corajosa, não é?

R: Eu era.

A: Porque você podia ficar no: estou dando certo...

R: E ficar...

A: ... sou banespiana.

R: Só aquilo não era...

A: Tenho uma posição, acho que você podia ficar... eu não sei, alguma coisa em você te colocava aguçada para a coisa, não é?

R: Aquilo que eu te falei, ficar lá, eu, como funcionária do Banespa, assim, quietinha, na minha, eu ia continuar a mesmice que eu era antes, só que com uma situação financeira melhor. Então, quer dizer, eu ia... eu não estava mudando nada. E não era isso que eu queria, eu queria mais. Eu acho que tudo isso me proporcionou mais.

A: E o que que era esse mais? Era estar...

R: Era estar buscando o... era sair da cidade, conhecer novas pessoas, ver o mundo diferente.

A: E não estava apenas no Banespa?

R: Não, esse mundo estava fora, estava lá fora, eu precisava ir ver onde ele estava, eu fui, sempre fui atrás.

A: E onde você foi?

R: Eu fui para o sindicato, não é?

A: Ah.

R: Mas, assim, eu fui para o sindicato, mas ele não era o meu ponto principal.

A: Qual era o seu ponto principal?

R: Eu não tinha, eu sempre tinha... é, assim, isso que eu estou te falando, eu tinha várias amizades, vários [], eu sei, eu era, eu estava participando muito do sindicato, mas eu não deixava a minha questão profissional para trás, eu sempre fui ótima funcionária.

A: Por que você acha que tem alguns sindicalistas que...

R: Alguns sim, alguns que são merecedores do rótulo até de não trabalhar, de não fazer nada, eu não... ali no sindicato não era tudo que eu queria, do tipo...

A: Essa coisa banespiana, você, para mim, era de uma outra geração, assim, no banco, você era mais nova, você... você acha que os mais velhos tinham essa questão de ser banespiano mais arraigado?

R: Sim.

A: Estou falando de todos.

R: Nem todos, mas era a grande maioria, uma parcela bem significativa que tinha enraizado.

A: Porque você já chegou no banco no momento em que... apesar de toda a ... vamos dizer assim, os direitos que vocês tinham, vocês estavam numa greve, não é?

R: É, foi um ano de greve, começou desde...

A: Quanto tempo vocês ficaram? Foi a maior greve que teve no Brasil, não é?

R: Foi, ficaram vários meses, não é?

A: E o Banespa proporcionou bastante greve.

R: Foi.

A: Quer dizer, já era uma momento em que... quer dizer, para você, que você já tinha muitos direitos, também já estava sendo, de alguma forma, dilapidado isso, não foi? Vamos pensar assim, não sei, o que que você acha?

R: Eu acho que foi uma...

A: Eu não quero te tirar palavras suas que não tem, que não existem...

R: Não, isso é bom, porque você me ajuda. Foi muito, acho que bem importante, acho que nunca tinha participado de uma coisa, assim, tão grande.

A: O que que vocês estavam reivindicando?

R: Nossa, sabe que não me lembro muito bem. Pela questão da... ai eu não sei direito, tem tanto tempo, que a gente acaba...

A: É, acaba ficando...

R: ...perdendo tanto direito depois, acho que teve aquela dos dias, dos abonos...

A: E eram...

R: E questão salarial, algumas verbas salariais, o vale alimentação para todo mundo, que não tinha antes, não é?

A: E eram as mesmas reivindicações dos bancos privados ou não?

R: Eu acredito que sim.

A: Os bancos privados também estavam participando?

R: Estavam. Na verdade, teve, assim... a porcentagem era mais alta de salários, os bancos não estavam aceitando, depois chegaram lá num entendimento, mas foi uma greve grande.

A: Todos participaram...

R: E mesmo de declaração.

A: Todos participaram da mesma forma na sua agência?

R: Não, não era uma coisa muito... a gerência sempre ficava ali como espectador, não é?

A: Sei.

R: Mas, assim, os outros funcionários participavam, muita gente participava por participar, não sabia muito bem o que que estava acontecendo, não se importava, mas, assim, de uma maneira geral, era...

A: E como eles viam a sua participação de militante assim?

R: Ah, isso incomodou um pouco a gerência do Banespa [...] desde o começo, porque em 90, quando ia fazer um ano já... em 89, fez um ano que eu estava na agência, um ano que eu não pude tirar férias ainda. Eu pude tirar férias só em 90, e eu tinha pedido para tirar férias em outubro, foi o mês do meu aniversário, então eu queria, ele não queria me dar, ele me deu férias em setembro, que era para eu ficar na... para eu ficar de férias quando da...

A: Do período.

R: Do período da campanha salarial.

A: Ah, você acha que isso já foi uma punição?

R: Foi, já foi uma punição, porque daí eu já tinha um ano e meio que eu já estava na agência, então ele já me conhecia... tudo bem, então, às vezes, no começo, não foi muito, em 89 eu já participei da greve. Então aí já comecei a militar mais, participar de vários eventos, de conversar com os funcionários na agência, de panfletar lá na própria agência. Eu cheguei a frequentar o sindicato muitas vezes, a receber ligações do sindicato, e isso incomodou bastante o gerente daqui, que era gerente administrativo na época. Às vezes, ele, quando passavam uma ligação para mim, ele já perguntava quem era, de onde era.

A: Ele era mais velho?

R: Ah, bem mais velho. O [meu setor] entrou, acho que um ano depois. E eu larguei, porque, assim, a Adriana já estava liberada em 90.

A: Tá.

R: E aí ele pegou mais no meu pé ainda, porque eu estava sozinha na agência, estava mais ou menos cuidando de duas unidades, o trabalho da Adriana.

A: E você não sabe quando se filiou ao PCB?

R: PPS?

A: É, hoje PPS.

R: Acho que foi em 90, eu já estava namorando o [cito o nome do sindicalista].

A: Ah, e o [cito o nome] era de que partido?

R: Dele, do comunista, do PPS.

A: Do PPS também.

R: É, eu cheguei a ir em algumas reuniões em Brasília.

A: Do partido?

R: Do partido, quando ia haver lá...

A: A mudança de nome. Foi em 92?

R: Eu não me lembro direito.

A: E, nessa época, você acha que a sua ligação com o sindicato... aí você começou a namorar o [cita o nome], diretor já naquela época?

R: Acho que ele era o presidente naquela época.

A: Será?

R: É, ele era o presidente do sindicato, ele era o presidente.

A: Aí ele fez com que você começasse a ver a possibilidade de sair dessa agência?

R: É, aí surgiu o ...

A: E quais eram as razões?

R: As razões eram essa. Não é que eu não gostasse do pessoal da agência, sempre gostei, mas eu queria sair de Sumaré, a minha... o meu objetivo sempre foi sair de Sumaré, foi o que eu disse para você, desde o dia que eu pus o pé em Sumaré, nunca gostei. Então aquilo era enraizado em mim, eu não gostava da cidade de Sumaré. Então, assim, a primeira oportunidade que teve, eu agarrei com as duas mãos. Só que, quando eu me separei, eu fui morar de novo com os meus pais, não é?

A: Tá.

R: Eu até tinha um supervisor aqui, ele me dizia: não vai dar certo. Você separada, morando com os seus pais, seu pai vai te pressionar mais do que antes. E é verdade, meu pai ficava só...

A: Ah, também tinha isso?

R: Eu, quando eu comecei a sair muito com a Adriana, essa coisa toda, meu pai começou a ficar assim, não é?

A: Você namorava o [cito o nome do sindicalista], tudo?

R: Eu demorei para falar com ele que eu estava namorando, mas...

A: Você acha que você tinha essa coisa de estar separada, teu pai...?

R: Meu pai tinha, não é? Eu não sentia nada, eu me sentia uma pessoa livre, para fazer o que eu bem entendesse.

A: Você acha que a cidade tem...

R: Tem.

A: ...algumas pessoas que você...

R: Tem.

A: Algum parente seus tinham?

R: Meu irmão tinha muito isso, sabe? Ele era e é muito preconceituoso com relação a isso, e o meu pai também. A minha podia até ter esses conceitos, mas ela... ficava para ela, ela não deixava transparecer.

A: Quando você se transferiu para Campinas?

R: Foi em 90, em agosto de 90. Foi, assim, o acaso, apareceu...

A: Também, nem as férias daqui você fez.

R: Não, não fiz. Eu já tinha brigado com o gerente daqui. Quando eu consegui a minha transferência, eu cheguei nele. Olha que eu sempre fui corajosa. Eu falei para ele, eu falei: eu vou tirar férias em outubro, você querendo ou não, porque agora eu vou embora.

A: E ele?

R: Ele ficou louco da vida. [ri]. Você é muito petulante. Isso eu lembro bem, algumas coisas, eu lembro bem. Só negócio de praça que eu não lembro bem. Mas ele falou: você é muito petulante.

Eu falei: eu sou, sou porque você foi muito injusto comigo. Aí ficou por isso mesmo, porque depois ele se aposentou também.

A: E como as pessoas viam essa sua...?

R: As pessoas ficavam preocupadas, porque eu era nova de banco, já agindo dessa forma, não é? Tinha gente antiga que tinha essa coragem, mas eu sempre fui muito corajosa nessas questões de mudança, porque eu nunca tive, assim, preocupações se vai dar certo. Se não der certo, eu volto. Isso aí é uma das coisas positivas que o meu pai me legou.

A: Seu pai sempre mudou de casa, não é?

R: Ele sempre mudou de casa.

A: Vocês sempre tiveram em vários lugares, não é?

R: É. Então essa coragem de mudar, de procurar novos rumos, isso daí eu herdei do meu pai, de ter independência, o meu irmão não tem isso.

A: Agora, da mesma forma que o banco te fixava, não é?

R: Me fixava, mas, ao mesmo tempo, eu não dava espaço para...

A: Entendi. Tinha dois posicionamentos...

R: Tinha.

A: ...que você podia tomar: ou ficar a vida inteira aqui na agência de Sumaré...

R: Que é o que aconteceu com grande parte aí.

A: É, é? Os que entraram com você fizeram parte...

R: Estão aqui ainda.

A: Ou tem possibilidade de sair.

R: É. Eu acho, professor, que, do ponto de vista profissional, não foi muito bom, não foi muito bom para mim essas idas e vindas, porque eu acabei como escriturária, que poderia ter sido gerente e...

A: Entendi.

R: Mas eu acho que... fazendo um balanço, eu acho que o Banespa, depois de algum tempo, não era muito a minha praia. Acho que no começo, a busca de alguma coisa, que eu não sabia o que era, foi muito forte no começo, nos primeiros 10 anos de Banespa, era... aí me fixou. Como era uma situação financeira estável, tinha várias... vários... assistência médica ótima, essas coisinhas todas aí, acabaram me fazendo ficar, mas isso... o Banespa não era a minha praia mesmo. Com o passar dos anos, eu fui descobrindo isso. Mas como você vai ficando já, e vai ficando, e vai ficando, aí você vai se deixando levar, não por falta de coragem, mas porque o mercado lá fora está muito difícil, não é?

A: É, e você, de certa forma, tentava modificar essa sua... essa sua insatisfação, que você talvez não soubesse o que era, é... saindo fora, indo para o sindicato...

R: É.

A: Buscando outras coisas, mudando... mudando de agência, saindo daqui.

R: É, eu acho que...

A: Acho que era uma tentativa de estar buscando coisas dentro dos parâmetros da empresa, mesmo no sindicato, era porque você era bancária, não é?

R: É claro.

A: Mas você estava tentando escapar de ser banespiana...

R: Eu acho que a minha vida toda aí foi uma busca de alguma coisa que eu não achava. Eu acho que hoje eu achei. Hoje eu estou encontrada. [ri] Mas acho que ainda não desisti de muita coisa.

A: E o que que é?

R: Hoje eu trabalho naquilo que eu gosto. Alguns objetivos eu alcancei. Eu queria, depois de algum tempo, eu queria ter uma família, hoje eu tenho uma família. Eu [...] financeiramente eu estou bem, hoje eu estou estável, trabalho no que eu gosto.

A: Para voltar um pouquinho, senão a gente...

R: Eu tenho saudade.

A: É, daí volta, mas é legal.

R: Eu vou falando... lá naquele começo, 24, 25 anos, é muita coisa na cabeça. Eu acho que essa busca toda, que eu fui fazendo no início do Banespa, é em razão também de quê? De viver numa vida sempre simples. E o Banespa me proporcionava um mundo diferente, não é? Oportunidades diferentes, que eu não tinha até então. Eu convivia com pessoas muito humildes, muito simples, a minha família sempre foi uma família pobre, era uma ascensão social, inclusive. Isso era importante também. E uma busca por eu, porque, assim, eu não podia sair, eu não podia fazer nada. Meu pai não deixava eu fazer nada, eu tive uma juventude assim, totalmente inédita, não podia fazer nada. Meu pai não me deixava ir num baile, não deixava... só podia fazer durante o dia. Então eu não tinha uma independência, coisa que o Banespa me proporcionou, porque aí eu era dona do meu nariz, o meu pai não mandava mais em mim.

A: Entendi.

R: Então isso me proporcionou... quando eu falo para você que a coisa principal na minha vida foi o Banespa, o principal foi a minha independência financeira e a independência de pai, de família, foi cuidar de mim.

A: Agora, por outro lado, também, o Banespa não te deu, eu estou pensando naquele momento, a independência que você gostaria, porque você foi para o sindicato.

R: Mas eu não era...

A: Não é independência, eu estou dizendo, assim, você buscou uma outra coisa.

R: É, dentro do Banespa, você fala?

A: É.

R: É isso que eu estou te falando, eu tive pouca experiências importantes na minha vida até eu entrar no Banespa, então dentro... o Banespa começou a me dar diversas experiências, uma procura de novidades muito grandes, então o sindicato era um mundo que eu nunca tinha conhecido. Você vê que era um mundo bem próximo da realidade, eu não vivia a realidade aqui em Sumaré.

A: Como assim?

R: Ah, da realidade do que era o mundo. O que que eu vivia? A minha vida simples era a igreja, era ter um primeiro casamento, ser filha, ser esposa, isso aí para mim era pouco, não era uma realidade grande, não fazia parte do mundo.

A: Mas isso você pensa hoje ou mesmo na época?

R: Na época, eu já pensava isso. Minha mãe sempre falava para, às vezes, ela pegava, ela falava: você lembra de fulana? Eu falei: não lembro. Não lembro das pessoas porque não eram importantes, para você ter uma idéia, eu só guardo as coisas que são importantes para mim, aquilo que não foi importante, eu não gravei. Então, a minha vida antes do Banespa, pouquíssimas coisas eu lembro. Pessoas, então, nossa. Acho que se você me perguntar as pessoas que eu conheci no Banespa, eu lembro de todo mundo. De tão significativo que foi, que foi uma conquista do mundo para mim, mas do mundo exterior. O que que era mundo exterior para mim? Tudo que era fora de Sumaré era.

A: Essa conquista profissional não era apenas profissional?

R: Não era só profissional, era uma conquista pessoal, o profissional foi, assim, importantíssimo, porque eu cresci muito, não é?

A: E você foi para Campinas, foi numa...

R: Eu fui trabalhar na Ceser, onde...

A: A Ceser, centro de...

R: Digitação.

A: De digitação?

R: Não era um núcleo de digitação, era de compensação, depois é que ia para o núcleo.

A: Na época, o banco estava informatizando o serviço de compensação, não é?

R: Foi lá que eu fiquei doente do... da LER.

A: Como é que era? Você trabalhava todo... o dia inteiro ou...?

R: Não, era 6 horas também.

A: 6 horas. Você viajava todo dia?

R: Não, eu fui morar em Campinas.

A: Ah, você foi morar lá?

R: [Fui morar], você vê como eu consegui?

A: Certo. E o que você fez? Você comprou apartamento?

R: Inicialmente, eu fui morar no... eu ia muito no sindicato, então eu fui morar com uma menina, que era bancária, e ela estava... coincidentemente, ela era conhecida do pessoal, e ela começou a falar que precisava de alguém para morar com ela, dividir.

A: Certo.

R: Aí a minha oportunidade, aí eu vou, porque fazia um mês que eu estava viajando.

A: E como é que foi a experiência de trabalhar num... como é que chama?

R: Ceser.

A: Ceser.

R: Foi muito gratificante e, ao mesmo tempo, foi assustador, porque foi na Ceser que eu me envolvi mais no sindicato, porque isso aí me frustrou um pouco, porque aí eu conheci mais essa questão política, não é? Como é que funcionava aquela politicagem dentro do Banespa, as facções que haviam dentro do Banespa.

A: Do Banespa ou do sindicato?

R: Do Banespa.

A: Você conheceu um outro Banespa lá?

R: Conheci um outro Banespa. O Banespa do político, todas as representações. Daí eu comecei a me envolver mais com o sindicato, e conseqüentemente a participar mais de reuniões em São Paulo, de encontros, a feira representante...

A: Do sindicato ou da AFUBESP?

R: Não, do sindicato, mas, assim, eu comecei a freqüentar mais os encontros em São Paulo, de todos os representantes.

A: Entendi.

R: Então, ali eu comecei a perceber o outro mundo, porque ali no sindicato, eu fazia parte da diretoria, eu...

A: Mas como você passou a fazer parte da diretoria?

R: Acho que foi em 90 [...] em 92.

A: Em 90, 92, você...

R: Não, foi...

A: Em 90, você foi para a Ceser?

R: Isso.

A: Em 90, 92, você se profissionalizou nas atividades sindicais, sendo, assim, diretora?

R: É, esse ano eu não era diretora. Eu não me lembro bem quando foi, porque eu, em 94, quando eu fui para São Paulo, eu era diretora ainda.

A: Ah, tá.

R: Quando eu fui para São Paulo. Não foi naquele ano a eleição, foi em 92, isso mesmo. Foi em 92.

A: Então você trabalhou 2 anos no Ceser?

R: Eu fiquei na Ceser até 93, o Ceser acabou.

A: 3 anos que você ficou? E você foi quando foi montado a Ceser ou não?

R: Não, foi montando, já existia, a Ceser existia há 6 anos.

A: Como foi que essa oportunidade, assim, que você teve...

R: Foi um rapaz que veio de Praia Grande, e ele veio morar em Sumaré. E ele tinha conhecimento, conhecia um monte de gente na diretoria, e ele pediu a transferência e conseguiu para a Ceser. Só que ele viu que na Ceser não era bem o que ele queria, ele queria mesmo lá em Sumaré. Aí ele veio ver na agência de Sumaré, mas aí... ele não podia... naquela época, tinha de ser... se você era transferido, só depois de 2 anos que você era transferido novamente. Mas, como ele conhecia não sei quem lá da Diretoria de Recursos Humanos, ele conseguiu, só sob for permuta. E ele veio na agência falar, e uma funcionária, na época... e eu já falava que eu queria ir embora para Campinas. Eu falava tanto que eu queria ir numa agência em Campinas, queria morar lá em Campinas, e quando ele procurou na agência, mandaram falar comigo.

A: Oportunidade?

R: Oportunidade na minha vida, de ir embora daqui. Aí eu cheguei para os meus pais e falei: vou embora. Aí eu fui, consegui a transferência. Era permuta, então era simples. Fui trabalhar na Ceser...

A: O que os seus pais acharam?

R: Ah, o meu pai não gostou não, ele achou que eu estava dando um salto muito grande. Ele não gostou, ele queria continuar me mantendo debaixo das asas dele.

A: Você tinha quantos anos, 26?

R: 26 já, não é? Aí eu fui com a cara e a coragem, fui embora. E deu certo de eu conseguir morar com essa moça e ela já tinha tudo, então eu só fui com as minhas coisas, não é? Aí você...

A: Na época, você já namorava o [cito o nome do sindicalista]?

R: Aí eu já estava namorando o [cita o nome].

A: Como é que foi essa experiência de você vir viver em Campinas, estar lá no Ceser?

R: Muito legal, muito legal.

A: Além da sua experiência de participar das representações do banco, não é?

R: A Ceser era um mundo à parte, principalmente o pessoal do tarde. Eu entrava às 3 horas no Ceser.

A: Sei.

R: E eu... no Ceser, assim, eles eram muito politizados, eram muito conscientes, o pessoal da Ceser, conscientes dos seus direitos, visto que o pessoal da Ceser-Campinas era uma das mais fortes em representação, de manifestação. Até depois mandaram uma gerente bem linha dura pra lá, sabe? A gente conseguiu até mandar embora.

A: Você sabia como você foi para lá ou não?

R: Já, já sabia, a história era da Ceser.

A: Ah, tá.

R: Era...

A: Você já tinha idéia de que era um pessoal mais politizado?

R: Já, já tinha, a [cita o nome de uma sindicalista] era uma grande... nessa época, em que eu fui para o Ceser, a [idem] não era liberada ainda.

A: Tá. Vocês trabalharam juntas?

R: Trabalhamos juntas por algum tempo, depois, assim, passaram alguns meses, mas ela foi liberada pelo sindicato. Foi o início dela no sindicato de Campinas. Ela era militante e tudo, mas como diretora e... aí a gente... ela era diretora, mas não estava liberada, então estava começando.

A: Como que era trabalhar no Ceser? Era muito diferente do que na agência, não era?

R: Totalmente. Lá não tinha público, não é? E era assim, somar a papelada que vinha para a gente. Não é como hoje, que é tudo código de barra. Naquele tempo, não tinha, não é? Então, toda documentação era separada. Então, tudo o que os caixas recebiam, você separava por grupos, depois por convênio, então você tinha que somar, resomar, e muita gente ficava doente na Ceser por causa disso, não é? As doenças de lesão começaram todas na Ceser, não é?

A: Você mesma?

R: Eu fiquei doente.

A: Em que época?

R: Eu fiquei doente em 93.

A: Quando você estava prestes a sair, não é?

R: Mas foi mais uma questão emocional também, não é? A LER tem muita haver com o emocional, quando o [cita o nome] tinha terminado comigo, tudo, não é?

A: Sei. E quando você foi para a diretoria?

R: Em 92.

A: Teve muita gente do Ceser que foi?

R: Não...

A: A [cito o nome de uma sindicalista] já estava lá...

R: A [cita o nome] já estava lá, foi em janeiro, mas, assim, foi... eu não fui bem aceita não, porque eu era a namorada do [cita o nome], eu comentei com você lá no sindicato.

A: Entendi.

R: Aí a cobrança foi muito maior, então eu percebi isso, eu não aceitei a liberação, e eles estava fazendo de tudo para me liberar, já tinham muitos funcionários do Banespa liberados na diretoria do sindicato, eles estavam negociando para me liberarem uma coisa extra. Então, se eles me liberassem, isso ia causar, assim, um incômodo muito grande para mim.

A: Um constrangimento?

R: Um constrangimento.

A: O [cito o nome do sindicalista, seu namorado] era presidente na época?

R: Ele era presidente na época. Então isso me incomodou, eu pensei: eu não quero, eu não quero ficar provando o tempo todo que eu sou competente numa coisa que não é, assim, tão importante para mim. O sindicato era importante, mas não era, assim, o objetivo da minha vida. Então eu não... eu não optei por lutar para ser liberada, eu me recusei. Eles ficaram... A [cita o nome de uma sindicalista] ficou muito decepcionada, aí eu coloquei para ela isso. Isso veio do meu ponto de vista, a cobrança, não só eu como vocês, Deus está agindo corretamente.

A: E quer dizer que você continua trabalhando no Ceser como diretora?

R: Como diretora.

A: E como que foi essa experiência de estar sendo diretora, um balanço?

R: Foi muito frustrante, foi muito difícil, porque na Ceser tinha um pessoal, que eu falei para você, eles sempre foram muito politizado, muito mais do que eu. O que que eu tinha do banco? 4 anos. A experiência que eu tinha era a experiência de convivência, não era experiência...

A: Eram pessoas mais velhas nesse negócio de militância?

R: Não eram... de militância sim, mas não eram pessoas mais velhas de idade, sim, havia pessoas mais velhas, mas não eram bem mais velhas.

A: Também tinha o pessoal que já tinha participação política...

R: É, já. Então isso aí é que... e depois entrou um pessoal novo também lá, sabe? Esse mesmo concurso que eu fiz, eles chamaram um pessoal ainda, em 90, em 91, acho, que eles entraram.

A: Era um pessoal mais politizado?

R: Eram mais politizados, um pessoal da engenharia da Unicamp, inclusive, tudo pessoal da Unicamp. Pessoalzinho bem politizado, nossa pessoalzinho muito cabeça. E eu tinha a minha experiência, qual que era? De convivência, não era a experiência de militância. Eu não cresci num mundo de militância, diferente do que muita gente, então eu saquei logo que eu ia ter problemas muito sério se eu fosse liberada para trabalhar como diretora do sindicato, ia ter que ser, assim, integral, eu ia ter que dedicar a minha vida integralmente à diretoria do sindicato. E eu era, assim, suplente, não era diretora efetiva de nada.

A: Você não gostaria de ser militante só?

R: Só não, acho que aquilo foi importante, um crescimento profissional, porque para você conhecer quais eram os seus direitos e uma experiência muito rica, mas não era o principal, como, assim, por exemplo, a [cita o nome] hoje ainda é diretora do sindicato, nunca quis isso para mim.

A: Quer dizer que você teve essa opção?

R: Tive, mas eu não aceitei ela integralmente. Eu achei que ia me causar muito...

A: Que tipo de problema?

R: Essa cobrança maior, eu tive já alguns problemas...

A: Cobrança da? Do Banespa?

R: Não, dos funcionários, não é? Como representante.

A: Ah, entendi. A cobrança seria em você estar militando mais...

R: É, por eu ser diretora. E eu não me sentia ainda preparada para ser uma diretora do sindicato.

A: Hum, hum.

R: Eu até, no começo, eu dizia que não queria ser incluída na chapa, mas, assim, eles me aconselhavam, porque eu era de confiança, então seria bom que eu começasse...

A: O fato de você ter amizade colaborava também?

R: Eu namorava o [cita o nome] e...

A: Facilitava?

R: Eles viram em mim algum potencial.

A: Entendi.

R: E a confiança de ter... de me ter na chapa, uma pessoa que era... porque dentro da chapa do sindicato tinha as facções, não é? Apesar de serem todos da mesma chapa, eram coisas divididas, e eu ia estar aumentando a facção deles, do PPS.

A: E como que você se posicionava dentro dessas facções? Você tinha idéia clara?

R: Tinha, tinha idéia clara.

A: Você começou... você formava opinião própria?

R: Sim, eu participava da... do PPS, inclusive, do partido, para poder aprender mais, eu comecei a ler algumas coisas, mas não, assim, não muito aprofundado.

A: O que você leu?

R: Ah, livros que eles me davam, que eu achava interessante, eu lia. Eu não me lembro muita coisa.

A: Aprendeu o que era comunismo?

R: Isso, é, era essas coisinhas assim ou era a representação do comunismo no Brasil, e, assim, eram experiências mais superficiais, não era uma coisa, assim, tão aprofundada, eu não me sentia preparada para ser uma diretora do sindicato. Eu não achei que era o momento, sabe? Não era o momento?

A: O aprofundamento significaria o que naquele momento?

R: Não sei, eu não queria aquilo para mim. Eu sempre tive algumas coisas claras, eu sempre busquei alguma coisa melhor para mim. Participar do sindicato era uma coisa boa para mim, mas não era o meu objetivo principal.

A: Como que o ... as agências viam o Baneser quando se fundou...

R: O Ceser?

A: O Ceser.

R: Eles tinham uma certa rivalidade com a agência e o Ceser com a agência também.

A: Política inclusive?

R: Era mais profissional mesmo, eles achavam que o pessoal da Ceser não fazia nada, era bem isso. A gente trabalhava e muito na Ceser, então a Ceser, ela pegava muitos erros dos funcionários lá das agências, e muita coisa voltava no final do dia, que tinha sido digitado errado, tinha sido feito errado, estava somando errado, essas coisas assim. Então foi criando, sabe, essa rivalidade entre o Ceser e agência. E tinha um certo misticismo, assim, nos trabalhadores do Ceser, de que só ia os ruins para a o Ceser, olha, era uma coisa, assim, era uma coisa muito ruim isso, sabe? Eu não me sentia assim.

A: Os ruins, assim, como?

R: Os feios, era isso mesmo, professor. Os feios iam para a Ceser. E eu sempre fui muito bonita, eu não sou feia. Então tinha esse lance. Pode perguntar para a [cita o nome de uma sindicalista], por exemplo, o que... porque, assim, eram os feios, eram... era, assim, a escória dos funcionários, porque aqueles funcionários... e foi bem assim mesmo, professor, só para...

A: Os mais politizados também...

R: Os mais politizados.

A: Também porque eles eram...

R: Então, olha, quando eles fundaram, quando eles criaram o Ceser, o que que eles fizeram na agência? Eles mandaram aqueles funcionários que incomodavam e mandaram para a Ceser. Por isso que a Ceser era assim, esse ranço, assim, sabe? Os feios, os que não trabalhavam, os vagabundos, eram, conseqüentemente, os mais politizados, porque eram aqueles que incomodavam na agência.

A: Os que tinham uma atividade sindical mais...

R: Mais forte. Então era esse pessoal que foi para ali. Só a Ceser-Campinas sofreu uma mudança depois disso, obteve um pessoal novo, mas ainda não tinha... São Paulo era mais forte ainda isso, não é? E a Ceser, geralmente, eles eram sempre os lugares isolados.

A: Onde era em Campinas?

R: Em Campinas era... quer ver? Sabe onde fica o Tenda ali, na... como é que é o bairro? Amoreiras?

A: Amoreiras.

R: Ficava naquele núcleo ali.

A: Longe.

R: Longe para danar do centro. Tinha ônibus que nos levava lá, não é? Mas era longe, eram prédios, um prédio grande, só tinha uma porta de entrada.

A: Isolado.

R: Isolado, era, assim... assim, foi uma época legal, a gente saía de lá, ia tomar cerveja toda noite quase.

A: Vocês saíam do...

R: Ah, íamos lá para o centro, íamos para qualquer barzinho que nós encontrávamos lá para o lado da Ceser, não importa, depois ia cada um para casa.

A: E para o sindicato, vocês iam também?

R: Ía, ia para o sindicato. Final de semana, sempre tive evento no sindicato, sexta feira...

A: E você freqüentava o Banescamp de Campinas?

R: Não.

A: Nunca freqüentou?

R: Nunca.

A: Não era sócia?

R: Não.

A: Você ia nas Integrações?

R: Ia, continuava indo nas Integrações.

A: Você já tinha...

R: Representante?

A: É.

R: Ah, tinha, o pessoal ia.

A: Ah, tá.

R: Eu continuei, você vê, eu continuei mantendo isso, a Integração, era um ciclo de atividades no Banespa, o movimento sindical era outro, e, assim, a turma que eu saía era diferente, era um povo que não tinha nada haver com o Banespa.

A: Entendi. Quem era esse povo?

R: Daqui de Sumaré.

A: Ah, você continuou, mesmo morando em Campinas?

R: Continuei. Bom, o pessoal ia para lá, eu morava em Campinas. Tinha também o pessoal dos outros bancos, que eu peguei amizade, enquanto com a menina que eu morava, ela tinha o grupo dela, assim, que ela saía, a gente juntava tudo e saía.

A: Para onde vocês iam?

R: Ah, ia para barzinho, ia dançar, eu gostava muito de sair à noite.

A: E vocês viajavam?

R: Viajava. Eu estava na Ceser, quando eu fui para Cuba.

A: Ah, tá.

R: Sei que...

A: Por que você decidiu ir para Cuba?

R: Foi um convite que me fizeram.

A: Você era diretora na época?

R: Eu já era diretora na época. O [cita onome] tinha terminado o namoro comigo, e eu fiquei muito mal por causa disso, eu gostava muito dele. Eu fiquei, assim... eu já estava morando sozinha nessa época, já tinha comprado as minhas coisas, já tinha alugado o apartamento e estava morando sozinha.

A: Onde você morava?

R: Na rua Sacramento, que eu estava, em frente ao Senac, muito legal lá, um prédio que só tinha universitário, cada um na sua, sabe? Eu não via muita gente porque eu trabalhava muito. Eu entrei na prefeitura aqui em Sumaré como funcionária, como professora, e trabalhava na Ceser à tarde.

A: Ah, é?

R: Então eu trabalhava demais. Eu tinha 2 empregos?

A: Em que época isso?

R: Em 90, eu fui para a Ceser em 90, não é? Em 91. Em 91, eu prestei o concurso e passei.

A: Você tinha uma classe?

R: Eu tinha uma classe lá na Nova Aparecidinha, lá no comecinho em Sumaré.

A: Como é que você decidiu prestar?

R: Ah, eu nem lembro. Na época, eu fiz o concurso. Eu não me lembro.

A: Era uma questão financeira?

R: Não, eu achei que... era para preencher o meu tempo, eu ficava muito ansiosa. Eu saía da Ceser às 9, 9:30, 10 horas e ia para casa e ficava a manhã toda sem fazer nada, e eu entrava às 3 da tarde. Acho que alguém conversou comigo, vai ter o concurso, eu prestei, sem ajuda, sem nada. Eu lembro até hoje, eu fui o número 70, eu nem sei como é que se pronuncia.

A: Septuagésima.

R: É, isso aí. Aí tinha uma menina que foi aprovada: você mora em Campinas? Fica em Aparecidinha, fica pertinho para você ir. E outra, eu tinha o pique para trabalhar, eu chegava na escola 7:20 da manhã, saía meio dia, ia para casa, tomava um banho, me arrumava e ia para o Ceser. Olha que pique que eu tinha para trabalhar e trabalhava, assim, 15 horas por dia.

A: Quanto tempo você ficou na prefeitura?

R: 3 anos. Quando acabou a Ceser, em 93, eu fui obrigada a sair da prefeitura, porque eu fui para a Unicamp, aí voltei a trabalhar em agência, não é?

A: Entendi, a faculdade. Por que aí...?

R: Porque aí não dava mais, eu tinha que entrar de manhã, não é? A minha classe era de manhã.

A: Entendi.

R: Aí eu fiz um ótimo acordo aqui em Sumaré e saí.

A: Agora, é engraçado, uma vez você já foi professora, tinha deixado em suspenso isso, depois você voltou, não é?

R: É, eu não descobria o que eu queria.

A: Você gostava de dar aula naquela época?

R: Na época, esse período de 91, eu gostei muito.

A: Que era de 91, 92 e 93?

R: Isso, a idade do meu filho, 5 anos a minha []. E eu fiz um curso muito legal, com uma professora, que foi Sumaré que me deu esse curso, lá da Unicamp, ela se chamava Orly, era uma tese dela.... Nossa, que legal, que negócio legal, do construtivismo, dos cantinhos, então era um mundo totalmente diferente, você vê, que legal, era um mundo... eu já tinha... era quantas coisas na minha vida nessa época... eu consegui conciliar tudo.

A: Você dava aula...

R: Eu dava aula, eu trabalhava...

A: Tinha que ministrar como professora, era do Banespa.

R: Eu tinha ainda o movimento sindical.

A: Voltando um pouquinho, você estudou até o magistério, não é? Você não...

R: É, eu não continuei, é, foi aquilo que eu te falei.

A: Você tentou fazer um curso de história.

R: É, foi quando eu me separei que eu fiz o curso de história, antes de ir para Campinas, eu fiz um ano de história.

A: Por que você decidiu fazer história?

R: Ah, eu sempre gostei de fazer história. Quando eu fiz o vestibular, foi aqui em Piracicaba.

A: Você prestou Unicamp?

R: Prestei Unicamp, passei na primeira fase, fiquei tão feliz. Só que eu não tinha muito preparo para... eu prestei história na Unicamp.

A: Tá, o que que você achou? De fazer história, assim, tal, você gostava?

R: Gostei, achei muito legal. Eu gostei muito. E...

A: Em que ano que era? Em 89?

R: Deixa eu ver, eu 89.

A: O que você...

R: Não, foi em 90.

A: O que você esperava, assim, de estar cursando, para dar aula?

R: Não, na época, eu não estava pensando em nada. Quando eu entrei, eu não... para fazer um curso universitário, que eu achava legal, mas, no finalzinho do ano, que eu mudei para Campinas, eu acabei o curso no final, daí eu não... daí eu não... daí ficou meio difícil para eu fazer em Campinas, porque eu comecei a fazer... comecei a trabalhar muito, das 3 às 9, não dava para fazer.

A: Você trancou na época?

R: Eu tranquei, mas eu nunca mais voltei.

A: Você queria fazer história, assim, tinha alguma influência do sindicato?

R: Não, era...

A: Ou não?

R: Não.

A: Tinha algumas pessoas que faziam?

R: Eu penso que não. Eu queria muito fazer um curso, eu queria fazer um curso universitário e eu gostava muito de história, aí eu fui na unimep e vi aquilo que me interessou, e prestei e passei.

A: Pois é, mas você sabia...

R: É, era isso que eu sempre queria.

A: Você imaginava dar aula futuramente?

R: Provavelmente sim, eu nunca pensei em fazer nenhum curso ligado ao banco, eu via que não era aquilo que eu queria realmente, o banco, era uma independência financeira, mas não era uma coisa...

A: Tá, e você não fez nenhum curso porque você não teve oportunidade? Por que você não quis?

R: Não, porque eu não quis. Não quis, financeiramente... Financeiramente ficou difícil, em Campinas, eu fazer, porque eu pagava aluguel e não dava para fazer o curso. Aqui em Campinas, os cursos em universidades pagas, é muito caro, não é?

A: É.

R: Então não dava para fazer. Foi aí que eu prestei unicamp, eu consegui porque eu trabalhava à tarde mesmo, podia ser que eu não conseguisse, não é? Mas eu não passei na segunda fase, achei muito difícil.

A: Daí você não... desistiu?

R: É, desisti, fui voltar, mas tempos atrás aí.

A: E... assim, eu estou achando tão engraçado, porque você quis sair de Sumaré, foi para Campinas, se estabeleceu lá, você teve um círculo de amigos lá, outras atividades profissionais, sindicais, aí o primeiro concurso que tem em Sumaré, você presta.

R: É, mas eu prestei o de Campinas também.

A: Ah, tá.

R: Eu prestei o de Campinas, mas em Campinas, pela minha colocação, eu ia pegar uns lugares muito ruins, então eu não...

A: Então você passou também?

R: Eu passei também. Mas aí eu achei melhor não prestar, eu fiquei com um pouco de medo de ir a alguns lugares em Campinas e Aparecidinha, mais ou menos, dava para encarar, não é?

A: Quando você era criança, você queria ser professora, não é?

R: Eu acredito que sim.

A: Você lembra que você falava?

R: Eu era, eu queria ser professora, mais por influência da minha mãe, não é?

A: Aham. E ela fez você voltar um pouco nesse trajeto nesse período, não é?

R: É, você vê como era estranho eu trabalhar no banco, a turma não acreditava que eu dava aula de manhã. Muita gente dá aula... que trabalha no banco, dá aula, mas é... para ginásio, ensino médio, faculdade. Eu, não, eu dava aula para criancinha, mas era bem legal, eu não era, assim, eu não vivia cansada. Final de semana, eu ficava, eu vinha para a casa da minha mãe e dormia o dia inteiro, mas, assim, quando eu tinha pique para sair, à noite, às vezes, eu saía, saía da Ceser, ia tomar umas biritas e ia para a escola todos os dias.

A: [ri] E você pensava em sair do banco?

R: Não.

A: Estava complementando uma renda?

R: Uma renda, isso.

A: Fazendo uma coisa que você gosta? Outras pessoas também faziam isso no Ceser?

R: Faziam, faziam, tinha muita gente que trabalhava no período da manhã.

A: E no que?

R: Eu não me lembro exatamente, mas muita gente trabalhava, assim...

A: Você acha que se você tivesse na agência, você não poderia trabalhar ter feito isso?

R: Não, na agência não por causa do horário, geralmente tinha que começar em horário comercial, 10 horas, saía às 4.

A: E essa história de Cuba aí?

R: Ah, essa história de Cuba foi muito legal. Foi... me fizeram o convite em 92, no começo do ano. O [cita o nome] tinha terminado comigo o namoro, eu estava muito mal.

A: Quem que convidou?

R: Foi a [cita o nome de uma sindicalista] do sindicato. Eu era já do partido do PPS e tinha um intercâmbio lá com Cuba, era o sindicato dos panificadores, acho que era isso. Eu não lembro direito se era panificadores... ah, era alguma coisa, era algum sindicato que estava organizando isso. E era assim, era um intercâmbio, a gente ia estar trabalhando lá em Cuba, para conhecer a cultura lá do país e levar um pouco da gente, fazer tipo uma solidariedade. Eu não tinha nada a perder, eu estava de férias, de férias da escola. Conversei lá na Ceser, me deram férias também. Aí fui, em janeiro.

A: Quanto tempo você ficou lá?

R: Ficamos 22 dias, só que não foi aquilo que disseram que ia ser, não é? Eles disseram... fui eu, [cita o nome]... não me toque, não me rele... mais dois do sindicato, sindicato, assim, quem pagou tudo fui eu, ninguém me deu nada. O sindicato só pagou a passagem do avião, mas eu paguei parcelado para eles. Você vê que foi tudo o meu dinheiro, eu não fui, assim, na graça de ninguém não. Todos nós pagamos, e nós fomos. Fomos em janeiro, comecinho de janeiro. Até [...] com aquela coisa toda, aquela correria toda, eu tinha feito uma carta para o meu pai me representar na escola, para a gente escolher a minha classe, quase que eu perco a minha classe, porque eu voltei, já tinha sido a escolha. Eu deixei... eu deixei a carta lá encima da mesa, em casa...

A: Para o seu pai.

R: E eu esqueci...Então, e daí eu fui, foi legal, dondoquinha eu era, nunca tinha ido, aí nós fomos para lá achando que...

A: Você já tinha feito uma viagem internacional?

R: Não, internacional não.

A: Já tinha viajado aqui pelo Brasil.

R: De avião, já, conhecia o nordeste, o sul.

A: Pelo sindicato ou não?

R: Não, pelo...

A: Você tinha viajado com o [cito o nome de sue namorado sindicalista] ou não?

R: Foi, com o [cita o nome] eu viajei, viajei sozinha, viajei...

A: Você viajou sozinha?

R: Viajei.

A: Pacote assim?

R: É, depois que eu entrei no Banespa, eu podia viajar mais, viajei com essa minha amiga Marlei, viajei com a Adriana, tanto de carro, como de avião. E lá em Cuba, foi assim, nossa, foi uma experiência, assim, maravilhosa, uma das mais bonitas que eu já fiz na minha vida, uma coisa muito legal, só que, assim, eles disseram que a gente ia trabalhar em, assim, em intercâmbio, mas uma coisa, assim, no centro da cidade, e não era, nós fomos trabalhar no campo. E eu fui trabalhar no campo, então, puxar enxada, cara, um negócio, assim, muito doido [ri]. Eu nunca fiz aquilo na minha vida, nunca.

A: Mas o que que você... mas você trabalhou em plantação de cana?

R: Em plantação de cana, não, mas foi de batata, de alho, de tudo o que tinha lá.

A: Mas eram pessoas que tinham... eram só vocês?

R: Eram pessoas do partido, todo mundo do PPS. Então fui eu e a [cita nome de sua amiga sindicalista], mais dois do sindicato e mais dois da Afubesp. Inclusive, um deles era fã do [cita o nome de outro sindicalista], ai, gente, ele era muito delicado, ai, aquilo foi tão difícil para ele, que dó, que dó... que o outro, que foi, ele era meio grosseirão, então para ele estava tudo legal, os outros três. Ele não, ele era tão delicado, foi tão... ai, ficava nós dois, assim, sabe?

A: E você, como que você... como é que foi?

R: Eu também, foi muito difícil para mim, eu fiquei com tanto medo.

A: Ah, é?

R: Eu fiquei apavorada.

A: Medo do que?

R: Medo, eu fui para outro país, não era uma coisa assim, sabe? Foi uma aventura e tanto. Gente, o nosso passaporte ficou com o pessoal lá da organização dele, eu não fiquei com o meu passaporte.

A: Então você não podia se deslocar?

R: Eu não podia.

A: Se você quisesse ir embora, você não podia?

R: Não tinha como, porque, assim, tinha o representante do partido, que era... o partido tinha... são diversos sindicatos que faziam parte do partido lá representante, então, lá em Cuba tinha um pessoal do PPS, que ficou, que era ligado ao PPS do Brasil, que ficou com os nossos passaportes, para depois dar o visto de entrada e organizar a nossa volta, essa coisa toda. Então, nós fomos, ficamos 2 dias lá na capital e, depois... em Havana, e depois nós fomos para esse campo, então nosso passaporte ficou em Havana. E nós fomos para o campo, numa outra cidade lá, que ficava quilômetros de Havana, não tinha nada...

A: Vocês trabalhavam quantas horas?

R: Não, a gente trabalhava leve, não era nada, assim, que... e lá tinha, assim, pessoal do mundo inteiro, tinha alemão, tinha italiano, tinha americano, apesar do boicote, mas tinha americano, o pessoal que era contra. Tinha mais gente do Brasil, tinha um grupo lá, que era do Brasil, MR8, um pessoal louco de pedra e o pessoal de Cuba. Então essas equipes, essas brigadas, que eles chamavam, eles reuniam, assim, tinha profissionais de lá, tinha engenheiros, tinha professor, tinha universitários, tinha todo tipo de classe de Cuba trabalhando no campo também, nessa época, em 93 já, não é? Meu, que negócio estranho...

R: E como que você vê essa experiência depois que você voltou?

A: É, depois que eu voltei, eu vi o quanto importante isso foi, foi um crescimento e tanto para mim. Uma reviravolta porque...

A: Em que sentido?

R: Ah, comecei a dar valor a muitas... a coisas pequenas, porque lá eles não têm nada, não têm nada. A gente falava em supermercado, em shopping, eles não sabiam o que era isso, eles tinham muito medo de falar sobre o regime político, então eu não... eu conheci o Fidel Castro, eu apertei a mão de Fidel Castro, eu apareci na televisão cubana, eu fui sempre meio doida, não é? Então... mas eu fiquei sempre com muito medo, porque, quando nós chegamos nesse lugar, era escuro, era à noite, nós fomos nesses ônibus jardineira, sabe? Aquele monte de mala que a gente levou, fomos dormir em acampamento. Era fechado e tudo, mas acampamento. Os homens de um lado, as mulheres de outro.

A: Você acha que essa oportunidade toda de estar indo para Cuba teve muito haver com o sindicato?

R: Teve. Teve porque eu só fui convidada... assim, eu acho que eu só fui convidada...

A: Política também.

R: Foi.

A: Se você fosse do PT, por exemplo?

R: Não, porque foi uma oportunidade do PPS.

A: Ah, tá.

R: Tinha o pessoal do PT, mas era um outro grupo.

A: Você era filiada já?

R: Eu era filiada ao PPS. Quem me convidou, na verdade, foi o sindicato, foi a [cita o nome de uma sindicalista] Eu acho que foi por 2 motivos, primeiro pela questão emocional da separação com o [cita o nome do namorado sindicalista] e outro pelo crescimento, para ver se eu me descobria, entendeu? Ela queria mostrar... que eu provasse um outro mundo, para ver se era aquilo mesmo que eu queria.

A: Você não estava muito certa da militância.

R: Não estava, não estava, e lá era...

A: Você falou várias vezes: eu fiquei decepcionada. A coisa do [cito o nome do namorado], não é? Você pensava em constituir família com ele?

R: Não, constituir família não, mas era...

A: A casar?

R: Não, não pensava em casar. Nós namoramos 2 anos, eu era muito apaixonada por ele, me incomoda até hoje [...] vê-lo, me incomoda. [...] E há, assim, uma certa... porque você não fica legal, até uma certa satisfação dele não ter dado certo no casamento, essa coisa toda.

A: Dele ou de você?

R: Dele.

A: Ah, dele.

R: Porque ele se separou de mim para ficar com a moça que ele se casou, depois eles se separaram... dele não ter filho, era uma coisa que ele sempre quis, e eu tenho, então isso aí me dá uma certa satisfação.

A: É?

R: É, uma coisa bem íntima.

A: Mas você esperava casar com ele?

R: Não...

A: Você falou que estava morando sozinha, não é?

R: Ele mora sozinho.

A: Com a sua casa, com 2 empregos, você nunca tinha pensado em se mudar?

R: Não, nunca pensei. Não porque eu já tinha tido uma experiência, não é? Não muito legal, então não pensava, podia ser que um dia pensasse novamente, não é? Mas naquele momento não, eu estava num... eu estava numas descobertas, então não era importante para mim constituir família, me casar.

A: Então, qual foi a decepção, assim, qual foi a ...?

R: Porque eu era apaixonada por ele, a gente tinha... porque, assim, você namora tanto tempo não significa que você tem já que querer se envolver com a pessoa.

A: Certo. Eu só estou perguntando... eu só perguntei porque tem projetos, não é?

R: Não projetos pessoais com ele, não. Mas eu acho que acabou prejudicando a minha militância do sindicato.

A: Ah, é?

R: Foi, foi.

A: Você era mais conhecida como a namorada do [cito o nome do sindicalista] do que o oposto?

R: Não, não, não. Não foi nesse aspecto, foi... Também tinha isso, mas, assim, eu perdi o interesse, porque eu fiquei muito, mas muito magoada. Não porque eu participei do sindicato por causa dele, foi...

A: Entendi.

R: Eu conheci o sindicato através dele, mas eu acho que eu perdi, acho que, o rumo, o norte das coisas, quando ele... eu entrei no [], quando você fica muito magoada, não sei se você já passou por isso, você não tem mais vontade de estar vivendo o mesmo mundo que a outra pessoa, por mais que você seja uma pessoa adulta, você não consegue, você não consegue conviver num outro mundo que aquela pessoa está convivendo, que te magoou.

A: Aí tem os amigos, não é?

R: Eram amigos em comuns, então, em comuns, então, ela fez isso de propósito, me tirou do país [ri] para eu poder esfriar, para... porque ela percebeu o meu desinteresse.

A: Porque, na verdade, esse era mais o mundo do [cita o nome de seu namorado], não é?

R: É.

A: Esse também passou a ser seu mundo, claro. Mas, assim, o seu mundo era... você era professora, você trabalhava no Ceser, você era do sindicato, tinha vários mundos, não é?

R: Tinha vários mundos.

A: Agora, o mundo sindical era do [cito o nome de seu namorado]...

R: Era.

A: Não era?

R: Era.

A: Era seu também, mas você não era só isso.

R: É, eu fui...

A: Você poderia ter sido só o mundo sindical, se você tivesse pedido o seu afastamento...

R: Isso.

A: Você teve a sua oportunidade.

R: Isso, eu tive, então, mas eu não aceitei justamente por ser namorada do [cita o nome] porque ia ter uma cobrança muito maior para ele e já estava tendo uma... um certo desconforto da própria chapa, entre os diretores, quando ele estavam tentando, de toda forma, me liberar. Eu estava causando um certo constrangimento e eu percebi. E também por eu ser namorada dele, então eu ia ter que provar muito, muito e muito. E eu não estava a fim de ficar provando muito, então eu achei melhor ficar em segundo plano do que eu podia fazer o meu trabalho como eu estava fazendo antes.

A: O que você acha do... o que você achou do Ceser, achou que fosse para Cuba?

R: Nossa, eles me puxaram, assim, muito 10, só a Solange para fazer essas coisas, porque ela é meio doida lá no Ceser, porque ela era solteira, a maioria era casada, tinha muito homem lá no Ceser, pegavam muito no pé da gente, aí, muito cara casado, um saco. Eu até namorei um rapaz lá, mas não deu certo. E então ele ficava meio assim.

A: Eles eram de onde, geralmente? Eles tinham vindo de agência?

R: Eles tinham vindo de agência.

A: Mas a maioria tinha passagem pelo sindicato?

R: Não...

A: Eram pessoas politizadas?

R: Eram politizadas, mas não efetivamente no movimento sindical, eram bens esclarecidas.

A: Tinha muita gente da Unicamp como você falou.

R: É, pessoal novo, que foi da Unicamp.

A: Estudavam na Unicamp e trabalhavam no Ceser... Eles não...

R: É.

A: ...à noite.

R: Era um pessoal muito esclarecido, do que queriam, participavam muito, um pessoal muito vivido, não é? E esse tempo, lá em Cuba, foi, assim, excepcional, não é?

A: Nossa, você chegou a [pegar um monte de idéias].

R: Eu tenho coisa de Cuba aí até hoje. É verdade [] se bem que meus filhos deixaram estragar tudo, não é?

A: E como é que ficava você nesse momento, o seu posicionamento em relação ao banco? Porque era tanta coisa, não é?

R: Então, eu estava... em 93, estava começando o movimento de fim do Ceser, eles estavam querendo encerrar as atividades no Ceser. Então teve um movimento muito bom, esse movimento todo, porque até então, como eu falei para você, eu fui muito massacrada no Ceser em razão de ser do sindicato, e tinha a representação no sindicato, lá no [cita nome de um órgão sindical], que era bem forte, e eu não tinha uma experiência tanta para poder estar [] no banco, então eu sofri muito, então teve alguns congressos em que eu não fui, eu tive que ir como convidada só porque eles conseguiam energia para a turma deles. Então, se eu fosse liberada, eu fiquei na minha, então eu sofri muito, depois tive que [falar] com o gerente, tive [] com a gerente lá, aquele gerente que eu falei para você que não dava, então era o banco, o banco que mandou lá, era funcionário dele. Ele foi lá para massacrar mesmo, para acabar com [] Campinas.

A: O que que ele fazia?

R: Nossa, ele acabava []. [trecho acelerado e inaudível]

A: [].

R: É, estava muito abatida na época. E eu fui para fazer a reunião e ele estava. Eu lembro que eu entrei, eu abri o ... você saía do elevador já saía na sala. Eu abri, assim, era um pessoal muito

feio, sabe? [ri] Por que chamava a atenção? Porque eu... a gente até brincava, as meninas mais bonitas eram as meninas de Campinas, todo mundo falava isso, o Brasil todo, porque [] eram de Campinas. Aí a gente falava: nossa, homem não tem nenhum bonito, porque representação... não sei se era estereótipo, o que que era...

A: O sindicato, ele...

R: O sindicalista. Para você ser sindicalista, necessariamente você tem que ser feio e mal arrumado, porque nós, de Campinas, não éramos assim, nós íamos sempre impecáveis, bonitas, maravilhosas para lá. E as mulheres de São Paulo, sabe aquele jeitão qualquer de se vestir.

A: Camisetão.

R: Camisetão.

A: Sandália.

R: E sandália, nós não, sempre combinamos tudo.

A: E cabelo, como é que era também?

R: Cabelo de qualquer jeito, e os homens também, pessoal feio.

A: Barbudo?

R: Barbudo, feio, mal vestido, sujo praticamente.

A: É?

R: Sabe? Da impressão de sujeira. Então, assim, quando eu vi o [cita o nome de seu atual marido], me chamou a atenção, um rapaz bonito. Bom, ele é bonito até hoje, com o tempo, a gente vai caindo por causa do carboidrato. Eu comentei com as moças: olha, que rapaz bonito. Todas na sala, a Adriana, esse negócio, olha, difícil ter uma coisa bonita aqui para a gente ver. Sabe? Lá no fundo da sala, encostadinho lá, não sabia de nada, nunca tinha passada em nada, ele nunca foi militante de nada.

A: Você era.

R: E ele trabalhava. Ele falou que eu também chamei a atenção dele, quando eu entrei. Aí foi quando eu perguntei para o pessoal quem ele era, depois falaram que mentiram para ele, que eu era de Marília, pessoal bem sacana, não é? E nós fomos nos encontrar em 94.... Não, na Integração, na Integração em 94, aí foi quando eu saí.

Entrevista 3

A: Atenção, gravando, testando, Rita, 26 de abril de 2004. Gravando Rita, 26 de abril. Então, sabe onde a gente tinha parado? Você estava indo para São Paulo.

R: Ah, tá. Eu fui transferida para lá, eu me casei com o [cita o nome].

A: É, porque você falou que conheceu ele num congresso, tal, mas depois de 1 ano que vocês se voltaram a se ver.

R: Exatamente.

A: E nesse período todo você ficou trabalhando na unicamp, não foi?

R: É, exatamente, não mas assim...

A: Estava de novo voltando para a agência, você tinha ficado um tempo fora, mudado de agência.

R: É, nós estávamos trabalhando na Ceser, aí fechou a Ceser, e nós voltamos para as agências e eu tinha voltado para a Unicamp, e eu era engajada no trabalho sindical, então eu ia muito para congressos essas coisas.

A: Você imaginava estar fazendo transferência?

R: Não.

A: Não?

R: Não, não imaginei, porque estava acomodada em Campinas. Eu tinha a minha casa, eu morava sozinha, tinha o meu emprego, ela vai seduzindo. As coisas mudam na nossa cabeça. Eu morava sozinha, meus pais moravam aqui em Sumaré, nós nos víamos sempre, mas, assim, você acaba tendo uma carência de ter um relacionamento mais fixo. Eu saía muito para me divertir, mas, assim, você acaba amadurecendo. Eu ia fazer 30 anos e tudo, não é?

A: Porque a menina que você falou que, depois da... que você conseguiu ir para a Unicamp, você se desligou um pouco da atividade sindical, não é?

R: É, não me desliguei totalmente, mas, assim, a minha relação diminuiu. Uma porque, aquilo que eu tinha comentado, a relação com o namorado foi rompido, então isso também abalou. Não que ele fosse, assim, o principal de eu estar freqüentando o sindicato, pelo contrário, eu gostava de ir. Mas acaba atrapalhando, porque a gente fica muito magoada, essas coisas todas e tentando em tudo.

A: Você acha que você ficou [...] marcada pelos outros funcionários, pela sua atividade sindical?

R: Marcada?

A: Marcada, assim, como você tinha passado pelo sindicato, você ficou conhecida, por exemplo.

R: Sim.

A: Então você foi para a Unicamp. Na Unicamp, as pessoas sabiam que você era do sindicato?

R: Sabiam. Então, eu até... agora eu me lembro que eu comentei com você que nós fomos para a unicamp no posto da reitoria, ele é o principal da unicamp.

A: Até você falou que foi proposto justamente para...

R: Isso.

A: É uma forma até de dismantelar um pouco.

R: É, com todos os mais novos, digamos, foram para a unicamp. Essa foi a divisão que teve na Ceser.

A: Isso, isso, é.

R: E tinha um grupo, que apoiava um outro rapaz e tinha um grupo que me apoiava. E esse outro rapaz, foi um grupinho deles que também foram para a unicamp, e eu também, porque eu era mais velha de banco do que eles, mas não tanto para sair para outras agências. E aí na unicamp, eu fui para a reitoria, então o que que eles fizeram? Eles me tiraram da reitoria, me mandaram para o HC. Só eu que fui para o HC, e ele, como ficou... ele, com o outro grupinho, ficou ali para baixo, porque eles queriam... assim, pelo que eu entendi...

A: Todo esse grupinho tinha vindo do Ceser?

R: Não, não era um grupo muito grande. É. Eles queriam se separar. Eles queriam, na verdade, era diminuir a atividade que eles tinham na Ceser. A Ceser sempre foi um pessoal mais comprometido, muito mais ciente, crítico, então eles queriam até dar uma esfriada nesse pessoal, e eu também era. Como eu era do sindicato, eu tinha um certo respeito na Ceser.

A: Esse outro grupo que você fala, eles não eram do sindicato?

R: Não, eles não eram do sindicato. Eles eram oposição.

A: Eles eram do PT?

R: Eles eram do PT. Até... você vê como que eu acho as coisas [...], as coisas funcionam mais numa questão mesmo política até, não se tem, não se percebe os interesses. Esse grupo, esse outro rapaz, que acabou sendo o principal lá da Ceser, ele era um amigo meu lá na Ceser, nós tínhamos uma boa relação, nós saíamos juntos, ele tem um problema físico, mas isso para mim nunca foi um empecilho, não tenho nenhum tipo de preconceito, nossos filhos juntos, ele tem um bebê, a gente conversava, tínhamos alguma coisa em comum. E com o passar do tempo, por eu... ele era também assim, ele respeitava até o pessoal do sindicato, e depois ele começou a ter

algumas relações com o pessoal do PT. E o pessoal do PT viu o potencial dele e caiu como urubu na carniça, caiu encima do rapaz e ele mudou radicalmente a forma dele pensar. Isso me causou muito estranhamento porque ele é uma pessoa muito decente e ele começou a agir de uma forma, assim, muito peculiar até. O pessoal do PT, dentro do Banespa, eles eram muito... assim, não tinham muito escrúpulos para fazer as coisas, eles faziam algumas armações. Eu não sei se porque eu era ingênua ou porque eu nunca gostei desse tipo de armação.

A: E que tipo assim?

R: Ah, eles montavam uns esquemas para derrubar, para... eles mentiam muito, eles armavam as coisas, assim, é difícil você falar uma relação assim, numa situação, não lembro direito.

A: Um exemplo?

R: Um exemplo, mas, assim, eles montavam, assim, um plano para derrubar alguma idéia do outro grupo ou eles iam atrás de... isso é comum no PT, não é? Eles iam atrás de algum fato da sua vida particular e usavam isso como estratégia para poder derrubar porque você estava não sei...

A: Tá, e você acha que o PPS tinha alguma articulação...

R: Não, não tinha essa articulação.

A: Como o PT?

R: Não, pelo menos, assim, dentro do banco. Eu não vi o PPS fora, nem o PT fora, eu estou dizendo só a responsabilidade Banespa, que eu vivi. E eu não, assim, eu não via. Eu não sei se era porque eu era ingênua ou coisa... porque eu não queria ver, mas eu não via, não sei se porque também eu tinha uma relação com esse pessoal do PPS.

A: Tinha muitos afiliados do PPS?

R: Ah, não, afiliados não, eram mais pessoas simpatizantes daquele grupo. Afiliados mesmo eram poucos, mas era uma grande maioria no Banespa. E o PT, eles diziam que ia comendo pelas arestas, que fala, não é? que vai... e eles iam fazendo esse joguinho sujo. E eu achei estranho esse menino, assim, de uma hora para outra, da água para o vinho, ele mudar de comportamento. Eu fiquei, assim, muito decepcionada com a atitude dele. Porque, assim, você pode até descobrir que o grupo que você apoiava não estava fazendo a coisa certa, mas você também tem que estar dentro do grupo fazendo a crítica.

A: E você acha realmente você ficou marcada como sindicalista?

R: Fiquei.

A: Mesmo lá na unicamp?

R: Mesmo lá, eles me separaram, não...

A: E mesmo marcada por esse outro grupo, não é?

R: É, porque eu era, assim, eu era o alvo principal na Ceser. Porque, assim, eles conseguiam atingir o sindicato atingindo a mim, eles faziam isso.

A: E os funcionários que não tinham ligação com o sindicato, você acha que eles desviavam pelo...

R: O pessoal do Ceser, eles eram todos engajados, ou eles eram da oposição ou eram a favor, entendeu? Eles não...

A: Agora, na agência não, não é?

R: O pessoal da agência não, o pessoal já era mais lights, cada um na sua, mais preocupado mesmo com o dia a dia, contar o dinheirinho no dia 20. Eu sempre achei isso.

A: Agora eu me lembro que você falou que [...], quando você entrou na agência, você começou a se engajar na própria atividade da agência, que é uma coisa que você não... que há muitos anos você não fazia, não é?

R: É, eu fiquei alguns anos fora da atividade da agência e eu gostei muito de ter voltado para a agência, principalmente ali na unicamp, eu não... até quando eu fui para o HC, eu questionei um supervisor na época, que era meu amigo, eu perguntei por que que eu tenho que ir para lá e aí ele disse: primeiro que você já tem experiência em agência, você saiu de uma agência e foi para o Ceser, e esse outro povinho aqui não tem, e segundo porque você tem mais competência para estar assumindo o posto lá. Isso aí é um pouquinho passar a mão na cabeça, para ver se você consegue ser convencida. E aí eu sabia que não era só isso, eu sabia que eles queriam me separar do rapaz para poder dar uma esfriada no rapaz para que não tivesse, não continuasse aquela rivalidade dentro da agência, porque eles não queriam isso.

A: E esse posto era pequenininho, pelo visto?

R: O posto lá era pequeno, hoje não, hoje é um posto maravilhoso, mas na época em que eu trabalhava lá... e era assim, eram poucos funcionários, eu me lembro que tinha 3 no caixa, mais a gerente, subgerente, lá, a supervisora, mais uma menina no atendimento e só. Eles que cuidavam de todos os funcionários do hospital, os médicos, os residentes, os enfermeiros, o pessoal da cozinha, o pessoal da limpeza, todo mundo.

A: E mesmo assim você continuou as atividades sindicais?

R: Continuei.

A: Depois de ter sido esfriada?

R: Mesmo, mesmo assim.

A: Esfriar.

R: É, mas foi antes, tenho certeza de que foi [ela]. Mas, assim, eu tinha sido esfriada em vários aspectos, não é? Primeiro pela reação com o [cita o nome] ter terminado; segundo por ter acabado o Ceser, que era uma coisa que te dava mais ânimo, não é? E outra, também, por ter me separado, por terem me deixado sozinha lá encima, mas isso foi muito bom para mim. Até ele me disse isso para mim, depois de 2 meses ele veio falar comigo de novo. E, realmente, ele tinha razão, foi uma experiência muito gratificante ter trabalhado lá na unicamp, o pessoal muito 10, e eu tinha experiência realmente, eu sabia trabalhar. Então, assim, porque a minha agência, você tem que vender produto, nada mais. Hoje muito mais, não é? Porque eu sei que é muito pior, naquela época você já tinha meta, essas coisas todas e eu sabia como estar tirando isso dos funcionários.

A: Em que ano que era mais ou menos?

R: Foi em 93, não é? Que eu fui para a unicamp, foi em novembro de 93.

A: Você ficou um ano lá ou não?

R: Fiquei um ano, em 94 eu fui para São Paulo. Mas foi um ano muito bom, que eu reencontrei o [cita o nome de seu atual marido], na verdade, em 94. Eu o conheci em 92, tem 2 anos que eu fiquei separando.

A: E você continuava morando em Campinas?

R: Eu continuei morando em Campinas, eu morava sozinha já.

A: E quando você foi para São Paulo, como que foi essa sua transferência? Você casou primeiro?

R: Não, não casei, nós fomos morar juntos. Eu estava grávida

A: Entendi.

R: Eu fiquei grávida dele, teve um probleminha lá, não é? De burrice [ri], e eu fiquei grávida, aí eu pedi transferência. Na verdade, ele queria vir para Campinas, ele achou que seria melhor para a gente ele vir para Campinas, ele gostava.

A: Ah, ele podia fazer essa transferência?

R: Não, foi esse o problema, ele era da corretora de Guarulhos e não tinha como ele ser transferido para Campinas.

A: Não tinha...

R: Não.

A: Nem escritório para ele ficar por aqui?

R: Tinha, sim, um ou dois funcionários, mas que já eram contratados pela corretora em Campinas.

A: Entendi.

R: Trabalhavam na agência centro de Campinas, mas eles não eram totalmente ligados a corretora, eles prestavam serviços para a corretora, mas eles eram contratados da agência. Então não tinha possibilidade, aí pensamos em viajar, continuar... eu continuar morando em Campinas e ele viajava, como ele fazia, a gente namorava e ele vinha ou eu ia para lá. Ele não quis também.

A: Não?

R: Porque ele queria casar de verdade, constituir família, e eu grávida, ele falou: não vou te deixar sozinha, você já não mora com os seus pais, não vou te deixar sozinha, o [cita o nome de seu atual marido] sempre foi muito preocupado comigo. E aí eu tentei uma transferência, com um... embasado disso tudo, até para o departamento de recursos humanos do banco.

A: Você disse que estava grávida...

R: É e que o meu marido morava lá e [...] escolhi a recepção toda, felizmente tinha vaga, porque o banco tinha muito de fazer permuta, transferência eles não colocavam muito. Aí eu escolhi a vaga.

A: Por que você escolheu Santana?

R: Porque, assim, nós não tínhamos certeza de onde nós iríamos morar e, em Santana, para mim, que não conhecia São Paulo muito bem, era um ponto fácil, então qualquer bairro que eu pegasse naquela região da zona norte, Santana era um foco principal, então qualquer ônibus que viesse, parava em Santana, e a agência de...

A: E era perto da rodoviária.

R: É, perto, era super fácil, não era difícil de se locomover, então, nós achamos... até o [cita o nome de seu marido] também achou melhor. Depois que nós alugamos um apartamento, ficou mais perto de uma outra agência, chamada Tucuruvi.

A: Sei.

R: Ou, então, o posto da agência também de Santana, mas aí já estava lá em Santana.

A: E como é que foi essa experiência de ir para São Paulo?

R: Eu fiquei um pouco apavorada no começo, mas eu me adapto muito bem nos lugares, e eu, assim, fui muito bem recebida no Santana, pessoal muito amigo.

A: Era uma agência grande?

R: Agência grande, agência especial, não era agência grande, agência especial. Quando eu cheguei em Santana, tinha quase 100 funcionários. Era uma agência especial, mas, assim, eu cheguei em Santana, teve a intervenção. Eu fui para lá dia 9 de dezembro, final do ano aconteceu a intervenção, fiquei com medo. Aí o gerente...

A: Como é que foi isso? Vocês não esperavam?

R: Tudo muito... foi tudo muito rápido, não é? Porque a intervenção, na verdade, depois, com o tempo, é que nós vimos que foi uma armação política, que o PSDB que ia pegar o [...] aí meu Deus, o Quércia?

A: O Covas?

R: Não o Quércia, o Covas, o pessoal do Covas queria pegar o Quércia, mas eles não conseguiram, porque o Quércia realmente afundou o Banespa quando ele tentou... quando ele elegeu o governador dele, não é? Então o Quércia afundou, ele tirou muito dinheiro, aquelas operações ARA, acho que você também não deve saber. Operações ARA era aquele dinheiro que saía do banco como empréstimo para o estado, então o estado pegava muito dinheiro.

A: Falavam no banco, na época, que o banco estava mal?

R: Falavam, falavam que a dívida do estado com o banco... o banco, na verdade, não estava mal, a dívida do estado com o banco era muito grande.

A: Foi crescendo, não é? Porque o Fleury...

R: É, o Fleury, porque quando o Covas assumiu, o Covas assumiu no começo de 94, o Covas não fez nada para mudar aquela situação exatamente por isso, porque eles queriam pegar o Quércia.

A: Entendi.

R: Foi em 94 que o Covas assumiu, não é? Ou em 95?

A: Foi 94... em janeiro de 95. Em janeiro de 95, acho que quando houve a intervenção.

R: Foi, foi o último ano, o último... praticamente os últimos dias do ano, que ainda era Quércia... que era Fleury, é isso mesmo. O Covas assumiu o banco endividado...

A: O banco já estava...

R: Então tem razão, mas o Covas, com o passar dos meses, eles não fizeram nada para mudar aquela relação, então aquela dívida do estado com o banco ficou, assim, 3, 4 vezes maior, porque eles queriam pegar o Quércia de qualquer maneira.

A: E você acha... e como é que fica o clima, assim: você estava chegando numa agência nova, a intervenção, não é?

R: Como o banco era a mesma empresa, você só mudava a unidade, então o trabalho em si não era diferente, mas como você mudar de emprego, você tem que se adaptar às normas daquela empresa, então um dos facilitadores era isso: que a empresa era a mesma, então as normas eram as mesmas, você sabia trabalhar. Então você conseguia se engajar, assim, mais rápido, então isso aí... acho que essa intervenção fez com que os funcionários se unissem mais ainda, por que? Porque o fantasma da demissão apareceu, até então ninguém pensava em demissão, era muito raro acontecer uma demissão. Só se fosse uma coisa muito extrema, uma falta muito grave.

A: Você chegou a participar de alguma mobilização por parte legislativa?

R: Participei, participei, lá em São Paulo era muito mais fácil e Santana era uma agência bem consciente e era, assim, do pessoal de... que estava já no poder do banco, daquele grupo que eu fazia parte já. O gerente era amigo pessoal de um povo lá, então, assim, tinha saído vários representantes de Corep, de... e várias coisas do banco, então...

A: Eles eram bem politizados?

R: Já eram bem politizados e eram amigos desse pessoal que eu já conhecia.

A: Entendi.

R: E eu cheguei na agência Santana, já tinha uma pessoa lá que eu conhecia, que ela chama Eleonora, o apelido dela era Leo. Então a Leo, eu já conhecia de tempos que eu freqüentava os congressos, a gente saía em São Paulo, porque ela já era do grupo, que eles chamavam de grupo, eles fizeram um grupo do PPS. Ah, não, a Leo era do PT, era afiliada do PT, mas ela era simpatizante desse grupo, o grupo do Pádua, do Eledis, que eu estava falando para você da outra vez.

A: Que era do PPS?

R: Era do PPS, que era quem estava ali, como andando quase tudo, Corep, diretoria representante, a Afubesp, que a Afupesb era, assim, um cargão. Quem tinha a diretoria da Afubesp tinha o poder da representação do banco.

A: Você acha que, então, numa época, essas entidades do Banespa nas mãos do PPS naquela época?

R: Naquela época, na mão do PPS, um pessoal muito...

A: Mas o sindicato estava na mão do PT, não é?

R: O sindicato...

A: De São Paulo.

R: Do estado São Paulo sim, da federação não. A Federação de São Paulo estava também na mão do PPS, mas o sindicato, eles não conseguiam.

A: Agora, as ligadas ao banco...

R: É, o que... as representações ligadas especificamente ao Banespa eram todas do PPS, que era o grupão, só quem era foda lá, para você ver, a federação tinha muito representante do Banespa, a federação, os diretores da federação dos bancários eram a maioria do Banespa, então a maioria era [...] da posição, vamos dizer assim, do grupão. Então eles tinham também o poder, agora o sindicato...

A: O sindicato que você fala, grupo, quando você fala grupo, seria justamente essas pessoas...

R: Que procuram...

A: ...e você acha que formavam uma rede?

R: Isso.

A: Lá dentro?

R: É, porque em cada agência, em cada diretoria, departamentos e do banco tinha um pessoal que era favorável ao grupo, então... tinham aqueles que eram os mais ativos, que eram os representantes. Tinham representantes em cada agência, não é? Então tinha os representantes ligados ao pessoal desse grupão da oposição e os simpatizantes; tinha, lógico, a oposição, em todas as agências tinha a oposição. Em Santana, já não tinha.

A: E isto facilitou a sua...

R: E isso me facilitou bastante, porque quando eu saí de Campinas, eu estava diretora. A partir do momento em que eu fui transferida, eu mudei de base sindical, foi cancelado o meu mandato, então eu não tinha mais nenhuma ligação com esse pessoal, mas eu tinha uma ligação ainda como funcionária. Eu participei de muita...

A: Você não sabia que na agência tinha...

R: Não, eu sabia que era... que era, assim, que tinha a Norma, ela que era a representante da agência, que o pessoal lá meio unido, bem unido, vamos dizer assim.

A: Mas isso não te influenciou na sua escolha?

R: Não, isso aí eu vim a saber depois. Eu peguei a agência mais pela localidade, por ter fácil acesso, porque eu não sabia ainda aonde nós íamos morar, e eu fiquei morando bem longe.

A: E você estava grávida?

R: Estava grávida, isso daí, depois, eu perdi, o meu bebê teve muito problema, coisa de 2 meses já... em fevereiro eu já tive que fazer o aborto.

A: E você acha que você e o grupão se mobilizaram de alguma forma em relação à mobilização?

R: Foi, teve uma grande mobilização...

A: De que forma?

R: Aí teve uma união dos grupos nesse momento, teve uma união dos grupos, eles tiveram uma prévia, vamos dizer assim, não é? E teve uma união para eles... num único pensamento: acabar com a intervenção. E, antes da intervenção, eles não conseguiam fazer nada, porque foi tudo muito rápido, não tinha, assim, uma certeza absoluta que ia ter a intervenção, foi uma ação muito rápida do governo federal. E o governo federal era, então, o Fernando Henrique do PSDB, não é?

A: É.

R: Foi tipo um golpe de estado praticamente, foi, assim, uma maneira de manipular os últimos dias do antigo governo, mas... então não teve muito o que fazer, mas, depois, a partir do momento da intervenção, foi tendo muita... foi aquilo que eu falei para você. Eu não me lembro mais dos fatos, mas teve muitos movimentos em 94, foi um ano bem atípico.

A: E você acha que o banco mudou muito com essa intervenção?

R: Ah, mudou.

A: Em que sentido?

R: Assim, na questão dos funcionários, teve mais uma união para preservar a imagem do banco, porque, assim, apesar de todo o corporativismo dos funcionários, os funcionários sempre vestiam a camisa do banco, com exceções, logicamente, todo lugar tem, mas, assim, uma grande parcela do banco, dos funcionários do banco, assumiu... assumiu o controle para poder manter o banco em pé, porque intervenção é uma coisa que assusta muito, você não sabe qual vai ser o final daquilo tudo. Primeiro porque a gente não sabe, não tem uma ligação direta com a [], a maioria das ações era do governo do estado, então você acaba perdendo o norte das coisas, então a gente não sabia qual ia ser o futuro do banco. E a intervenção leva a que? A uma venda...

A: Futura.

R: Então, o que os representantes fizeram nesse tempo todo de intervenção foi tentar segurar para que o banco não fosse vendido, então houve muita pressão para que o governo resolvesse o problema com o banco.

A: Primeiro houve a intervenção, depois houve a federalização.

R: Exatamente, então tudo isso foi um processo para depois ia ter, assim... mas isso aí estava acontecendo em todas... em várias empresas estatais, primeiro a intervenção, depois a federalização e depois a venda para capital estrangeiro, então isso aí assustava muito os funcionários. E o bom, o que aconteceu, depois de 1 ano de intervenção, foi feito um balanço depois que aconteceu, nenhum cliente abandonou o banco, mesmo os grandes investidores, os funcionários, mesmo aqueles de alto cargo, conseguiram manter com toda aquela instabilidade, porque você sabe que uma intervenção cria uma instabilidade e quem tem muito dinheiro não vai querer ficar nesse [banco]?

A: E você acha que criou uma instabilidade para os funcionários?

R: Sem dúvida, porque... aquilo que eu te falei, o fantasma da demissão estava solto por aí, quer dizer você não tinha mais a tranquilidade de ser um funcionário que tinha feito concurso, aquilo ali caiu por terra.

A: Teve um PDV, não é?

R: Teve, já no começo da intervenção, teve um PDV. As pessoas que aderiram a esse primeiro PDV foram, assim, as mais prejudicadas, porque... eu não sei se foi uma falta de preparo de quem saiu, se foram pessoas que se atiraram, ficaram muito apavoradas e já se atiraram e se deram muito mal. Uma grande parcela do pessoal que saiu no primeiro PDV foram os que mais se deram mal.

A: E por que você acha?

R: De tudo que a gente... não, eles se deram mal depois, não é?

A: Entendi.

R: Financeiramente, profissionalmente muitos deles não conseguiram se...

A: Você não pensou em sair?

R: Não, não pensei.

A: Naquela época?

R: Não, nem no PDV eu pensei em sair, mesmo depois que tiveram mais PDVs, porque, assim, o PDV que eu saí, o PDI, na verdade, foi um dos melhores. Se você fizer uma comparação dos benefícios que eu tive, ou até um antes de mim, esses benefícios, esse primeiro PDV não teve.

A: Você sempre recebia as propostas primeiro, os supervisores?

R: Todo mundo.

A: Já vinha...

R: Já vinha uma cartinha.

A: ...o que você ia ganhar...

R: Exatamente. Eu não sei se...

A: Você chegou a comparar?

R: Comparamos. Os representantes faziam muito isso, eles faziam uma comparação do... eles... eles deixavam bem claro para a gente, a representação... quando era uma representação do grupo do PPS, eu achava que tinha muito mais informação, eles não escondiam... se eles escondiam, não escondiam tanto, porque tinha muita coisa que a gente sabe que eles tinham que compactuar com a diretoria do banco. Mas quando veio a intervenção, eles ficaram muito mais preocupados e como teve aquela fusão com o pessoal da oposição, pelo menos para estar...

A: Momentânea.

R: ...para estar representando mesmo, porque não era um momento de briga, de interesses pessoais, era um momento de você manter o emprego, porque daí mudou, a campanha assalariada começou a mudar de figura, não era mais reposição salarial, era manter o seu emprego mesmo, porque eles podiam demitir, se eles quisessem, pagava, só que antes...

A: Chegou a ter demissões ou não?

R: Acho que não, eu não me lembro, acho que só teve PDV. Quando o banco estava normal, sem demissão nem nada, não havia interesse de mandar funcionário embora, porque as informações que a gente tinha eram muitas, então até você preparar um novo funcionário...

A: Entendi.

R: ...com toda aquela carga de experiência que nós tínhamos, demandava muito tempo e também gastos. E outra, o nosso salário, em comparação com outros bancos privados, era alto, então o que nós tínhamos de verba [salariais] essas coisas todas, para você ser demitido, ia ter que pagar uma indenização muito grande, muitas coisas, então era preferível manter o funcionário. Não tinha esse negócio de estagiário, essas coisas todas, isso aí começou mesmo depois da federalização.

A: Federalização ou privatização?

R: Não, da federalização já, antes da privatização.

A: A federalização aconteceu em?

R: Acho que em 98 [...] não foi? Ai, não me lembro mais. Em 94 foi a intervenção, o banco privatizou em 2000 não é?

A: A privatização foi em 98?

R: Acho que foi em 98, é mais ou menos isso, ficaram vários anos sob a intervenção.

A: E em termos de serviço, mudou muito? Metas...

R: É, as metas deram uma aumentada e a questão da [...] do serviço aqui, foi bom também porque aí começou a ter a tecnologia do banco, a parte de informática melhorou já, era muito obsoleto ainda, era muito difícil, isso aí foi melhorando, já com a intervenção foi melhorando. Com a privatização, aí que eles... foi um salto e tanto, porque a ... tudo tinha que ter concorrência, não é? Para comprar um computador para a agência, tinha que se abrir concorrência, foi aquela coisa toda.

A: E o que que você imaginava que pudesse acontecer com o banco?

R: Nós imaginávamos a privatização.

A: É? Nós, você fala, assim...

R: Funcionário. Você está falando mais a minha opinião pessoal?

A: É.

R: Assim, no começo, eu fiquei, assim, preocupada, porque... preocupada bem individualmente, porque eu vim para São Paulo e agora, estou grávida, como é que vai ser? Como é que eu vou fazer, não é? Eu e o [cita o nome de seu atual marido] têm emprego e honorários do Banespa, não é? Ah, como é que eu vou arrumar emprego numa cidade grande? A minha preocupação era essa,

porque eu gostava muito de trabalhar no Banespa e, depois de passar um tempo, as minhas preocupações começaram a ser outra, não só a de perder o emprego. Mas, assim, a minha preocupação era mais em tentar manter mesmo o emprego, eu parei de pensar em perder, o imediatista, nós vamos tentar manter. Nisso é que eu trabalhei mais, cumprindo metas, vendendo mais produtos, porque a agência, para se manter especial, eu até comentei isso com você já, ela tem uma cota de metas em cada produto, então você tem que manter a média.

A: Você acha que esse tipo de reação aconteceu com todos?

R: Com todos, eu não acredito. Aquele pessoal, que não era comprometido, continuou não comprometido, mas, assim, eu vi que a representação ficou melhor, e os funcionários também começaram a trabalhar mais, a se unir mais, não tinha... todo mundo arregaçou mais as mangas e foi trabalhar.

A: Houve todo um comprometimento, assim, para mostrar...

R: Teve.

A: ...que a empresa era viável.

R: É, exatamente, nós mostramos isso. E, assim, um diferencial muito grande, que os clientes é que testemunhavam isso, era o atendimento. Então o atendimento no Banespa era muito pessoal, você tinha amizade com os clientes, você mantinha um relacionamento, nem que fosse ali dentro da agência só, mas você não tinha um relacionamento mais pessoal. Os clientes contavam os problemas, então, assim, não era só você chegar e resolver o seu problema financeiro ou vender um produto, não você conversava, contavam disso, contavam daquilo, então eu fiz um relação que os clientes é que tinham medo de perder, que é o que está acontecendo hoje. Aquilo que os clientes previam um tempo atrás está acontecendo hoje, essa relação foi acabando.

A: Você acha que esse período... é que existiam muitas redes [de funcionários], não é? Não sei como é que era em São Paulo, mas tem a Integração, tinha a própria Afubesp, mas, assim...

R: Então, no tempo...

A: ...em clube... não sei como era, o que que aconteceu no tempo da intervenção.

R: Aquilo que eu te falei, isso tudo parece que fortaleceu, fortaleceu a união, a Afubesp, tinha ainda esse pessoal, eu via que eles trabalhavam muito mais e o pessoal de...

A: Mesmo com a Integração?

R: A Integração, eles continuaram do mesmo tipo, parece até foi... aumentou a quantidade de pessoas que participavam em cada evento. Era bonito, porque, assim, tem o desfile de abertura. No desfile de abertura, cada tema era uma emoção que era relacionada com o que a gente tinha na agência. A cada ano era uma coisa diferente, quando da federalização é que as coisas começaram a ficar mais difíceis para a gente, nós ficamos mais preocupados.

A: Por que, o que que mudou?

R: Porque com a federalização, a privatização era inevitável. Enquanto estava sob intervenção, nós talvez conseguíssemos reverter o processo.

A: Reverter esse processo não estava...

R: Quando foi que o Covas morreu? Ele já tinha federalizado o banco? Eu não me lembro.

A: Ele morreu em [...] foi em 95 que ele morreu?

R: Então foi um pouco antes da federalização, não? Então já tinha federalizado.

A: É.

R: Porque, assim, aí começou a ter uma pressão maior no governo do estado para resolver o problema. Assim, em poucos meses, a dívida do estado triplicou, exatamente por quê? Porque eles queriam, de alguma forma, prejudicar o Quércia, mas eles não conseguiram, porque o Quércia sempre foi uma raposa. Ele se saía de qualquer coisa e, realmente, ele conseguiu.

A: E depois...

R: Ele tirou a responsabilidade dele quanto essa dívida, ele jogou a responsabilidade sobre o governador novo.

A: E tinha... e teve uma diminuição do quadro de funcionário?

R: Não, teve só com o PDV.

A: Só teve um PDV?

R: Teve só um PDV.

A: Na federalização não teve mais?

R: Teve. Quando federalizou, já teve outro PDV.

A: Ah, tá.

R: Teve outro e, depois, quando privatizou é que teve mais, não é?

A: E aí, a federalização, você achou que mudou muito?

R: Aí mudou mais, não é? Porque aí nós tínhamos certeza que ia privatizar. Se não conseguia resolver o problema da intervenção, acabar com a intervenção, a voltar como era antes, o estado continuar administrando as coisas...

A: Todo esse tempo, você ficou em Santana?

R: Fiquei em Santana, de 94 até 2000.

A: Seis anos?

R: Seis anos.

A: Você pegou todo esse período de intervenção e de federalização em Santana?

R: Foi, e foi, assim, uma época muito boa, profissionalmente eu cresci muito. E, nesse tempo todo, ainda teve concurso para supervisor, quer dizer, assim, o banco ainda continuou funcionando como antes.

A: Certo.

R: Era como se não existisse a intervenção. A intervenção estava ali, mas, assim, tinha uma cultura dentro do banco para que aquilo não nos assustasse tanto.

A: Entendi.

R: Então nós mantivemos o ritmo de trabalho, o ritmo de nossa vida de uma maneira geral, como se a intervenção fosse uma fase passageira.

A: E você chegou a prestar o concurso?

R: Eu prestei o concurso para supervisor, mas, assim, não era uma coisa que eu queria, eu não queria ser supervisor, eu não achava interessante.

A: Você chegou a passar?

R: Eu não passei, eu fiquei por um ponto, eu não passei na segunda fase. O [cita o nome de seu atual marido] ficou muito decepcionado, ele achou que eu não estudei muito, eu não me empenhei em estudar. Então, eu fiquei, assim, até um pouco chateada depois, eu me arrependi de não ter passado.

A: Mas você achou que a situação do banco também comprometeu um pouco essa...

R: De eu não ter passado?

A: É.

R: Não, porque eu não queria mesmo, eu preferia ir... sei lá, porque eu queria outras coisas para mim, eu não sei, eu não me lembro bem porque que eu não queria passar, eu acho que eu tinha outros planos e eu estava... assim, eu fiquei grávida do [cia o nome do filho], eu passei uma semana internada em 98 [...] a...

A: Foi onde você prestou esse concurso?

R: Não, o concurso foi em 97, em 97. Em 96, eu comprei... olha, a gente comprou o apartamento em 96, a gente não tinha, assim, foi durante a intervenção, então eu tinha muito medo do que podia acontecer, porque era um apartamento financiado lá em São Paulo, eu tenho um

apartamento, então a gente não estava muito preocupado, assim... o banco não deixava... a administração do banco não deixava que nós ficássemos tão preocupados assim. A vida continuava normalmente. Então, passou o primeiro ano, que foi o mais crítico, que foi em 95, não é? Que foi assim a parte mais crítica, depois as coisas se ajeitaram, se acomodaram.

A: E a federalização, você já achou que a coisa já vinha...

R: Aí a federalização foi o mais difícil para a gente, porque aí nós sabíamos que ia privatizar com o passar do tempo. Ainda demorou a privatização, porque a representação conseguiu segurar bastante.

A: Teve uma série própria de processos, não é?

R: Teve processos, movimentos, manifestações, então foi isso aí que segurou.

A: Você chegou a participar desse movimento?

R: Participava.

A: É? E o que você conta, assim?

R: Ah, muitas das manifestações era lá na Tabatinguera, na sede do sindicato. Eram grandes manifestações, passeatas, assim, passeatas, muito gostoso.

A: E a idéia? Não...

R: Ah, não a federalização. E tinha, assim, botons, que a gente usava, o dia da cor, isso tinha muito no Banespa, que eu achava muito legal. Então tinha a representação, e os congressos era que definiam isso, o dia da cor para você estar mostrando ali o seu descontentamento com relação a tal coisa, então os funcionários... todo mundo ia...

A: Era [] preto?

R: É, preto, vermelho, verde, era, assim, uma cor.

A: E era não à privatização?

R: É, tinha o não à privatização. Foi, assim, durante o período da federalização que a gente ficou fazendo bastante campanha. Tinha bastante botom, muito... tinha cartazes.

A: Você acha que a mobilização era geral?

R: Era geral.

A: Ou você chegou a ser mais mobilizada porque você tinha um passado mais do sindicato.

R: Não, era geral.

A: Em São Paulo?

R: Em São Paulo, as coisas eram mais [...] freqüentes, tinha mais movimento. Ah, eu perdi também o contato com o pessoal de Campinas. Eu os via, assim, quando tinha algum evento lá em São Paulo, alguma coisa assim maior, que eles vinham aqui. Eu acompanhei mais o movimento aqui da região, aí a minha realidade era São Paulo, e, assim, a gente fez... fechou agência lá com eles, ficamos... e os clientes ajudavam, você pensa que... se tivesse algum funcionário que entrasse, os clientes ficavam bravos, era assim. Eles apoiavam a gente, assim, eu vi apenas a realidade de Santana, mas, assim, os depoimentos de outras agências eram parecidos. Os clientes sempre estavam ali colaborando...

A: A favor.

R: A favor do movimento.

A: Agora, mesmo assim, você falou que, enquanto essas coisas do banco estava passando, os seus projetos continuavam. Você teve filhos, não é?

R: É, eu tive filhos, eu tive o [cia o nome do filho] em 99.

A: Apesar de todas essas incertezas.

R: É, então, em 97, porque quando... eu perdi o bebê em 95, aí eu fiz, assim, uma bateria de exames, eu e o [cita o nome de seu atual marido], para saber o motivo, porque não foi o primeiro, não é?

A: Tá.

R: Mas, assim, nós não tínhamos nada.

A: Era o seu segundo que você perdeu?

R: Era o terceiro já.

A: Terceiro, não é?

R: Terceiro. Dois foram do primeiro casamento, que era considerado uma porcentagem normal, mas o terceiro, ele teve muito problema congênita, então má formação congênita generalizada, ele não tinha condições de sobreviver nem minutos. Então o ultrassom detectou, eu tive que fazer o aborto. Então nós tínhamos que fazer uma pesquisa: por que aquele bebê teve aquele problema genético? Então, assim, até quando a gente comprou o apartamento foi... a gente já estava pensando em filho de novo, quando eu não tive problema nenhum. Só que aquilo era muito presente, então eu pensava num filho, mas não pensava tanto. Então a gente comprou o apartamento; em 97, depois meu pai ficou doente, ele teve um problema de saúde muito sério, ele fez uma... ele teve um aneurisma numa aorta do cérebro, foi uma fase, assim, uma fase muito difícil, foi de uma hora para outra, ele quase morreu. Então, assim, eram outras preocupações fora do banco. E aí, em 98, eu fiz um tratamento e fiquei grávida. Em 97 eu estava fazendo um tratamento, não é? Aí fiz um tratamento homeopático.

A: Que foi quando o banco federalizou, não é?

R: Exatamente [...], foi assim...

A: Mas você estava fora um pouco desse processo, estava de licença.

R: Não, eu não fiquei de licença. Ah, sim, eu fiquei de licença, quando ele nasceu, foi em 99, acho que já estava federalizado. Eu fiquei de licença um bom tempo, eu fiquei de licença em janeiro, dia 24 de dezembro eu já fiquei de licença.

A: Como é que foi...

R: Voltei só em agosto.

A: ...a experiência de ser mãe?

R: Ah, foi muito gratificante. Era uma coisa, assim... [...] Eu acho que eu não tinha conseguido também ter filhos antes, porque não era uma coisa que eu queria. Eu não queria ser mãe, então isso tem muito... eu sou espírita, eu mais ou menos acredito nisso, não é? Então tem que ser, o espírito vem, ele se forma ou não. Então, assim, eu não estava preparada. Aquele espírito veio, ele cumpriu o que precisava cumprir, ele deixou alguma lição, algum recado.

A: Quando que você se aproximou mais do espiritismo?

R: Eu sempre fui espírita, meu pai sempre frequentou.

A: Apesar de ter sido católica tanto, não é?

R: Eu sempre fui espírita, eu sempre fui católica. [riem] Na fase em que eu trabalhei na igreja, que comentei com você, aí eu me afastei do espiritismo.

A: Claro.

R: Mas, assim, eu não ia mais em centro. Porque, até então, 18 anos já... eu queria definir o que eu queria, mas eu sempre tive amizades com pessoas espíritas, então eu acho que a gente acaba...

A: Mesmo dentro do banco?

R: Mesmo dentro do banco.

A: É?

R: E tinha amizade também com o pessoal católico. Então, eu tinha... eu tinha as duas experiências para... eu tinha como conviver com as duas seitas, eu vivi numa igreja católica e também era...

A: E você chegava... chegou a frequentar centros ou não?

R: Lá em São Paulo?

A: Em Campinas?

R: Em Campinas também, em São Paulo, fui eu e o [cita o nome de seu atual marido], tínhamos... eu ia na federação espírita em São Paulo, muito bom.

A: O [cito o nome de seu atual marido] era também?

R: O [seu marido] era... o [idem] não era nada, ele ia, simpatizante ao espiritismo, ele acredita. Ele não é católico, ele é ateu. Ele, assim, cresceu dentro da igreja católica, fez lá o que tinha que ser, fez batizado, fez primeira comunhão, essa coisa toda, mas ele não [...] não seguiu nenhuma única. E esse pessoal do PPS são... a maioria é espírita.

A: É?

R: É.

A: Ah, é?

R: Tem haver também, o porquê que eu me aproximei desse grupo, porque a gente...

A: Ah, desde a época do sindicato?

R: É, a [cito o nome da amiga do sindicato] é espírita, ela, tinha...

A: O [cito o nome de seu namorado sindicalista] também?

R: O [cita o nome] não, o [idem] é ateu. Ele já é mais para o lado comunismo mesmo.

A: Com os comunistas, não é?

R: Ele é ateu. A [cita o nome de uma sindicalista] demorou para participar do movimento político, porque ela, assim, no PPS antes, porque ela é espírita, não é? Porque é um misto muito grande nesse grupo do PPS, tem um pessoal que é ateu e um pessoal que é espírita.

A: E você faz parte do espírita?

R: E o meu pai foi espírita, eu acho muito bonito isso, porque é um... o pessoal tem um respeito muito grande pelos espíritos. Um espírita, ele tem, assim, as suas normas, as suas regras, mas não é uma coisa tão rigorosa como a igreja católica ou alguma outra seita aí, não é? Tem um... eles são mais livres.

A: Como que o espiritismo se juntava a...

R: Não...

A: ...valores da participação política?

R: Não, assim, que nós nos juntávamos, era...

A: Não, como valores, que ligava, não é?

R: Ah, como valores. Era mais do lado do... da pessoa, da comunidade, de servir a comunidade, porque o espírita, ele serve muito ao seu próximo. O espírito, ele é mais voltado à ajuda ao indivíduo, ao próximo e é uma coisa descompromissada, não é como a igreja católica, que tem muito fariseu na igreja católica, eu conheço muitos. Que você acha que está ajudando o outro, mas você tem um interesse por trás disso. Então eu acho que a reação de alguns espíritas nessa questão do banco é em razão disso, é em razão de você estar ajudando o próximo de alguma forma. Na política, você está ajudando o funcionário do banco, acho que é uma coisa boa, a parte da representação. Então você vê que o trabalho do espírita é muito maior, mas é oportunidades, nem que sejam poucas, acabam ajudando no trabalho do representante. E essas mesmas afinidades é que vão unindo essas pessoas.

A: Entendi.

R: E o que tinha esse relacionamento com o pessoal, enfim, quando a gente sabia, identificava a pessoa, que ela era espírita também, a gente tinha uma outra forma de conversar, falava [...] da religião e tudo, mas, assim, de uma maneira geral, a gente se dava muito bem com as pessoas que são ateus.

A: Esse [...] essa aproximação com os espíritas se deu mais em São Paulo?

R: Acho que era...

A: Já aqui em Campinas?

R: Já aqui em Campinas. E ali em Santana, o pessoal, assim, uma grande parte era espírita, então era um pessoal muito calmo e, assim, o que acontecia muito no banco, principalmente depois da intervenção, era muita falsidade. Por ser um ambiente que você está sempre ali, não é... então tinha muita falsidade, muita puxação de tapete, essas coisas, não é? Então tinha que conviver com isso.

A: E por que você acha que isso... isso aumentou?

R: Ah, depois foi aumentando, aumentando porque as pessoas quiseram se fazer notar, não é? Você tinha que mostrar serviço.

A: Ah, tá. Mas isso em função do que?

R: Em razão do que eu te falei, não é? O seu emprego estava em jogo, não era mais: ah, o salário, aumentar o salário. Era garantia de emprego. Isso aí foi... parece que foi aumentando e, hoje, uma das coisas que o PPS é contra é o capitalismo selvagem que é feito.

A: Você acha que, por exemplo, [] te passavam tensão, não sei...

R: É, acho que sim.

A: E quando essas competições começaram a se acirrar, o fato das pessoas serem espíritas atenuava um pouco essa tensão?

R: Não atenuava não, eu acho que... isso aí era uma coisa pessoal, tanto... a gente ficava conversando sobre isso. Mas, assim, as pessoas que eu identificava como espírita, assim, tinha um comportamento diferente, eram pessoas mais tranquilas, mais preocupadas com a amizade, com o companheirismo.

A: Você acha que essa conduta competitiva é...

R: Podia ser para aqueles que não tinham muito definido isso. Eu sentia muito isso, porque as minhas amizades ali em Santana, teve uma [] espírita. Não é assim, também, querer ser, fazer uma separação, não é isso, longe de mim. Mas, assim, eu acho que isso era uma afinidade, nós tínhamos, assim, o costume de um ouvir o outro, um ajudar o outro, então acontecia muito de terem metas individuais e a gente passar a meta de uma para outra, porque a gente tinha uma matrícula e cada um no banco tem o seu número, então qualquer posição que você fizesse, você punha o número de sua matrícula e acontecia de uma passar para outra.

A: Tipo, naquele mês eu não consegui...

R: Exatamente e, às vezes, era uma coisa geral do setor também. O setor de atendimento conseguiu atingir uma meta e o setor dos caixa não, então passava para os caixas aquela porcentagem que nós fizemos. Não tinha, assim: ah, mas eu vou deixar de ganhar, ah, que não sei o quê... não tinha isso.

A: Mas isso não é competição, isso é solidariedade.

R: Então, isso é solidariedade que hoje não existe mais.

A: Você acha que mesmo na federalização as coisas começaram...

R: Começou a mudar um pouco. Mas ali em Santana, era, assim, era um trabalho em conjunto para que a agência continuasse especial, para que a agência...

A: []?

R: Então tinha, assim, uma boa relação também com a regional de Perdizes, porque o diretor regional era de Santana, que ele tinha muitas afinidades pela agência. E as agências da regional tinha um comprometimento uma com a outra, era uma coisa animal. Não tinha aquela competição, tinha, lógico, tinha que ter uma competição porque cada uma das agências queria mudar de patamar, mas era uma coisa saudável, não era uma coisa, assim, como é hoje. Hoje você percebe. O tempo que eu fiquei na agência depois da privatização, eu percebia que era até uma coisa desleal, era... num dos últimos gerentes, eu lembro bem essa cena: ele ficava contando

pela internet os seguros... era uma campanha de seguro para ganhar os prêmios. Agora tinha muito esse lance de prêmio. Então ele ficava contando cada agência que ficava no mesmo nível que Santa Bárbara, ele ficava contando pela internet lá. Pela intranet, que chama no banco, ver quantos seguros. Então ele passava isso para os supervisores: olha, temos que aumentar tanto a produção, porque a agência tal fez tantos, a gente precisa aumentar já.

A: Entendi.

R: Então, para manter aquilo nível, para manter o status da agência Santa Bárbara, então eu percebi que isso aumentou bastante, porque antes tinha isso, mas não era uma coisa tão forte como é agora, sabe essa coisa imposta, não é uma coisa saudável. Você fica estressada desse tipo de relação. Olha, você vendeu... você tem que vender 5 seguros hoje. É complicado você vender seguros, você vender produtos.

A: E essas redes que você poderia distribuir no banco?

R: Redes?

A: Ah, solidariedade, mesmo que estavam até ligadas a uma afinidade religiosa, até uma afinidade política, como que ficou... como que essas redes ficaram na privatização?

R: Olha, o que eu senti bastante...

A: Em relação a você mesmo.

R: Eu vim embora para Santana antes da privatização.

A: Ah, tá.

R: Eu saí de lá em outubro e a privatização estava prevista para novembro.

A: E por que você saiu?

R: Porque eu fiquei preocupada com a privatização primeiro. Eu falei para o [cita o nome de seu atual marido]: nós dois aqui em São Paulo, eu não sei qual vai ser o nosso futuro, então... e outra, o meu filho vivia doente, o [cita o nome do filho], o mais velho. E a gente gostava muito daqui de Sumaré, do interior. Eu nunca gostei da cidade de Sumaré, mas, assim, aí quando a gente é mãe, a gente pensa primeiro no filho e eu pensei isso: pô, vou ir para lá, fica mais perto dos avós, tal, porque nós estávamos praticamente sozinhos, a minha sogra também tinha vindo para o interior, ela estava morando em Mogi Mirim. Os meus sogros, eu quase não via, eles estavam morando em São Paulo, mas a gente quase não via. E os meus pais aqui, então o [cita o nome de seu atual marido] também concordou de irmos para cá, para a gente tentar alguma coisa nova aqui, não é? Então eu vim para cá em outubro e, assim, em novembro privatizou.

A: E o [cito o nome de seu atual marido]?

R: O [seu marido] ficou lá.

A: Ficou lá trabalhando em São Paulo, viajava?

R: Trabalhando em São Paulo, viajava todos os dias. Foi, assim, super difícil para eles. Até chegar... em abril, não é, que chegou o primeiro PDV depois da privatização, aí ele entrou.

A: E como é que foi a experiência da privatização? Você falou que lá em São Paulo, vocês se manifestavam contra, nesse momento quase que você foi transferida, não é? Não fazia nem um mês.

R: Não, eu fui transferida, uma coisa que marcou muito a minha transferência foi que a agência toda participou da minha festa da minha despedida.

A: Ah, que legal.

R: Isso foi muito legal, porque nós tivemos, assim, muitas transferências na agência toda, o pessoal que foi embora...

A: Nesse período?

R: Nesse período de... [] tinha 100 funcionários lá na agência mais ou menos.

A: O que é que vocês estavam pensando?

R: Então, muita gente... muita gente foi para outra agência, teve concurso, que eu te falei, passou... muitos funcionários passaram para supervisor, então eles foram para outras agências porque não podiam ficar na mesma agência. Pessoas que saíram dos PDVs, então foi diminuindo os quadros. Então tinha muita oferta: está faltando funcionário na agência tal. Às vezes tinha funcionário que vinha, que morava mais perto naquela agência. Então isso foi diminuindo o quadro.

A: Foi quando vocês começaram a se movimentar mais?

R: As pessoas começaram a... então diminuiu muito o quadro de funcionário, então... o povo do Santana era muito festeira e eu fazia parte do grêmio, então eu sempre estava em evidência lá. E eu fazia parte do grêmio, e essas pessoas que eu tinha amizade fazia parte do grêmio.

A: Esse grêmio era...

R: Grêmio da agência.

A: ...da agência.

R: Faziam festas, a gente organizava eventos, era muito gostoso. Então eu... estava presente em todas as festas de despedida.

A: Você ajudou a organizar várias?

R: Ajudei várias festas de despedidas, várias festas de confraternização e, na minha festa, eu já tinha me despedido de algumas pessoas que talvez não fossem, pelo menos a grande parte. Eu me despedi durante o dia e à noite que teve a grande festa, foi todo mundo. Eu fiquei muito feliz, quase que arrependida com []. Mas aquilo foi muito gratificante, porque foi uma passagem positiva, saindo de uma unidade, e foi uma passagem muito positiva, de eu ter sido muito [] lá na agência, coisa que... eu não sou uma pessoa tão simpática, eu achava, não é? E eu fui muito bem recebida e quando eu saí, também, foi uma despedida muito bonita. Depois, quando eu vim para cá, eu peguei a... a ter os movimentos já aqui, e eu senti muito a diferença, [...] o sindicato ali de Piracicaba, muito fraco.

A: Aí você transferiu para?

R: Santa Bárbara.

A: Santa Bárbara, um outro erro, eu devia ter vindo para Sumaré, mas...

R: Você escolheu Santa Bárbara?

A: Eu escolhi Santa Bárbara, porque eu queria não morar em Sumaré, eu queria morar em Americana, só que em Americana não tinha vaga e Santa Bárbara é colado com Americana, eu falei: vou para lá. Mas tinha vaga aqui em Sumaré, as meninas me disseram para vir para cá, porque muitas pessoas que trabalham aqui era do meu tempo ainda, eu tinha muita amizade: vem para cá, vem para cá. E eu não vim, fui lá para Santa Bárbara, aquela coisa daquela agência. Aquilo foi um arrependimento e tanto, foi, assim, a pior fase minha no Banespa foi na agência Santa Bárbara, acho que foi o que influenciou a minha saída.

A: Você achou que lá, a resposta à privatização, ao que estava acontecendo, era diferente de São Paulo.

R: Era diferente.

A: Em que sentido?

R: Eles não estavam preocupados com a privatização, eu achei, assim, lamentável. Eu via, em cada funcionário, a preocupação com o próprio umbigo. Tudo bem, vai privatizar? Eu vou fazer a minha parte para a privatização, mas não quer fazer a parte antes. Eu saí de Campinas, eu já fiz o testamento. Lá em São Paulo também. Você tem que fazer parte do conjunto, fazer parte do coletivo, para você poder lutar pelos seus direitos. E ali em Santa Bárbara não, era um individualismo muito acentuado, então, assim, tive mais, porque quando eu vim para Santa Bárbara, já vim com aquele rótulo, ela veio de São Paulo. Provavelmente eles já sabiam que eu

havia feito parte do movimento sindical, porque vem toda a rixa, não é? E aquilo devia ter alguma anotação, alguma coisa, e vem, não é? Quando eu cheguei aqui, eles já sabiam que eu sabia trabalhar em determinada função, que eu era assim, que eu era assada. Eu fui lá conversar e tudo. Tinha um gerente ali que era amigo meu, mas, infelizmente, ele foi embora logo. Então eu já vim com o rótulo, quer dizer, ele já sabia que eu era diferente.

A: E como é que foi a privatização propriamente, você estava para lá...

R: Eu estava para baixo, para mim foi...

Entrevista 4

A: .Na última sessão...

R: Eu já estou ficando famosa...

A: ...na sua entrevista, a gente estava falando sobre a privatização, não é? A gente comentou muito a respeito da intervenção, você falou que estava em Santana...

R: Isso.

A: ...na ocasião, toda a mobilização que tinha e tal. Mas que, na intervenção, você saiu um mês antes, não foi?

R: É, eu vim para a outra agência...

A: Na privatização.

R: É, na privatização.

A: Isso.

R: Eu saí de Santana, já no primeiro dia de outubro já assumi na agência de Santa Bárbara. Maior erro da minha vida, mas... [ri] o destino [].

A: O que que te forçou a estar voltando para lá?

R: Exatamente a privatização, não... não só. Eu pensei em vários fatores, o primeiro é a saúde do meu filho mais velho, ele vivia doente lá em Santana, lá em São Paulo em razão do clima, daquele... da poluição e tudo, ele estava sempre doente. Nós vínhamos para cá, na casa dos meus pais, que eles já moravam em Sumaré, e a gente gostava de ficar aqui, eu e o [cita o nome de seu atual marido], nós gostávamos. O [idem] tinha feito um círculo bom de amizade aqui em Sumaré, até muito mais do que eu. Então tem que ir experimentando de ficar aqui. Eu nunca gostei de Sumaré, mas, assim, chega uma fase em que você quer se acomodar mais. Lá em São Paulo é uma vida muito corrida, é tudo muito rápido, tudo muito doido, e aquele momento foi um momento especial de virmos.

A: Você achou que [...] a privatização, de alguma forma, tornaria mais difícil você viver em São Paulo?

R: Pensamos nisso, eu e o [seu atual marido], pensamos nisso, aí...

A: O [idem] estava...

R: Que barulhinho é esse?

A: Não sei, isso é importante, não é?

R: Estava funcionando até agora.

A: Pronto, está bem, vou deixar assim só para... está aceso?

R: Está.

A: O [cito o nome de seu atual marido] já tinha saído?

R: Não, o [seu marido] não. Então, quando nós viemos, nós achamos melhor se acontecesse a admissão, seria mais fácil se estivéssemos aqui no interior, nós achávamos isso. Mas não foi bem assim, principalmente para ele, foi como eu te disse. Quando eu fui para São Paulo, eu não consegui a transferência para cá, então desta outra vez, também, era impossível uma

transferência. E para mim era mais fácil porque de agência para agência eu conseguia. Então nós pensamos nesses vários fatores: a vida no interior é mais fácil nos vários aspectos e nós viemos.

A: Agora [...], quando ocorreu a privatização, teve... adiou várias vezes, não é?

R: Adiou.

A: O que você imaginava que fosse acontecer com o banco?

R: Que não fosse privatizar. Em todos os momentos, eu acreditava que a representação, que os políticos, que estavam envolvidos contra a privatização, conseguissem barrar isso daí. Nós acreditávamos muito. E aquela questão, foi muito especulativo de que qual banco estava entrando. Cogitou-se, assim, de consórcio, de banco, porque o Banespa era uma coisa... a olho nu era uma coisa muito boa, então quem comprasse o patrimônio Banespa ia se dar muito bem.

A: E você pensava que fosse adquirido por que banco?

R: Então, é o que eu estou falando...

A: Você tinha uma idéia?

R: Não, não tinha, porque era, assim, era muito especulado, ou era bradesco ou consórcio de banco, banco... banco estrangeiro. Santander não apareceu em nenhum momento, Santander apareceu somente no último, vamos dizer assim, leilão. Ele apareceu no último e foi um acordo, assim, mirabolante, uma coisa extraordinária, você deve ter todos os papéis. Você vê, num ano, eles recuperaram o que eles investiram no Banespa.

A: Você se surpreendeu com a...

R: Com a privatização?

A: É.

R: Muito.

A: E pela compra pelo Santander?

R: Mais ainda, porque não tinha aparecido em nenhum momento. Foi um choque. Apesar de eu estar descontente na agência Santa Bárbara, eu estive pouco tempo ali, mas ainda assim eu estava descontente.

A: Como você se sentiu naquele dia?

R: Bom, eu me senti, assim, já um pouco mal porque eu já... eu estava acostumada com aquele movimento do Santana...

A: Você já tinha mudado de agência?

R: Já tinha mudado de agência. Então o pessoal de Santa Bárbara era acomodado, eu já tinha percebido isso já num primeiro momento. Quando eu cheguei na agência, a minha supervisora direta veio falar comigo, me recebeu muito bem, e ela me disse que tinha preparado todo mundo do setor, porque quando ela chegou na agência ela foi muito discriminada, eles não deram o devido valor a ela, e ela já tinha se inteirado das funções que eu exercia, então ela deixou claro para todo mundo que eu sabia exercer as funções, que eu não ia ser diminuída, sabe? Ela tentou, assim, se vingar um pouco do que fizeram com ela.

A: Entendi.

R: E, realmente, eu fui muito bem recebida na agência, pelo setor, um pessoal antigo, mas, aos poucos, eu fui percebendo, eu fui, assim [...] eu fui pegando amizade com aqueles que tinham mais haver comigo, que eram todos de fora. Os que eram de Santa Bárbara mesmo eram um pessoal, assim, muito fechado, muito bairrista.

A: Muito antigo de banco?

R: É, antigo de banco e muito na deles, não queriam muito papo e [...], assim, um pessoal que estava mais preocupado com o trabalho, não estava preocupado com o que ia acontecer, visto que algumas manifestações contra a privatização, eles não faziam. O sindicato, então, era, assim,

pelego, essa era a palavra. E eu já conhecia o representante de Santa Bárbara, já de outros carnavais, vamos dizer assim.

A: Sei, e era de Piracicaba?

R: Era, sindicato de Piracicaba, um sindicato até forte lá de Piracicaba, mas Santa Bárbara, a representação junto ao Banespa, eu sentia que o representante, parece que não tinha força, ele... era um cara que ia lá, amigo de todo mundo, mas, assim, não sabe dar aquela, entre aspas, aquela autoridade de agente sindical.

A: No dia da privatização, como é que foi?

R: Foi, assim, traumático. [...] Eu estava te dizendo, no dia da privatização, não teve assim... antes até da privatização, teve aqueles 10 dias de greve.

A: É, que as agências pararam, não é?

R: Que as agências pararam. Santa Bárbara só parou depois que creu que todas as agências pararam, isso me deixou, assim, muito brava, muito brava, e o sindicato não deixou eu ficar lá fora sozinha.

A: Você ia parar sozinha?

R: Eu parei sozinha, ia parar eu e mais uns dois funcionários, eles não nos deixaram, porque o resto dos funcionários entraram. O dia que foi... foram 10 dias, não é?

A: É.

R: Nós paramos 9, então nós... o primeiro dia, que era aquele dia chave, que eram os 10 dias que antecederam a privatização, aquela coisa toda, foi no comecinho, não é, de novembro?

A: Foi.

R: A privatização foi por volta do dia 20, não é? Então, foi no começo de novembro que nós [...] que nós fizemos essa paralisação. E a agência de Santa Bárbara não queria parar. Era um jogo, assim, de palavras, que aquilo me incomodava, sabe? Um jogo... e o gerente, na época, o gerente geral era uma pessoa muito manipuladora.

A: O que você achava que eles estavam... como eles estavam entendendo esse processo?

R: Eles estavam entendendo como um processo natural que iria ocorrer com ou sem a nossa participação e que me deu a impressão de que eles não estavam preocupados com isso: eu vou... assim, o que eu entendi é que: eu vou me manter apesar disso. E não era assim, visto que alguns até dançaram, então você... eles não tinham aquela consciência de que aquilo podia ser prejudicial. Tudo bem até que se... nós não estamos realmente em vão, que privatizou apesar de todos o nosso esforço de representante e tudo, mas, assim, eu acho que valeu a pena você ter se esforçado, valeu a pena você ter se esforçado, é isso que me satisfazia. Valeu a pena eu ter participado do processo, independente do resultado desse processo, então lá no começo eu não pensava que realmente ia ser privatizado. Não, vamos fazer um movimento para que todas as representações orientadas, para a gente tentar, então teve muita política, muitos políticos, muitos partidos também.

A: O movimento era para isso, não era?

R: Era para isso.

A: Era essa a proposta.

R: Essa a proposta e eu acreditava que essa proposta ia ser positiva no final.

A: Agora, quando o banco foi comprado como banco estrangeiro, o que que você achou?

R: Olha, eu era muito, assim, eu estranhei muito, mas, assim, eu não entendia muito da situação toda, a gente...

A: Qual foi a sua expectativa?

R: A minha expectativa era que pudesse melhorar.

A: Por ser estrangeiro?

R: Por ser estrangeiro, em razão da tecnologia, que o Banespa tinha um problema muito sério, a gente tinha pouca informação, e eu vi, para mim particularmente, como uma forma de ter um crescimento dentro do banco, porque eu sempre me esforcei e, até então, era tudo por concurso. No concurso é que eu tinha sido infeliz. Naquele concurso para supervisora, eu tinha sido infeliz, não passei por um ponto, então achei, assim, que pelos meus méritos e agora banco privado era realmente isso, é q.i. não é? Eu acho que com isso eu vou conseguir alguma coisa. Aconteceu o momento? Privatizou? Não tem como voltar atrás. É uma empresa em que eu trabalho, vou continuar trabalhando, em momento algum eu pensei assim: agora eu vou parar de trabalhar, eu vou mostrar a minha insatisfação. Não.

A: E era um banco espanhol, não é?

R: É. E a gente já tinha visto o exemplo da Telefônica, que as coisas aparentemente tinham mudado, tinham melhorado. Então nós ficamos até um pouco mais tranquilos, a gente ainda não tinha tantas informações. Mas a verdade é essa mesmo: o banco melhorou 80% do que tinha, não em material de pessoas, não é? Em material físico mesmo, a parte de informático, a parte de layout de agência, isso aí ficou, assim, supermoderno, coisa de primeiro mundo. Naquele momento, eu pensei isso tudo, aí eu fui bem individualista, eu falei: agora é uma chance, eu tenho que continuar suando a minha camisa, vou continuar dando tudo de mim. E realmente, no começo de janeiro, que as coisas já ficaram... foram se encaixando, porque em dezembro ainda ficou aquele: não sei, ninguém sabe de nada, mas, em janeiro, as coisas começaram a tomar um certo rumo. E nós tínhamos as metas, eu sempre cumpria, a agência cumpria, era aquela coisa.

A: Quais foram as primeiras medidas desta nova gestão?

R: Ai, deixa eu tentar lembrar.

A: Que mais te chamaram a atenção?

R: Ah, a questão das metas. Mudou muito mais para quem era administrador. Para nós, que éramos da produção, eram só, assim, algumas informações adicionais, mas para eles mudaram muito. Teve uma reestruturação das partes regionais, muita gente vindo de fora, muitos técnicos novos, gerentes novos, de fora.

A: De fora, você fala de onde?

R: De outros bancos, de outras instituições financeiras.

A: De outros do Santander ou de outras?

R: Não, por enquanto estavam fazendo o misto, então começaram a redimensionar, ver os funcionários que eram bons num determinado setor, foi aí que começou o lance de gerentes de negócios. Foi isso aí que eu visualizei lá, quando privatizou. Eu falei: bom, já não tem o que fazer mesmo, eu vou tentar, então... se eu estivesse no Santana, foi isso que me deixou mais magoada ainda, eu era uma das primeiras a ser convocada. A ser convidada, é melhor que convocada.

A: Entendi.

R: A ser convidada a ser gerente do negócio.

A: Em Santa Bárbara não?

R: Em Santa Bárbara eu não fui.

A: Quem foram os convidados?

R: O pessoal mais antigo, não é?

A: Homens ou mulheres?

R: Bem misturado. Mas, assim, causou um desconforto na agência, porque pessoas que mereciam não foram indicadas, e era ainda esse gerente que eu comentei, muito linha dura, um cara muito manipulador e, assim, mudaram as metas das agências.

A: Há muito tempo que ele estava ou não?

R: Ele estava lá já há algum tempo, mas ele saiu tão errado. Mas também veio outro que só tinha a aparência de boa gente.

A: Porque as metas, você falou?

R: Mudaram.

A: Para que...?

R: Ah, mudou para pior, já. Assim, porque eles começaram a fazer uma certa acomodação das coisas, então eles foram... aquilo que eu até já comentei com você, que as agências eram classificadas por... Eram, hoje eu não sei como que é feito. Mas, naquela época, as agências eram classificadas de acordo com a produção, então, assim, tinha que manter sempre aquela classificação. Santa Bárbara era uma agência especial, era uma agência que estava tentando se manter especial, então, assim, as metas começaram a ficar mais absurdas e por aquele movimento todo, aquelas mudanças todas foram sendo implementadas, sabe? Eles não esperaram a gente engolir as coisas, eles iam jogando, sabe tipo quando você quer dar comida e a criança não quer comer, você vai enfiando uma atrás da outra, e foi assim. Uma colher atrás da outra que a gente foi tomando.

A: E o que que você achava disso no Banespa?

R: Nós vínhamos reagindo bem, eu estava reagindo bem. Quando eu não fui indicada para o cargo de gerente de negócio, me indicaram para assistente. Eu fiquei, assim, insatisfeita, mas não deixei isso me incomodar, eu me mantive firme: não, assistente é um cargo bom. Aí começamos a fazer horas extras, então você vê que já tinha mudado... não fazia mais 6 horas, fazia 8, às vezes mais, mas eles pagavam, essas duas, o resto não pagava.

A: Você achou que o trabalho intensificou?

R: Intensificou, modificou muita coisa, foi, assim, tudo muito rápido, eles não esperavam... eles erraram muito, muitas coisas, assim, vinham, depois passava uma semana, dias até, já mudava, então a gente não sabia o que falar para o cliente, porque, assim, você trabalha muito com as instruções transitórias, que eles chamam de [ediárias], então todo dia a gente tinha que pegar essas instruções, ler, taxas de juros sempre diferentes, os créditos para os clientes mudava a cada dia, metas. Um dia era uma meta, outro dia era outra, sabe aquela coisa? Então você... nós ficamos um pouco perdidos no começo, a gente sofreu um pouquinho.

A: E quando teve o primeiro PDV, foi...

R: Em abril.

A: Em abril de 2001?

R: É.

A: Como é que foi assim lá na agência?

R: O PDV, de uma maneira geral, foi uma adesão muito grande, uma insatisfação muito grande.

A: As pessoas estavam muito insatisfeita?

R: Estavam, estavam insatisfeitas.

A: E de novembro para abril já deu...

R: Já de para ter uma noção bem clara de como ia ser o quadro, quem ficasse, ia ter que trabalhar muito, ia ter que ter muito resultado e o retorno ia ser pequeno. E realmente foi o que aconteceu.

A: Retorno em que sentido?

R: Do banco, retorno do banco.

A: Retorno salarial?

R: Salarial, com tudo. O retorno não ia ser aquilo devido, a gente foi... sabe você acostumado, eu já tinha 12 anos de banco? É, eu tinha 12 anos de banco quando privatizou. Eu já tinha uma certa experiência dentro do banco, eu peguei uma fase boa do Banespa, uma boa faixa de informática, os antigos já não tiveram essas coisas, então você foi percebendo as mudanças. E as coisas

aconteceram, sabe, de uma hora para outra, foram acontecendo, foram acontecendo. Então, quando surgiu o PDV, eu fui uma das pessoas que pensou e queria, queria, queria, só que aí...

A: Aderir?

R: Aderir.

A: Você achou que a indenização sua era interessante?

R: [] É, porque eu fiquei muito magoada com a negativa de reivindicação...

A: Da promoção.

R: É, da promoção. Daí indicaram, contrataram pessoas de fora, de outras instituições, sem experiência alguma, até essa supervisora, que eu comentei no início, ela que foi, assim, que me deu muito apoio: olha, vamos lá conversar... ela teve que lutar muito para conseguir o cargo que ela está hoje, ela teve que provar e continua provando que ela era competente, que ela conseguia resultados com o cargo. Não queriam dar o cargo para ela por ela ser mulher, então isso aí nós percebemos, que o gerente novo, ele tinha... ele tinha... ele era um pouco preconceituoso nesse aspecto e a que veio de fora, porque era muito bonita, gostosa, chamava a atenção. E era isso mesmo.

A: E esse gerente veio de onde?

R: Acho que veio de Piracicaba, nem sei.

A: Mas era do Banespa?

R: Ele era do Banespa, o gerente geral. E, assim, era uma coisa muito... era uma falsidade muito grande, sabe, assim, é isso que me incomodou, porque lá em Santana, eu não sentia isso, porque, lá em Santana, nós tínhamos uma relação muito aberta com a gerência. Eu não sei se hoje ainda é assim, as coisas mudaram lógico. Então nós éramos de que? De sair para tomar cerveja, de ir um para a casa do outro, principalmente porque lá eu era do grêmio, então nós tínhamos... e os gerentes, eles tinham um relacionamento aberto conosco. Está certo que eles tinham lá as metas deles, a administração deles, se tivessem que me chamar a atenção, me chamariam, mas não era necessário, porque a equipe era muito ligada, muito unida, então eles chegavam com a meta, todo mundo cumpria. E aqui em Santa Bárbara eu não sentia isso desde o início, já não sentia afetividade entre os funcionários, porque não tinha uma festa. Eu vinha de Santana, que fazia uma festa por nada: ah, hoje é dia do... de tomar cerveja, vamos fazer festa.

A: Você não acha que também em virtude de ser uma agência do interior?

R: Não sei, não sei porque Sumaré não era assim.

A: Tá.

R: Campinas também, quando eu saí de Campinas, um pessoal muito festeiro.

A: Era algo da cidade?

R: Era algo da cidade, mas, assim, eu sentia um povo muito... ah, sei lá, não sei se é porque eu fiquei com implicância com a cidade, o que que é... [ri].

A: E como é que foi, com o PDV, muitos aderiram?

R: Muitos aderiram, foi aí que o [cita o nome de seu marido] aderiu, não é?

A: Tá.

R: Agora, eu e ele estava fazendo aquela vida de Sumaré-São Paulo, Sumaré-São Paulo. Saía de casa 6 horas da manhã e voltava às 9 e meia.

A: Não tinha perspectiva de transferência.

R: Não tinha perspectiva de transferência, pelo contrário, eles já estavam querendo implantar o cargo, que era lá no Santo Amaro, no prédio do Santander, que até então a corretora poderia ser vendida, não é? O prédio da corretora, então já estavam acontecendo algumas transferências, foi aí que ele pensou: pelo salário que eu ganho, o que eu gasto, o que eu vou gastar para ir até lá, é preferível ficar, porque a gente... nós fizemos, assim, nós tínhamos algumas dívidas, teve um

outro carro, o outro carro a gente pagava, e mais algumas dívidas e mais o que ele gastava, estava sobrando 100 reais do salário dele. Ele falou: então [], a gente quita tudo. Então aí...

A: E ele resolveu sair e você ficar?

R: Isso.

A: Foi uma decisão...

R: Foi uma decisão muito, mas assim, muito penosa para mim.

A: Você queria sair também?

R: Eu queria sair também. Mas daí nós pomos a cabeça no lugar e fomos, mas passou um mês e deu faniquito de novo, porque eu queria sair [ri].

A: Mas aí já tinha passado?

R: Já tinha passado, mas eu mandei uma carta e eles aceitaram. Eu pedi uma demissão voluntária em maio, tinha encerrado dia 27 de abril, então o [cita o nome de seu marido]... nós estávamos de férias, o Fernando aderiu lá em São Paulo, nós fomos passear e fez a adesão. E eu mandei uma carta para o departamento lá responsável, no começo de maio, não, na primeira quinzena de maio, e veio, veio exatamente 1 mês depois, eu consegui a demissão. Aí eu fiquei toda feliz, aí nós fomos comemorar. No que eu fui comemorar, eu fiquei grávida do [cita o nome de seu segundo filho]. Entendeu?

A: Entendi, entendi.

R: Foi aí o x da questão.

A: No momento da rescisão, você não estava grávida?

R: Não, eu não estava grávida. Quando eu mandei a carta, não.

A: E eles iam te garantir a mesma indenização?

R: Igual.

A: Direitos iguais ou você já tinha perdido?

R: Não, eu estava saindo com o PDV, eu entrei...

A: Embora você tinha perdido os prazos do PDV?

R: Sim, mas eles tinham estendido.

A: Tá.

R: Eles faziam assim: eles queriam, quanto maior fosse o número de adesões, para eles era melhor. Então ele fez... eles simplesmente aceitaram o meu pedido.

A: E a [senhora] ficou grávida e aí depois?

R: Fiquei, porque quando eu soube da gravidez, foi no começo do junho, eu fui encher a cara aquele dia, tão intencionada que eu fui. Por 2 motivos: que eu não queria mais filhos, tadinho, eu tenho até dó de falar isso. E segundo porque eu não poderia sair do banco. Tá, eu poderia legalmente? Poderia, eles iam me pagar a minha indenização e ponto final. Mas eu entrei em contato com o pessoal da corretora, amigo do [cita o nome de seu atual marido], o pessoal do departamento pessoal, a moça lá, eu não me lembro o nome dela, uma pessoa muito decente, muito dez, me orientou para que eu não saísse: você vai entrar de licença, não sei o quê. Espera, porque no ano que vem você retorna e aí provavelmente vão ter novidades, vai ter coisa nova.

A: Você ficou de licença esse tempo todo?

R: Eu fiquei praticamente, eu fiquei grávida em junho, em agosto eu entrei de licença saúde.

A: 9 meses?

R: Não, era [um pouco] menos, eu fiquei de agosto até junho do outro ano.

A: Agora...

R: Aí, você vê, eu acabei não pegando uma boa parte das bonificações.

A: Mas quando você disse eu vou sair, eu imagino que... eu só estou falando porque você estava saindo, não é? As negativas... Mas você tinha, assim, alguma visão do que você ia fazer?

R: Nada. A mágoa tomou conta de mim, aí... sabe assim?

A: Alguma proposição, alguma coisa propositiva?

R: Não, nada, ah, eu volto a dar aula, sei lá, eu faço alguma coisa, presto algum concurso, pensei, assim, coisas muitas válidas, mas, assim, quando eu vou sair... quando eu saí de verdade, a gente tinha comprado o buffet. Então eu já saí direcionada, mas na época...

A: Isso depois?

R: Isso depois. Mas no primeiro pedido do PDV, eu saí, eu tinha pedido a demissão pela insatisfação grande que eu estava, muito grande a minha insatisfação, eu fiquei muito magoada.

A: Você checkou as expectativas que você criou com a privatização? Elas não corresponderam?

R: Não, não corresponderam, caíram por terra, porque todo o momento levava a isso, aí eu senti todo o arrependimento do que eu tinha... a situação que eu tinha criado: eu não devia ter vindo embora para Sumaré, eu devia ter ficado em Santana, então lá eu devia ter me transferido para outra agência, tanto que o pessoal daqui de Sumaré sempre me pediu: volta para Sumaré, vem aqui conosco, em pouco tempo de [férias], se você tivesse vindo para cá você nem tinha saído do Banespa, fazia o buffet aqui mesmo, tinha sido tudo muito fácil. Mas eu não quis porque eu não queria morar em Sumaré. São aquelas coisas que você comete na vida e depois se arrepende, mas pelo menos você fez, não é? Se arrepender do que fez, não do que não fez.